

**UNIVERSIDAD DE SALAMANCA**

**FACULTAD DE GEOGRAFIA Y HISTORIA**

**Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología**



**Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios  
Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios  
Zêzere e rio Unhais**

***TOMO I***

**NUNO MIGUEL DA CONCEIÇÃO RIBEIRO**

**TESIS DOCTORAL**

**Dirigida por**

**Prof. Dra. M<sup>a</sup> Soledad Corchón Rodríguez**

**Catedrática de Historia Antigua de la Universidade de Salamanca**

**2014**

**UNIVERSIDAD DE SALAMANCA  
FACULDADE DE GEOGRAFIA Y HISTORIA**

**Departamento de Prehistória, Historia Antigua y Arqueología**



*Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira,  
Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e  
rio Unhais*

Nuno Miguel da Conceição  
Ribeiro

2014



**UNIVERSIDAD DE SALAMANCA**

**FACULTAD DE GEOGRAFIA Y HISTORIA**

**Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología**



*Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira,  
Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio  
Unhais*

***TOMO I***

Tesis de Doctorado realizada por el Lic. Nuno Miguel da Conceição  
Ribeiro, bajo la dirección de la Prof. Dra. Maria Soledad Corchón  
Rodríguez

SALAMANCA 2014

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA

FACULTAD DE GEOGRAFIA Y HISTORIA

Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología



*Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais*

Tesis de Doctorado realizada por el Lic.  
Nuno Miguel da Conceição Ribeiro, bajo la dirección de  
la Prof. Dra. M<sup>a</sup> Soledad Corchón Rodríguez

SALAMANCA, 2014

## Dedicatória

Aos meus  
pais Aníbal  
Ribeiro  
Maria  
Lucília  
e à minha  
mulher  
Maria  
Augusta Cordeiro  
Pelo apoio,  
amor e paciência

# **TOMO I**

## ÍNDICE

<b>TOMO I - Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais</b>	
	<b>Pág.</b>
Dedicatória	<b>5</b>
Índice geral	<b>7</b>
Agradecimento	<b>48</b>
Introdução e apresentação do tema	<b>49</b>
Mapa 1 – Planta com localização dos sítios arqueológicos detectados na area de estudo	<b>54</b>
<b>PARTE I. Antecedentes e algumas considerações teórico-metodológicas</b>	
<b>Capítulo 1. Historiografia</b>	
	<b>56</b>
Sítio da Pedra <i>Letreira</i>	<b>59</b>
Sítio da Pedra <i>Riscada</i>	<b>60</b>
Enquadramento administrativo e delimitação da área em estudo	<b>62</b>
Mapa 2 – Área abrangida pelo estudo e divisão administrativa	<b>63</b>
Enquadramento geológico e unidades líticas	<b>64</b>
Grupo das Beiras	<b>64</b>
Mapa 3 - Esboço geológico da região	<b>65</b>
Ordovício e Silúrico	<b>66</b>
Cobertura detrítica do Maciço Hespérico	<b>66</b>
Tectónica	<b>67</b>
Enquadramento hidrológico	<b>68</b>
Bacia hidrográfica do rio Ceira	<b>68</b>
Bacia hidrográfica do rio Alva	<b>69</b>
Mapa 4 – Extracto da Carta geológica de Portugal continental 1:500 000 de 1992, onde está destacado o rio Alva e o seu afluente principal o rio Alvoco, a azul. A Sul, a vermelho o rio Ceira, como os seus afluentes, rio Arunca/rio Corvo	<b>70</b>
Trabalhos arqueológicos anteriores a 1998 na área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva.	<b>73</b>
Os primeiros trabalhos de síntese	<b>75</b>
Estado actual de conhecimentos para a região: trabalhos arqueológicos e resultados	<b>81</b>
Enumeração dos resultados dos trabalhos arqueológicos na região que encontramos aquando do início do plano de investigação para esta tese	<b>90</b>
<b>Capítulo 2. Considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas</b>	
Pensamento complexo, dialéctica, caos e singularidade	<b>96</b>
Pensamento complexo (animismo, magia e totemismo)	<b>97</b>
Epistemologia do caos e singularidade	<b>99</b>
O fenómeno rupestre	<b>100</b>

Morfologia da arte rupestre	<b>101</b>
Categoria, conceitos e unidades de análises	<b>102</b>
Territorialidade	<b>125</b>
Arte rupestre e paisagem	<b>130</b>
Espaço, paisagem e arquitectura	<b>169</b>
Espaço arqueológico e arqueologia da paisagem	<b>172</b>
Arqueologia, História e Etnografia	<b>177</b>
Objectivos e problemas	<b>185</b>
<b>PARTE II. Trabalhos arqueológicos desenvolvidos</b>	
<b>Capítulo 3. Recursos existentes e metodologia utilizada durante os trabalhos de investigação</b>	
Recursos físicos	<b>189</b>
Recursos arqueológicos	<b>193</b>
Prospecção arqueológica	<b>195</b>
Estudo toponímico e tradição oral	<b>197</b>
Pastorícia, transumância e etnografia	<b>207</b>
Mapa 5 – Itinerário seguido pelos pastores e rebanhos do Sabugueiro para a invernada nos campos da Idanha. Em ponteados o percurso através da Serra da Estrela	<b>211</b>
Mapa 6 – Rotas principais do comércio e da transumância na área da bacia hidrográfica dos rios Ceira e Alva	<b>216</b>
Metodologia e levantamentos de arte rupestre	<b>217</b>
<b>Bacia hidrográfica do rio Ceira</b>	
Área de Góis – Serra da Lousã	<b>235</b>
Mapa 7 – Localização da área do rio Ceira	<b>235</b>
Resultados	<b>237</b>
Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva	<b>247</b>
Resultados	<b>249</b>
Área da Serra da Cebola	<b>257</b>
Resultados	<b>259</b>
<b>Bacia hidrográfica do rio Alva</b>	
Área de Vide – Bacia hidrográfica do rio Alvôco	<b>270</b>
Resultados	<b>272</b>
Área da Serra do Açor	<b>284</b>
Resultados	<b>285</b>
Área da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	<b>297</b>
Resultados	<b>299</b>
Área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro	<b>311</b>
Resultados	<b>313</b>

<b>Áreas das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteiras com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva</b>	
Área da Serra do Chiqueiro	<b>325</b>
Resultados	<b>330</b>
Área da Serra da Abuceira	<b>341</b>
Resultados	<b>343</b>
Área de Sobral de São Miguel	<b>354</b>
Resultados	<b>355</b>
Área do Pereiro (Sobral de São Miguel)	<b>363</b>
Resultados	<b>364</b>
<b>PARTE III. Problematização</b>	
<b>Capítulo 4. Análise de dados e conclusões</b>	
Mineração na área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva	<b>375</b>
Relação entre sítios Pré e Proto-históricos com os sítios de arte rupestre	<b>385</b>
Simbologias presentes e tratamento de dados estatísticos	<b>398</b>
Mapa 8 – Principais concentrações de representações de podomorfos em Portugal	<b>413</b>
Conclusões	<b>438</b>
<b>Conclusões gerais</b>	<b>443</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>446</b>
Cartografia	<b>478</b>
Fontes computadorizadas	<b>481</b>
Jornais periódicos	<b>484</b>
<b>TOMO II – Cartografia e fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre</b>	
<b>Índice do Tomo II</b>	<b>491</b>
<b>Símbologia utilizada na cartografia apresentada</b>	<b>510</b>

<b>Apêndice Nº 1: Mapas de localização das áreas estudadas bacia hidrográfica do rio Ceira</b>	
<b>Nº I. Área de Góis – Serra da Lousã</b>	<b>512</b>
Mapa 9 – Área de Góis/ Serra da Lousã, Carta 1/25.000, Folha n.º242	<b>512</b>
Mapa 10 – Área de Góis/ Serra da Lousã, Carta 1/25.000, Folha n.º243	<b>513</b>
Mapa 11– Cartografia geológica da área de Góis, terraços do quaternário, associados a concheiras na área de Góis.	<b>514</b>
Mapa 12 – Rio Ceira (Lousã e Vila Nova de Poiares), Carta 1/25.000, Folha n.º 242	<b>515</b>
Mapa 13 (Área de Góis – Rio Ceira), Carta 1/25.000, Folha n.º243	<b>515</b>
Mapa 14 – Serra da Lousã/ Miranda do Corvo, Carta 1/25.000, Folha n.º251	<b>516</b>
Mapa 15 – Área de Góis/ Serra da Lousã, Carta 1/25.000, Folha n.º252	<b>516</b>
Mapa 16 Área de Góis/ Pampilhosa da Serra, Carta 1/25.000, Folha n.º253	<b>517</b>
Mapa 17 – Área de Góis (Alvares), Carta 1/25.000, Folha n.º265	<b>517</b>
<b>Nº II. Área da Serra da Cebola</b>	
Mapa 18 – Área da Serra da Cebola, Carta 1/25.000, Folha n.º244	<b>518</b>
Mapa 19 – Área da Serra da Cebola (Arganil/Pampilhosa da Serra/Covilhã), Carta 1/25.000, Folha n.º244	<b>519</b>
<b>Nº III. Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva</b>	
Mapa 20 – Área das nascentes do rio Ceira, Carta 1/25 000 Folha n.º244	<b>520</b>
<b>Apêndice Nº 2: Mapas de localização das áreas bacia hidrográfica do rio Alva</b>	
Mapa 21 – Rio Alva/Seia, Carta 1/25.000, Folha n.º212	<b>521</b>
Mapa 22 – Rio Alva/Tábua, Carta 1/25.000, Folha n.º221	<b>521</b>
Mapa 23 – Rio Alva/Oliveira do Hospital, Carta 1/25.000, Folha n.º222	<b>522</b>
Mapa 24 – Rio Alva/Sazes da Beira/Loriga, Carta 1/25.000, Folha n.º223	<b>522</b>
Mapa 25 – Rio Alva (Penacova e Vila Nova de Poiares), Carta 1/25.000, Folha n.º231	<b>523</b>
Mapa 26 – Rio Alva (Arganil), Carta 1/25.000, Folha n.º232	<b>523</b>
Mapa 27 – Carta Geológica da bacia hidrográfica do rio Alva, à escala 1/25.000	<b>524</b>
<b>Nº I. Área de Vide – Bacia hidrográfica do rio Alvôco</b>	
Mapa 28 – – Área de Vide, extrato Carta Militar 1/25.000, Folha 233	<b>525</b>
Mapa 29– Cartografia geológica da bacia hidrográfica do rio Alvôco, e terraços do Quaternário associados à exploração de ouro aluvionar (concheiras).	<b>526</b>
Mapa 30 – Carta hipsométrica da ribeira do Alvôco	<b>527</b>



Perfil longitudinal dos terraços/ares mineiras da ribeira do Alvôco	<b>528</b>
Perfil topográfico dos terraços na área da Ponte das Três Entradas (NE)	<b>529</b>
Perfil topográfico dos terraços na área de Espalha Borrvalho (SE)	<b>529</b>
Perfil topográfico dos terraços na área de Braçal-Norte das Covas (NE)	<b>529</b>
<b>Nº II. Área da Serra do Açor</b>	
Mapa 31 - Área da Serra do Açor, extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º233	<b>530</b>
Mapa 32 - Área da Serra do Açor/Senhora das Necessidades, extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º233	<b>531</b>
Mapa 33 - Área da Serra do Açor( S. Pedro do Açor), extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º233	<b>532</b>
Mapa 34 - Área da Serra do Açor/Moura da Serra, extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º233	<b>533</b>
<b>Nº III. Área da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça</b>	
Mapa 35 - Área das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, Carta Militar 1/25.000 Folha n.º234	<b>534</b>
Mapa 36-Área das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º234	<b>535</b>
<b>N.ºIV. Área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro</b>	
Mapa 37 – Área do Vale Figueiras, Gondufo, Valera, Cabeço Solheiro extratos Cartas Militares 1/25.000 Folhas n.º233 e 234	<b>536</b>
<b>Apêndice Nº 3: Mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica dos rios Unhais/Zêzere – Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva</b>	
<b>Nº I. Serra do Chiqueiro</b>	
Mapa 38 – Área da Serra do Chiqueiro, extrato Carta Militar 1/25.000, Folha n.º244	<b>537</b>
<b>Nº II. Serra da Abuceira</b>	
Mapa 39 - Área da Serra da Abuceira, extrato Carta Militar 1/25.000, Folha n.º234	<b>538</b>
<b>Nº III. Área de Sobral de São Miguel (Covilhã)</b>	
Mapa 40 – Área do Sobral de São Miguel, extrato Carta Militar 1/25.000 Folha n.º234	<b>539</b>
<b>N.ºIV. Área do Pereiro (Covilhã)</b>	
Mapa 41 - Área do Pereiro (Covilhã), Carta Militar 1/25.000 Folha n.º245	<b>540</b>

Mapa 42 - Área do Pereiro (Covilhã), extrato da Carta Militar 1/25 000 Folha n.º245	<b>541</b>
<b>Apêndice N° 4 – Apêndice N° 4: Fichas de sítios arqueológicos Pré-históricos, Proto-históricos e históricos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre</b>	
<b>N° I. Concelho de Arganil</b>	
Sítio 695	<b>542</b>
Sítio 696	<b>542</b>
Sítio 697	<b>542</b>
Sítio 698	<b>543</b>
Sítio 699	<b>543</b>
Sítio 700	<b>543</b>
Sítio 701	<b>544</b>
Sítio 702	<b>544</b>
Sítio 703	<b>545</b>
Sítio 704	<b>546</b>
Sítio 705	<b>546</b>
Sítio 706	<b>547</b>
Sítio 707	<b>547</b>
Sítio 708	<b>547</b>
Sítio 709	<b>548</b>
Sítio 710	<b>548</b>
Sítio 711	<b>549</b>
Sítio 712	<b>549</b>
Sítio 713	<b>549</b>
Sítio 714	<b>550</b>
Sítio 715	<b>550</b>
Sítio 716	<b>551</b>
Sítio 717	<b>551</b>
Sítio 718	<b>551</b>
Sítio 719	<b>552</b>
Sítio 720	<b>552</b>
Sítio 721	<b>553</b>
Sítio 722	<b>554</b>
Sítio 723	<b>554</b>
Sítio 724	<b>555</b>
Sítio 725	<b>555</b>
Sítio 726	<b>556</b>
Sítio 727	<b>556</b>
Sítio 728	<b>557</b>
Sítio 729	<b>557</b>
Sítio 730	<b>558</b>

Sítio 731	<b>558</b>
Sítio 732	<b>559</b>
Sítio 733	<b>559</b>
Sítio 734	<b>560</b>
Sítio 735	<b>560</b>
Sítio 736	<b>561</b>
Sítio 737	<b>561</b>
Sítio 738	<b>563</b>
Sítio 739	<b>564</b>
Sítio 740	<b>564</b>
Sítio 741	<b>565</b>
Sítio 742	<b>565</b>
Sítio 743	<b>565</b>
Sítio 744	<b>566</b>
Sítio 745	<b>567</b>
Sítio 746	<b>568</b>
Sítio 747	<b>568</b>
Sítio 748	<b>569</b>
Sítio 749	<b>569</b>
Sítio 750	<b>570</b>
Sítio 751	<b>570</b>
Sítio 752	<b>571</b>
Sítio 753	<b>571</b>
Sítio 754	<b>572</b>
Sítio 755	<b>573</b>
Sítio 756	<b>574</b>
Sítio 757	<b>574</b>
Sítio 758	<b>575</b>
Sítio 759	<b>576</b>
Sítio 760	<b>577</b>
Sítio 761	<b>587</b>
Sítio 762	<b>588</b>
Sítio 763	<b>588</b>
Sítio 764	<b>588</b>
Sítio 765	<b>588</b>
Sítio 766	<b>589</b>
Sítio 767	<b>589</b>
Sítio 768	<b>589</b>
Sítio 769	<b>590</b>
Sítio 770	<b>590</b>
Sítio 771	<b>590</b>
Sítio 772	<b>591</b>
Sítio 773	<b>591</b>
Sítio 774	<b>591</b>
Sítio 775	<b>592</b>

Sítio 776	<b>592</b>
Sítio 777	<b>592</b>
Sítio 778	<b>592</b>
Sítio 779	<b>593</b>
Sítio 780	<b>593</b>
Sítio 781	<b>593</b>
Sítio 782	<b>594</b>
Sítio 783	<b>594</b>
Sítio 784	<b>594</b>
Sítio 785	<b>595</b>
Sítio 786	<b>595</b>
Sítio 787	<b>595</b>
Sítio 788	<b>596</b>
Sítio 789	<b>596</b>
Sítio 790	<b>596</b>
Sítio 791	<b>597</b>
Sítio 792	<b>597</b>
Sítio 793	<b>597</b>
Sítio 794	<b>598</b>
Sítio 795	<b>598</b>
Sítio 796	<b>598</b>
Sítio 797	<b>599</b>
Sítio 798	<b>599</b>
Sítio 799	<b>599</b>
Sítio 800	<b>599</b>
Sítio 801	<b>600</b>
Sítio 802	<b>600</b>
Sítio 803	<b>600</b>
Sítio 804	<b>601</b>
Sítio 805	<b>601</b>
Sítio 806	<b>601</b>
Sítio 807	<b>602</b>
Sítio 808	<b>602</b>
Sítio 809	<b>602</b>
Sítio 810	<b>603</b>
Sítio 811	<b>603</b>
Sítio 812	<b>603</b>
Sítio 813	<b>604</b>
Sítio 814	<b>604</b>
Sítio 815	<b>604</b>
Sítio 816	<b>605</b>
Sítio 817	<b>605</b>
Sítio 818	<b>605</b>
Sítio 819	<b>606</b>
Sítio 820	<b>606</b>

Sítio 821	<b>606</b>
Sítio 822	<b>607</b>
Sítio 823	<b>607</b>
Sítio 824	<b>609</b>
Sítio 825	<b>609</b>
Sítio 826	<b>609</b>
Sítio 827	<b>610</b>
Sítio 828	<b>610</b>
Sítio 829	<b>610</b>
Sítio 830	<b>611</b>
Sítio 831	<b>611</b>
Sítio 832	<b>612</b>
Sítio 833	<b>612</b>
Sítio 834	<b>613</b>
Sítio 835	<b>614</b>
Sítio 836	<b>614</b>
Sítio 837	<b>615</b>
Sítio 838	<b>615</b>
Sítio 839	<b>616</b>
Sítio 840	<b>617</b>
Sítio 841	<b>617</b>
Sítio 842	<b>618</b>
Sítio 843	<b>619</b>
Sítio 844	<b>619</b>
Sítio 845	<b>620</b>
Sítio 846	<b>620</b>
Sítio 847	<b>620</b>
Sítio 848	<b>621</b>
Sítio 849	<b>624</b>
Sítio 850	<b>625</b>
Sítio 851	<b>626</b>
Sítio 852	<b>627</b>
Sítio 853	<b>628</b>
Sítio 854	<b>629</b>
Sítio 855	<b>629</b>
Sítio 856	<b>630</b>
Sítio 857	<b>630</b>
Sítio 858	<b>631</b>
Sítio 859	<b>631</b>
Sítio 860	<b>631</b>
Sítio 861	<b>632</b>
Sítio 862	<b>632</b>
Sítio 863	<b>633</b>
Sítio 864	<b>634</b>
Sítio 865	<b>634</b>

Sítio 866	635
Sítio 867	636
Sítio 868	636
Sítio 869	637
Sítio 870	638
Sítio 871	639
Sítio 872	640
Sítio 873	640
Sítio 874	641
Sítio 875	641
Sítio 876	642
Sítio 877	643
Sítio 878	644
Sítio 879	644
Sítio 880	645
Sítio 881	646
Sítio 882	646
Sítio 883	647
Sítio 884	647
Sítio 885	648
Sítio 886	648
Sítio 887	649
Sítio 888	650
Sítio 889	650
Sítio 890	650
Sítio 891	651
Sítio 892	652
Sítio 893	652
Sítio 894	653
Sítio 895	653
Sítio 896	654
Sítio 897	654
Sítio 898	654
Sítio 899	655
Sítio 900	655
Sítio 901	656
Sítio 902	657
Sítio 903	658
Sítio 904	659
Sítio 905	660
<b>Nº II. Concelho da Covilhã</b>	
Sítio 906	661
Sítio 907	661

Sítio 908	<b>661</b>
Sítio 909	<b>662</b>
Sítio 910	<b>662</b>
Sítio 911	<b>662</b>
Sítio 912	<b>663</b>
Sítio 913	<b>663</b>
Sítio 914	<b>664</b>
Sítio 915	<b>664</b>
Sítio 916	<b>664</b>
Sítio 917	<b>665</b>
Sítio 918	<b>665</b>
Sítio 919	<b>665</b>
Sítio 920	<b>666</b>
Sítio 921	<b>666</b>
Sítio 922	<b>666</b>
Sítio 923	<b>667</b>
Sítio 924	<b>667</b>
Sítio 925	<b>667</b>
Sítio 926	<b>668</b>
Sítio 927	<b>668</b>
Sítio 928	<b>669</b>
Sítio 929	<b>669</b>
Sítio 930	<b>670</b>
Sítio 931	<b>670</b>
Sítio 932	<b>670</b>
Sítio 933	<b>671</b>
Sítio 934	<b>671</b>
Sítio 935	<b>672</b>
Sítio 936	<b>672</b>
Sítio 937	<b>673</b>
Sítio 938	<b>673</b>
Sítio 939	<b>674</b>
Sítio 940	<b>675</b>
Sítio 941	<b>675</b>
Sítio 942	<b>676</b>
Sítio 943	<b>676</b>
Sítio 944	<b>676</b>
Sítio 945	<b>677</b>
Sítio 946	<b>677</b>
Sítio 947	<b>677</b>
Sítio 948	<b>678</b>
Sítio 949	<b>678</b>
Sítio 950	<b>678</b>
Sítio 951	<b>679</b>
Sítio 952	<b>679</b>

Sítio 953	679
Sítio 954	680
Sítio 955	680
Sítio 956	681
Sítio 957	681
Sítio 958	681
Sítio 959	681
Sítio 960	682
Sítio 961	682
Sítio 962	683
Sítio 963	683
Sítio 964	684
Sítio 965	684
Sítio 966	684
Sítio 967	685
Sítio 968	685
Sítio 969	685
Sítio 970	686
Sítio 971	686
Sítio 972	687
Sítio 973	687
Sítio 974	688
Sítio 975	688
Sítio 976	689
Sítio 977	689
Sítio 978	690
Sítio 979	690
Sítio 980	691
Sítio 981	691
Sítio 982	692
Sítio 983	694
Sítio 984	696
Sítio 985	696
Sítio 986	696
Sítio 987	698
Sítio 988	698
Sítio 989	698
Sítio 990	699
Sítio 991	699
Sítio 992	699
Sítio 993	700
Sítio 994	701
Sítio 995	701
Sítio 996	702
Sítio 997	702



Sítio 998	<b>703</b>
Sítio 999	<b>703</b>
Sítio 1000	<b>704</b>
Sítio 1001	<b>704</b>
Sítio 1002	<b>704</b>
Sítio 1003	<b>705</b>
Sítio 1004	<b>705</b>
Sítio 1005	<b>705</b>
Sítio 1006	<b>706</b>
Sítio 1007	<b>706</b>
Sítio 1008	<b>707</b>
Sítio 1009	<b>707</b>
Sítio 1010	<b>708</b>
Sítio 1011	<b>708</b>
Sítio 1012	<b>709</b>
Sítio 1013	<b>710</b>
Sítio 1014	<b>710</b>
Sítio 1015	<b>711</b>
Sítio 1016	<b>711</b>
Sítio 1017	<b>712</b>
Sítio 1018	<b>712</b>
Sítio 1019	<b>712</b>
Sítio 1020	<b>713</b>
Sítio 1021	<b>714</b>
Sítio 1022	<b>715</b>
Sítio 1023	<b>715</b>
Sítio 1024	<b>716</b>
Sítio 1025	<b>716</b>
Sítio 1026	<b>717</b>
Sítio 1027	<b>718</b>
Sítio 1028	<b>718</b>
Sítio 1029	<b>718</b>
Sítio 1030	<b>719</b>
Sítio 1031	<b>719</b>
Sítio 1032	<b>719</b>
Sítio 1033	<b>720</b>
Sítio 1034	<b>720</b>
Sítio 1035	<b>721</b>
Sítio 1036	<b>721</b>
Sítio 1037	<b>722</b>
Sítio 1038	<b>723</b>
Sítio 1039	<b>724</b>
Sítio 1040	<b>724</b>
Sítio 1041	<b>725</b>
Sítio 1042	<b>725</b>

Sítio 1043	725
Sítio 1044	726
Sítio 1045	726
Sítio 1046	727
Sítio 1047	727
Sítio 1048	727
Sítio 1049	728
Sítio 1050	728
Sítio 1051	729
Sítio 1052	729
Sítio 1053	729
Sítio 1054	730
<b>Nº III. Concelho de Góis</b>	
Sítio 1055	731
Sítio 1056	731
Sítio 1057	731
Sítio 1058	732
Sítio 1059	732
Sítio 1060	732
Sítio 1061	733
Sítio 1062	733
Sítio 1063	733
Sítio 1064	734
Sítio 1065	734
Sítio 1066	735
Sítio 1067	735
Sítio 1068	735
Sítio 1069	736
Sítio 1070	736
Sítio 1071	736
Sítio 1072	737
Sítio 1073	737
Sítio 1074	737
Sítio 1075	738
Sítio 1076	738
Sítio 1077	738
Sítio 1078	739
Sítio 1079	739
Sítio 1080	739
Sítio 1081	740
Sítio 1082	740
Sítio 1083	740
Sítio 1084	741

Sítio 1085	741
Sítio 1086	742
Sítio 1087	742
Sítio 1088	742
Sítio 1089	743
Sítio 1090	743
Sítio 1091	744
Sítio 1092	744
Sítio 1093	745
Sítio 1094	745
Sítio 1095	746
Sítio 1096	746
Sítio 1097	746
Sítio 1098	747
Sítio 1099	747
Sítio 1100	747
Sítio 1101	748
Sítio 1102	748
Sítio 1103	749
Sítio 1104	749
Sítio 1105	749
Sítio 1106	750
Sítio 1107	750
Sítio 1108	750
Sítio 1109	751
Sítio 1110	751
Sítio 1111	751
Sítio 1112	752
Sítio 1113	752
Sítio 1114	752
Sítio 1115	753
Sítio 1116	753
Sítio 1117	753
Sítio 1118	754
Sítio 1119	754
Sítio 1120	754
Sítio 1121	755
Sítio 1122	755
Sítio 1123	755
Sítio 1124	756
Sítio 1125	756
Sítio 1126	756
Sítio 1127	757
Sítio 1128	757
Sítio 1129	757

Sítio 1130	<b>758</b>
Sítio 1131	<b>758</b>
Sítio 1132	<b>758</b>
Sítio 1133	<b>758</b>
Sítio 1134	<b>759</b>
Sítio 1135	<b>759</b>
Sítio 1136	<b>760</b>
Sítio 1137	<b>760</b>
Sítio 1138	<b>760</b>
Sítio 1139	<b>761</b>
Sítio 1140	<b>761</b>
Sítio 1141	<b>761</b>
Sítio 1142	<b>762</b>
Sítio 1143	<b>762</b>
Sítio 1144	<b>762</b>
Sítio 1145	<b>763</b>
Sítio 1146	<b>763</b>
Sítio 1147	<b>764</b>
Sítio 1148	<b>764</b>
Sítio 1149	<b>764</b>
Sítio 1150	<b>765</b>
Sítio 1151	<b>766</b>
Sítio 1152	<b>766</b>
Sítio 1153	<b>767</b>
Sítio 1154	<b>767</b>
Sítio 1155	<b>768</b>
Sítio 1156	<b>768</b>
Sítio 1157	<b>769</b>
Sítio 1158	<b>770</b>
Sítio 1159	<b>770</b>
Sítio 1160	<b>770</b>
Sítio 1161	<b>771</b>
Sítio 1162	<b>772</b>
Sítio 1163	<b>772</b>
Sítio 1164	<b>773</b>
Sítio 1165	<b>773</b>
Sítio 1166	<b>773</b>
Sítio 1167	<b>774</b>
Sítio 1168	<b>774</b>
Sítio 1169	<b>774</b>
Sítio 1170	<b>775</b>
Sítio 1171	<b>776</b>
Sítio 1172	<b>776</b>
Sítio 1173	<b>776</b>

<b>Nº IV. Concelho de Lousã</b>	
Sítio 1174	<b>777</b>
Sítio 1175	<b>777</b>
Sítio 1176	<b>778</b>
Sítio 1177	<b>778</b>
<b>Nº V. Concelho de Miranda do Corvo</b>	
Sítio 1178	<b>779</b>
Sítio 1179	<b>779</b>
Sítio 1180	<b>780</b>
Sítio 1181	<b>780</b>
Sítio 1182	<b>781</b>
<b>Nº VI. Concelho de Oliveira do Hospital</b>	
Sítio 1183	<b>784</b>
Sítio 1184	<b>784</b>
Sítio 1185	<b>784</b>
Sítio 1186	<b>785</b>
Sítio 1187	<b>786</b>
Sítio 1188	<b>787</b>
Sítio 1189	<b>787</b>
Sítio 1190	<b>788</b>
Sítio 1191	<b>788</b>
Sítio 1192	<b>788</b>
Sítio 1193	<b>789</b>
Sítio 1194	<b>789</b>
Sítio 1195	<b>789</b>
Sítio 1196	<b>790</b>
Sítio 1197	<b>791</b>
Sítio 1198	<b>791</b>
Sítio 1199	<b>792</b>
Sítio 1200	<b>792</b>
Sítio 1201	<b>793</b>
Sítio 1202	<b>793</b>
<b>Nº VII. Concelho de Pampilhosa da Serra</b>	
Sítio 1203	<b>794</b>
Sítio 1204	<b>794</b>
Sítio 1205	<b>794</b>
Sítio 1206	<b>795</b>
Sítio 1207	<b>795</b>

Sítio 1208	<b>795</b>
Sítio 1209	<b>796</b>
Sítio 1210	<b>796</b>
Sítio 1211	<b>797</b>
Sítio 1212	<b>797</b>
Sítio 1213	<b>798</b>
Sítio 1214	<b>798</b>
Sítio 1215	<b>798</b>
Sítio 1216	<b>799</b>
Sítio 1217	<b>800</b>
Sítio 1218	<b>800</b>
Sítio 1219	<b>801</b>
Sítio 1220	<b>801</b>
Sítio 1221	<b>802</b>
Sítio 1222	<b>803</b>
Sítio 1223	<b>803</b>
Sítio 1224	<b>804</b>
Sítio 1225	<b>804</b>
Sítio 1226	<b>804</b>
Sítio 1227	<b>805</b>
Sítio 1228	<b>805</b>
Sítio 1229	<b>806</b>
Sítio 1230	<b>806</b>
Sítio 1231	<b>807</b>
Sítio 1232	<b>807</b>
Sítio 1233	<b>808</b>
Sítio 1234	<b>808</b>
Sítio 1235	<b>809</b>
Sítio 1236	<b>810</b>
Sítio 1237	<b>811</b>
Sítio 1238	<b>812</b>
Sítio 1239	<b>813</b>
Sítio 1240	<b>814</b>
Sítio 1241	<b>815</b>
Sítio 1242	<b>816</b>
Sítio 1243	<b>817</b>
Sítio 1244	<b>818</b>
<b>Nº VIII. Concelho de Penacova</b>	
Sítio 1245	<b>819</b>
Sítio 1246	<b>819</b>
Sítio 1247	<b>820</b>

<b>Nº IX. Concelho de Seia</b>	
Sítio 1248	<b>821</b>
Sítio 1249	<b>821</b>
Sítio 1250	<b>821</b>
Sítio 1251	<b>822</b>
Sítio 1252	<b>823</b>
Sítio 1253	<b>823</b>
Sítio 1254	<b>824</b>
Sítio 1255	<b>825</b>
Sítio 1256	<b>825</b>
Sítio 1257	<b>825</b>
Sítio 1258	<b>826</b>
Sítio 1259	<b>827</b>
Sítio 1260	<b>828</b>
Sítio 1261	<b>829</b>
Sítio 1262	<b>829</b>
Sítio 1263	<b>830</b>
Sítio 1264	<b>830</b>
Sítio 1265	<b>830</b>
Sítio 1266	<b>831</b>
Sítio 1267	<b>831</b>
Sítio 1268	<b>832</b>
Sítio 1269	<b>833</b>
Sítio 1270	<b>833</b>
Sítio 1271	<b>833</b>
Sítio 1272	<b>833</b>
Sítio 1273	<b>834</b>
Sítio 1274	<b>834</b>
Sítio 1275	<b>834</b>
Sítio 1276	<b>835</b>
Sítio 1277	<b>836</b>
Sítio 1278	<b>836</b>
Sítio 1279	<b>837</b>
Sítio 1280	<b>838</b>
Sítio 1281	<b>839</b>
Sítio 1282	<b>840</b>
Sítio 1283	<b>841</b>
Sítio 1284	<b>841</b>
Sítio 1285	<b>842</b>
Sítio 1286	<b>842</b>
Sítio 1287	<b>843</b>
Sítio 1288	<b>843</b>
Sítio 1289	<b>844</b>

Sítio 1290	844
Sítio 1291	845
Sítio 1292	845
Sítio 1293	846
Sítio 1294	847
Sítio 1295	847
Sítio 1296	847
Sítio 1297	848
Sítio 1298	849
Sítio 1299	849
Sítio 1300	850
Sítio 1301	851
Sítio 1302	851
Sítio 1303	852
Sítio 1304	853
Sítio 1305	853
Sítio 1306	854
Sítio 1307	855
Sítio 1308	855
Sítio 1309	856
Sítio 1310	856
Sítio 1311	857
Sítio 1312	857
Sítio 1313	858
Sítio 1314	858
Sítio 1315	859
Sítio 1316	860
Sítio 1317	860
Sítio 1318	861
Sítio 1319	861
Sítio 1320	862
Sítio 1321	863
Sítio 1322	863
Sítio 1323	864
Sítio 1324	864
Sítio 1325	864
Sítio 1326	865
Sítio 1327	866
Sítio 1328	867
Sítio 1329	867
Sítio 1330	868
Sítio 1331	868
Sítio 1332	868
Sítio 1333	869
Sítio 1334	871



Sítio 1335	<b>871</b>
Sítio 1336	<b>872</b>
Sítio 1337	<b>872</b>
Sítio 1338	<b>872</b>
Sítio 1339	<b>873</b>
Sítio 1340	<b>873</b>
Sítio 1341	<b>874</b>
Sítio 1342	<b>875</b>
Sítio 1343	<b>876</b>
Sítio 1344	<b>876</b>
Sítio 1345	<b>877</b>
Sítio 1346	<b>878</b>
Sítio 1347	<b>878</b>
Sítio 1348	<b>878</b>
Sítio 1349	<b>879</b>
Sítio 1350	<b>879</b>
Sítio 1351	<b>879</b>
Sítio 1352	<b>880</b>
Sítio 1353	<b>880</b>
Sítio 1354	<b>881</b>
Sítio 1355	<b>881</b>
Sítio 1356	<b>882</b>
Sítio 1357	<b>883</b>
Sítio 1358	<b>883</b>
Sítio 1359	<b>884</b>
Sítio 1360	<b>885</b>
<b>Nº X. Concelho de Tábua</b>	
Sítio 1361	<b>886</b>
Sítio 1362	<b>886</b>
Sítio 1363	<b>886</b>
Sítio 1364	<b>887</b>
<b>Nº XI. Concelho de Vila Nova de Poiares</b>	
Sítio 1365	<b>888</b>
Sítio 1366	<b>888</b>
Sítio 1367	<b>888</b>
Sítio 1368	<b>889</b>
Sítio 1369	<b>889</b>
Sítio 1370	<b>890</b>

<b>Nº XII. Concelho de Gouveia</b>	
Sítio 1371	<b>891</b>
<b>TOMO III – Apêndice N.º5</b> <b>Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira</b> <b>(NºI. área de Góis - Serra da Lousã e área N.ºII Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva)</b>	
<b>Apêndice N.º5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira</b>	
<b>Índice Tomo III</b>	<b>894</b>
<b>NºI. Área de Góis – Serra da Lousã</b>	<b>896</b>
Sítio 1	<b>897</b>
Sítio 2	<b>906</b>
Sítio 3	<b>911</b>
Sítio 4	<b>915</b>
Sítio 5	<b>920</b>
Sítio 6	<b>924</b>
Sítio 7	<b>927</b>
Sítio 8	<b>931</b>
Sítio 9	<b>936</b>
Sítio 10	<b>939</b>
Sítio 11	<b>942</b>
Sítio 12	<b>946</b>
Sítio 13	<b>949</b>
Sítio 14	<b>956</b>
Sítio 15	<b>959</b>
Sítio 16	<b>963</b>
<b>NºII. Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva</b>	
Sítio 17	<b>968</b>
Sítio 18	<b>971</b>
Sítio 19	<b>974</b>
Sítio 20	<b>976</b>
Sítio 21	<b>981</b>
Sítio 22	<b>984</b>
Sítio 23	<b>987</b>
Sítio 24	<b>990</b>
Sítio 25	<b>995</b>
Sítio 26	<b>1000</b>
Sítio 27	<b>1005</b>

Sítio 28	<b>1008</b>
Sítio 29	<b>1011</b>
Sítio 30	<b>1013</b>
Sítio 31	<b>1018</b>
Sítio 32	<b>1021</b>
Sítio 33	<b>1024</b>
Sítio 34	<b>1027</b>
Sítio 35	<b>1030</b>
Sítio 36	<b>1034</b>
<b>TOMO IV – Apêndice N.º5</b> <b>Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira</b> <b>(NºIII. Área da Serra da Cebola)</b>	
<b>Índice do Tomo IV</b>	<b>1040</b>
<b>Apêndice N.º5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira</b>	<b>1040</b>
<b>NºIII. Área da Serra da Cebola</b>	<b>1044</b>
Sítio 37	<b>1045</b>
Sítio 38	<b>1049</b>
Sítio 39	<b>1053</b>
Sítio 40	<b>1056</b>
Sítio 41	<b>1059</b>
Sítio 42	<b>1062</b>
Sítio 43	<b>1065</b>
Sítio 44	<b>1069</b>
Sítio 45	<b>1073</b>
Sítio 46	<b>1076</b>
Sítio 47	<b>1079</b>
Sítio 48	<b>1082</b>
Sítio 49	<b>1085</b>
Sítio 50	<b>1088</b>
Sítio 51	<b>1091</b>
Sítio 52	<b>1094</b>
Sítio 53	<b>1097</b>
Sítio 54	<b>1100</b>
Sítio 55	<b>1104</b>
Sítio 56	<b>1107</b>
Sítio 57	<b>1111</b>
Sítio 58	<b>1114</b>
Sítio 59	<b>1117</b>
Sítio 60	<b>1120</b>
Sítio 61	<b>1123</b>

Sítio 62	1127
Sítio 63	1130
Sítio 64	1133
Sítio 65	1136
Sítio 66	1139
Sítio 67	1142
Sítio 68	1145
Sítio 69	1148
Sítio 70	1151
Sítio 71	1154
Sítio 72	1157
Sítio 73	1160
Sítio 74	1163
Sítio 75	1166
Sítio 76	1170
Sítio 77	1173
Sítio 78	1176
Sítio 79	1179
Sítio 80	1182
Sítio 81	1185
Sítio 82	1188
Sítio 83	1192
Sítio 84	1195
Sítio 85	1199
Sítio 86	1203
Sítio 87	1207
Sítio 88	1210
Sítio 89	1213
Sítio 90	1216
Sítio 91	1219
Sítio 92	1222
Sítio 93	1225
Sítio 94	1228
Sítio 95	1231
Sítio 96	1234
Sítio 97	1238
Sítio 98	1241
Sítio 99	1244
Sítio 100	1247
Sítio 101	1251
Sítio 102	1254
Sítio 103	1257
Sítio 104	1260
Sítio 105	1264
Sítio 106	1268

Sítio 107	<b>1271</b>
Sítio 108	<b>1274</b>
Sítio 109	<b>1277</b>
Sítio 110	<b>1280</b>
Sítio 111	<b>1283</b>
Sítio 112	<b>1286</b>
Sítio 113	<b>1289</b>
Sítio 114	<b>1292</b>
Sítio 115	<b>1295</b>
Sítio 116	<b>1298</b>
Sítio 117	<b>1301</b>
Sítio 118	<b>1304</b>
Sítio 119	<b>1307</b>
Sítio 120	<b>1310</b>
Sítio 121	<b>1313</b>
Sítio 122	<b>1316</b>
Sítio 123	<b>1319</b>
Sítio 124	<b>1322</b>
Sítio 125	<b>1325</b>
Sítio 126	<b>1328</b>
Sítio 127	<b>1331</b>
Sítio 128	<b>1334</b>
Sítio 129	<b>1337</b>
Sítio 130	<b>1340</b>
Sítio 131	<b>1343</b>
Sítio 132	<b>1346</b>
Sítio 133	<b>1349</b>
Sítio 134	<b>1352</b>
Sítio 135	<b>1355</b>
Sítio 136	<b>1358</b>
Sítio 137	<b>1361</b>
Sítio 138	<b>1364</b>
Sítio 139	<b>1367</b>
Sítio 140	<b>1370</b>
Sítio 141	<b>1373</b>
Sítio 142	<b>1376</b>
Sítio 143	<b>1379</b>
Sítio 144	<b>1382</b>
Sítio 145	<b>1385</b>

**TOMO V – Apêndice N.º6**  
**Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva**  
**(N.ºI. Área de Vide - Bacia hidrográfica do rio Alvôco)**

<b>Índice do Tomo V</b>	<b>1390</b>
<b>N.ºI. Área de Vide</b>	<b>1392</b>
Sítio 146	<b>1393</b>
Sítio 147	<b>1396</b>
Sítio 148	<b>1400</b>
Sítio 149	<b>1402</b>
Sítio 150	<b>1405</b>
Sítio 151	<b>1408</b>
Sítio 152	<b>1411</b>
Sítio 153	<b>1415</b>
Sítio 154	<b>1420</b>
Sítio 155	<b>1423</b>
Sítio 156	<b>1428</b>
Sítio 157	<b>1431</b>
Sítio 158	<b>1434</b>
Sítio 159	<b>1437</b>
Sítio 160	<b>1440</b>
Sítio 161	<b>1443</b>
Sítio 162	<b>1446</b>
Sítio 163	<b>1450</b>
Sítio 164	<b>1454</b>
Sítio 165	<b>1457</b>
Sítio 166	<b>1460</b>
Sítio 167	<b>1463</b>
Sítio 168	<b>1467</b>
Sítio 169	<b>1471</b>
Sítio 170	<b>1474</b>
Sítio 171	<b>1477</b>
Sítio 172	<b>1480</b>
Sítio 173	<b>1483</b>
Sítio 174	<b>1486</b>
Sítio 175	<b>1489</b>
Sítio 176	<b>1492</b>
Sítio 177	<b>1495</b>
Sítio 178	<b>1498</b>
Sítio 179	<b>1501</b>
Sítio 180	<b>1504</b>
Sítio 181	<b>1507</b>

Sítio 182	1510
Sítio 183	1513
Sítio 184	1516
Sítio 185	1520
Sítio 186	1524
Sítio 187	1527
Sítio 188	1530
Sítio 189	1534
Sítio 190	1537
Sítio 191	1542
Sítio 192	1545
Sítio 193	1548
Sítio 194	1551
Sítio 195	1555
Sítio 196	1559
Sítio 197	1562
Sítio 198	1566
Sítio 199	1569
Sítio 200	1573
Sítio 201	1576
Sítio 202	1579
Sítio 203	1582
Sítio 204	1585
Sítio 205	1588
Sítio 206	1591
Sítio 207	1594
Sítio 208	1597
Sítio 209	1600
Sítio 210	1613
Sítio 211	1616
<b>TOMO VI – Apêndice N.º6</b> <b>Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva/Ceira</b> <b>(N.ºII. Área da Serra do Açor)</b>	
<b>Índice do Tomo VI</b>	<b>1624</b>
<b>N.ºII. Área da Serra do Açor</b>	<b>1627</b>
Sítio 212	1628
Sítio 213	1631
Sítio 214	1635
Sítio 215	1638
Sítio 216	1640
Sítio 217	1643

Sítio 218	1646
Sítio 219	1649
Sítio 220	1652
Sítio 221	1655
Sítio 222	1658
Sítio 223	1661
Sítio 224	1663
Sítio 225	1666
Sítio 226	1669
Sítio 227	1672
Sítio 228	1675
Sítio 229	1678
Sítio 230	1682
Sítio 231	1685
Sítio 232	1688
Sítio 233	1691
Sítio 234	1694
Sítio 235	1697
Sítio 236	1700
Sítio 237	1703
Sítio 238	1706
Sítio 239	1709
Sítio 240	1712
Sítio 241	1715
Sítio 242	1721
Sítio 243	1724
Sítio 244	1728
Sítio 245	1731
Sítio 246	1734
Sítio 247	1737
Sítio 248	1740
Sítio 249	1743
Sítio 250	1746
Sítio 251	1748
Sítio 252	1751
Sítio 253	1754
Sítio 254	1756
Sítio 255	1759
Sítio 256	1762
Sítio 257	1765
Sítio 258	1767
Sítio 259	1770
Sítio 260	1773
Sítio 261	1776
Sítio 262	1779



Sítio 263	1782
Sítio 264	1785
Sítio 265	1788
Sítio 266	1791
Sítio 267	1794
Sítio 268	1797
Sítio 269	1800
Sítio 270	1803
Sítio 271	1806
Sítio 272	1808
Sítio 273	1811
Sítio 274	1814
Sítio 275	1817
Sítio 276	1820
Sítio 277	1823
Sítio 278	1826
Sítio 279	1829
Sítio 280	1832
Sítio 281	1835
Sítio 282	1838
Sítio 283	1841
Sítio 284	1844
Sítio 285	1847
Sítio 286	1850
Sítio 287	1853
Sítio 288	1856
Sítio 289	1859
Sítio 290	1862
Sítio 291	1865
Sítio 292	1868
Sítio 293	1870
Sítio 294	1873
Sítio 295	1876
Sítio 296	1879
Sítio 297	1882
Sítio 298	1885
Sítio 299	1888
Sítio 300	1891
Sítio 301	1894
Sítio 302	1897
Sítio 303	1900
Sítio 304	1903
Sítio 305	1906
Sítio 306	1909
Sítio 307	1912

Sítio 308	1915
Sítio 309	1918
Sítio 310	1921
Sítio 311	1924
Sítio 312	1927
Sítio 313	1930
<b>TOMO VII - Apêndice N.º6</b>	
<b>Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva/Zêzere (NºIII. Áreas das Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça - Bacia hidrográfica do rio Alva/Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo VII</b>	1943
<b>NºIII. Áreas das Pedras Lavradas/Alvoaça</b>	
Sítio 314	1947
Sítio 315	1950
Sítio 316	1952
Sítio 317	1956
Sítio 318	1959
Sítio 319	1962
Sítio 320	1965
Sítio 321	1968
Sítio 322	1972
Sítio 323	1976
Sítio 324	1979
Sítio 325	1982
Sítio 326	1985
Sítio 327	1988
Sítio 328	1990
Sítio 329	1994
Sítio 330	1998
Sítio 331	2001
Sítio 332	2004
Sítio 333	2007
Sítio 334	2010
Sítio 335	2013
Sítio 336	2015
Sítio 337	2019
Sítio 338	2023
Sítio 339	2026
Sítio 340	2029
Sítio 341	2032
Sítio 342	2035
Sítio 343	2038

Sítio 344	<b>2041</b>
Sítio 345	<b>2044</b>
Sítio 346	<b>2048</b>
Sítio 347	<b>2051</b>
Sítio 348	<b>2054</b>
Sítio 349	<b>2057</b>
Sítio 350	<b>2060</b>
Sítio 351	<b>2063</b>
Sítio 352	<b>2066</b>
Sítio 353	<b>2069</b>
Sítio 354	<b>2076</b>
Sítio 355	<b>2079</b>
Sítio 356	<b>2082</b>
Sítio 357	<b>2085</b>
Sítio 358	<b>2088</b>
Sítio 359	<b>2091</b>
Sítio 360	<b>2094</b>
Sítio 361	<b>2096</b>
Sítio 362	<b>2100</b>
Sítio 363	<b>2106</b>
Sítio 364	<b>2110</b>
Sítio 365	<b>2116</b>
Sítio 366	<b>2119</b>
Sítio 367	<b>2122</b>
Sítio 368	<b>2126</b>
Sítio 369	<b>2129</b>
Sítio 370	<b>2132</b>
Sítio 371	<b>2136</b>
Sítio 372	<b>2139</b>
Sítio 373	<b>2142</b>
Sítio 374	<b>2145</b>
Sítio 375	<b>2148</b>
Sítio 376	<b>2151</b>
Sítio 377	<b>2154</b>
Sítio 378	<b>2157</b>
Sítio 379	<b>2160</b>
Sítio 380	<b>2163</b>
Sítio 381	<b>2168</b>
Sítio 382	<b>2172</b>
Sítio 383	<b>2176</b>
Sítio 384	<b>2181</b>
Sítio 385	<b>2185</b>
Sítio 386	<b>2188</b>
Sítio 387	<b>2192</b>
Sítio 388	<b>2197</b>

Sítio 389	2199
Sítio 390	2204
Sítio 391	2207
Sítio 392	2210
Sítio 393	2214
Sítio 394	2219
<b>TOMO VIII – Apêndice N.º6</b> <b>Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva/Zêzere</b> <b>(N.ºIV. Área do Vale das Figueiras, Gondufo, Valera e Cabeço Solheiro - Bacia hidrográfica do rio Alva/Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo VIII</b>	2224
<b>N.ºIV. Área do Vale das Figueiras, Gondufo, Valera e Cabeço Solheiro - bacia hidrográfica do rio Alva/Zêzere)</b>	2227
Sítio 395	2228
Sítio 396	2231
Sítio 397	2234
Sítio 398	2237
Sítio 399	2240
Sítio 400	2243
Sítio 401	2246
Sítio 402	2249
Sítio 403	2252
Sítio 404	2255
Sítio 405	2258
Sítio 406	2261
Sítio 407	2264
Sítio 408	2267
Sítio 409	2270
Sítio 410	2273
Sítio 411	2276
Sítio 412	2279
Sítio 413	2282
Sítio 414	2285
Sítio 415	2288
Sítio 416	2291
Sítio 417	2294
Sítio 418	2297
Sítio 419	2300
Sítio 420	2303
Sítio 421	2306
Sítio 422	2309
Sítio 423	2312

Sítio 424	2315
Sítio 425	2318
Sítio 426	2321
Sítio 427	2324
Sítio 428	2327
Sítio 429	2330
Sítio 430	2333
Sítio 431	2336
Sítio 432	2339
Sítio 433	2342
Sítio 434	2345
Sítio 435	2348
Sítio 436	2351
Sítio 437	2354
Sítio 438	2358
Sítio 439	2361
Sítio 440	2364
Sítio 441	2367
Sítio 442	2370
Sítio 443	2373
Sítio 444	2376
Sítio 445	2379
Sítio 446	2382
Sítio 447	2385
Sítio 448	2388
Sítio 449	2391
Sítio 450	2395
Sítio 451	2398
Sítio 452	2701
Sítio 453	2404
Sítio 454	2407
Sítio 455	2410
Sítio 456	2413
Sítio 457	2416
Sítio 458	2419
Sítio 459	2423
Sítio 460	2426
Sítio 461	2429
Sítio 462	2432
Sítio 463	2435
Sítio 464	2438
Sítio 465	2441
Sítio 466	2444
Sítio 467	2447
Sítio 468	2450

Sítio 469	2453
Sítio 470	2455
<b>TOMO IX – Apêndice N.º7</b>	
<b>Fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais – Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva. (N.ºI. Área do Chiqueiro - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo IX</b>	<b>2460</b>
<b>N.ºI. Área do Chiqueiro - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	<b>2462</b>
Sítio 471	2463
Sítio 472	2466
Sítio 473	2469
Sítio 474	2471
Sítio 475	2475
Sítio 476	2477
Sítio 477	2479
Sítio 478	2484
Sítio 479	2494
Sítio 480	2497
Sítio 481	2507
Sítio 482	2510
Sítio 483	2513
Sítio 484	2515
Sítio 485	2518
Sítio 486	2521
Sítio 487	2524
Sítio 488	2526
Sítio 489	2535
Sítio 490	2538
Sítio 491	2542
Sítio 492	2545
Sítio 493	2548
Sítio 494	2551
Sítio 495	2556
Sítio 496	2559
Sítio 497	2562
Sítio 498	2565
Sítio 499	2569
Sítio 500	2573
Sítio 501	2576
Sítio 502	2579
Sítio 503	2583

Sítio 504	2587
Sítio 505	2592
Sítio 506	2595
Sítio 507	2598
Sítio 508	2601
Sítio 509	2604
Sítio 510	2608
Sítio 511	2611
Sítio 512	2613
Sítio 513	2616
Sítio 514	2619
Sítio 515	2622
Sítio 516	2625
Sítio 517	2628
Sítio 518	2631
Sítio 519	2634
Sítio 520	2637
Sítio 521	2640
Sítio 522	2643
Sítio 523	2646
Sítio 524	2649
Sítio 525	2652
Sítio 526	2655
Sítio 527	2658
Sítio 528	2661
Sítio 529	2665
Sítio 530	2668
Sítio 531	2671
Sítio 532	2674
Sítio 533	2678
Sítio 534	2681
Sítio 535	2683
<b>TOMO X – Apêndice N.º7</b> <b>Fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais –</b> <b>Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva.</b> <b>(NºII. Área da Abuceira - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo X</b>	<b>2686</b>
<b>NºII. Área da Abuceira - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
Sítio 536	2689
Sítio 537	2693
Sítio 538	2696

Sítio 539	2700
Sítio 540	2705
Sítio 541	2708
Sítio 542	2714
Sítio 543	2718
Sítio 544	2722
Sítio 545	2727
Sítio 546	2730
Sítio 547	2734
Sítio 548	2738
Sítio 549	2745
Sítio 550	2749
Sítio 551	2753
Sítio 552	2756
Sítio 553	2759
Sítio 554	2762
Sítio 555	2766
Sítio 556	2769
Sítio 557	2772
Sítio 558	2775
Sítio 559	2778
Sítio 560	2781
Sítio 561	2786
Sítio 562	2789
Sítio 563	2794
Sítio 564	2798
Sítio 565	2802
Sítio 566	2807
Sítio 567	2811
Sítio 568	2814
Sítio 569	2817
Sítio 570	2820
Sítio 571	2823
Sítio 572	2827
Sítio 573	2832
Sítio 574	2836
Sítio 575	2839
Sítio 576	2843
Sítio 577	2847
Sítio 578	2852
Sítio 579	2856
Sítio 580	2859
Sítio 581	2862
Sítio 582	2865
Sítio 583	2870



Sítio 584	2876
Sítio 585	2879
Sítio 586	2882
Sítio 587	2888
Sítio 588	2893
Sítio 589	2900
<b>TOMO XI – Apêndice N.º7</b> <b>Fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais –</b> <b>Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva.</b> <b>(N.ºIII. Área do Sobral de São Miguel - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo XI</b>	<b>2906</b>
<b>N.ºIII. Área do Sobral de São Miguel – (Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	<b>2908</b>
Sítio 590	2909
Sítio 591	2913
Sítio 592	2916
Sítio 593	2919
Sítio 594	2922
Sítio 595	2926
Sítio 596	2939
Sítio 597	2932
Sítio 598	2936
Sítio 599	2940
Sítio 600	2944
Sítio 601	2947
Sítio 602	2950
Sítio 603	2953
Sítio 604	2956
Sítio 605	2959
Sítio 606	2962
Sítio 607	2966
Sítio 608	2970
Sítio 609	2973
Sítio 610	2976
Sítio 611	2979
Sítio 612	2982
Sítio 613	2985
Sítio 614	2988
Sítio 615	2991
Sítio 616	2995
Sítio 617	2999
Sítio 618	3004

Sítio 619	3008
Sítio 620	3011
Sítio 621	3014
Sítio 622	3017
Sítio 623	3020
Sítio 624	3024
Sítio 625	3027
Sítio 626	3031
Sítio 627	3034
Sítio 628	3037
Sítio 629	3040
Sítio 630	3043
Sítio 631	3046
Sítio 632	3049
Sítio 633	3052
Sítio 634	3055
Sítio 635	3058
Sítio 636	3061
Sítio 637	3064
Sítio 638	3067
Sítio 639	3070
Sítio 640	3074
<b>TOMO XII – Apêndice N.º7</b> <b>Fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais –</b> <b>Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva. (NºIV. Área do Pereiro –</b> <b>Sobral de São Miguel - Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
<b>Índice do Tomo XII</b>	<b>3080</b>
<b>NºIV. Área do Pereiro – (Bacia hidrográfica do rio Zêzere)</b>	
Sítio 641	3083
Sítio 642	3088
Sítio 643	3092
Sítio 644	3095
Sítio 645	3099
Sítio 646	3102
Sítio 647	3105
Sítio 648	3108
Sítio 649	3111
Sítio 650	3114
Sítio 651	3117
Sítio 652	3121
Sítio 653	3125

Sítio 654	<b>3129</b>
Sítio 655	<b>3133</b>
Sítio 656	<b>3137</b>
Sítio 657	<b>3140</b>
Sítio 658	<b>3143</b>
Sítio 659	<b>3147</b>
Sítio 660	<b>3150</b>
Sítio 661	<b>3153</b>
Sítio 662	<b>3157</b>
Sítio 663	<b>3161</b>
Sítio 664	<b>3165</b>
Sítio 665	<b>3168</b>
Sítio 666	<b>3172</b>
Sítio 667	<b>3175</b>
Sítio 668	<b>3178</b>
Sítio 669	<b>3182</b>
Sítio 670	<b>3186</b>
Sítio 671	<b>3190</b>
Sítio 672	<b>3194</b>
Sítio 673	<b>3198</b>
Sítio 674	<b>3202</b>
Sítio 675	<b>3205</b>
Sítio 676	<b>3209</b>
Sítio 677	<b>3212</b>
Sítio 678	<b>3216</b>
Sítio 679	<b>3219</b>
Sítio 680	<b>3223</b>
Sítio 681	<b>3227</b>
Sítio 682	<b>3230</b>
Sítio 683	<b>3234</b>
Sítio 684	<b>3237</b>
Sítio 685	<b>3240</b>
Sítio 686	<b>3243</b>
Sítio 687	<b>3246</b>
Sítio 688	<b>3249</b>
Sítio 689	<b>3254</b>
Sítio 690	<b>3258</b>
Sítio 691	<b>3261</b>
Sítio 692	<b>3265</b>
Sítio 693	<b>3268</b>
Sítio 694	<b>3271</b>

<b>TOMO XIII</b>	
<b>Apêndice N° 8. Fichas de lendas e tradições das áreas estudadas</b>	
<b>Apêndice N°9. Tabelas de inventários por áreas estudadas</b>	
<b>Índice do Tomo XIII</b>	<b>3277</b>
<b>Apêndice N° 8. Fichas de lendas e tradições das áreas estudadas</b>	<b>3279</b>
<b>N° I. Concelho de Arganil</b>	<b>3280</b>
1 – “Piódão Velho”	<b>3280</b>
2 – “Lendas das serras do Açor e do Barreiro”	<b>3280</b>
3 – “Lenda de Pedro Lourenço e o urso das colmeias”	<b>3282</b>
4 – “Lenda da Barroca da Safreira”	<b>3283</b>
5 – “Santa Cruz”	<b>3283</b>
6 – “Dia da Espiga”	<b>3284</b>
7 – “Domingo do Espírito Santo”	<b>3285</b>
8 – “ Santos Populares”	<b>3286</b>
9 – “Afastar a trovoadá”	<b>3286</b>
10 – “Castanheiro e a castanha”	<b>3287</b>
11 – “Os moinhos, a broa e o forno comunitário”	<b>3288</b>
12 – “Estrada romana ou Real e as Catraias da Serra do Açor”	<b>3289</b>
13 – “Lenda da Mina da Fonte do Atalho”	<b>3290</b>
14 – “Lenda da moura encantada nas Fontes do Bago e o ouro à orvalhada na noite de S. João”	<b>3292</b>
15 – “Lenda da princesinha de Piódão”	<b>3293</b>
16 – “Lenda da corça, do javali, o rei D. Dinis e a ponte de Vide”	<b>3294</b>
<b>N° II. Concelho da Covilhã</b>	<b>3296</b>
17 – “Cobra num rastro da Vida”	<b>3296</b>
18 – “A origem das Ribeiras”	<b>3298</b>
19 – “Lenda da Moura Encantada”	<b>3298</b>
20 – “Lendas e maravilhas...ou um pouco de história”	<b>3299</b>
21 – “S. Jorge”	<b>3300</b>
<b>N° III. Concelho da Góis</b>	<b>3301</b>
22 – “Senhora da Candosa”	<b>3301</b>
23 – “Pedra Letreira”	<b>3302</b>
<b>N° IV. Concelho de Oliveira do Hospital</b>	<b>3303</b>
24 – “Minas de cobre Colcorinho”	<b>3303</b>

<b>NºV. Concelho de Seia</b>	<b>3303</b>
25 –“A magia da Fonte das Quatro Bicas”	<b>3303</b>
26 –“A Moira encantada”	<b>3304</b>
27 –“Serpente Cansada”	<b>3304</b>
28 –“A Serra da Estrela e o Rio Mondego”	<b>3305</b>
29 –“Lenda da Serra da Estrela”	<b>3306</b>
30 –“Lenda da Fonte da Pedra”	<b>3307</b>
<b>Apêndice Nº9. Tabelas de inventários por áreas estudadas</b>	
I - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área de Góis e rio Ceira.	<b>3309</b>
II - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área de Arouca-Silva	<b>3325</b>
III - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área da Serra da Cebola	<b>3344</b>
IV - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área de Vide	<b>3382</b>
V - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área da Serra do Açor	<b>3418</b>
VI - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área da Serra das Pedras Lavradas e Alvoaça	<b>3454</b>
VII - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo, Valera e Cabeço Solheiro	<b>3488</b>
VIII - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área da Serra do Chiqueiro	<b>3524</b>
IX - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área da Serra da Abuceira	<b>3541</b>
X - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área do Sobral de São Miguel	<b>3575</b>
XI - Tabela tipológica e quantificação dos símbolos existentes na área do Pereiro (Sobral de São Miguel)	<b>3593</b>

## **Agradecimentos**

Quero expressar um especial agradecimento à Senhora Professora Doutora Maria Soledad Corchón Rodriguez pelo apoio que demonstrou, escutando as minhas hesitações, dúvidas, percalços e inclusivamente, pela cedência de alguma documentação, traduzindo-se naquilo que se pode verdadeiramente entender por orientação de um trabalho de investigação.

## Introdução e apresentação do tema

O tema desta pesquisa, “Manifestações da arte rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais”, surgiu como uma sequência lógica de um processo que se iniciou em Junho de 1998 quando o autor iniciou os trabalhos de investigação nesta região, como arqueólogo na «Câmara Municipal de Góis». Nesse ano efectivou-se um protocolo de colaboração entre esta instituição e a APIA - «Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica», para se realizar o «*Estudo Arqueológico do Rio Ceira – 1ª Fase – Carta Arqueológica do Concelho de Góis*». Em 1999 foi apresentado para aprovação uma candidatura pelo signatário ao «Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos» - IPA «(Instituto Português de Arqueologia)» do Ministério da Cultura de Portugal. Projecto este que previa um doutoramento sobre o património arqueológico da região do rio Ceira, após a realização da Carta Arqueológica de Góis; bem como a criação de um núcleo de investigação neste concelho e apoio institucional da «Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica». Ao longo deste trajecto houve outras entidades que se juntaram pontualmente a este projecto, como o «Instituto Português da Juventude», «Universidade de Coimbra», através do «Departamento de Ciências da Terra», «Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra», «Grupo ENERSIS», e «Grupo EDP» - empresas «ENERNOVA, HIDRORUMO e EDP-PRODUÇÃO E.M.»; que investiram importantes verbas na realização de estudos de impacte ambiental na região do «Alto Ceira» a partir de Janeiro de 1999 e na área da bacia hidrográfica do rio Alva, onde se construíram vários parques eólicos, o que permitiu dar algum suporte financeiro a esta investigação.

Com o surgimento do primeiro sítio de arte rupestre, em Julho de 1998, em Góis, no âmbito dos trabalhos da Carta Arqueológica, levantaram-se de imediato algumas questões: estariam os sítios da «Pedra Letreira» e as três lajes do complexo da «Pedra Riscada», já conhecidos desde os anos 50 do século XX pelo arqueólogo Castro Nunes, isolados em toda aquela área do rio Ceira? E seria verdade, não existirem praticamente vestígios arqueológicos nesta parte das «Beiras», uma área que abrangia vários concelhos, em especial os Concelhos de Arganil e Pampilhosa da Serra? Foi aumentando aos poucos o nosso interesse e a curiosidade científica, tentando perceber como se teria processado a

evolução humana desta região, partindo como base nos estudos efectuados no âmbito da carta arqueológicas do concelho de Góis.

Na bacia hidrográfica do rio Ceira, afluente do rio Mondego, conheciam-se apenas alguns sítios arqueológicos e alguns achados isolados recolhidos por Castro Nunes que publicara alguns trabalhos nesta região e recolhendo alguns materiais arqueológicos que depositou no Museu Municipal de Arganil do período Eneolítico Pleno ou do Bronze, encontrados no Liboreiro em Góis. Estes artefactos teriam uma importância adicional dado terem sido descobertos a 200 m da «Eira dos Mouros», mina pré-histórica, em cujas galerias foram recolhidos vários machados de pedra polida de anfibolite do mesmo período, além de objectos menos característicos, o que o levou a crer que estava perante um possível complexo cultural do Calcolítico Final / Bronze Inicial. Na área do «Alto Ceira» foram também recolhidos nesta época alguns machados de bronze fora de contexto.

No início desta investigação conheciam-se outros sítios arqueológicos como: os monumentos megalíticos dos «Moinhos de Vento» e de «S. Pedro Dias», bem como os vestígios da «Lomba do Canho» (proximidades de Arganil) que foram escavados numa primeira fase por este pioneiro da arqueologia portuguesa (Castro Nunes).

De 1998 a 2001, o inventário continuou a desenvolver-se e as prospecções arqueológicas, sucederam-se, bem como a descoberta de novos sítios de arte rupestre em Góis, saliente-se os sítios de «Vale Moreiro», nas proximidades do Liboreiro, e os sítios da «Aldeia Velha» no Comeal, situada próxima dos sítios da «Pedra Riscada e Pedra Letreira», localizando-se na mesma área geográfica. Nesta altura descobriram-se alguns sítios situados na Pampilhosa da Serra nas nascentes do rio Ceira na área da Covanca; na área da Serra da Cebola; em Arganil no Piódão, e as primeiras lajes em Seia, na freguesia de Vide, próximas da Ribeira do Alvôco, nomeadamente: sítios das «Ferraduras», «Entre-Águas» e uma laje em «Fontes de Cide». Contudo nessa altura ainda não tínhamos a noção da verdadeira dimensão e riqueza arqueológica da região.

Em 2001 o autor inscreve-se no curso de doutoramento da «Universidade de Salamanca» e «Universidade Autónoma de Lisboa», dando assim sequência a este projecto.

Na escolha do tema, teve-se em conta a falta de trabalhos de investigação nesta região, bem como a própria delimitação geográfica e espacial, dado que concluímos que não fazia sentido realizar o estudo da arte rupestre de um dos rios (Ceira ou Alva) apenas,



porque os diversos achados então realizados, permitiram relacionar diversos sítios arqueológicos que se encontram em ambas bacias hidrográficas.

Em termos metodológicos, criou-se logo numa primeira fase, uma base de dados que fosse fácil de actualizar e de consultar. Realizou-se a geo-referenciação dos sítios e um primeiro estudo preliminar e levantamento dos mesmos, escolhendo-se uma perspectiva formalista, estilística e padronizada em fichas de classificação de sítios arqueológicos. No trabalho de campo, logo iniciado, foram desta forma usadas de forma sistemática várias técnicas de prospecção combinadas nos vários concelhos abrangidos por este estudo: Arganil, Pampilhosa da Serra, Seia, Oliveira do Hospital, Góis, Mirando do Corvo, Lousã, Castanheira de Pêra, Penacova e Vila Nova de Poiares. Realizou-se o estudo da toponímia; da cartografia e recolheram-se lendas e tradições.

Com a conclusão da primeira fase do doutoramento em 2003, para a obtenção do grau de suficiência investigadora, com a defesa da tese: «*Arte rupestre dos vales dos rios Ceira e Alva, bacia hidrográfica do rio Mondego, alguns sítios inéditos*», analisando-se dezassete sítios inéditos. Seguidamente foi preparada uma nova fase dos trabalhos de investigação. Nesse mesmo ano apresenta-se um outro projecto de investigação ao Ministério da Cultura Português – Instituto Português de Arqueologia – IPA, ao «Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos» de 2003, intitulado: «*Estudo das Manifestações de Arte Rupestre ao ar livre das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva*», visando as devidas autorizações administrativas para o desenvolvimento deste projecto. A partir desta data, intensificam-se os estudos arqueológicos de prospecção na região em áreas onde nunca antes se tinham realizado trabalhos de investigação. Revelando assim aos poucos uma realidade desconhecida pela arqueologia, que contrariava a teoria geral de que a região não teria uma ocupação humana muito antiga, nem teria uma ocupação significativa.

Assim em 2003 decidiu-se ampliar a área de estudo às bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, e decidiu-se estudar em pormenor a ocupação humana na região, para perceber o porquê da existência da arte rupestre nalgumas áreas. Procurou-se traçar um primeiro esboço sobre a estratégia de povoamento pré-histórico e proto-histórico da região, de forma que se pudesse entender a provável relação entre a arte rupestre que se conhecia, com as necrópoles, jazidas mineiras e o meio físico como a orografia.

Estaria a arte rupestre associada a monumentos, descobertos na região desde os anos 50 do século XX, como os monumentos de «Moinhos de Vento», «Lomba do Canho» em Arganil, «S. Pedro Dias» em Vila Nova de Poiares?

Estaria a arte rupestre associada a sistemas mais complexos e seriam fruto de múltiplos factores e não apenas resultado de uma mera junção de factores casuísticos, como a orografia e a hidrografia?

Tentámos abordar a possível funcionalidade dos sítios de arte rupestre, seriam alguns locais santuários? Ou apenas marcos ou memórias dispersas de determinados momentos imortalizados pelo gravador?

Documentou-se todo o processo de investigação e os resultados que encontramos neste trabalho de investigação. Procurou-se fazer várias análises estatísticas, do conjunto observado; quantificação de motivos presentes; realização de uma tabela de símbolos que caracterizem este contexto; observação de horizontes e possíveis relações astronómicas, possíveis relações com os principais marcos na paisagem e no horizonte, como as montanhas.

Julgamos que este trabalho irá responder a algumas destas questões ao longo da sua explanação. Contudo irão levantar-se novas questões que só poderão ser respondidas com o desenvolvimento de novos estudos, como a escavação de muitos monumentos descobertos nos últimos anos, como necrópoles, pequenos povoados, acampamentos provisórios e abrigos que se situam nas proximidades destes sítios de arte rupestre.

Este projecto permitirá abrir novas linhas de investigação, por exemplo: no que toca ao estudo das rotas naturais associadas à ocupação humana da região, desde os finais do Paleolítico Superior; ao fenómeno da pastorícia, transumância e sua relação com arte rupestre; ao fenómeno da calcolitização da região e à exploração de recurso mineiros e por último a provável interligação destas rotas com outras da Península Ibérica e a sua importância para o desenvolvimento das manifestações de arte rupestre, consubstanciada em diferentes ciclos artísticos ou períodos estilísticos.

Ao longo deste trabalho pretendemos sempre que necessário recorrer às notas de rodapé, para permitir uma melhor análise e explanação das ideias. Procurou-se apresentar os vários capítulos de forma encadeada, culminando com as conclusões gerais obtidas neste estudo. Assim apresentamos numa fase inicial a historiografia e algumas

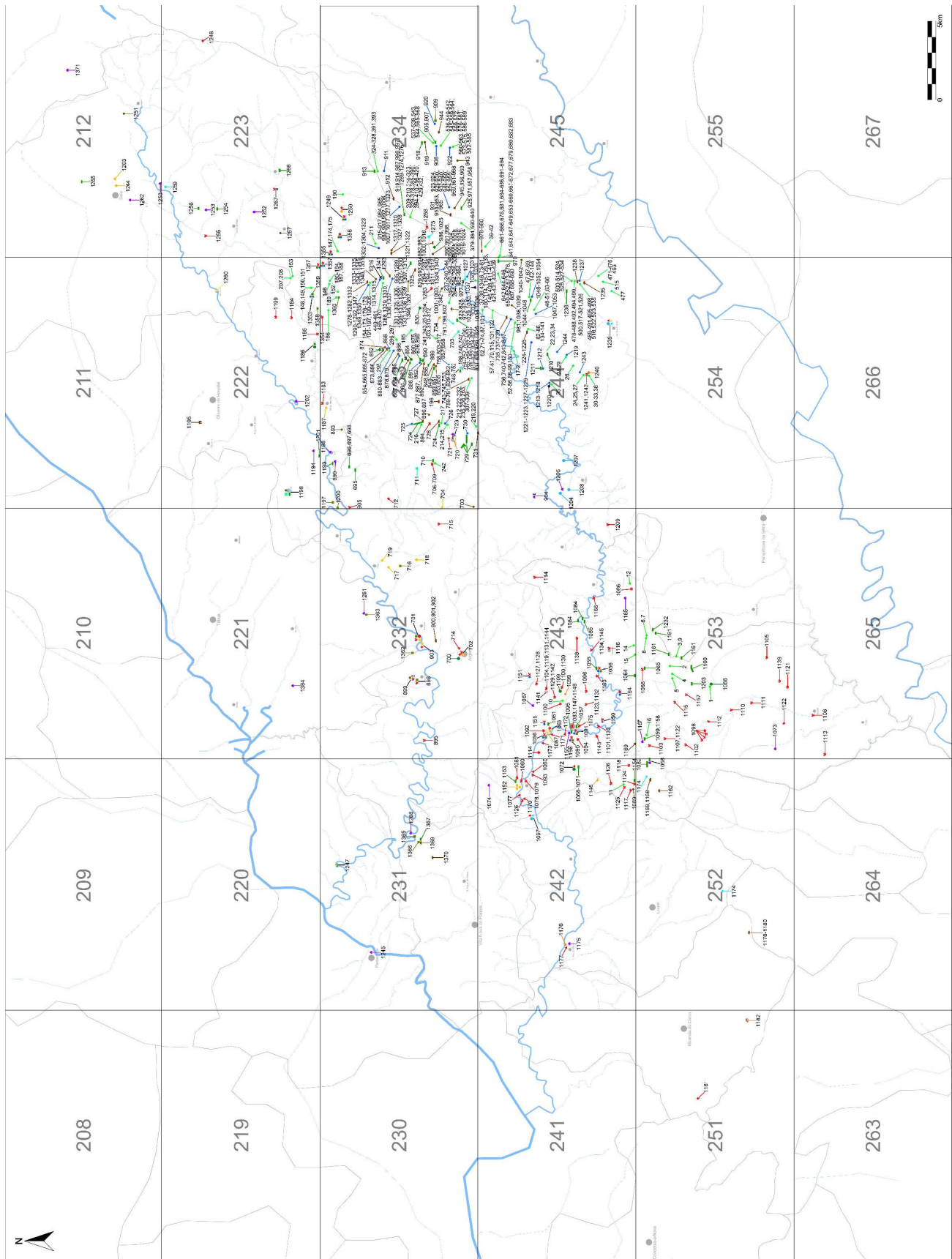
considerações teórico-metodológicas que foram aplicadas neste trabalho de investigação. Analisando-se o enquadramento geológico e administrativo das duas bacias hidrográficas. Assinalam-se os estudos mais relevantes que se realizaram na região antes de 1998, a sua enumeração, e o estado actual dos conhecimentos sobre o tema.

No segundo capítulo, realizou-se algumas considerações epistemológicas e metodológicas sobre a forma como se organizou os temas e assuntos, apresentando-se um conjunto de análises fundamentais para a compreensão do fenómeno das manifestações de arte rupestre na área do estudo.

No capítulo três, apresentam-se os recursos existentes e metodologia utilizada durante os trabalhos de campo e gabinete, bem como os resultados das análises efectuados em cada uma das áreas estudadas, dividida em bacias hidrográficas.

No capítulo quarto, apresenta-se a problematização, discutindo-se a relação de sítios pré e proto-históricos com a arte rupestre da região, bem como a mineração. Apresenta-se por fim a tipologia de gravuras, a quantificação dos símbolos existentes por áreas estudadas e são apresentadas as conclusões.

Nos tomos II ao XIII, apresentam-se apêndices que completam a informação apresentada no tomo I. Assim no tomo II, apresentam-se os mapas elaborados para cada uma das áreas e a listagem de fichas de sítios arqueológicos da bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, divididos por concelhos. Entre os tomos III e XII, apresentam-se as fichas de sítios de arte rupestre das 11 áreas estudadas. No tomo XIII, apresentam-se lendas e tradições recolhidas na área de estudo e as tabelas dos inventários elaborados para cada uma das 11 áreas.



**Mapa 1 - Planta com localização dos sítios arqueológicos detectados na área de estudo.**

## **PARTE I**

### **Antecedentes e algumas considerações teórico-metodológicas**

## Capítulo 1

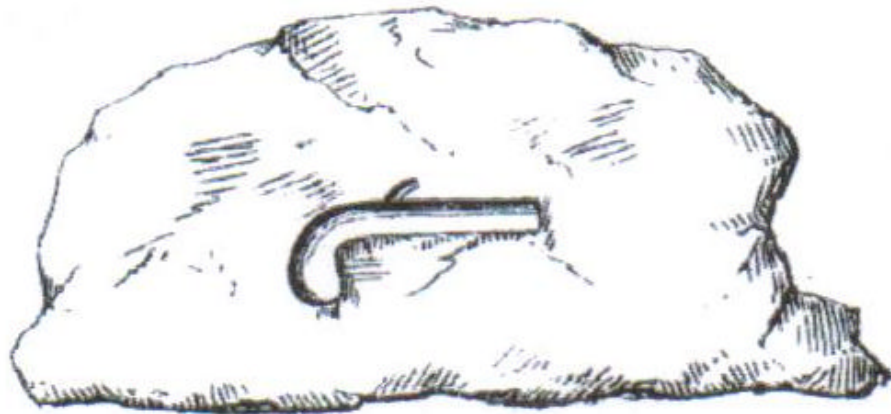
### Historiografia

Iniciamos este capítulo na sequência do trabalho de investigação que apresentamos no ano de 2003 para obter o grau de suficiência investigadora da Universidade de Salamanca, com o tema «*Arte Rupestre dos vales dos rios Ceira e Alva – bacia hidrográfica do rio Mondego, alguns sítios inéditos*». Este trabalho teve como primeiro objectivo servir de base e de preparação para o estudo que se seguiria na tese de Doutoramento, sendo esta a sequência lógica de um processo que se iniciou em 2001.

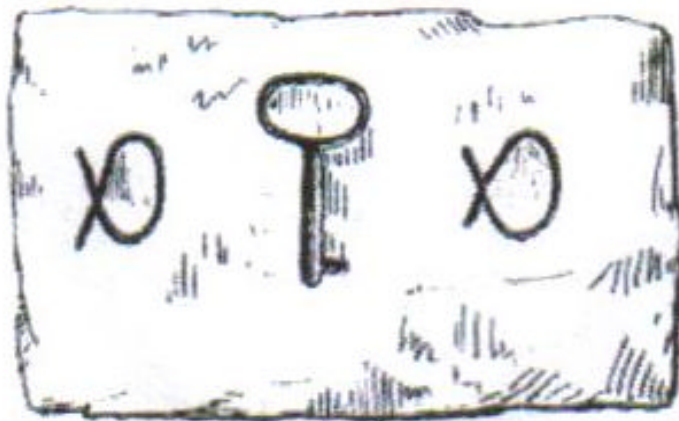
As primeiras referências bibliográficas sobre vestígios de arte rupestre na área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, aparecem descritas no relatório de Francisco Martins Sarmiento na «*Expedição científica à Serra da Estrela*» em 1881. O autor refere-se a esta região desta forma: “*As investigações a que procedemos, e as informações que obtivemos dos práticos, autorizam-nos a estabelecer, até provas em contrário, que no coração da Serra da Estrela não há antiguidades a procurar*” (SARMENTO, F.M. 1881:3), refere-se à região como uma área quase desértica e praticamente impossível de albergar populações humanas devido às suas condições atmosféricas. Descreve alguns vestígios etnográficos realizados por pastores: *alguns marouços, que os guiam nas veredas, algum tosco alicerce de curral provisório; isto é, nada, ou pouco mais de nada...O certo é que no largo trajecto da Serra, que percorremos, apenas encontramos com grandes probabilidades de um arcaísmo legítimo os sinais gravados em dois penedos, perto da fonte do Canariz; mas também com toda a probabilidade estes sinais devem ter sido obra dos antigos pastores, hipótese que se impõe como consequência forçada das observações que ficam feitas.* (SARMENTO, F.M. 1881:4). Descreve ainda alguns castros da região e das proximidades, como o Castro de S. Romão (Seia), Cabeço do Castro (Torrozelo), Tintinolho (Guarda), etc; alguns achados metálicos de braceletes, lendas, tesouros e monumentos megalíticos em redor da Serra da Estrela em Paranhos, no Fontão, uma no lugar da Coutada, uma em Valdeivão, uma em Candimens, duas no Chaveiral, etc. Segundo o pesquisador todas estariam arruinadas excepto a primeira.

Como possíveis sítios de arte rupestre faz referência a “«letras gregas» nas Fragas do Avento; a serra da Senhora da Serra com os seus punhais de cobre e «letras gregas»; a serra do Sobral e imediações com os seus inumeráveis sinais gravados em rocha, pegadas, etc”. (SARMENTO, F.M. 1881:9)...”e além disso no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhais) e noutras partes. Observaremos que a comunicação desta notícia das letras gregas nos foi feita por um homem do povo e não é raro ver dar ao povo o nome de «letreiro» a qualquer gravura em rocha.” (SARMENTO, F.M. 1881:10)

Descreve ainda como possíveis jazidas com arte rupestre os seguintes locais: “penedos com gravuras: Fonte do Canariz; no Sabugueiro; em Santa Eulália, a sul de Seia, defronte da capela de S. Bartolomeu; em Nogueira, sobre Seia; em Gramaça; na Serra das Águas de Ceira; no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhais); na Serra do Sobral”. (SARMENTO, F.M. 1881:15), terá analisado pessoalmente as gravuras dos penedos junto à Fonte do Canariz (ilustração n.º 1) e a gravura do penedo de Nogueira (ilustração n.º2) desenhada por memória de um popular senhor Saraiva. No Sabugueiro existiria uma laje gravada que também foi desenhada por memória do Sr. Manuel Lopes. Salienta ainda que: “Nenhuma destas gravuras, salvo a do Canariz, se assemelha às que conhecemos; mas as «pegadas» e «ferraduras», que nos disseram haver na serra das Águas de Ceira, e no limite da Coutada, e os círculos concêntricos no sítio da Gramaça, etc., são vulgares, por exemplo, no Minho, e dignos, principalmente os últimos, de um estudo especial.” (SARMENTO, F.M. 1881:17).



**Ilustração 1 - Gravura em rochedo (Nogueira sobre Ceia), segundo Francisco Martins Sarmiento, Expedição científica à Serra da Estrela em 1881: 32**



**Ilustração 2 - Gravura em pedra (Sabugueiro), segundo Francisco Martins Sarmento, Expedição científica à Serra da Estrela em 1881:32**

Faz ainda referência a possíveis cultos das águas, associadas a pegadas (podomorfos) com base na etnografia e alguns vestígios existentes na região: “*Conforme a tradição, a nascente principal rebentou da pegada (daqui o nome de pegarinho, Fonte do pegarinho, segundo a mesma tradição) da jumenta de Nossa Senhora, quando fugia para o Egipto, exemplo frisante, no nosso entender, da persistência das antigas lendas pagãs sob uma forma cristianizada.*” (SARMENTO, F.M. 1881:11 e 12)

Nos Dicionários cronológico de 1886, Américo Costa e Pinho Leal e no Dicionário – Portugal Histórico e Corográfico de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues em 1915, fazem referências à arte rupestre desta forma: “*A Vide, é uma povoação antiga e com diferentes inscrições e caracteres hieroglíficos que, ainda aqui, se encontram em diversas rochas.*”

“*Existe, também, um grande penedo onde se vê, exteriormente, uma abertura em forma de cântaro (Penedo no Chão Cimeiro)*”...

Contudo foi já no século XX que se realizou o 1º estudo de arte rupestre na região, na sequência dos primeiros trabalhos de prospecção arqueológica realizados no Concelho de Góis pelo Professor Doutor Castro Nunes no ano de 1958, através da Comunicação apresentada ao «*I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa*» de 15 a 20 Dezembro. Seguindo-se a publicação «*Pedra Letreira*» em 1959. Em 1970 realizou-se o «*IIº Congresso Nacional de Arqueologia*» em Coimbra de 28 de Setembro a 1 Outubro, sendo apresentado «*A Pedra Riscada*»; seguindo-se a sua publicação em 1974.



### Sítio da *Pedra Letreira*

O sítio da «*Pedra Letreira*» situado numa vertente do Cabeço da Fonte Fria, junto de uma Barroca no concelho de Góis, freguesia de Alvares, próxima do entroncamento da Portela do Vento, na estrada nacional n.º2, no fim de um caminho vicinal, virada para a Serra dos Penedos de Góis, numa diaclase de xisto cinzento, quase plana. Terá sido descoberto na sequência do início da exploração mineira das minas da Escádia Grande pertencentes ao grupo CUF na serra da Lousã, que se situavam a cerca de 3,5 km de distância. O local terá sido visitado pelo Sr. Quirino de Sousa Lima, antigo encarregado das minas que terá alertado da sua existência. A este local encontra-se associado uma lenda. <sup>1</sup>(Ver ficha de lendas e tradições Tomo XIII, Apêndice n.º8, n.ºIII, concelho de Góis, n.º 23 – pág. 3302.

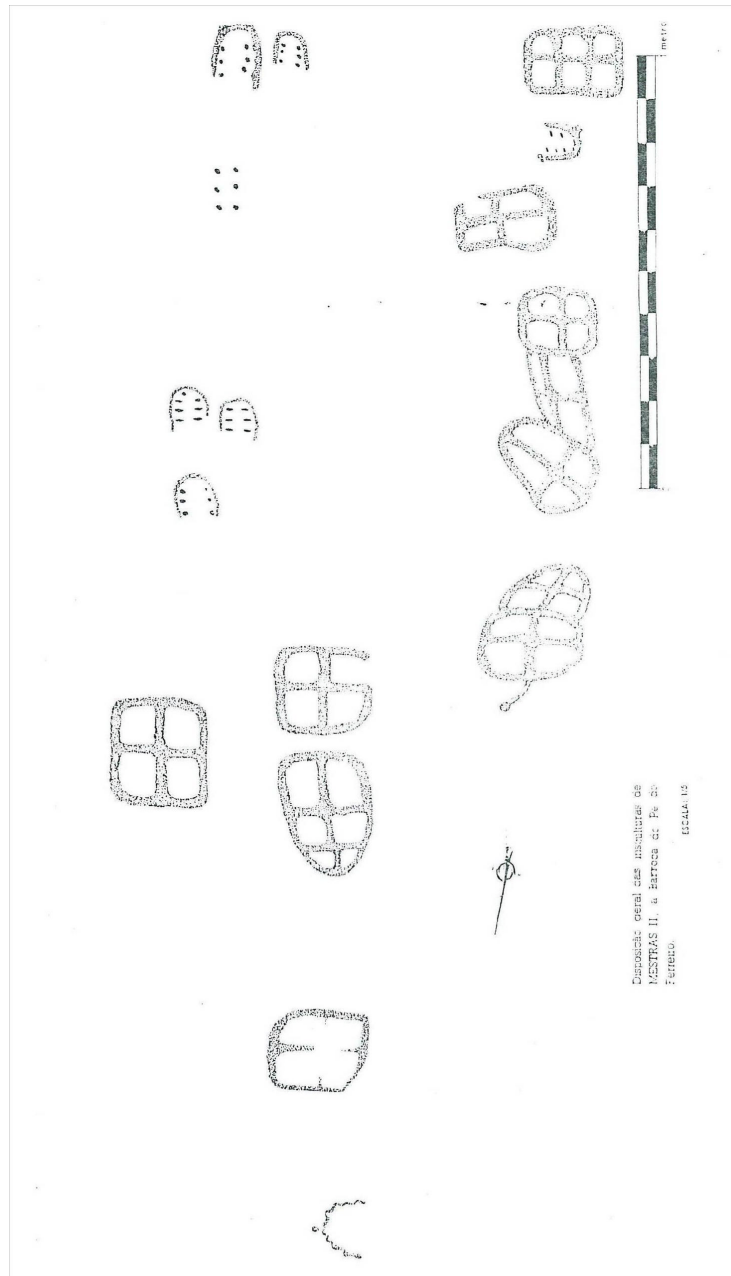


**Ilustração 3 - Planta da *Pedra Letreira* segundo NUNES, J.C, et al in *Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis*. N.º1. 1959.**

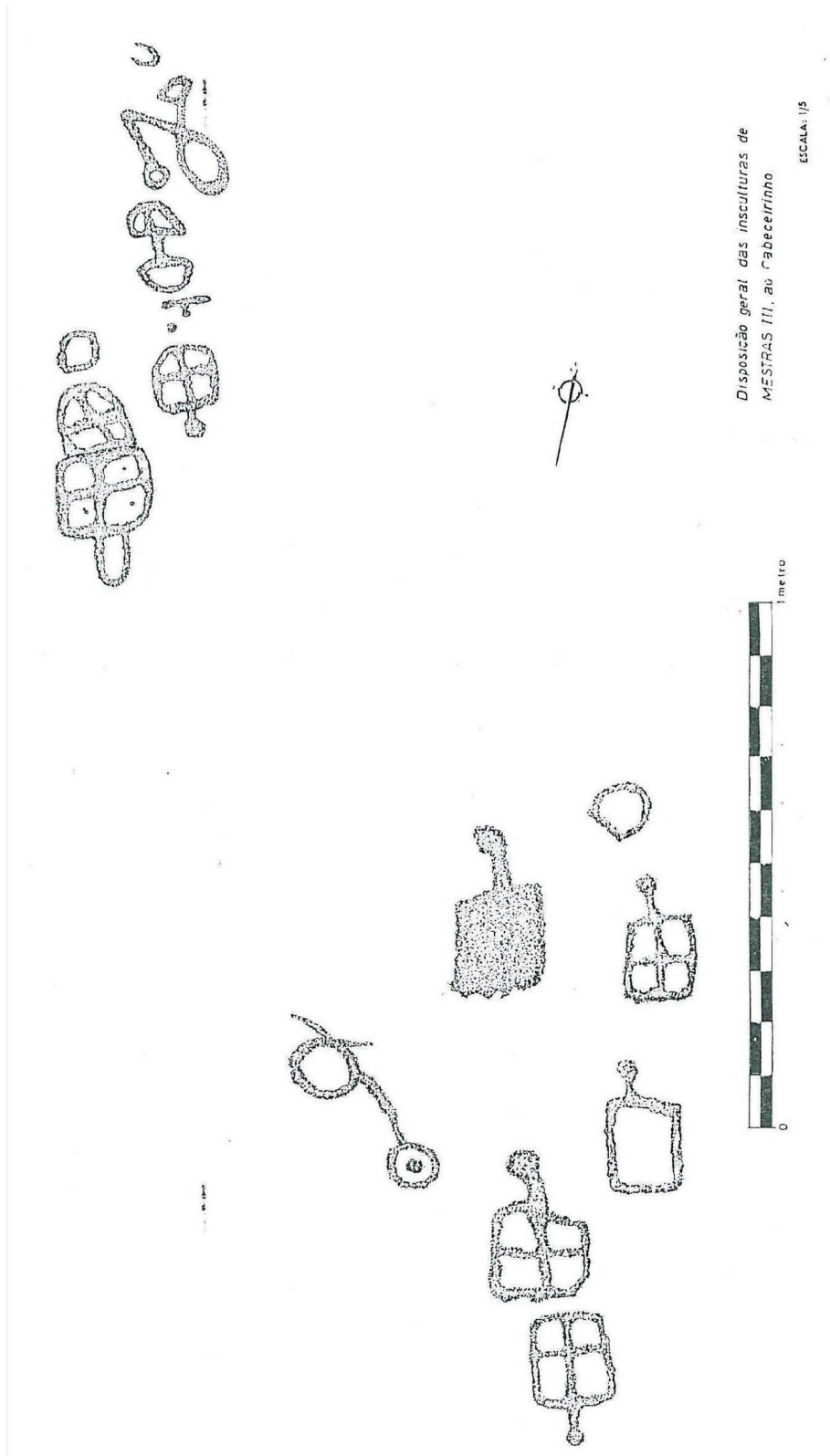
<sup>1</sup>Quadra ouvida em toda região; informante Sr. Benjamim Barata e publicada pela primeira vez em 1959. NUNES, J. C. & PEREIRA, A. N. & Barros, A. M. A - *Pedra Letreira. Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis*. Página 8. Publicação Câmara Municipal de Góis. Góisgráfica Julho de 98. Depósito legal n.º 125615/98

O autor salienta a existência das minas da Escádia Grande, que se viam da “«*Pedra Letreira*» então em laboração em cujos *nichos dos hastiais, abertos a 1,20 m acima do solo e distanciados cerca de 2 m uns dos outros, ainda se encontravam, quando há anos se procedeu ao desentulhamento das respectivas galerias, algumas lucernas (...)*” (NUNES, J.C. 1959:9).

**Sítio da *Pedra Riscada***



**Ilustração 4 - Monumento Mestras II, segundo CASTRO NUNES, J. & PEREIRA, A.N. “A Pedra Riscada”. *Separata da Revista dos Cursos de Letras Vol. I – 1974 (Sá da Bandeira)***



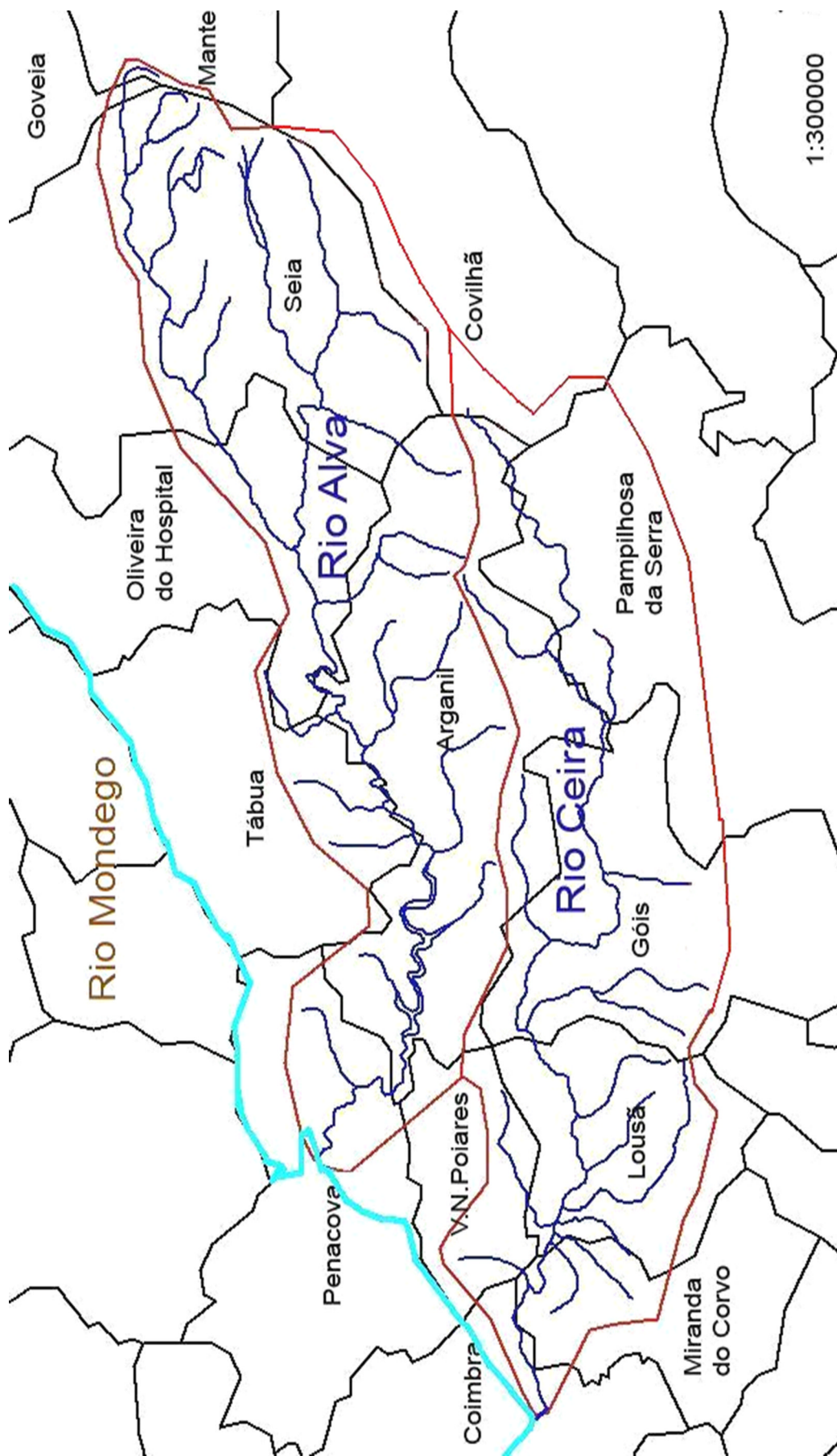
Disposição geral das inscrições de  
MESTRAS III, ao Cabeceirinho

ESCALA: 1/5

Ilustração 5 - "A Pedra Riscada"- III Segundo CASTRO NUNES, J. & PEREIRA, A.N. *Separata da Revista dos Cursos de Letras Vol. I - 1974 (Sá da Bandeira)*

## **Enquadramento administrativo e delimitação da área em estudo**

A bacia hidrográfica dos rios Ceira e Alva, e áreas limites, abrangem os seguintes concelhos e respectivas freguesias, Coimbra, apenas as freguesias de Ceira e Torres do Mondego; concelho de Miranda do Corvo: freguesia de Rio de Vide, Lamas, Miranda do Corvo, Semide, Vila Nova; concelho da Lousã: Freguesias de Casal do Ermio, Foz de Arouce, Gândaras, Lousã, Serpins, Vilarinho; concelho de Góis: freguesias de Vila Nova do Ceira, Góis, Cadafaz/Colmeal, parte da freguesia de Alvares; concelho de Arganil: freguesias de Anceriz, Arganil, Barril de Alva, Benfeita, Celavisa, Cepos, Cerdeira, Coja, Folques, Moura da Serra, Piódão, Pomares, Pombeiro da Beira, São Martinho da Cortiça, Sarzedo, Secarias, Teixeira, Vila Cova de Alva; concelho de Vila Nova de Poiares: freguesias de Arrifana, Poiares – Santo André, S. Miguel de Poiares, Lavegadas; parte do concelho de Penacova: freguesias de Paradela, Friúmes, S. Pedro do Alva, Penacova, Oliveira do Mondego; parte do concelho da Pampilhosa da Serra: freguesias de Fajão, Unhais-o-Velho, Pessegueiro, Vidual, Cabril, Pampilhosa da Serra; parte do concelho da Covilhã: parte das freguesias de: Sobral de São Miguel, Erada, S. Jorge da Beira; parte do concelho de Seia: freguesias de Vide, Teixeira, Alvôco da Serra, Cabeça, Loriga, Sazes da Beira, Sandomil, Torrocelo, Valezim, Lapa dos Dinheiros, Sabugueiro, Vila Cova à Coelheira, S. Romão e Seia; parte do concelho de Oliveira do Hospital: freguesias de Lourosa, Vila Pouca da Beira, Avô, Aldeia das Dez, Alvoco das Várzeas, S. Sebastião da Feira, Santa Ovaia, S. Gião, Penalva do Alva, Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital, S. Paio de Gramaça, Bobadela, parte do concelho de Tábua: freguesias de Mouronho, Carapinha, Meda dos Mouros e Pinheiro de Coja.



**Ilustração 6 – Área abrangida pelo projecto de investigação, delimitação da área a vermelho e divisão administrativa por Concelhos.**

## Enquadramento geológico e unidades líticas<sup>2</sup>

### Maciço Hespérico

A ossatura da Península Ibérica materializa-se, essencialmente, por metasedimentos e rochas ígneas intrusivas de composições variadas, mas predominantemente ácidas e intermédias. Em Portugal estes materiais agrupam-se em 3 unidades morfoestruturais maiores: Zona Centro Ibérica (ZCI), Zona de Ossa Morena (ZOM) e Zona Sul Portuguesa (RIBEIRO *et al.*, 1979). No caso presente o soco varisco está representado pela ZCI.

*“Esta comporta uma unidade designada por Supergrupo Dúrico-Beirão (antigamente designada de Complexo Xisto Grauváquico), que em Góis, Lousã, Pampilhosa da Serra, Arganil e Seia (freguesia de Vide e Teixeira) está representada pelo Grupo das Beiras. Discordantes sobre esta unidade encontram-se metassedimentos datados do Ordovícico e Sílurico”* (DINIS, P., 2004:1)

### Grupo das Beiras

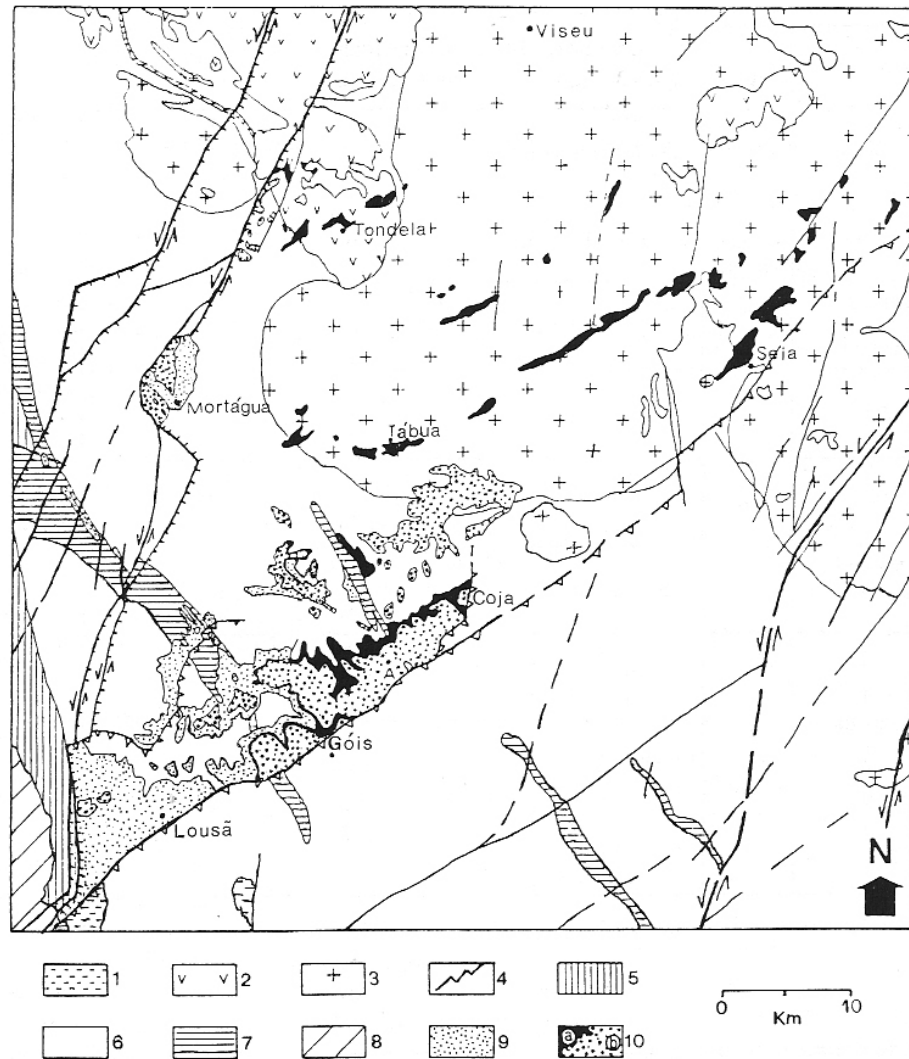
O Grupo das Beiras é constituído por série monótona de metassedimentos argilosos e outros mais arenosos. Na região Centro-Oeste de Portugal definiram-se quatro unidades litostratigráficas (MEDINA, 1996). *“As unidades I e III são formadas por metassedimentos argilosos e siltosos intercalados com outros mais arenosos de geometria lenticular. As unidades II e IV são exclusivamente ou quase exclusivamente silto-argilosas.”* (DINIS, P., 2004:1-2).

Os limites entre unidades são transicionais e dispõem-se grosseiramente E-W a NW-SE e, dum modo geral, pendem para Norte. Estima-se que a espessura do Grupo das

---

<sup>2</sup> Desde 1999 a APIA realizou várias actividades de investigação e divulgação em parceria com a Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Terra como conferências e realização de estágios profissionais de licenciados em geologia nos núcleos da APIA, nomeadamente: numa primeira fase com a coordenação do Professor Doutor Luís Conde e de Nuno Ribeiro por parte da APIA/Câmara Municipal de Góis. Em 20 a 24 de Julho 2004 realizou-se em Góis o Iº Curso de Arte Rupestre dos rios Ceira e Alva. Parte do texto apresentado foi desenvolvido e apresentado pelo Prof. Dr. Pedro Dinis em Góis no âmbito desta parceria. A partir de 2008 até 2011, APIA continuou a integrar nas suas equipas de campo um geólogo. Para além de ter dado continuidade à parceria com o Departamento de Ciências da Terra, através do Prof. Dr. Pedro Proença Cunha, com a coordenação conjunta de um estágio profissional (9 meses) de Geologia para o estudo da mineração antiga e elaboração de cartografia geológica, pelo estagiário Paulo Lobo (geólogo).

Beiras é de aproximadamente 5.000 metros (MEDINA, 1996). Esta unidade é atribuível ao Pré-Câmbrico final (SEQUEIRA, A. & SOUSA, M., 1991: 1-13). Tem sido proposto um ambiente deposicional marinho profundo, em particular para as unidades mais argilosas (MEDINA, 1996).



Mapa 3 - Esboço geológico da região (CUNHA, P. M. 1999: 143-196) 1 – granitoides pré-hercínicos; 2- granitoides hercínicos sin-tectónicos; 3 - granitoides hercínicos pos-tectónicos; 4- falha; 5 – Complexo Cristalofílico; 6 – Grupo das Beiras; 7 – Paleozóico; 8 – Triássico-Jurássico, 9 – Cretácico; 10 – Terciário (a - Arcoses de Coja e Arcoses de Lobão; b – Grupo de Serra de Sacões).

## **Ordovício e Sílúrico**

*“Os sedimentos atribuídos ao Ordovícico e Sílúrico unidades suportam uma grande estrutura sinclinal que condicionou a evolução paleogeográfica da região até à actualidade. A presença dos quartzitos armoricanos, que funcionam como relevos de dureza, justifica a espectacular influência na paisagem. Para além dos quartzitos a série materializa-se, maioritariamente, por metassedimentos lutíticos, com filádios e xistos argilosos”.* DINIS, P., 2004:1-2).

Observam-se materiais carbonatados e lavas e tufos basálticos. Os sedimentos foram depositados em ambientes costeiros e registam oscilações do nível do mar relacionadas com o desenvolvimento de períodos glaciares e inter-glaciares, entre outros factores (YOUNG, 1988: 377-392).

## **Cobertura detrítica do maciço hespérico**

Sobre as rochas metamórficas e magmáticas do Maciço Hespérico encontra-se uma cobertura detrítica que se preserva, em especial, nas pequenas depressões nos bordos Oeste e Sul da Plataforma do Mondego (DAVEAU *et al.*, 1985-86; CUNHA, P, 1999: 143-196). Esta cobertura inicia-se com o Grupo do Buçaco (REIS, R. & CUNHA, P. M. 1989: 99-109). *“Este é formado por arcoses (sedimentos terrígenos ricos em feldspato), geralmente com esmectite, e quartzarenitos imaturos, com caulinite. O Grupo do Buçaco atinge 180 metros de espessura. Estes sedimentos mostram uma silicificação que lhes confere grande dureza.”* (DINIS, P., 2004:1-3)

Discordantes sobre o Grupo do Buçaco ou sobre metassedimentos da ZCI, encontra-se uma série sedimentar terrígena que pode atingir 120 metros de espessura (Areias de Buçaqueiro, Arcoses de Coja e Arcoses de Lobão, (CUNHA, P. 1999: 143-196). Esta série é formada por arcosarenitos e quartzarenitos mais ou menos grosseiros e imaturos, por vezes com calhaus de xisto e de granito. Ocorrem ainda intercalações pelíticas e cascalhentas. (CUNHA, P. 1999: 143-196) define ainda o Grupo de Serra de Sacões, que comporta três formações, com materiais heterométricos, argilo-



conglomeráticos, composicionalmente imaturos, ligado a cones aluviais próximos de acidentes estruturais. Estes sedimentos teriam sido acumulados durante as fases de enchimento anteriores à incisão da rede de drenagem actual (CUNHA, P. 1999: 143-196).

*“Os materiais quaternários podem cingir-se aos conjuntos aluviais ligados à organização da rede de drenagem (terraço fluvial e planície de inundação actual ou sub-actual)”*. DINIS, P., 2004:1-3).

Contudo, (SOARES, A. & MARQUES, J., 2002: 87-101) *“referem numerosos depósitos cujas características l ticas são muito semelhantes às de algumas das unidades que têm sido atribuídas ao Grupo de Serra de Sacões e que parecem resultar de fluxos densos mais recentes, possivelmente coevos de alguns níveis de terraço, portanto, já contemporâneos das fases de desenvolvimento da rede de drenagem.”* (DINIS, P., 2004:1-3)

## **Tect nica**

*“Os materiais do Maciço Herc nico aqui presentes estão deformados pela orogenia hercínica e, no caso do Complexo Xisto Grauváquico pela fase de deformação Sarda, justificando a discordância angular entre esta unidade e os sedimentos ordov cicos e posteriores. A par da deformação a ZCI foi afectada por metamorfismo de pressão interm dia a que se sobrepõe metamorfismo de baixa pressão, acompanhado de injecc o de corpos ígneos.”* (DINIS, P., 2004:1-3)

Alguns dos sedimentos mais recentes, do «Grupo de Serra de Sacões», também se ter o depositado num contexto tect nico activo. Alguns autores têm proposto que durante o final do Miocénico ao Quaternário terá ocorrido um período de intensa actividade tect nica, responsável por levantamento de relevos e g nese de leques aluviais (SEQUEIRA, A. J.; CUNHA, P. & SOUSA, B., 1997: 95-126); (CUNHA, P., 1999: 143-196). Também estão referidos jogos tect nicos mais recentes, responsáveis por movimentac es verticais da crosta, tidos como fini-plioc nicos ou mesmo quaternários

(DAVEAU *et al.*, 1985-86); (CABRAL, 1995) e (SOARES, A. & MARQUES, J., 2002:87-101) e (DINIS, P., 2004:1-3)

## **Enquadramento hidrológico<sup>3</sup>**

### **Bacia hidrográfica do rio Ceira**

A área da bacia hidrográfica do rio Ceira, encontra-se inserida na bacia hidrográfica do rio Mondego, situando-se na margem esquerda. Está limitada a Norte e a Oeste pela bacia hidrográfica do rio Alva, este também afluente do rio Mondego. O rio Ceira nasce entre a Serra do Açor (a Sul) e Serra da Cebola (S. Jorge da Beira – Covilhã), a mais de 800 metros de altitude, numa área onde existem várias pequenas nascentes. Posiciona-se no contacto da Cordilheira Central com uma superfície poligénica deprimida que tem sido designada de «Plataforma do Mondego» (FERREIRA, A., 1978). Este contacto é sublinhado pela «Falha da Lousã», de rumo WSW-ENE. O limite ocidental da «Plataforma do Mondego», por sua vez, marca-se pela «Falha de Verin-Penacova», responsável pelo soerguimento dos maços do Caramulo e da Gralheira. Nas proximidades do contacto da «Plataforma do Mondego» com os maços a Sul desenvolve-se a depressão de Seia e, para WSW desta, as depressões de Lousã e Arganil; do lado ocidental, no contacto com os maços do Caramulo e da Gralheira encontram-se as depressões de Mortágua e de Campo de Besteiros.

Diversos trabalhos de geomorfologia têm demonstrado o controlo estrutural destes sectores. Para além dos jogos em falhas, à que destacar a presença de relevos de resistência. Os penedos de Góis, suportados pelos quartzitos ordovícicos dobrados em sinclinal com orientação NW-SE, constituem excelentes exemplos desta situação.

---

<sup>3</sup> Desenvolvido pela geóloga Irina Monteiro e Nuno Ribeiro em 2007, sob a coordenação de Nuno Ribeiro, no âmbito de um estágio profissional remunerado, na APIA, co-financiado pelo IEFP, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Centro de Emprego de Seia. Com os suportes institucionais: Projecto de investigação P.N.T.A. (Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos) de 2003 do Ministério da Cultura – Instituto Português de Arqueologia e no âmbito do presente projecto de doutoramento.

## Bacia hidrográfica do rio Alva

A bacia hidrográfica do rio Alva encontra-se inserida na bacia hidrográfica do rio Mondego, situando-se na margem esquerda, sensivelmente ao centro. Está limitada a Norte e a Oeste pela bacia hidrográfica do rio Mondego, a Sul e a Sudoeste pela do rio Ceira, este também afluente do rio Mondego, a Este e a Sueste pela bacia do rio Zêzere, afluente do rio Tejo.

O rio Alva é o principal tributário da margem esquerda do rio Mondego, nasce a 1651 m de altitude, na vertente Norte da Serra da Estrela, entre a Fraga das Penas e o Curral do Martins. Verifica-se pela sua delimitação, que esta bacia apresenta uma orientação geral Nordeste – Sudoeste, acompanhando o desenvolvimento de parte das vertentes ocidentais da Cordilheira Central, mais concretamente das Serras da Estrela, Alvoaça, Açor e Aveleira e o bordo Sudeste da «Plataforma da Beira Alta».

A explicação para todos estes altos e baixos de serras e vales que formam esta topografia irregular que constitui a bacia do rio Alva está fundamentalmente na tectónica, nas diferentes litologias e nas condições climáticas que foram responsáveis ou puderam contribuir para a construção ou manutenção de certas formas de relevo. A existência de numerosos filões de quartzo contribui também para a manutenção da forma saliente.

Os processos erosivos são os grandes responsáveis pelo modelado das vertentes que se observam onde se abrem vales que rapidamente passam a barrocas estreitas e profundas, resultantes da exploração da numerosa rede de fracturas favorável à incisão.

No rio principal desaguam diversos afluentes que, adaptando-se à rede de fracturas e dada a fraca resistência dos materiais, xistos e depósitos de cobertura, desenvolveram facilmente complexas redes de drenagem, cavando profundos vales em V, de vertentes abruptas.

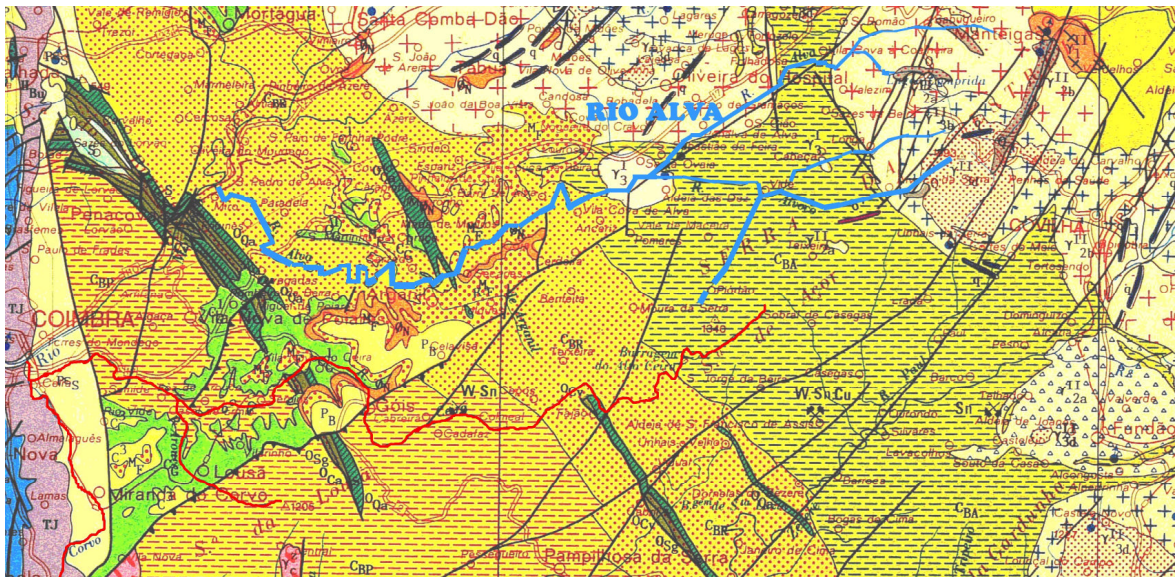
Como é possível visualizar no mapa 4, a nascente do rio Alva é caracterizada por granito porfiróide, com a designação  $\gamma^{\text{II}}_{2b}$  relacionado com a orogenia Hercínica (cessou há 245 milhões de anos).

Perto de Vila Cova à Coalheira, este rio entra no «Complexo Xisto-Grauváquico» ante-Ordovícico com a formação de turbiditos ( $C_{BA}$ ) mas, um pouco a Norte de São Gião o

rio Alva volta ao mesmo granito porfiróide ( $\gamma_{2b}^{\text{II}}$ ). Segue em linha recta ao longo do “graben” onde o rio Alva instalou o seu sector rectilíneo (NE-SW) mais desenvolvido e que se estende desde a confluência do Alva com a Ribeira de Valezim até à do Alva com a ribeira de Pomares, mais a Sudoeste. Paralelamente, um dos principais afluentes do Alva, o rio Alvoco, nasce na Serra da Estrela mas na vertente Sudoeste.

Na Ponte das Três Entradas o rio Alvôco une-se ao rio Alva propriamente dito, posteriormente atravessa um plutão de granito de duas micas, do tipo  $\gamma_3^{\text{I}}$ .

Perto de Vila Cova de Alva entra numa variante do Complexo Xisto-Grauváquico ante-Ordovícico, com a nomenclatura  $C_{BR}$ , tratando-se de turbiditos finos mas com alguns conglomerados, este tipo de rocha é atravessado pelo rio Alva no sentido Nordeste – Sudoeste até se cruzar com uma formação de Quartzito, conglomerados e xistos ( $O_{Qa}$ ) regressando mais a Sudoeste à formação anterior  $C_{BR}$  até à sua confluência com o Mondego. Resumindo, os xistos e metagrauvaques ocupam cerca de 60% da bacia, os granitos e dioritos 25% e as demais rochas 15%.



**Mapa 4 – Extracto da Carta geológica de Portugal continental 1:500 000 de 1992, onde está destacado o rio Alva e o seu afluente principal o rio Alvoco, a azul. A Sul, a vermelho o rio Ceira, com os seus afluentes, rio Arunca/rio Corvo**

Tendo em conta as litologias presentes nesta bacia e os registos de ocorrências e recursos minerais portugueses, as substâncias/metais mais típicos são Chumbo (Pb),

Estanho (Sn), nos concelhos de Oliveira do Hospital, Tábua, Góis, Arganil, Pampilhosa da Serra e Covilhã (área da Serra da Cebola – Minas da Panasqueira), nesta área existem ainda filões de Cobre (Cu), Prata (Pr) e Ouro (Au).

Refira-se ainda alguns estudos recentes (I.G.M. - Instituto Geológico e Mineiro: 2000) que poderão ajudar também a perceber a riqueza arqueológica da região, associadas às riquezas minerais das áreas em estudo. Assim por exemplo a área de Góis, situa-se em termos metalúrgicos na *“Faixa de Góis-Segura. Atendendo à diversidade de índices mineiros em diversas substâncias, nomeadamente, volfrâmio, estanho, chumbo, zinco, ouro e prata, alguns dos quais ainda em exploração, como é o caso das minas de Panasqueira, foi lançado, nesta Faixa, a partir de 1980, uma campanha de prospecção geral, baseada na aplicação de várias técnicas: geológica, geoquímica (sedimentos de linhas de água), mineralométrica e radiométrica. Na fase de prospecção mais detalhada, foram também colhidas amostras de solos para análise geoquímica multielementar e executados alguns levantamentos geofísicos (geoeléctrico, electromagnético-VLF, magnético, gravimétrico e emanométrico). Alguns desses alvos foram objecto de estudo mais pormenorizado, tais como Escádia Grande (Au, Ag), Góis (W, Sn). Na região de Góis salienta-se a avaliação de recursos de estanho e volfrâmio em Vale Pião (da ordem de 500 000 toneladas, com teores médios de 2,0 g/t de estanho e 1,6 Kg/t de tungsténio, em brechas lenticulares e "stockworks" contíguos), a estimativa de recursos de volfrâmio na Senhora da Guia (da ordem de 9 000 toneladas, com teor médio de 3,4 g/t de tungsténio, em filões quartzosos) e a avaliação de recursos de estanho em Vale Moreiro/Casal Loureiro (da ordem de 80.000 toneladas com o teor médio de 2,8 g/t de estanho, em brechas quartzosas)”. “Na sequência destes trabalhos, efectuaram-se 32 sondagens - 25 na zona de Vale Pião para estanho e volfrâmio e 7 em Vale Moreiro/Casal Loureiro para estanho.”* Estas importantes concentrações minerais são coincidentes com diversos sítios arqueológicos, achados diversos e arte rupestre, desde o calcolítico até à época romana, como poderemos analisar adiante. A este propósito ver cartografia geológica<sup>4</sup> da bacia hidrográfica do rio Ceira, Mapa 11 (Tomo II, Apêndice n.º1, pág.514 e mapas 9 e 10 de

---

<sup>4</sup> Desenvolvida pela APIA desde 1998 no núcleo de Góis e no CIARV – Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide, sob a coordenação do signatário.

localização das áreas estudadas bacia hidrográfica do rio Ceira n.ºI, área de Góis – Serra da Lousã, pág. 512 e 513 e Ribeira do Alvôco: terraços associados a áreas mineiras (conheiras), mapa 27 e 29 (Tomo II, Apêndice n.º2, pág. 524 e 526; e mapa 28 de localização das bacias hidrográficas do rio Alva n.ºI, área de Vide – bacia hidrográfica do rio Alvôco, pág. 525).

## **Trabalhos arqueológicos anteriores a 1998 na área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva**

Em relação à bacia hidrográfica do rio Ceira, afluente do rio Mondego, conheciam-se apenas alguns sítios arqueológicos de arte rupestre como a «Pedra Letreira e Pedra Riscada», no concelho de Góis e alguns achados isolados que foram inicialmente depositados por Castro Nunes no Museu Municipal de Arganil, sendo posteriormente levados para Lisboa. Dos materiais recolhidos, destacam-se do período Eneolítico Pleno ou do Bronze um machado de talão em bronze, de tipo galaico, e um machado de cobre, encontrado na margem direita de Piães em Góis, ao fundo da vertente da Devouga, em Libreiro. Tendo sido também encontrado uma ponta de seta em metal. Estes achados revestem-se de um especial interesse em virtude de terem sido descobertos a 200 m da «Eira dos Mouros», mina pré-histórica em cujas galerias foram recolhidos vários machados de pedra polida de anfíbolite do mesmo período, além de objectos menos característicos, o que o levou a crer que estava perante um possível complexo cultural do Calcolítico Final / Bronze Inicial. Conheciam-se ainda na região os monumentos megalíticos de «Moinhos de Vento»; e os vestígios da «Lomba do Canho» nas proximidades de Arganil e alguns machados de bronze que terão sido recolhidos fora de contexto na área do «Alto Ceira». (CASTRO NUNES, 1959). Na área do «Baixo Alva» conhece-se também um importante monumento funerário do tipo “mamoá”, denominado por «S. Pedro Dias», que remontará ao Calcolítico Final/Idade do Bronze, situando-se próximo da Aldeia de «Moura da Serra» (TAVARES, A.A.1980: 39-58). Nesta bacia hidrográfica, conhecia-se ainda o abrigo da «Buraca da Moura» em São Romão - Seia, com importantes vestígios desde o Neolítico Antigo à Idade do Bronze Final. (VALERA *et al.* 1989; VALERA, 1993; SENNA-MARTINEZ, 1993 e 1994 a).

No concelho da Pampilhosa da Serra, no âmbito da realização de uma carta arqueológica é inventariado em 1993, alguns sítios arqueológicos, como povoados, algumas minas antigas que poderão remontar à Idade do Bronze e alguns achados diversos. (BATATA, C., GASPAR, F., 1994). Estranhamente não identifica nenhum sítio de arte rupestre, nem nenhum montículo artificial do tipo *tumulus*/«mamoá». Dos povoados

destacam-se os sítios do «Cabeço do Redondo», a cista de «Fornos dos Mouros», na freguesia de Dornelas do Zêzere, onde foi recolhido um conjunto de argolas espiraladas em ouro, possivelmente do Bronze Final; o povoado da Cova de Iria; o abrigo, «Buraca dos Mouros»; o povoado do «Cabeço Murado»; o povoado dos «Penedos de Fajão», onde foi recolhida alguma cerâmica proto-histórica, a este sítio poderá estar relacionado um outro achado, mas na outra margem do rio Ceira, na freguesia das Relvas de Teixeira (Arganil), onde foi encontrado um possível ídolo antropomórfico pré-histórico, com as dimensões de 180 mm de diâmetro máximo e 230 mm de altura. Tendo aparecido a cerca de 100 m desta povoação, correspondendo provavelmente à Idade do Bronze. (CASTRO NUNES, J., 1956: 503-507), este artefacto encontra-se actualmente em exposição no Centro de Interpretação de Chãs de Égua.



## Os primeiros trabalhos de síntese.

Seguindo o trabalho iniciado por Castro Nunes, Senna-Martinez lança o «*Projecto de Estudo Arqueologico da Região de Arganil e Concelhos Limítrofes*» em 1980 e desenvolve-o até 1988, com a designação de (PEABMAM); visava o estudo das estratégias de povoamento e exploração de recursos na região média e alta da bacia hidrográfica do Mondego, desde o Neolítico ao período Romano (SENNA-MARTINEZ, J.C., GUERRA, A., FABIÃO, C.J. 1986:1-7). Sempre com poucos meios financeiros por parte das entidades oficiais, realizam-se trabalhos de investigação sobretudo nos sítios da «Lomba do Canho», «monumentos Moinhos de Vento» e quatro campanhas arqueológicas no «Cabeço do Castro» em São Romão. (FABIÃO, C., GUERRA, A.1989: 73-87)

Com base nos resultados das escavações retomadas desde 1979 realizadas na necrópole dos «Moinhos de Vento» e sondagens efectuadas em 1980, 1981 e 1982 numa sepultura periférica ao monumento megalítico n.º1, escavado inicialmente por CASTRO NUNES em 1957 e 1958. (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:103-118) e (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:1-27) é elaborado o primeiro modelo socioeconómico referente às populações que construíram este monumento, através do estudo dos espólios e depósitos rituais a ele associados em redor da sepultura principal, que segundo os autores pertencerem a uma única tumulação, ou pelo menos na sua maioria, correspondendo ao Calcolítico Final. O estudo do espólio: como cerâmica, indústria lítica e objectos de pedra polida em que se baseou numa amostra de 30 objectos, dos quais 25 em contexto primário, provindo os restantes do leito do caminho que seccionou a mamoa, indicara que para além de machados, enxós, havia um outro grupo de objectos, nomeadamente cunhas que segundo os autores são testemunha da mineração dos xistos auríferos, dado que o mesmo tipo de objectos surgiram numa antiga mina em Góis – «Eira dos Mouros». Justificavam desta forma a riqueza do espólio encontrado na sepultura do “chefe local”, que disporia para além dos recursos normais, como a caça, pesca, recollecção vegetal, horticultura, agricultura, controlaria também o acesso à exploração dos recursos minerais como ouro e eventualmente o estanho. Para além da região ser um dos acessos naturais aos pastos da Serra da Estrela. A riqueza do espólio e as possíveis relações comerciais com Sudeste hispânico eram prováveis, corroborando a opinião de (CASTRO

NUNES, J. C. 1959: 32-35) que enquadrou os petróglifos da «Pedra Letreira» no Calcolítico e relacionando alguns materiais com o dólmen dos «Moinhos de Vento». Apontam ainda a existência de uma pequena placa metálica com 7,5 cm por 7 cm, parte de um disco com 8 cm de diâmetro, decorado com quatro circunferências concêntricas rodeadas de uma faixa de espirais encadeadas. (SCHUBART, H., 1975:158-159) refere-se a este artefacto atribuindo-lhe proveniência micénica, facto que deverá ser visto com algumas reservas (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:113).

Um dos autores salienta também o facto de se desconhecer os locais de residência e as formas de fixação destas comunidades, bem como para o facto do desenvolvimento da metalurgia, essencialmente o cobre, no Sul e Sudoeste da Península Ibérica ser acompanhada do incremento generalizado da agro-pecuária. E que esta mudança originou a desagregação do comunitarismo agro-pastoril (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:7) e fez-se a transição para formas sociais mais complexas do tipo chefatura. (RENFREW, C. 1973 e 1981).

O ouro e a cassiterite de filão ou de aluvião devem ter constituído a base dos contactos comerciais responsáveis pela acumulação de riqueza patente no espólio da necrópole dos «Moinhos de Vento». Outros dados apontam também uma viragem ideológica em relação aos cultos femininos da fecundidade/fertilidade neocalcolíticos. Referindo-se ao sítio de arte rupestre da «Pedra Letreira» e a vários achados fálicos. No caso da «Pedra Letreira» relaciona a existência de representações de armas, arcos, setas e alabardas ou punhais, com uma clara ligação ao guerreiro, e em que o papel deste se torna o centro do discurso figurativo e representativo deste universo, dando exemplos na Idade do Bronze em França, no «Monte Bégou» (LUMLEY,1981:12-16) e em «Vale Camuno» (ANATI, 1981: 40-42). Relaciona ainda uma figura do painel, seguindo a opinião de (CASTRO NUNES, *et al.*, 1959:25) – que diz poder ser antropomórfica dado ter no seu interior de um rectângulo dois triângulos, um de maiores dimensões com outro de lados curvos encostado ao vértice virado para baixo do primeiro. Este último é verticalmente dividido por uma linha. Relaciona ainda este motivo com algumas figuras representadas em ídolos-placas da fase do apogeu do megalitismo da metade do Sul de Portugal. O triângulo cortado pela flecha representará desta forma uma vulva. Associa desta forma esta

representação com o falo de Sarzedo (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:10) e desta forma com a mineração dado “*o papel do artesão metalurgista que deve velar pela fecundação do minério no forno de que resultará o metal*” (ELIADE, 1977:48).

Sobre os achados de materiais com a forma fálica; quer na própria necrópole, quer em conheiras da região como na área de Sarzedo por Graça Almeida (ALMEIDA, COELHO & DAVEAU, 1980). Segundo o autor estabelece ainda que este tipo de achados tem um valor andriarcal e estão relacionados com a actividade mineira e metalúrgica. (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:8-10). (Sítios n.º 899, 900, 901 e 902, inventário geral fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice 4, n.ºI, pág. 654, 655, 656 e 657).

António Martinho Baptista

O autor desenvolveu desde o final dos anos 70 do século XX, uma intensa análise meritosa sobre a arte rupestre portuguesa, tentando criar modelos que ajudassem a perceber a chegada das várias influências que marcam a arte rupestre portuguesa, separando métodos de gravação, estilos e regiões. As suas análises denotam uma procura constante de paralelos com outros locais da península, explicando desta forma parte do problema. Seguindo esta análise, os sítios arqueológicos de arte rupestre identificados nas áreas dos rios Ceira e Alva, enquadram-se naquilo que se designa por arte rupestre do noroeste. Identificando-se a existência de núcleos distintos: no Alto Minho e Galiza Meridional, Trás-os-Montes e Beira Alta. Podendo-se distinguir alguns grupos com base em observações de ordem técnica, temática e tipológica para além da área geográfica. Desta forma o «grupo I – antigo ou clássico» da classificação de António Martinho Baptista, (BAPTISTA, A.M. 1986: 31-55), o conjunto de gravuras «galaico-atlânticas» com a dispersão litoral, estendendo-se pela região Entre o rio Vouga e a Pontevedra, distinguindo-se principalmente pela predominância de composições geométricas e simbólicas, à base de círculos simples, concêntricos, por vezes com covinhas no interior, constituindo o exemplo clássico. Surgem também quadrados, reticulados, labirintiformes, suásticas, espirais. E de uma forma menos vulgar insculpturas idólicas, antropomorfas, armas e algumas figuras de filiação subnaturalista esquemática quase sempre zoomorfas –

caprideos, ofídeos, equídeos e cervídeos. Os antropomorfos são raros neste grupo e aparecem associados a cenas de caça, equitação e pastoreio, manejando por vezes arcos, espadas e escudos. Signos associados de clara religiosidade e reportando a cenas de carácter económico e social muito provavelmente correspondentes cronologicamente à Idade do Bronze. Pertencendo a este grupo temos os “santuários” de «Monte da Laje» (Valença), «Laje das Fogaças» (Lanhelas, Caminha), e «Bouça do Colado» (Parada-Lindoso, Ponte da Barca), no Alto Minho. As representações de armas como espadas curtas, punhais machados planos, alabardas e escudos, reproduzem exemplares metálicos e que nos indiciam como possível cronologia o Bronze Inicial. Na área do Vouga os “santuários” do «Outeiro dos Riscos» (Vale de Cambra) e a «Pedra Escrita de Serrazes» (S. Pedro do Sul).

O «Grupo II», com a localização difusa no Noroeste e com dispersão mais interior, caracteriza-se pela grande quantidade de representações de figuras humanas de forma esquemática e pela grande variedade de motivos geométricos, quase sempre em composições, anárquicas, como: as dos “santuários” de «Outeiro Machado» (Chaves), do «Gião» (Arcos de Valdevez) e «Tripé» (Chaves), «Pedra Riscada» (Góis-Coimbra - área do rio Ceira) e o núcleo da região de Viseu. Alguns dos motivos destes sítios como sejam os de Chaves poderão revelar uma possível penetração meridional, muito provavelmente da pintura esquemática.

A existência de um terceiro grupo, é também defendido, baseando-se em critérios técnicos, temáticos, onde surge como processo de desenho a incisão fina sobre suportes de xisto, contrastando com a picotagem utilizada nos outros grupos sobre afloramentos graníticos. A representação de armas é comum no caso dos sítios do «Vale da Casa» (Vila Nova de Foz Côa), «Pedra de Redevides» (Alfândega da Fé), «Molelinhos» (Tondela-Coimbra) e «Pedra Letreira» (Góis-Coimbra), espalhando-se por Trás-os-Montes e Beira.

É neste cenário que surge a arte rupestre dos rios Ceira e Alva, e seus afluentes, não se compreendendo as referidas classificações, no que diz respeito aos sítios da «Pedra Letreira» e o «Complexo da Pedra Riscada», onde segundo o autor insere os referidos

locais que se enquadram na mesma área geográfica em dois grupos distintos, baseando-se apenas em critérios de técnica de gravação.

João Caninas.

Em 2002 e 2003 realiza vários estudos na região centro de Portugal de prospecção arqueológica no âmbito de um projecto eólico intitulado por: “Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior”, que abrangia administrativamente os concelhos de Oleiros/Sertã: Serra do Cabeço Rainha/Alvélos, Serra da Povoinha, Serra das Mougueiras e Serra do Carujo a uma altitude média superior aos 850 m, onde foram detectados alguns monumentos funerários do tipo mamoa, «*tumuli*» construídos em terra e pedra. Foram também detectados 7 lajes gravadas com arte rupestre, predominando a presença de círculos, podomorfos e alguns traços filiformes. Os autores referem a possibilidade da presença humana antiga em regiões montanhosas acima dos 900 m de altitude, justificando-a não apenas como marcações de território, no caso da arte rupestre, mas uma presença efectiva, materializada com sepulturas e provavelmente com locais de habitat ainda não detectados ou já destruídos. (CANINAS, J.C. *et ali* 2004:19) Refere-se a uma “*colonização pré-histórica das terras altas*” fenómeno que também terá ocorrido não só no Zêzere mas também na Serra da Lousã, dando exemplos os vestígios de rochas gravadas e mamoas na área da Aigra em Góis. (CANINAS, J.C. *et ali* 2004:19). Por último propõe a existência de rotas pré-históricas associadas à arte rupestre e que nalguns casos estas mesmas terão tido uma utilização pelo menos até à época romana, com corredores naturais com base na orografia da região centro de Portugal, ligando desta forma o Norte ao Sul através da Serra da Estrela/Gardunha, ao Tejo, e deste ao litoral através do seu estuário, assumindo também uma possível relação com as rotas ancestrais da transumância. (CANINAS, J.C. *et ali* 2004:19)

Outros autores referem-se ainda aos achados de artefactos líticos como machados e de farinação, nomeadamente uma dormente de mó manual numa encosta Norte da Serra da Estrela a 1430 m de altitude o que é justificável pelo aproveitamento das pastagens, nascidas na sequência das queimadas que se encontram registadas nos registos polínicos da Serra da Estrela. (CARDOSO & GONZÁLEZ, 2002:242).

Maria João Jacinto.

Em 2002 realizou-se um estudo de Impacte Ambiental «*Parques Eólicos da Beira Interior*» cujo promotor foi a EDP pelas empresas ERA – Arqueologia S.A. e empresa AgriPro Ambiente S.A. Este projecto eólico era constituído pelos «Parques Eólicos das Balocas», e «Serra da Cebola», das «Pedras Lavradas», do «Castelo» e «Souto» e «Barroca Grande». Nestes estudos foram detectados um conjunto de lajes gravadas e preparados um conjunto de medidas mitigadoras sobre este património e realizada uma primeira abordagem cronológica e estilística. Destacaram os motivos presentes e as técnicas observadas comparando-as com as gravuras do complexo da «Arte do Vale do Tejo» e algumas semelhanças com a «Arte do Vale do Guadiana». Enquadrando este conjunto observado naquilo que consideraram ser a existência de duas fases distintas: I – Neo-Calcolítico/Idade do Bronze dando exemplos: os círculos concêntricos e os reticulados observados. Existindo uma segunda fase que se prolonga até à Idade Contemporânea, dando exemplo: os podomorfos e antropomorfos. (JACINTO M.J. 2006: 84)

## **Estado actual de conhecimentos para a região: trabalhos arqueológicos e resultados**

No concelho de Arganil, após os trabalhos de prospecção, inventariação e valorização realizados por Senna Martinez entre os anos de 1980 a 1988 no âmbito do «Projecto de estudo arqueológico da região de Arganil e Concelhos limítrofes» efectuando trabalhos arqueológicos no sítio da «Lomba do Canho», habitat da Idade do Ferro e acampamento militar de época romana, e nos monumentos funerários do tipo mamoa denominados por «Moinhos de Vento»; é apresentado em 2001, ao PNTA «Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do IPA» – um projecto de «*Levantamento arqueológico do Concelho de Arganil*», através das arqueólogas, Joana Gomes Miranda Garcia e Maria Manuela Vaz Pinto da Cruz, realizando sobretudo trabalhos de relocalização de sítios já anteriormente referenciados, sobretudo de época romana e associados à mineração. Não identificam sítios de arte rupestre; localizam cerca de 23 sítios arqueológicos.

Em 1998 e 1999 o autor desta tese efectua várias comunicações ao então IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) e IPA (Instituto Português de Arqueologia), data das primeiras descobertas de arte rupestre na área de Vide e na Pampilhosa da Serra, nomeadamente sítios de arte rupestre das «Ferraduras» (sítio n.º152 - inventário geral – TOMO V - Apêndice 6, n.ºI pág. 1411 a 1414), «Entre-Águas» (sítio n.º188 do inventário geral – TOMO V - Apêndice 6, n.ºI pág. 1530 a 1533), ou também designada por «Carvalhinho» e na Serra da Cebola. Sendo nesta fase contactado o arqueólogo Martinho Baptista que liderava nesta altura o CNART (Centro Nacional de Arte Rupestre). Na sequência destes contactos o CNART efectua os primeiros quatro levantamentos, em Vide em 2002 com o apoio da Câmara Municipal de Seia.

Em 2006 o CNART celebra um acordo com a Câmara Municipal de Arganil, visando a realização de um pequeno centro de interpretação de arte rupestre na Freguesia do Piódão, na aldeia de Chãs de Égua. Este centro de interpretação foi formalmente inaugurado em 2007. É neste âmbito que o investigador realiza cerca de 25 levantamentos de arte rupestre e que estiveram expostos na sala museu desta unidade cultural e fechada na Primavera de 2012.

Em Maio de 2009, apresenta um resumo do trabalho efectuado nas Freguesias de Vide e na Freguesia do Piódão em Arganil no congresso «*Desde as Origens: A Pré-História do Tejo Interior*» em Romangordo Cáceres. Neste artigo Martinho Baptista defende a existência básica de dois grandes períodos de gravação, um anterior à Idade do Bronze, enquadrado naquilo que designa por “*ciclo artístico próprio da Beira Alta*” (BAPTISTA, A.M., SANTOS, A.T. 2011:161) e outra fase a partir deste período, onde a riqueza mineral, sobretudo de estanho da região terá tido um importante papel neste quadro. A existência de rotas vindas do Tejo, e o controle destas explicam assim também o fenómeno.

Aponta como datas prováveis para o início do fenómeno da ocupação humana da da região a Iª metade do IV milénio, com base na arquitectura funerária. Compara os monumentos da região com os monumentos da «Beira Alta» (CRUZ *et al.* 1998) e (VILAÇA *et al.* 2000).

Relaciona os sítios de arte rupestre com os achados metálicos de bronze recolhidos na Serra do Açor, na Moura da Serra (CASTRO NUNES, J., 1957) e com outros achados como o ídolo encontrado na Aldeia das «Relvas» em Arganil (CASTRO NUNES, J., 1956).

Neste artigo divide os sítios de arte rupestre de acordo com as suas localizações em dois tipos: os sítios com baixa altitude próximos dos curso de água, da Ribeira do Piódão e do rio Alvôco. O segundo tipo de localizações, situam-se a grandes altitudes em cumeadas. Descreve de seguida o sítio dos «Carvalinhos» e os métodos de gravação utilizados nesta laje gravada: incisão, abrasão e martelagem. Relaciona alguns dos motivos iconográficos presentes, nomeadamente os círculos e covinhas com a arte Atlântica (BAPTISTA, A.M.1983). Compara também algumas gravuras com o sítio do «Escoural» (GOMES, R.V. *et al.* 1983; GOMES, M.V. *et al.*1994); com a arte megalítica (TWOHIG, E.S.1981: 29); com a arte esquemática pintada (ACOSTA, P.1968: 119-121); com a arte do Vale do Tejo (BAPTISTA, A.M. *et al.* 1978) e Guadiana (BAPTISTA, A.M.2002). Todas estas manifestações datam entre os IV e III milénio a.C..

Analisa também uma laje em «Fontes de Cide» (sítio n.º168 do inventário geral – TOMO V - Apêndice 6, n.º I, pág. 1467 a 1470, descrevendo-a e assinalando os métodos



de gravação como martelagem e abrasão e os motivos nela presentes, como podomorfos, círculos, covinhas e antropomorfos associados a armas. Identifica quatro fases de gravação: a primeira fase deverá ser prévia, aos podomorfos, a segunda contemporânea dos podomorfos, a terceira representada por duas cruzes, e a quarta representada por várias marcas marteladas. Faz igualmente uma análise sobre os podomorfos, sua dispersão na fachada atlântica (Portugal e Galiza) e Meseta, variando a sua cronologia, desde o Bronze Final até ao século XX. Por último identifica assim um período pré gravação dos podomorfos que deverá datar do III milénio a.C. Relaciona alguns destes motivos com a arte esquemática pintada, nomeadamente antropomorfos, uma figura oval dividida em dois. Compara ainda uma figura cruciforme com um “tectiforme curvo” descrito por BÉCARES PÉREZ, J. (1983: 143, 146-148).

Prossegue com a análise do sítio da «Abelheira» (sítio n.º155 do inventário geral – TOMO V - Apêndice 6, n.º I pág. 1423 a 1427), localizado a meia encosta, nas proximidades de Vide, dominando a Ribeira do Alvôco, descreve, o método de gravação: martelagem seguida de abrasão e a tipologia de gravuras existentes como antropomorfos, alguns associados a armas e escudos, e em posição de braços abertos, posição de orantes, com e sem mãos/ dedos e falos. Assinala a existência de uma suástica, covinhas e outras gravuras. Assinala que o painel tem paralelos com a arte esquemática (ACOSTA, P. 1968) e com a «Arte do Vale do Tejo», Guadiana, outros sítios das «Beiras» como o sítio do «Fial». Defende uma cronologia entre os IV e III milénio a.C., existindo ainda um último período do ciclo artístico, correspondendo à existência de uma suástica. (ANATI, E. 1968: 113-121).

Efectua de seguida a análise do sítio das «Ferraduras», descreve-a pela existência de círculos, antropomorfos esquemáticos, covinhas, outros motivos abstractos. Defende a existência de três fases de gravação, sendo a última representada por uma estrela de cinco pontas e algumas linhas. Correspondendo as gravuras mais antigas ao IV e III milénio a.C. Defende a cronologia da Idade do Bronze para este sítio.

Encontra paralelos em vários sítios da Beira Alta – «Valeira Ferradura», em Trás-os-Montes - Fragão, na Meseta – Vilvestre e Galiza e com a arte esquemática pintada do Sul da península ibérica.

Nas lajes gravadas situadas em cotas superiores, analisa duas áreas com gravuras apenas no concelho de Arganil, numa encosta dominando a ribeira de Égua, afluente da ribeira do Piódão, assinala apenas algumas das lajes existentes nessa encosta e apenas do lado da freguesia do Piódão, note-se que esta encosta suave situa-se numa antiga via natural de acesso ao Açor e divide fisicamente as freguesias do Piódão e Vide (Distrito de Coimbra com o Distrito da Guarda). Refira-se ainda que do lado da freguesia de Vide existem dezenas de outras lajes gravadas que ainda não foram inventariadas pela arqueologia.

Assim Martinho Baptista descreve a área da «Encosta das Pedras Negras»<sup>5</sup>, sinalizando a existência de 35 lajes gravadas em xisto, quase sempre pequenas lajes; dominando a temática das espirais e em menor número, símbolos geométricos, cabaças (figuras ovaladas estranguladas a meio), cruciformes, figuras antropomórficas e gravações modernas e contemporâneas. Predominando a técnica de gravação através da martelagem.

Refere-se de seguida à área de «Fraga do Colado», ou também designado pelo topónimo cartográfico «Outeiro dos Bardos» (sítios n.º252, 253 e 254, inventário geral – TOMO VI - Apêndice 6, n.ºII pág. 1751 a 1758), onde foram encontradas, mais cinco rochas gravadas, mantendo-se o reportório temático anterior. Salienta que algumas gravuras por exemplo as espirais poderão remontar ao Neolítico, contudo também poderão ser de épocas muito mais recentes, dado que estão associadas a antropomorfos e “cabaças” em muitos casos.

Ainda nas proximidades do grupo anterior numa ribeira afluente da Ribeira de Égua, sinaliza outra laje gravada, através da martelagem. «Vale Covo»; descreve-a, como: existindo nela espirais, “cabaças”, símbolos geométricos, podomorfos e antropomorfos com corpo rectangular e cabeças circulares, nalguns casos representando falos, existindo diferentes tipos de naturalismo e esquematismo. Descreve de seguida o sítio «lajeira dos Frexieiros» (sítio n.º241 - inventário geral – TOMO VI - Apêndice 6, N.ºII pág. 1715), como sendo um bloco com vários lados gravados, situa-se a meia encosta na margem esquerda da Ribeira da Égua. Assinala uma espiral de grandes dimensões, associada a um

---

<sup>5</sup> Área não inventariada no presente trabalho de investigação, dadas as limitações de recursos e pelo facto de sabermos que o CNART estaria a realizar trabalhos nesta área. Evitámos assim uma sobreposição de levantamentos arqueológicos e conflitos de ordem deontológica.

animal, provavelmente um cavalo. Num dos lados gravados surge também um podomofo isolado; na parte mais alta do bloco, uma covinha, círculos gravados e noutra face outras gravuras geométricas, cruciformes e números.

Já na Serra do Açor descreve mais uma área: «Xorxo» onde descreve duas lajes gravadas pertencentes a um mesmo afloramento de xisto, em mau estado de conservação. Este local já se encontra na bacia hidrográfica do rio Ceira, através da ribeira do Tojo. Encontram-se gravadas figuras antropomórficas, podomorfos, círculos, outras figuras geométricas, covinhas, desenhos recentes como cruciformes e rosários. Gravados através do processo de martelagem. As representações humanas variam de tamanho, entre os 1,20 e os 1,60 m, encontrando-se algumas dentro de círculos. Alguns destes antropomorfos apresentam dedos e aparentemente capacetes com uma cruz no topo.

Por último descreve mais uma área, também ela, situada a uma cota superior, «Alto das Cargas Atrás» (sítios n.º239, 244, 247 - inventário geral – TOMO VI - Apêndice 6-n.ºII pág. 1709 a 1711, 1728 a 1730 e 1737 a 1739), próxima de várias ribeiras que correm para as nascentes do rio Ceira. Próximo desta área foi detectado um monumento funerário da Idade do Bronze Final. Nesta área foram estudadas três lajes gravadas, correspondendo a painéis planos de xisto, estando representados podomorfos, linhas grossas, figuras serpentiformes, covinhas, etc. O método de gravação utilizado foi a martelagem, existindo também a incisão nalgumas linhas.

Na opinião de Martinho Baptista, algumas das gravuras da «Encosta da Pedra Negra», «Fraga do Colado» e «Lajeira do Freixieiro» poderão ter sido realizadas num período mais antigo, talvez no III ou II milénio a.C.

Compara a região com o «Vale do Tejo» onde as espirais terão sido gravadas desde um período pré-megalítico, até ao fim do ciclo artístico do «Vale do Tejo». Por outro lado as espirais podem estar correlacionadas com o «Período Atlântico». Poderão ser assim entre os III e o II milénio a.C. (BAPTISTA, A.M., 2011:171).

Salienta que os motivos serpentiformes estão bem representados na arte megalítica (BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R.1995:367-381), contudo aparecem neste contexto associados a podomorfos o que indiciam cronologias mais recentes, relaciona um destes sítios de arte rupestre com serpentiformes «Alto das Cargas Atrás»,

com um monumento funerário situado nas proximidades. Analisa de seguida os motivos antropomórficos existentes em algumas lajes do sítio «Xorxo 1» e «Xorxo 2», relacionando-os estilisticamente com um antropomorfo gravado em Pombal «Vale do Poio» – Pombal (AUBRY, T., MOURA, M. H., 1990:15-18), situado a Sul da bacia hidrográfica do rio Ceira; e outros locais como «Penedo do Matrimónio» em Vilar de Perdizes, no Norte de Portugal ou no centro de Espanha «Peña Escrita» em Guadalajara. Apresenta assim uma cronologia bastante lata, entre a Idade do Bronze Final e a Idade Média.

Analisa ainda a problemática do símbolo semelhante a cabaças, que aparecem em algumas lajes gravadas e a possibilidade de se tratar a representação de um ídolo, comparado-o com o ídolo das «Relvas», encontrado em Teixeira em Arganil, no «Alto Ceira» (Ver sítio 904 - inventário geral fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice n.º4, n.ºI, pág. 659).

Salienta assim a dificuldade de datar estas gravuras, dando como exemplo as espirais.

Identifica assim dois tipos de lajes gravadas com base na iconografia:

- Em altitude. Defende um a dois períodos de gravação, mais recentes em relação às áreas com cotas menos elevadas.
- E em áreas com cotas menos elevadas. Defende a existência nalguns casos de uma primeira fase entre o IV e o III milénio incluído. Uma segunda fase do fim III milénio e o II milénio. Salienta ainda que as espirais da Beira Alta, deverão ter uma relação com o período da Idade do Bronze Atlântico. Contudo, é possível que ainda estejam relacionadas com o fenómeno da «Arte rupestre do Vale do Tejo».

Comum a estas duas tipologias de sítios, aparecem de seguida cronologicamente os motivos do tipo podomorfo.

Relaciona ainda a existência de possíveis relações desta arte Pós-Paleolítica da Beira Alta com a arte esquemática do Sul da Península. Levanta assim a hipótese de comunicações entre esta região e a Meseta através das cumeadas que a ligam à Serra da Estrela, salientando a existência de arte pintada esquemática na Beira Alta (Figueira de Castelo Rodrigo) por exemplo, sendo provavelmente a prova desses contactos.

Justifica também a riqueza arqueológica de sítios de arte rupestre desta área com a actividade de exploração metalúrgica do cobre e estanho, e sobretudo do controlo de rotas durante a Idade do Bronze.

Em Góis, Oliveira do Hospital, Miranda do Corvo e Lousã, entre o ano de 2000 e 2011 não se realizam trabalhos arqueológicos de investigação para a pré-história e proto-história pluri-anuais, excepto os trabalhos enquadráveis neste trabalho de investigação. Realizam-se contudo, trabalhos de prospecção enquadráveis em projectos de salvaguarda e estudos de impacte ambientais, para estradas e parques eólicos. É neste cenário que se descobrem vários montículos artificiais do tipo mamoa em áreas da Serra da Lousã, nos Concelhos de Miranda do Corvo e Góis, quase sempre muito destruídos pelos estradões abertos nos últimos anos. (CANINAS, J.C. *et ali* 2004:19).

Em 2004 é publicado sobre a Lousã um contributo para a “*Carta Arqueológica*” deste concelho, pelas investigadoras, Rosa Maria Caldeira Amado e Luísa Cortesão Portela (AMADO, R. M.C., PORTELA, L.C.1987), cujo relatório de prospecções foi efectuado em 1987. Neste pequeno catálogo encontram-se sobretudo informações sobre ocupações romanas, nomeadamente de explorações romanas de ouro nos terraços fluviais do rio Ceira, na Freguesia de Ermio.

Em 2008 no âmbito da expansão do «Projecto Eólico das Beiras, - *Estudo de Impacte Ambiental: «Parques Eólicos das Pedras Lavradas II, Balocas e Senhora das Necessidades»* – Março de 2008, promovido pela empresa EDP Renováveis, realizam-se estudos de prospecção arqueológica em novas áreas dos concelhos de Arganil, Oliveira do Hospital e Seia, pelo arqueólogo Vítor Manuel da Silva Dias, tendo detectado mais alguns

sítios arqueológicos, de arte rupestre, estruturas funerárias e um possível povoado no Colcorinho (Oliveira do Hospital/Arganil) e várias estruturas etno/arqueológicas como vias antigas e estruturas ligadas à transumância, (ver inventário geral fichas de sítios arqueológicos, TOMO II - Apêndice 4, sítios: 865, 1293 a 1301, pág. 634, 846 a 851).

No concelho da Pampilhosa da Serra, após os trabalhos de inventariação realizados no âmbito da «*Carta Arqueológica da Pampilhosa da Serra*» (BATATA, C., GASPAR, F.1994) onde estranhamente não foram identificadas estruturas funerárias do tipo mamoa e nenhum sítio de arte rupestre; é publicado pelos mesmos autores, em 2011, uma nova carta arqueológica onde são divulgadas pelo autor um grande conjunto de sítios arqueológicos, sobretudo do tipo mamoa, cerca de 141 em todo o concelho e cerca de 150 sítios de arte rupestre. Em relação aos monumentos funerários tidos como mamoa, achamos que terão que ser confirmados através de novos estudos de pormenor como escavações arqueológicas, dado que um simples amontoado de pedras de uma estrutura de apoio à transumância abandonada há muitos séculos e coberto por vegetação e sedimentos, poderá ser facilmente confundido com uma pequena mamoa. É contudo, estranho nesse trabalho não ser referido praticamente as inúmeras estruturas etno-arqueológicas que existem nesse mesmo espaço. Achamos que será mais prudente enquanto não se escavar muitos destes sítios designar-se a maioria destes testemunhos apenas como estruturas antigas. Seja como for, dos 141 monumentos tidos como mamoa, segundo os autores acima referidos, acreditamos que a maioria possam ser de facto estruturas funerárias; mas de vários períodos de ocupação do território coincidentes com o fenómeno da transumância que certamente remontará provavelmente desde o Neolítico até ao presente.

Refira-se também que cerca de metade destes sítios de arte rupestre, estão referenciados pelo signatário desta tese já em data anterior.<sup>6</sup> Em resumo, segundo Carlos Batata e F. Gaspar, numa parte da área abrangida por esta tese de doutoramento, foram assim identificados e referenciados, na parte Norte do concelho da Pampilhosa da Serra, nomeadamente nas freguesias de: Fajão: 9 mamoa, 10 minas ou áreas mineiras e 1 povoado; na freguesia do Pessegueiro: 11 mamoa, e 3 minas ou áreas mineiras; na

---

<sup>6</sup> No âmbito de prospecções arqueológicas, realizadas para esta tese e do projecto de investigação P.N.T.A. de 2001 e dos projectos eólicos: “Serra da Cebola, Serra do Açor I e Serra do Açor II, Vale Grande Burrela, Toita, Arouca e Silva, através dos respectivos relatórios entregues ao Ministério da Cultura de Portugal.

freguesia da Pampilhosa da Serra: 27 mamoadas, um povoado, nove minas ou áreas mineiras; na freguesia do Cabril: um sítio de arte rupestre, três minas ou áreas mineiras e 21 mamoadas; na freguesia do Vidual: seis sítios de arte rupestre, quatro mamoadas e duas minas ou áreas mineiras; e na freguesia de Unhais-o-Velho: 131 lajes de arte rupestre, 24 mamoadas, uma mina ou área mineira, um povoado e dois achados isolados.

Para além do inventário, relacionam os monumentos funerários com a maioria dos sítios de arte rupestre e com rotas pré-históricas. Cronologicamente acreditam que estão face a um fenómeno com uma cronologia de base Neolítica e Calcolítica. Relacionam as nascentes com a arte rupestre, “*O núcleo de gravuras efectuadas em volta das fontes, tais vitais à vida dos seres humanos e dos animais que pastoreavam. Presumimos, por isso, que fossem comunidades pastoris.*”(BATATA, C., GASPAR, F. 2009a:20) e (BATATA, C., GASPAR, F. 2009b)

Refere ainda que se conhece no concelho apenas dois povoados com materiais arqueológicos de cronologia Neo-Calcolíticos (Penedos de Fajão e Cabeço Redondo) e que têm poucas mamoadas e sítios de arte rupestre próximas. Reconhecem que existem muitas lacunas de conhecimento sobre estes testemunhos.

Refira-se por último que na freguesia de Unhais-o-Velho foram detectadas quase 90% de toda a arte rupestre existente no concelho da Pampilhosa da Serra, em três pequenas concentrações: Chiqueiro, Meãs/Silva e Bregada e que se situam precisamente numa das rotas detectadas neste trabalho.

## **Enumeração dos resultados dos trabalhos arqueológicos na região que encontramos quando do início do plano de investigação para esta tese**

Aos trabalhos desenvolvidos pelo investigador Castro Nunes, numa primeira fase nos anos 50 do século XX, seguidos pelos trabalhos de João de Senna Martinez e sua equipa, já descritos anteriormente, sucedem-se outros trabalhos quase sempre de forma pontual, assim:

### A. Martins

Em 1992, no âmbito de um trabalho académico (MARTINS, A.A.C.: 1992) no âmbito de um estágio de fim de curso, realizado na «Escola Superior Agrária de Coimbra», realiza uma prospeção arqueológica, na Serra do Açor, área da Mata da Margaraça num local designado por «Barroca do Vale / Carcavão». Em resultado deste trabalho descobre uma laje gravada com uma gravura a que o autor atribui a cronologia do Bronze Final. Não foi possível confirmar a sua existência.

### António A. da Cunha Marques.

No âmbito de um trabalho de inventariação solicitado pelo então «Serviço Nacional de Parques, Reservas, Conservação da Natureza de Coimbra», (MARQUES, A.A.C.1992:1-65) realiza-se uma «*Carta Arqueológica da Serra do Açor, Mata da Margaraça, Ribeira da Mata*», neste trabalho de prospeção arqueológica o autor inventaria 11 sítios arqueológicos: vários elementos de época romana: como uma inscrição, áreas mineiras, sítios romanos, vias antigas, a notícia de um tesouro em ouro na freguesia de Cerdeira; um muro pré-histórico em Coja associado a uma mó – dormente; um sítio de arte rupestre muito danificado no «Valeiro», freguesia de Benfeita. Não foi possível verificar a existência do local.



Paula Teresa das Neves Dias

Realiza uma primeira tentativa de inventário de sítios arqueológicos para o concelho da Pampilhosa da Serra, (DIAS, P.T.N.:1985) intitulada: «*Subsídios para o levantamento arqueológico do Concelho da Pampilhosa da Serra*», no âmbito de um trabalho apresentado na cadeira de técnicas de investigação arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inventaria sobretudo minas, áreas mineiras, uma cista destruída na área denominada por: «Forno dos Mouros» nas Portas do Souto na freguesia de Dornelas do Zêzere, onde foi encontrada uma peça de ourivesaria constituída por espirais em ouro. Descobre ainda dois povoados pré-históricos denominados por «Penedos de Fajão» (freguesia de Fajão) e «Cabeço Murado» (freguesia de Portela do Fojo). Não identifica nenhum sítio de arte rupestre nem nenhum monumento do tipo «mamoas».

Carlos Batata

Realiza em 1993 (BATATA, C., GASPAR, F.1994) publicando um inventário arqueológico no concelho da Pampilhosa da Serra, denominado: «*Levantamento Arqueológico do Concelho da Pampilhosa da Serra*». Faz uma actualização dos sítios arqueológicos conhecidos por Paula Dias (DIAS, P.T.N.:1985), descobre mais algumas minas e áreas mineiras, não detecta nenhum sítio de arte rupestre, nem nenhuma estrutura do tipo mamoas.

Paulo Ramalho.

Este investigador com formação em antropologia desenvolveu um trabalho meritório, de recolha de lendas e tradições no âmbito da criação de um pequeno museu etnográfico da Vila de Arganil nos finais dos anos 90. Em 1998 foi alertado por um botânico Doutor Paulo Silveira que no âmbito da sua tese de doutoramento visitou uma parte da Serra da Cebola tendo observado uma laje com arte rupestre (sítio n.º 82 inventário geral – TOMO IV - Apêndice V, n.ºIII, pág. 1188). Ainda em 1998, após uma visita ao Museu Municipal de Arganil, a APIA<sup>7</sup> através deste contacto visitou o primeiro sítio de arte rupestre da Serra da Cebola, tendo-se realizado um primeiro levantamento através de decalque directo e formalizou-se um pedido de classificação ao IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico.

---

<sup>7</sup> Esta visita da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica – APIA constituída pelos arqueólogos: Nuno Ribeiro, Jorge Ferreira e operário de arqueologia Nuno Santos, foi efectuada em Janeiro de 1999.

Em Abril de 2002, este investigador retoma o seu interesse pelo património etnográfico e arqueológico da região ao desenvolver a criação do núcleo etnográfico do Piódão para a Câmara Municipal de Arganil. Em resultado deste trabalho publica um conjunto de dezassete artigos no Jornal “*A Comarca de Arganil*”, a partir de 15 de Julho de 2003. Nestes artigos descreve algumas lajes gravadas de um conjunto de cerca de vinte e seis, situadas na área da ribeira do Piódão e na Serra do Açor.<sup>8</sup>

Nestes artigos descreve a relação destes sítios com a sua área envolvente, propondo que as suas localizações não foram obra do acaso, e relaciona as orientações das lajes com as montanhas, vias antigas e cursos de água, “*Os rios e montanhas eram, assim, eixos mundi que, em diálogo com os petroglifos, organizavam o espaço em termos psíquicos e físicos.*” (RAMALHO, P.: 2003a:7). Põe a hipótese da localização destas lajes terem um significado territorial, como marcadores fronteiros, enquanto que outras rochas aparecem nas proximidades de afloramentos metalíferos ou de jazigos de estanho. Relaciona algumas destas lajes com um possível povoado proto-histórico que teria existido numa encosta de Chãs de Égua. Propõe que cada laje sinalizava um lugar ou uma passagem, enunciando hierofanias, narrando factos míticos...

Um dos sítios de arte rupestre descritos «Laje dos Freixieiros», sítio n.º 241 do inventário geral (TOMO VI – Apêndice N.º6, n.º II, pág. 1715 a 1720), caracteriza-o como “*um pergaminho mineral, ou uma pele de pedra – algo, em todo o caso, que releve de uma natureza viva e divina, uma hierofania de carácter telúrico-animista.*” (RAMALHO, P.: 2003b:7) Descreve ainda o zoomorfo como um possível equídeo, identifica um podomorfo, uma espiral e dois tridentes. Descreve o método de gravação como picotagem indirecta, provavelmente de metal. No método de levantamento utilizado descreve que escavou, pintou com aguarelas as lajes para que as gravuras sobressaíssem para a fotografia, refere que arrancou líquenes e que usou escovas de piaçabá...

---

<sup>8</sup> Esta investigação decorreu com o apoio da autarquia de Arganil, sem que tivesse existido um pedido de autorização às entidades competentes. Refira-se que em 2003 ao ler o segundo artigo no jornal na “Comarca de Arganil”, informei directamente a extensão do Instituto Português de Arqueologia, através da Dra. Helena Moura, à qual informei que se estava a realizar um projecto de investigação nesta região um P.N.T.A. de 2003 e um doutoramento sobre o mesmo tema. Em sequência desta reclamação realizou-se uma reunião em Lisboa entre o signatário desta tese e o Director do Instituto Português de Arqueologia em 2003. Nesta reunião ficou acordado que o resultado científico deste trabalho de inventariação na freguesia do Piódão, seria partilhado. Facto que infelizmente nunca aconteceu. Em consequência no mesmo espaço geográfico criaram-se dois Centros de Interpretação de Arte Rupestre, um em Vide (Seia), outro em Chãs de Égua (Arganil), o primeiro encontra-se ainda aberto, recebendo visitas com marcação e desenvolvendo trabalhos de investigação. O segundo encontra-se fechado ao fim de 3 anos. Como resultado alguns dos locais descritos por Paulo Ramalho não se encontram nesta base de dados regional que se encontra subjacente a esta tese de doutoramento.

Descreve ainda a existência de vários sítios com lajes gravadas, com o auxílio de fotografia, nomeadamente: «Lajeira das Sapateiras», onde estão representados sobretudo podomorfos, covinhas, um báculo, um serpentiforme dois sinais em forma de seta. O método de gravação terá sido por martelagem indirecta com um objecto metálico, enquanto que as covinhas foram gravadas por percussão numa primeira fase seguida por abrasão. (RAMALHO, P.: 2003c:7). A rocha sete da sua análise corresponde ao sítio da «Rocha do Vale Covo», situado num ribeiro designado por «Vale Covo», neste local encontram-se gravados, uma cabaça, quatro formas ovaloides seccionadas, um protolabirinto, seis antropomorfos masculinos, algumas morfologias circulares, uma linha ondulada, um cruciforme, várias manchas de pontos martelados e uma espiral. O método de gravação terá sido também a martelagem indirecta com incisores metálicos.

Relaciona algumas necrópoles (sítios n.º 973 - inventário geral fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice 4, n.ºII pág. 687) na área da Serra do Açor com os sítios de arte rupestre, e refere que os sítios da «Pedra Letreira e Pedra Riscada» situados em Góis (NUNES, J. C: 1974) *“não apresentam qualquer afinidade técnica ou estilística com as gravuras do Piódão”*, (RAMALHO, P.: 2003e: 7), afirmando que os gravados de Góis são insculpidos por abrasão enquanto que as gravuras da área da Serra do Açor são gravadas por martelagem indirecta. Opinião com a qual não podemos concordar, dado que o método da gravação através da martelagem se encontra bem presente nas lajes da área da «Pedra Riscada» e mesmo na laje da «Pedra Letreira» encontra-se em pelo menos numa gravura martelada de uma covinha seguida de abrasão.

Salienta ainda a existência de lajes gravadas: na área do Sardal, Freguesia da Benfeita em Arganil; uma em Vide numa das vertentes do rio Alvouco; uma no Pico da Cebola; na área do Sobral Gordo registou referências orais a duas lajes gravadas denominadas por: «Penedo da Serpente» e a «Penedo do Altar».

Faz referência aos artefactos e tesouros encontrados na região e a possibilidade de alguns destes estarem associados a depósitos de fundidores ou a santuários aquáticos. Relaciona ainda a escultura da aldeia das «Relvas» como um ídolo antropomórfico feminino, com algumas representações de arte rupestre, por causa da sua forma em cabaça, e a povoados proto-históricos do Calcolítico ou da Idade do Ferro, na aldeia de Benfeita, Colcorinho, a Norte de Torrozelas, sobre a margem esquerda do rio Cobral; na Freguesia de Cepos, e em vários locais sobranceiros ao rio Ceira; na área próxima da povoação de Torno, com a designação «Casas de Piódam» e na área de «Chãs de Égua». Põe a hipótese

de na aldeia de Chãs de Égua ter sido a “cabeça” de um grande território. Relaciona a actual «Estrada Real», com uma possível rota terrestre que controlava a exploração do estanho da região. Por último analisa duas necrópoles a que atribui as cronologias de Calcolítico e Idade do Bronze, situada a primeira na área das Portas de Égua, constituídas por quatro a cinco estruturas tumulares do tipo mamoa e de um outro monumento situado numa cumeada a dominar visualmente a aldeia de Malhada Chã. (RAMALHO, P.: 2003f: 7) Estabelece paralelismos entre a necrópole de «Moinhos de Vento» do Calcolítico Final nas Secarias em Arganil com as mamoas referidas anteriormente. Referindo que progressivamente se vai substituindo as sepulturas colectivas por sepulturas individuais, à volta de um monumento mais antigo.

A segunda área denominada por «Aguaceiras» situa-se nas proximidades das nascentes do rio Ceira, e caracterizam-se pela existência de um conjunto de quinze cistas individuais, de inumação, desprovidas de *tumuli*, dispostas em anfiteatro, sobranceira ao rio. Tendo cerca de um metro de comprimentos, com planta rectangular. Segundo o autor de cronologia anterior às de «Portas de Égua». (RAMALHO, P.: 2003g: 7)

Aborda a questão da importância da mineração, afirmando a existência de algarés por toda a região, e às várias concheiras existentes ao longo das margens do Alva e Ceira. Relaciona estes achados com a exploração de cassiterite de filão ou de aluvião, da exploração e comercialização do ouro. Regista ainda as principais explorações de estanho desta área nos locais em torno de Chãs de Égua: Arrifes, Casarias, Mosqueiro, Teixeira e a Mina do «Fonte do Atalho» na Serra do Açor.

Segundo o autor esta exploração mineira teve continuidade até à época Romana. Relaciona a existência da «Estrada Real» com antigas rotas pré-histórica que ligariam a Beira-Alta à Beira Baixa e com os vários artefactos de metal, possivelmente relacionados com tesouros de fundidor, constituídos por vezes com sucata de fundidor que seria posteriormente refundido. A este propósito, salienta a existência deste tipo de depósitos nas áreas onde passava esta via, nomeadamente na Moura da Serra e no Paul. Esta via ligaria a Beira Alta à estremadura através do Zêzere. (RAMALHO, P.: 2003g: 7).

## **Capítulo 2**

### **Considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**

## **Pensamento Complexo, Dialéctica, Caos e singularidade**

### ***Pensamento complexo (animismo, magia e totemismo)***

Nas religiões primitivas a consciência religiosa foi evoluindo num sentido crescente de complexidade. Por exemplo partindo da intuição primitiva em que o mundo era constituído por um todo, como um “(...) *conjunto vivo, de que as inúmeras realidades singulares – coisas, situações, eventos e, obviamente, também os homens – são precisamente participantes, e são-no enquanto congregados numa consciência solidária com a animação e o movimento. Todo o mundo é «alma» = «hálito», «sopro de vida», mobilidade e fluidez. Não há distinção entre coisas «animadas», já que, precisamente, tudo é alma, que qualquer entidade é dotada de uma força individual própria: o vento que sopra, a nuvem que corre no céu, a folha que oscila; as ervas e as plantas, isoladas ou reunidas na vegetação escura da floresta; a água que cai do grande mar celeste, que corre nos regatos da Terra ou jorra das fontes; o fogo agitado, sempre o mesmo, mas nunca igual a si próprio; o fulgor do raio e o ribombar do trovão, a corrida do animal na luta ou na fuga; e o contínuo fervilhar da instável onda do mar (...)” (ADRIANI, M. 1999:18).*

A crítica histórico-religiosa contemporânea discute desde os inícios do séc. XIX altura em que se desenvolve a doutrina inspirada na linha tradicionalista – escola «histórico-cultural» defendida por (Grabner, Schmit, Koppers), em que reivindicam a inversão do ritmo evolutivo da religião, assumindo o «monoteísmo» como regime religioso originário, sendo o «politeísmo» como uma forma de decadência, de degeneração do «monoteísmo» das origens. Em oposição à teoria «evolucionista» dominante (de origem positivista) em que se baseavam no «animismo» - Taylor, no «magismo» - Frazer e no «sociologismo» - Durckheim e defendendo todos que terá existido um «politeísmo» originário e a sua passagem gradual para os níveis evoluídos, mas sempre derivando do «monoteísmo». (ADRIANI, M. 1999:20).

Seguindo a linha de pensamento de FRAZER (1973) o homem da Pré-história recorre à magia para explicar factos, nomeadamente na natureza e na sua forma de encarar os acontecimentos do dia a dia e na própria organização social da tribo, onde existe um representante do grupo perante os deuses e que tem como principal capacidade o de comunicar através do sonho, e de viagens extra-sensoriais. O Xamã é assim um elemento

fundamental de comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, dos deuses, das sombras e da natureza.

Por exemplo na África Austral e Oriental ainda hoje existem vestígios da adoração de antigos tótemes caracterizados pela designação dos “ [...] *nomes dos clãs e nas interdições, observadas esporadicamente, de comer carne dos animais totémicos*” (TOKAREV 1990:88), ou pela distribuição da mesma carne (*peza*) após o sacrifício de um touro nas festividades “Festa dos Tabuleiros em Tomar” acto simbólico que se prolongou até à época moderna no centro de Portugal. (RIBEIRO. N.M.C.1991).

Na península Ibérica, sobretudo na faixa atlântica detectam-se também os vestígios desta mesma espiritualidade e nomeadamente através da representação na escultura castreja de animais como, «serpentes», «berrões» ou «verracos», touros de pedra, do Sul da Galiza e Norte de Portugal, com grande concentração em Trás-os-Montes, prolongando-se para Oeste, denominada por «cultura dos verracos» da Meseta. (SANTOS J.1975)

Relacionado com todo este imaginário e seguindo os estudos de raiz estruturalista, de (G. DUMÉZIL, 1968), em que dividiu a ideologia indo-europeia em uma tríade funcional relacionada com a soberania, a força e a fecundidade, criando como bases cada uma delas as classes sociais dos reis e sacerdotes, dos guerreiros e dos produtores. Assim, muitas das representações zoomórficas da proto-história peninsular e na arte rupestre poderão ser relacionáveis com a terceira função, possivelmente, relacionada com a fecundidade. Também a “*entidade tutelar dos rebanhos não deixará de ser das mais compreensíveis no quadro de uma economia com assinalada componente pastoril e pecuária, sobretudo na região interior e continental [...]*” (SILVA, A. C.F. da & GOMES, M. V.1994:93) e protecção do rebanho, preocupações típicas de comunidades indo-europeias. Na arte rupestre observa-se assim por vezes alguns destes valores e esta consciência colectiva.



## ***Epistemologia do caos e singularidade***

Para as sociedades pré-históricas e proto-históricas no mundo em que viviam existiria um equilíbrio que não poderia ser perturbado. Este era baseado no facto de o Homem ter que compensar de alguma forma a natureza que funcionava como uma única grande entidade. Sempre que o Homem dela retirasse algo, por exemplo uma vida de um animal que fosse caçado ou o próprio minério que fosse explorado, na natureza existiria um equilíbrio que teria que ser compensado e mantido, *“desta forma em muitas sociedades o xamã voa até ao Senhor dos Animais, para negociar o preço.”* (VITEBSKY 2001:11)

Entre os homens e o universo físico que os rodeia existe uma dependência mútua, *“em que todas as coisas possuem espírito próprio – e não apenas os animais, mas também as plantas e as rochas, o vento e a chuva.”* (VITEBSKY 2001:12) Esta visão xamânica do Mundo é ainda hoje observada em comunidades siberianas, africanas e amazónicas. O Sol e a Lua representam quase sempre espíritos ou entidades separadas que fazem parte de um todo, por vezes cumprem um papel de irmão e irmã, ou marido e mulher. Alguns animais de maior porte e principalmente os de maior ferocidade, como os lobos ou os ursos, tem espíritos grandes e ferozes; *“os ratos, espíritos tímidos mas que conseguem entrar nas fendas estreitas”* (VITEBSKY 2001:13), as serpentes renascem todos os anos e cumprem simbolicamente um papel na manutenção do equilíbrio cósmico.

O homem teve a necessidade desde os primórdios de acreditar que existia uma certa organização do seu mundo terreno e espiritual, o papel do xamã seria o de fazer a ponte e de ligação, de árbitro, de intermediário entre estes níveis do cosmos e de forma que pudesse defender os interesses da comunidade.

Por exemplo os povos Siberianos acreditam tradicionalmente que o mundo se divide em três níveis. Os seres humanos vivem no nível médio, mas o mundo superior, no céu é atingível por intermédio de um pequeno orifício. Este mundo tem uma superfície sólida e até é povoado por animais. (VITEBSKY 2001:17)

Nos anos 60 do séc. XX, Lommel ajuda a generalizar a ideia que o xamanismo foi a religião humana e primordial, dando exemplos por todo o mundo. Esta teoria seria bastante criticada pelo facto de se analisar um facto desconhecido por outros factos afastados no espaço e no tempo.

## **O fenómeno rupestre**

Quando começamos a estudar o fenómeno da arte rupestre da área, procurámos entender e explicar a existência da arte rupestre e o porquê nestes locais e não noutros. Tratar-se-ia de um fenómeno isolado? Ou estaria associado aos caminhos, às rotas naturais, e possivelmente a locais de culto? E aos cursos de água e à renovação da natureza? Ou apenas deveu-se a uma demonstração emocional, psicológica do Homem ou dos homens, num determinado momento de distração?

A realização de arte rupestre poderá também demonstrar o estado de espírito do autor e as suas preocupações; por vezes poderá dizer-nos o que o preocupa, o que viu, o que sentia, o que comia ou como via a representação do seu mundo. Porém nem sempre as capacidades artísticas do autor, ou a sua própria abstracção, não permitiam a realização de uma grande obra. Por vezes, essa será uma das razões que fará com que nós por vezes não a entendamos.

E como explicar as sobreposições de gravuras e das várias representações de vários símbolos em épocas diferentes? E porquê gravar sempre na mesma laje? O Homem gosta de marcar a sua presença e afirmar a diferença perante os outros.

O fenómeno de imitação em arte rupestre é frequente no contexto observado. Trata-se também de um acto de copiar gravuras mais antigas, por outras mais recentes. Dado que poderá ser explicado pelo facto de o Homem ser criativo e de por vezes querer fazer também ele, uma obra igual à de outro, imortalizando assim uma memória individual, colectiva ou mitológica... Na simbologia representada poderemos compreender muito do fenómeno através da interpretação pictográfica.

Contudo nunca saberemos o porquê da realização de uma tão grande concentração de símbolos de uma determinada natureza, por exemplo: como podomorfos, numa área relativamente restrita. A arte rupestre para além do seu significado intrínseco representará também a evolução mental e cultural do próprio Homem e encerrará nela muitas questões difíceis de interpretar, não fosse ela um fenómeno artístico e por vezes com mais de um significado.

## *Morfologia da arte rupestre*

Na forma de análise da simbologia presente, dos contextos da arte rupestre das áreas estudadas, procurou-se apresentar os vários tipos de gravuras existentes, através de uma catalogação simples numa lista utilizando um suporte informático do tipo excel, formando grupos principais, sendo actualizada conforme iam surgindo. Foi assim desenvolvido um método que permitiu uma análise de pormenor para cada uma das áreas de forma que facilitasse a sua procura, actualização e inserção de novas tipologias de gravuras. Resultando assim na criação de uma tabela para cada uma das 11 áreas estudadas. O resumo destes estudos, apresentam-se no Tomo XIII Apêndice n.º9, da Tabela n.ºI a n.ºXI; (pág. 3308 a 3622) e neste Tomo I, Capítulo 3, (pág. 189 a 372) onde se apresentam os resultados por áreas estudadas. Também neste podem-se observar os valores gerais dos motivos observados para a totalidade da amostra. No Tomo I, Capítulo 4 – Análise de dados e conclusões (simbologias presentes e tratamento de dados estatísticos, pág. 375).

Foram consultadas tabelas gerais de motivos mais frequentes para a arte Paleolítica e Pós-Paleolítica (CORCHÓN, S. 1997: 172), (SANSONI, U., GAVALDO, S. 1995: 116, 117), listas de símbolos, estudos tipológicos, e da pintura esquemática de Múrcia - Espanha (MATEO SAURA, M. A. 1999: 241-247), e noutras regiões fora da Península Ibérica, mas da área do mediterrâneo, criadas para outros contextos, nomeadamente para o estudo da representação de cabanas (SAVARDI, E., 2005: 81-93), para antropomorfos (ABENANTE, D., 2005: 95-102).

Contudo, optou-se por não se seguir nenhum autor específico, dada a quantidade de variedades e possibilidades de análises, desenvolvendo-se uma metodologia com base na experiência do autor desta tese. Esta metodologia é obviamente subjectiva e inerente à observação e interpretação sobre o que se vê! Assim não fomos condicionados directamente por modelos externos em que necessariamente tínhamos que atribuir uma designação já existente através de um certo idealismo pré-concebido. Se nalgumas gravuras não existiam dúvidas na sua designação, noutras foram-se acumulando, por exemplo, como designar uma gravura com a forma de pé, sem a curvatura interior, podomorfo? ou círculo oblongo, possível estilização de um pé calçado? Por exemplo nessa situação, resolvemos

catalogar as duas formas de forma individual, criando-se assim unidades de análises distintas, para que fosse possível no fim, analisar os dados, utilizando-se a estatística e a percentagem em cada um dos grupos e sub-grupos.

## **Categorias, conceitos e unidades de análises**

Nas tabelas de análises em Excel, que serviram de suporte à análise efectuada, acrescentaram-se outros dados gerais e técnicos sobre a localização do sítio, enquadramento, e suporte onde foram gravadas as gravuras, que facilitariam a interpretação dos resultados, para além de símbolos, reunindo-se assim os motivos gravados à medida que iam surgindo, (ver Tomo XIII Apêndice n.º9, da Tabela n.ºI a n.ºXI, pág. 3309 a 3622) resultando num conjunto de dados e num inventário específico que se apresenta de seguida:

### **1. Dados Gerais:**

a) A designação do sítio arqueológico

b) N.º de inventário

c) Localização:

- Distrito
- Concelho
- Freguesia

d) Bacias hidrográficas:

- Rio Mondego:
  - Rio Ceira:
    - Rio Sótão
    - Ribeira da Pena
  - Rio Alva:
    - Rio Alvôco

- Ribeira da Moura
- Ribeira de Pomares
- Ribeira do Piódão
- Rio Arunca

e) Bacia hidrográfica do Rio Tejo:

- Rio Unhais
- Ribeira do Porsim
- Ribeiro do Sinhel/ Rio Zêzere
- Ribeiras dos Lobos/ Casegas/ Paul/Rio Zêzere

f) Coordenadas:

- Latitude
- Longitude
- Altitude

g) Enquadramento da laje:

- Cumeada da Serra
- Meio da vertente
- Junto de curso de água:
  - Precipício
  - Próximo do leito
- Junto à nascente do curso de água
- Junta a via antiga
- Isolada
- Complexo de lajes

- h) Método de gravação
  - o Filiforme, incisão
  - o Martelagem
  - o Abrasão
- i) Orientação da laje/afloramento
- j) Tamanho da laje
- k) Tamanho da área gravada
- l) Número de níveis de sobreposições e sua sequência por tipologia de gravuras
- m) Orientação das gravuras

**2. Tipologia de Podomorfos:**

a) Calçados:

TIPOLOGIA PODOMORFOS CALÇADOS								
Martelado		Sem decoração						
Sem Sola	Com sola	Sem sola	Com sola	Com apêndice	Com sola e "fossetes"	Sandália	Decoração interior em espinha	Com fossete

**Ilustração 6– Tipologia podomorfos calçados**

b) Descalços:

PODOMORFOS DESCALÇOS	
Com decoração interior	Sem decoração
	

Ilustração 7 – Tipologia podomorfos descalços

c) Características:

Dimensão dos Podomorfos		Orientação geográfica
Grandes	Pequeno	

Ilustração 8 – Características dos podomorfos e orientação

### 3. Tipologia de Antropomorfos (género):

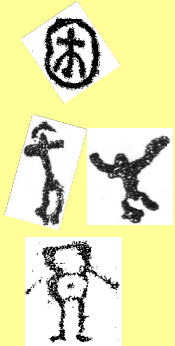

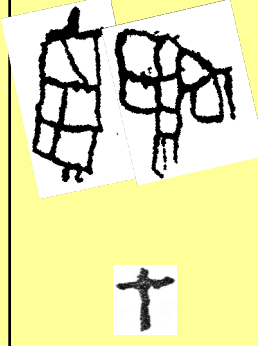
ANTROPOMORFOS		
		
Masculino	Feminino	Indeterminado

Ilustração 9 – Género de antropomorfos

#### 4. Motivo Serpentiforme


SERPENTIFORMES		
		
Até 5 cm	De 5 cm a 20 cm	+ de 20 cm

Ilustração 10 – Tamanho de serpentiformes

#### 5. Motivos zoomórficos e outros – tipologia espécies:






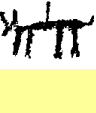

ZOOMORFOS E OUTROS								
								
								
Bovideo	Urso	Equídeos	Indeterminado	Cervideo	Caprídeo	Aves	Pectiniforme	Aracnídeo

Ilustração 11– Tipologias espécies de zoomorfos e outros

#### 6. Tipologia de espirais;

ESPIRAIS	
	
Sentido horário	Sentido anti-horário

Ilustração 12 – Tipologia de espirais

a) Dimensão espirais:



Dimensão		
Até 10 cm	De 10 cm a 50 cm	+ de 50 cm

Ilustração 13 – Dimensão espirais

## 7. Tipologia de círculos:

a) Pontilhados ou lineares:


Pontilhados / Lineares			
			
Dimensão			
Até 10 cm	+ de 10 cm	Até 10 cm	+ de 10 cm

Ilustração 14 – Círculos pontilhados, lineares e seu tamanho

b) Círculos oblongos:


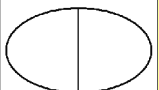
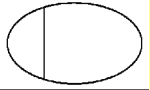


CÍRCULOS OBLONGOS									
Simples		segmentado a meio		segmentado a 2/3		segmentado e com fossete		Com duas segmentações	
									
Dimensão		Dimensão		Dimensão		Dimensão		Dimensão	
Até 10 cm	+ de 10 cm	Até 10 cm	+ de 10 cm	Até 10 cm	+ de 10 cm	até 10 cm	mais de 10 cm	até 10 cm	mais de 10 cm

Ilustração 15 – Tipologia de círculos oblongos e tamanho

c) Círculos com “fossete” no meio

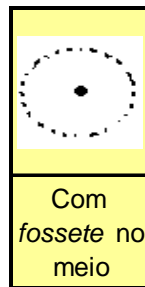


Ilustração 16 – Círculos com “fossete” no meio

d) Círculos com picotados ou gravados no interior

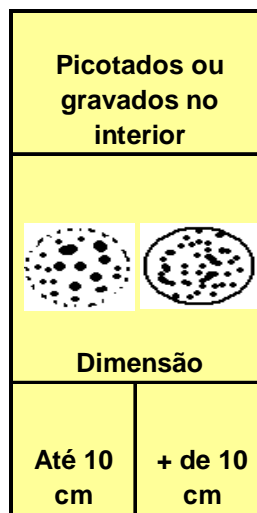


Ilustração 17 – Círculos com picotados ou gravados no interior

e) Outros círculos:

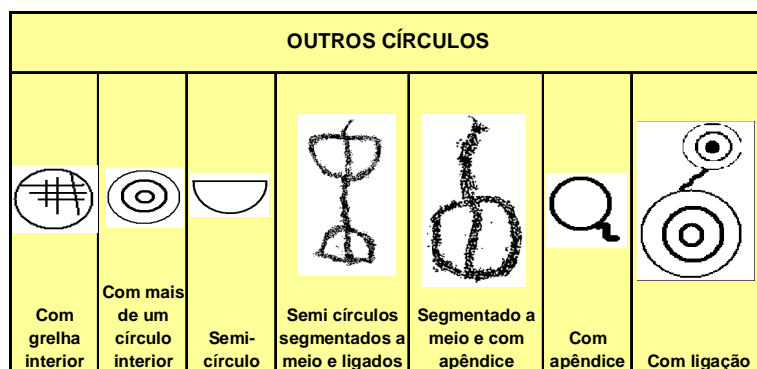


Ilustração 18 – Tipologia de outros círculos

**8. Outros símbolos:**

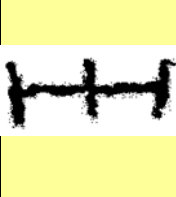

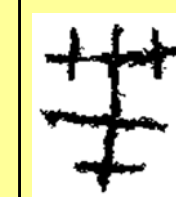

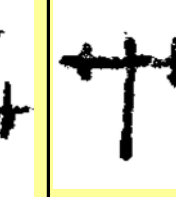
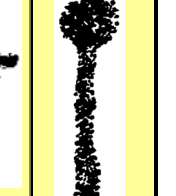
OUTROS SÍMBOLOS					
					
Símbolo Tipo I	Símbolo Tipo II	Símbolo Tipo III	Símbolo Tipo IV	Símbolo Tipo V	Símbolo Tipo VI

Ilustração 19 – Tipologia de outros símbolos

**9. Objectos do quotidiano:**

OBJECTOS DO QUOTIDIANO		
		
Colher	Garfo	Enxó

Ilustração 20 – Vários objectos do quotidiano

**10. Representação de rodas e carros:**



CARROS E RODAS		
		
Carros	Rodas	Rodas com mais de 4 raios

Ilustração 21 – Representações de carros e rodas

11. Motivos solares ou estrelas:

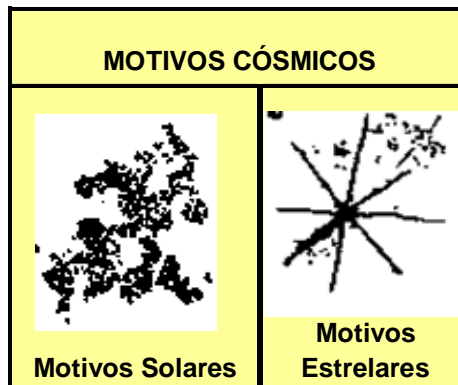


Ilustração 22 – Tipologia de motivos cósmicos

12. Outros símbolos II:

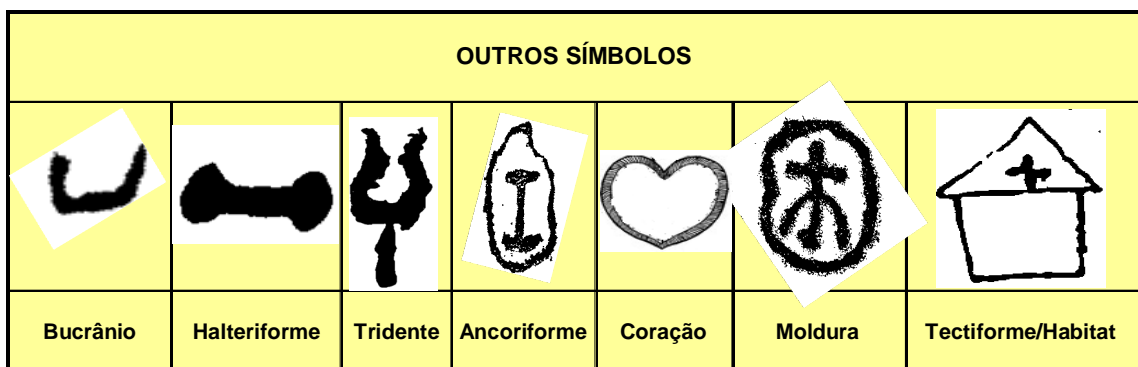


Ilustração 23 – Outros símbolos

13. Armas:

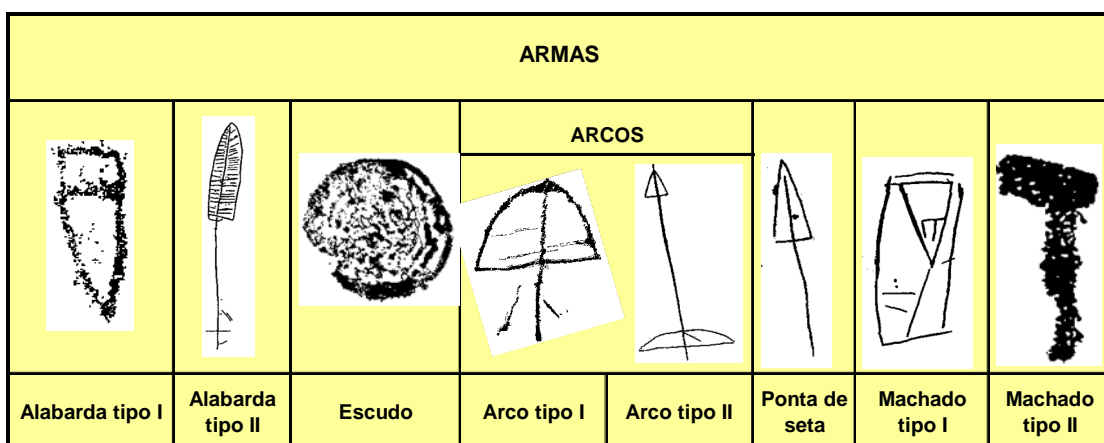


Ilustração 24 – Tipologia das armas presentes

**14. Simbólico religioso:**





SIMBÓLICO-RELIGIOSO			
			
Pentagrama	Meandriformes	Báculo	Claviforme

Ilustração 25 – Símbolos de índole simbólico religioso

**15. Elementos vegetais:**

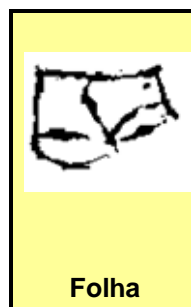


Ilustração 26 – Elemento vegetal - folha

**16. Frutos ou sementes?**


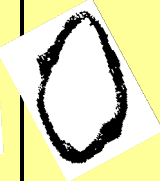
FRUTOS	
	
Fruto (bolota)?	Fruto 2

Ilustração 27 – Representação de frutos ou sementes

**17. Idoliformes:**






ÍDOLIFORMES				
				
Idolo do Tipo I	Idolo do Tipo II	Cabaça	Idoliforme Relvas	"Falo"

Ilustração 28 – Representação de idoliformes

**18. Torquiforme**

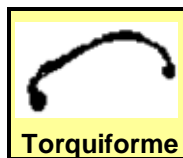


Ilustração 29 – Representação torquiforme

**19. Ferraduras:**




FERRADURAS				
				
Simplex	Com fossete no centro	Até 3 cm	De 3 cm a 6 cm	+ de 6 cm

Ilustração 30 – Tipologia de “Ferraduras” e sua tipologia

20. Fossetes

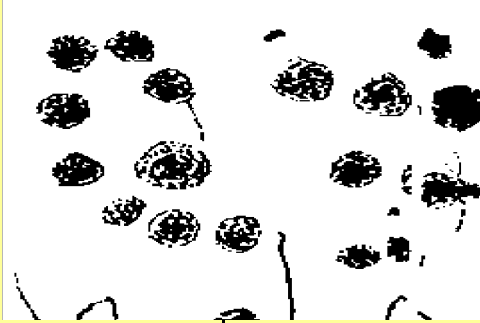

FOSSETES												
Sem canais						Com canais de ligação						
									Largura		Profundidade	
									Até 3 cm	De 3 cm a 6 cm	+ de 6 cm	Até 1 cm

Ilustração 31 – Tipologia de “fossetes” e tamanho

21. Números Árabes



Ilustração 32 – Números árabes

22. Arboriformes

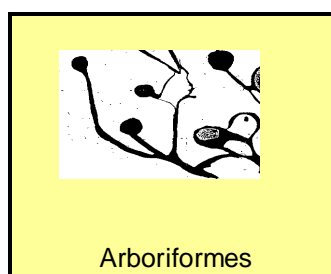


Ilustração 33 - Arboriformes

23. Alfabetiformes:

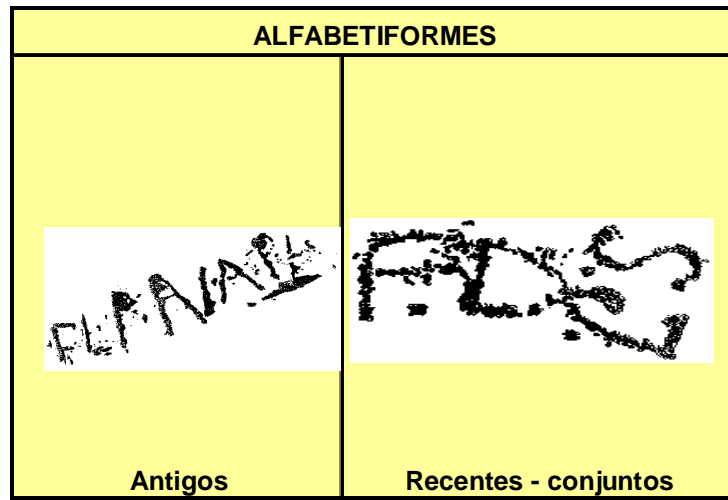


Ilustração 34 – Tipologia de alfabetiformes

24. Cruciformes tipologia:

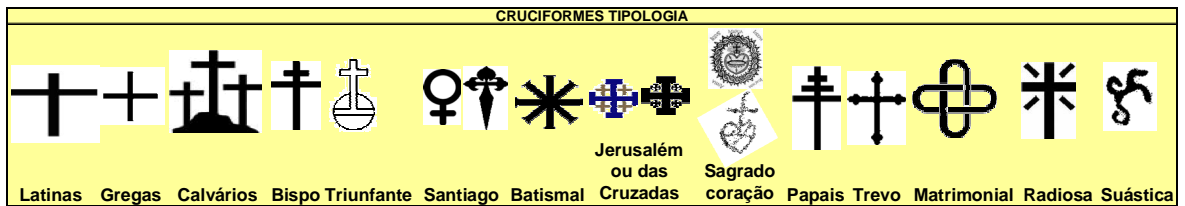


Ilustração 35 – Tipologia de cruciformes

25. Redes:

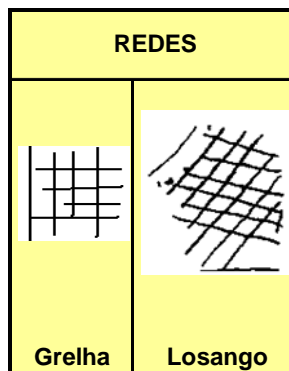


Ilustração 36 – Tipologia de redes

26. Triângulos:

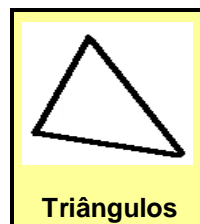


Ilustração 37 - Triângulos



**27. Rectângulos:**




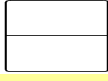


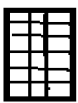

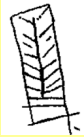


RECTÂNGULOS										
										
Simple	Com apêndice	Ovalado	Segmentado a meio	Segmentado a 2/3	Com covinha	Recticulado simples	Recticulado simples com apêndice	Recticulado com interior em espinha de peixe	Recticulado com divisória central e decoração com linha oblíquas	Recticulado decorado com linhas oblíquas

Ilustração 38 – Tipologia de rectângulos

**28. Escalariforme:**

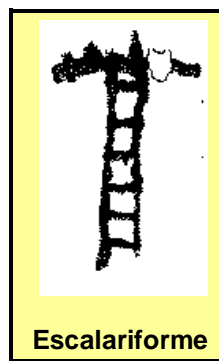


Ilustração 39 - Escalariforme

**29. Quadrados e outros idoliformes:**







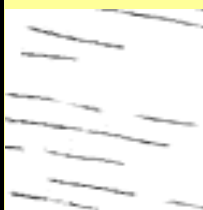

QUADRADOS E OUTROS IDOLIFORMES						
						
Quadrado	Quadrado com fossete	Quadrado segmentado a meio	Quadrado totalmente martelado com apêndice	Quadrado com apêndice com dupla divisória interior	Vaso com martelados no interior	Idoliforme Tipo II-B

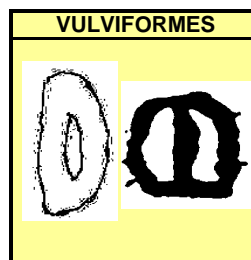
Ilustração 40 – Tipologia de quadrados e outros idoliformes

**30. Linhas:**

LINHAS	
	
Linhas	Linhas paralelas com uma linha a interceptá-las

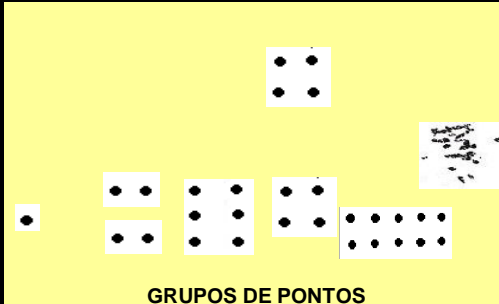
**Ilustração 41– Tipologias de conjuntos de linhas gravadas**

**31. Vulviformes**



**Ilustração 42 – Tipologia de vulviformes**

**32. Pontos e grupos de pontos**

					
GRUPOS DE PONTOS					
1 Ponto	Grupos de 2	Grupos de 3	Grupos de 4	Grupos de 5	Grupos de + de 6

**Ilustração 43 – Tipologias de pontos e grupos de pontos**

### **33. Gravuras Indeterminadas**

### **34. Estado de Conservação:**

- a) Bom
- b) Médio
- c) Mau

### **Fichas de Sítio de Arte Rupestre**

As análises tiveram também como suporte para a elaboração dos resultados a criação de fichas de arte rupestre, uma para cada laje ou afloramento gravado, que classificámos como sítio arqueológico. Elaborando-se desta forma um conjunto de fichas de sítio de arte rupestre reunidas em onze áreas de análise numeradas do sítio 1 ao sítio 694.

Cada ficha de sítio de arte rupestre contém a seguinte informação:

- a) Designação do sítio
- b) Número de inventário
- c) Localização:
  - o Distrito
  - o Concelho
  - o Freguesia
  - o Número da Carta Militar 1/25 000
  - o Coordenadas UTM
  - o Altitude
  - o Cumeada
  - o Encosta

- Junto a vias antigas
  - Domínio visual sobre cursos de água ou nas suas proximidades
  - Outras localizações
- d) Tipo de sítio
- e) Período cronológico proposto
- f) Descrição sumária do sítio
- g) Data de descoberta
- h) Data do levantamento
- i) Registo fotográfico e número da foto em arquivo
- j) Estado de conservação
- k) Uso do solo
- l) Ameaças
- m) Espólio associado
- n) Local de depósito
- o) Descrição técnica do suporte e dos motivos gravados
- Descrição geológica do suporte
  - Orientação da laje ou afloramento
  - Técnica de gravação presente
  - Orientação das gravuras
  - Tipo de motivos presentes
  - Quantidade em número
- p) Bibliografia existente até à data de Março de 2012
- q) Documentação fotográfica
- Vista geral
  - Vista de pormenores
  - Planta do levantamento

## **Fichas de sítio arqueológico**

Na elaboração do inventário de sítios da área em estudo, realizou-se uma ficha tipo para os sítios arqueológicos que não fossem de arte rupestre e para alguns sítios de arte rupestre não identificados neste trabalho ou que tivessem sido estudados por outros arqueólogos e não incluídos no inventário principal, sítios numerados do nº 695 ao 1371. Pretendeu-se assim inventariar os principais sítios que pudessem de alguma forma estar associados ao fenómeno da arte rupestre, para que a informação recolhida fosse concentrada e facilmente consultada. Dividiu-se os inventários por Concelhos e por Freguesias. Em cada ficha a informação recolhida foi agrupada através dos seguintes pontos:

- a) Designação de sítio arqueológico
- b) Número de inventário
- c) Localização:
  - Distrito
  - Concelho
  - Freguesia
  - Carta Militar 1/25 000
  - Coordenadas UTM
  - Altitude
  - Cumeada
  - Encosta
  - Junto a vias antigas
  - Domínio visual sobre cursos de água ou na proximidade destes
  - Outras localizações
- d) Tipo de sítio
- e) Período cronológico proposto

- f) Descrição de sítio
- g) Data de descoberta
- h) Data do levantamento
- i) Registo fotográfico
- j) Estado de conservação
- k) Uso do solo
- l) Ameaças
- m) Espólio
- n) Local de depósito
- o) Bibliografia
- p) Documentação fotográfica

## **Fichas de lenda ou recolha oral de tradições que poderão estar associadas à Arte rupestre**

No inventário que se realizou ao longo do trabalho de investigação desenvolveu-se igualmente uma ficha específica para a recolha oral e de tradições que pudessem estar associadas de alguma forma à arte rupestre. Este inventário foi dividido por concelhos e por freguesias (ver Tomo XIII, Apêndice n.º8, fichas de lenda e algumas tradições da área em estudo, pág. 3279 a 3307), para as áreas em análise. Em cada ficha a informação recolhida foi agrupada através dos seguintes pontos:

- a) Designação da recolha; lenda ou entrevista
- b) Número de inventário
- c) Localização:
  - o Distrito
  - o Concelho
  - o Freguesia
- d) Nome do entrevistado
- e) Morada do entrevistado
- f) Caracterização sócio-económico/cultural do entrevistado
  - o Data de nascimento
  - o Idade do informante à data da entrevista
- g) Data da entrevista
- h) Descrição da lenda
- i) Bibliografia
- j) Documentação fotográfica ou outra

Desenvolveu-se uma metodologia que possibilitava para além de um inventário, um conjunto de análises, partindo do singular; de uma laje para um conjunto de várias lajes observadas numa determinada área ou núcleo, de forma que se pudessem realizar várias quantificações em cada análise. Obtendo-se como resultado uma análise total dos dados; foi assim ensaiada a seguinte fórmula:

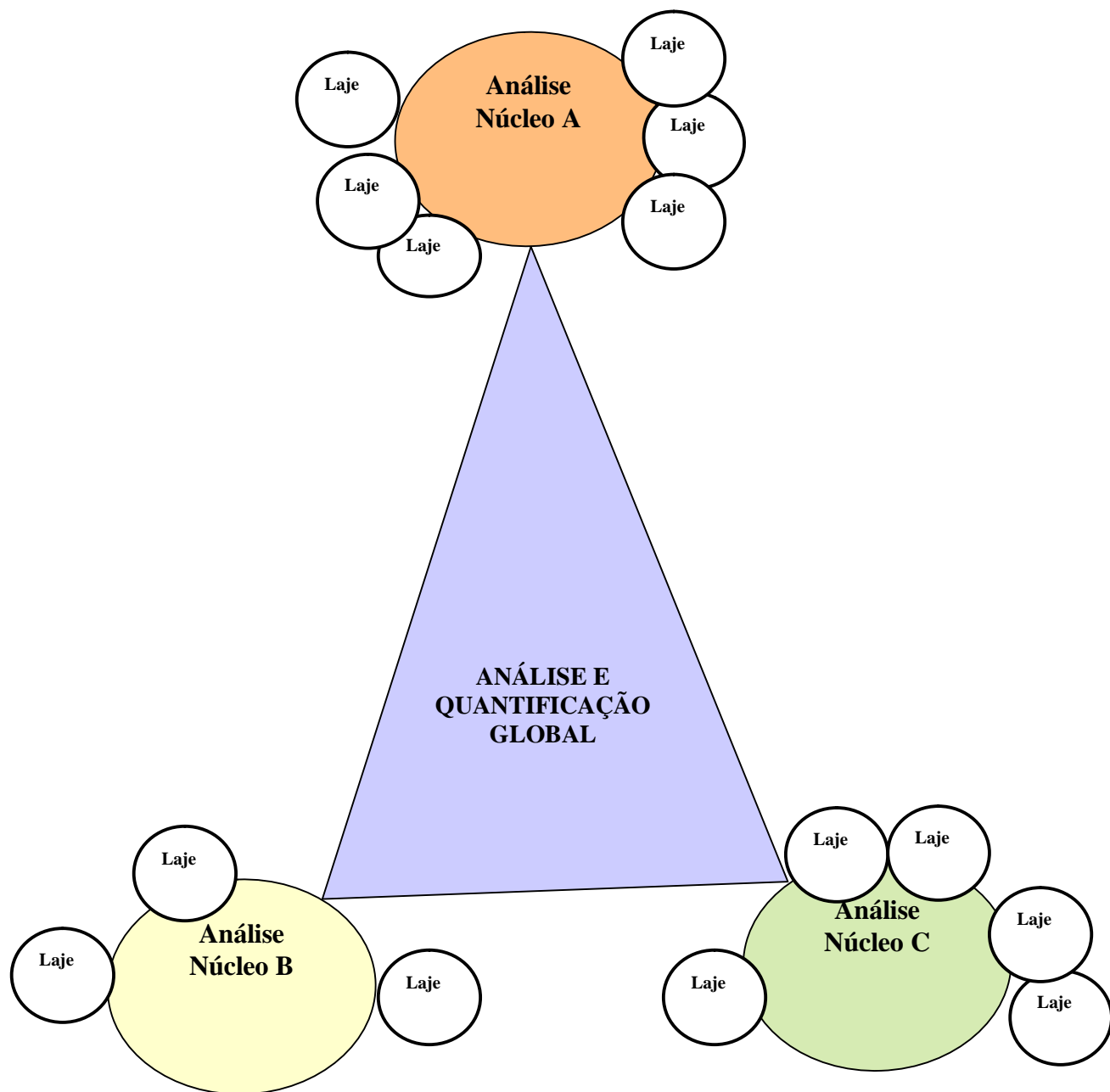


Ilustração 44 – Esquema da análise efectuada



Com esta metodologia foi possível observar variações temáticas no que diz respeito aos símbolos presentes em cada um dos núcleos ou áreas de arte rupestre por nós identificados.

Para entender a nossa opção de criar um conjunto de áreas distintas é preciso entender o conceito de área ou núcleo e porque foi criada. Assim sendo, nasceu um conjunto de unidades de análise, que teve como base, em primeiro lugar características únicas como: a orografia, a geografia, como uma montanha ou a forma de concentração ou dispersão das gravuras, fronteiras naturais, localização das lajes num interflúvio, localização das lajes junto a vias ou outras características que são devidamente apresentadas ao longo deste trabalho. Contudo as opções tomadas tiveram quase sempre dois eixos importantes, o rio e a montanha.

De seguida apresenta-se um modelo de abordagem ao tema da arte rupestre dos rios Ceira e Alva, partindo de uma análise de cada sítio de arte rupestre utilizando o método quantitativo sobre uma tipologia de símbolos presentes numa determinada área. Seguindo-se uma análise de grupo e desta parte-se para uma análise global quantitativa de todos os motivos gravados em toda a área abrangida pelo estudo.

Assim para a análise global da região, objecto do estudo, definiram-se vários núcleos de lajes gravadas, nomeadamente:

- Área da bacia hidrográfica do rio Ceira:
  1. Núcleo da área de Góis e Serra da Lousã
  2. Núcleo da Serra da Cebola
  3. Núcleo das nascentes do rio Ceira, Serras de Arouca e Silva
  
- Área da bacia hidrográfica do rio Alva:
  - A. Núcleo de Vide – Bacia hidrográfica do rio Alvôco
  - B. Núcleo da Serra do Açor
  - C. Núcleo da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça
  - D. Núcleo das áreas do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro

- Área da bacia hidrográfica dos rios Unhais e Zêzere – fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva:
  1. Núcleo da Serra do Chiqueiro – Pampilhosa da Serra
  2. Núcleo da Serra da Abuceira – Covilhã
  3. Núcleo de Sobral de São Miguel – Covilhã
  4. Núcleo do Pereiro, Sobral de São Miguel - Covilhã

## ***Territorialidade***

A utilização deste território, através da sua ocupação não terá sido um processo linear. Do Paleolítico ao presente, a orografia marcou e influenciou significativamente a forma como o homem ocupou este território. Acreditamos que na Pré-história a região terá sido um bom palco para a observação de manadas e uma boa área de caça, dada a existência de rotas naturais. Estas rotas também favoreciam a passagem de comunidades de caçadores recolectores pelos corredores orográficos naturais, entre o Tejo e Côa.

A existência de solos muito pobres, constituídos essencialmente por xistos e terras cascalhentas, não proporcionavam à agricultura primitiva, as condições necessárias para a existência de grandes comunidades sedentárias, nesta área. Enquanto que a fronteira do granito, na área de Oliveira do Hospital, marcava um outro tipo de ocupação humana, pois os solos mais ricos já proporcionavam, a sedentarização de grupos humanos, com alguma dimensão. Os monumentos megalíticos dessa área, habitualmente são de grande envergadura e marcam claramente a existência de duas realidades distintas, à semelhança do que se passa por exemplo na área da bacia hidrográfica do rio Sever, afluente do Tejo.

As zonas dos xistos também se caracterizam por ocupações temporárias em abrigos, quase sempre associadas à pastorícia, à caça e provavelmente à transumância.

Na Proto-história esta área estudada, situar-se-ia em plena área *Lusitani*, etnónimo que descreve um conjunto de vários *populi*. Nesta área seria ocupada muito provavelmente pelo *populi Elbocori* que teriam provavelmente a sua capital na antiga *Civitas* da Bobadela.

Geralmente é aceite que os *Lusitani* terão uma origem transpirenaica, na sequência de uma invasão ocorrida no Bronze Final. Segundo (ALARCÃO, J. 2001: 343-344), não via no território que se atribuíra aos *Lusitani*, um fundo populacional do Bronze Inicial/Médio no qual se possa ter transformado, nos *Lusitani*, em face dos dados disponíveis à altura. Os dados agora revelados, que se consubstanciam na existência deste inventário poderá alterar esta noção de espaço e território. Então terá sucedido uma miscigenação de culturas que resultaram na origem dos vários *populi lusitani*? Julgamos que sim. Não pomos de lado a importância de invasões sucessivas de povos, seguindo a ideia de Bosch-Gimpera, M. Almagro e Santa-Olalla contudo não acreditamos que tivesse havido uma extinção cultural de uma matriz primitiva. A existência de muitos monumentos megalíticos

inéditos, povoados, e principalmente muitas gravuras nas bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, semelhantes às existentes no Vale do Tejo e atribuíveis à Idade do Bronze Inicial, Médio e Bronze Final, são testemunhas desse fundo cultural que não se perde, apenas se transforma e se enriquece. Exemplo dessa vitalidade nos períodos da Idade do Bronze Inicial e Médio são os monumentos existentes em Vila Nova de Poiares, «S. Pedro Dias» e alguns monumentos como os «Moinhos de Vento» em Arganil, existindo outros em várias cumeadas na Serra da Lousã, área da Aigra Velha, Serra da Cebola, Alvoaça e na Serra do Açor, que serão exemplos dessa expansão económica e cultural, com base não só na pastorícia, mas também no controle das jazidas mineiras existentes nessas áreas.

A hipótese da existência de uma imigração *Lusitani* no século XIII a.C. ou no século VIII a.C., tem vindo a ser defendida, e parece também confirmar-se: através das escavações desenvolvidas por Raquel Vilaça na Beira interior (VILAÇA, R. 1995) caracterizados pela existência de povoados abandonados no século VIII a.C. e que este abandono poderá estar associado à chegada dos novos invasores *Lusitani*. E o que terá sucedido às populações que viviam nessas aldeias? Ter-se-iam dispersado por outras regiões, refugiando-se noutras áreas? Ter-se-iam concentrado em povoados maiores ou em outros mais pequenos? E donde terão vindo, de uma área transpirenaica ou do Sul da Península? E porque razão a sua influência não terá aparentemente atravessado a linha do Zêzere? Poderão alguns povoados da região centro explicar este dado, com a existência de um grupo diferente da matriz lusitana, relacionada com os contactos do mundo oriental, caso de povoados do concelho da Sertã e Tomar, o que teve implicações na arte rupestre desta região? Vejamos um exemplo na região centro de Portugal, onde associados a um povoado de grandes dimensões, caso do povoado da Paixinha<sup>9</sup> na Junceira em Tomar, onde existem estruturas que podem ser identificadas como necrópoles, com semelhanças às existentes em vários pontos do Mediterrâneo, por exemplo na Etrúria e na Sardenha, uma delas escavada parcialmente<sup>10</sup>, (RIBEIRO, N.M.C., HUTTU, J. 1997: 99-111) e estruturas

---

<sup>9</sup> O povoado da Paixinha pela sua dimensão, cerca de 1,5 Km no sentido Norte/Sul e 1 km no sentido Este/Oeste, poderá corresponder à cidade proto-histórica de *Moron* que se situava na área do Tejo.

<sup>10</sup> O monumento “Corredor dos Mouros”, e as “Cadeiras dos Mouros”, inseridos no povoado da Paixinha, foram descobertos no âmbito de um seminário tese de licenciatura, orientada por Manuel Farinha dos Santos em 1995, na Universidade Autónoma de Lisboa. Em 1997, no âmbito de uma tese para uma pós-graduação em arqueologia no Politécnico de Tomar, com a orientação de Luís Oosterbeek, foram realizadas duas

escavadas na rocha interpretados como “santuários” (SANTOS, M.J.C. 2010:147-172), constituídos por três cadeiras, uma isolada, e duas inseridas num recinto escavado na rocha, provavelmente de feições orientais, com representações de um possível bétilo ou *baetyl* fenício, representado por uma cadeira de espaldar alto associado a um podomorfo, de frente a uma outra cadeira anatomicamente perfeita, com a representação das nádegas, e onde é possível um ser humano se sentar. Refira-se a existência de outros santuários associados a podomorfos que são encontrados noutras regiões do centro de Espanha por exemplo em «La Pena de Santa Maria» em Iruelos, (BENITO DEL REY, L. & BRIO, R. GRANDE DE, 2000:125) com a particularidade deste ter representado também as mãos e o local onde o xamã provavelmente se sentava, como poderá ser também o caso em Tomar.

Do pouco que se conhece sobre os povos que terão vivido nesta região centro interior, durante a Proto-história, sabemos que em época romana a orografia da região ditava fronteiras entre várias *civitates*, caso da Serra da Lousã no local Alto do Trevim, segundo (ALARCÃO, J.: 1995:46), vê nesta palavra *Trifinium* onde se faziam as fronteiras entre três *civitates*: Conímbriga, *Aeminium*, e Bobadela (*Elbocori, Veladis ou Verurium*).

O estudo da toponímia da região como iremos abordar mais à frente pode também fornecer pistas importantes para perceber a evolução da própria ocupação humana na região.

À luz do que se conhece dos dados arqueológicos fornecidos pelos últimos estudos efectuados no âmbito desta investigação e pelos trabalhos de prospecção arqueológica efectuados por várias equipas de arqueologia que tem realizado estudos na área; pode-se afirmar, com alguma certeza que algumas das principais aldeias actuais da área da montanha tem no seu passado uma ocupação romana e algumas delas terão origem na Proto-história. Vejamos também alguns exemplos no caso de algumas sedes dos concelhos e algumas sedes de freguesias medievais como sejam, de Oliveira do Hospital: antiga cidade romana; Penacova: Castro, inscrições romanas e toponímia; Arganil: vestígios arqueológicos proto-históricos e vários vestígios romanos e toponímia; Góis: vias, Castro

---

sondagens no monumento “Corredor dos Mouros”, uma na entrada do corredor e outra junto da câmara. Nestas sondagens detectaram-se materiais correspondentes a vários vasos cerâmicos: um manual e outros torneados parcialmente pintados de verniz vinhático e uma copa de verniz negro com paralelos conhecidos em peças fenícias do séc. VIII expostas no museu de Gibraltar.

romanizado; Lousã: vestígios arqueológicos romanos, Serpins: Castro e necrópole romana; Miranda do Corvo: inscrição e vestígios romanos; Moura da Serra: tesouro monetário e necrópole; Avô: vários vestígios romanos; Seia: Povoados e vários vestígios romanos; Vide: miliário, ponte e calçada. Nestes locais terão existido pequenas comunidades, com a excepção de Oliveira do Hospital, onde em época romana existiu uma importante cidade romana.

Sabe-se também que as antigas fronteiras dos Forais medievais seguiram muito provavelmente, algumas destas fronteiras administrativas mais antigas. Como é o caso do Trevim na Lousã. Também a cordilheira da Serra do Açor e a Serra da Cebola, “*Os limites desta civitas seriam, a sudeste da serra da Estrela, prolongada pelas de Açor e Lousã; a ocidente, as serras do Caramulo e do Buçaco. A norte confrontaria com a civitas dos interannienses*” ... (ALARCÃO, J. 1995: 47), pois separariam os dois *populi*: *Elbocori* e os *Tapori*. Também a área da Serra do Cabeço Rainha em Oleiros / Serra do Muradal dividiriam *Elbocori*, de *Tapori*. (ALARCÃO, J. 2001: 300). Também nesta área se verifica a existência de um grande conjunto de lajes gravadas, algumas delas claramente com motivos semelhantes aos encontrados na área objecto deste estudo, constituídos por covinhas, podomorfos, círculos e linhas, associadas a rotas naturais de cumeada.

A paisagem da região é assim constituída por um conjunto de montanhas que dificultam a passagem, sendo as cumeadas das mesmas praticamente o único meio de passagem. O relevo separa as regiões e isolam as poucas comunidades que se situam nos vales. Os rios e as elevações existentes na área, fazem ainda hoje as fronteiras entre concelhos e entre distritos. Vejamos o exemplo da cumeada da serra da Cebola, divide os distritos de Coimbra com o distrito de Castelo Branco, concelhos da Pampilhosa da Serra e Arganil; mais a Sul: a serra divide a Covilhã, freguesias de Sobral de São Miguel com Arganil, freguesia do Piódão e a freguesia de S. Jorge da Beira, Covilhã com a freguesia de Unhais-o-Velho da Pampilhosa da Serra, na área do Chiqueiro. Mais a Norte desta cumeada a serra divide os distrito da Guarda, concelho de Seia, freguesia de Teixeira com o distrito de Castelo Branco, área das Pedras Lavradas com o concelho da Covilhã, freguesias de Sobral de São Miguel e Erada, na áreas das Pedras Lavradas e Vale Figueiras.

Enquanto que a cumeada principal do Açor divide os concelhos de Góis e Pampilhosa da Serra e Arganil, ambos pertencentes ao Distrito de Coimbra; e Arganil, freguesia do Piódão com o concelho de Seia, freguesia de Vide, Distrito da Guarda na área do Gondufo. Verifica-se que é nestes locais, onde existem as maiores concentrações de arte rupestre da região em cumeadas relativamente estreitas, inferiores a 500 m de largura, e encontram-se ao longo de mais de 10 Km de extensão. Este facto é relevante para poder compreender a relação destes locais com a ocupação humana do local, através da sua utilização como passagem. A arte rupestre terá assim muito provavelmente, desempenhado um papel importante na delimitação de fronteiras culturais e administrativas entre grupos populacionais residentes nos vales encaixados, nas proximidades da serra e nalguns casos terão sido utilizados como marcas de passagem ou de posse de território perante outros grupos: por exemplo de pastores, mineiros ou viajantes que aqui circulavam.

## *Arte Rupestre e Paisagem*

Ao verificarmos ao longo deste trabalho que não poderia ser coincidência a localização e orientação das lajes e gravuras face à geografia existente, tentámos elaborar uma forma de análise que pudesse tentar dar resposta às questões que se levantavam e que ajudassem a perceber parte do fenómeno observado.

Assistia-se igualmente à possível ligação visual de algumas das lajes gravadas a determinados marcos na paisagem como o rio, uma montanha, o próprio espaço cósmico, ou outras lajes.

Se, é certo que, muitas lajes gravadas foram gravadas sem qualquer outro intuito senão o de marcar uma ideia ou um momento de introspecção, ou um outro pensamento, que para nós é por vezes impossível na maioria das vezes ler o seu valor e conteúdo mais profundo, noutros casos existem provavelmente marcos na paisagem como as elevações mais relevantes na paisagem ou os próprios cursos de água ou nascentes. Veja-se os vários exemplos de sítios que se encontram sobre precipícios, dominando cursos de água.

Existem outros casos, onde a localização da laje se encontra claramente orientada para uma determinada área no espaço. A este propósito convidei no ano de 2004 os astrónomos, o Eng. Fernando Pimenta e o Mestre Luís Tirapicos aos quais se lhes juntou em 2008, o Professor Andrew Smith da Universidade de Adelaide, a desenvolverem trabalhos de leitura da paisagem para tentar perceber se existiam alguns pontos em comum nalgumas orientações dessas lajes, quer pela sua localização, ou mesmo pela orientação das gravuras.

Tem-se observado que muitos sítios arqueológicos por todo o Mediterrâneo e norte da Europa, sobretudo de época megalítica (HOSKIN, Michael, *et alii*, 2001:45-64), registam a existência de padrões de orientação, só interpretáveis e explicáveis com a relação que estes grupos humanos teriam com a observação do céu, facto que também se observa nas próprias representações iconográficas de arte rupestre em várias regiões da Europa e África.

Assim, realizou-se para além da descrição do suporte geológico, também a sua orientação astronómica na paisagem, para este efeito foram obtidos para toda a área em análise e para cada um dos afloramentos com lajes gravadas:



- A altitude
- O declive máximo
- A orientação das encostas através do azimute do declive máximo (aspecto).

Para cada um dos afloramentos com lajes gravadas foram ainda produzidos:

- O perfil de distância ao horizonte
- O perfil da elevação do horizonte;

A partir destes dados foram determinados:

- Possíveis marcas no horizonte
- Direcção do pico visível mais elevado
- Para gravuras cuja tipologia permite a determinação de um eixo de simetria e de uma direcção, como os podomorfos e os círculos oblongos segmentados, foi medida a sua orientação em azimute.

Para a determinação das características acima referidas trabalhamos com base num Modelo Digital do Terreno (MDT) disponibilizado pelo Instituto Geográfico Português (IGEO), com uma resolução de 25 x 25 metros, cobrindo uma área de 40 x 40 km.

Foi desenvolvido um software SIG por um dos membros da equipa visando a reconstituição do horizonte observado a partir de qualquer local, sem os efeitos da obstrução pela vegetação, nuvens, nevoeiro ou neblina. Para este trabalho foi utilizada uma sobreposição ao MDT já referido dos dados SRTM v.4 com uma resolução de 90 x 90 metros cobrindo uma área muito mais vasta, entre os 35 e os 45 graus de latitude Norte e os 5 e os 10 graus de longitude Oeste.

Foi desenvolvido por um dos membros da equipa um algoritmo que procura de forma automática e objetiva os picos das montanhas, vales, diferenças entre planos na paisagem e centros de planaltos que pudessem servir como possíveis marcas no horizonte. Este algoritmo foi executado sobre os perfis da distância ao horizonte e da elevação do horizonte, para distâncias compreendidas entre 0,5 km e 30 km em relação a cada local sob

estudo. O algoritmo utiliza diferenciação numérica numa janela deslizando de 2° em azimute e considerou como significativas as características das marcas com valor superior à média + 1 x desvio-padrão, calculados sobre uma janela deslizando de 8°.

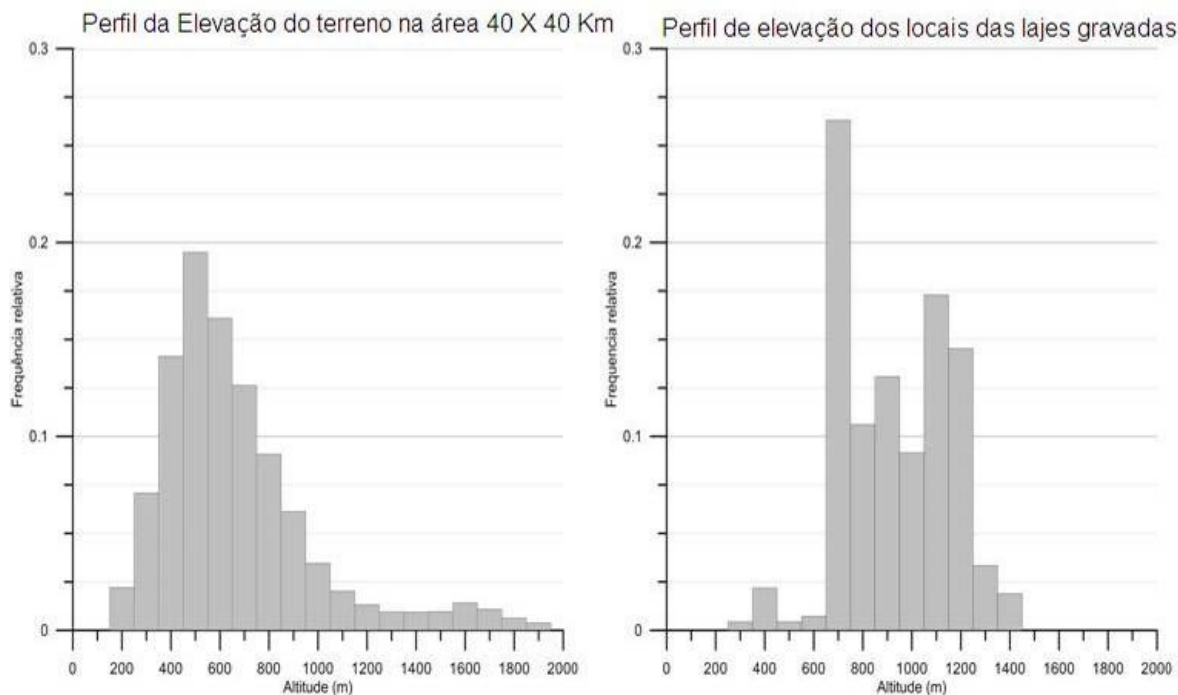
A metodologia utilizada para a determinação deste trabalho foi sendo desenvolvida nos últimos anos (PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., SMITH, A. 2009: 1-20), (PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L., 2009: 359-363), (PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A., TIRAPICOS, L. 2011:45), e faz parte destes resultados inéditos, que, por achar relevantes para entender o fenómeno, acrescentarei de seguida para cada uma das onze áreas estudadas:

#### a) Altitude

Na ilustração 45, representamos o perfil da esquerda referente à altitude obtido a partir do MDT<sup>11</sup> acima referido (2617889 células), para o qual a elevação mediana é de 590 metros encontrando-se 75% dos locais entre os 458 e os 758 metros de altitude, com uma moda em torno dos 500 m.

---

<sup>11</sup> Modelo Digital do Terreno.



**Ilustração 45 – Gráficos com o perfil da altitude na área 40x40 km e perfil da altitude dos locais das lajes gravadas.**

No gráfico da direita representamos o perfil em altitude para 694 locais com lajes gravadas, para os quais a altitude mediana é de 927 metros encontrando-se 75% dos locais entre os 728 e 1124 metros de altitude, com uma moda em torno dos 700 m.

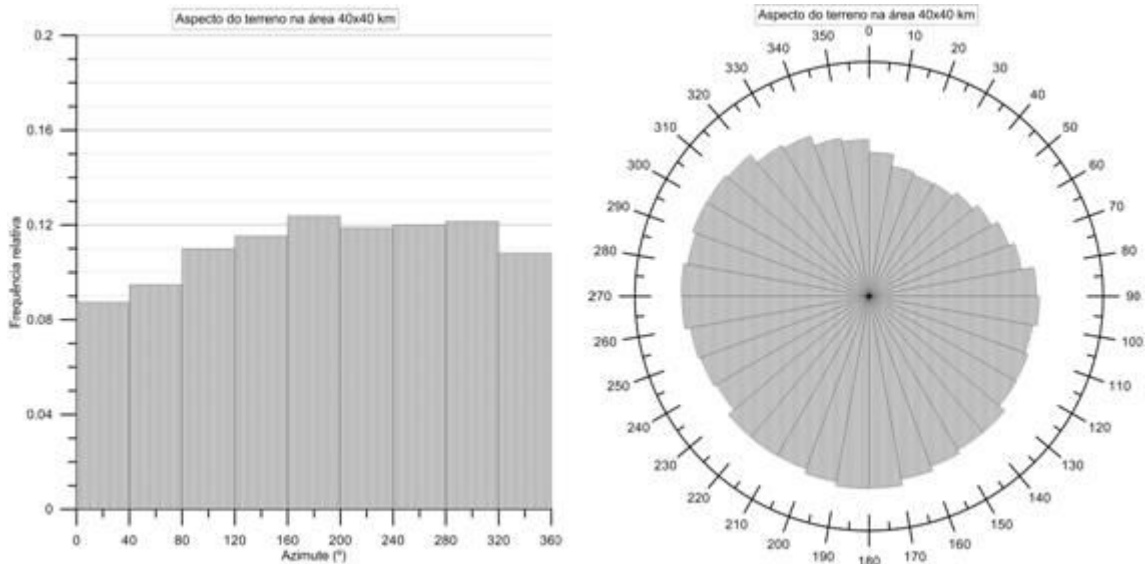
Pela análise dos dois gráficos conclui-se que parece ter havido uma clara preferência para a selecção de locais com lajes gravadas em sítios de altitude mais elevada do que a média da altitude da região em estudo.

#### b) Orientação das encostas

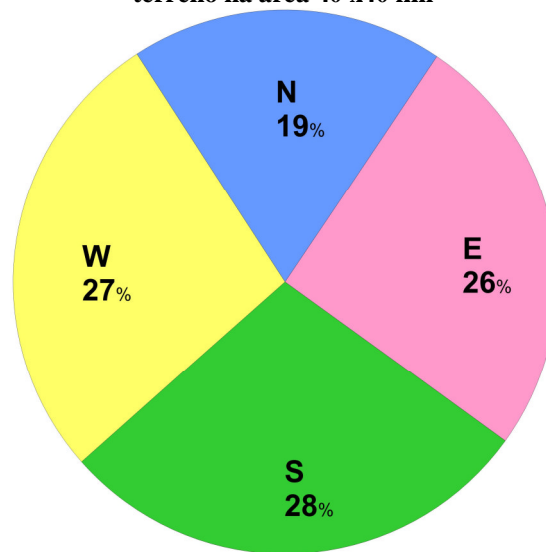
Recorrendo ao modelo acima referido determinamos o perfil do aspecto (azimute do declive máximo) das encostas da região em estudo, que representamos na ilustração 46, na forma de histograma em função do azimute e, na figura da direita, na forma de distribuição circular.

Verificamos que a orientação das encostas segue aproximadamente uma distribuição circular uniforme, embora com uma ligeira predominância para Sul e Oeste, conforme representamos em quatro quadrantes na ilustração 47. Sendo a mediana de 189°,

75% das encostas encontram-se orientadas entre os 105° e 273° de azimute, ou seja SE-S-SO-O, com predominância para SO-O.

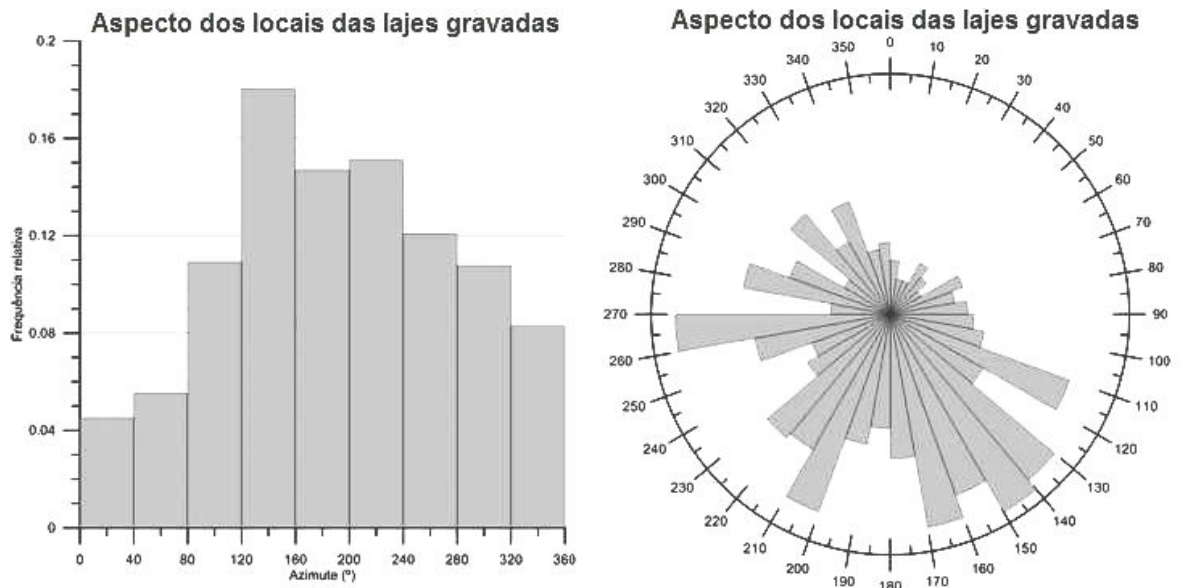


**Ilustração 46 – Histograma da esquerda representa o aspecto na área 40 x 40 km e à direita aspecto do terreno na área 40 x40 km**



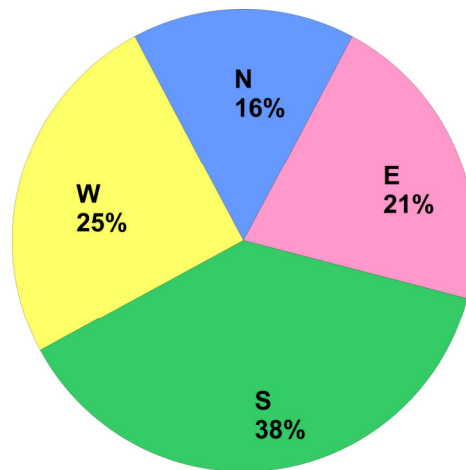
**Ilustração 47 – Distribuição em quatro quadrantes da orientação das encostas.**

Para os locais onde se encontram as lajes gravadas representamos na ilustração 48, à esquerda o histograma e a distribuição circular do aspecto das encostas à direita. Verifica-se que a distribuição da orientação das encostas desses locais é muito menos uniforme, com quase nenhuma das encostas orientadas a NE e mesmo a NO, predominando claramente a orientação a SE, com uma moda nos 140° de azimute.



**Ilustração 48 – Histograma e a distribuição circular do aspecto das encostas dos locais das lajes gravadas**

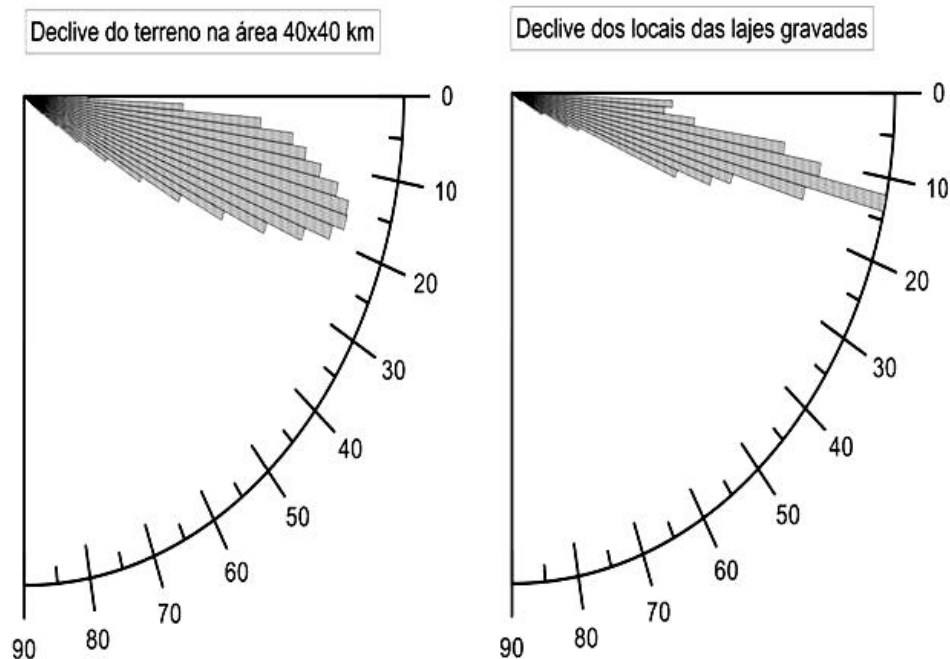
Representamos essa distribuição em quatro quadrantes na ilustração 49. Sendo a mediana de 187°, 75% das encostas encontram-se situadas entre 133° e 260° de azimuth, ou seja SE-S-SO, com predominância para SE.



**Ilustração 49 – Distribuição em quatro quadrantes das encostas dos locais das lajes gravadas.**

### c) Declive das encostas

Recorrendo ao MDT<sup>12</sup>, determinamos o perfil do declive em azimute das encostas na região em estudo, que representamos na ilustração 50, e para os 694 locais com lajes gravadas à direita.



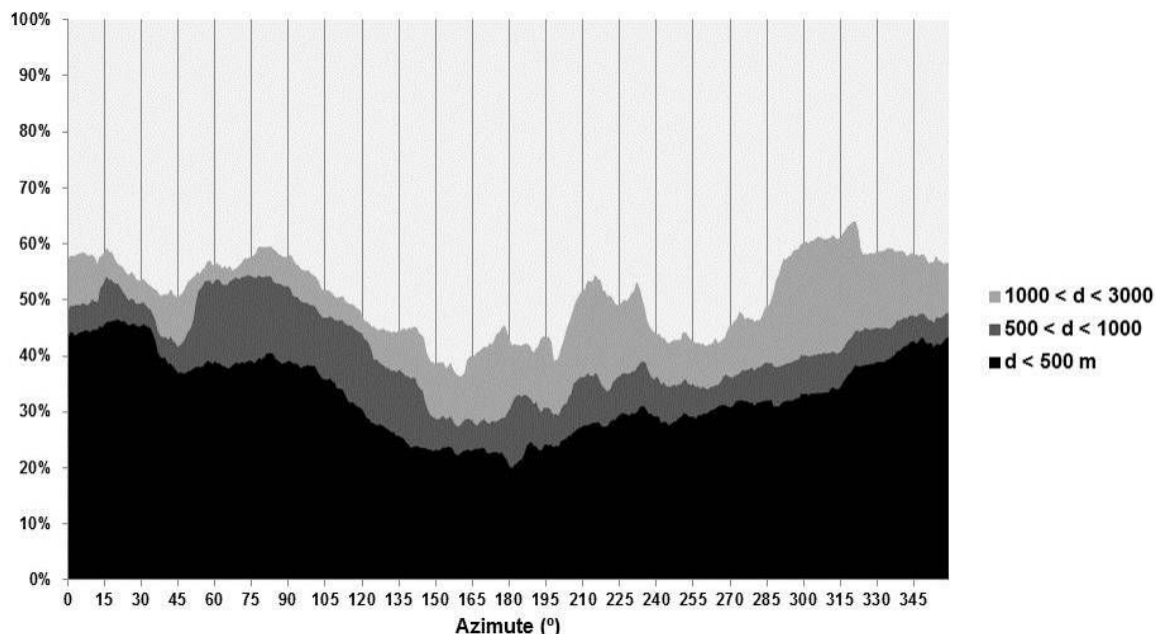
**Ilustração 50 – Declive em azimute das encostas à esquerda e à direita azimute do declive das encostas das lajes gravadas**

Para a região em estudo a mediana do declive situa-se nos 16°, com 75% dos locais apresentando um declive entre 10° e 22°. Já os locais com lajes gravadas apresentam uma mediana do declive de 13°, com 75% dos locais apresentando um declive entre 9° e 17°. Estes dados parecem indicar uma preferência para o aparecimento de lajes gravadas em locais menos inclinados, com declive inferior à média da região.

### d) Distância ao horizonte

Para os 694 locais estudados com lajes gravadas, determinamos o perfil de distância ao horizonte e o perfil de elevação do horizonte. Na ilustração 51, representamos para esses locais a distância ao horizonte.

<sup>12</sup> Modelo Digital do Terreno.



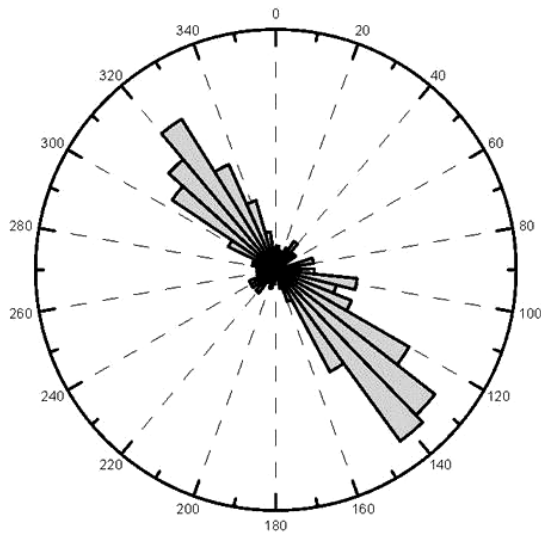
**Ilustração 51 –Perfil de distância ao horizonte e o perfil de elevação do horizonte.**

Uma análise rápida a este gráfico revela uma predominância para horizontes mais distantes e, por isso, mais abertos entre os 120° e os 210° de azimute, ou seja SE e S, que parece sugerir uma articulação com a orientação predominante das encostas para SE.

e) Análise das orientações por tipologia das gravuras

Não fazendo parte do âmbito do presente trabalho, a análise exaustiva das orientações dos diferentes tipos de gravuras, damos a título de exemplo para eventual desenvolvimento futuro alguns resultados para uma amostra de sítios seleccionados em afloramentos com lajes que apresentam quatro ou mais gravuras de podomorfos e círculos oblongos segmentados.

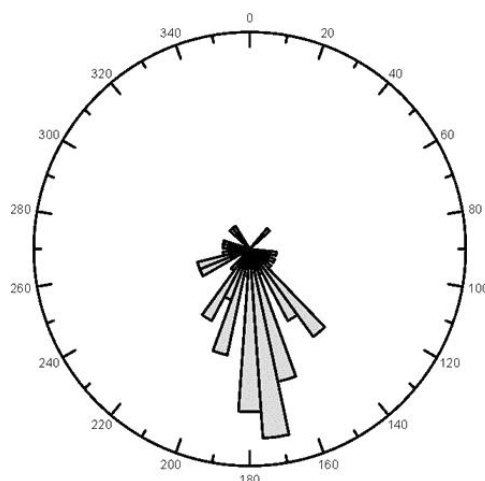
Esta amostra é composta por 50 lajes das zonas da Abuceira, Açor, Arouca, Cebola, Pereiro e Sobral, totalizando 459 gravuras, cuja orientação se representa na ilustração 52.



**Ilustração 52 – Orientação de gravuras em 50 lajes da zona da Abuceira, Açor, Arouca, Cebola, Pereiro e Sobral.**

O padrão observado para a orientação destas gravuras numa faixa tão estreita de azimutes é notável, particularmente porque as diferentes zonas distam por vezes entre si várias dezenas de quilómetros e não existem outros elementos na topografia que justifiquem esta regularidade (caminhos, direcção de um pico mais alto visível desses locais, linhas de água, etc.), motivo pelo qual uma explicação astronómica para esta regularidade pode vir a ser encarada.

Para esta amostra de locais, a distribuição do azimute do declive máximo das lajes medidas está representada na ilustração 53, revelando uma orientação das lajes para Sul.

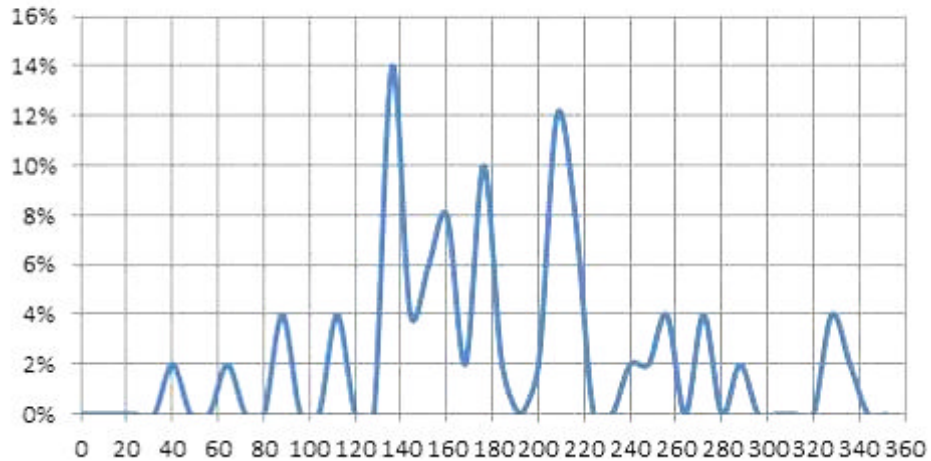


**Ilustração 53 – Distribuição do azimute do declive máximo das lajes.**



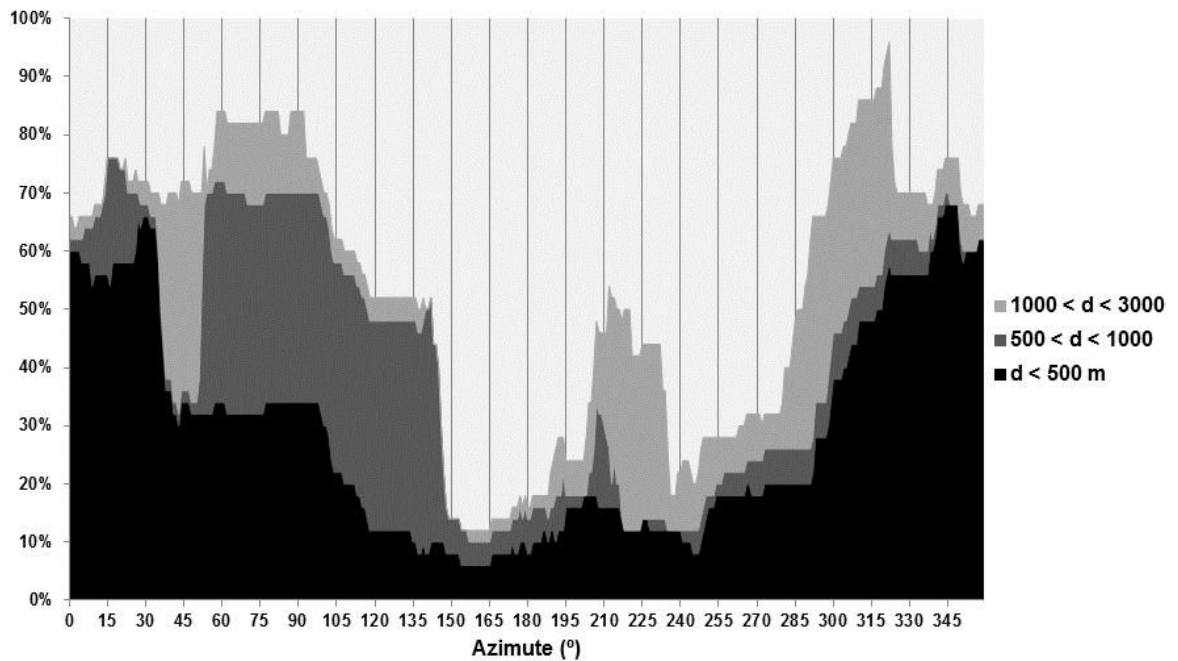
Quanto à orientação das encostas para a amostra referida, estas orientam-se principalmente entre os 140° e os 210° de azimute, conforme se indica na ilustração 54.

### Distribuição do aspecto em azimute



**Ilustração 54 – Orientação das encostas**

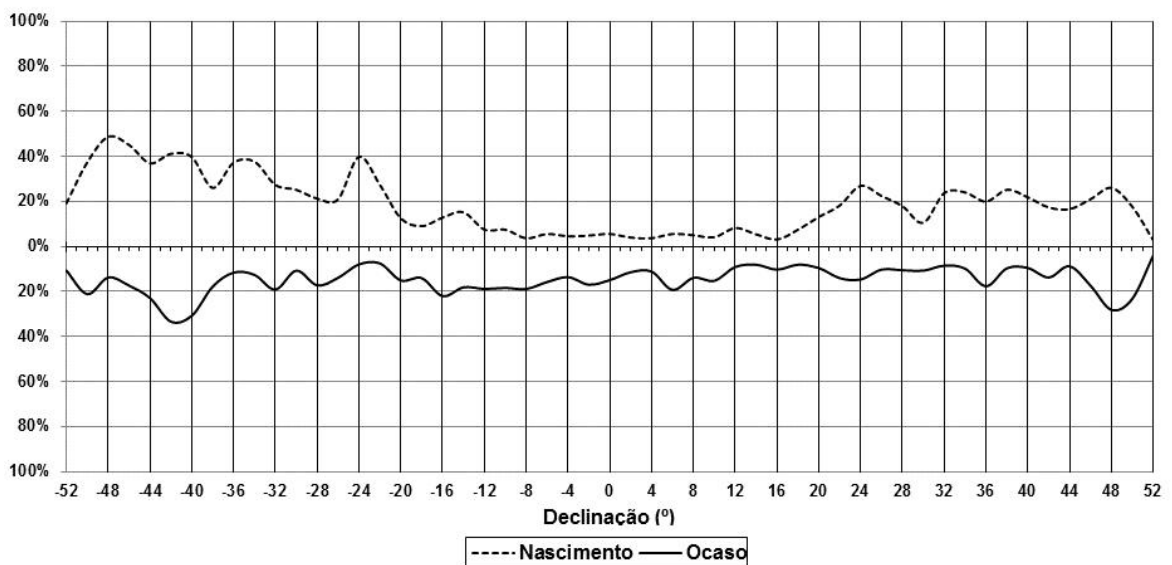
Esta orientação parece relacionar-se com a direcção para onde o horizonte é mais distante, também entre os 140° e os 210° de azimute, tal como mostrado na ilustração 55.



**Ilustração 55 – Direcção para onde o horizonte é mais distante**

#### f) Hipótese arqueoastronómica

Não fazendo parte do âmbito deste trabalho uma análise arqueoastronómica dos sítios de arte rupestre, o facto de um tipo particular de gravuras exhibir um padrão de orientações tão concentrado numa estreita faixa de azimutes em zonas tão distantes pode indiciar uma explicação astronómica para essa regularidade. Apresentamos no gráfico da ilustração 56, um estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de 694 locais estudados que pudessem servir para suportar algum interesse em fenómenos como o nascimento ou o ocaso dos astros no horizonte.



**Ilustração 56 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de 694 locais estudados**

É interessante verificar o pico da declinação a nascente de  $-24^\circ$ , correspondente ao nascimento do Sol no solstício de Inverno, ou ao centro das declinações possíveis para o nascimento da Lua Cheia próxima do solstício de Verão, na direcção SE em azimute. A norte existe igualmente um pico a  $+24^\circ$ , correspondente ao nascimento do Sol no solstício de Verão. A existência de um horizonte aberto e distante para sul explica o número elevado de possíveis marcas no horizonte detectadas pelo algoritmo utilizado para declinações muito negativas.

g) Análise por zona geográfica

Para cada uma das zonas aonde agrupamos a arte rupestre, apresentamos de seguida alguns elementos relativos à orientação das encostas, distância ao horizonte, direcção do pico distante mais elevado visível de cada local e declinação de possíveis marcas no horizonte e perfil de altitude.

1) Abuceira



Ilustração 57 – Distribuição do azimute para o conjunto de sítios da Abuceira

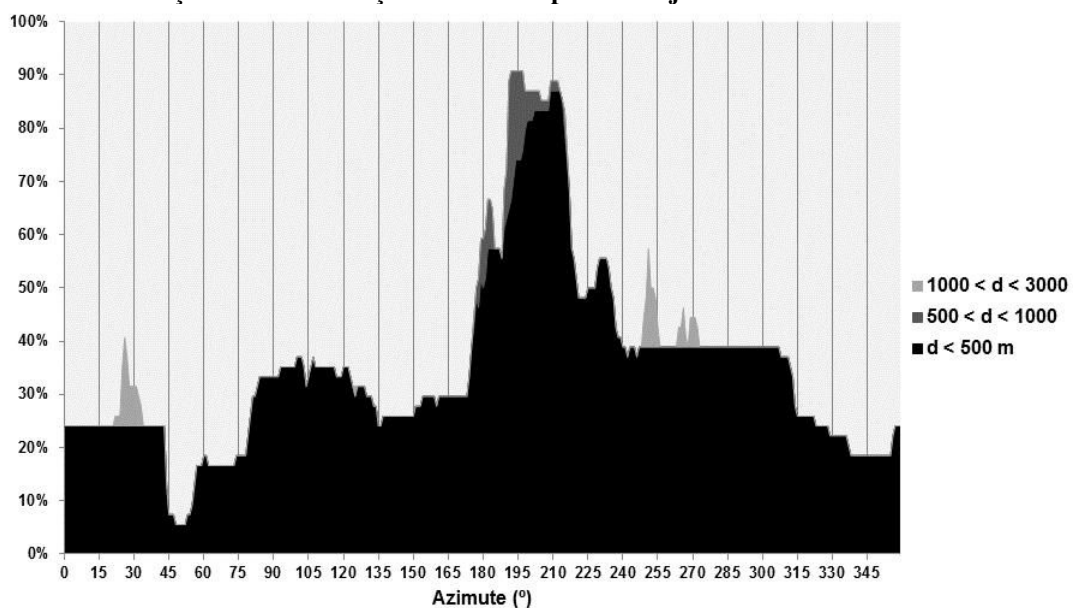
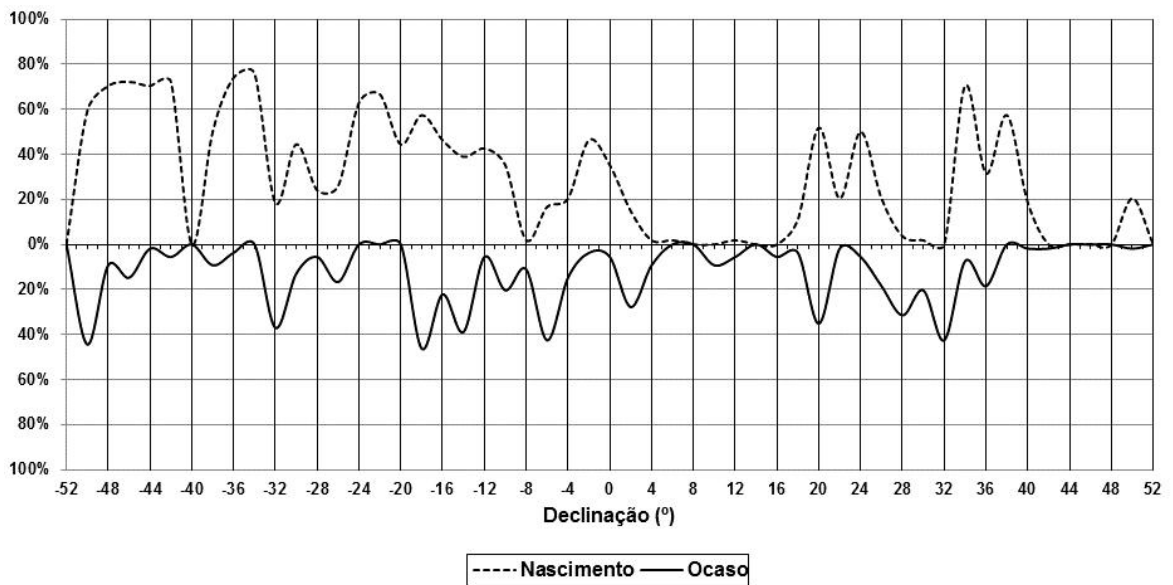


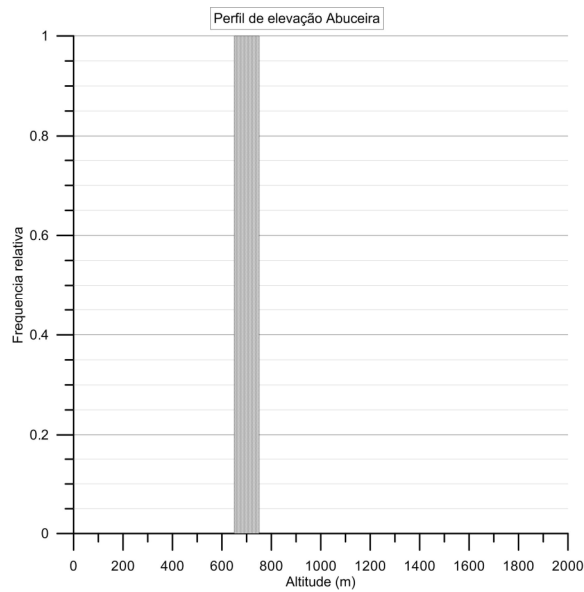
Ilustração 58 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da Abuceira



**Ilustração 59 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da Abuceira**



**Ilustração 60 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios da Abuceira**



**Ilustração 61 - Perfil de altitude o conjunto de sítios da Abuceira**

Relativamente à área da Abuceira podemos verificar que não existe uniformidade relativamente à orientação das encostas. Quanto à distância ao horizonte verificamos que este se encontra bloqueado para SO-NO e aberto para norte. Da quase totalidade dos locais é visível na mesma direcção o pico da Muralha, na Serra de Alvoaça, na direcção da Serra da Estrela, o que sugere alguma motivação topográfica na selecção desses locais. Não encontramos uniformidade na existência de possíveis marcas no horizonte para esta zona.

## 2) Açor



Ilustração 62 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios Açor

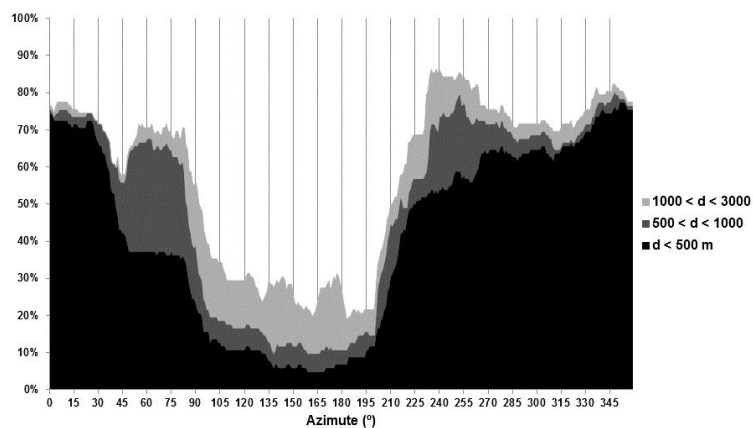


Ilustração 63 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios Açor

### Direcção em azimute do pico distante mais elevado

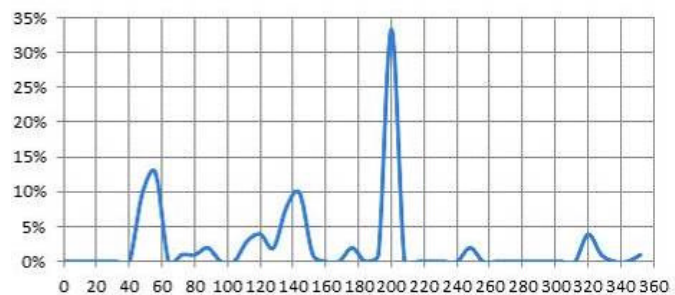
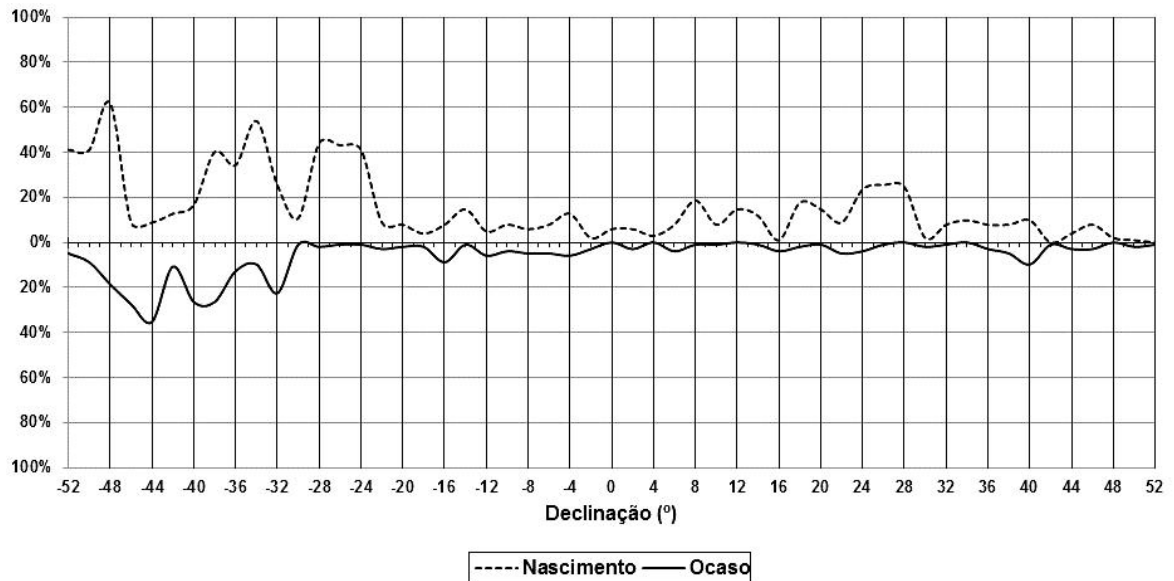
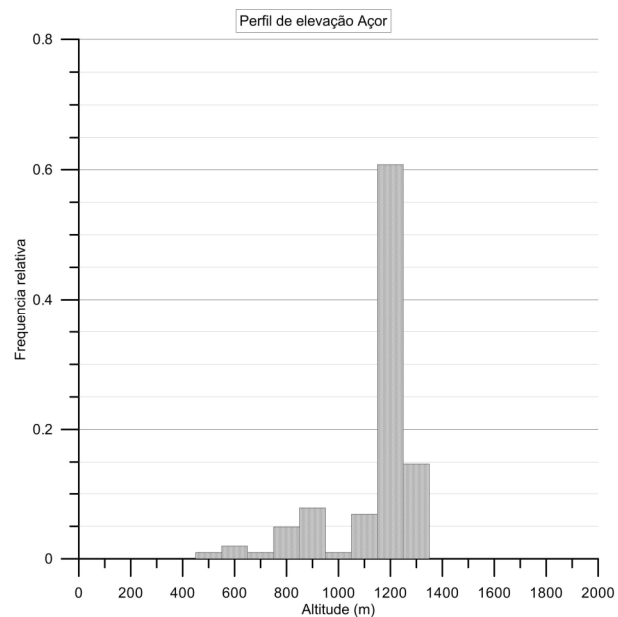


Ilustração 64 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios área do Açor



**Ilustração 65 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios Açor**



**Ilustração 66 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios do Açor**

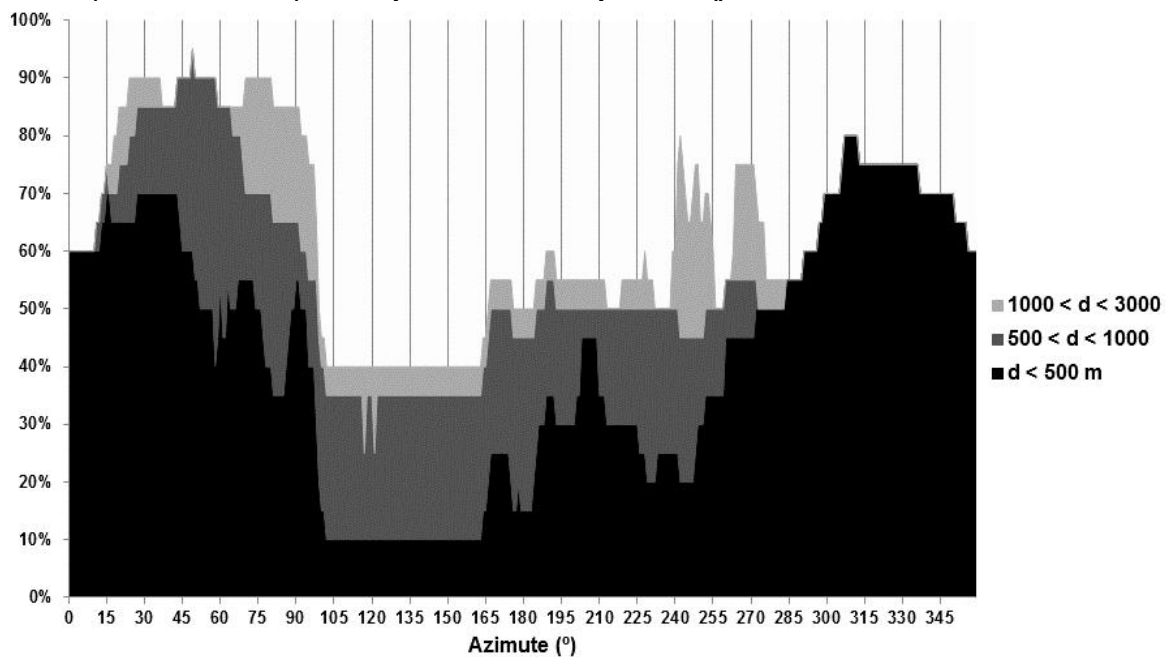
Relativamente à área do Açor podemos verificar que existe uma preferência por encostas orientadas entre os 100° e os 200° que se articulam com um horizonte aberto para o mesmo intervalo de azimutes. Quanto à direcção do pico distante mais elevado, não existe uniformidade, embora mais de 30% dos locais tenham visibilidade para um pico situado a 200°. Esta situação sugere alguma motivação nesta região por locais com

encostas voltadas a SE e um horizonte distante na mesma direcção. É interessante verificar um número elevado de sítios com possíveis marcas no horizonte compatíveis com as declinações correspondentes ao nascimento da Lua Cheia de Verão (-24° a -30°), facto que se articula com a direcção das encostas voltadas a SE e o horizonte distante na mesma direcção. Quanto à direcção do pico distante mais elevado não existe uniformidade, embora mais de 30% dos locais tenham visibilidade para o pico de S. Pedro do Açor.

### 3) Arouca



**Ilustração 67 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área de Arouca-Silva**



**Ilustração 68 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios área de Arouca-Silva**



### Direcção em azimute do pico distante mais elevado

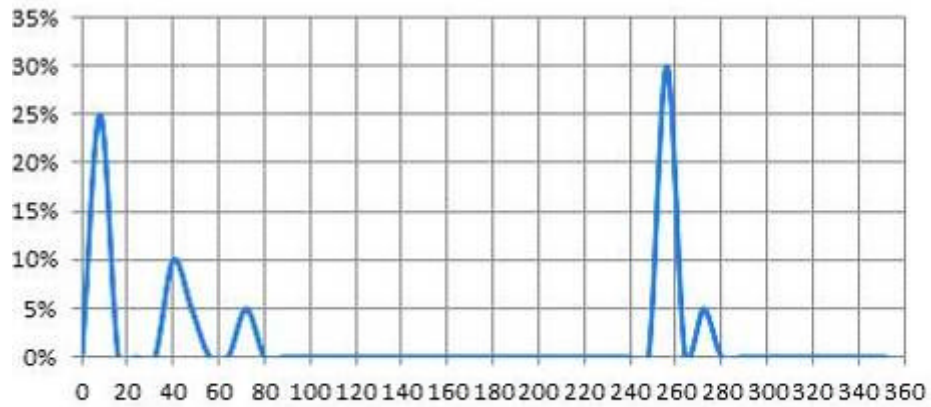


Ilustração 69 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área de Arouca-Silva

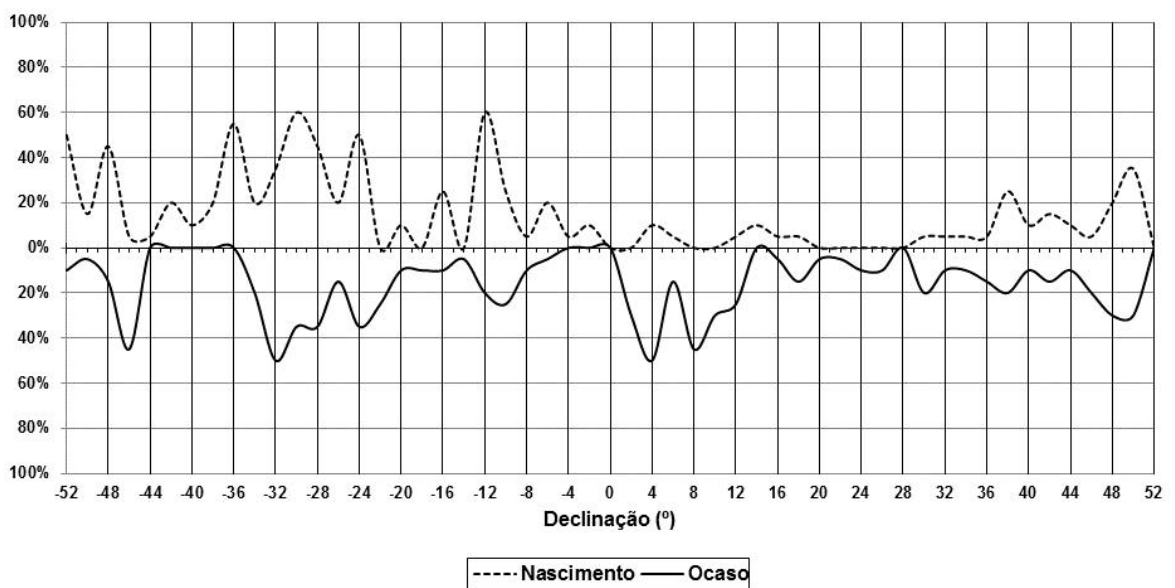
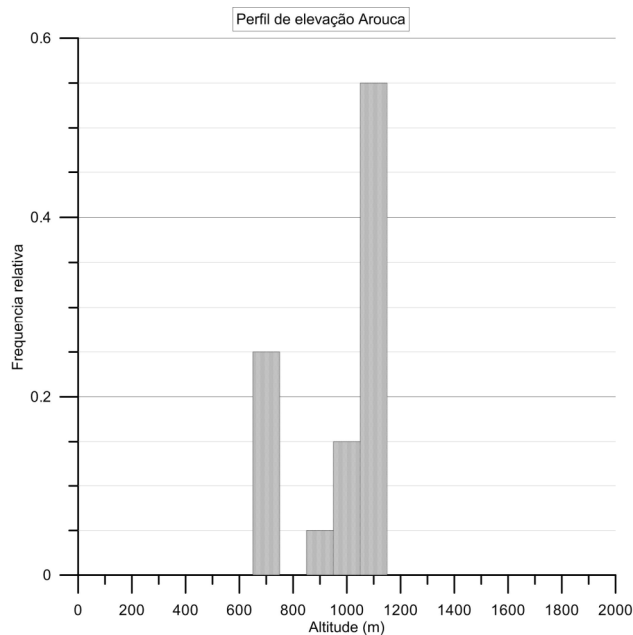


Ilustração 70 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios Arouca-Silva



**Ilustração 71 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios Arouca-Silva**

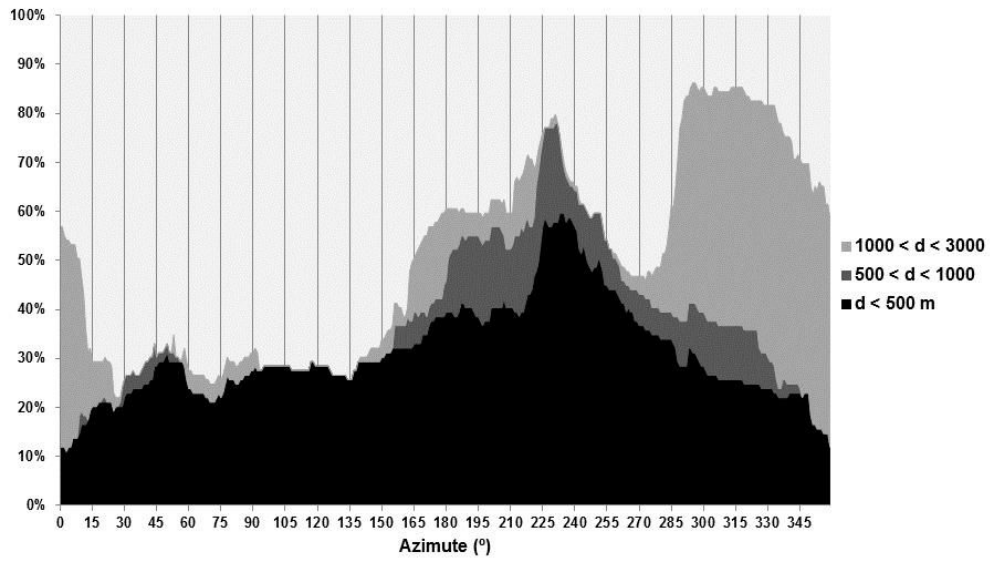
Relativamente à área de Arouca podemos verificar que existe alguma preferência por locais com um horizonte aberto entre os 95 e os 165° de azimute e a existência de um nº elevado de marcas no horizonte para as declinações a nascente -12°, -24°, -30° e -36° e, a poente, de 8°, 4°, -24°, -28°, -32° e -45°.

Quanto à direção do pico distante mais elevado esta é repartida entre a Cebola, o Cabeço do Malhadinho e os picos da Arouca e do Rocha.

#### 4) Cebola

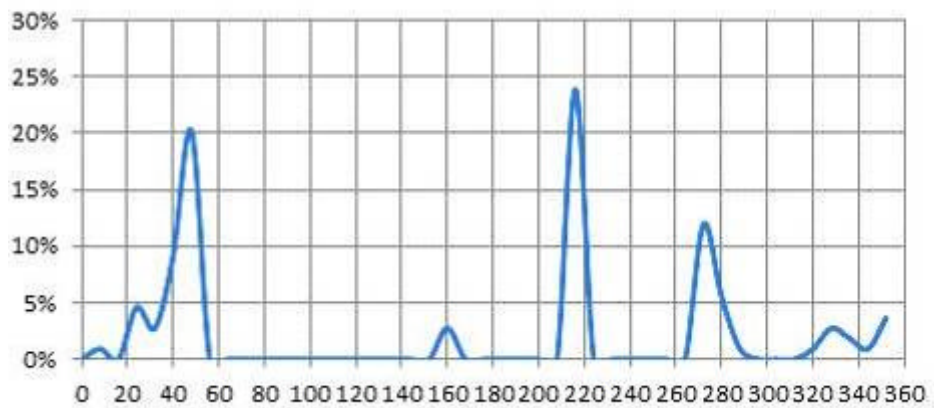


**Ilustração 72 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área da Cebola**



**Ilustração 73 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área da Cebola**

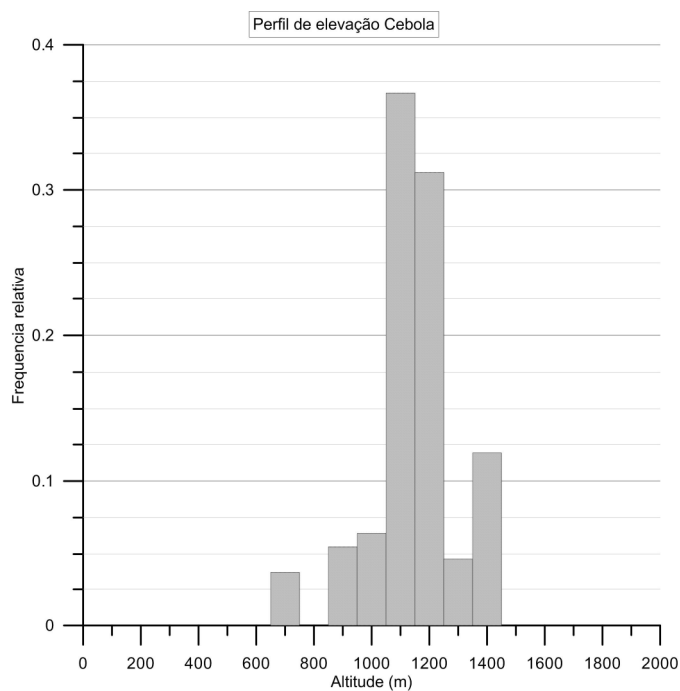
### Direcção em azimute do pico distante mais elevado



**Ilustração 74 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área da Cebola**



**Ilustração 75 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios da área da Cebola**



**Ilustração 76 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios da área da Cebola**

Relativamente à área da Cebola podemos verificar que existe preferência por locais com um horizonte aberto entre os 15 e os 150° de azimute e a existência de um número elevado de marcas no horizonte para a declinação a nascente 24°, que corresponde ao nascimento do Sol no solstício de Verão. Quanto à direção do pico distante mais elevado esta é repartida entre o pico da Cebola, a Serra da Estrela e o pico de S. Pedro do Açor.

## 5) Chiqueiro



Ilustração 77 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios do Chiqueiro

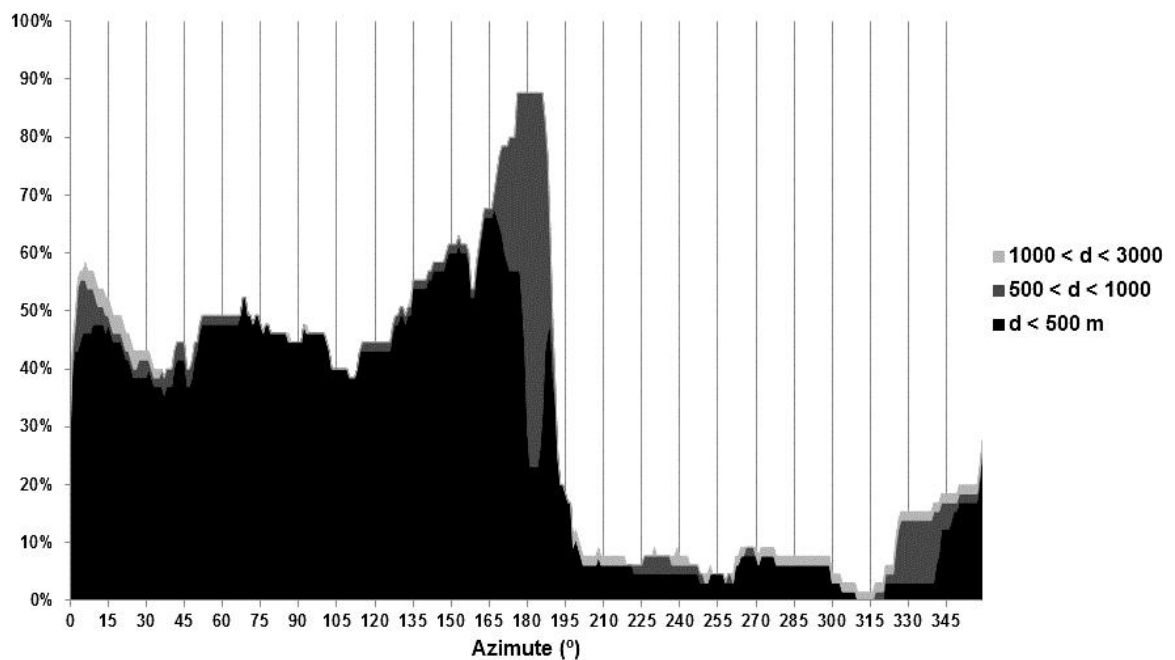
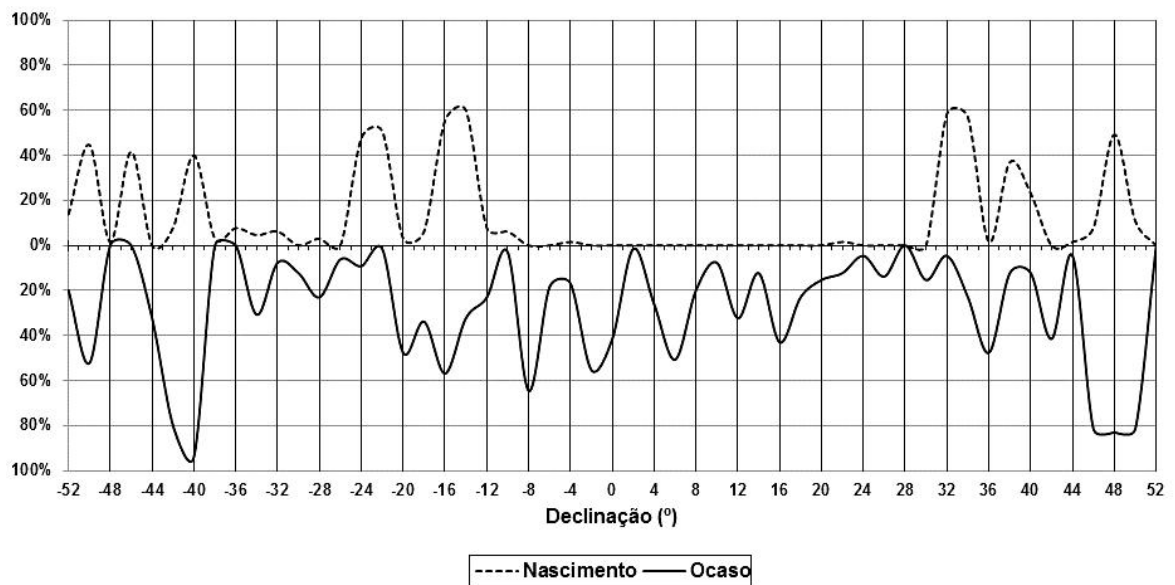


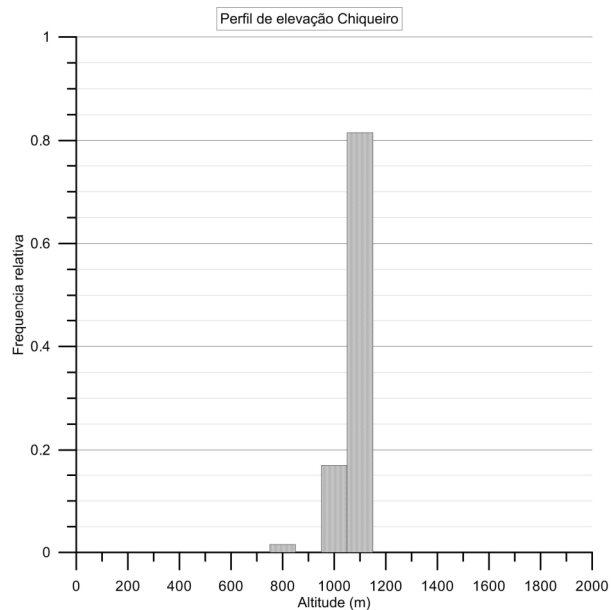
Ilustração 78 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área do Chiqueiro



**Ilustração 79 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área do Chiqueiro**



**Ilustração 80 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios área do Chiqueiro**



**Ilustração 81 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios do Chiqueiro**

Relativamente à área do Chiqueiro verificamos que existe preferência por locais com um horizonte aberto entre os 200° e os 320° de azimute, na mesma direcção para onde se orientam preferencialmente as encostas. De metade dos locais é visível, na mesma direcção, o pico distante mais elevado da Serra da Cebola, o que sugere alguma motivação topográfica, na selecção desses locais. Não encontramos uniformidade nas restantes características.

6) Vale Figueiras – Gondufo – Valera



Ilustração 82 – Distribuição do aspecto em azimuth, para o conjunto de sítios da área de Vale Figueiras

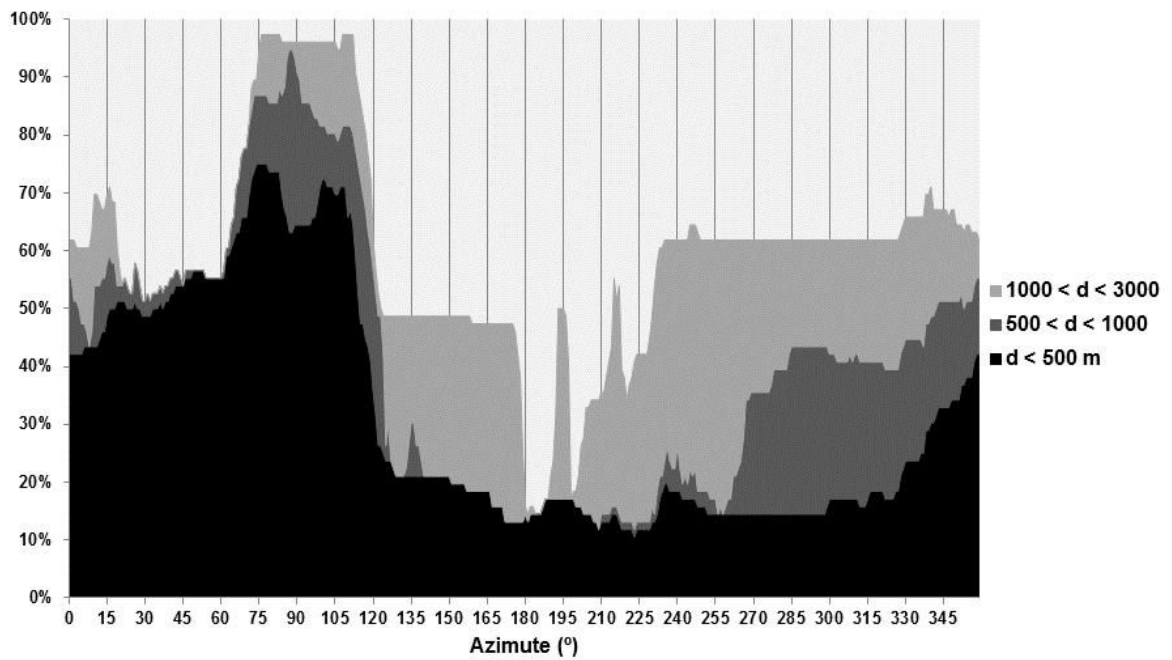
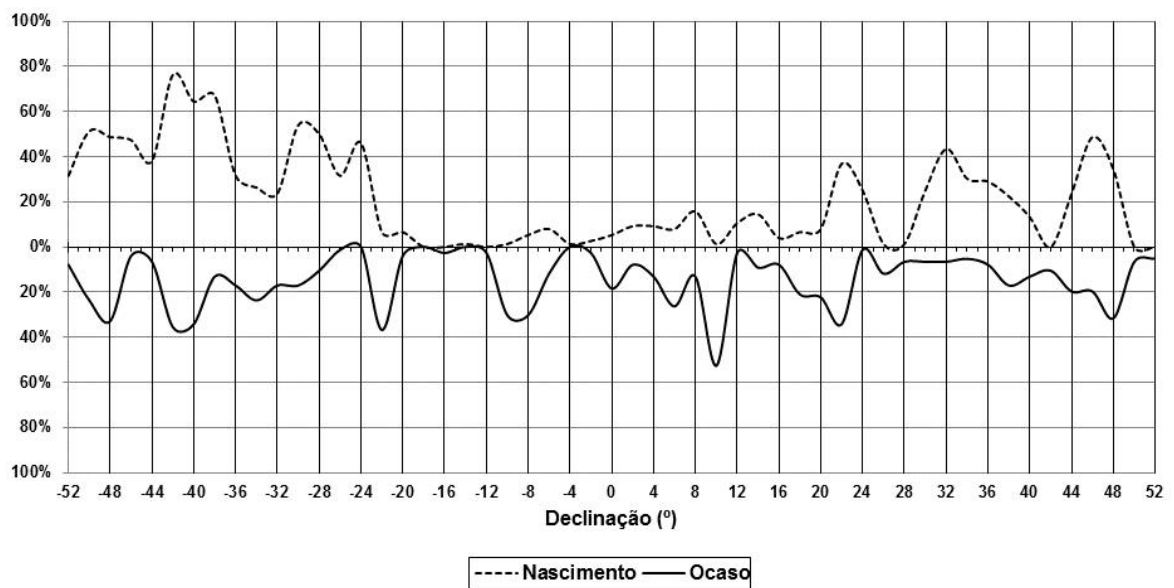


Ilustração 83 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área de Vale Figueiras

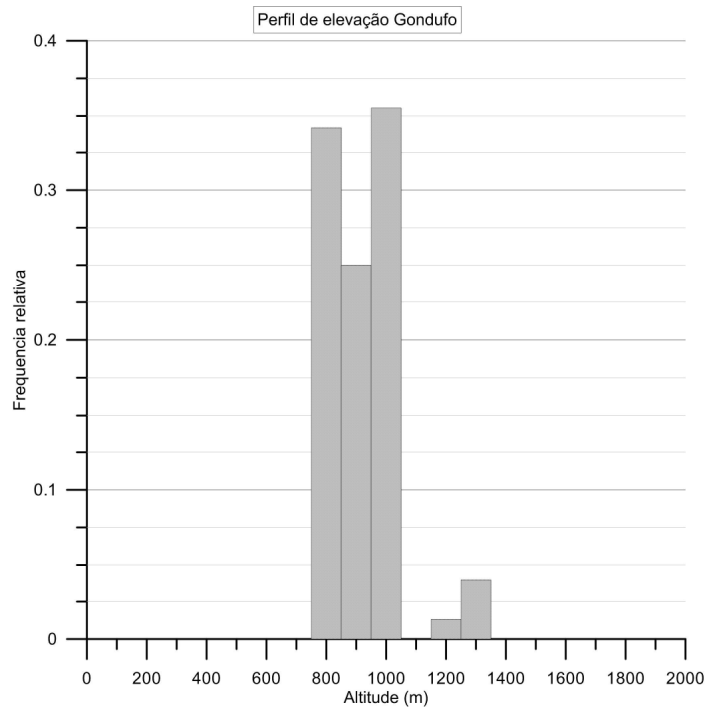




**Ilustração 84 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área de Vale Figueiras**



**Ilustração 85 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios área de Vale Figueiras**



**Ilustração 86 –Perfil de altitude para o conjunto de sítios de Vale das Figueiras**

Nesta área verificamos que existe alguma preferência por encostas voltadas a SO, o que é consistente com um horizonte aberto e distante aproximadamente na mesma direcção. Quanto à direcção do pico distante mais elevado os locais repartem-se entre a Serra da Estrela a Norte, o Gondufo a Sul e o Colcurinho a Oeste. Quanto à direcção do pico distante mais elevado esta é repartida entre o pico do Gondufo, de S. Pedro do Açor, a Serra da Estrela e o pico de S. Pedro do Açor.

## 7) Pedras Lavradas



Ilustração 87 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área de Pedras Lavradas

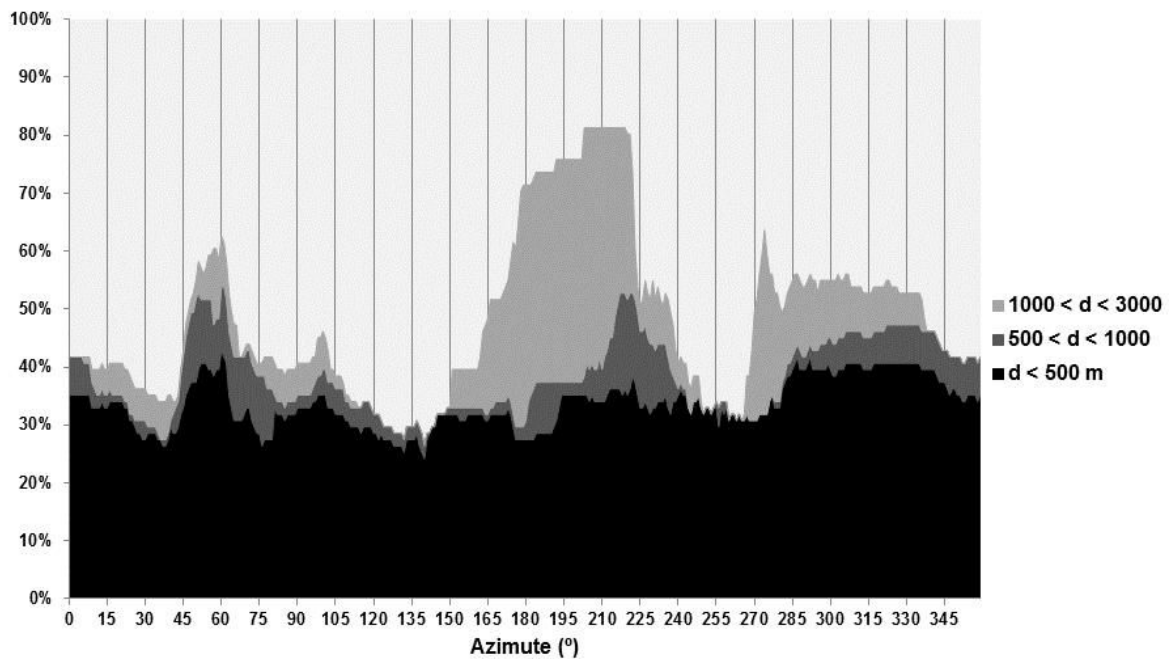
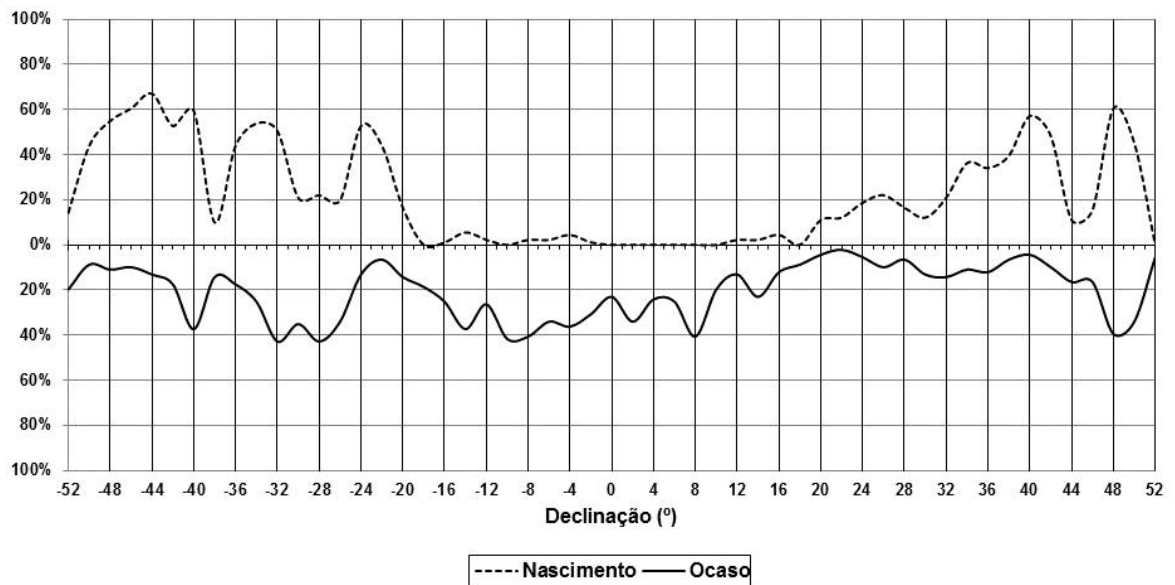


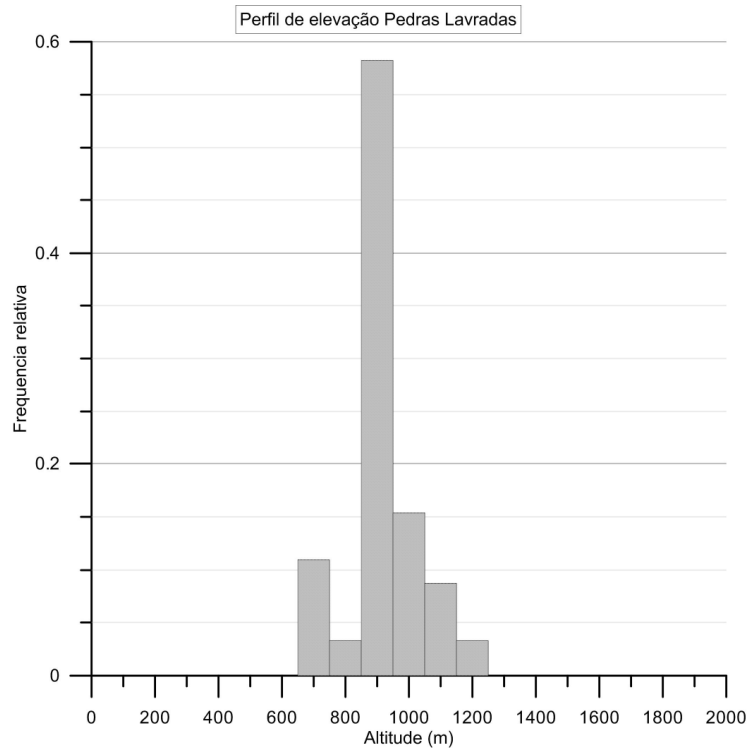
Ilustração 88 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área de Pedras Lavradas



**Ilustração 89 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área de Pedras Lavradas**



**Ilustração 90 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios da área de Pedras Lavradas**



**Ilustração 91 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios das Pedras Lavradas**

Relativamente à área da Pedras Lavradas verificamos que existe alguma preferência por locais com encostas orientadas a SE, com um horizonte aberto na mesma direcção. De um terço dos locais existe visibilidade para o pico distante mais elevado da Serra da Estrela, o que sugere alguma motivação topográfica na selecção desses sítios. O pico de -24° de declinação, (correspondente ao solstício de Inverno ou ao centro das posições da Lua cheia nascente de Verão) é consistente com a orientação das encostas a SE e com o horizonte distante nessa direcção, podendo revelar algum, possível interesse arqueoastronómico.

## 8) Pereiro



Ilustração 92 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área de Pereiro

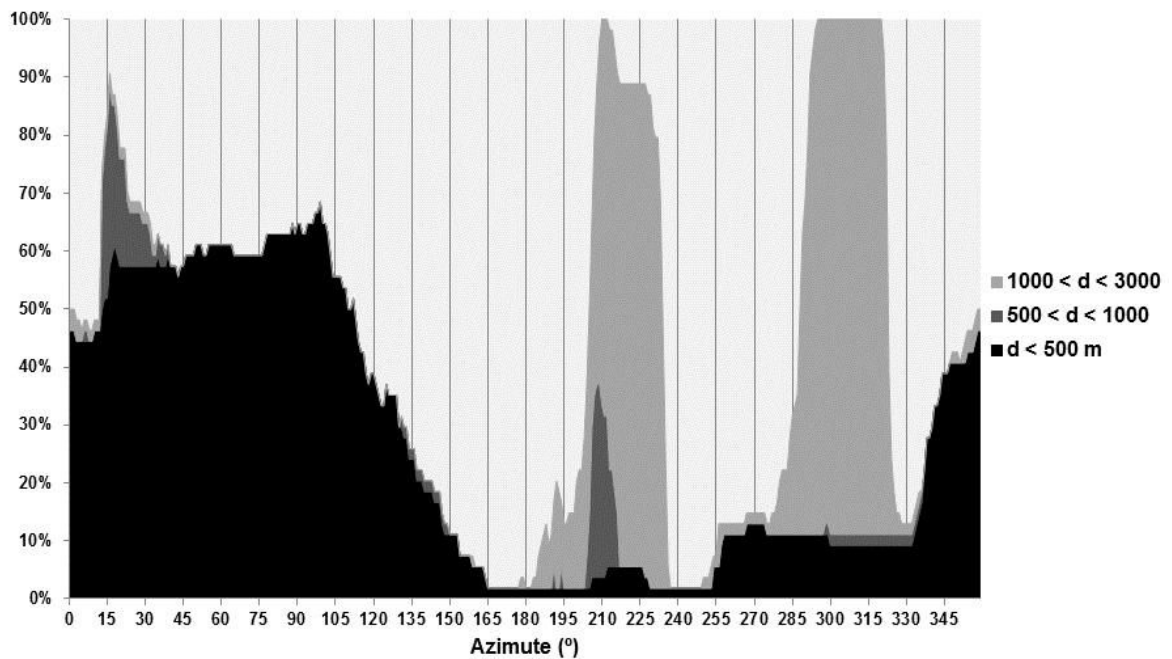
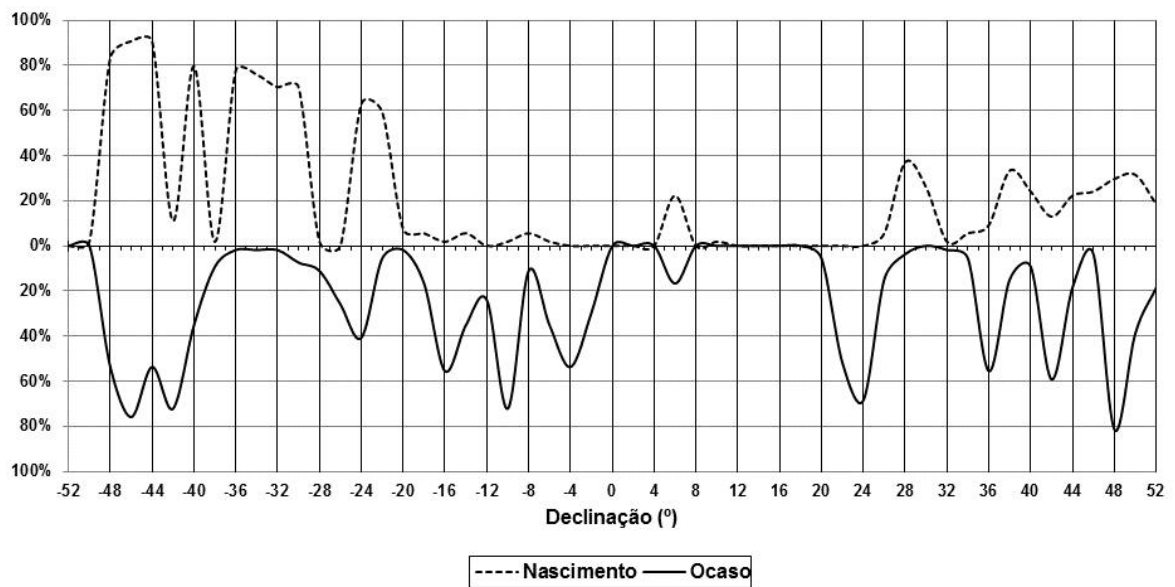


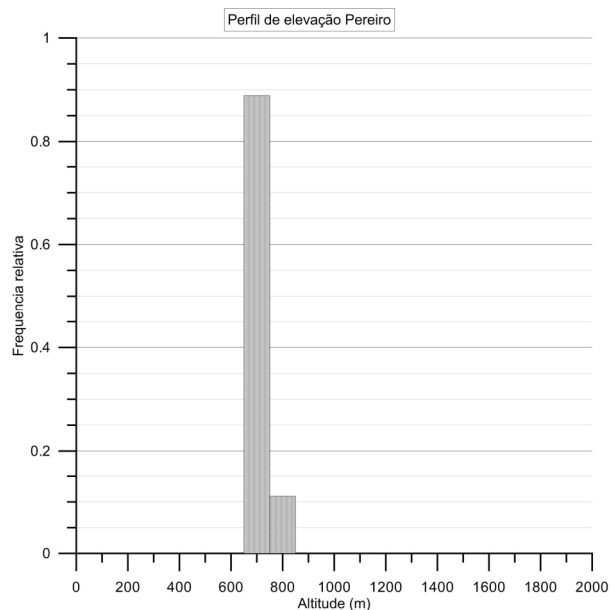
Ilustração 93 – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área de Pereiro



**Ilustração 94 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área do Pereiro**



**Ilustração 95 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios da área do Pereiro**



**Ilustração 96 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios da área do Pereiro**

Relativamente à área do Pereiro verificamos que existe preferência por locais com encostas orientadas a SO, com um horizonte aberto a SE e SO. Três quartos dos locais têm visibilidade para o pico distante mais elevado da Serra da Cebola, o que sugere alguma motivação topográfica na selecção desses sítios. O pico de  $-24^\circ$  de declinação, (correspondente ao nascimento do Sol no solstício de Inverno ou ao centro das posições da Lua Cheia nascente de Verão) é consistente com o horizonte distante nessa direcção, podendo revelar algum, possível interesse arqueoastronómico. É digno de nota igualmente o pico correspondente ao ocaso do Sol no solstício de Verão ( $+24^\circ$ ).



## 9) Sobral



Ilustração 97 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área do Sobral

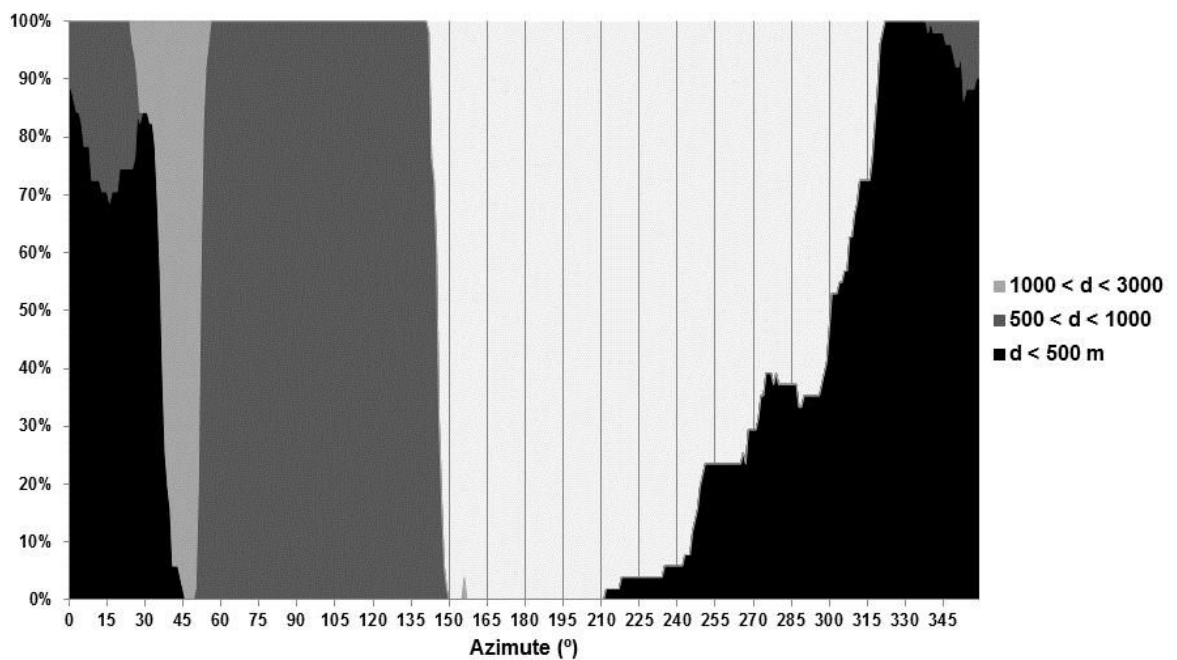
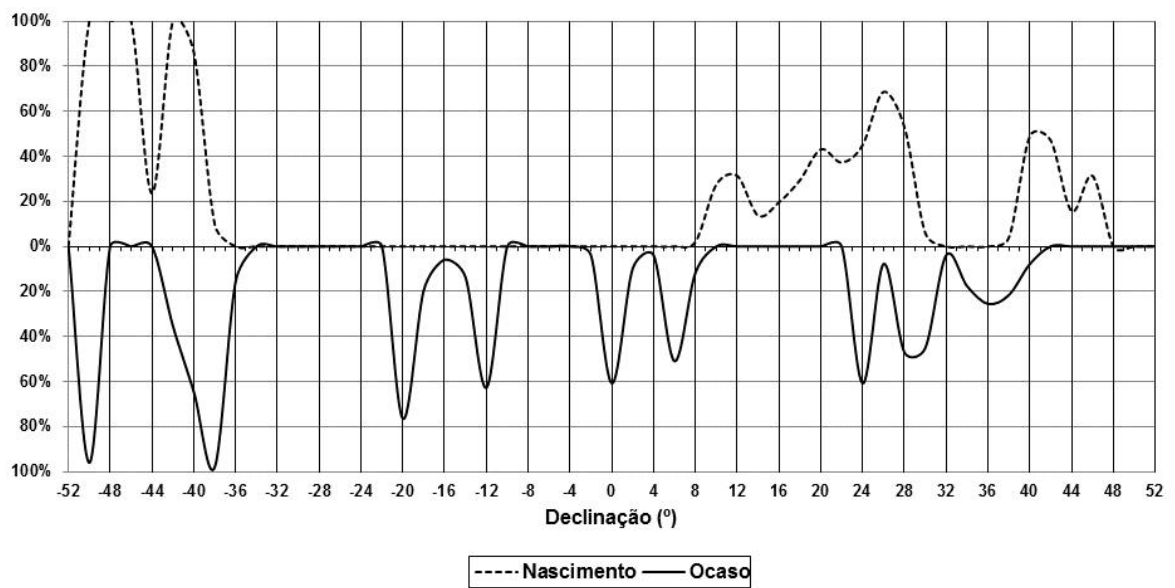


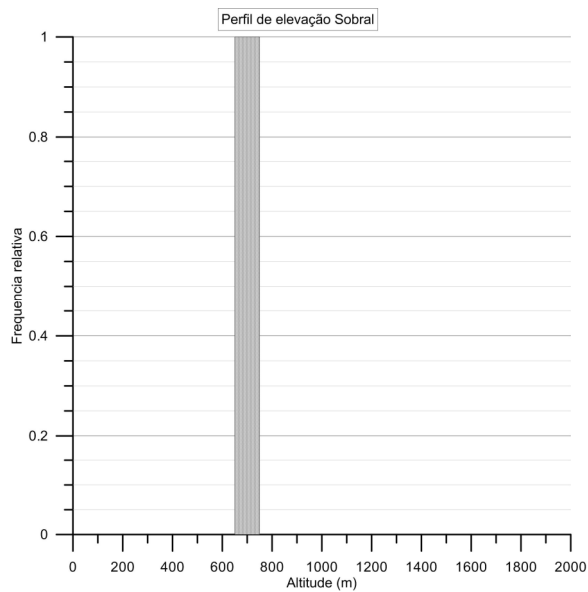
Ilustração 98 – Direção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área do Sobral



**Ilustração 99 – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área do Sobral**



**Ilustração 100 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios do Sobral**



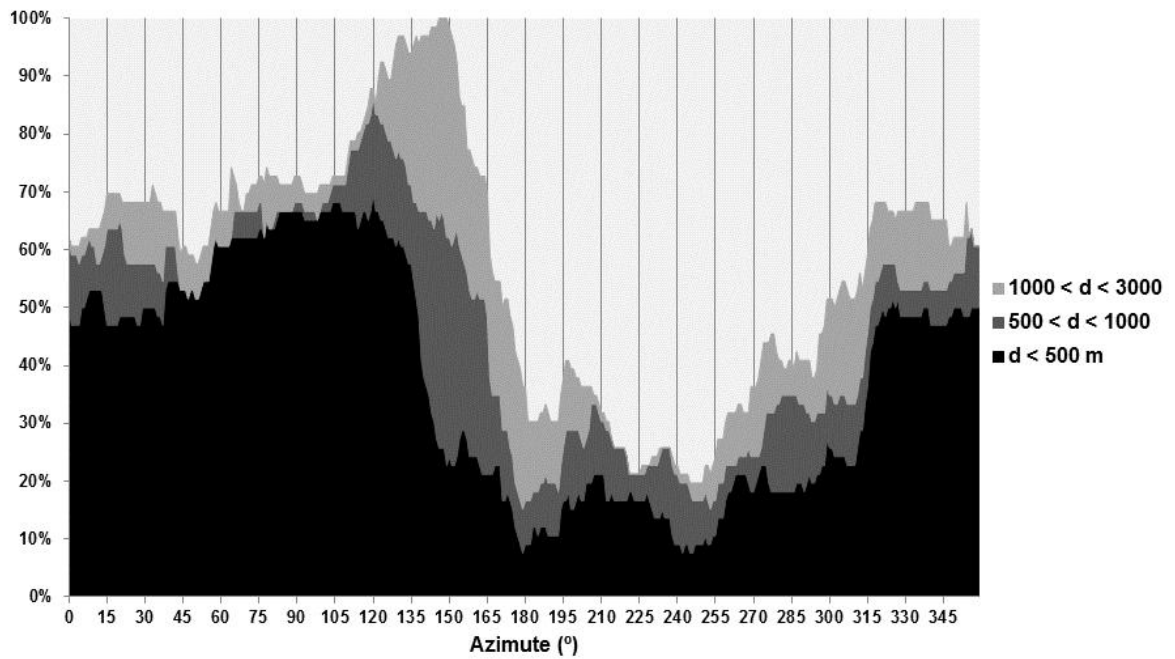
**Ilustração 101 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios da área do Sobral**

Relativamente à área do Sobral verificamos que existe preferência por locais com encostas orientadas a SE, com um horizonte aberto de SE a SO. De dois terços dos locais há visibilidade para um pico distante mais elevado do Gondufo, o que sugere alguma motivação topográfica na selecção desses sítios.

## 10) Vide



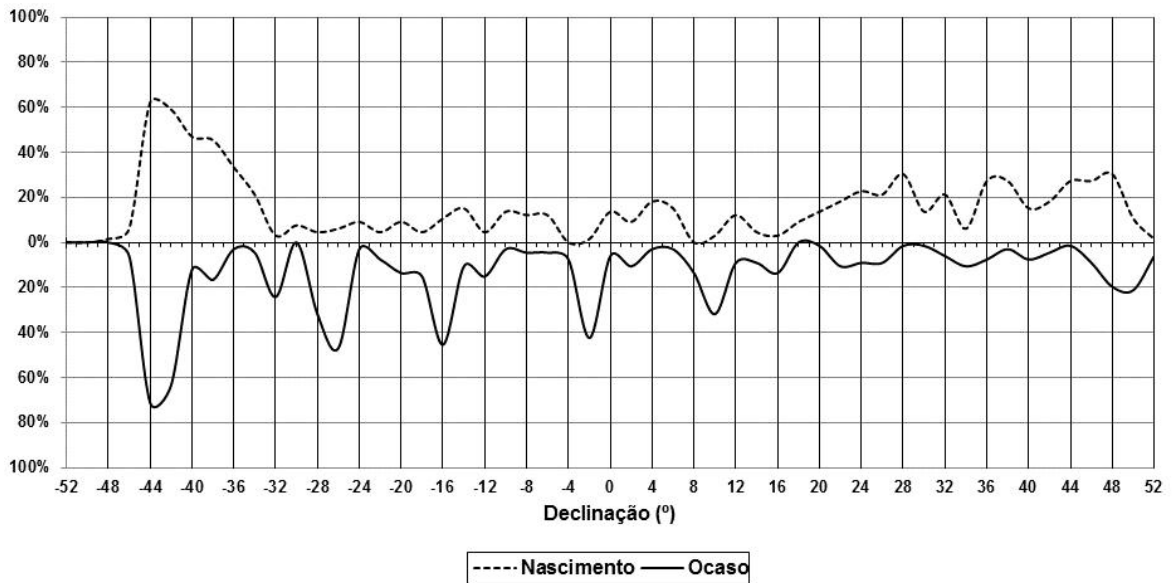
**Ilustração 102 – Distribuição do aspecto em azimute para o conjunto de sítios da área de Vide**



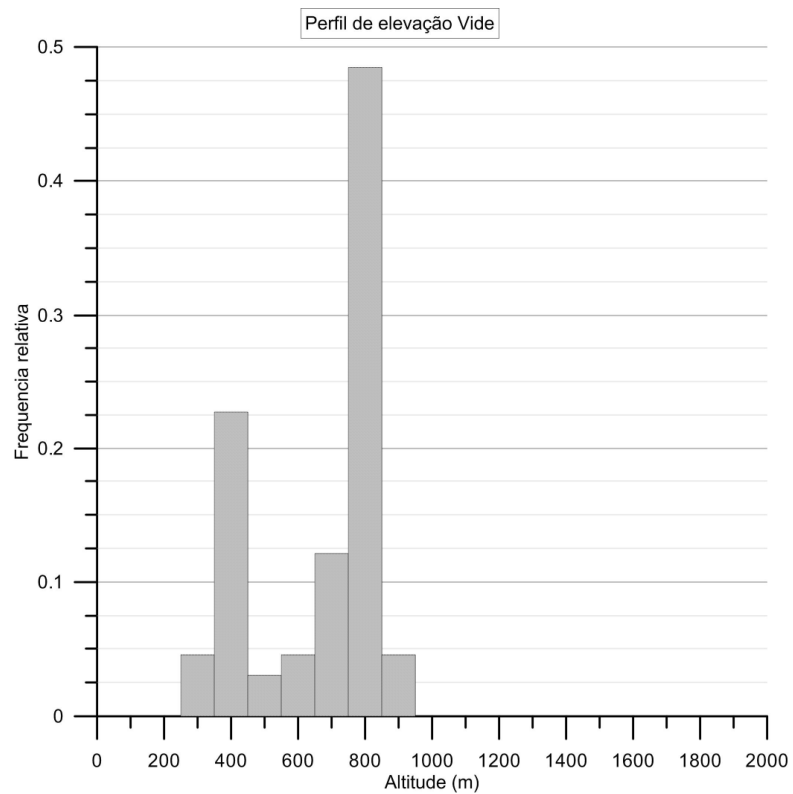
**Ilustração 103** – Direcção para onde o horizonte é mais distante para o conjunto de sítios da área de Vide



**Ilustração 104** – Direcção em azimute do pico distante mais elevado para o conjunto de sítios da área de Vide



**Ilustração 105 – Estudo sobre possíveis marcas no horizonte para o conjunto de sítios na área de Vide**



**Ilustração 106 – Perfil de altitude para o conjunto de sítios da área de Vide**

Relativamente à área de Vide verificamos que existe preferência por locais com encostas orientadas a SO, com um horizonte aberto na mesma direcção. De um terço dos

locais há visibilidade para um pico distante mais elevado do Gondufo na Serra do Açor, o que sugere alguma motivação topográfica na selecção desses sítios

## *Espaço, paisagem e arquitectura*

Durante os vários anos de trabalhos desenvolvidos na região dos rios Ceira e Alva e áreas próximas, fomos observando alguns padrões de povoamento humano, ocupação do espaço quer através da agricultura ou da exploração dos recursos da natureza. Destas observações destacam-se algumas considerações sobre a ocupação da paisagem pelo homem:

- Aldeias antigas encontram-se nos pontos mais abrigados da serra, encaixados nos vales adjacentes às grandes cumeadas, protegendo-as dos rigores do Inverno.
- A arte rupestre da região tem algumas particularidades, nomeadamente dois tipos de localização:
  - Lajes isoladas, mas com um grande número de gravuras e sobreposições.
  - Grupos de lajes, estando a maioria concentradas em cumeadas ou próximo destas, junto dos acessos naturais, correspondendo a vias naturais, que na maioria dos casos chegaram ao século XX ainda com esta finalidade; e que segundo a população fariam parte da “Estrada do Sal”, também designada por “Estrada Real” nome que advém do facto dali circularem até à primeira metade deste século os vendedores do sal em carroças que vinham da Figueira da Foz em direcção a Castelo Branco e à Guarda.

Associadas a estas lajes encontram-se um grande conjunto de outros vestígios como abrigos, alguns monumentos funerários e outros que ainda não foram devidamente interpretados, como pequenas estruturas circulares, constituídas por pequenas pedras de quartzito de pequena dimensão, por vezes com menos de dois metros, que poderão ser pequenas necrópoles de tempos mais avançados, por exemplo na área da Serra do Açor (sítios n.º 753, 759, 760, 761, 837, 838, 839, 841, 842, 856, 877, 892 - inventário geral

fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice 4 n.ºI, pág. 571, 576, 577, 587, 615, 616, 617, 618, 630, 643 e 652. Alguns destes monumentos já começaram a ser escavados no âmbito de trabalhos de prevenção dos parques eólicos ali construídos, contudo ainda não foi possível nesta fase entender totalmente o seu significado, dado que se encontram quase sempre despidos de materiais arqueológicos e quase sempre muito revolvidos, provavelmente por saqueadores de tesouros, pois a sua localização junto das vias naturais e mais tarde vias romanas e medievais, facilitaram a sua destruição. Refira-se ainda que, este tipo de monumentos, apresentam semelhanças arquitectónicas e de contexto com os monumentos existentes na bacia hidrográfica do rio Sever no Sul de Portugal, nas áreas de xisto dessa região (exemplos sítios: 13, 25, 31,49,45, 50, 69 do inventário de: OLIVEIRA, J. M., 1998: 676-702). Nesta região partiriam algumas das rotas da transumância em direcção à Serra da Estrela os quais ainda existiam na primeira metade do século XX.

Durante os trabalhos de investigação bibliográfica pudemos perceber que os pastores ainda no século XX usavam construções provisórias de vários tipos durante a sua permanência na serra, desde o simples abrigo numa saliência natural com uma pequena pala ou estruturas de pedra seca encaixadas junto de afloramentos, e reutilizáveis muito provavelmente todos os anos. Para além destes dois tipos de abrigos ainda no século XX está bem documentada a utilização de pequenas cabanas feitas de palha e madeira do tipo choupana (GONÇALVES, J.L. 2001:378), que eram transportadas pelo próprio pastor sempre que mudada de sítio.



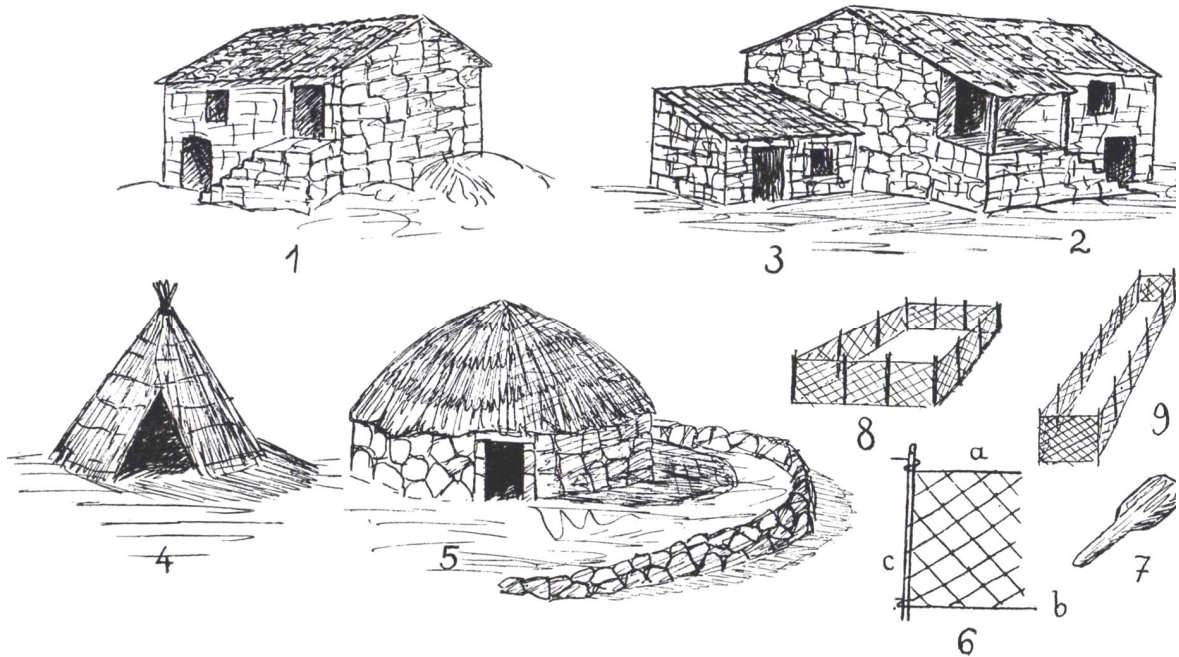


Ilustração 107 – N.º1, 2 e 3, tipos de casas de habitação do Sabugueiro; 4 - choupana de colmo para abrigo do pastor na Terra Chã; 5 - Curral de pedra solta e coberto de colmo para abrigo dos rebanhos na Serra; 6 – rêde: a e b, alfirmes de cima e baixo, c, estaca; 7 – maça para pregar as estacas; 8 – rêde armada em bardo; 9 – rêde armada em aprisco. (RIBEIRO, O. 1940-41)



Ilustração 108 - Choupana ou pouchana casa móvel dos Lusitanos e dos pastores, uns e outros transportavam-na às costas, quando o inimigo se aproximava, ou quando mudavam o rebanho. Um só homem podia com ela, apoiando a parte convexa nas costas e segurando-a com as mãos pelo pau atravessado no cimo (à direita – Interior da pouchana. Veja-se o pormenor da sua construção a partir da copa das árvores. (GONÇALVES, J.L. 2001:378)

## ***Espaço Arqueológico e Arqueologia da Paisagem***

O fenómeno artístico resultante na arte rupestre existente na área em estudo é fruto de uma ocupação humana em que o ambiente natural e o ambiente social se interligam, através de um conjunto de circunstâncias e ajudam a explicar a sua existência. O estudo da arqueologia da paisagem como conceito, pode de alguma forma explicar a paisagem como uma “construção” humana e como os homens intervieram nessa mesma paisagem. (UCKO & LAYTON, 1999; KNAPP & ASHMORE, 1999).

- Assim a existência de monumentos funerários provavelmente de várias épocas, em áreas com arte rupestre, como é o caso de Góis, Serra da Lousã, Serra do Açor, Pedras Lavradas/Alvoaça e Serra da Cebola, sempre associadas a antigas vias situadas nas cumeadas, provam a utilização de forma intensa deste espaço geográfico.
- A existência de importantes rotas naturais e de transumância e posteriormente comerciais, vindas do Zêzere, via Vila Velha de Ródão para o Alentejo, perduraram até à primeira metade do século XX. Existem referências medievais e modernas deste fenómeno como por exemplo na área da Serra de São Mamede, em Castelo de Vide “*os moradores da Vila faziam, em defesa dos pastos tão necessários aos seus gados, contra o privilégio abusivo dos pastores de Manteigas que, em certas épocas do ano, desciam com os seus rebanhos, dos vales e das alcantiladas encostas da Serra da Estrela para as charnecas e planícies daquém e dalém Tejo...*” (COELHO, P. M. L.1919: 172). Esta circulação de pessoas e animais não tinha apenas um sentido de Sul para Norte, mas também o inverso em direcção a Cáceres, passando por Castelo de Vide e Marvão na área da Serra de São Mamede. Estas rotas milenares marcaram a cultura das regiões, por exemplo na arquitectura tradicional e na música tradicional. Até ao século XX podiam-se observar tipologias semelhantes nas construções tradicionais das habitações dos pastores e nas casas de apoio.

Na música popular pode-se também observar essa ligação cultural entre as Beiras, nomeadamente: Serra da Estrela - «Beira Baixa» com a música popular do «Alto Alentejo», através do exemplo de músicas comuns a estas duas regiões, por exemplo na “*As Armas do meu Adufe*”; Musica Tradicional da «Beira Baixa», muito cantada no «Alto Alentejo».

- A existência de várias rotas regionais de transumância, via do Douro, através dos corredores naturais existentes, via Serra da Estrela em direcção ao rio Côa.
- A existência de rotas de transumância e rotas mineiras na margem esquerda do rio Zêzere –Tejo, vindas da área de Abrantes, passando pela Serra do Cabeço Rainha, Pedrógão Grande, Alvares - Góis seguindo as cumeadas até ao cruzamento da «Via do Sal» na área da «Pedra Letreira» em Góis.
- A existência de rotas de comércio de vários produtos onde se destacam os minérios, com o litoral atlântico através dos rios Alva e Ceira, que seriam navegáveis até ao seu curso médio.
- A existência de uma via, que provavelmente estará ligada à via da prata que faria parte desta rede de comunicações; também aqui designada por «Via do Sal» no sentido Este/Oeste, ligando o litoral até à Meseta - via Serra da Lousã-Via Gondufo-Pedras Lavradas-Covilhã-Guarda.
- A intensa exploração de recursos mineiros, em particular a existência de ouro um pouco por toda a região, em aluvião, ou em galeria. E o facto de existir na mesma área: cobre na Serra do Açor e Cebola-Panasqueira e estanho em Góis, Arganil e Pampilhosa da Serra.
- A região é aparentemente pobre em recursos, contudo a sua centralidade, facilitou a existência de povoados centralizadores de comércio, controle das explorações

mineiras como são exemplos os sítios da «Lomba do Canho» em Arganil e o «Castro de São Romão» em Seia.

Em última análise a própria arte rupestre é também fruto desses contactos ao longo de milhares de anos. Quando analisamos a concentração da arte rupestre ou a sua dispersão, na paisagem, (ver Tomo XIII Apêndice n.º9, tabela n.ºI a n.ºXI, pág. 3309 a 3593) ressaltam alguns padrões de ocupação, por exemplo:

- A maior concentração de lajes gravadas, situam-se no núcleo do Sobral de São Miguel, onde num único km quadrado, se situam 51 lajes gravadas. Seguindo-se as áreas do Pereiro e Abuceira, onde em dois km quadrados, situam-se: 54 lajes em cada uma destas áreas, resultando na média de 27 lajes por km quadrado.

CONCENTRAÇÃO DAS LAJES NAS ÁREAS ESTUDADAS E SUA LOCALIZAÇÃO									
ÁREAS ESTUDADAS	Associadas a Vias	%	Não associadas a vias	%	Total	Isoladas	Grupos de lajes	Área abrangida Km2	Existência lajes por média Km2
ABUCEIRA	54	100%	0	0%	54	0	2 grupos	2 Km2	27,0
CHIQUEIRO	65	100%	0	0%	65	0	2 grupos	4 Km2	16,3
N. DO CEIRA/ AROUCA/SILVA	14	70%	6	30%	20	2	6 grupos	7 Km2	2,9
P. LAVRADAS/ ALVOAÇA	80	99%	1	1%	81	1	13 grupos	7 Km2	11,6
S.SÃO MIGUEL	51	100%	0	0%	51	0	1 grupo	1 Km2	51,0
PEREIRO	54	100%	0	0%	54	1	2 grupos	2 Km2	27,0
CEBOLA	109	100%	0	0%	109	3	9 grupos	11 Km2	9,9
GÓIS E LOUSÃ	15	94%	1	6%	16	8	12 grupos	Mais de 150 Km2	0,1
VALE DAS FIGUEIRAS /CABEÇO SOLHEIRO	55	72%	21	28%	76	4	10 grupos	20 Km2	3,8
VIDE	62	94%	4	6%	66	17	21 grupos	Mais de 60 Km2	1,1
AÇOR	94	92%	8	8%	102	7	18 grupos	Mais de 120 Km2	0,9
<b>TOTAL LAJES</b>	<b>653</b>	<b>94%</b>	<b>41</b>	<b>6%</b>	<b>694</b>	<b>43</b>			

Ilustração 109 – Concentração das lajes com arte rupestre e sua localização

- Observa-se uma relação da arte rupestre com a existência de caminhos antigos, denunciados pela existência de sulcos escavados na rocha, observando-se que 94% das lajes estão nas proximidades destas vias antigas.
- Existe também uma relação entre altitude e a quantidade de sobreposições observáveis nas lajes gravadas. Sendo as áreas com mais sobreposições as que se encontram entre as cotas altimétricas dos 666 m e os 948 m.

SOBREPOSIÇÕES ANÁLISE				
	SOMA NÚMERO SOBREPOSIÇÕES/ NÍVEIS, POR ÁREA TOTAL	NÚMERO LAJES	MÉDIA SOBREPOSIÇÕES POR LAJE	ALTITUDE MÉDIA DAS LAJES POR ÁREA
ABUCEIRA	101	54	1,87	726
VIDE	96	66	1,45	666
PEREIRO	73	54	1,35	740
CEBOLA	143	109	1,31	1159
GÓIS	21	16	1,31	794
P.L.ALVOAÇA	105	81	1,29	948
V.F.G.V.	98	76	1,28	931
AROUCA/SILVA	25	20	1,25	1029
CHIQUEIRO	80	65	1,23	1067
AÇOR	124	102	1,21	1155
SOBRAL	59	51	1,15	719

**Ilustração 110 – Análise das sobreposições nas lajes gravadas**

- Verifica-se que, não parece existir uma relação directa entre altitude a que se situam as lajes gravadas, com o tamanho das lajes e o tamanho da área gravada em cada laje.

TAMANHO DAS LAJES E ÁREA GRAVADA						
	TOTAL SOMA TAMANHO DAS LAJES GRAVADAS POR ÁREA (m2)	TOTAL SOMA ÁREA GRAVADA POR ÁREA ESTUDADA (m2)	TAMANHO MÉDIO DA LAJE (m2)	MÉDIA ÁREA GRAVADA POR LAJE (m2)	NÚMERO LAJES	ALTITUDE MÉDIA DAS LAJES POR ÁREA
CHIQUEIRO	390,33	94,53	6,01	1,45	65	1067
GÓIS	80,68	16,18	5,04	1,01	16	794
VIDE	138,70	56,26	2,10	0,85	66	666
ABUCEIRA	189,02	39,01	3,50	0,72	54	726
AÇOR	257,16	60,05	2,52	0,59	102	1155
SOBRAL	168,89	25,13	3,31	0,49	51	719
CEBOLA	158,35	49,14	1,45	0,45	109	1159
AROUCA/SILVA	44,89	8,89	2,24	0,44	20	1029
VALE.F.G.V.	114,20	33,49	1,50	0,44	76	931
PEREIRO	104,44	17,27	1,93	0,32	54	740
P. L. ALVOAÇA	127,51	19,52	1,57	0,24	81	948

**Ilustração 111 – Relação entre tamanho da laje, área gravada e altitude**

o Em relação à dispersão das gravuras nas lajes, elas aparecem organizadas com mais núcleos em cotas altimétricas mais baixas, o que pode significar um maior período de estadia nestas áreas e uma visitação superior, em relação às lajes que se situam em cotas altimétricas superiores.

DISPERSÃO DAS GRAVURAS NAS LAJES				
	NÚMERO DE LAJES	SOMA NÚMERO DE NÚCLEOS DE GRAVURAS EM TODAS AS LAJES TOTAL POR ÁREA	MÉDIA NÚCLEOS DE GRAVURAS POR LAJE	ALTITUDE MÉDIA DAS LAJES POR ÁREA
ABUCEIRA	54	343	6,35	726
V.F.G.V.	76	358	4,71	931
VIDE	66	223	3,37	666
GÓIS	16	48	3,00	794
PEREIRO	54	133	2,46	740
P.L.ALVOAÇA	81	194	2,39	948
CHIQUEIRO	65	146	2,24	1067
SOBRAL	51	109	2,13	719
CEBOLA	109	222	2,03	1159
AROUCA/SILVA	20	39	1,95	1029
AÇOR	102	178	1,74	1155

**Ilustração 112 – Dispersão das gravuras nas lajes e altitude**

## Arqueologia, História e Etnografia

A área abrangida pelos rios Ceira e Alva é caracterizada pela existência de dois grandes cursos de água que correm em vales bastante fechados, com grandes declives e que dificultam a circulação quer de animais, quer de pessoas. As cumeadas das serras são praticamente as únicas hipóteses de passagem. Assim salienta-se a existência de uma grande via natural entre o litoral e o interior, com o sentido Oeste/Este que percorre várias cumeadas que começam na Serra da Lousã em direcção à Guarda e Covilhã. Na área de Miranda do Corvo começaria uma destas grandes vias e que terá chegado ao século XX, por exemplo, o troço da estrada que vinha dos altos de Chão de Lamas – onde cruzava com a estrada Coimbra-Podentes – e seguia para a Lousã, juntando-se na vizinha povoação do Corvo, com a «Estrada Real» ou a «Via do Sal» que, vinha de Sul, atravessava o concelho desde a Sandoeira ao Padrão e seguia por Foz de Arouce para a Mucela e daqui para a Beira Alta.

A tradição e a etnografia da região dizem-nos que o comércio do sal teria duas grandes formas de ser comercializado, uma seria por via lacustre, outra a via terrestre.

A rota terrestre que faria parte dessas vias naturais de comunicação, terá existido em Vila Nova (Miranda do Corvo), área de Moroços, onde ainda detectámos parte de uma via antiga que se caracterizava pela existência de sulcos escavados na rocha, e uma construção escavada no arenito, sítio da «Buraca da Tia Júlia», com vestígios de uma inscrição antiga e várias gravuras no seu interior, que atestam a sua antiguidade, nomeadamente um círculo gravado através de percussão com objecto metálico (ver sítio 1182 - inventário geral fichas de sítios arqueológicos TOMO II, Apêndice 4, n.ºV, pág. 781).

Este local terá sido utilizado após a sua descoberta como armazém de sal e habitação, refira-se os vestígios de vários entalhes de fecho de porta e entalhes para fecho de câmara, com mais de 10 cm de largura para laje de pedra, fenómeno semelhante em outros monumentos proto-históricos do género do centro de Portugal, como o monumento «Corredor dos Mouros em Tomar» (RIBEIRO, 1995) ou o monumento situado na «Sobreira Formosa em Proença a Nova», recentemente descoberto (RIBEIRO, 2008) e que



indicia, com base na planta do monumento, uma origem provavelmente já dos finais da Idade do Bronze, provavelmente de influência mediterrânica.

Com o alargamento da estrada vicinal que aqui passava em direcção à aldeia de Vila Flor, antes de chegar a «Meroucinhos», a população terá destruído o corredor do monumento, restando apenas a câmara escavada na rocha. O monumento a partir desse momento terá dado apoio à «Rota do Sal» que aqui passava e passando de geração para geração, chegando ao século XX como local de habitação com o nome da sua última ocupante. Associado a este monumento ainda pudemos recolher um fragmento de cerâmica carenada típica da Idade do Bronze (ver sítio n.º 1182 do inventário geral fichas de sítios arqueológicos, TOMO II - Apêndice 4, n.ºV, pág. 781).<sup>13</sup>

Miranda do Corvo era pois um ponto de passagem forçada da Estremadura para a Beira. A este propósito é ainda importante salientar que para além das vias terrestres, esta região foi ligada ao litoral através dos rios Alva e Ceira, através do rio Mondego. Este terá sido no passado uma via fluvial muito importante, desempenhando um papel de relevo no comércio da região.

Na etnografia da região encontramos bastantes memórias orais, respeitantes ao comércio do sal, desde Miranda do Corvo, área de Vila Nova até à Serra da Lousã, passando pelas cumeadas de Aigra Velha, aldeia da Ribeira Fundeira, Ribeira Cimeira em

---

<sup>13</sup> Infelizmente este sítio foi destruído pela Empresa Estradas de Portugal na sequência do alargamento da referida via no ano de 2004, que inicialmente não tinha acompanhamento arqueológico por se tratar de um projecto antigo, segundo as palavras da Dra. Helena Moura, da Extensão do então IPA (Instituto Português de Arqueologia) de Pombal. Em sequência realizei um pedido de autorização para registar o monumento. Facto que foi autorizado pela extensão, mas não pela direcção do IPA de Lisboa, por faltar a autorização escrita do proprietário, dado que inicialmente apenas tinha a autorização oral. Poucos dias depois o dono do monumento já seria as Estradas de Portugal através do processo de expropriação amigável. Realizei apesar de tudo uma planta sumária do monumento e duas sondagens com 40 cm de profundidade, onde se apurou não existirem sedimentos antigos Pré-históricos na área das sondagens, dado que muito provavelmente o local terá sido sucessivamente limpo para poder armazenar sal nas últimas centenas de anos. Do lado de fora da câmara, junto da estrada pude recolher um fragmento de cerâmica carenada, da Idade do Bronze. Durante este período de pouco mais de uma semana, os representantes da empresa Estradas de Portugal, visitaram os trabalhos de registo do monumento e contrataram um arqueólogo: (Adriaan de Man), após o nosso alerta através da Extensão de Pombal. Realizei antes do monumento ser destruído, um processo de classificação que enviámos para o Ministério da Cultura através do Instituto Português do Património Arquitectónico. Conseguimos apesar de tudo, um registo sumário do sítio e o levantamento topográfico do seu interior, onde se encontravam uma inscrição antiga, várias marcas de fecho da câmara através dos sulcos rasgados na rocha rasgados no arenito e a gravura de pelo menos um círculo. Foi fotografado totalmente o interior do monumento.



direcção à aldeia da Pena em Góis e daqui em direcção à Portela do Vento, seguindo no sentido oriente em direcção à Serra da Cebola, passando pelas cumeadas de Malhadas, Caveiras, Decabelos, Ramal, Pedra d`Água, Covo, Rocha, Serra de Arouca e Silva, Serra da Cebola; Na área da Portela do Vento cruzavam-se aqui duas rotas uma vinda de sul do Zêzere, seguindo pela cumeadas de Entre Campelos e Pedra do Lumiar em direcção a Góis, atravessando o rio Ceira, seguindo daqui para a Serra do Rabadão, Capinhas, Vieiro, Gatucha, Catraia, Rabadoiro, Malhada, Vale Grande, Carambola, Parrozelos, Cabeço Fonte Espinho – Serra do Açor.

Estas rotas não seriam apenas uma via, mas um conjunto de pequenos trilhos que existiriam na serra, alguns destes terão tido uma longa utilização, e são caracterizados pela existência de sulcos na rocha, resultantes da passagem de rodados de veículos de tracção animal pelo local.

O sal na antiguidade teve um papel muito importante, dada a necessidade de conservar os alimentos, sobretudo carne. Segundo alguns autores o comércio do sal em Portugal terá tido um papel importante já na Idade do Ferro (ALMEIDA, C. A. B. 2005: 150-151), sendo possível que esta rota, a que a população designa de «Estrada do Sal» ou «Estrada Real», seja de facto não só uma via natural por excelência, mas também uma das principais rotas pré-históricas e proto-históricas que ligariam o litoral ao interior, área a que chamamos actualmente «Beiras» e que se desenvolviam ao longo das cumeadas dos rios Ceira e Alva, que correm quase paralelos um em relação ao outro.

Sabemos também que o domínio destas rotas comerciais na Europa, permitiram por exemplo o desenvolvimento da cultura de “Hallstatt”.

O comércio deste bem precioso, que na antiguidade chegou a servir de moeda de troca, juntamente com o gado, resultando daí palavras como «*salarium*», sinónimo de salário, ou «*pecus*», sinónimo de gado, resultando daí palavras como pecuniário; pode assim ter tido também um papel importante para o desenvolvimento destas vias.

O rio Ceira terá sido também navegável pelo menos até Serpins, onde terá havido um povoado romanizado. O Alva terá sido navegado pelo menos até à área da Ponte das Três Entradas, local onde o rio Alva se encontra com a ribeira de Loriga.

Em Penacova o Alva encontra-se com o Mondego. A área de Penacova terá estado integrada no percurso fluvial ao longo de séculos, com vários portos, sendo a área geográfica da Raiva o mais importante centro de embarque e desembarque de produtos. A vida de muitos habitantes da região, sobretudo das povoações ribeirinhas, estava intimamente ligada ao rio. Como afirmou António Luís de Sousa Henriques Seco, nas “Memórias Histórico-Chorográfica do distrito de Coimbra” em 1853, “*a indústria principal do concelho foi a navegação do Mondego a que se entrega grande parte dos seus naturais, conduzindo do centro da província para a Figueira da Foz ou d’esta para aquela particularmente estes géneros: sal, vinho, azeite além d’outros efeitos. Estas viagens eram feitas em barcos chamados: “barca serrana” que era o meio de transporte de mercadorias e pessoas, entre Penacova, Coimbra e Figueira da Foz*”. Segundo o autor esta barca terá sido inspirada em modelos da Mesopotâmia, e é da família dos barcos da ria de Aveiro. O nome «serrana» deve-se ao facto de ir da serra carregada de lenha, carqueja e ramalheira, que era vendida ao “cento” para os fornos das padarias. Para além destes produtos, eram levados para Coimbra e Figueira da Foz: vinho, milho, azeite, carvão vegetal, telha e cal. Na volta vinha carregada de sal, peixe, arroz e louça. Em vários pontos do rio existem vestígios dessa actividade, infelizmente ainda não estudados, exemplo disso é o achado fortuito de uma estaca de madeira em meio fluvial, possível elemento de antigo embarcadouro de época indeterminada. (Ver sítio 1247 - Inventário geral fichas de sítios arqueológicos, TOMO II - Apêndice 4, n.ºVIII, pág. 820).

O início da via natural terrestre que começava na Serra da Lousã, em direcção à Serra do Açor onde passaria a «Via do Sal» é ainda acessível por várias outras vias naturais de menores dimensões, com o sentido Norte/ Sul ou Sul/Norte, caso das áreas:

- Portela do Vento em Góis, via natural que vem de Sul, Pedrógão Grande e rio Zêzere e que se cruza nesta área com a grande via Oeste/Este.
- Vias naturais de acesso à Serra do Açor/ Gondufo/ Balocas e à área de Vide onde se cruzam dois importantes cursos de água, a ribeira do Alvôco e a ribeira

do Piódão, sentido Norte/Sul. Nesta aldeia passaria uma importante via romana, testemunhada pela existência de miliários. Esta via calcetada, ainda hoje bem preservada acompanha a margem direita da ribeira do Piódão, vinda do Piódão, passando por Chãs de Égua, e teria provavelmente ligação à Serra do Açor – troço actualmente destruído. Em Vide desembocava na área da Catraia, onde ainda no Século XIII, o Rei D. Dinis, pernoitou por duas vezes. Terá sido ainda em Vide que D. Dinis conferenciou com os emissários aragoneses de Pedro II de Aragão, para receber as condições do casamento com a Rainha Santa. Comprovando-se o papel desta via ainda na Idade Média, nas ligações entre o litoral da península e a meseta espanhola. (NOBRE, C. G. A. 2006: 43).

O crescimento de aldeias como a de Vide, foram directamente influenciadas pela sua localização, “*O povoamento de Vide passou por três fases. A primeira deveu-se ao comércio e permutas, feito por Almocreves, que vindos dos lados do Mondego e do Alva, traziam farinhas...Nesta fase o percurso de Almocreves era feito pela Catraia, atravessando a Ribeira do Piódão, por uma ponte de pau.*”(NOBRE, C. G. A. 2006: 21). Vide situava-se na confluência de várias rotas terrestres e fluviais e de transumância, fazendo destes locais passagens obrigatórias e locais de excelência para a realização das feiras medievais que persistem até aos dias de hoje, como é o exemplo da feira de Vide e a feira de Montalto em Arganil.

- Acesso Norte para Sul (bacia do Côa) através da ligação Serra da Estrela à área da Serra da Alvoaça/Pedras Lavradas/Serra do Açor.
- Acessos à Serra do Açor através da Serra da Cebola.
- Acessos à Serra da Cebola, através da Serra do Pereiro.

- Acessos à Serra da Cebola, através da encosta do Sobral de São Miguel, para Cabeço do Pigueiro e ligação à Serra das Pedras Lavradas/Alvoaça.
- Acessos à Serra da Cebola (Arouca/Silva), através da Serra do Chiqueiro.
- Cruzamento de duas vias naturais na área da Portela da Casa Branca/Serra da Abuceira, com os sentidos Norte/Sul, em direcção à Serra da Estrela e a outra via Este/Oeste em direcção à Covilhã/meseta.

Estas vias naturais terrestres são sempre acompanhadas de vestígios arqueológicos de épocas mais recentes, nomeadamente de marcas de estradas fósseis, caracterizadas pela existência de sulcos escavados na rocha resultante da passagem de carros movidos por tracção animal. Existindo ainda vestígios de antigas estalagens, aqui designadas por «Catraias», como são exemplo as três estalagens medievais, actualmente em ruínas que se situavam na Serra do Açor: uma próxima das nascentes do rio Ceira (Piódão-Arganil), outra na área das «Casas de S. Pedro» (Piódão-Arganil), (ficha de sítio arqueológico n.º758 do inventário geral, fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice 4, n.ºI, pág. 575) a meio da Serra e outra ainda na outra ponta da Serra do Açor, no lugar de Cabeço Fonte Espinho (ficha de sítio arqueológico n.º 730 do inventário geral fichas de sítios arqueológicos TOMO II - Apêndice 4- n.ºI, pág. 558), (Moura da Serra-Arganil).

A via principal Este/Oeste ligava o litoral até ao interior, passando por vários locais em Miranda do Corvo, zona do Espinhal, indo pela Serra da Lousã, passando pelo concelho de Góis, dividindo-se depois em duas, uma seguindo pela Serra da Caveira através das cumeadas do alto Ceira passando pela Serra da Cebola, indo depois para Sobral de São Miguel e Cova da Beira. A outra via passaria próximo de Góis, zona de Cimo de Alvé, passando pela Vila de Góis, seguindo para Secarias e Arganil, dividindo-se depois numa via para Vila Cova do Alva, Coja em direcção a Avô – Lourosa, passando pelo centro desta localidade, existindo ainda os sulcos escavados na rocha. Um destes troços partiria de Arganil em direcção à Benfeita, Vinhó – Fonte Fria e Cabeço do Peão percorrendo a cumeadas da Serra do Açor e na Fonte do Peão, seguindo em direcção ao

Gondufo, nesta área partiriam duas outras vias de menor dimensão para Norte, uma passando na cumeada de Outeiro da Malhadinha, em direcção a Vide ou à Serra de Nossa Senhora das Necessidade ou Colcorinho. A segunda via que partiria da área do Gondufo para Norte, passaria pela Lomba do Malhadinho em direcção aos Carvalheiros, seguindo para Cameiros já em Vide - área da laje das «Ferraduras».

Voltando à via natural principal Este/Oeste, da área do Gondufo, esta seguiria posteriormente para as Pedras Lavradas: uma via no sentido Oeste e outra via em direcção à Serra da Cebola, seguindo para a área da aldeia de Sobral de São Miguel.

Na área da junção da Serra do Açor com a Serra da Cebola cruzam-se assim duas vias naturais. A via principal na área das Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça, cruzava-se com uma via que vinha de Norte para Sul e que ligava directamente à Serra da Estrela. A via principal seguiria para o interior contornando a Serra da Estrela passando pela área da Portela da Casa Branca, onde se cruzava com uma outra via que vinha no sentido Sul para Norte, da Serra da Abuceira para a Serra da Estrela.

Um dos factos mais interessantes que detectámos é que a área da «Pedra Letreira», se encontra no fim de uma rota que vem de Sul para Norte em direcção à via principal. E que nas proximidades deste local se detectou nos anos 50 do século XX, quando se desentulhava um antigo poço de acesso a uma mina romana, duas pequenas inscrições dedicadas a uma divindade intitulada de «*ILVRBEDA*». A mesma que se detectou na área de Cáceres já em plena meseta espanhola, e que segundo alguns autores estará associada à mineração, o que consideramos ser uma prova importante dos contactos inter-regionais. Próximo ainda deste local, detectou-se ainda, o sítio da «Pedra Riscada», que se encontra precisamente no trajecto principal da via principal que liga o litoral ao interior.

Em resultado da passagem por estes locais de milhares de pessoas ao longo dos tempos, e da observação das gravuras que já aí existiam, foram gravados muitos podomorfos, através de um fenómeno de imitação. Quando analisamos a tipologia dos podomorfos existentes nestas 11 áreas, observa-se que um dos sub-grupos de gravuras mais frequentes, os podomorfos com decoração martelada e com “brochas”, tem paralelos,

num tipo de sapato que foi usado até à primeira metade do século XX, que se caracterizava morfológicamente pela existência de uma espécie de pregos de metal que eram inseridos no próprio tamanco de madeira, para não escorregar. Este tipo de sapato pode ainda hoje ser observado por nós numa colecção particular em Góis, numa exposição de artesanato realizada no ano de 2010 em Góis, na Feira Agrícola e Industrial de Góis, pela Associação Cultural da Aldeia do Cadafaz (Góis). O uso deste tipo de sapatos está também documentado por exemplo no uso, por exemplo, da descasca da castanha pilada: *“Depois de secas, no dia da pisadura (acto de comprimir as castanhas para retirar a pele), era feita uma grande fogueira na lareira a fim de serem aquecidas, para separar a casca mais facilmente, depois eram colocadas dentro de um grande cesto de verga com duas asas em forma de pote, ali eram pisadas por um homem que calçava tamancos com grandes brochas e a medida que iam ficando descascadas eram crivadas, sacudidas dentro do próprio cesto, até ficarem "piladas”*. (PEREIRA, J.F., 2004: 273-275) – (Ver Tomo XIII, ficha de sítio etnográfico n.º10 – Apêndice 8 – n.º1 – Concelho de Arganil, pág. 3287).

## Objectivos e Problemas

Objectivos, a atingir com esta tese:

- ❖ Fazer o inventário, levantamento arqueológico, monográfico de uma amostra representativa do conjunto de lajes gravadas do contexto existente nas áreas das bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas fronteira da bacia do rio Zêzere/Unhais.
- ❖ Fazer uma leitura estatística dos motivos presentes na amostra estudada, partindo de uma análise particular para uma análise de conjunto.
- ❖ Saber se existe uma motivação específica sobre a localização dos sítios de arte rupestre.
- ❖ Identificar quais os testemunhos mais antigos da presença humana na região.
- ❖ Relacionar os sítios de arte rupestre com outros sítios arqueológicos da região ou achados arqueológicos.
- ❖ Fazer uma recolha monográfica que servirá de base para outros estudos de pormenor.

Problemas:

- Poderá a pastorícia, a transumância, e a existência de rotas naturais explicar a existência de uma tão grande concentração de lajes gravadas?
- Como identificar a existência de rotas naturais de passagem de animais e dos homens? E como saber quais são as mais antigas?

- Existirá relação entre calcolitização da região, mineração de outras épocas e arte rupestre? E em que altura começou este fenómeno?
- Qual terá sido o papel da «Rota do Sal» ou «Estrada Real» no fenómeno da arte rupestre da região?
- Em que época terão sido gravadas as lajes. Como identificar as gravuras mais antigas das menos antigas?

**Perguntas:**

- Porquê a existência de tão grande número de sítios de arte rupestre?
- Tentar perceber o mosaico cronológico detectado nos painéis de arte rupestre. Quais são os motivos mais antigos? E os mais frequentes?
- Porquê a localização de lajes isoladas e outras inseridas em grupos de lajes?
- Existirá alguma motivação religiosa ou cultural que ajude a explicar a existência do fenómeno da arte rupestre da região estudada?
- Estarão os afloramentos gravados e algumas das gravuras, orientados para alguma montanha específica ou outro ponto na paisagem? Ou não existirá nenhuma motivação específica?
- Tentar perceber em que época se iniciou a gravação de lajes e em que época terá terminado?
- Existirá ainda alguma lenda ou tradição popular associada à arte rupestre?
- Qual terá sido o papel das rotas naturais, vias fluviais e vias terrestres antigas, com a arte rupestre da região?
- Qual terá sido a importância da mineração e qual terá sido a sua relação com a arte rupestre?



## **PARTE II**

### **Trabalhos arqueológicos desenvolvidos**

## **Capítulo 3**

### **Recursos existentes e metodologia utilizada durante os trabalhos de investigação**

## Recursos físicos

O projecto de investigação que se iniciou em 2001 com a inscrição no curso de doutoramento nas Universidades de Salamanca e Universidade Autónoma de Lisboa teve o apoio institucional destas duas Instituições, e do seu corpo de docentes, e surge na sequência de um projecto que o signatário desenvolveu desde 1998 na área de Góis que se intitulou por “*Estudo arqueológico do Rio Ceira – Iª fase Carta Arqueológica do Concelho de Góis*”, e que teve no seu início, como apoios institucionais e financeiro a Câmara Municipal de Góis e a Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica.

No concelho de Góis em Junho de 1998 o signatário concorre a um concurso de arqueólogo para o «Gabinete Técnico Local» nesta autarquia<sup>14</sup>, sendo nessa altura que o signatário convida a edilidade a lançar um projecto de investigação na área da arqueologia. Na sequência deste projecto a A.P.I.A.<sup>15</sup> em colaboração com a Câmara Municipal de Góis cria o «C.E.A.G. - Centro de Estudos Arqueológicos de Góis». Iniciando-se neste ano as primeiras prospecções arqueológicas e descobre-se o primeiro sítio de arte rupestre desde os anos de 50 do séc. XX, sítio da Comareira e realiza-se o «Iº Fórum Arqueológico de Góis».<sup>16</sup>

De 1998 a 2001 este projecto apresentado ao IPA<sup>17</sup>, e integrado no «Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos» do Ministério da Cultura<sup>18</sup>, previa numa primeira fase um estudo toponímico à escala da matriz predial 1 / 5 000 neste concelho, seguindo-se prospecções arqueológicas, e a realização de quatro intervenções arqueológicas em sítios que poderiam oferecer alguns elementos que na altura nos pareceram importantes para o conhecimento da ocupação humana da região.<sup>19</sup> Estes trabalhos previam um investimento financeiro por parte da Câmara Municipal de Góis que nunca aconteceu<sup>20</sup>, apesar disso

---

<sup>14</sup> Contrato de duração de um ano eventualmente renovável por um ano. Este gabinete tinha como objectivo o restauro e estudo do centro histórico desta Vila Beirã.

<sup>15</sup> Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica, adiante designada por A.P.I.A.

<sup>16</sup> Participação dos conferencistas: Doutor Carlos Fabião, Doutor João Carlos Senna Martinez, fundadores e Directores de Departamento da A.P.I.A., nomeadamente: os arqueólogos António Sérgio Pereira, Jorge Manuel Bastos, Jaqueline Pereira, Laurent Caron, antropóloga Ana Saraiva e arquitecta Custódia Alves.

<sup>17</sup> Instituto Português de Arqueologia (IPA).

<sup>18</sup> Projecto EARC-CACG – Carta referência IPA -99/1 (198) de 6 Maio 1999.

<sup>19</sup> Intervenções: Castelo de Góis, Sítio de São Martinho, Capela do Mártir e Largo do Pombal, todas em Góis.

<sup>20</sup> O projecto foi apresentado pela Câmara Municipal de Góis e da A.P.I.A. ao Ministério da Cultura.

realizaram-se as intervenções, na área da «Capela do Castelo de Góis», «Pé Salgado», «Lar de Vila Nova do Ceira», «Quinta da Torrinha» e alguns dos trabalhos de investigação relativos à toponímia, com o auxílio de duas estagiárias: uma de arqueologia e de antropologia, que estagiaram no núcleo da A.P.I.A. no concelho de Góis.<sup>21</sup>

Apesar das dificuldades inerentes ao facto de não se concretizarem os apoios necessários para a concretização da totalidade do projecto, realizaram-se a partir de 1998 trabalhos de prospecção arqueológica em toda a área do concelho e realizaram-se algumas prospecções selectivas, em sítios detectados através de prospecção oral e recolha de lendas em Góis; e em áreas do «Vale do rio Alva» e do «Vale do rio Ceira», que nomeadamente deram origem à descoberta dos primeiros sítios de arte rupestre na área de Vide (Seia), sítios de: «Entre-Águas», «Ferraduras», «Fontes de Cide» (sítios n.º152, 168, 188 do inventário geral – TOMO V - Apêndice 6- n.º I pág. 1411 a 1414, 1467 a 1470, 1530 a 1533), descoberta do primeiro sítio de arte rupestre na área do Piódão: laje do «Souto Escuro» (Arganil) (ver sítio n.º 243 do inventário geral – TOMO VI - Apêndice 6, n.º II pág.1724 a 1727); sítios na área da Serra da Cebola (Pampilhosa da Serra), (sítio n.º 82 inventário geral – TOMO IV - Apêndice V- n.ºIII, pág.1188 a 1191) próximo do Picoto da Cebola e na área da Covanca (Pampilhosa da Serra) (sítios n.º 17, 18, 19, 20 e 21 do inventário geral – TOMO III - Apêndice V- n.ºII, pág. 968 a 983)

Refira-se também que estagiaram no ano de 1999, no C.E.A.G. (Centro de Estudos Arqueológicos de Góis – Núcleo A.P.I.A.), duas estagiárias de geologia através de uma parceria com a Universidade de Coimbra<sup>22</sup>, realizando-se a cartografia geológica à escala 1/25 000 da área da Vila de Góis. Iniciando-se o estudo da exploração mineira da região, nomeadamente estudo das jazidas de Góis e Pampilhosa da Serra. Foram elaborados relatórios sobre os terraços fluviais na área de Góis: área do sítio arqueológico do «Pé Salgado», durante a intervenção arqueológica; e estudos dos depósitos de coluvião na área da «Quinta da Torrinha» e sítio de arte rupestre da «Comareira» em Góis.

---

<sup>21</sup> Estagiárias de antropologia e arqueologia Ana Saraiva e Joana Miranda respectivamente, com a coordenação do signatário.

<sup>22</sup> Estágios através do programa comunitário Prodep apresentado pela Universidade de Coimbra sob a orientação do geólogo Doutor Luís Conde do Departamento de Ciências da Terra e do signatário.

Em Dezembro de 1998 e Janeiro de 1999, juntam-se outros recursos financeiros ao projecto, nomeadamente o do Grupo EDP, na sequência dos trabalhos de prospecção solicitados pela empresa Enernova, no âmbito dos «Parque Eólico do Cadafaz» em Góis e do «Parque Eólico da Serra do Açor - Cabeço do Peão» em Arganil. Estes trabalhos de prospecção também permitiram, pela primeira vez, identificar vários troços da «Estrada Real» na área do concelho de Góis – «Estrada do Pepio», «Malhadas» (ficha de sítio arqueológico n.º 1160 e 1161 do inventário geral, TOMO II - Apêndice 4- n.ºIII, pág. 770 e 771) para além de se identificar uma das lajes gravadas do complexo da «Pedra Riscada», sítio das «Mestras II», (sítio n.º3 do inventário geral – TOMO III - Apêndice 6, n.º I pág. 911 a 914).

No ano de 1999 a 2000 com apoios reduzidos realizam-se duas campanhas de emergência no sítio da «Quinta da Torrinha» em Góis, trabalhos arqueológicos que surgem na sequência da ampliação do cemitério de Góis. Estas escavações arqueológicas permitiram a identificação de um povoado Tardo-Romano e Alto Medieval, e uma ocupação anterior ainda não escavada, que terá dado origem ao topónimo Góis. Foi também realizada a inventariação das concheiras dos terraços da área de Góis, e descobre-se o sítio da «Comareira» (sítios n.º11 e do inventário geral – TOMO III - Apêndice 6- n.º I pág. 942 a 945). Ainda em 2000 e 2001 descobrem-se novos sítios de arte rupestre no concelho de Góis: sítios do «Vale Moreiro» na Ribeira de Valoiros e o sítio da «Aldeia Velha» no Colmeal (sítios n.º10 e 12 do inventário geral – TOMO III - Apêndice 6, n.º I pág. 939 a 941 e 946 a 948).

De 1999 a 2001 o signatário e a A.P.I.A. tiveram alguns apoios do I.P.J.<sup>23</sup> que permitiram realizar o IIº Fórum Arqueológico de Góis em 1999 e o IIIº Fórum Arqueológico em 2000. Em 2001 terminam os poucos apoios que existiram por parte da Câmara Municipal de Góis.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Instituto Português da Juventude.

<sup>24</sup> Na sequência da paragem dos trabalhos de construção civil relativos ao alargamento do cemitério de Góis, resultantes da intervenção arqueológica da “Quinta da Torrinha”, o signatário viu a sua situação contratual cancelada; facto que se juntou à denúncia às autoridades, nomeadamente ao IPA, da destruição por parte da Câmara Municipal de Góis de um importante conjunto arqueológico provavelmente de origem Proto-histórica e histórico, na área do “Carvalhal do Pombo” no centro da Vila de Góis, curiosamente num dia em que se realizava um dos encontros promovidos pela A.P.I.A., e presenciado pelo arqueólogo Nunes Monteiro da extensão do IPA. Na sequência destes factos o núcleo da A.P.I.A foi despejado, bem como os materiais

Em 2002 a A.P.I.A. realiza mais trabalhos arqueológicos na área da Serra do Açor, área da «Lomba Malhada Garcia» no âmbito do «Parque Eólico da Serra do Açor – Encosta da Amieira - Piódão I e Lomba Malhada Garcia» em Arganil, trabalhos esses que permitiram a descoberta de mais duas rochas gravadas neste espaço geográfico, para além de ajudarem a financiar os trabalhos de investigação na região (ver sítios n.º 212 e 213 do inventário geral – TOMO VI - Apêndice 6, n.º II pág.1628 a 1630 e 1631 a 1634).

De 2001 a 2009, este projecto não teve quaisquer apoios financeiros directos de nenhuma das Câmaras Municipais da área estudada, nem da administração central.<sup>25</sup> Neste espaço de tempo o signatário realiza vários trabalhos arqueológicos de prevenção, como prospecções arqueológicas e acompanhamentos arqueológicos, no âmbito da construção dos parques eólicos e respectivas linhas eléctricas que se vinham realizando na região, inicialmente de forma individual e posteriormente com o auxílio da A.P.I.A.<sup>26</sup>, que passou a fazer a gestão do projecto, sob a coordenação do signatário; utilizou-se assim recursos humanos utilizando-se recursos humanos com outra dimensão, nomeadamente com a realização de estágios profissionais e a aquisição de materiais e de viaturas todo o terreno, realizando-se várias actividades sobre arte rupestre, tendo assim o signatário conseguido obter apoio administrativo e apoio directo à bolsa de doutoramento da A.P.I.A. Com estes apoios as descobertas sucederam-se, consubstanciando-se nos inventários e respectivas análises, apresentadas nos TOMOS I a XIII.

Em 2006 a A.P.I.A., realiza protocolos de colaboração com as juntas de Freguesia de Vide (Seia) e Freguesia de Sobral de São Miguel (Covilhã), visando a criação de dois centros de interpretação de arte rupestre. Ficando acordado que estas juntas de freguesia apenas disponibilizariam o espaço, dado a sua situação financeira. Este facto possibilitou a realização de uma candidatura ao programa comunitário «LEADER +», através da

---

arqueológicos recolhidos durante estes anos de trabalho. Foi nesta altura que foram armazenados na Rua dos Seixos em Góis, núcleo da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica e onde ainda permanecem até hoje.

<sup>25</sup> Neste projecto de investigação foi investido pela APIA de forma directa e indirecta mais de 400. 000 €; 50.000 € resultantes de investimento europeu, através do programa de estágios profissionais do IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional, pelos Centros de Emprego de Seia, Arganil e Covilhã, realizados nos anos de 2004 a 2009.

<sup>26</sup> Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica.

Associação ADRUSE.<sup>27</sup> O «Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide» foi criado em 2007 e inaugurado ao público em Maio de 2008.

## **Recursos Arqueológicos**

Durante as várias fases do projecto, foram utilizados vários recursos ou fontes, que permitiram desenvolver várias linhas de pesquisa fundamentais, para se poder recolher o máximo de informação possível sobre o objecto do trabalho da investigação. Consultaram-se assim várias bases de dados existentes, nomeadamente:

- IPA – «Instituto Português de Arqueologia» – Endovélico.
- IPPAR – «Instituto Português do Património Arquitectónico».
- IGESPAR – «Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico».
- Arquivos locais, da «Câmara Municipal de Góis» e nacionais como: «Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa».
- Bibliotecas regionais, nacionais e particulares: «Município de Arganil», «Município da Lousã», «Município de Góis»; «Biblioteca Nacional de Lisboa»; «Biblioteca da Universidade de Salamanca» e «Biblioteca da Universidade Autónoma de Lisboa».

---

<sup>27</sup> Associação de Desenvolvimento da Serra da Estrela, que gere localmente estes programa comunitário. O projecto apresentado, visava uma pequena comparticipação financeira para a criação do Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide, apenas para equipamentos, como máquinas fotográficas computadores, projectores e móveis para a exposição permanente.

- Museus arqueológicos e etnográficos existentes, com as suas colecções, nomeadamente em Arganil, «Museu Municipal de Arganil»; «Núcleo Etnográfico do Piódão»; «Museu Nacional de Arqueologia».
- Colecções particulares locais, em Góis - «Alves Bandeira», e em «Vila Nova de Poiares - Eng.º Jaime Henriques».
- Nos recursos arqueológicos existentes, recolheram-se durante as várias fases de investigação, variadas fontes escritas a partir de bibliografia existente e da internet.
- Na linha de pesquisa para a toponímia, foram utilizados recursos materiais e imateriais, nomeadamente: procura directa através de entrevista, elaborando-se uma base de dados de informações; utilização de fontes escritas; e a utilização do importante recurso arqueológico que constituiu a cartografia existente elaborada pelo «Serviço Cartográfico do Exército Português», através do estudo das Cartas Militares 1/25 000: n.º 212, 221, 222, 223, 231, 232, 233, 234,241, 242, 243, 244, 251, 252 e 253.
- Foram utilizados recursos materiais como fotografia aérea e hortofotomapas e cartas de pormenor 1/2000 existentes na «Câmara Municipal de Góis».
- Foram ainda estudadas as tradições orais, lendas da área de estudo, toponímia. Recursos que constituíram um importante recurso etno-arqueológico.
- Por último foram visitados um grande conjunto de sítios arqueológicos, alguns já anteriormente conhecidos que ajudaram a interpretar a ocupação humana da região e a entender o fenómeno da arte rupestre.



## Prospecção arqueológica

Os trabalhos de investigação estiveram divididos em três fases distintas:

### 1ª Fase - Trabalho de gabinete:

- Nesta fase, que antecedeu os trabalhos de campo, iniciado em 1998, procurou-se todas as referências bibliográficas sobre o património arqueológico da região do rio Ceira e rio Alva em revistas e jornais da região: «Comarca de Arganil», «Jornal de Arganil» e «Jornal o Varzeense».
- Estudou-se a fotografia aérea existente, hortofotomapas e cartografia à escala 1/25 000 do «Serviço Cartográfico do Exército».
- No concelho de Góis desenvolveu-se desde 1999, um estudo sobre a toponímia procurando-se estudar de forma sistemática a totalidade dos topónimos da matriz predial rústica de Góis, abrangendo milhares de topónimos, o que permitiu a descoberta de um grande número de sítios arqueológicos de várias épocas;<sup>28</sup>
- A partir de 2003, expandiu-se o estudo toponímico para toda a bacia hidrográfica dos rios Ceira e Alva e áreas fronteiras do rio Unhais à escala 1/25 000.

### 2ª Fase - Trabalho de campo:

- Iniciaram-se logo em 1999, e consistiram na realização dos trabalhos de prospecção arqueológica selectiva. Trabalhos resultantes de uma primeira abordagem à investigação, na sequência de informações orais recolhidas na fase anterior.
- Foram também realizadas várias prospecções arqueológicas sistemáticas em áreas de cumeada nas serras do «Alto Ceira» e em afluentes do rio

---

<sup>28</sup> Estes estudos foram realizados de 1998 a 2002, no núcleo da A.P.I.A. de Góis e desenvolvidos pela estagiária de antropologia, Ana Saraiva e pela estagiária de arqueologia Joana Miranda.

Alva, no âmbito de trabalhos de prevenção<sup>29</sup>. Usando-se para o efeito vários métodos (RUIZ ZAPATERO, G. y FERNANDEZ MARTINEZ, V., 1993: 87-98) e metodologias de prospecção arqueológica como: prospecções sistemática em curvas de nível, dada a orografia da região, tendo-se igualmente usado um método de cordas, usado por pelo menos 4 pessoas, com distâncias regulares entre elas, em cumeadas da serra, de forma que se fizesse um batimento completo a uma área previamente seleccionada.

- Foram ainda realizados vários trabalhos de acompanhamento arqueológico nesta região, desde 1999 a 2009, aproveitando estes importantes recursos para financiar o projecto.<sup>30</sup>
- Os levantamentos arqueológicos realizados no terreno, consistiram no registo fotográfico, preenchimento de fichas de sítio, localização dos sítios na carta militar.

### 3ª Fase – Inventário:

Nesta fase dos trabalhos realizou-se o inventário dos sítios arqueológicos identificados, reunidos numa base de dados; fundou-se em Maio de 2008 o «Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide»<sup>31</sup>. Foram ainda realizados alguns processos de classificação que se encontram em fase de análise no Ministério da Cultura de Portugal,

---

<sup>29</sup> Estudos de impacte ambiental, componente da arqueologia dos parques eólicos da «Serra do Açor (1999)» «Vila Nova I e Vila Nova II (Miranda do Corvo)», «Cabeço Peão (Góis)» e vários acompanhamentos arqueológicos, como: o «Parque Eólico de S. Pedro do Açor e Lomba Malhada Garcia para o Grupo EDP».

<sup>30</sup> Nestes trabalhos em 1999 participaram como colaboradores, os arqueólogos Sérgio Pereira, Jorge Ferreira, vários voluntários e sócios da A.P.I.A., duas estagiárias de geologia que estagiaram no núcleo de Góis, através do protocolo realizado entre o departamento de «Ciências da Terra da Universidade de Coimbra» e a Câmara Municipal de Góis. De 2003 a 2009 participaram os seguintes arqueólogos e técnicos nos diversos trabalhos de campo: Custódia Alves (arquitecta), Gonçalo Moreira, Susete Ferreira, (arqueólogos) Irina Monteiro (geóloga), Nelson Veiga (técnico de arqueologia), Marco Valente, António Sérgio Pereira, Anabela Joaquineto, João Carvalho, Ana Caldeira, Filipe Nunes, (arqueólogos), Marta Freitas (geóloga), Valdemar Pinho (antropólogo), Elizabete Moreira, Joana Duarte, Inês Batalha, Patrícia Galvão, (arqueólogas), Ricardo Ventura (arquitecto), Carlos Oliveira (operário de arqueologia) e outros voluntários como Maria João Cordeiro, Augusta Cordeiro Ribeiro, Aníbal Ribeiro, “Sardinha” António de Vide, etc.

<sup>31</sup> O “Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide” foi inaugurado em Maio de 2008 e resulta de uma parceria entre a Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica e a Junta de Freguesia de Vide em Seia que disponibilizou o espaço para o efeito. Funciona em duas antigas salas de aula desactivadas.

visando a sua preservação e inserção em cartas de planeamento e ocupação dos solos como planos directores municipais.

- Por último prospectou-se de forma sistemática e de forma selectiva mais de 400 Km<sup>2</sup> de área, sobretudo áreas de cumeadas com mais de 700 m de altitude.

## **Estudo toponímico e tradição oral**

Os trabalhos de investigação estiveram divididos em três fases distintas: uma primeira fase que antecedeu os trabalhos de campo, iniciados em 1998. Procurou-se todas as referências bibliográficas sobre o património arqueológico da região dos rios Ceira e Alva e procurou-se também estudar de forma sistemática as cartas militares, a toponímia à escala 1/25 000. Paralelamente no concelho de Góis, desde 1999, que se situa no curso médio do rio Ceira, desenvolvia-se um estudo sobre a toponímia mas, incidindo no levantamento total dos topónimos da matriz predial rústica abrangendo quase 30 000 microtopónimos, o que permitiu a descoberta de um grande número de sítios arqueológicos de várias épocas. Estes estudos foram realizados no núcleo da A.P.I.A.<sup>32</sup>, e desenvolvidos sob a coordenação do signatário, com o auxílio dos estagiários de antropologia e arqueologia.<sup>33</sup>

Estes trabalhos que se iniciaram primeiramente em Góis, alargaram-se a partir de 2001 à bacia hidrográfica do rio Ceira, permitindo obter um conjunto de arqueotopónimos, por vezes associados a lendas e tradições, que se destacavam e que indicavam a existência de sítios arqueológicos e de arte rupestre, bem como, prováveis cultos totémicos/animalistas, como Serpins na área da Lousã e locais onde ainda perduravam topónimos provavelmente de origem indo-europeia, ou anterior que se repetiam em vários lugares como (apenas os mais significativos na nossa opinião):

---

<sup>32</sup> Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica

<sup>33</sup> Estagiários Ana Saraiva (antropóloga) e por Joana Miranda (arqueóloga), contando com o apoio directo da Câmara Municipal de Góis e do Instituto do Emprego e Formação Profissional, através do programa de estágios profissionais com duração de 9 meses.

- «*Candosa*», «*Candam*» estes arqueo-topónimos surge por uma vez na bacia hidrográfica do rio Alva na área de Tábua; e aparece em dois locais nas margens do rio Ceira, no concelho de Góis e ainda no concelho de Arganil com a forma de «*Candam*», mas já na área da Serra do Açor. Nestes topónimos, «*Candam*», «*Candosa*» e «*Candañedos*» na Província de Leon (Espanha) terão no radical «*Cand*» o significado de epíteto (COELHO, A.:1994, 91). Este topónimo aparece como epíteto na Galiza e Astúrias associados a Júpiter já em época romana, como «*Candiedo* e *Candamio*», querendo significar «brilho ou resplendor» com ligações à montanha, sendo provavelmente títulos desta divindade. Também o topónimo «*Alboco*» deverá ser um teónimo, provavelmente associado a um deus protector de uma montanha donde se extraísse ouro, como é o exemplo na região de Valongo, no Norte de Portugal.
- «*Alva*, *Alvoaça* ou *Alboaça*» como é chamada em textos antigos ainda no século XIX na bacia hidrográfica do rio Alva. Nestes topónimos «*Alva* ou *Alvôco*, *Alvoaça*», podemos encontrar o radical «*Alv-*» que se encontra na origem de muitas palavras associadas ao branco, ao claro e à luz. O topónimo «*Alva*», tem entre vários significados a claridade matutina. Do latim «*Alba*», vestuário branco. O topónimo «*Alva*» poderá estar associado a uma divindade com este nome, como prova a inscrição votiva dedicada a «*ALVA*» nas Mouriscas, na área do rio Zêzere em Abrantes, onde o seu dedicante é um romano, filho de um indígena lusitano. (BATATA, C. A. M. 2006: 61-62). Num dos painéis de arte rupestre estudados, neste inventário, na área de Vide surgiu também este topónimo, ver sítio de arte rupestre n.º 147 (do inventário geral – TOMO V - Apêndice 6, n.º I pág.1396 a 1399). Também no topónimo «*Alvoaça* ou *Alboaça*» poderá ter origem árabe através da palavra «*Boassa*», a exemplo da aldeia Boassas, aldeia da freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães. Dever-se-ia escrever Boças. Em 1258 aparece «*Avozas*» e aparenta ser antroponímica arábica,

documentado no nome pessoal «Abolace» no ano de 1041 Zidi Abolace (FERNANDES, A. A.1999: 96).

- «*Ceira, Abuceira, Aveceira e Abeceira*» – surge como nome de rio e de uma povoação, já próximo de Coimbra; aparece também com a forma de «Abuceira» nas proximidades da Serra da Alvoaça, na freguesia de Erada no concelho da Covilhã.

«*Abuceira*» – Nesta palavra complexa formada pelos elementos: «*Abu*» e «*Ceira*»; o elemento «*Abu*» entra na formação de antropónimos arábicos, do árabe «*abú*», significando «*Pai*». Nos antigos textos portugueses ou redigidos em território que mais tarde pertenceram ao nosso país, encontramos vestígios deste elemento em antropónimos: «*Abuzhac*» no ano de 935, «*Abohadella*» em 954. Deriva do nome pessoal árabe «*abū' abd Allah*», e que significa «pai do servo de Deus». (MACHADO, J. P.1993: 22). Conhece-se também o mesmo topónimo em «*Aboadela*», lugar da freguesia de Cepões do concelho de Lamego. É também o nome de uma freguesia do vizinho concelho de Amarante. Em 980 em «*Abonazar*», etc. também há exemplos da sua redução a «*ab*»: «*Abzicri*» em 977, «*Abzoleiman*» em 967, etc.

- «*Aveceira e Abeceira*», surgem no primeiro caso na ribeira do Piódão, na Freguesia de Vide, junto ao curso de água, dando igualmente nome a um lagar de vara centenário que se situa neste local. Para o topónimo «*Abeceira*» que localizámos na aldeia de Teixeira de Baixo, acreditamos que tenha a mesma origem, dado que o valor fonético «*b*» é tido nesta região por vezes como valor fonético «*v*», acontecendo igualmente o inverso. Assim «*Ave*» ou «*Abe + Ceira*», poderá ter origem no latim na palavra «*Ave*» significando “salve”, aplicando-se como atributo ao Ceira. Como se aplicava «*Ave César*» ou «*Ave Maria*»...Alguns hidrónimos como e «*av-*» deram origem a cidades, vilas e rios como são os casos do rio Ave; Cidade de Aveiro; Vila de Avô - de «*Avolo*», podendo ser um diminutivo.

O facto de se encontrar o topónimo «Ceira» associado ao epíteto «*Abu*», poderá também estar associado ao facto do actual topónimo Bobadela ter uma origem na palavra «Abohadella» em época árabe. Esta antiga capital de uma *civitas* romana, provavelmente seria o *populi: Elbocori* de Ptolemeu II, 5, 6. Ou o *populi* Veladis, apesar de não ser referida por Plínio. Ou então Veladis “*seria capital de um “povo” cujo nome não seria Veladienses?*” (ALARCÃO J. 2006:133). Os «*Lusitani*» adoravam várias divindades como: «*Bandus, Nabia e Revê*». Estas eram também divindades comuns aos «*Callaeci*», os «*Lusitani*» adoravam ainda «*Arentius/Arentia, Quangeius e Trebarunis*». Nesta cidade encontra-se uma grande inscrição do deus máximo das águas «*Neptuno*». Este importante testemunho epigráfico deste culto, numa grande inscrição de Bobadela (ANACLETO, R. 1981:39-45), que faria parte integrante de um templo, em que se lê «*Neptunale*», situado numa cidade interior como é o caso, e nem sequer atravessada por qualquer rio importante, o culto de «*Neptuno*» em Bobadela pode parecer deslocado. A divindade aqui adorada, porém, não é o «*Poseidon*» helénico, deus dos mares, mas o «*Neptuno*» itálico, deus das fontes e dos rios, mais do que das águas marinhas. (ANACLETO, R. 1981:39-45).

- Ainda em relação a este tema da cultuação da água ou cultos relacionados, é de referir uma outra inscrição de uma divindade na área de estudo, intitulada de «*PICIUS*» em S. Pedro de Lourosa (Oliveira do Hospital) que foi identificada durante os trabalhos das obras de reconstituição da Igreja matriz de S. Pedro de Lourosa, levadas a termo pela Direcção dos Monumentos Nacionais, ainda na primeira metade do século XX e de onde resultou recolha de inúmeros materiais arqueológicos anteriores ao século X e pertencentes a templos hispano-cristãos e romanos (BARREIROS, A.1934:29), a inscrição foi inicialmente referida por este historiador, seguindo-se de (TOVAR, A., MARIA DE NAVASCUÉS, J. 1950:183) e (CORTEZ, F. R.1957:9-12) que fez o seu estudo: A ara dedicada a

«*PICIUS*», “com sua comija e embasamento foi lavrada numa lage de granito, com 75x49 cm de comprimento e largura, respectivamente. O campo da epígrafe é um rectângulo de 45x35 cm. A inscrição desenvolve-se por três regras, preenchidas com caracteres de 6 cm. de altura, na vertical”:

*ARCO MAVCI*

*F.PICIO.*

*VLSM*

Segundo o autor, interpreta-a da seguinte forma: «*ARCO MAUCI F(ilio) PICIO V(otum) L(ibens) S(olvit) M(erito)*». Memora-nos pois o cumprimento do voto prometido a *PICIO* por Arco, que era filho de Mauci.

Esta mesma divindade surge também em Vilar de Mó (Gavião-próxima do Tejo), acompanhada com o nome «*Banda Pício*» (JALHAY, E., 1949: 10). Nesta inscrição um romano Amino, filho de Táltico, erigiu, por voto, a «*Banda Pício*», muito provavelmente com a cronologia da primeira metade do século I d.C. (BATATA, C. A. M. 2006: 61-62). Noutros casos, o epíteto parece fazer de «*Banda*» uma divindade protectora de unidades familiares ou étnicas.

Infelizmente, do registo das escavações arqueológicas realizadas no interior do templo, salvou-se apenas algumas fotografias e alguns relatos dos trabalhos. Seja como for detectou-se também ao nível do solo no interior do monumento um possível santuário proto-histórico constituído por uma grande pia escavada na rocha, associada a um canal, existindo também uma estrutura escavada no afloramento, com a forma de uma cadeira e um possível podomorfo associado a esta, mas bastante deteriorado.

- Ainda na região do rio Ceira, refira-se a referência a uma inscrição de época romana com o nome: «*Issibaeus*», publicada por (BRANDÃO, D. D. P.: 1970: 77-83) infelizmente esta inscrição não foi encontrada “*in situ*” o que

impossibilita uma melhor contextualização do monumento; este possível teónimo aparece associado ao nome «Banda». Talvez os epítetos terminados em «-aecus, -aicus, -aiegus, -aeceus», correspondam, de um modo geral, a unidades étnicas de que «Banda» provavelmente seria protectora.

No concelho de Góis, no local designado por «Covas dos Ladrões» fica situado nas proximidades dos sítios de arte rupestre da «Pedra Letreira» e dos sítios da «Pedra Riscada», situado numa cumeada onde se encontram duas rotas naturais principais de circulação de animais e pessoas, adiante designada por rota T4, uma no sentido Norte/Sul e outra vinda do Litoral para o interior (Mapa 6, pág. 216 – rotas principais do comércio e da transumância na área da bacia hidrográfica dos rios Ceira e Alva). Este local é assim designado dada a existência, de pelo menos um grande poço vertical, testemunho de uma antiga entrada de uma mina romana. Nesta área terão sido encontradas no interior de uma destas minas, duas aras romanas que testemunham o culto à divindade «*Ilurbeda*». O coronel Mário Cardozo escreveu a propósito: “*Que Ilurbeda é um nome de ressonância tipicamente ibérica parece não haver dúvida. As raízes i-, ili-, ilur-, são frequentes no onomástico ibérico (...) Há numerosos exemplos de nomes étnicos e geográficos ibéricos com essas raízes: Ilerda (Lérida) e os Ilergetes, os Ileates, do Bétis (Guadalquivir), vizinhos dos Cempsos; Ilucia, a noroeste de Cástulo, Ilici (Elche); Iliturgis, perto de Córdova; Iliberris, etc. Com a raiz ilur-, é citado (...) o nome da divindade (?) ibérica Ilurberrixo, bom como os nomes geográficos Iluro e Ilurco. Shulten cita a tribo dos Ilurgavones.*” (FERREIRA, O. V. 1952:192-195)

O teónimo «*Ilurbeda*» está presente pelo menos em vários locais das províncias de Salamanca e Cáceres: Segoyuela de Cornejos, Zamarra, Narros del Puerto (Ávila), Alberca e San Martin Del Trevejo (Cáceres). Segundo (OLIVARES PEDREÑO, J.C. 2006: 377), «*Ilurbeda*» seria uma das divindades mais importantes dos Vetões, apesar de também ter sido



encontrada em Portugal (Góis) e Faião (Sintra). Mas relaciona estas últimas inscrições com trabalhadores mineiros, emigrados desta região, opinião também partilhada por (COLLADO CENZANO, L.V.2003: 48). Relaciona também o teónimo com o nome de uma cidade no centro da Península Ibérica.

Para o autor a deusa estará também provavelmente relacionada com o culto da montanha e os caminhos que lhe davam acesso, dando para isso o exemplo a localização das inscrições de S. Martín del Trevejo, Segoyuela e Zamarra.

- «*Bardo*» – Este topónimo aparece associado à arte rupestre na área da Serra do Açor. Segundo vários autores poderá ter duas origens, uma: com a designação de «barda ou bardo» – termos românicos mostram a aplicação deste termo na designação de coberturas de cavalos; da ideia próxima de protecção ou defesa proviria a de «tapigo, parede de protecção», depois a de vedação, sebe; renque de videiras ligadas por varas, canas ou arames». Este topónimo de bardo aparece também na obra de (RIBEIRO, O. 1940-41: 250), significando rede ou uma espécie de protecção que isolava o gado durante a noite de forma que os ataques dos lobos fossem mais dificultados. A segunda possibilidade virá directamente do latim «bardu» - “*cantar ou poeta gaulês*”. (VIEIRA, D.F.D.: 1871-1874)
- «Malhadinho, Malhadinha, Malhada ou Amalhoar» – Este topónimo surge com várias formas em toda a área do «Alto Ceira», na Serra do Açor e nas Serras adjacentes aos acessos à Serra da Estrela através por exemplo da Serra da Cebola - Cabeço do Malhadinho e quererá significar local onde se juntava o gado para pernoitar, possivelmente um local mais abrigado, mais fácil de proteger com auxílio de cães e de um bardo. Este topónimo aparece na obra de (RIBEIRO, O. 1940-41:250).

- «Loriga» – Este topónimo situa-se na área do maço central da Serra da Estrela, em plena rota da transumância. Terá origem na palavra «lorica» que significa armadura do tronco, usado pelos romanos. A importância desta Vila mesmo em época romana é assim confirmada pela toponímia e pela existência de um castro nas suas proximidades.
- «Serpins» – Situa-se no curso médio do rio Ceira, o local “*ergue-se no cimo de um morro — o Cabeço da Igreja — rodeado a Leste, Norte e Oeste pelo rio Ceira, local estrategicamente indicado para a implantação de um castrum*”(MONTEIRO, A.J.N.1980: 163). Neste local foram encontradas várias inscrições de época romana, junto da igreja matriz da freguesia de Serpins, no concelho da Lousã, “*Este facto chamou-nos desde logo a atenção, considerando que a existência do actual templo poderia muito provavelmente ser um indício da continuidade de povoamento ou, mais plausivelmente, o último estágio de uma sobreposição de cultos.*” (MONTEIRO, A.J.N.1980: 163). Este topónimo encerra em si, o radical «Serp» + o sufixo «ins», poderá ter origem na palavra «SERÁPIS» «Σέρραπις», «User-Hep», forma composta de «Osíris» e de «Ápis». O culto de «Serápis» com origem na fusão de dois cultos, um Egípcio e outro Grego, em época Ptolomaica durante a Dinastia Lágida, Ptolomeu I. (SOLES, J.D.C.1999: 363-364).

Por último refira-se alguns dados curiosos que se encontram associados de forma directa e indirecta aos testemunhos arqueológicos de várias épocas e por vezes à arte rupestre da região, nomeadamente um conjunto de tradições e lendas que a população da região usa para explicar os vestígios antigos. É assim que surgem por exemplo as lendas de mouras encantadas que transformam pedras em ouro. Exemplo deste fenómeno antropológico e em muitos dos casos associados à arte rupestre da região, são também as lendas que explicam a existência e a localização da aldeia do Piódão (Lenda 1 – pág. 3280, Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil); ou

por exemplo a forma como a tradição popular explica a existência de muitas ossadas na área da «Quinta dos Ataques», inserida em plena área da Serra do Açor/Cebola, associando o facto com batalhas entre Lusitanos e Romanos. (lenda 2 – pág. 3280, Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

A existência na memória colectiva da existência de ursos na região e a sua interação com as populações. (lenda/tradição 3 – pág. 3282, Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

A referência a seres fantásticos e mouras, exemplo: «Lenda da Barroca da Safreira», «Lenda da Princesinha de Piódão» (lenda/tradição 4 e 15 – pág. 3283 e 3293 a 3294 Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil) e «Lenda da Origem das Ribeiras», «Lenda Moura Encantada», «Lendas e Maravilhas...», (Lenda/tradição n.º 18, 19 e 20 – pág. 3298 a 3299, Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºII Concelho da Covilhã) e a «Lenda da Senhora da Candosa» e «Lenda da Pedra Letreira» (Lenda/tradição n.º 22 e 23 – pág. 3301 a 3302- Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºIII Concelho de Góis); «Lenda da Moira encantada», «A Serra da Estrela e o rio Mondego», «Lenda da Serra da Estrela», «Lenda da Fonte da Pedra» (lenda/tradição n.º 26 a 30 – pág. 3304 a 3307- Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºV concelho de Seia);

Referência a determinados dias especiais do ano, ou associados a rituais religiosos, exemplo dia de «Santa Cruz», «Dia da Espiga», (lendas/tradições 5, 6, 14 – pág. 3283 a 3284 e 3292 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

A existência de procissões a lugares considerados sagrados: «Santos Populares» (lenda/tradição n.º8 – pág. 3286 – Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil) em que os pastores baptizavam as crias de cabras nos ribeiros antes do nascer do Sol...refira-se que nalgumas destas ribeiras existe arte rupestre nas proximidades; «Lenda de S. Jorge» (lenda/tradição n.º 21 – pág. 3300- Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºII concelho da Covilhã); e «Lenda da Fonte das Quatro Bicas» (lendas/tradições 25 – pág. 3303 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.º V concelho de Seia).

A existência de tradições para a protecção, contra a trovoada e da actividade mineira, dado que Santa Bárbara era também protectora dos mineiros (lendas/tradições 9 – pág. 3286 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, Ficha de lendas e tradições da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Tradições sobre a utilização de calçado com brochas e o uso da castanha como, alimento no passado (lendas/tradições 10 – pág. 3287 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Sobre o cultivo de trigo/milho, utilização de eiras e mouras encantadas: «Lenda da Moura encantada nas Fontes do Bago e o ouro à orvalhada na noite de S. João» (lendas/tradições n.º14 – pág. 3292, Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Sobre a tradição do desenho da cruz (lendas/tradições n.5 – pág. 3283 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Sobre as antigas estalagens, também designadas por Catraias, «Via do Sal» e lobos (lendas/tradições 12 – pág. 3289 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Sobre lendas de tesouros e minas, por exemplo «A lenda da Fonte do Atalho», «Lenda da Moura Encantada nas Fontes do Bago e o Ouro à orvalhada na noite de S. João» (lendas/tradições 13 e 14 – pág. 3290 a 3292 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

A existência de caça grossa na Serra do Açor e Vide (lendas/tradições 16 – pág. 3294 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºI concelho de Arganil).

Referências a lendas com cobras (lendas/tradições 17 – pág. 3296 - Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºII concelho da Covilhã).

Referências à actividade mineira: (lendas/tradições 24 – pág. 3303 - Tomo XIII, Apêndice n.º 8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºIV concelho de Oliveira do Hospital); «A Serpente Cansada» (lenda/tradição n.º27 – pág. 3304- Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lendas da área em estudo, n.ºV concelho de Seia).

Refira-se que alguns destes locais se encontrarem em zonas onde existem as principais concentrações de sítios de arte rupestre.

## **Pastorícia, transumância e etnografia**

Quando começamos a estudar a história da ocupação humana da região apercebemo-nos aos poucos da importância da pastorícia e das rotas que eram usadas nessa actividade, e a sua relação com as pequenas comunidades que viviam concentradas no fundo dos vales, protegendo-se dessa forma dos rigores do inverno.

Infelizmente à data deste trabalho de investigação, praticamente já não existem pastores a viver unicamente desta actividade e as aldeias encontram-se quase sem população, fenómeno que se acentuou a partir da segunda metade do século XX. Apesar das dificuldades levantadas pelo facto, e dado que não conseguiríamos documentar em primeira mão algumas das manifestações culturais como lendas e tradições associadas ao fenómeno, fomos investigar fontes escritas de autores antigos que descreveram a região e suas gentes, sobretudo para a Serra da Estrela. Foi assim, com alguma satisfação e admiração, que encontramos um estudo de referência: «*Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*», (RIBEIRO, O.: 1940-41) como viríamos a descobrir posteriormente devido à sua qualidade e importância para o tema da pastorícia e transumância e a sua possível relação com a arte rupestre da região.

Entende-se por transumância a oscilação estacional de pastores e rebanhos por uma determinada rota ou caminho. Os “*rebanhos transumantes podem ter origem quer na montanha, donde descem à planície durante o inverno, quer nesta, donde sobem para a serra no verão; ou ainda, caso mais frequente, confundirem-se uns e outros e juntos efectuarem este movimento de oscilação estacional*” (RIBEIRO, O. 1940-41:220).

Com o advento da agricultura surgem povoações, que cultivam os campos à “*roda pelo sistema chamado de afolhamento. As propriedades são divididas num certo número de grandes parcelas (folhas), de que só uma é cultivada de cereal, ficando as outras em*

*descanso (pousio) ou sofrendo apenas qualquer operação preparatória da cultura (alqueive). Nestes terrenos temporariamente incultos desenvolve-se a erva; e como todas as parcelas cultivadas estão dispostas para o mesmo lado, ficam entre elas grandes espaços que podem ser aproveitados como pastagens. Também terras de restolho, isto é, aquelas em que se ceifou o cereal, podem transformar-se imediatamente em terrenos de pasto. Assim a cultura de cereais de praga anda ligada a existência de rebanhos dos vizinhos da povoação, como forma de aproveitar os largos espaços deixados devolutos pela exploração agrícola extensiva e de os fertilizar com os excrementos dos gados. Esta economia, baseada ao mesmo tempo na agricultura e na pastorícia, determinou a organização social das povoações.” (RIBEIRO, O. 1940-41:220)*

As duras condições em que as populações proto-históricas e históricas, viviam, ditaram a criação de um modelo organizacional com base no comunitarismo, onde a autoridade do “*conselho ou reunião dos chefes de família: eles decidem da data dos trabalhos agrícolas, de quando se hão-de meter gados nas terras devolutas, da partilha, nas fôlhas de cereal, do que toca a cada lavrador, da sorte ou trato de terra que, na divisão dos baldio, cabe a cada um semear...*” (RIBEIRO, O. 1940-41:221) existiu assim uma união de esforços para combater os rigores da natureza. É assim que “*reunir todos os gados sob a guarda de um só pastor, que vigia, com auxílio dos cães, alguns centos de cabeças, do que levar ao pasto em pequenos rebanhos o que é de cada família*”. (RIBEIRO, O. 1940-41:221)

Orlando Ribeiro descreve assim a pastorícia na Serra da Estrela: “*Por todas as aldeias da Serra e suas faldas se criam ovelhas. Durante o inverno, quando a neve cobre a montanha e se mantém nos cinco meses seguidos, os rebanhos vão ao campo ou à terra chã fazer a Invernada. Depois do degelo da primavera, logo que os primeiros calores estivais fazem perder à erva das terras baixas a verdura e frescor, juntam-se aos rebanhos oriundos da Serra outros que vêm das planícies e vales, e sobem todos reunidos para as pastagens alpestres, onde se conservam até aos primeiros rigores do inverno. Nisto consiste a corrente de transhumância, alimentada assim por gado de dupla proveniência*” (RIBEIRO, O. 1940-41:239)

Para os gados de Loriga e Alvoco era costume subirem à Serra pela altura do S. João (24 de Junho), e por lá ficariam até meados de Agosto, existindo assim um tipo de pastoreio combinado com os trabalhos agrícolas locais. “...nas regiões de meia altitude... *Aí naturalmente as pastagens têm donos, e as suas extremas são demarcadas com sinais quando os campos não são murados...Na Serra...Aqui não há propriedades e quasi todos os terrenos são baldios das câmaras municipais ou das juntas de freguesias, fruídos desde tempo imemorial pelos vizinhos das povoações mais próximas. Como única demarcação as extremas dos termos dos concelhos e freguesias: rochas com cruces gravadas, ou amontoados de pedras soltas...Os limites são também marcados por acidentes de terreno bem conhecidos de todos; apesar da sua antiguidade, algumas contestações têm surgido em que os povos disputam uns aos outros mais um trato de baldio.*” (RIBEIRO, O. 1940-41:240). É assim feita referência a gravuras rupestres como cruciformes e a amontoados de pedra, possivelmente nalguns casos a “mamoas” que se encontram a dividir territórios ancestrais. Possível exemplo deste fenómeno é a existência de dois cruciformes no dólmen do Fontão em Paranhos da Beira (SARMENTO, M: 1933).

A região era também ocupada por rebanhos de ovinos, transumantes vindos de Espanha, da raça merino, na altura do verão. Contudo existiriam movimentos de deslocação de reses ao nível local em direcção à montanha mais próxima, a partir de Abril, libertando assim os homens para os trabalhos de agrícolas a partir da Primavera; ainda na primeira metade do século XX: “*A cada possuidor de vinte ovelhas, por exemplo, compete andar um dia com o rebanho; quem tem quarenta anda dois dias, quem tem cem anda cinco. A isto chama-se correr a andana ou correr a volta*”. (RIBEIRO, O. 1940-41:248) Os pastores dormiam na serra em construções toscas de pedra seca ou em abrigos com telhado de pedra ou colmo, improvisados junto de afloramentos que os protegessem dos rigores do tempo.

Em Maio era altura dos «maiorais» das aldeias acordar com os donos dos gados, o número de ovelhas que iriam pastar para a Serra e o preço por cabeça para a temporada. Pela altura do S. João (24 de Junho) a Serra enchia-se de pastores de várias origens; ainda nos anos 40 do século XX, juntavam-se aos gados das aldeias mais próximas, os gados oriundos do “*Norte: Paranhos, Oliveira do Hospital, Santa Comba Dão, Tábua, Nelas,*

*Gouveia, Arganil, Fornos de Algodres, etc.) Do lado Sul vêm muito menos: alguns da Cova da Beira e das terras xistentas pobres das margens do Zêzere. Também para o termo da Covilhã têm vindo, às vezes, gados do Campo (ao Sul da Serra da Gardunha)...” (RIBEIRO, O. 1940-41:248)*

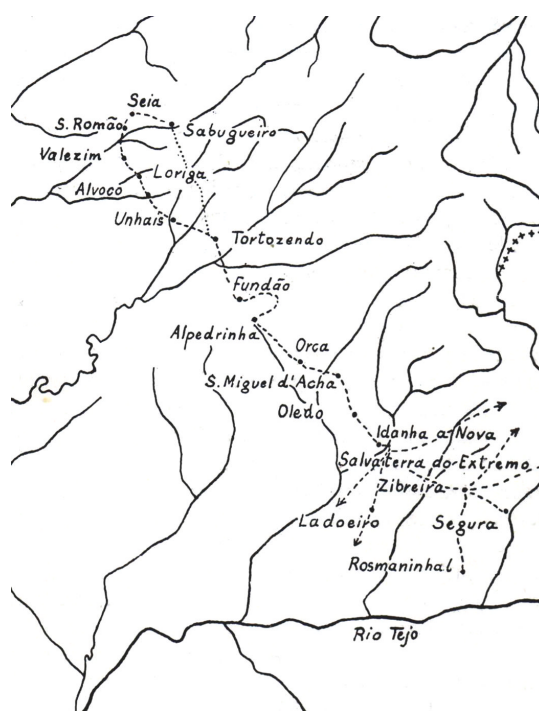
Apesar de não ser o objectivo, o de realizar a história da transumância e da pastorícia da Serra da Estrela, escreveremos ainda algumas linhas sobre o dia a dia desta actividade, dado que se encontra intimamente ligada à arte rupestre como poderemos analisar pelos dados toponímicos associados aos locais com a maior concentração de vestígios de lajes gravadas. Por exemplo topónimos como «*amalhoar*», significando fase do dia em que o pastor e o gado se preparam para dormir; «*malhada*», - “*covões ou depressões rodeadas de rochas – contra as quais arrumam o rebanho para mais facilmente o vigiar e defender dos lobos...*” (RIBEIRO, O. 1940-41:250).

Pela altura do Santiago (25 de Julho), os proprietários dos gados costumavam visitar os seus rebanhos, e ou os levavam para as suas aldeias ou os deixavam, dependia muito da existência de bons ou maus pastos. Na altura do S. Bartolomeu (24 de Agosto), “*começam a dispersar os grandes rebanhos e cada proprietário toma conta do seu gado. É a apartação... A maior parte do gado retira-se por essa época, outra fica até à Santa Eufémia (3 de Setembro), dia da cobrança dos gados de fora, e vai depois, com os primeiros frios, deixando a montanha, até á invernada, em que os rebanhos serranos também a abandonam.*” (RIBEIRO, O. 1940-41:250-251)

Na primeira metade do Século XX, os pastos da Serra eram ocupados pelos gados de Abril a Outubro, “*reforçados durante os dois meses mais quentes (Julho e Agosto) com os rebanhos de fora*”. (RIBEIRO, O. 1940-41:251). A Invernada era portanto o nome que designava o período de tempo em que os gados menos resistentes logo a partir de finais de Setembro abandonam as terras altas e são refugiados nos estábulos das terras baixas até à Primavera seguinte. Enquanto que alguns ainda permanecem na Serra, por vezes até ao Natal “*gado alfeiro ou vazio e ovelhas forras*” (RIBEIRO, O. 1940-41:250-252) constituído por gado mais resistente.



Os gados que vinham do Sul em direcção da Serra da Estrela, no seu trajecto passavam pelas «canadas», que eram caminhos autorizados pelos proprietários e pelos municípios. Os que vinham do Alentejo, atravessavam o rio Tejo na área do Porto do Tejo, em Vila Velha de Ródão, “onde geralmente atravessavam os rebanhos para o Alentejo, quando ainda não havia a ponte, levavam dois a três dias a passar o rio, em barcas: por aqui se pode fazer ideia do seu número e tamanho.” (RIBEIRO, O. 1940-41:254) Seguiam para Idanha-a-Nova, Oledo, S. Miguel de Acha, Orca, Vale de Prazeres, Alpedrinha, contornavam a Serra da Gardunha, Fundão, Cova da Beira, Tortozendo, Unhais, Alvoco, Loriga, Valezim, Nave de Santo António, Cântaro Magro. Esta rota ainda existia na primeira metade do Século XX.



**Mapa 5 - Itinerário seguido pelos pastores e rebanhos do Sabugueiro para a Invernada nos Campos da Idanha. Em ponteadado o percurso através da Serra, quando o tempo o permitia. (Ribeiro, O. 1940-41-253)**

As referências escritas à transumância na região, inserem-se em documentos medievais. No Foral da Covilhã (1186), cujo território estendia-se até ao Tejo, apresenta uma disposição que aparece também nos de Castelo Branco (1213), Idanha-a-Velha (1229), Salvaterra do Extremo (1229), bem como os do Alentejo, referente ao

«*montádigo*» que consistia num imposto que determinava o número de carneiros ou outros animais, que cada rebanho teria que pagar ao concelho. Orlando Ribeiro defende que estas normas provam a antiguidade da transumância e os percursos ancestrais da mesma vindos do Alentejo.

De Espanha também no passado teriam existido vias pecuárias, segundo o testemunho de Duarte Nunez do Lião no Século XVI: “*Esta parte do monte Hermínio, que vulgarmente chamão da Estrella, he a mais alta, e a mais celebre parte delle e serra altíssima onde continuamente há neve: a qual quando no Verão se derrete, faz grandes e fermosos pasigos para muita criação de ovelhas que naquella serra, e seus contornos há, a que também os de entre Tejo e Guadiana vem pastar seus gados*”. (LEÃO, D. N. 1599: 55)

“*A muita copia de gado de todo género que há neste reino, procede das muitas hervages que nelle há por causa das muitas agoas de fontes e rios com que a terra he regada: e pelo bom temperamento dos ares: que não somente he bastante para sustentar o gado do reino, mas soião os moradores do campo de Ourique, e do outros lugares de além Tejo, no Inverno, e os da serra da Estrella no verão arrendar partes das suas hervagões, que podião escusar aos Sorianos, e moradores outros de Castella que a este reino vinhão, pastar seus gados*”( LEÃO, D. N. 1599:122-123).

Também nas Ordenações Manuelinas e nas Ordenações Filipinas faz-se a regulação da passagem dos gados de Espanha para Portugal e de Portugal para Espanha.

O fenómeno da transumância na área da «Cordilheira Central» é certamente um fenómeno histórico, sócio-económico bastante antigo e que tem sido desvalorizado por parte dos arqueólogos que estudam o fenómeno da arte rupestre e a ocupação humana desta região.

As rotas da transumância do Século XX não seriam exactamente as mesmas que certamente terão existido no Século XII e na antiguidade. As grandes vias naturais da região como cumeadas no sentido aproximadamente E-O no caso da Serra do Açor, possibilitariam a passagem de animais e pessoas do litoral para a Serra, bem como fácil acesso à «Cova da Beira» e a Espanha.

Em Vide existe ainda hoje um património oral, etnográfico, toponímico (por exemplo: no topónimo Alentejo em Vide, provavelmente resultante da passagem de pastores alentejanos pelo local) e arqueológico associados ao fenómeno da transumância, caso das «canadas» caminhos empedrados nalguns casos onde o gado passaria durante as suas viagens. Uma destas «canadas» é referida em Vide, aqui juntavam-se milhares de cabeças de gado no mês de Julho vindas das terras chãs e eram entregues aos pastores. Em Setembro até ao dia de S. Miguel a 29 voltavam a Vide e eram entregues aos proprietários. *“No São Miguel, os rebanhos que regressavam da Estrela e da Alvoaça, juntavam-se em Vide, nos locais da Alagoa, cujas ruínas dos currais permaneceram por muitos anos e onde se fazia o ritual da aparta, isto é a separação dos rebanhos pelos seus donos, após o pagamento das jornas aos pastores. Donos que vinham de Avô, S. Gião, Sandomil, Oliveira do Hospital e de outros locais da Terra Chã. Esta aparta provocou o aumento da população de Vide, porque muitos proprietários e donos dos rebanhos, fixaram-se aqui, pelas suas condições pastorícias e pela proximidade dos locais da transumância...”* (NOBRE, C. G. A. 2006: 22) Segundo o mesmo autor existiriam duas «canadas» ou caminhos em Vide de onde partiam os gados e donde chegavam. Uma dessas rotas descritas e que existiriam ainda no início do Século XX, passaria pelo sítio da Geia e Portela do Arão, outra ao longo das margens das ribeiras de Loriga e Alvoco, em direcção às pastagens da Serra da Estrela e Alvoaça. Os gados quando regressavam juntavam-se no Aziral, Alagoa e Bardinhas. O autor descreve ainda que a paróquia de Loriga era a guardiã das «portas» da Serra da Estrela e todos teriam que lhe pagar imposto por cabeça, esta teria sido uma das razões para a expansão da transumância para as áreas *“dentro do triângulo geo-pastorício, Avoaça, Açor e Vide, beneficiada pelos montes de Balocas e Gondufo”*, (NOBRE, C. G. A. 2006: 32) evitando assim estes impostos.

As muitas rotas naturais que vinham de Sul para Norte, como são o caso das cumeadas que existem ao longo da Serra da Lousã, nomeadamente a área da Portela do Vento, onde se dá o cruzamento destas duas rotas a rota do litoral com uma rota vinda do Zêzere, assinalado com a letra T4, (no Mapa n.º6, Tomo I, pág. 216), muito possivelmente passando anteriormente pela Serra do Cabeço Rainha, não deixando de ser estranho a existência também nessa área de um significativo conjunto de lajes gravadas. Esta rota que

subiria o Zêzere atravessaria o rio Unhais, existindo possivelmente duas rotas que se autonomizam nesta área, uma indo em direcção à Serra da Lousã, e outra que faria o percurso em direcção às cumeadas que ainda hoje fazem fronteira entre Distritos de Coimbra e Castelo Branco e entre concelhos: Pampilhosa da Serra e Covilhã; seguindo pela Serra do Chiqueiro em direcção à Serra da Cebola/Açor/Pedras Lavradas/Alvoaça, (assinalado no Mapa n.º6, Tomo I, pág. 216) com a letra T1. Sendo a área do Pereiro, apenas um dos acessos naturais a esta rota principal e que possivelmente já viria de Casegas, (assinalado no Mapa n.º6, Tomo I, pág. 216) com a letra T5.

Na parte mais ocidental da Serra da Lousã indentificam-se também algumas rotas Pré-históricas no sentido Sul/Norte, encontrando-se associadas a linhas de cumeada que possibilitavam a passagem de populações entre a região dos calcários, da região de Pombal, Ansião e Alvaiázere em direcção ao Maciço da Serra da Lousã/Estrela. Estariam todas ligadas à rota principal, identificada com os símbolos T4, pela cumeada principal da Serra da Lousã. No concelho de Castanheira de Pêra identificaram-se duas destas rotas, vindas de Sul para Norte, passando em Terreiro da Safra, Carrical, Selada da Ramalheira, Safra (área do marco geodésico), Vergada do Seixo, Costa das Azinheiras, Neve (área do marco geodésico), já na rota principal assinalada com a letra T4A.

Ainda na zona de fronteira entre os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande, Castanheira de Pêra e Lousã, uma outra rota no sentido Sul/Norte, passaria pela área onde se situa o centro da Vila de Figueiró dos Vinhos e daqui seguia sempre em cumeada por Portela, Ervedeira, Bregadas, Cavaleiro, Lomba da Cabada, Lomba das Regadas, Carregal, marco geodésico da Ortiga, Cova da Raposa, Lomba da Urgueira, Carvalha da Malhada, Labadas, Jogo da Bola, Relvas, pelo Cabril (marco geodésico), Carregador de Carqueijas, Porto Espinho, Candal, Porto Verde, Selada das Poças, Cavalete, Castelo do Trevim, já na rota principal da Serra da Lousã, assinalada com os símbolos T4B. (Mapa n.º6, pág. 216).

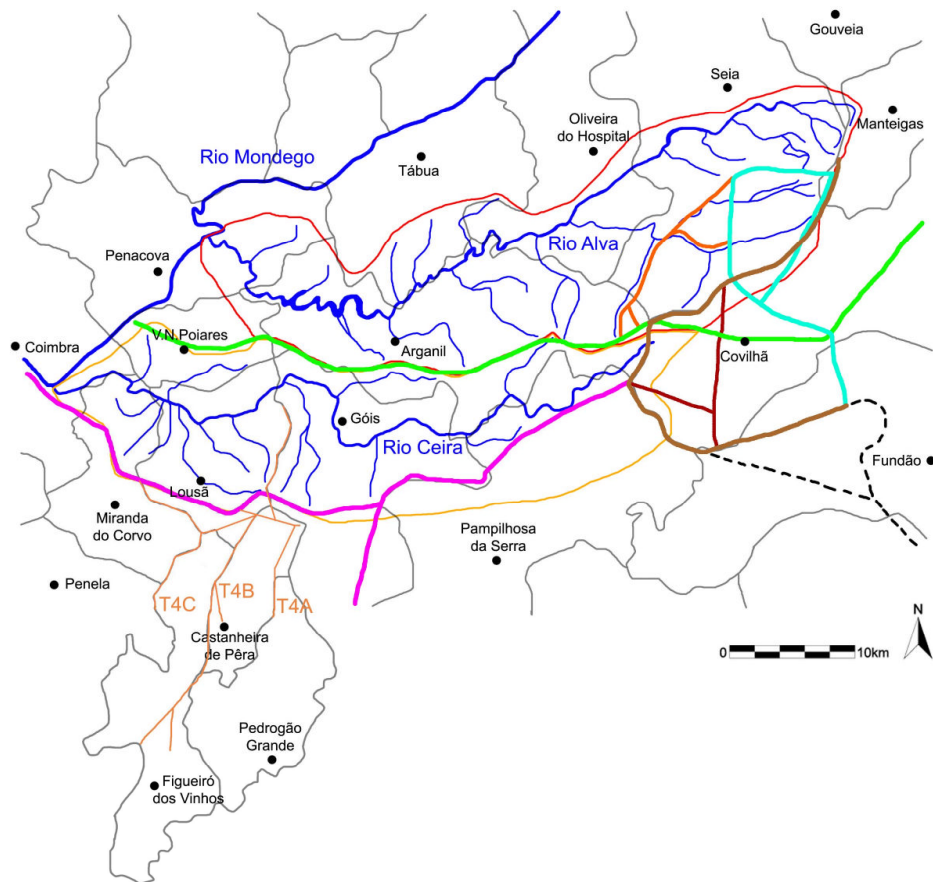
Ainda mais a Ocidente identificam-se ainda outros acessos naturais, já nos concelhos de Miranda do Corvo e Figueiró dos Vinhos, em zonas de cumeada e que fazem actualmente também fronteira administrativa de concelhos e Distritos (Coimbra com Leiria), assim estes caminhos ancestrais passariam por Alto do Castelo de Miranda, Viso

do Esporão e Relva de Tábuas, nesta área haveria uma intersecção com outra rota que viria do litoral passando por Lombinho do Meio e Penedinho Branco em direcção a Ocidente. A rota principal continuava por Lomba da Trarrastreia, Outeiro das Eiras, nesta área haveria mais uma intersecção; uma que vinha de Sul anteriormente descrita e uma outra que ia para o litoral, assinalada com os símbolos T4C, que passaria pelo marco geodésico do Pessegueiro, Moita, Lameirão, Ponto da Pedra seguindo em direcção à planície. Do ponto de intersecção das duas rotas anteriores, partiria outra rota para Oriente já na cumeada principal da Serra da Lousã, área assinalada com a letra T4, passaria por Catraia, Cabeço Marigo e Candal.

Assinale-se que em diversos destes locais foram identificados vários monumentos funerários do tipo “mamoas” enquadráveis no Neolítico/Calcolítico e Idade do Bronze, infelizmente quase sempre destruídos por extensas plantações de monoculturas. Casos dos sítios arqueológicos, mamoas do Penedinho Branco (Miranda do Corvo), mamoas da área da Serra de Safra (Castanheira de Pêra), sítio de arte rupestre do Lajedo ou Bragada, com covinhas (Castanheira de Pêra), mamoas da Trarrastreia (Figueiró dos Vinhos) e mamoas do Cabeço do Marigo (Lousã), todos estes sítios localizam-se nas rotas anteriormente descritas.

Uma das outras rotas que viria do Tejo, atravessaria o Zêzere e passaria pela actual freguesia de Casegas, nesta área acreditamos terem existido pelo menos outras duas vias: uma em direcção à Serra da Abuceira/Serra da Estrela, outra principal indo em direcção ao Sobral de São Miguel em direcção à Serra da Estrela, assinalado (no Mapa n.º6, pág. 216) com a letra T5.

A transumância poderá desta forma ajudar a justificar a grande concentração de lajes gravadas em toda essa região e a existência de outros sítios arqueológicos como mamoas e abrigos. Por último não deixará de ser relevante assinalar um facto, o local onde os gados atravessavam o rio Tejo, ser também o local de uma das maiores concentrações de arte rupestre do vale do Tejo, dando assim uma maior expressão ao fenómeno e alargando significativamente o seu espaço temporal e regional.



**Legenda:**

- T1 - Rota Fundão - Chiqueiro - Cebola - Pedras Lavradas - Alvoaça
- T2 - Rota descrita por Orlando Ribeiro 1940-1941: 253 Fundão - Tortosendo - Loriga - Sabugueiro - Seia - S.Romão - Valezim - Alvoco - Unhais - Tortosendo
- T3 - Rota do "Sal" / "Estrada Real" - Serra do Açor - Gondufo - Pedras Lavradas - Abuceira - Ferro
- T4 - Outras Rotas vindas do Litoral e do Zêzere em direcção à Serra da Cebola
- T5 - Rota do Zêzere em direcção a Casegas e daqui, para Sobral de São Miguel e Serra da Abuceira - Serra da Alvoaça
- T6 - Rotas Aldeia de Vide para Serra do Açor e Vide para Lomba da Geia, Malhada Grande, Cabeça, Loriga e Vide / S.Romão
- T4A - Rota e Montículos Artificiais - (Selada da Ramalheira-Safra) Castanheira de Pêra - ligada à transumância?
- T4B - Rota, Arte Rupestre e Montículos Artificiais - Fronteira de Castanheira de Pêra (Bragada) e Figueiró dos Vinhos
- T4C - Rota associada a Montículos Artificiais - Fronteira Miranda do Corvo - Figueiró dos Vinhos

**Mapa 6 – Rotas principais do comércio e da transumância na área da bacia hidrográfica dos Rios Ceira e Alva**

## Metodologia e levantamentos de arte rupestre

A arte rupestre detectada encontra-se maioritariamente em lajes de xisto do tipo piçarra que afloram nesta região. Este tipo de suporte tem como principais características a sua fragilidade e fácil gravação.

Nos levantamentos arqueológicos de arte rupestre, na fase de limpeza para posterior registo, foram usados instrumentos não abrasivos ou lesivos (Ilustração n.º114) para as lajes de xisto, como espátulas de madeira, escovas macias de forma que não se retirassem líquenes mas apenas musgo e terra, que cobriam as mesmas (Ilustrações n.º113).



**Ilustração 113 e Ilustração 114 - Fotos do processo de limpeza e espátulas de madeira usadas na limpeza das lajes**

Usaram-se várias formas de registo das lajes com arte rupestre, nomeadamente:

- a) Levantamento cartográfico através de auxílio de GPS de marca *Garmin* modelos: *GPSmap 60CSx*, *Etrex H* e *Etrex L*, registando-se as coordenadas em UTM (Universal Transversa de Mercator), European 1979 e em quadrículas 1/25 000, do Serviço Cartográfico do Exército, com latitude, longitude e altitude, dada a sua fácil utilização nos trabalhos de campo. Em todas as lajes registou-se a orientação do norte magnético através de bússola.
- b) Preenchimento de fichas de sítio. (Ver Tomo III ao Tomo XII)

- c) Levantamento fotográfico; Usaram-se várias máquinas digitais: *Olympus FE210* de 10 Megapixel; *Olympus SP-51OUZ* de 7,1 Megapixel; *Canon EOS 400D* 18-55mm e 55-200mm; *Nikon D40* lentes *Nikkor* 18-55mm; *Sony DSC*.
- d) Realizou-se a memória descritiva dos monumentos.

Levantamento através de decalque directo através de painel de acetato fino de espessura de 0,1 milímetro incolor, utilizando-se para marcar as gravuras, vários marcadores permanentes de cores diferentes, variando a sua espessura: *Staedtler - Fina* 0,6 e *Media* 1,0; *Stabilo Fina* 0,7 e *media* 1,0; *Edding* 3000 - 1,5 - 3,00 mm.

Para indicar várias fases temporais de gravação e sobreposições usou-se a cor vermelho, para uma fase mais antiga, seguindo-se o azul (nalgumas situações assinalam as gravuras de época histórica), o verde, a laranja, o roxo e por último o castanho.

Durante os levantamentos houve uma situação ou outra em que faltaram canetas ou se estragaram de uma determinada cor, sendo substituídas por uma outra cor. Em resultado disso, existem algumas fotos no inventário, como exemplos desses percalços. Contudo, com o posterior tratamento da informação recolhida no terreno e em laboratório pode-se corrigir essas situações, alterando-se as cores dessas plantas para a metodologia original.

No caso do Chiqueiro os alfabetiformes recentes e parte significativa dos cruciformes foram igualmente pintados de azul por consideramos uma fase de gravação mais recente, dado que nessas lajes onde isso acontece, geralmente só existem um a dois períodos temporais de gravação.

Efectuaram-se alguns levantamentos nocturnos com luz artificial sendo efectuadas algumas fotografias. Nestes trabalhos foi necessário um gerador a gasóleo de marca *Bergman* LT 950 B, com excelentes resultados.





**Ilustração 115 – Vista de pormenor do equipamento usado nos levantamentos noturnos, lanternas, extensão e gerador.**

Realizou-se o levantamento topográfico, visando o registo da inclinação da laje, orientação das gravuras e da laje/afloramento. Com o auxílio de dois níveis marca Nivel - Nikon AX - 2s e uma escala de 5 metros.

Realizaram-se ainda:

- e) Limpeza do acetato onde se efectuou o levantamento de forma que a digitalização do levantamento não fosse prejudicado por manchas de sujidade.



**Ilustração 116 – Limpeza dos painéis de acetato antes de ir para a *ploter* de digitalização**

f) Realização de corte dos painéis de plástico e sua numeração.



**Ilustração 117 – Vista dos trabalhos de corte do acetato antes de ser digitalizado**

g) Tratamento informático através de o auxílio de vários equipamentos como uma *ploter* digitalizadora e programas de imagem adaptados para o efeito. Depois de concluído o processo de levantamento de arte rupestre no campo tornou-se necessário tratar em laboratório os dados recolhidos; o objectivo desta fase foi retratar, o mais fielmente possível, os painéis contendo arte rupestre utilizando novas metodologias desenvolvidas através de métodos tecnológicos e instrumentos digitais de tratamento de dados; não é suficiente ter uma boa documentação fotográfica. A arte rupestre por vezes é de leitura difícil, tem que se diferenciar o método de gravação, tem que se interpretar o tipo de gravuras e analisar a localização geográfica e inserção na paisagem;



**Ilustração 118 – Vista dos trabalhos de digitalização numa *ploter* de grandes dimensões**



**Ilustração 119 – Vista da digitalização do acetato, passando para papel**



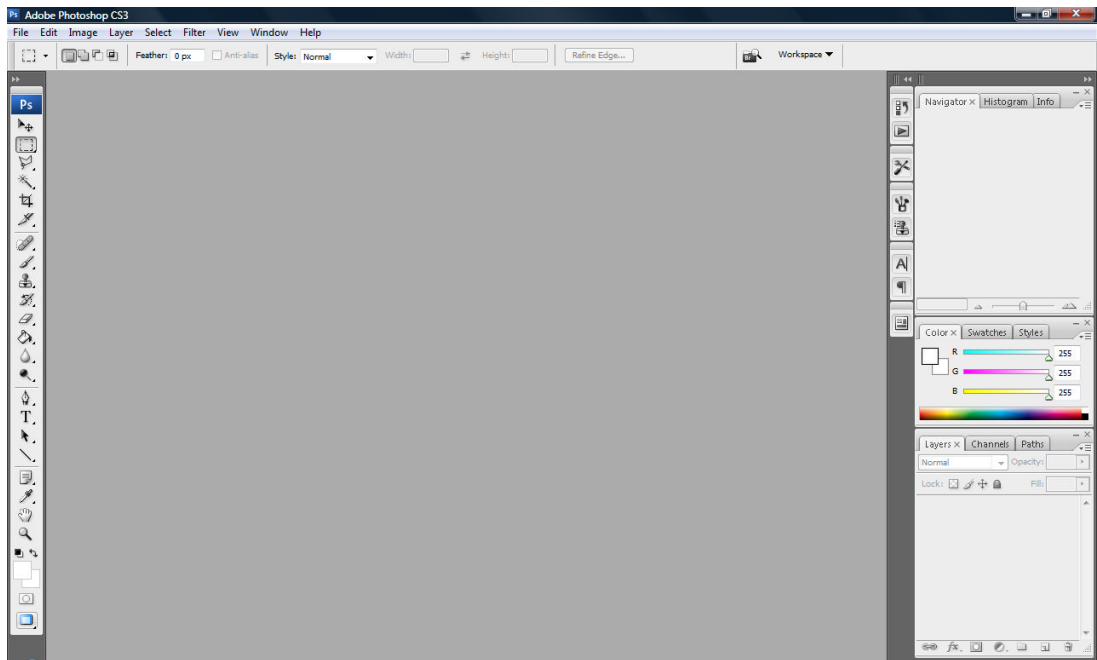


**Ilustração 120 – Digitalização do painéis já em papel numa digitalizadora A3**

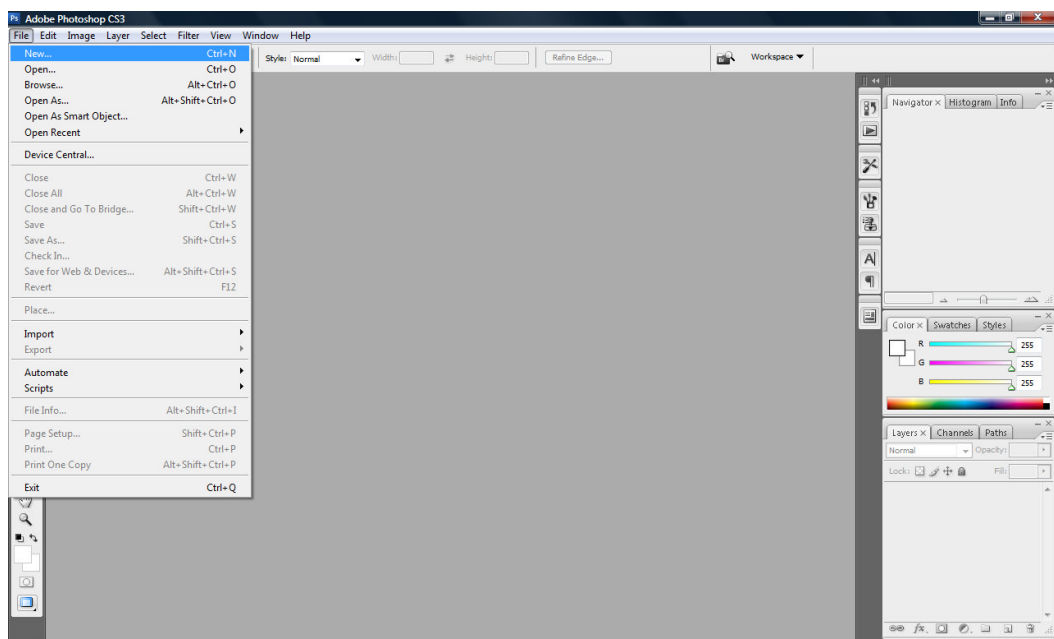
- h) A documentação tem que ser exaustiva ao máximo e responder a diversos tipos de análises sistemáticas possíveis;
- i) O tratamento de imagem é um processo longo, sendo necessário algumas horas ou dias, dependendo da complexidade do levantamento de arte rupestre a tratar;



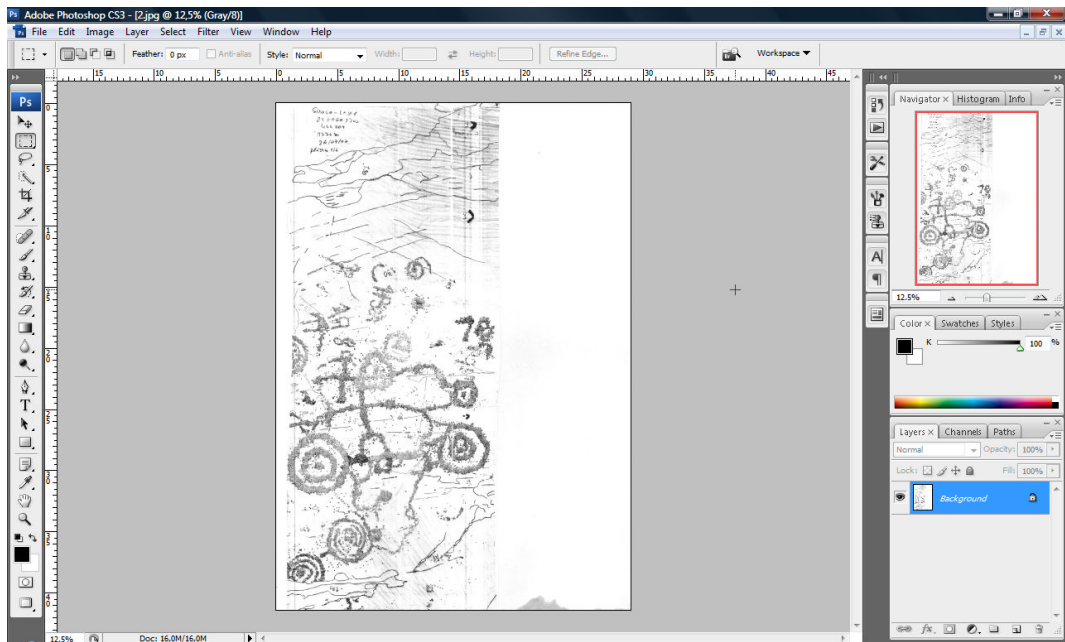
**Ilustração 121 – Vista da fase do tratamento das imagens e informação**



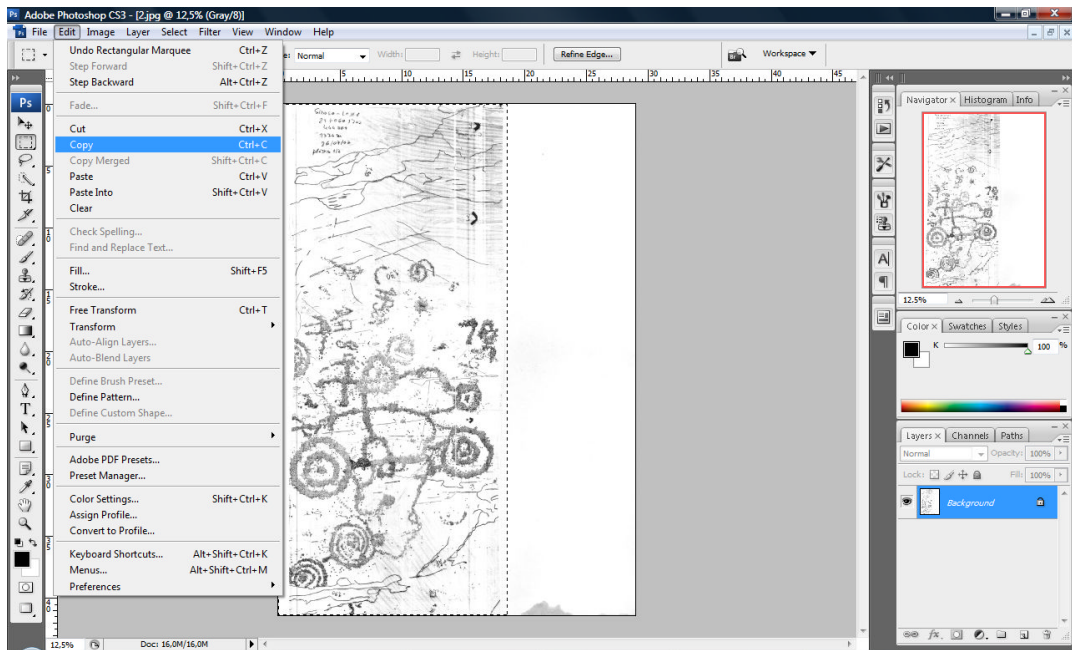
**Ilustração 122 – Vista do primeiro procedimento. Abrir o programa informático de tratamento de imagem Adobe Photoshop**



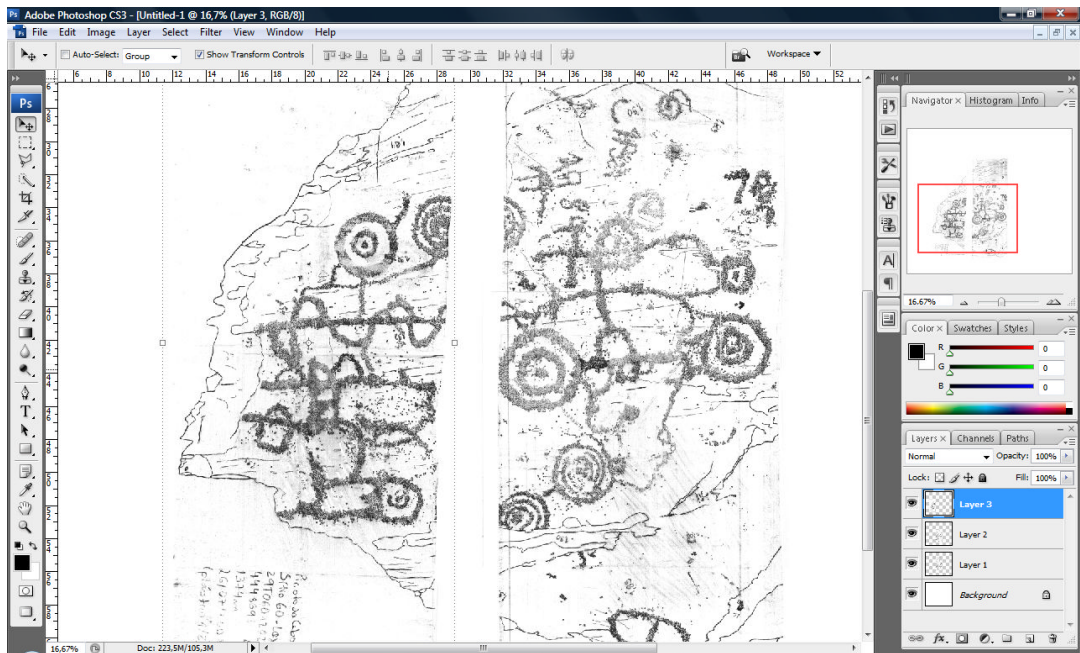
**Ilustração 123 – Vista do segundo procedimento. Criar um novo ficheiro com valores de referência (Ex.: 80x70cm com 300dpi)**



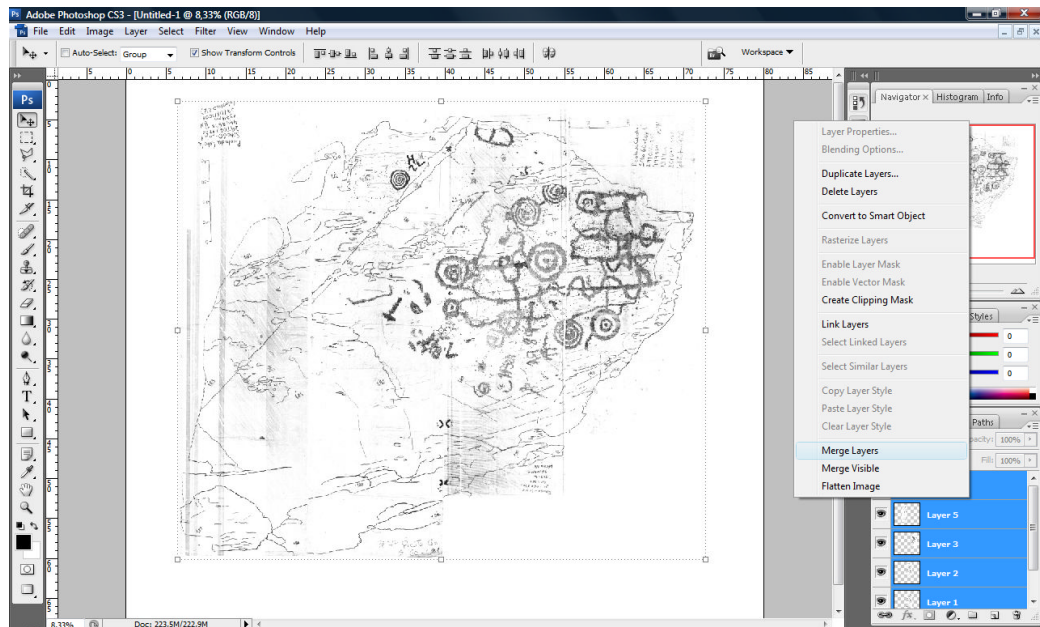
**Ilustração 124 – Vista do terceiro procedimento. Abrir todas as partes digitalizadas do desenho**



**Ilustração 125 – Vista do quarto procedimento. Copiá-las todas para o ficheiro criado inicialmente**

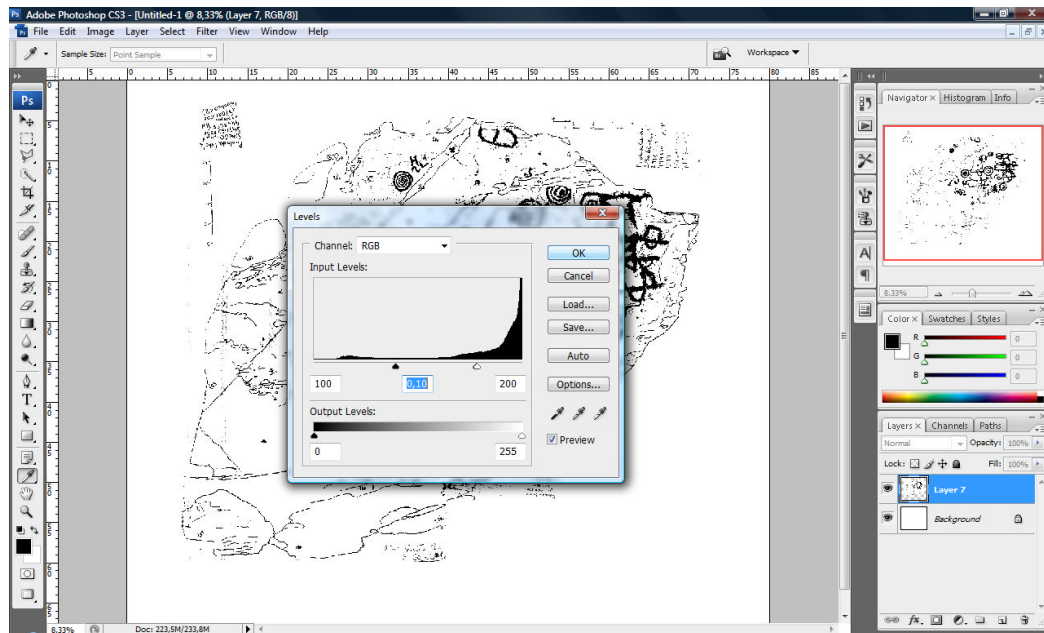


**Ilustração 126 – Vista do quinto procedimento. Encaixar as diversas partes digitalizadas do desenho**

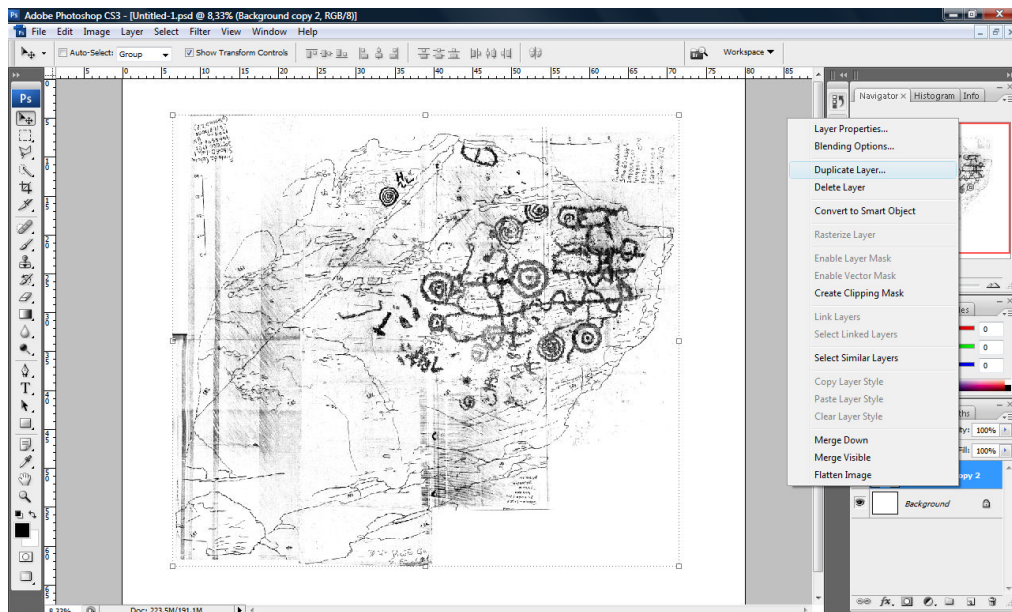


**Ilustração 127 – Vista do sexto procedimento. Juntar as layers todas das partes do desenho numa só layer**



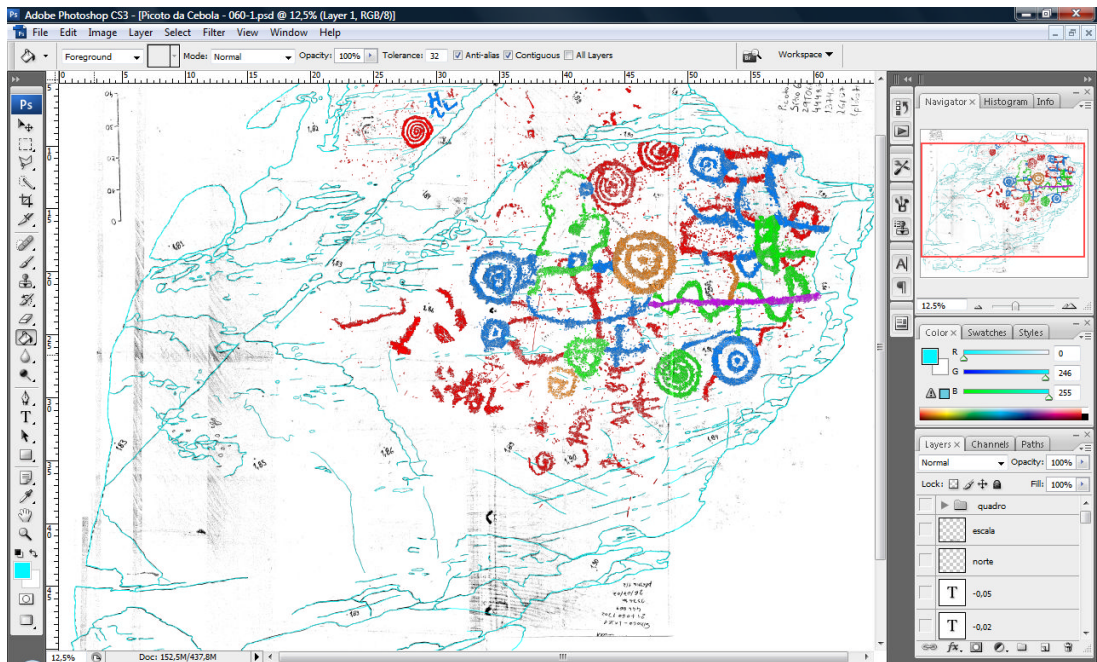


**Ilustração 128 – Vista do sétimo procedimento. Realçar os contornos do desenho ajustando os níveis de preto e branco**

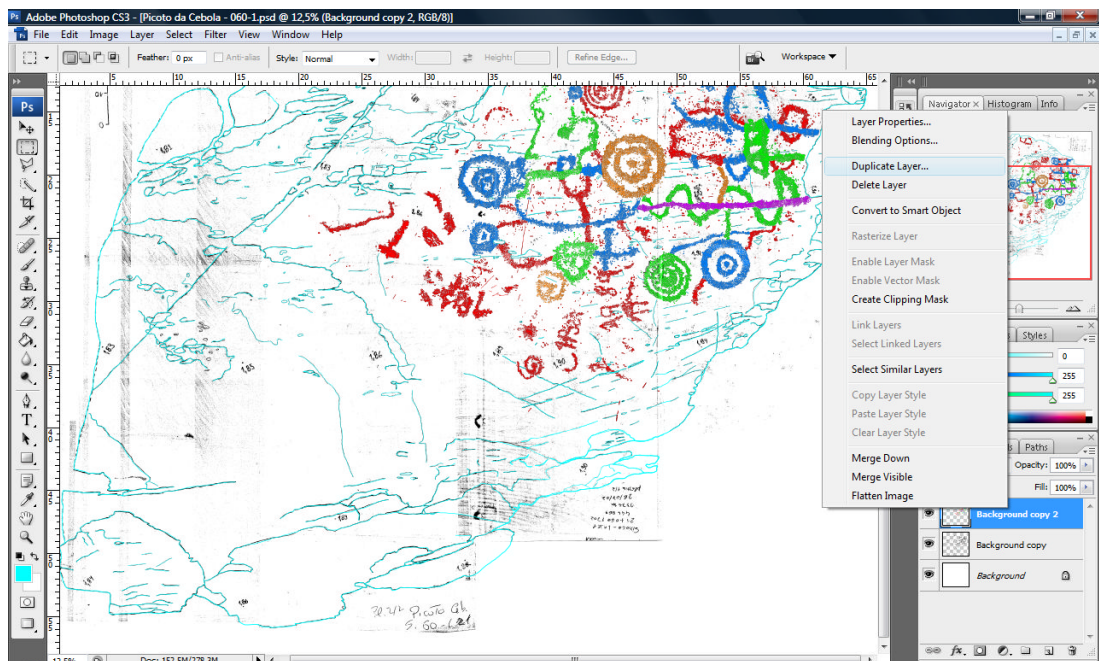


**Ilustração 129 – Vista do oitavo procedimento. Criar uma cópia da layer existente**

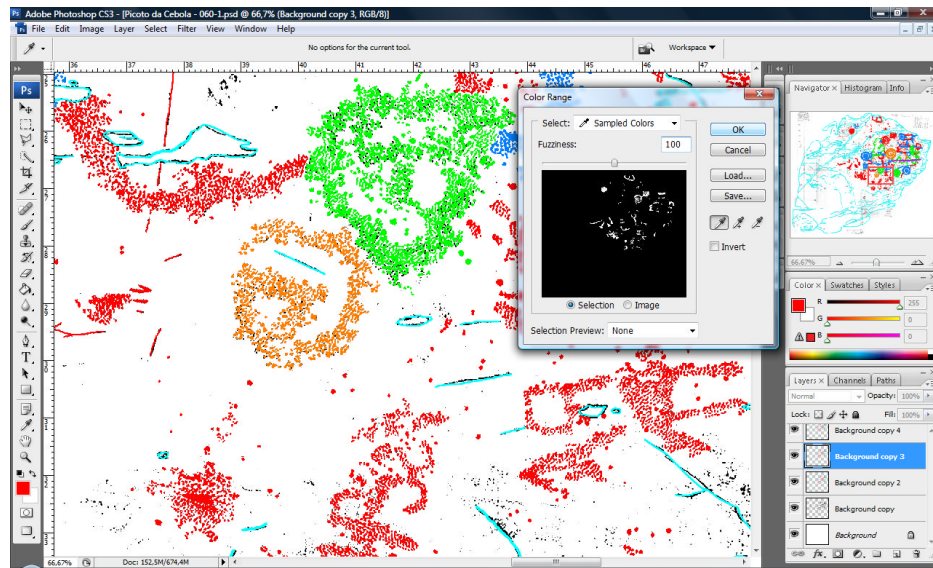




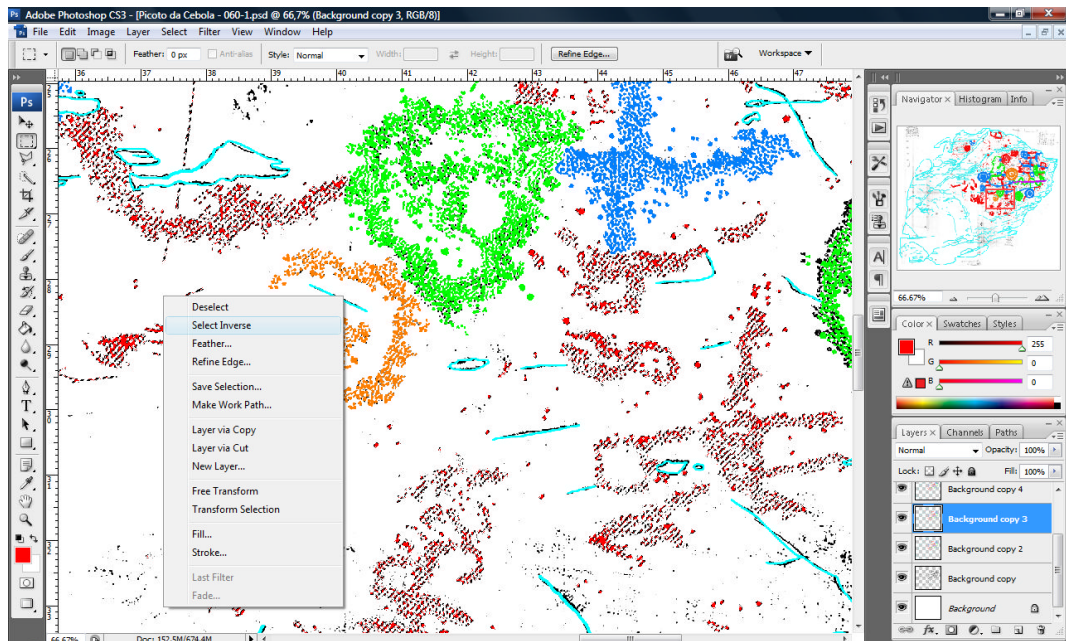
**Ilustração 130 – Vista do nono procedimento, colorir todos os elementos do desenho: gravuras na cor correspondente ao levantamento efectuado em campo e fracturas numa cor diferente das gravuras**



**Ilustração 131 – Vista do décimo procedimento. Depois de todas as fracturas e gravuras estarem coloridas efectua-se diversas cópias da layer trabalhada (Ex.: número de cópias correspondente ao número de layers pretendidas: fracturas, gravuras a vermelho, gravuras a azul, etc.)**

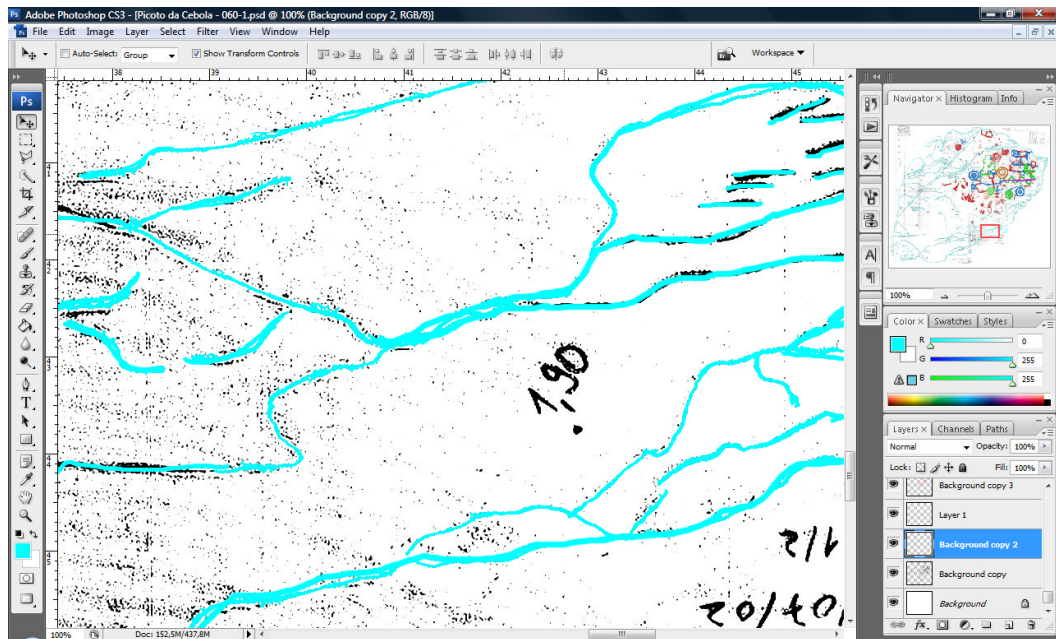


**Ilustração 132 – Vista do décimo primeiro procedimento. Em cada layer criada escolher o elemento correspondente (Ex.: na layer das gravuras vermelhas seleccionar todos os elementos a vermelho)**

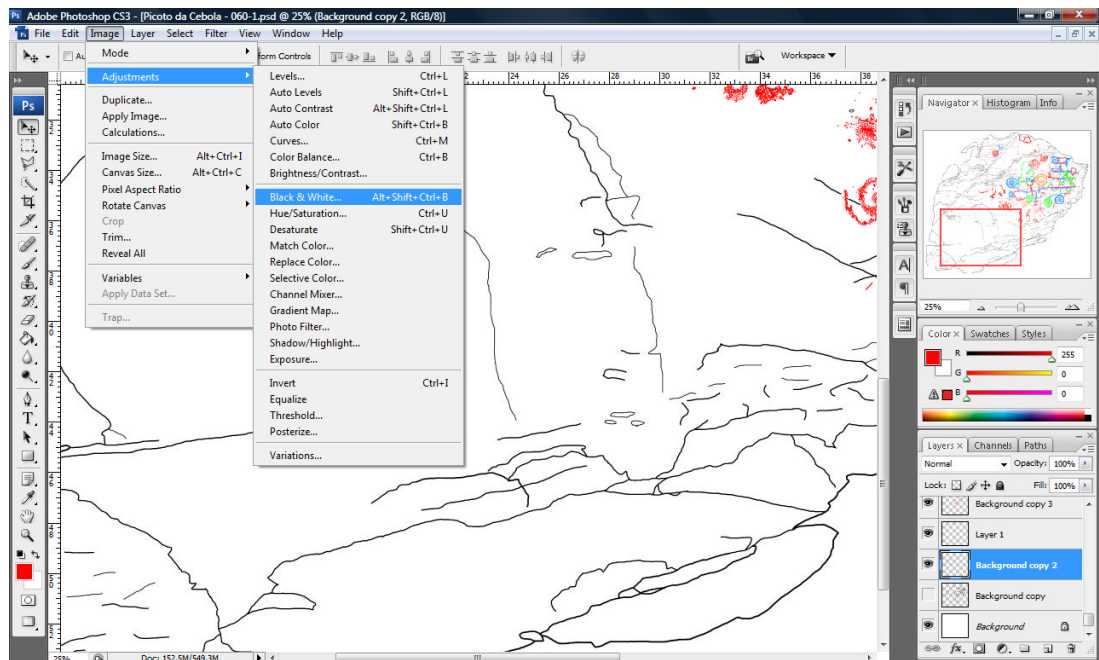


**Ilustração 133 – Vista do décimo segundo procedimento. Eliminar tudo o resto. Este passo é repetido para todas as layers existentes no desenho (fracturas e gravuras de diversas cores)**

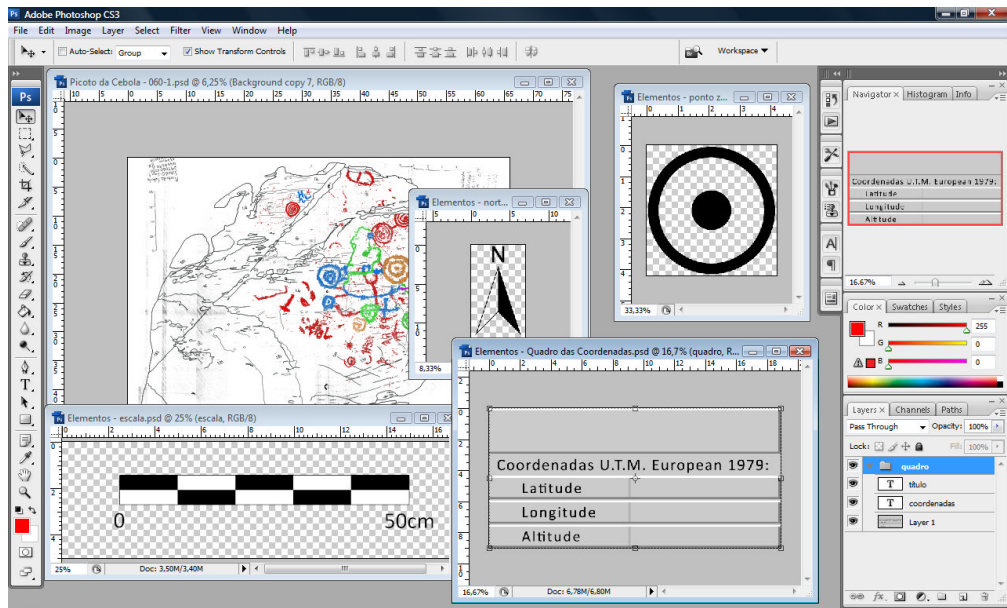




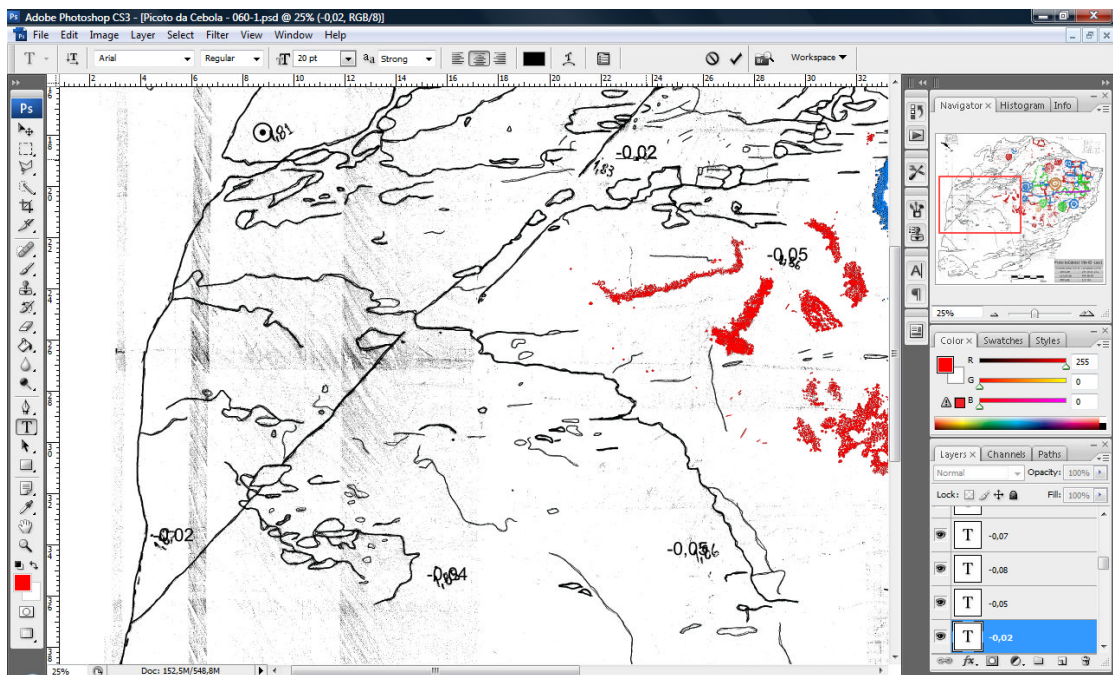
**Ilustração 134 – Vista do décimo terceiro procedimento. Efectuar uma limpeza geral ao desenho. Refazer algumas fracturas ou gravuras que se encontrem mal representadas**



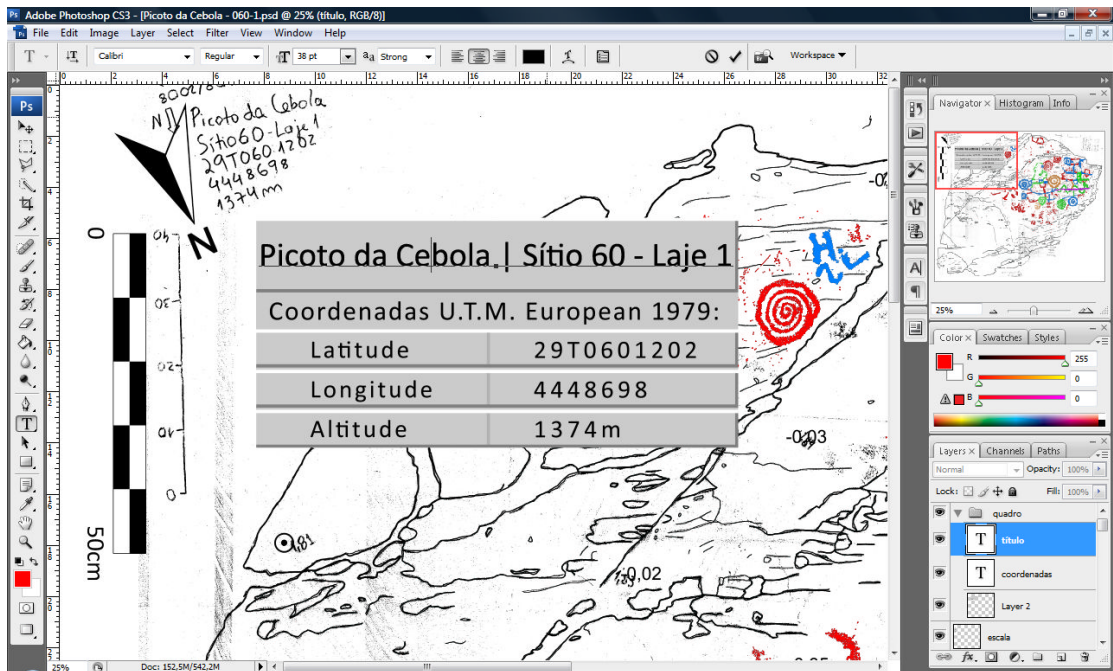
**Ilustração 135 – Vista do décimo quarto procedimento . Passar a layer correspondente às fracturas para preto**



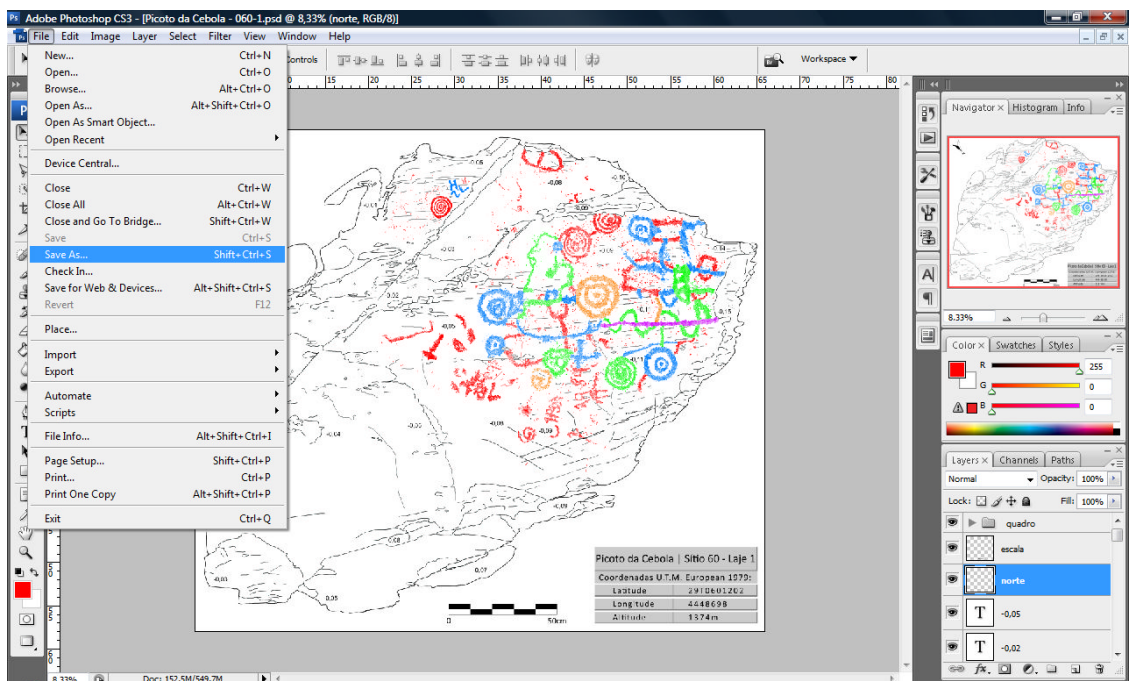
**Ilustração 136 – Vista do décimo quinto procedimento. Adicionar ao desenho os elementos: norte, escala, ponto zero e quadro das coordenadas**



**Ilustração 137 – Vista do décimo sexto procedimento. Colocar cotas no desenho (a cota mais alta corresponde ao ponto 0 todas as outras são o resultado da subtração a esse valor do ponto 0)**

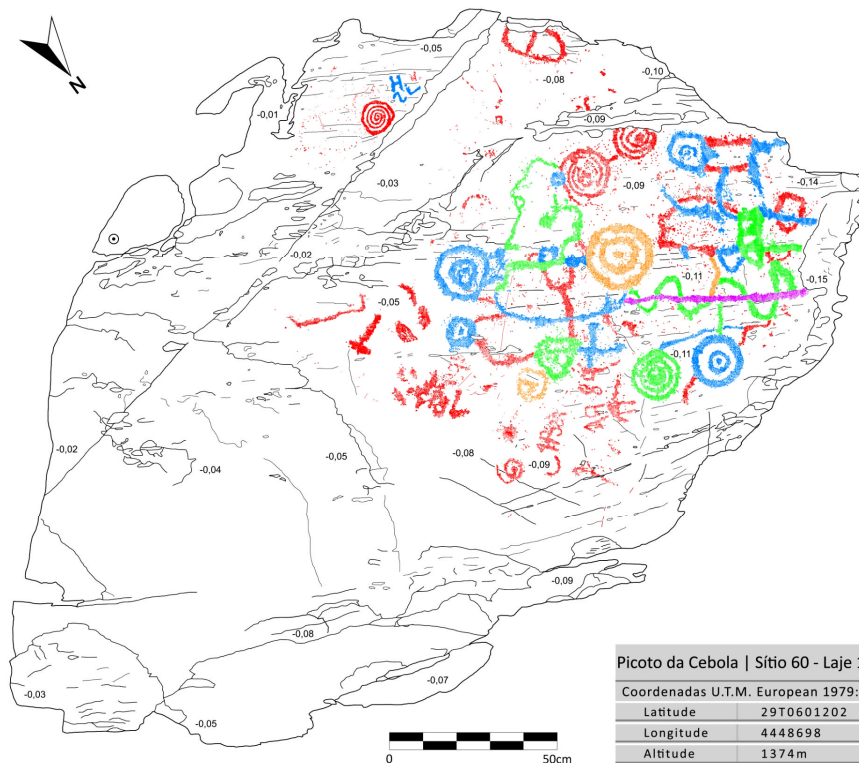


**Ilustração 138 – Vista do décimo sétimo procedimento. Editar os diversos elementos do desenho (norte, escala e quadro das coordenadas)**



**Ilustração 139 – Vista do décimo oitavo procedimento. Guardar o desenho em formato “psd” (permitirá mais tarde a edição dos dados e elementos do desenho) e “jpeg” (melhor para representação gráfica)**





**Ilustração 140 - Exemplo resultado final**

- j) Quais são os problemas que geram o tratamento de imagens? O procedimento, como explicá-lo?

Esta documentação da arte rupestre tem também uma função de análise tecnológica que facilita e determina a avaliação das gravuras e quais as técnicas apropriadas para a apresentação do resultado final. A arte rupestre, actualmente, está sujeita, a problemas de conservação, de origem antrópica ou natural. Uma boa documentação, permitirá um controle do estado de conservação dos painéis de arte rupestres e em caso de degradação ou destruição dos mesmos, pelo menos existirá o registo dessa documentação.

O método laboratorial utilizado no tratamento de imagem dos levantamentos de arte rupestre apresenta diversas vantagens:

- Representação ao pormenor do painel rochoso com arte rupestre.
- Imagem final precisa e reconhecível.

- Representação de elementos que facilitam a leitura do desenho (escala, coordenadas, cotas e norte).
- O uso de um programa de edição de imagem como o Adobe Photoshop permite, através da activação das camadas (layers), seguir a evolução das dinâmicas das gravuras ao longo dos tempos.
- Requer meios não muito dispendiosos e uma equipa de trabalho relativamente reduzida.

Existem, no entanto, alguns problemas na sua aplicação que não podem ser ignorados:

- O processo de tratamento dos dados recolhidos em campo é moroso e depende da dimensão do painel representado.
- A metodologia apresentada mostra um registo bidimensional de realidades tridimensionais
- Actualmente os requisitos das técnicas de representação tridimensional são difíceis de ultrapassar (exemplo: limitações económicas, programas informáticos adequados, exigência em tempo e trabalho, etc.);

Poderão extrair-se conclusões importantes da metodologia apresentada:

- O tratamento digital dos levantamentos de arte rupestre permite uma análise interna mais detalhada dos registos rupestres existentes nas lajes rochosas (tipo de figuras, diversos estilos, métodos de gravação, associações especiais, escalas temporais, temas representados, analogias a outras regiões, etc.)

- O método desenvolvido foi constantemente refinado, refira-se que desde 2005, quando introduzimos o método, comparando-o com o procedimento final, usado em 2009, o tempo foi reduzido para metade.
- Um dos objectivos no futuro é precisamente tornar esta metodologia num processo cada vez mais rigoroso, eficiente e realista;

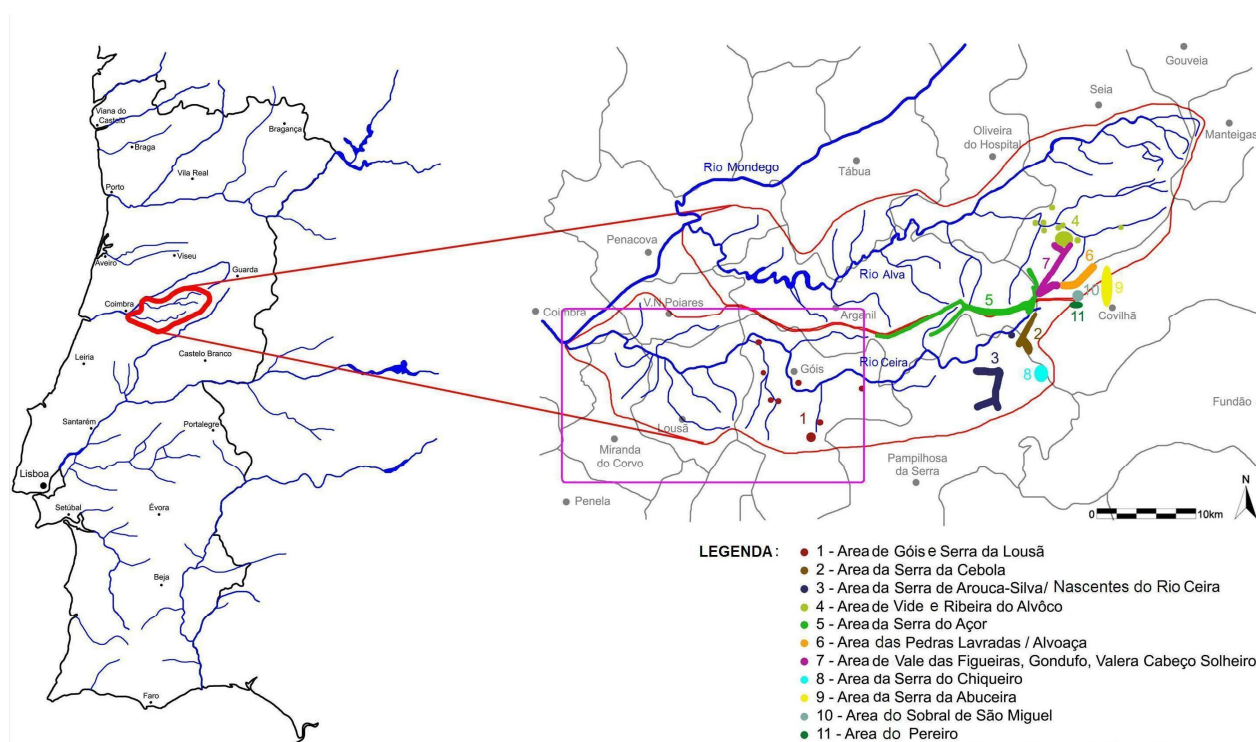


## Bacia Hidrográfica do rio Ceira

### Área de Góis – Serra da Lousã

#### Resultados

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica, abrangendo áreas entre a foz e o curso médio do rio Ceira e parte importante da Serra da Lousã, até ao início da Serra do Açor, constituindo parte da bacia hidrográfica dos rios Ceira e Alva.<sup>34</sup> Refira-se que esta divisão artificial foi efectuada com base no número de sítios de arte rupestre detectados, e na forma dispersa que estes se apresentavam. Abrangendo desta forma os concelhos de Góis, Lousã, Miranda do Corvo, Vila Nova de Poiares, Penacova e parte da Pampilhosa da Serra, Distrito de Coimbra.



<sup>34</sup> Para a análise de sítios arqueológicos pré-históricos e proto-históricos. Ver Tomo II.

Os primeiros estudos de arte rupestre na região remontam aos anos 50 do Século XX no Concelho de Góis, nos sítios «Pedra Letreira» e «Pedra Riscada»<sup>35</sup>, (ver, Tomo III Apêndice nº5, nº I, área de Góis – Serra da Lousã, fichas de sítio arte rupestre inventário geral n.º1, 2, 3 e 4, pág. 897 a 919.). Desde esta data até 1998 apenas se efectuaram algumas referências a estes locais (BAPTISTA, A. M.: 1983:57-69), (BAPTISTA, A. M.: 1983-84: 71-82), (BAPTISTA, A. M.: 1986: 31-55), (SILVA, R., 2000: 249-250) e um levantamento nos anos 80, através do método de látex que se lhe seguiu um processo de classificação<sup>36</sup>

A partir de 1998 com a instalação do «Centro de Estudos Arqueológicos de Góis-Núcleo da APIA», começou-se a inventariar de forma exaustiva os sítios arqueológicos da área do rio Ceira, tendo como ponto de partida a «Carta Arqueológica de Góis». (Ver, Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos pré-históricos, proto-históricos e históricos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionáveis com os sítios de arte rupestre, concelho de Góis, sítios n.º1055 a 1173, pág. 731 a 776)

De Junho de 1998 a Março de 2009, continuou-se a prospectar a região<sup>37</sup>, efectuando-se a inventariação, limpeza manual das lajes e dos afloramentos com gravuras e posterior decalque directo, através de acetato, realizando-se a referenciação, elaboração de fichas de sítio, (ver, Tomo III Apêndice nº5, nºI. área de Góis – Serra da Lousã, fichas de sítio arte rupestre inventário geral n.º1 a 16, pág. 897 a 963.) e inventariou-se alguns dos sítios arqueológicos da região (ver, Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, nº III. - Concelho de Góis, sítios n.º1055 a 1173, pág. 731 a 776; n.ºIV – concelho da Lousã, sítios n.º 1174 a 1177, pág. 777 a 778; n.ºV – concelho de Miranda do Corvo, sítios n.º 1178 a 1182, pág. 779 a 781; n.ºVII – parte do Concelho da Pampilhosa da Serra, sítios n.º 1203 a 1244, pág. 794 a 818; n.ºVIII – concelho de Penacova, sítios n.º 1245 a 1247, pág. 819 a 820; n.ºXI – Vila Nova de Poiares, sítios n.º1365 a 1370, pág. 888 a 890).

Com base na inventariação das lajes gravadas e do seu conteúdo, realizou-se um tratamento informático e estatístico de resultados, que se apresentam de seguida:

---

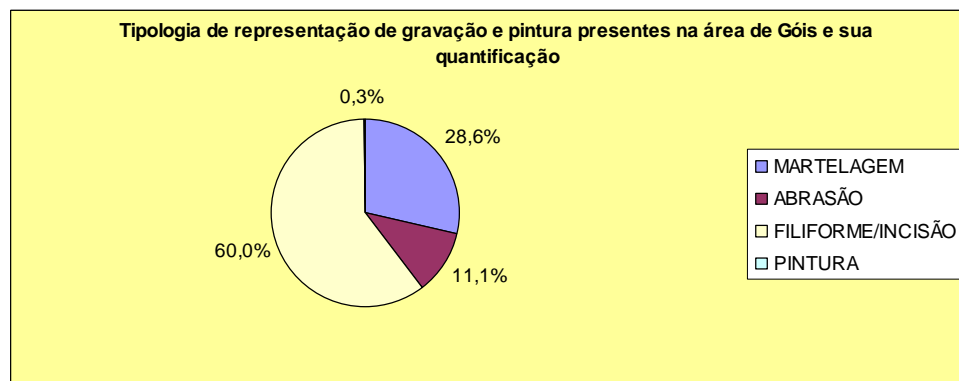
<sup>35</sup> Sítios conhecidos por Mestras I, Mestras II e Mestras III.

<sup>36</sup> Pela arqueóloga Ana Leite Cameirão da Cunha, no sítio da Pedra Letreira.

<sup>37</sup> Concelhos da Lousã, Miranda do Corvo, Vila Nova de Poiares, Penacova, Pampilhosa da Serra.

## **Resultados**

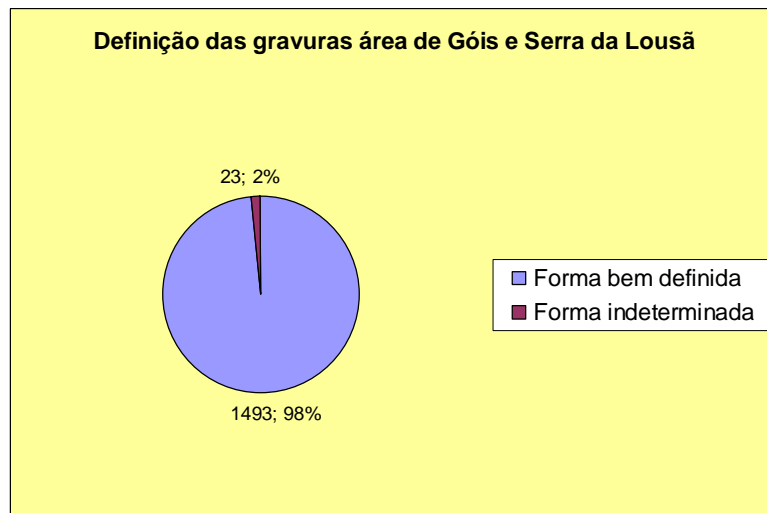
Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área de Góis – Serra da Lousã, definiram-se quatro grupos básicos de métodos de realização da arte rupestre, como a martelagem, a abrasão, pintura, a incisão/ uso da técnica filiforme/raspagem, num total 1516 gravuras.



**Quadro 1 - Tipologia de métodos de gravação na área de Góis e Serra da Lousã**

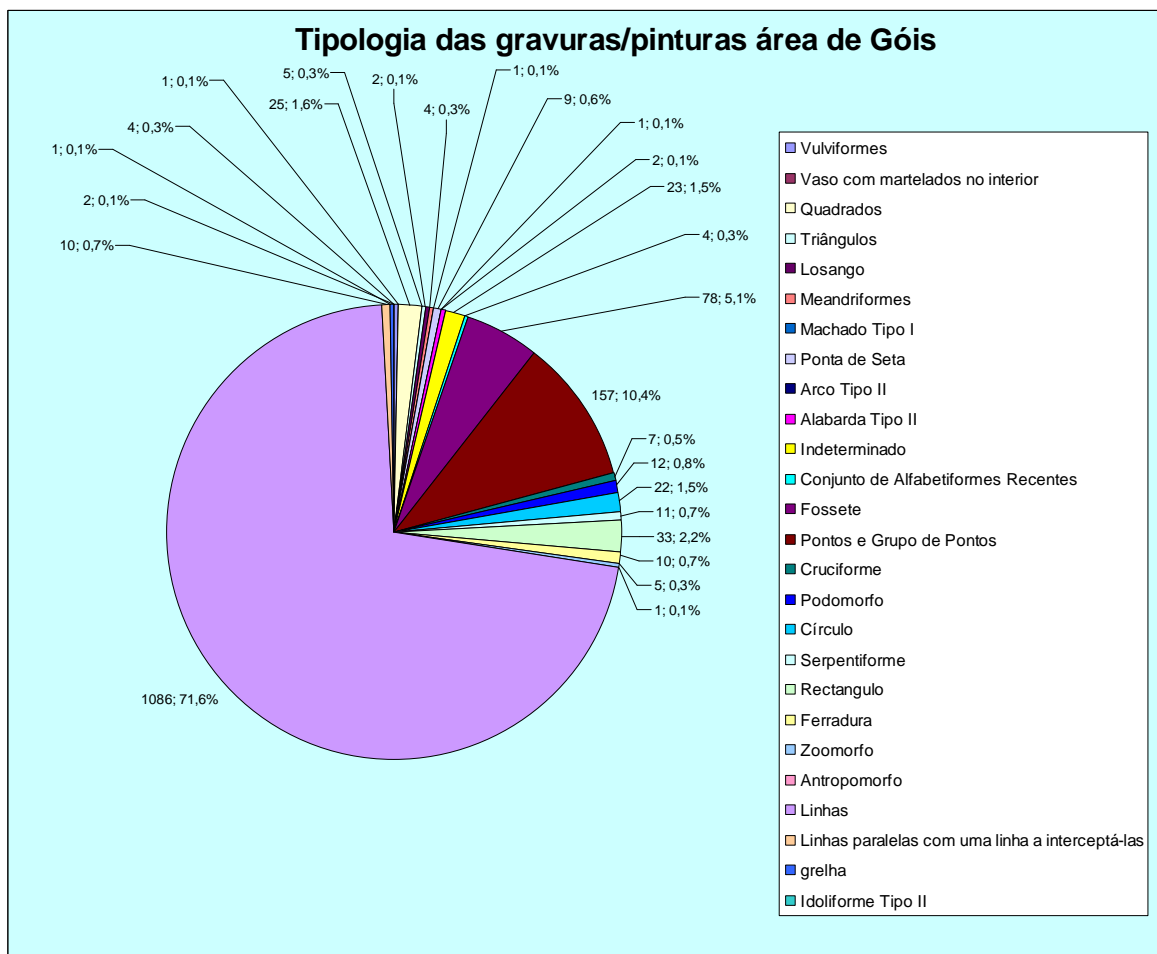
Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da incisão/ traço filiforme/incisão, com 60% das gravuras, seguindo-se a martelagem com 28,6% da amostra. Segue-se a abrasão com 11,1 %, seguindo-se a pintura com uma amostra residual de 0,3% do total da amostra.

Num universo estudado de 1516 gravuras, observa-se que 98 %, 1493 das gravuras observadas têm uma forma definida, enquanto que 23 gravuras não tem uma forma bem definida, indeterminadas, correspondendo a 2% do total.



**Quadro 2 – Definição das gravuras área de Góis**

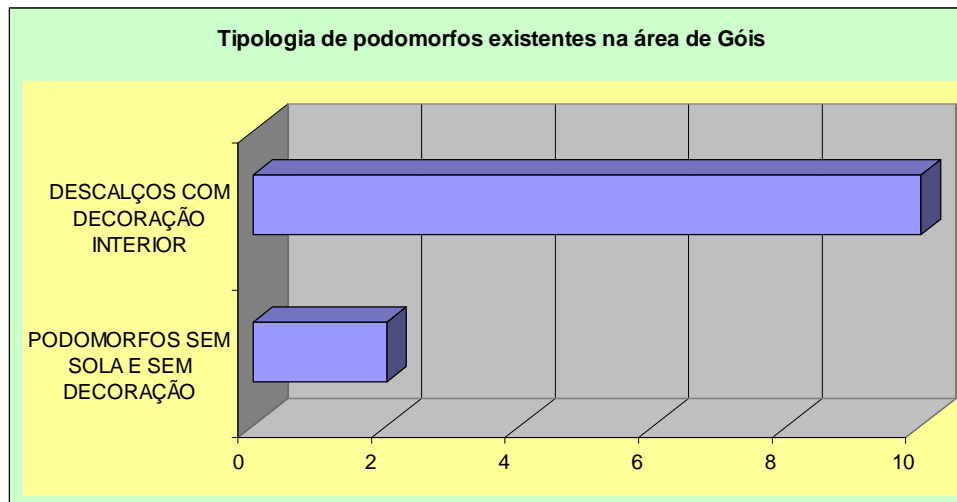
Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de linhas com 71,6 %, correspondendo a 1086 gravuras, seguindo-se os conjuntos de pontos com 10,4 %, correspondendo a 157 gravuras. Segue-se a representação de “fossetes” com 5,1 %, correspondendo a 78 gravuras, realizadas sobretudo através da martelagem e abrasão; os motivos rectangulares com 2,2%, correspondendo a 33 gravuras; os círculos com 1,5% correspondendo a 22 gravuras; seguidos das gravuras de quadrados aparecem de seguida com 1,6 %, correspondendo a 25 gravuras; seguem-se os motivos indeterminados com 1,5% com 23 gravuras; seguem-se os podomorfos com 0,8 %, com 12 gravuras; Outros motivos estão também representados mas de forma residual.



**Quadro 3 - Tipologia dos motivos representados na área de Góis e Serra da Lousã**

### *Podomorfismo*

O fenómeno do podomorfismo nas áreas de Góis e Serra da Lousã encontra-se representado. Metodologicamente definimos a tipologia dos podomorfos em 10 grandes categorias: estando apenas representadas duas delas: o podomorfo sem decoração e sem sola e os podomorfos descalços. Predominando os podomorfos descalços com 83%, correspondendo a 10 gravuras, os podomorfos sem decoração e sem sola estão representados com 17% da amostra, correspondendo a 2 gravuras.

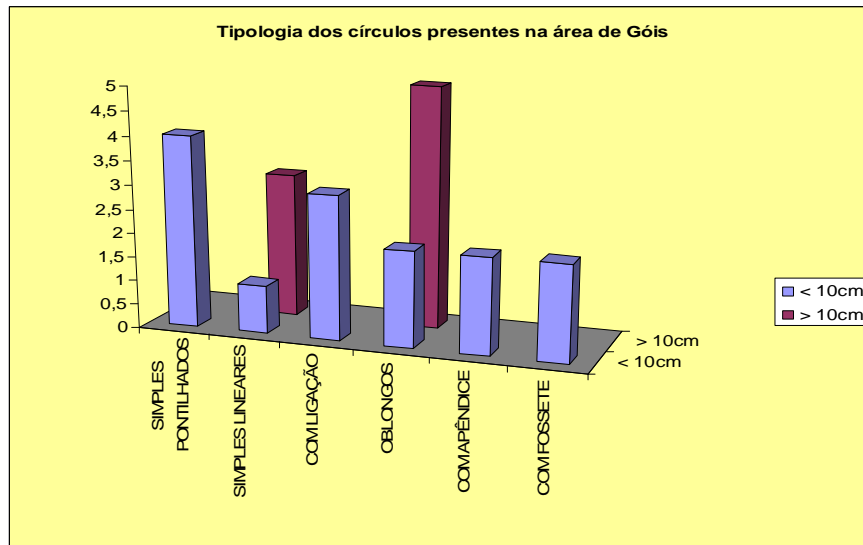


**Quadro 4 - Tipologia de podomorfos presentes na área de Góis e Serra da Lousã**

Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 100% da amostra.

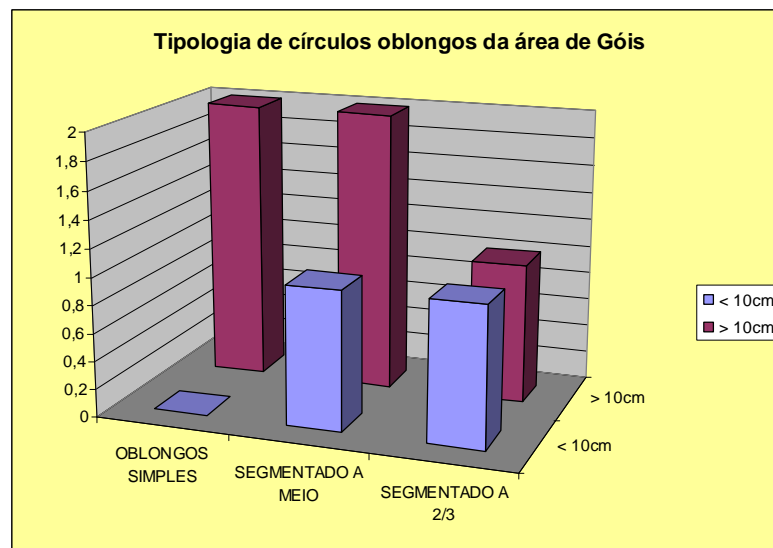
### *Motivos circulares*

Dos 22 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos, com 31,8%, correspondendo a 7 gravuras, seguidos de círculos simples pontilhados e os círculos simples lineares cada com 18,2%, correspondendo a 4 gravuras; seguem-se os círculos com ligação com 13,6%, correspondendo a 3 gravuras; os círculos com apêndice e os círculos com “fossete”, encontram-se representados cada com 9,1% da amostra, correspondendo a 2 gravuras.



**Quadro 5 - Tipologia dos Círculos presentes na área de Góis**

Nos círculos oblongos predominam os círculos oblongos segmentados a meio com 42,9%, correspondendo a 3 gravuras. Os círculos oblongos simples e os círculos segmentados a 2/3 estão ambos representados com 28,6% da amostra, correspondendo a 2 gravuras cada.

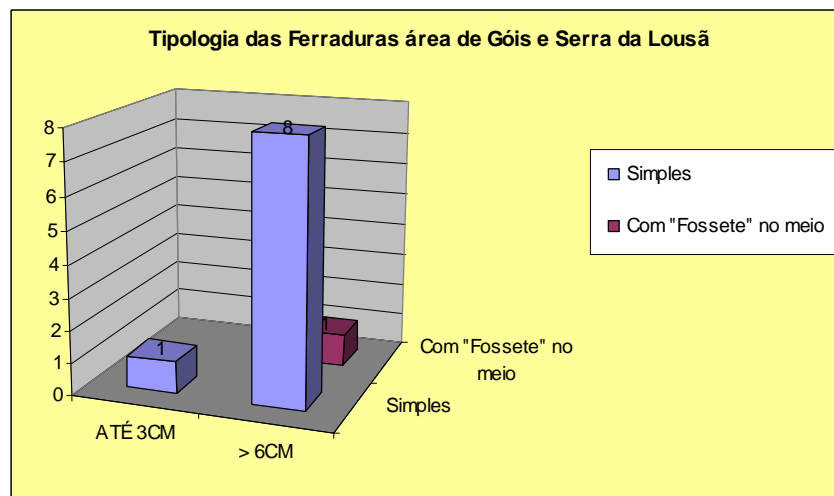


**Quadro 6 - Tipologia de círculos oblongos presentes da área de Góis e Lousã**

Os círculos oblongos simples e os círculos oblongos segmentados a meio são também os que tem maiores dimensões, seguindo-se os círculos oblongos segmentados a 2/3.

### ***Ferraduras***

O motivo de ferraduras está representado na área de Góis e Serra da Lousã com cerca de 10 representações, destas 90 % da amostragem são “ferraduras” simples, com 9 gravuras; seguem-se as ferraduras com “fossete” no meio, correspondendo a 10% da amostra com 1 gravura.



**Quadro 7 - Tipologia das Ferraduras presentes na área de Góis e Serra da Lousã**

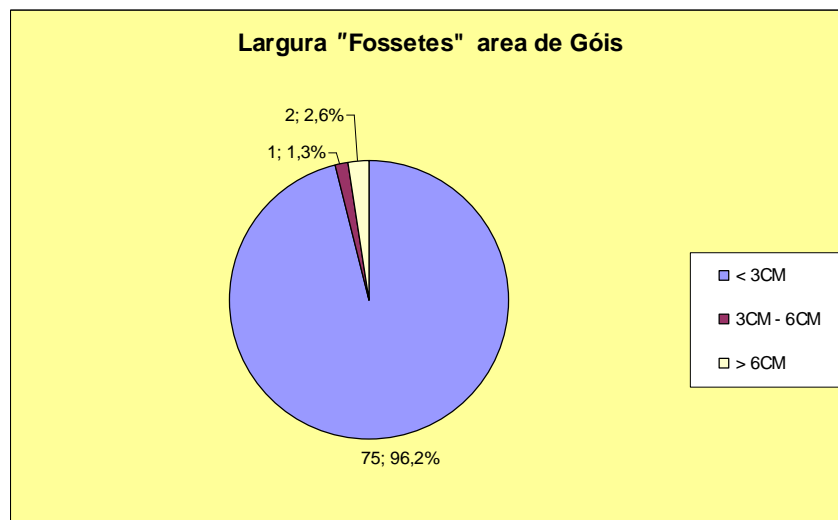
Em relação ao tamanho das ferraduras, 90% correspondentes a 9 gravuras têm mais de 6 cm; seguindo-se as ferraduras até 3 cm, com 10 % do total e correspondendo a 1 gravura.

### ***Fossetes ou covinhas***

As “fossetes” são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 78 gravuras, observou-se a inexistência de “fossetes” ligada a canais. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso.



Em relação ao diâmetro predominam as “fossetes” com menos de 3 cm, com 96,2%, correspondendo a 75 gravuras, seguindo-se as “fossetes” com mais de 6 cm, com 2,6% correspondendo a 2 gravuras e por último as “fossetes” com 3 a 6 cm correspondendo a apenas 1,3% da amostra e a uma gravura.

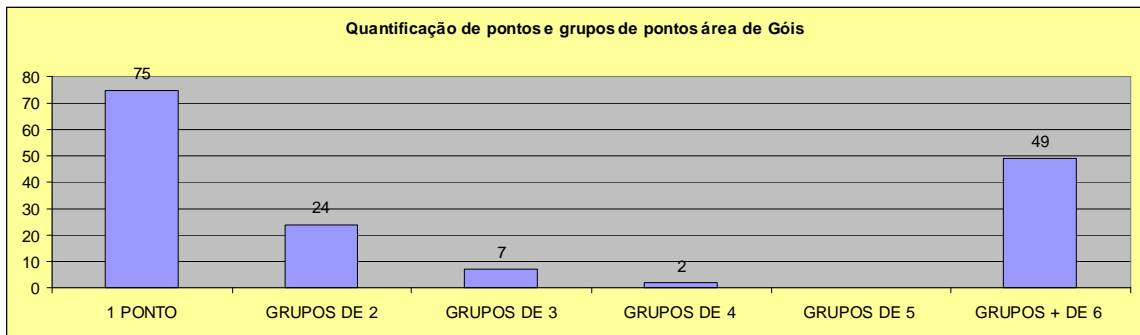


**Quadro 8 – Diâmetro das “fossetes” área de Góis e Serra da Lousã**

Na profundidade predominam as “fossetes” até 1 cm, com 97,4% correspondendo a 76 gravuras; seguindo-se as “fossetes” com 1 a 3 cm de profundidade, com 2,6% amostra correspondendo a 2 gravuras.

### ***Grupo de pontos***

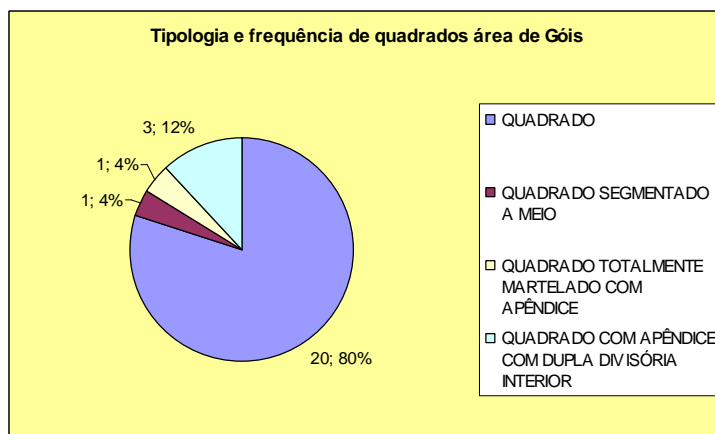
A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, os pontos martelados isolados e os conjuntos de mais de 6 pontos, ou manchas de pontos é predominante em relação a todos os outros grupos de pontos martelados.



**Quadro 9 - Quantificação de pontos e grupos de pontos área de Góis e Serra da Lousã**

### *Quadrados*

As gravuras com a forma de quadrados na área de Góis e Serra da Lousã estão representados nos 4 tipos inventariados, distribuídos por 25 gravuras: predominando o quadrado simples com 80% da amostra correspondendo a 20 gravuras; segue-se o quadrado com apêndice com dupla divisória interior, com 12%, correspondendo a 3 gravuras; o quadrado segmentado a meio e o quadrado totalmente martelado com apêndice estão representados por 4% da amostra, correspondendo cada a 1 gravura.

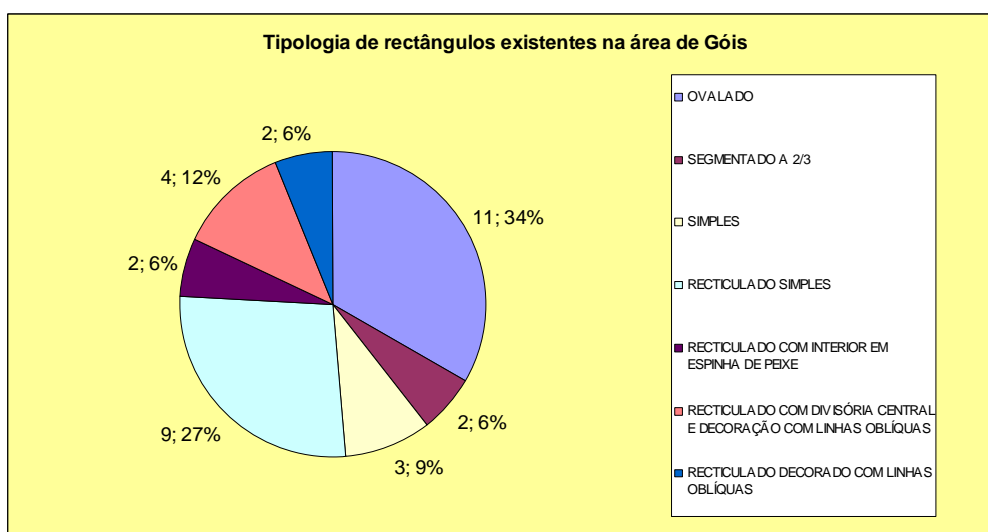


**Quadro 10 - Tipologia de quadrados e sua frequência na área de Góis e Serra da Lousã**

### *Rectângulos*

A representação de rectângulos está dividida em 10 tipos. Estando representados 7 tipos, distribuídos por 33 gravuras. Predominando os rectângulos ovalados com 34%,

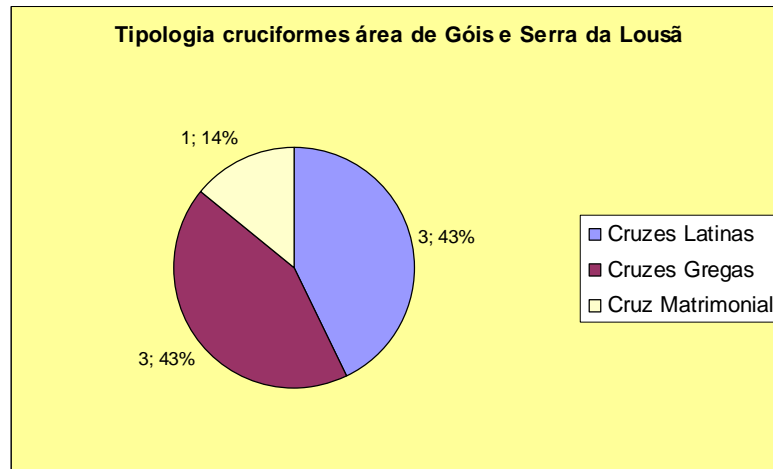
correspondendo a 11 gravuras; seguem-se os reticulados simples com 27%, correspondendo a 9 gravuras; os reticulados com divisória central e decoração com linhas obíquas com 12%, correspondendo 4 gravuras da amostra; os rectângulos simples com 9%, correspondendo a 3 gravuras; os reticulados decorados com linhas oblíquas, os reticulados com interior em espinha de peixe e os rectângulos segmentados a 2/3, encontram-se representados, cada um com 6% da amostra, representando 2 gravuras cada.



**Quadro 11 - Tipologia dos rectângulos representados na área de Góis e Serra da Lousã**

### *Cruciformes*

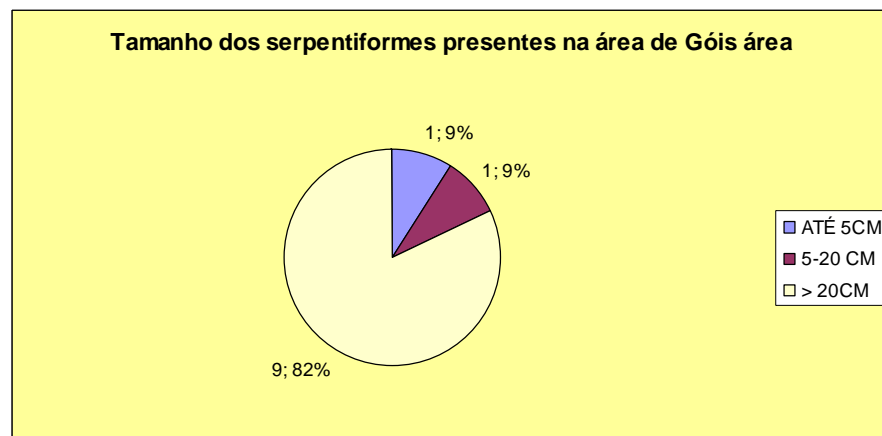
Encontram-se representados cerca de 7 cruciformes, gravadas predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruzes latinas e cruzes gregas, ambas com 43% da amostra correspondendo a 3 gravuras; a cruz matrimonial encontra-se ainda representada por 1 gravura.



**Quadro 12 - Tipologia de cruciformes presentes na área de Góis e Lousã**

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 11 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se de abrasão. Predominando os serpentiformes com mais de 20 cm de comprimentos, com 9 gravuras cerca de 82% da amostra; seguindo-se os serpentiformes até 5 cm e os serpentiformes entre os 5 e os 20 cm com 1 gravura, correspondendo a 9% cada.



**Quadro 13 – Tamanho dos serpentiformes na área de Góis e Serra da Lousã**

## Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva

As áreas das nascentes do rio Ceira e as Serras de Arouca/Silva, localizam-se no distrito de Coimbra, estas serras que são o prolongamento natural da Serra do Açor/Cebola, situando-se nos concelhos da Pampilhosa da Serra e Covilhã, na bacia hidrográfica do rio Ceira e fazendo fronteira com a bacia hidrográfica do rio Unhais, numa área de interflúvio. (Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, Apêndice n.º 1: mapas de localização das áreas estudadas bacia hidrográfica do rio Ceira, n.º III. Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva: mapa 20, pág. 520)

Os primeiros 5 sítios arqueológicos a serem estudados nesta região, remontam ao ano de 1999, e ficam localizados nas margens do rio Ceira, nas proximidades na aldeia da Covanca (ver Tomo n.º III. Apêndice n.º 5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.º II. Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva, sítios do inventário geral n.º17 a 21, pág. 968 a 983.) Foram estudados no âmbito do projecto de investigação «*Estudo Arqueológico do Rio Ceira*» apresentado ao «Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos» de 1999 do Instituto Português de Arqueologia.

Em 2001, a área continuou a ser estudada no âmbito do curso de doutoramento<sup>38</sup> até ao presente. Saliente-se ainda os vários trabalhos realizados posteriores a 2007 no âmbito do projecto eólico «Parque Eólico de Arouca/Silva (Toutiço)», em várias fases do projecto; desde a fase de Estudo de Impacte Ambiental até à fase de implementação de medidas mitigadoras.<sup>39</sup> Os trabalhos de acompanhamento arqueológico deste projecto foram realizados entre Maio de 2008 a Junho de 2009<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Ribeiro, N.M.C. “Arte Rupestre dos Vales dos Rios Ceira e Alva – Bacia hidrográfica do Rio Mondego”, Universidade de Salamanca e Universidade Autónoma de Lisboa. 2003 Grau de suficiência investigadora. Orientado por M<sup>a</sup> Soledad Corchón Rodríguez

<sup>39</sup> Trabalhos tiveram a coordenação científica do signatário, em 2008 juntou-se na coordenação do acompanhamento arqueológico da construção do Parque Eólico do Toutiço os arqueólogos António Sérgio Pereira, Anabela Joaquineto e Silva Coelho (de Maio a Julho de 2008).

<sup>40</sup> Estudos desenvolvidos para o Grupo Enersis. Estes trabalhos de construção tiveram como objectivo a construção de um empreendimento eólico. Implicaram revolvimentos de terras, melhoria e construção de acessos na área do parque eólico, escavação de 14 fundações dos aerogeradores e abertura das fundações dos postes da linha eléctrica de interligação à subestação da Pampilhosa da Serra.

Nos estudos de prospecção anteriores a 2008, tinham sido detectados dois sítios arqueológicos de arte rupestre e uma via antiga na área das Serras de Arouca e Silva. Com as novas prospecções arqueológicas sistemáticas, realizadas durante o acompanhamento arqueológico no ano de 2008, identificaram-se mais 30 elementos patrimoniais: sendo 10 estruturas e 2 troços de vias antigas, 3 achados constituídos por 2 pequenos blocos de xisto com uma covinha em cada, um possível raspador em xisto metamorfozido. (Ver, Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionáveis com os sítios de arte rupestre, sítios arqueológicos 1210 a 1220, 1230, 1231 e 1240 a 1244, pág. 796 a 801, 806, 807, 814 a 818), e sítios de arte rupestre, (Ver Tomo n.º III. Apêndice n.º5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.º II. Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva, sítios do inventário geral n.º22 a 36, pág. 984 a 1034.)

A arte rupestre detectada na área de Arouca/Silva, encontra-se maioritariamente em lajes de xisto do tipo piçarra, quase planas, que aflora nesta região. Este tipo de suporte tem como principais características a sua fragilidade e fácil gravação.

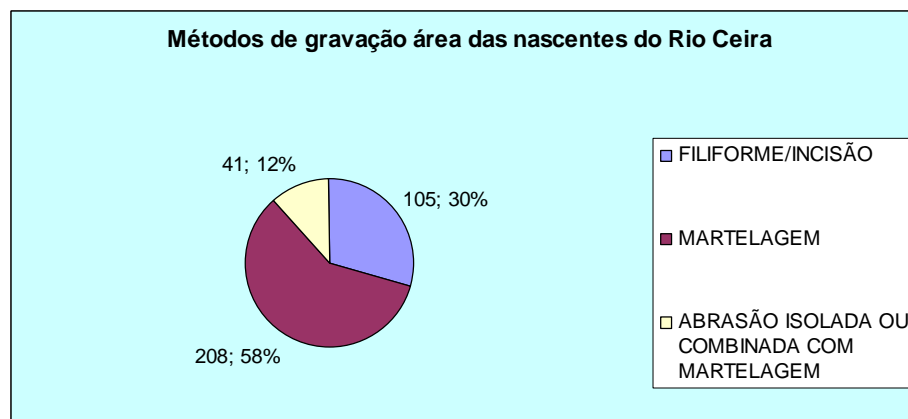
Nos levantamentos arqueológicos de arte rupestre, na fase de limpeza para posterior registo, foram usados instrumentos não abrasivos ou lesivos para as lajes de xisto, como espátulas de madeira, escovas macias de forma que não se retirassem líquenes mas apenas musgo e terra, que cobriam as mesmas.

Saliente-se também a existência de uma via antiga no «Vale da Chumaceira» e um possível buraco de poste de centro de cabana numa laje de xisto, aberto no xisto com auxílio de instrumento provavelmente metálico (ver Tomo nº II. Apêndice nº4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, n.ºVII - área do Concelho da Pampilhosa da Serra sítio n.º 1220 do inventário geral, pág. 801), numa cumeada próxima designada por «Barroca do Vale das Redes».

Os estudos efectuados na área, permitiram a elaboração de fichas individuais para cada sítio arqueológico, realizou-se a análise destes dados, tratamento estatístico e informático que se apresenta de seguida:

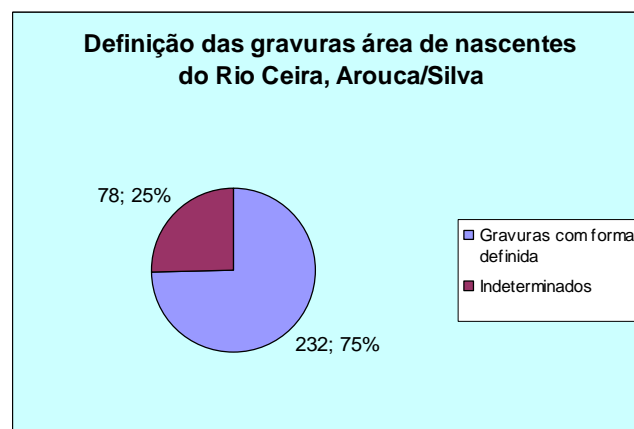
## Resultados

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área das Nascentes do rio Ceira e Serra de Arouca/Silva, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total de 310 gravuras em 20 lajes com arte rupestre.



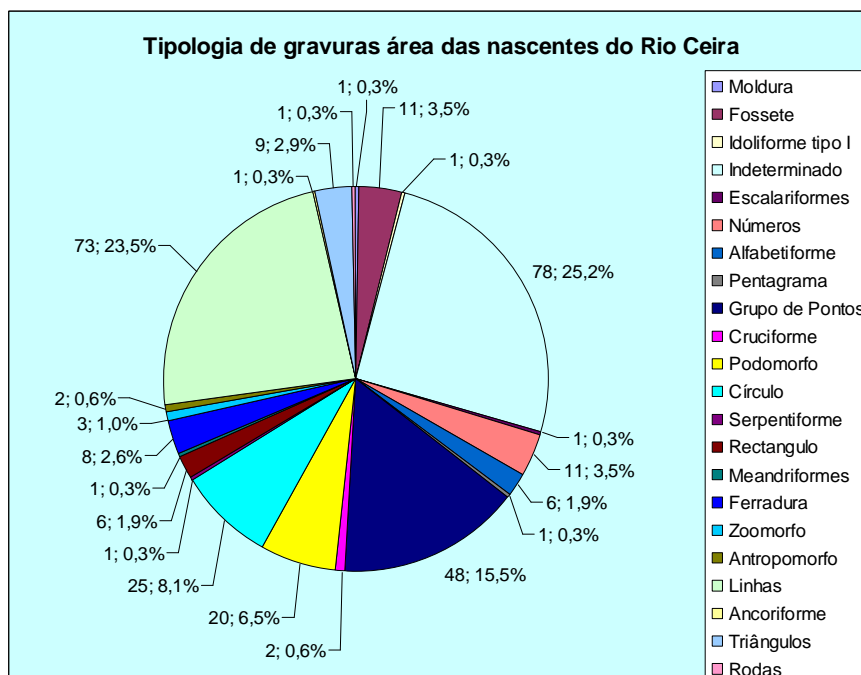
Quadro 14 – Métodos de gravação e sua frequência utilizados na área das nascentes do rio Ceira

Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 58% presentes em 208 gravuras, seguindo-se o método de gravação através da incisão/ traço filiforme com 30 %, correspondendo a 105 gravuras e a abrasão isolada ou combinada com martelagem 12 %, correspondendo a 41 gravuras.



Quadro 15 – Definição das gravuras áreas das nascentes do rio Ceira

Num universo estudado de 310 gravuras, observa-se que 25 %, ou seja 78 das gravuras observadas não têm uma forma definida, indeterminadas, enquanto que 75 %, correspondendo a 232 das gravuras têm uma forma bem definida.

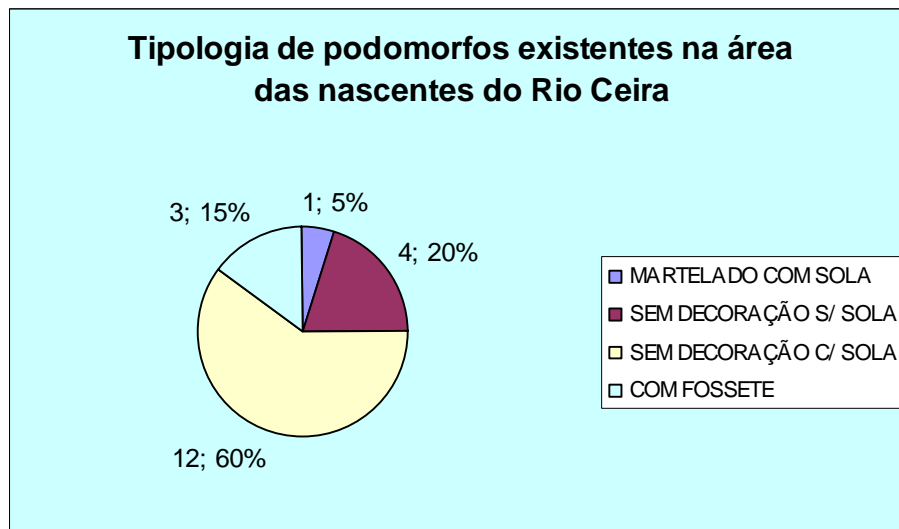


**Quadro 16 – Tipologia das gravuras e frequência na área das nascentes do rio Ceira**

Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de gravuras indeterminadas com 25,2%, correspondendo a 78 gravuras; as gravuras de linhas seguem com 23,5 %, correspondendo a 73 gravuras; os conjuntos de pontos com 15,5 %, correspondendo a 48 gravuras; os motivos circulares aparecem com 8,1 %, correspondendo a 25 gravuras; os podomorfos com 6,5 %, correspondentes a 20 gravuras; segue-se a representação de covinhas e as representações de números árabes com 3,5 %, cada um destes motivos correspondendo a 11 gravuras cada, seguem-se os motivos triangulares com 2,9% correspondendo a 9 gravuras; as ferraduras com 2,6 %, correspondem a 8 gravuras; os alfabetiformes e retângulos com 1,9% correspondendo a 6 gravuras. Estão também representados outros motivos mas de forma residual como cruciformes, serpentiformes, antropomorfos, escalariforme e uma roda.



## *Podomorfismo*



**Quadro 17 – Tipologia dos podomorfos e frequência na área das nascentes do rio Ceira**

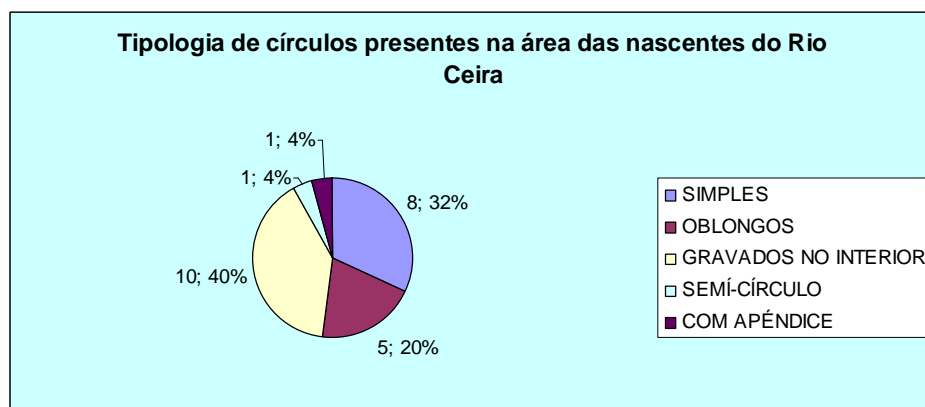
O fenómeno do podomorfismo, nas áreas das nascentes do rio Ceira e Serras de Arouca/Silva, encontra-se bem representado, constituindo um dos principais motivos presentes. Metodologicamente definimos a quantificação dos podomorfos presentes em 11 grandes categorias. Destes apenas estão representados 4 destes tipos de gravuras, salientando-se o predomínio das gravuras de podomorfos com sola e sem decoração com 60% da amostra total, correspondendo a 12 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 20%, correspondendo a 4 gravuras; os podomorfos associados a uma covinha surgem com 15% correspondendo a 3 gravuras; por último seguem-se os podomorfos martelados no interior e com sola que representam 5% do total, com cerca de 1 gravura.

Nesta área não se detectaram podomorfos pequenos, predominando as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 100% com 20 representações.

### *Motivos circulares*

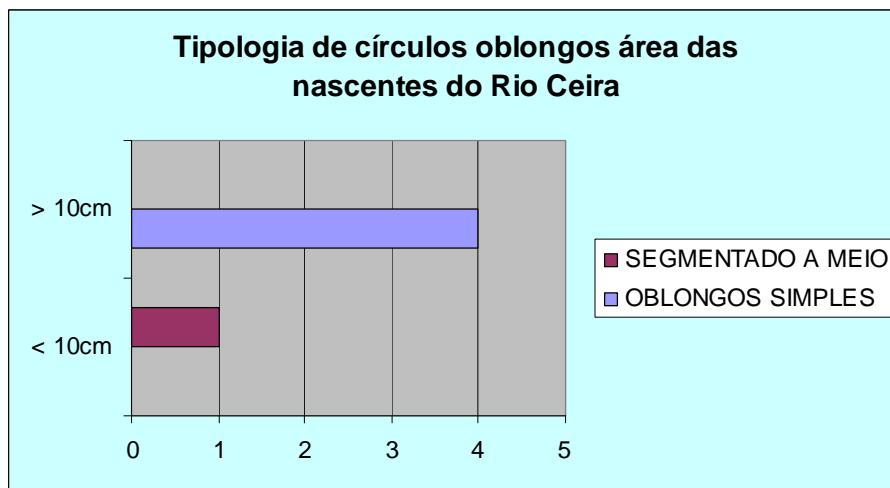
Dos 25 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente os motivos circulares com gravações no interior com 40%, correspondendo a 10 gravuras;

seguidos dos círculos simples com 32%, correspondendo a 8 gravuras; os círculos oblongos, com 20%, correspondendo a 5 gravuras; os círculos com apêndice e os semi-círculos com 4% cada, correspondendo a 1 gravura cada;



**Quadro 18 – Tipologia dos círculos presentes na área das nascentes do rio Ceira**

Nos círculos oblongos predominam os círculos oblongos simples, seguidos pelos círculos segmentados a meio com uma gravura.

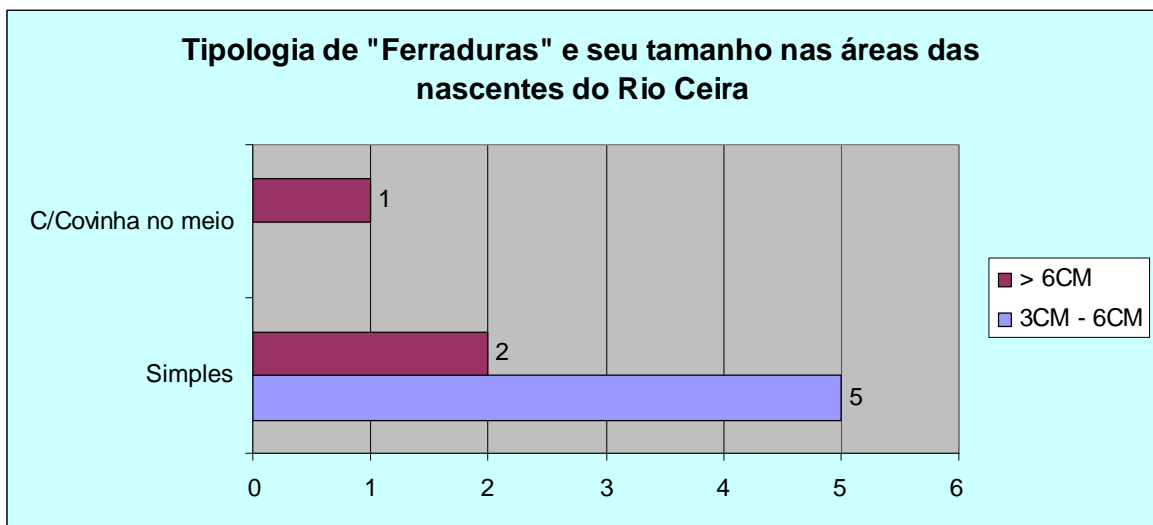


**Quadro 19 – Tipologia dos círculos oblongos da área das nascentes do rio Ceira**

Os círculos oblongos simples são também os que tem maiores dimensões quando comparados com os círculos segmentados a meio.

## “Ferraduras”

O motivo de “ferraduras” está representado na área das nascentes do rio Ceira com cerca de 8 representações, destas 7 são “ferraduras” simples; seguem-se as “ferraduras” com covinha, correspondendo a 1 gravura. Em relação ao seu tamanho, 5 gravuras têm entre os 3 cm e os 6 cm e 3 gravuras têm mais de 6 cm de comprimento.

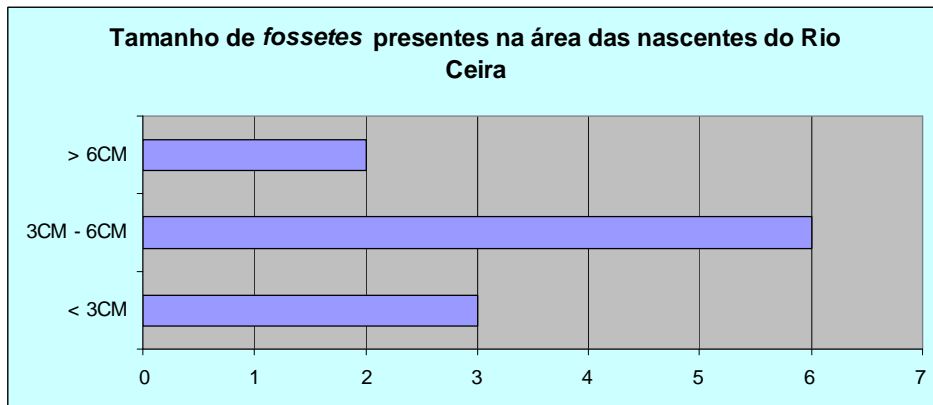


Quadro 20 – Tipologia das “ferraduras” na área das nascentes do rio Ceira

### *Fossetes ou covinhas*

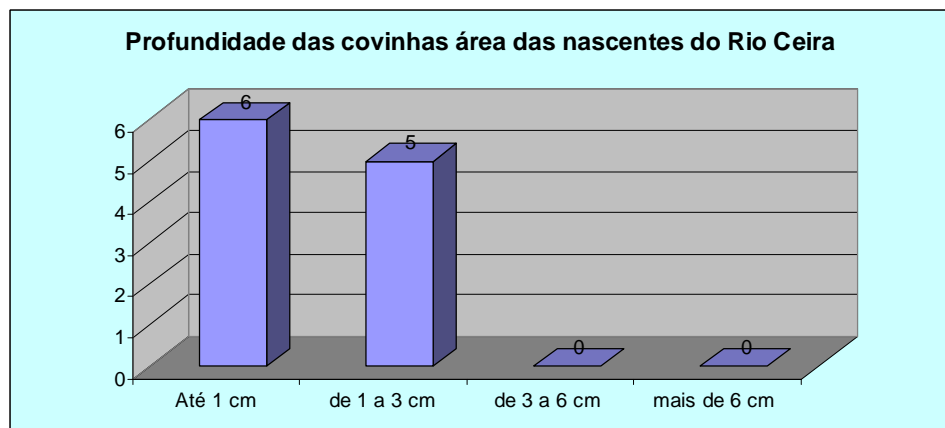
As covinhas são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 11 gravuras, não se observou a existência de quaisquer covinhas ligadas a canais. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso

Em relação ao diâmetro predominam as covinhas entre os 3 cm e os 6 cm, seguindo-se as covinhas com menos de 3 cm e por último as covinhas com mais de 6 cm correspondendo a apenas 2 gravuras.



**Quadro 21 - Tamanho das “fossetes” na área das nascentes do rio Ceira**

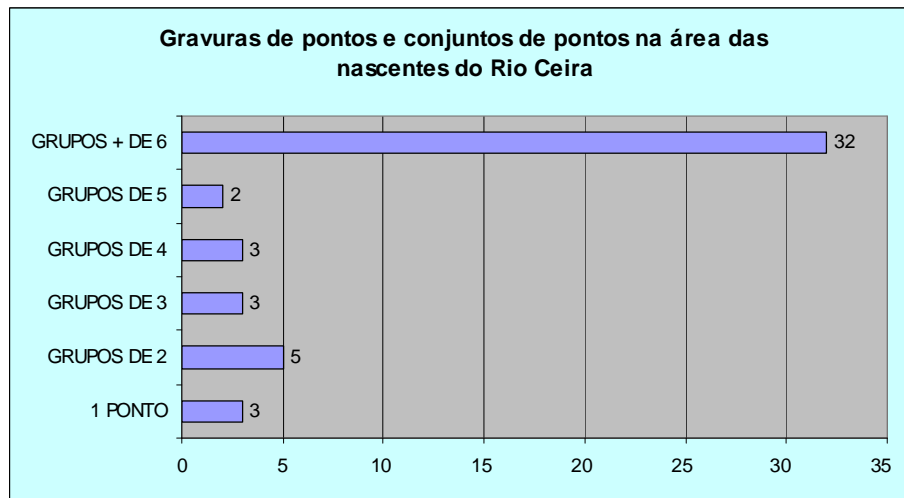
Na profundidade predominam as covinhas até 1 cm, seguindo-se as covinhas entre os 1 e os 3 cm;



**Quadro 22 – Profundidade e frequência das “fossetes” área das nascentes do rio Ceira**

### Grupo de pontos

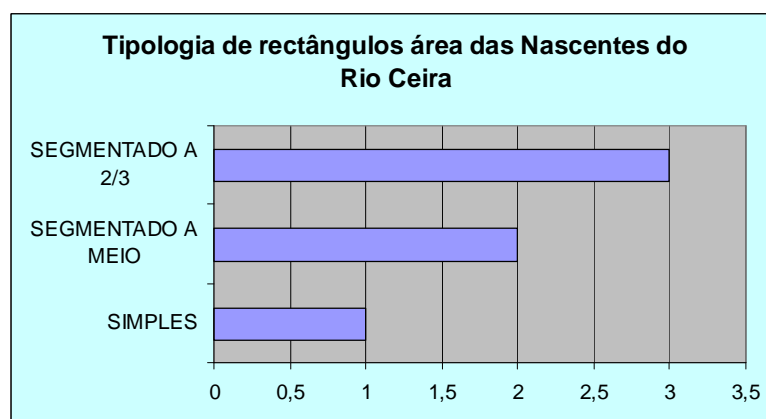
A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais frequentes, os grupos de mais de 6 pontos é predominante em relação a todos os outros grupos de pontos martelados.



Quadro 23 – Quantificação de gravuras de pontos e grupos de pontos áreas das nascentes do rio Ceira

### *Rectângulos*

Nesta área estudada a representação de rectângulos está presente em três tipos: segmentados a 2/3, os rectângulos segmentados a meio, e os rectângulos simples. Os rectângulos simples estão representados por uma gravura; seguindo-se os rectângulos segmentados a 2/3 com três gravuras e os rectângulos segmentados a meio ainda estão representados por duas gravuras.



Quadro 24 – Tipologia de rectângulos gravados e sua frequência

De forma residual estão ainda presentes outros motivos como: zoomorfos, antropomorfos, serpentiformes, cruciformes; um motivo tipo roda, ancoriforme e um escalariforme.

## Área da Serra da Cebola

A área da Cebola, situa-se na continuação natural do maciço montanhoso que constitui a Serra do Açor e a Serra da Estrela, mas a Sul desta última elevação. A uma altitude média acima dos 1000 m, na fronteira entre concelhos e Distritos nomeadamente: (Piódão, Arganil - Coimbra) com (Sobral de São Miguel – Covilhã – Castelo Branco) e (São Jorge da Beira – Covilhã-Castelo Branco, com Fajão e Unhais da Serra, Pampilhosa da Serra – Distrito de Coimbra). (ver Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, apêndice n.º 1: mapas de localização das áreas estudadas bacia hidrográfica do rio Ceira, n.º II área da Serra da Cebola: mapas 18 e 19, pág. 518 e 519)

Os primeiros estudos desenvolvidos na área, remontam ao ano de 1998, pelo signatário na sequência de uma visita efectuada,<sup>41</sup> a um local que teria sido recentemente descoberto por um biólogo, que estaria a realizar um estudo nesta área no âmbito de um Doutoramento e que teria informado o Museu Municipal de Arganil. (Ver, Tomo IV Apêndice n.º5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.ºIII. Área da Serra da Cebola sítio n.º82, pág. 1188 a 1191.)

A partir de 2002, desenvolveram-se na região vários projectos eólicos, denominados «Projecto Eólico das Beiras»<sup>42</sup>, que era constituído por um conjunto de vários parques eólicos abrangendo várias serras na região. Este projecto foi desenvolvido por várias empresas<sup>43</sup>. Realiza-se então sob a responsabilidade da arqueóloga Maria João Jacinto uma primeira prospecção arqueológica à área em Abril de 2002. Em resultado do mesmo foram inventariados numa primeira fase, através de registo fotográfico e elaboração de fichas de sítio: 34 monumentos de arte rupestre e 3 estruturas de carácter etnográfico.

---

<sup>41</sup> Visita que efectuei com o Dr. Jorge Ferreira da APIA, Arqueólogo da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica e o Dr. Paulo Ramalho, e que nos acompanhou até ao local do sítio recentemente identificado, após saber do nosso interesse pela arte rupestre da região. Desta visita resultou um levantamento prévio e um pedido de classificação ao IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico).

<sup>42</sup> Sendo o promotor Grupo EDP.

<sup>43</sup> Empresas AGRI-PRO Ambiente e ERA Arqueologia.

Em Abril de 2006<sup>44</sup>, o signatário realiza uma nova prospecção arqueológica nesta cumeada no âmbito do «Projecto Eólico do Alto Arganil»<sup>45</sup> e, inventariam-se nesta fase mais 36 sítios arqueológicos.



**Ilustração 141 – Vista da cumeada da Serra da Cebola, acesso natural de quem vem do Tejo a Sul em direcção à Serra da Estrela.**

Em 2008, começa a construção do “Parque Eólico da Cebola”<sup>46</sup>, sob a co-responsabilidade do signatário com o apoio da APIA<sup>47</sup>, inventariam-se na totalidade 153 monumentos, sendo destes 109 de arte rupestre (ver, Tomo IV Apêndice nº5. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, nºIII. Área da Serra da Cebola sítios n.º37 ao 145, pág. 1045 a 1385.) sendo os restantes, estruturas de apoio dos pastores,

<sup>44</sup> Coordenando vários trabalhos de prospecção e acompanhamento arqueológico através da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica – APIA.

<sup>45</sup> Efectuando-se também a prospecção para a linha eléctrica de interligação à rede eléctrica nacional.

<sup>46</sup> O “Parque Eólico do Alto Arganil – área da Cebola”, é constituído por 18 aerogeradores, sendo o promotor o Grupo EDP.

<sup>47</sup> Nos trabalhos de acompanhamento foram acautelados todos os sítios arqueológicos identificados, através de medidas de minimização que foram definidas com a visita ao local do representante do delegado do antigo Instituto Português de Arqueologia (IGESPAR). Realizou-se desta forma o reajuste de caminhos projectados e traçado das valas de cabos eléctricos que ligavam as máquinas aerogeradoras.



vestígios de uma via ao longo da cumeada, marcos de transumância e monumentos funerários (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos 735 a 742, 843 a 847, 969, 970 a 977, 1026 a 1037, 1043 a 1054 e 1221 a 1229.)

Realizaram-se também algumas sondagens arqueológicas, nos sítios: 737 e 1037 do inventário geral, (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítios 737 e 1037, pág. 561 e 722). O sítio n.º 737, era constituído por 3 estruturas possivelmente funerárias, formadas duas por um círculo de pedras, com “tampa” e uma fossa, a terceira estrutura também circular teria um bloco de quartzo no seu centro, revelando provavelmente uma estrutura de carácter funerário ou espaço ritual. Foi também escavada uma estrutura de combustão sítio n.º 1037 do inventário geral, revelou numa camada inferior, uma lareira escavada no solo preenchida com cinzas e carvões, e selada após a sua utilização. Refira-se que também se inventariou um grande número de estruturas circulares que também poderão ser de carácter funerário, mas que por falta de verbas não foi possível determinar o seu completo valor científico.

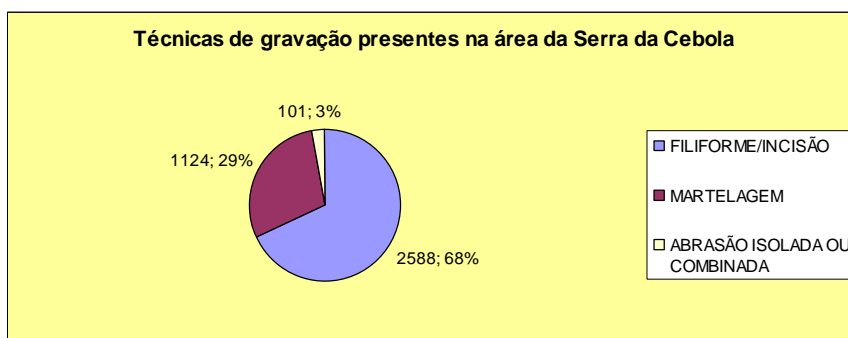
Efectuou-se um intenso trabalho de prospecção arqueológica, registo fotográfico, levantamentos topográficos, decalques directos em acetato, bem como limpeza de algumas lajes, usando-se espátulas de madeira e escovas macias<sup>48</sup>. Os trabalhos prolongaram-se de Março de 2006 a Março de 2009 e realizou-se o seu tratamento informático e estatístico, que se apresenta de seguida:

### ***Resultados***

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da Serra da Cebola, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total de 3740 gravuras.

---

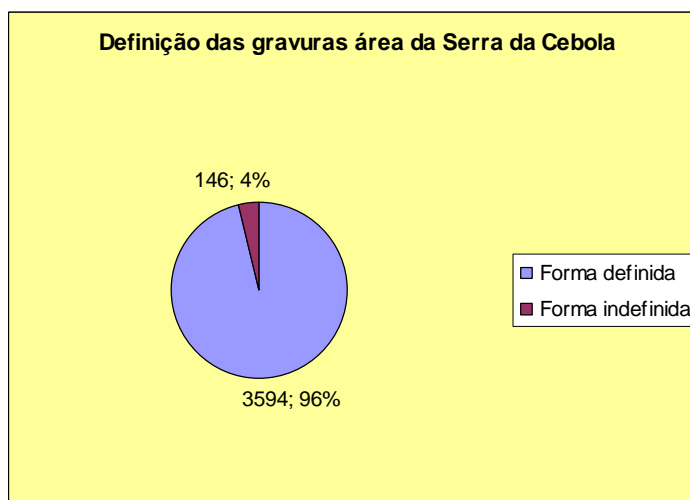
<sup>48</sup> Realizou-se a sinalização de lajes, próximas do local de implantação dos elementos do projecto e realizou-se a sua monitorização.



**Quadro 25 – Técnicas de gravação presentes na área da Serra da Cebola**

Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da incisão, com 68% das gravuras observadas e seguida de martelagem com 29%, seguindo-se o método de gravação através da abrasão isolada ou combinada com 3% da amostra.

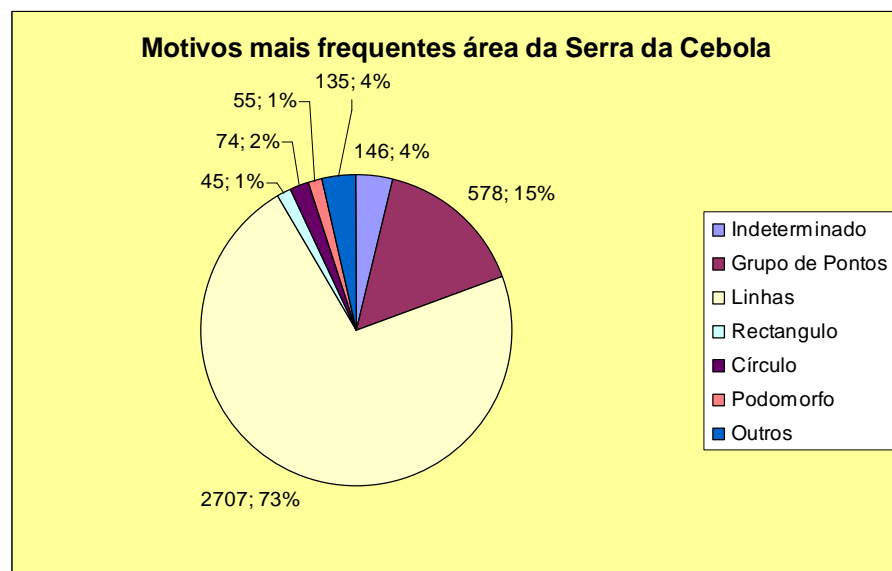
Num universo estudado de 3740 gravuras, observa-se que 4 %, correspondendo a 146 das gravuras observadas não têm uma forma definida, indeterminadas, enquanto que 96 %, correspondendo a 3594 das gravuras apresentam uma forma bem definida.



**Quadro 26 – Definição das gravuras área da Serra da Cebola**

Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de linhas com 73 %, correspondendo a 2707 gravuras, seguindo-se os pontos e conjuntos de pontos com 15 %, correspondendo a 578 gravuras. Os motivos indeterminados surgem com 4% da amostra com 146 gravuras. Os motivos circulares aparecem de seguida com 2%, correspondendo a 74 gravuras; os podomorfos com 1%, com 55 gravuras; os rectângulos estão representados

com 1%, correspondendo a 45 gravuras; segue-se a representação de covinhas com 1%, correspondendo a 37 gravuras, realizadas sobretudo através da martelagem e abrasão; seguem-se os motivos cruciformes com 0,6 %, com 23 gravuras; os motivos serpentiformes com 0,6 %, correspondendo a 21 gravuras; os motivos triangulares com 0,3%, correspondendo a 12 gravuras; as “ferraduras” e os motivos numéricos com 0,2 %, correspondendo a 8 gravuras cada; as espirais aparecem com 0,1% do total, correspondendo a 4 gravuras; os antropomorfos, vulviformes aparecem cada um com 0,1 %, correspondendo 3 gravuras cada. Outros motivos estão também representados em menor número: com 2 gravuras cada: alfabéticos recentes, zoomorfos, meandriformes, escalariformes; com 1 gravura cada motivo solar, ídolo tipo Relvas, escudo, grelha, ídolo tipo I, cabaça, arco tipo II, tridente.

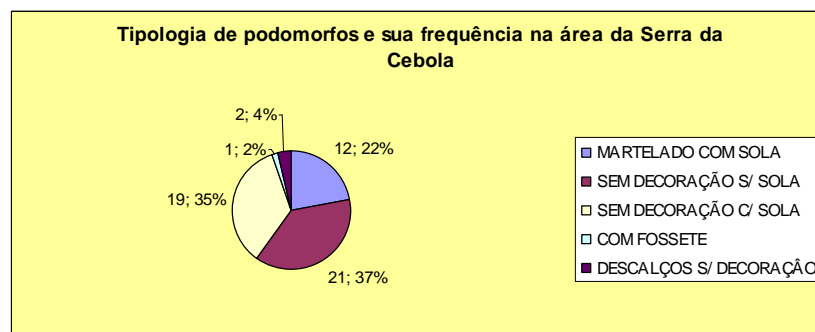


**Quadro 27 – Tipologia das gravuras existentes na área da Serra da Cebola**

## ***Podomorfismo***

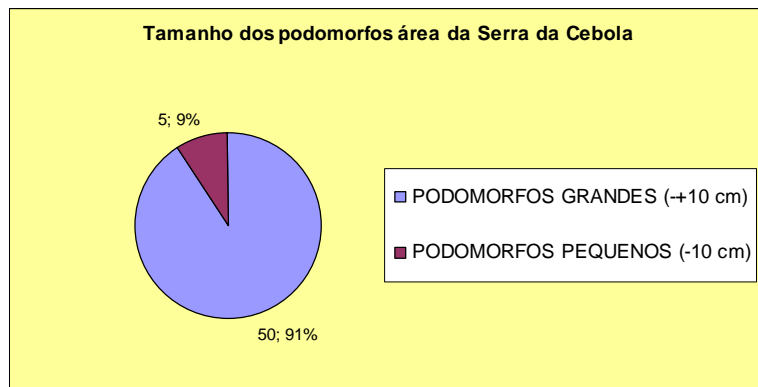
O fenómeno do podomorfismo nas áreas da Serra da Cebola encontra-se bem representado, constituindo um dos principais motivos presentes. Metodologicamente definimos a quantificação dos podomorfos presentes em 10 grandes categorias.

Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos sem decoração e sem sola com 37% da amostra total, correspondendo a 21 gravuras; os podomorfos sem decoração com sola representam 35%, correspondendo a 19 gravuras, seguem-se os podomorfos com martelados no interior e com sola que representam 22% do total, com cerca de 12 representações; seguem-se os podomorfos descalços sem decoração com 4% com duas representações; estão ainda representados os podomorfo com “fossete” representando 2% correspondendo a 1 representação.



**Quadro 28 – Tipologia e quantificação de podomorfos área da Serra da Cebola**

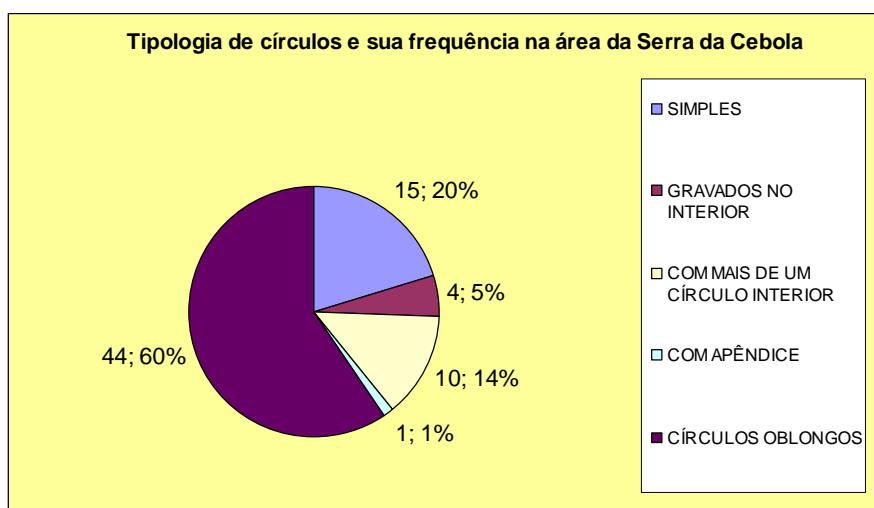
Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 91%, correspondendo a 50 representações e 9% de podomorfos pequenos, correspondendo a 5 representações de podomorfos juvenis.



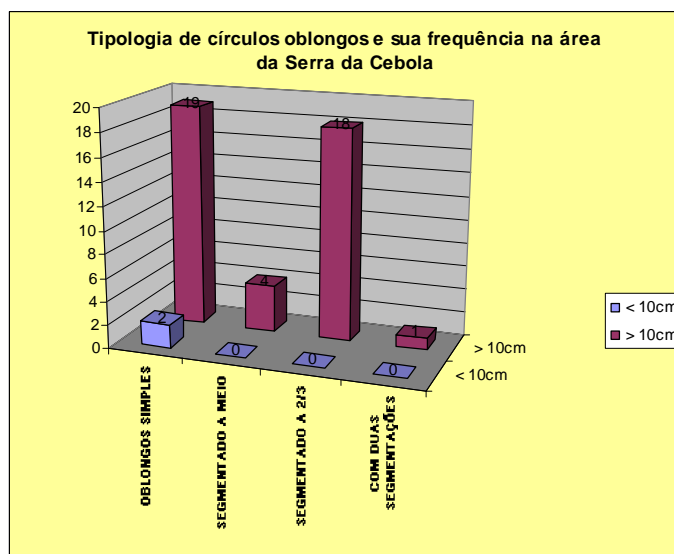
Quadro 29 – Tamanho podomorfos área da Serra da Cebola

### *Motivos circulares*

Dos 74 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos, com 60% correspondendo a 44 gravuras; seguidos de círculos simples 20% correspondendo a 15 gravuras; os círculos com mais de um círculo no interior, com 14% correspondendo a 10 gravuras; os motivos circulares com gravações no interior com 5% correspondendo a 4 gravuras; os círculos com apêndice com 1% correspondem a 1 gravura.



Quadro 30 – Tipologia círculos e frequência na área da Serra da Cebola



Quadro 31 – Tipologia de círculos oblongos e sua frequência na área da Serra da Cebola

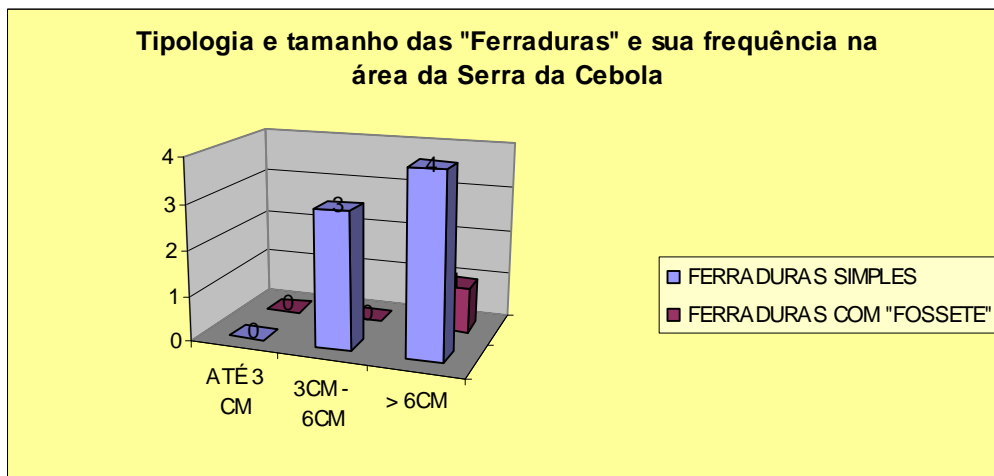
Os círculos oblongos estão representados por 44 gravuras. Predominando os círculos oblongos simples, correspondendo a 21 gravuras; seguidos pelos círculos segmentados a 2/3, correspondendo a 18 gravuras; de seguida os círculos segmentados a meio, correspondendo a 4 gravuras; em último lugar os círculos oblongos com duas segmentações apenas com uma representação.

A dimensão dos círculos oblongos é maioritariamente superior a 10 cm.

### “Ferraduras”

O motivo de “ferraduras” está representado na área da Serra da Cebola com cerca de 8 representações, destas 87,5 % da amostragem são “ferraduras” simples, com 7 gravuras; seguem-se as “ferraduras” com covinha, correspondendo a 12,5% da amostra e 1 gravura.

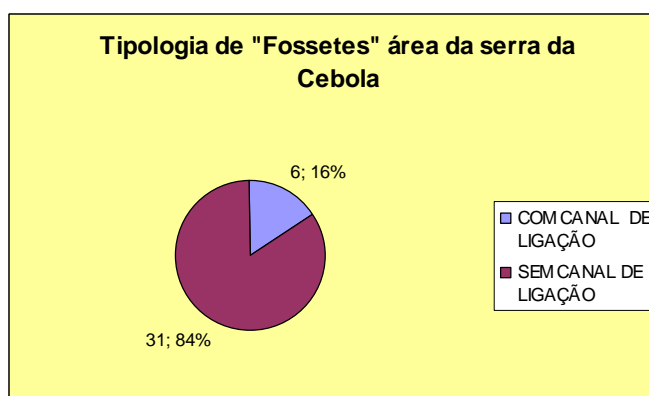
Em relação ao tamanho das “ferraduras”, maioritariamente têm mais de 6 cm.



**Quadro 32 – Tipologia e tamanho das ferraduras e sua frequência na área da Serra da Cebola**

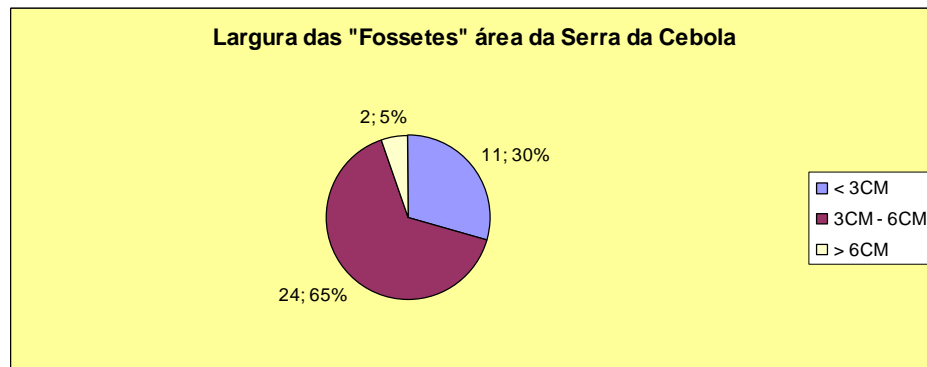
***“Fossetes” ou covinhas***

As covinhas são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 37 gravuras, observou-se a existência de seis covinhas ligadas a um canal e 31 covinhas sem canal de ligação. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso.



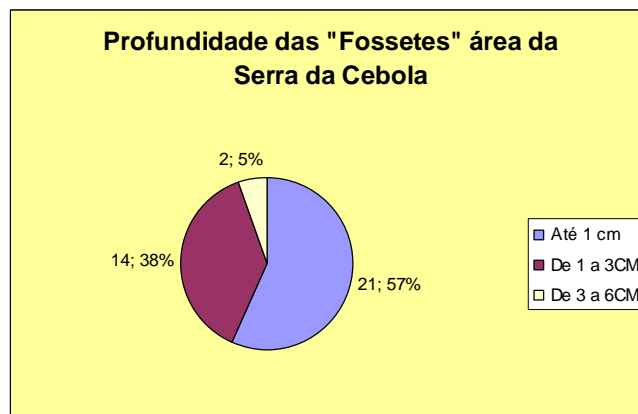
**Quadro 33 – Tipologia das “fossetes” área da Cebola**

Em relação ao diâmetro predominam as covinhas entre os 3 cm e os 6 cm, seguindo-se as covinhas com menos de 3 cm e por último as covinhas com mais de 6 cm correspondendo a apenas 5% da amostra.



**Quadro 34 – Largura das “fossetes” área da Cebola**

Na profundidade predominam as covinhas até 1 cm, com 57% da amostra; seguindo-se as covinhas de 1 a 3 cm de profundidade com 38% correspondendo a 14 gravuras; por último e as covinhas com mais de 3 cm correspondendo a 5% e com 2 gravuras.

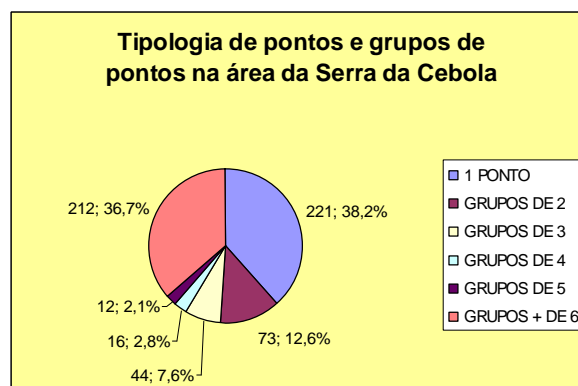


**Quadro 35 – Profundidade das “fossetes” área da Cebola**



## Grupo de pontos

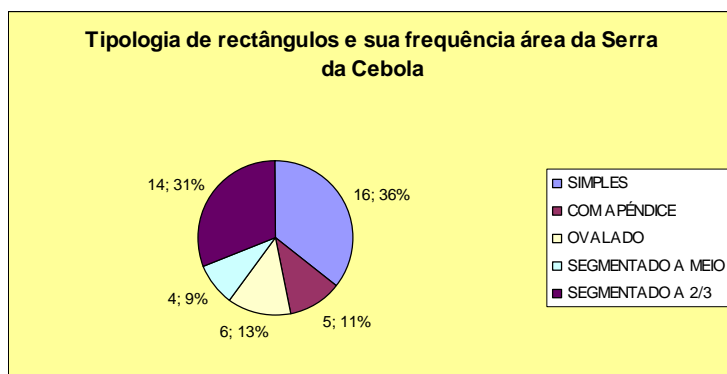
A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, os pontos martelados isolados representam 38,2% correspondendo a 221 gravuras; seguidos dos grupos de mais de 6 pontos com 36,7%, com 212 conjuntos; seguidos dos grupos de 2 pontos com 12,6% correspondendo a 73 conjuntos; estão também representados grupos de 3 pontos com 7,6% com 44 conjuntos; seguidos de grupos de 4 pontos com 2,8%, correspondendo a 16 conjuntos e por último os grupos de 5 pontos com 2,1%, correspondendo a 12 conjuntos da amostra total.



Quadro 36 – Tipologia de pontos e grupos de pontos na área da Serra da Cebola

## Rectângulos

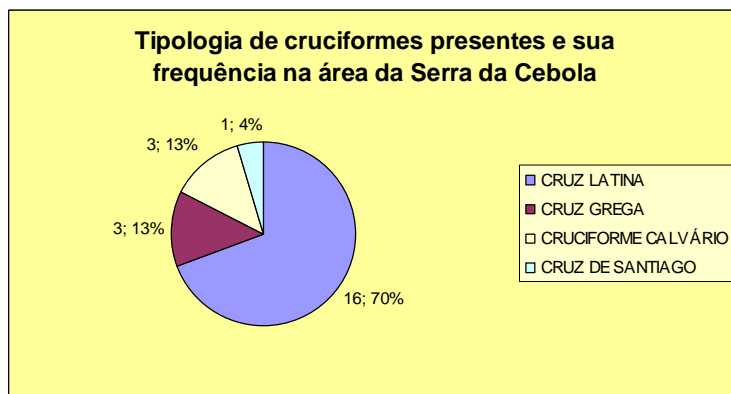
A tipologia de rectângulos presentes na área da Serra da Cebola está representada por 45 gravuras. Estando representados em cinco tipologias: os rectângulos segmentados a 2/3 representam 31% da amostra com 14 gravuras; os rectângulos simples estão representados por 16 gravuras, 36% da amostra; seguindo-se os rectângulos ovalados com 6 gravuras, representando 13% da amostra; os rectângulos com apêndice estão representados com 5 gravuras, correspondendo a 11% da amostra; os rectângulos segmentados a meio ainda estão representados por 4 gravuras, correspondente a 9 % do total.



**Quadro 37 – Tipologia de rectângulos e sua frequência área da Cebola**

### *Cruciformes*

Encontram-se representados cerca de 23 cruciformes, gravados predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruzes latinas 70%, com 16 gravuras; seguidas de cruzes gregas e calvário ambas com 13 %, correspondendo a 3 gravuras; por último as gravuras cruciformes de Santiago com 4%, correspondendo a 1 gravura.

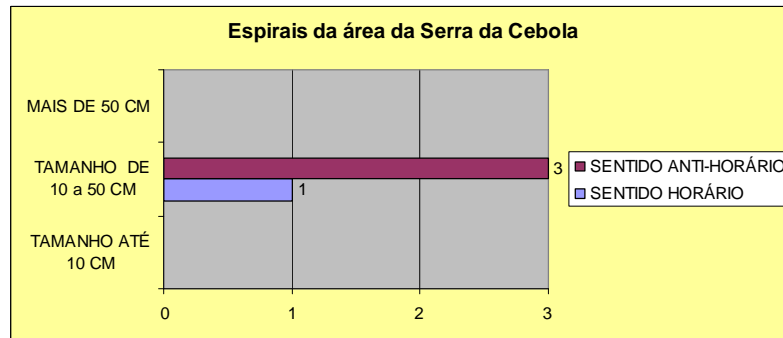


**Quadro 38 – Tipologia de cruciformes e frequência na área da Cebola**

### *Espirais*

As espirais encontram-se representadas através de 4 gravuras obtidas através do processo de gravação da martelagem com percutor duro, provavelmente quartzito. Estas

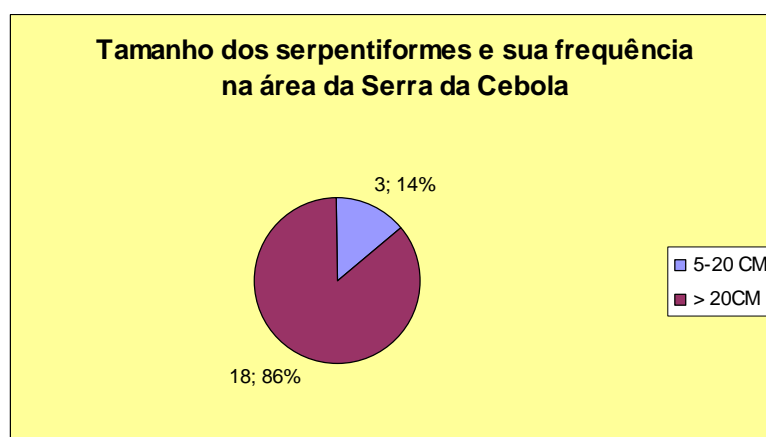
representações encontram-se gravadas maioritariamente no sentido anti-horário e têm o tamanho médio entre os 10 e os 50 cm.



**Quadro 39 – Tamanho espirais e sua orientação**

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 21 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se por vezes de abrasão. Predominando os serpentiformes com mais de 20 cm de comprimentos, com 86% da amostra, representados por 18 gravuras, seguindo-se os serpentiformes entre os 5 e os 20 cm com 3 gravuras correspondendo a 14% do total do serpentiformes



**Quadro 40 – Tamanho dos serpentiformes e frequência na área da Cebola**

## **Bacia hidrográfica do rio Alva**

### **Área de Vide – Bacia hidrográfica do rio Alvôco**

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica, situada na continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra do Açor e a Serra da Estrela, mas a Sul desta última elevação situando-se, a uma altitude média acima dos 600 m, na fronteira entre: freguesia de Vide, concelho de Seia, Distrito da Guarda com as freguesias de Piódão, concelho de Arganil, Distrito de Coimbra e com a freguesia de Sobral de São Miguel, concelho da Covilhã, Distrito de Castelo Branco. Sendo que as maiores concentrações de lajes estudadas encontram-se em encostas viradas para a ribeira do Alvôco. Foi ainda considerada nesta área em estudo, as freguesias de Teixeira de Seia, Alvôco da Serra, Cabeça, Loriga, Sazes da Beira, Valezim, e as freguesias do concelho de Oliveira do Hospital: Aldeia das Dez, Avô e Alvôco das Várzeas, para o enquadramento arqueológico: nomeadamente áreas mineiras, recursos, rotas, cursos de água principais, como a ribeira de Loriga e o rio Alvôco. (Mapa n.º1, Tomo I, pág. 54 e Tomo II, Apêndice n.º 2: mapas de localização das áreas bacia hidrográfica do rio Alva, n.º I, área de Vide – bacia hidrográfica do rio Alvôco, mapas n.º28 a 30, pág. 525 a 527 e perfis dos terraços do rio Alvôco, pág. 528 a 529).

Os primeiros sítios de arte rupestre desta área a serem visitados remontam ao ano de Janeiro 1999, na sequência de um inquérito que realizei em Góis, junto de um popular<sup>49</sup>, segundo o qual existiria na sua aldeia, várias lajes em xisto e que teriam insculturas, do tipo “ferraduras”. Próximo deste local existiriam outras lajes gravadas, caso dos sítios dos Carvalhinhos - “Entre-Águas”, e na aldeia de Cide. (Ver, Tomo V Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI. Área de Vide - bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítios 152, 168 e 188, pág. 1411 a 1414, 1467 a 1470 e 1530 a 1533). Na sequência desta informação desloquei-me ao local<sup>50</sup>. Ainda nesse ano comuniquei a existência desses locais à Junta de freguesia de Vide, à Câmara Municipal de Seia, ao

---

<sup>49</sup> Senhor António Brito da aldeia das Baloquinhas de Vide.

<sup>50</sup> Visita efectuada com o Dr. Jorge Ferreira da APIA e por um popular de Vide: o Senhor António de Vide, mais conhecido pelo “Sardinha” que nos acompanhou nesse Inverno de 1999 e em várias outras idas a esses locais, e que descobriu muitos destes locais, ao qual a arqueologia deve agradecimento.

então Instituto Português de Arqueologia, através da delegação de Viseu e ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico que se deslocaram aos locais.

De 1999 a Maio 2008, realizaram-se várias prospecções arqueológicas na área, pelo signatário e no âmbito deste projecto de investigação foi apresentado ao ministério da cultura P.N.T.A.<sup>51</sup> para o ano de 2003. Em 2005 cria-se a primeira unidade de investigação em Vide,<sup>52</sup> com a finalidade de prospectar a região em colaboração com a junta de freguesia de Vide.

Em Maio 2007 a APIA instala-se num espaço cedido para o efeito, numa antiga escola primária em Vide, em duas salas desactivadas, com o objectivo de criar um Centro de Interpretação de Arte Rupestre e apresenta-se uma candidatura comunitária em parceria com a junta de freguesia de Vide, ao programa comunitário “LEADER +” promovido pela ADRUSE<sup>53</sup>.

Em Maio de 2008 é inaugurado o Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide que dá suporte ao projecto de investigação,<sup>54</sup> e inventariam-se nesta área cerca de 66 lajes gravadas (ver, Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva - nºI. Área de Vide - Bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítios 146 a 211, pág. 1393 a 1616) e um importante conjunto de estruturas associadas à arte rupestre da área, muitas delas necrópoles, áreas mineiras e abrigos, (ver Tomo II, Apêndice nº 4 - fichas de sítios arqueológicos pré-históricos, proto-históricos e históricos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítios 1278 a 1360, pág. 836 a 885)

Os resultados das prospecções efectuadas, levantamentos arqueológicos efectuados e análises de pormenor dos sítios de arte rupestre são de seguida apresentados:

---

<sup>51</sup> “Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos”, do então Instituto Português de Arqueologia.

<sup>52</sup> No ano de 2005 inciou-se os trabalhos em Vide com uma geóloga, e dois arqueólogos.

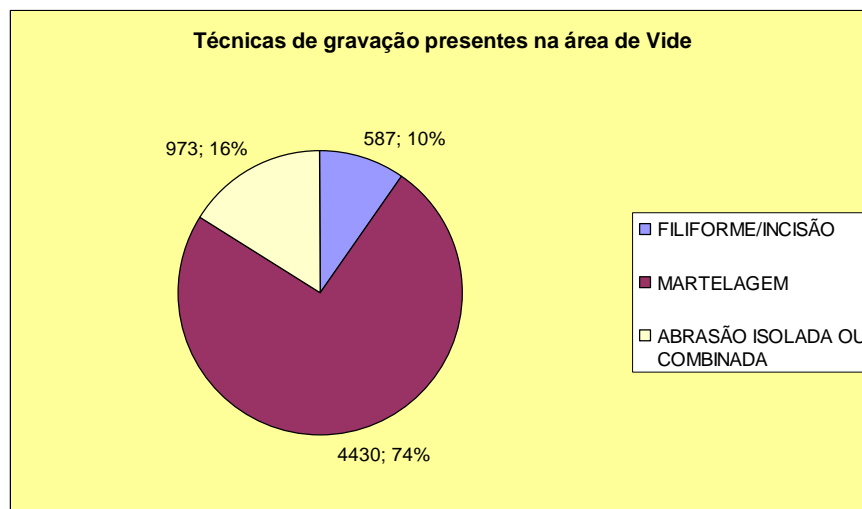
<sup>53</sup> Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela, financiando-se apenas as obras no imóvel em cerca de 30% do capital investido.

<sup>54</sup> Desde 2005 trabalharam neste centro de investigação em Vide cerca de 18 pessoas.

## **Resultados**

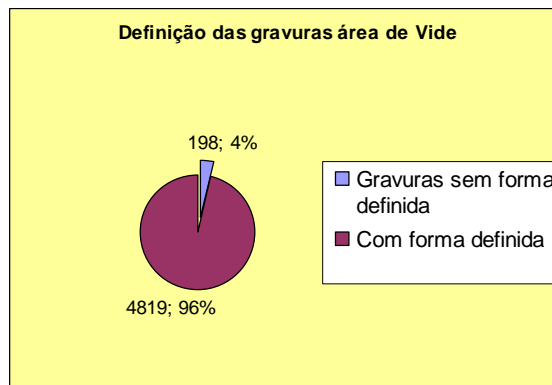
Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área de Vide, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total 5017 gravuras.

Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 74% em 4430 gravuras, seguida de abrasão com 16 %, presentes em 973 gravuras seguindo-se o método de gravação através da incisão/ traço filiforme com 10 % em 587 gravuras.



**Quadro 41– Técnicas de gravação presentes na área de Vide e sua frequência**

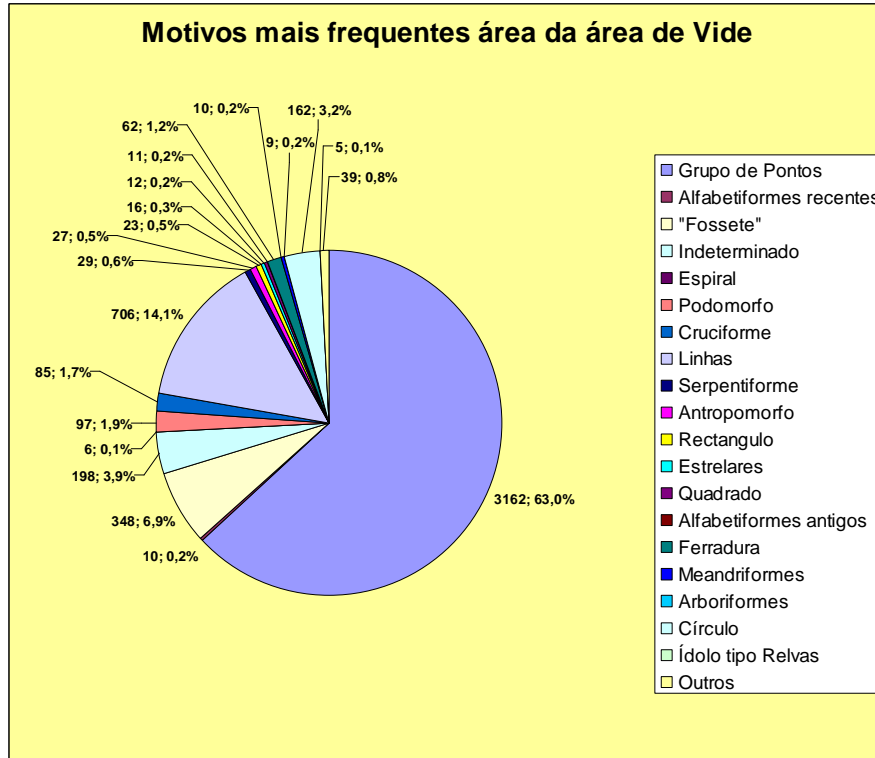
Num universo estudado de 5017 gravuras, observa-se que 4 %, correspondendo a 198 das gravuras observadas não têm uma forma definida, indeterminadas, enquanto que 96 %, correspondendo a 4819 das gravuras apresentam uma forma bem definida.



**Quadro 42– Definição das gravuras da área de Vide**

Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de pontos martelados e conjuntos de pontos com 63 % da amostra, correspondendo a 3162 gravuras; seguem-se a representação de linhas com 14,1%, correspondendo a 706 gravuras; seguindo-se representação de covinhas com 6,9%, correspondendo a 348 gravuras; os motivos indeterminados seguem-se com 3,9%, correspondendo a 198 gravuras; os motivos circulares aparecem de seguida com 3,2%, correspondendo a 162 gravuras; seguem-se os podomorfos com 1,9%, com 97 gravuras; os motivos cruciformes com 1,7%, correspondendo a 85 gravuras; as ferraduras com 1,2%, correspondendo a 62 gravuras; os motivos serpentiformes com 0,6% correspondendo a 29 gravuras; os antropomorfos com 0,5%, correspondendo a 27 gravuras; os rectângulos estão representados com 0,5%, correspondendo a 23 gravuras; os motivos estelares com 0,3%, correspondendo a 16 gravuras; os quadrados surgem com 0,2%, correspondendo a 12 gravuras; seguem-se os alfabetiformes antigos com 0,2%, correspondem a 11 gravuras; os meandriformes e alfabetiformes recentes ambos com 0,2% correspondendo a 10 gravuras; os motivos arboriformes com 0,2% correspondendo a 9 gravuras; as espirais com 0,1%, correspondendo a 6 gravuras; os motivos com a forma do tipo idoliforme Relvas, surgem com 0,1%, correspondendo a 5 gravuras; de forma residual ainda estão presentes: linhas paralelas com uma linha, a interceptá-las, com 0,08%, com 4 gravuras; molduras e símbolo tipo VI com 0,06% com 3 gravuras cada; seguem-se báculos, com 0,04%: rodas com mais de 4 raios, rodas simples, pectiniformes e numeriformes com 2 gravuras cada; 1 zoomorfo indeterminado com 0,02%; motivos torquiformes, cabaças, fruto 2, folha, pentagrama, machado tipo II, halteriforme, enxó, colher, braço, aracnídeo, garfo, vulviforme, ídolo tipo

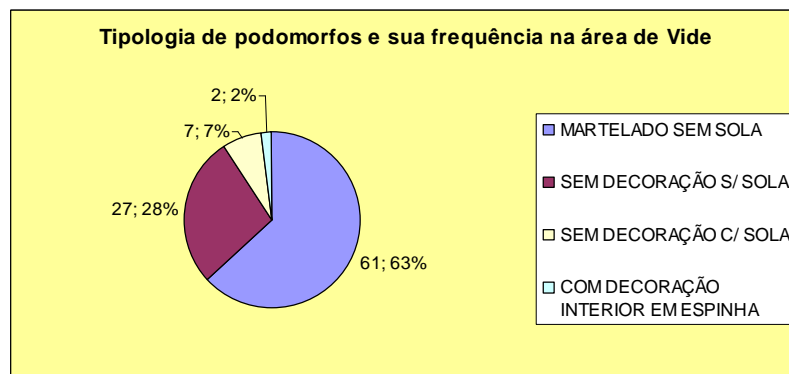
II, triângulos, arcos tipo II, tridente, escalariforme, todos com 0,02% correspondendo a 1 gravura cada.



Quadro 43– Motivos mais frequentes na área de Vide

### *Podomorfismo*

O fenómeno do podomorfismo nas áreas de Vide e Ribeira de Alvôco encontra-se bem representado, constituindo um dos principais motivos presentes com 1,9% da amostra, com 97 gravuras.

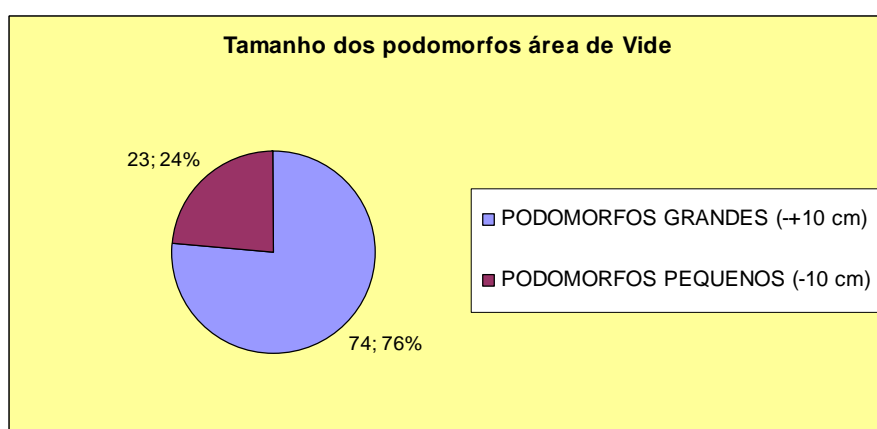


Quadro 44– Tipologia de podomorfos presentes na área de Vide



Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos martelados sem sola com 63% da amostra total, correspondendo a 61 gravuras; os podomorfos sem decoração e sem sola com 28%, correspondendo a 27 gravuras; os podomorfos sem decoração e com sola com 7% correspondendo a 7 gravuras e por último seguem os podomorfos com decoração interior em espinha com 2%, com duas gravuras.

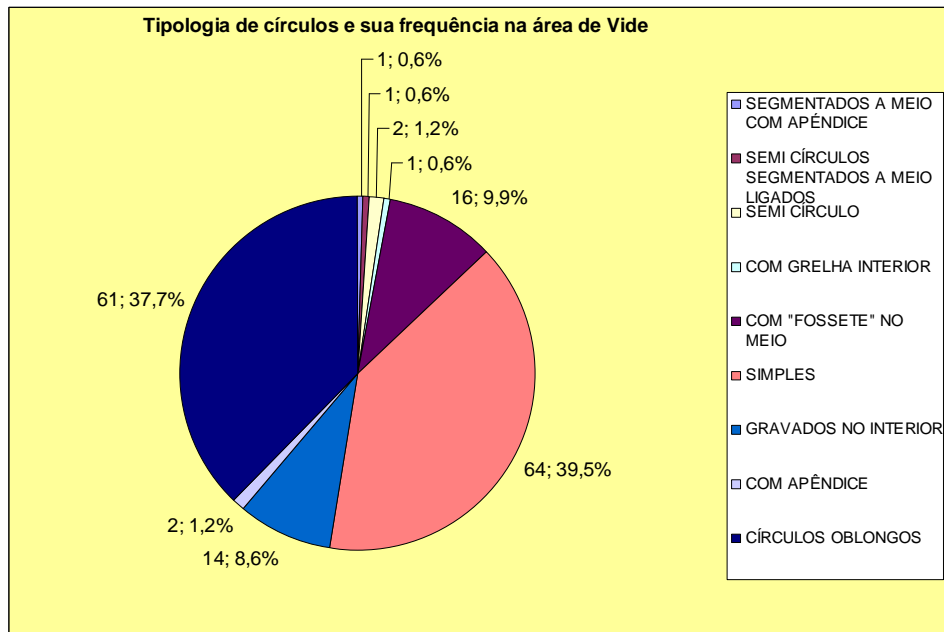
Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 76%, com 74 representações para 24%, correspondendo a 23 representações de podomorfos juvenis.



**Quadro 45 – Tamanho dos podomorfos na área de Vide**

### ***Motivos circulares***

Dos 162 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente representados os círculos simples com 39,5% e 64 gravuras; seguidos dos círculos oblongos, com 37,7%, correspondendo a 61 gravuras; os círculos com covinha, encontram-se representados em 9,9% da amostra, correspondendo a 16 gravuras; os círculos gravados no interior com 8,6%, correspondendo a 14 gravuras; de forma residual encontram-se presentes os motivos circulares com apêndice e os semi-círculos com 1,2%, correspondendo a 2 gravuras cada; os motivos com grelha interior, segmentados a meio com apêndice, semi-círculos segmentados a meio ligados estão representados por 0,6% e 1 gravura cada.

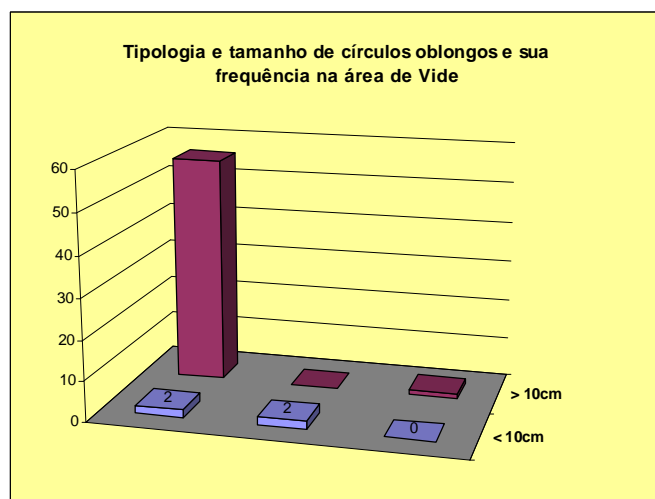


**Quadro 46 – Tipologia e frequência dos círculos representados na área de Vide**

Nos círculos oblongos predominam os círculos oblongos simples, seguidos pelos círculos segmentados a meio e pelos círculos segmentados a 2/3.

Nos círculos oblongos simples predominam os que tem maiores dimensões; enquanto que nos círculos segmentados a meio predominam os círculos mais pequenos.

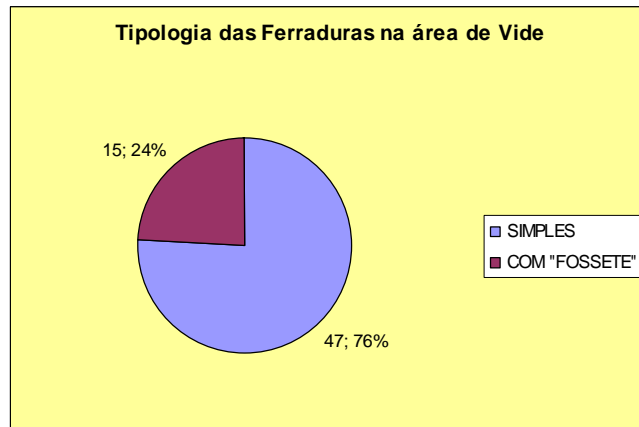
Nos círculos segmentados a 2/3 predominam os círculos com mais de 10 cm.



**Quadro 47 – Tipologia, tamanho e frequência dos círculos oblongos na área de Vide**

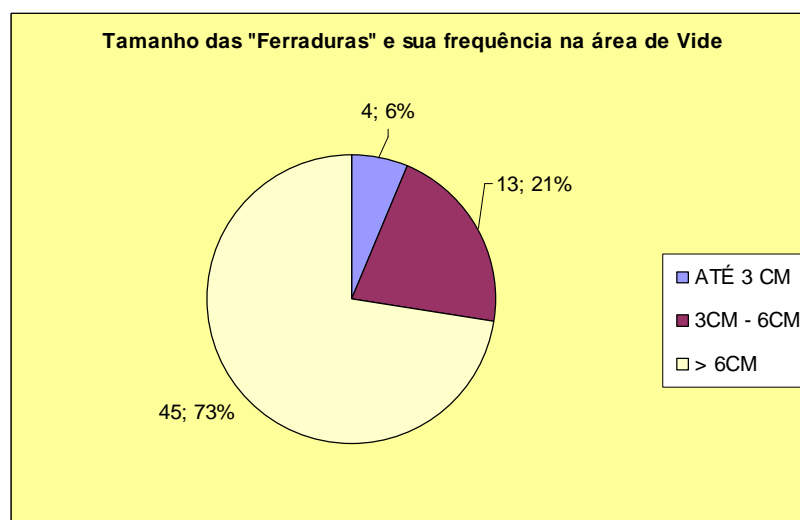
## “Ferraduras”

O motivo de “ferraduras” está representado na área de Vide com cerca de 62 representações, destas 76 % da amostragem são “ferraduras” simples, com 47 gravuras; seguem-se as “ferraduras” com covinha, correspondendo a 24% da amostra e 15 gravuras.



Quadro 48 – Tipologia das “Ferraduras” na área de Vide

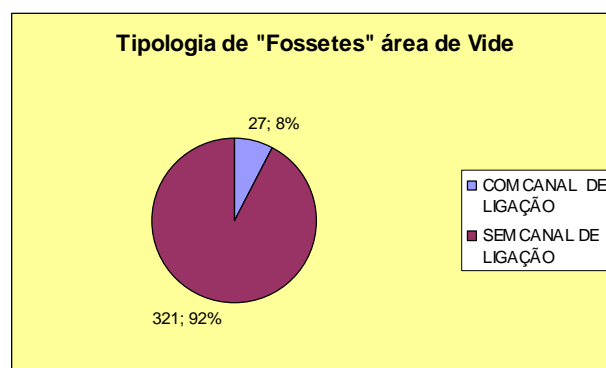
Em relação ao tamanho das “ferraduras”, 73% correspondentes a 45 gravuras têm mais de 6 cm; seguem-se as “ferraduras” que têm entre 3 cm a 6 cm, correspondentes a 21 % da amostra e a 13 gravuras; com 6 % do total e correspondendo a 4 gravuras encontram-se as “ferraduras” até 3 cm de comprimento;



Quadro 49 – Tamanho das Ferraduras e sua frequência na área de Vide

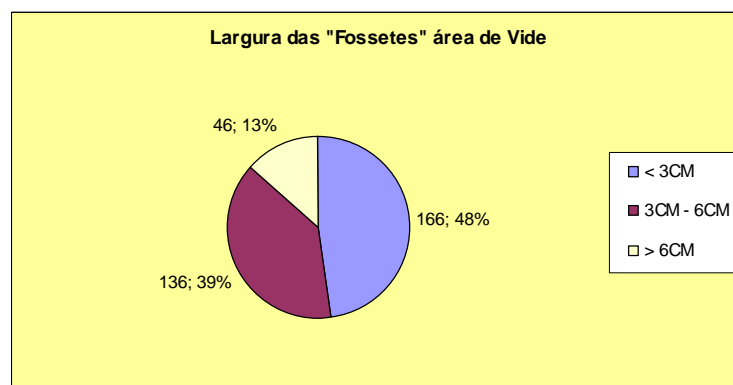
### **Fossetes ou covinhas**

As covinhas são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 348 gravuras, observou-se a existência de 27 covinhas ligada a canais, correspondendo a 8% da amostra. Enquanto que as covinhas sem canal são 92% da amostra, estando representadas por 321 gravuras. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação por um percutor, muito provavelmente de quartzo, provocando o desgaste do suporte que é constituído por xisto argiloso.



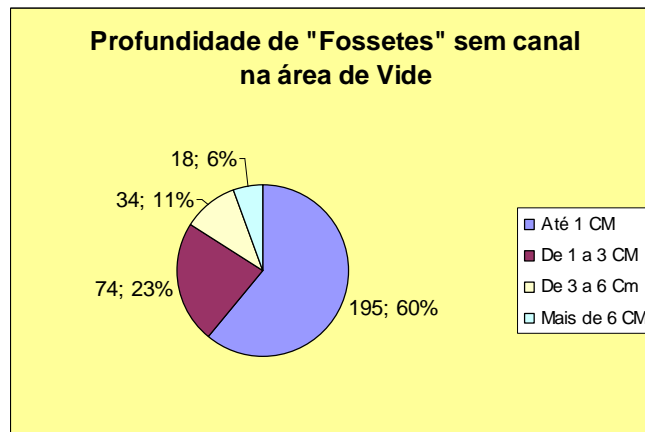
**Quadro 50 – Tipologia de “fossetes” na área de Vide**

Em relação ao diâmetro predominam as covinhas com menos de 3 cm, com 48% da amostra e 166 gravuras; seguindo-se as covinhas com 3cm a 6 cm, com 39% e 136 gravuras e por último as covinhas com mais de 6 cm correspondendo a apenas 13% da amostra e 46 gravuras.



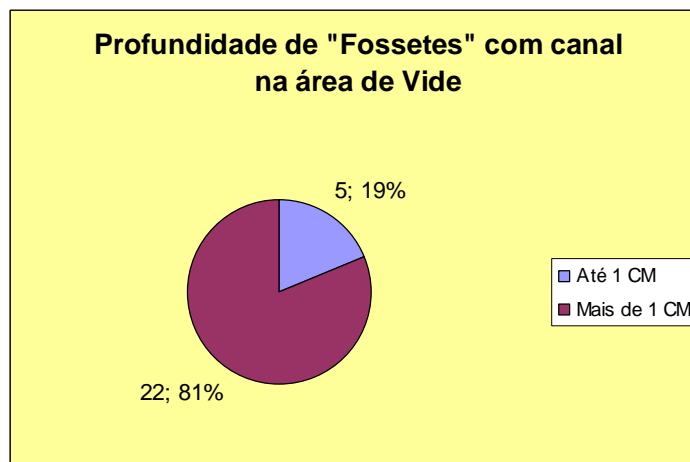
**Quadro 51 – Largura das “fossetes” na área de Vide**

Em relação à profundidade predominam as covinhas até 1 cm, com 60% e 195 gravuras; seguindo-se as covinhas com menos de 3 cm de profundidade, com 23% e 74 gravuras; as covinhas entre os 3 cm e os 6 cm com 11% e 34 gravuras e por último as “fossetes” com mais de 6 cm de profundidade com 6% e 18 gravuras.



**Quadro 52 – Profundidade de “fossetes” sem canal**

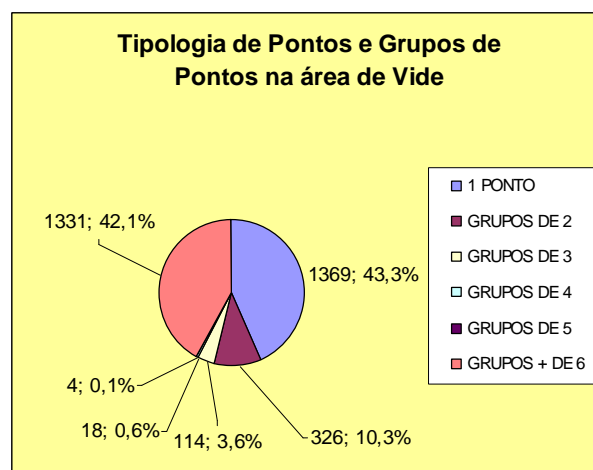
Nas “fossetes” com canal predomina a profundidade com mais de 1 cm, com o valor de 81%, correspondendo a 22 gravuras em relação às “fossetes” com menos de 1cm com 19% da amostra e 5 gravuras.



**Quadro 53 – Profundidade das “fossetes” com canal na área de Vide**

## Grupo de pontos

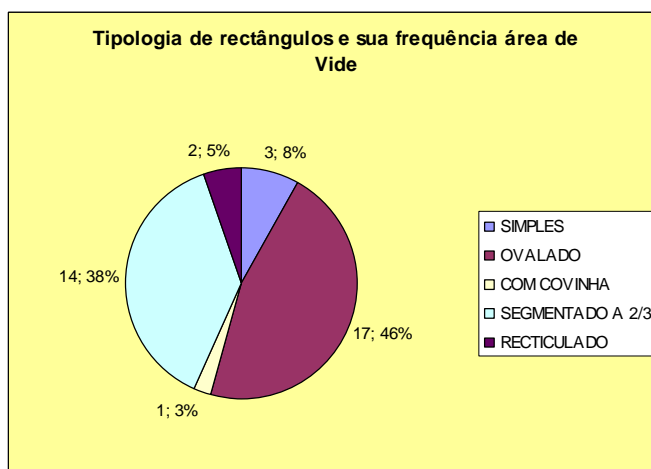
A representação de grupos de pontos ou manchas marteladas, são também um dos símbolos mais representados com 3162 representações. Os pontos isolados martelados estão representados em 43,3% da amostra, correspondendo a 1369 gravuras; seguindo-se os conjuntos de mais de 6 pontos ou manchas de pontos, com 42,1% da amostra, correspondendo a 1331 gravuras; os grupos de 2 pontos martelados estão representados em 10,3% da amostra, correspondendo a 326 gravuras; seguindo-se os grupos de 3 pontos martelados com 3,6%, correspondendo a 114 gravuras; estão ainda representados de forma residual os grupos de 4 pontos com 0,6% com 18 gravuras e os grupos de 5 pontos com 0,1%, com 4 gravuras.



Quadro 54 – Tipologia e frequência de pontos e grupos de pontos na área de Vide

## Rectângulos

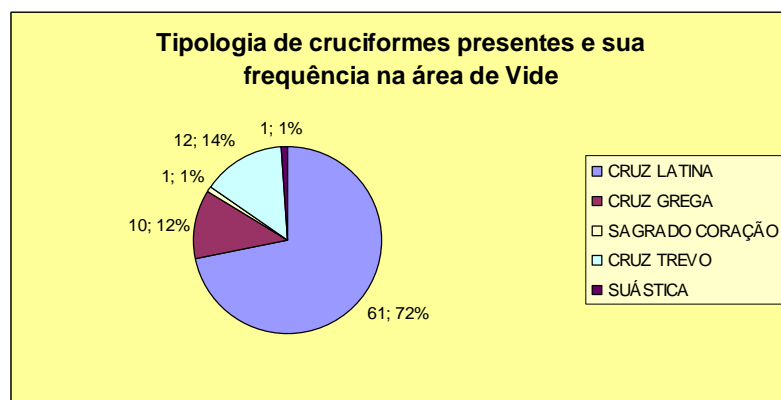
Os rectângulos simples estão representados por 23 gravuras; predominam os rectângulos ovalados com 46% da amostra e 17 gravuras; seguem-se os rectângulos segmentados a 2/3 com 38% e 14 gravuras; os rectângulos simples com 8% da amostra e 3 gravuras; seguem-se os reticulados com 5% e 2 gravuras e por último os rectângulos com covinha com 3% da amostra e 1 gravura.



Quadro 55 – Tipologia de rectângulos e sua frequência na área de Vide

### *Cruciformes*

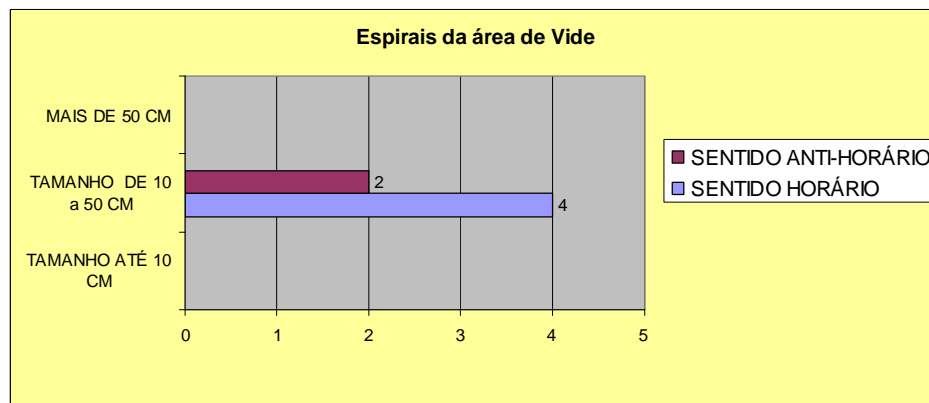
Encontram-se representados cerca de 85 cruciformes, gravados predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruzes latinas 72% da amostra, correspondendo a 61 gravuras; seguidas das cruzes de trevo 14%, correspondendo a 12 gravuras; seguem-se as cruzes gregas com 12% e 10 gravuras; estão ainda representadas as cruzes do tipo sagrado coração e uma suástica ambas com 1%, correspondendo a 1 gravura.



Quadro 56 – Tipologia de cruciformes presentes e sua frequência na área de Vide

## *Espiraís*

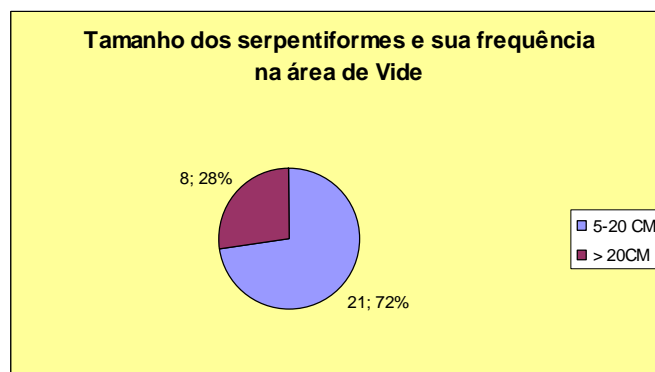
As espirais encontram-se representadas através de seis gravuras obtidas através do processo de gravação da martelagem com percutor duro, provavelmente quartzito. Estas representações encontram-se gravadas maioritariamente no sentido horário.



Quadro 57 – Tipologia e frequência de espirais na área de Vide

## *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 29 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se de abrasão. Predominando os serpentiformes entre os 5 e os 20 cm, com 72% e 21 gravuras; seguindo-se os serpentiformes com mais de 20 cm de comprimentos, com 28% e 8 gravuras.

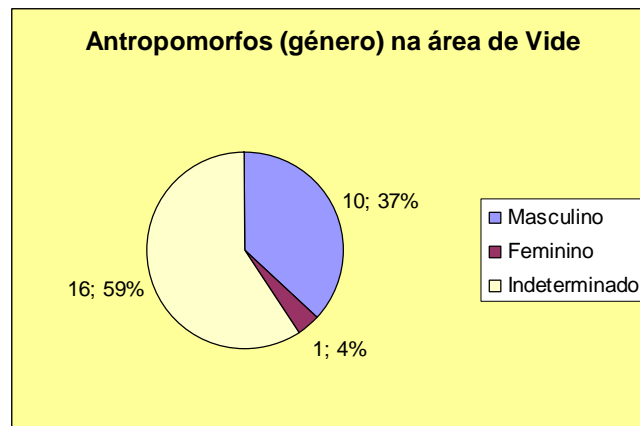


Quadro 58 – Frequência e tamanho dos serpentiformes na área de Vide

## *Antropomorfos*



A representação de motivos antropomórficos na área de Vide, está presente, através de 27 gravuras. Os quais são na sua maioria de sexo indeterminado, com 59% e 16 gravuras; seguidos de antropomorfos masculinos com 37%, com 10 gravuras e por último os antropomorfos femininos com 4% da amostra e uma gravura.



**Quadro 59 - Género de antropomorfos área de Vide**

## Área da Serra do Açor

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica, situada na continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra da Lousã/Serra do Açor/Serra da Estrela, mas a Sul desta última elevação, a uma altitude média acima dos 1000 m, na fronteira entre concelhos e Distritos (Teixeira – Seia - Guarda) com (Erada – Covilhã – Castelo Branco) e (Sobral de São Miguel – Covilhã-Castelo Branco) remontam ao ano de 1999<sup>55</sup>, abrangendo áreas de interflúvio das duas principais bacias hidrográficas da região dos rios Alva e Ceira. (Ver Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, Apêndice n.º 2: mapas de localização das áreas bacia hidrográfica do rio Alva, n.º II. Área da Serra do Açor, mapas n.º 31 a 34, pág. 530 a 533).

Estes trabalhos consistiam numa primeira avaliação da área com base na toponímia. Nesta área estudaram-se durante os anos de 1999 a 2010, mais de 100 lajes gravadas, (ver Tomo VI - Apêndice n.º6. Fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.ºII, área da Serra do Açor, sítio 212 ao 313, pág. 1628 a 1930) e um grande conjunto de estruturas como vias e monumentos funerários, uma área mineira e abrigos de pastor, ao longo de toda a cumeada. (Ver Tomo II, Apêndice n.º 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítios 695 a 734, 743 a 842, 848 a 905, pág. 542 a 560, 565 a 618) Dos monumentos funerários, destacam-se algumas «mamoas», sítio 823 e 828, pág. 607 e 610, Tomo II, sendo alguns, *tumuli* de planta circular variando entre 8 a 10 metros de diâmetro composto por lajes e blocos de xisto e quartzo leitoso, com uma volumetria pouco expressiva, e que cronologicamente podem enquadrar-se na Idade do Bronze, infelizmente apresentam-se muito destruídos, pela abertura de aceiros no local. Destacam-se ainda as «mamoas» e estruturas funerárias, sítios: 753, 759 e 760, 900 a 903, pág. 571, 576, 577, 655 a 658 e na Serra da Senhora das Necessidades o sítio 848, pág. 621, Tomo II.

---

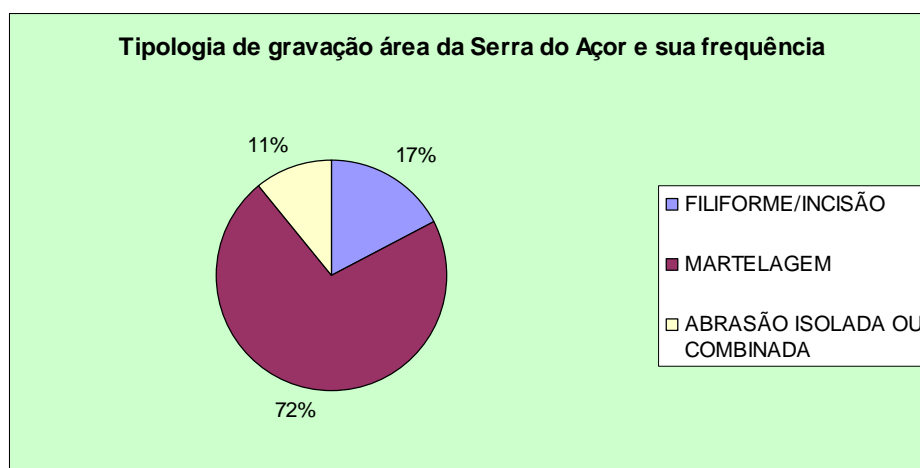
<sup>55</sup> Empresa ENERNOVA do Grupo EDP – Electricidade de Portugal, realizando-se nesta área de cumeada vários estudos de prospecção e levantamentos, no âmbito de vários projectos eólicos desde 1999 até 2011: “Projecto Eólico do Cabeço do Peão”, “Projecto Eólico do Parque da Serra do Açor”, que uniria os vários projectos anteriores.

De Março de 2005 a Dezembro de 2007 realizaram-se os decalques directos das lajes identificadas, o seu tratamento informático e tratamento estatístico. Os resultados destes estudos apresentam-se de seguida:

### **Resultados**

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da Serra do Açor, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total 1858 gravuras.

Observa-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 72 %, seguindo-se a o método de gravação através da incisão/ traço filiforme com 17 %, segue-se a abrasão isolada ou combinada com 11 %.

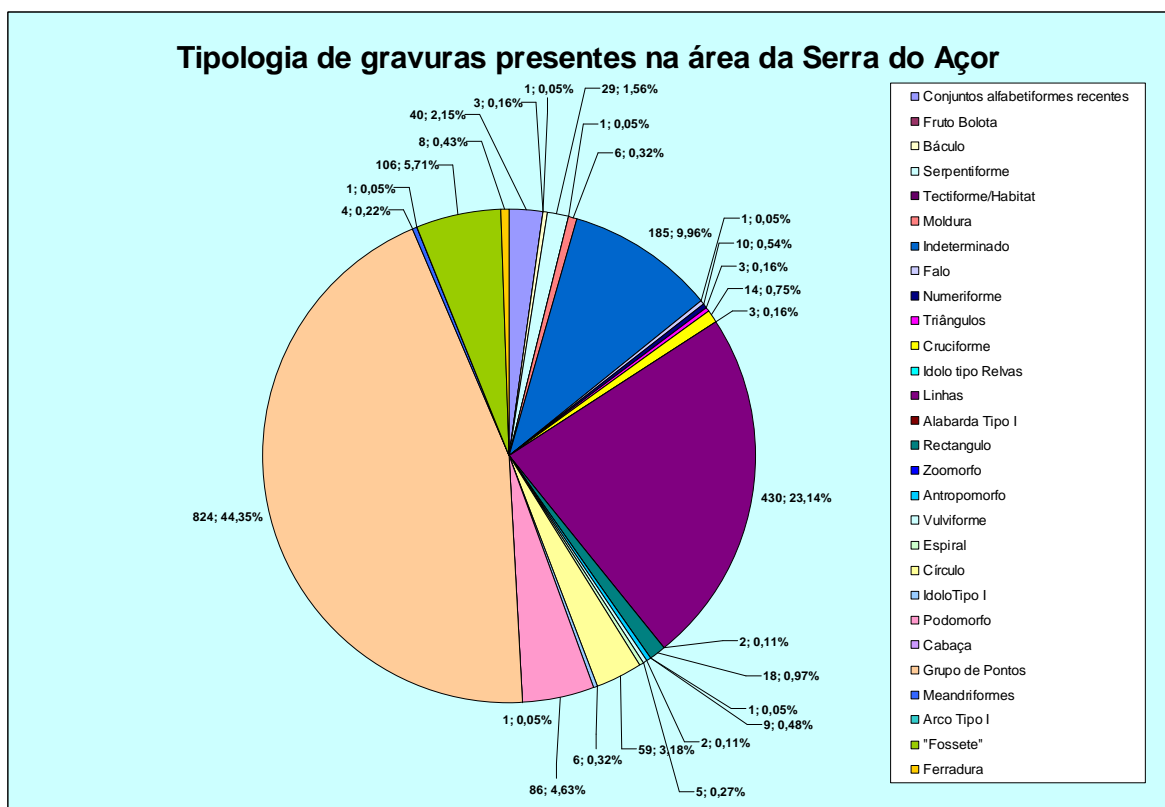


**Quadro 60 –Tipologia de gravação na área da Serra do Açor**

Num universo estudado de 1858 gravuras, observa-se que 10 %, 185 das gravuras observadas não apresentam uma forma definida, sendo desta forma indeterminadas, enquanto que 90 %, correspondendo a 1673 das gravuras apresentam uma forma bem definida.

Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio dos pontos e grupos de pontos com 44,35%, correspondendo a 824 gravuras, seguindo-se as linhas com 23,14 %, correspondendo a 430 gravuras; as gravuras indeterminadas seguem-se com 10% e 185

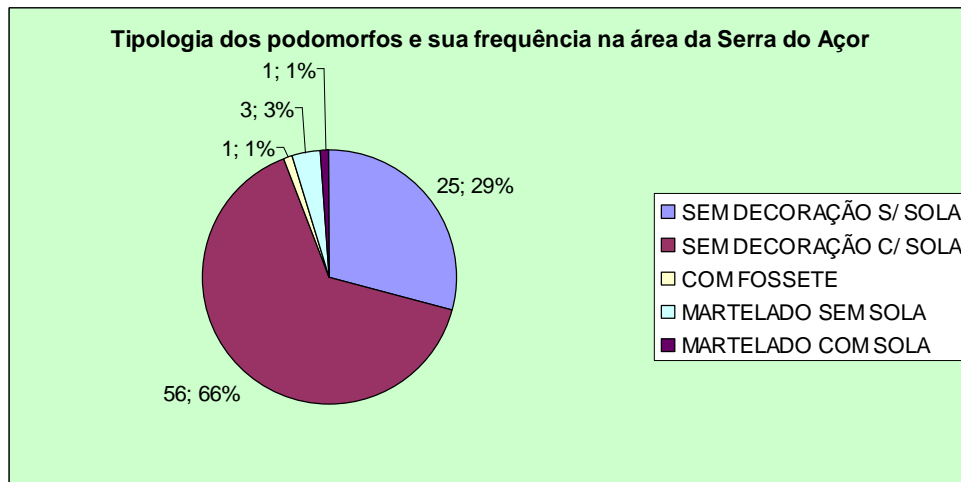
gravuras; a representação de covinhas com 5,71 %, correspondendo a 106 gravuras realizadas sobretudo através da martelagem e abrasão; os podomorfos com 4,63 %, com 86 gravuras; os motivos circulares aparecem de seguida com 3,18 %, correspondendo a 59 gravuras; seguem-se os motivos alfabéticos com 2,15%, correspondendo a 40 gravuras; os motivos serpentiformes aparecem com 1,56%, correspondendo a 29 gravuras; os rectângulos estão representados com 0,97%, correspondendo a 18 gravuras; os cruciformes com 0,75%, com 14 gravuras; de forma residual estão também presentes outras gravuras como ferraduras; os motivos numéricos árabes, antropomorfos; espirais, arco tipo I, meandriformes, cabaça, idoliforme tipo I, vulviformes, zoomorfo, alabarda tipo I, idoliforme tipo Relvas, triângulos, falo, moldura, tectiforme/habitat, báculo, fruto-bolota e alfabéticos recentes.



Quadro 61 – Tipologia das gravuras área da Serra do Açor

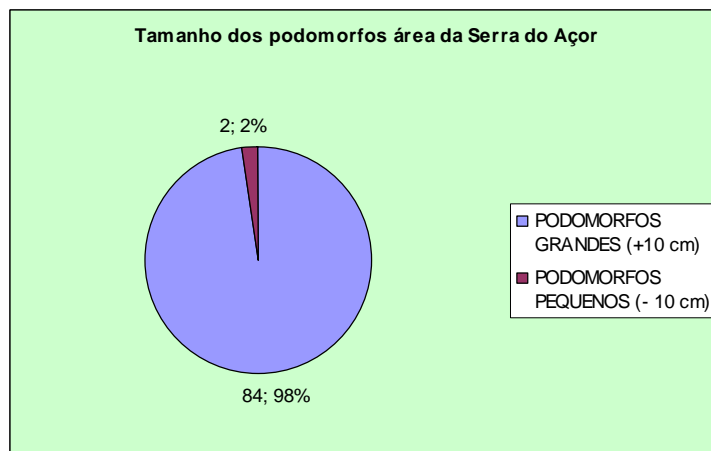
### ***Podomorfismo***

O fenómeno do podomorfismo na área da Serra do Açor encontra-se representado em 4,63% da amostra, correspondendo a 86 gravuras, constituindo um dos principais motivos presentes. Dos 10 tipos de podomorfos presentes na área de estudo desta tese, na área da Serra do Açor estão presentes apenas cinco:



**Quadro 62 – Tipologia dos podomorfos área da Serra do Açor**

Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos com sola e sem decoração com 66% da amostra total, correspondendo a 56 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 29%, correspondendo a 25 gravuras; os podomorfos com martelados no interior e sem sola representam 3%, correspondendo a 3 gravuras; com cerca de 1% e uma gravura cada, surgem em último lugar os podomorfos associados a uma covinha e os podomorfos martelados com sola.

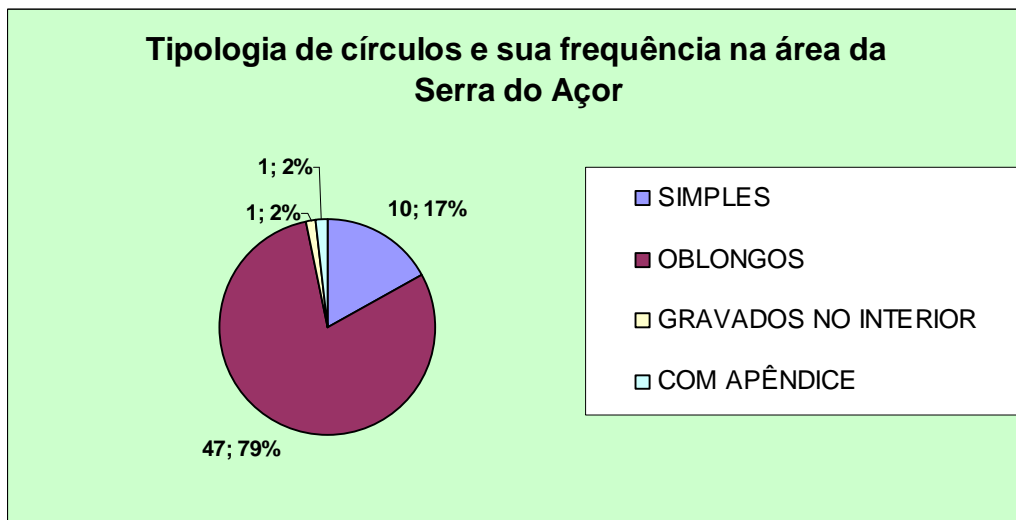


**Quadro 63 – Tamanho dos podomorfos área da Serra do Açor**

Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 98%, correspondendo a 84 gravuras, enquanto que os podomorfos juvenis: 2% correspondendo a 2 gravuras.

### *Motivos circulares*

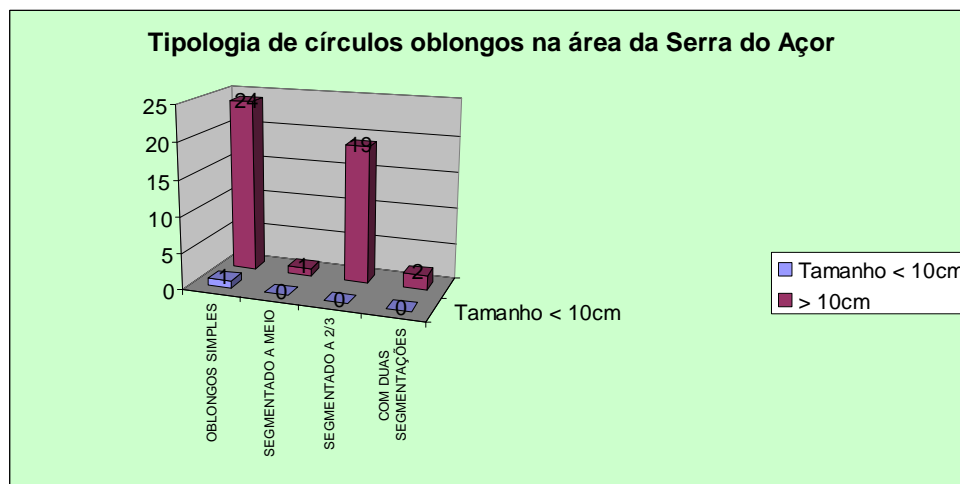
Dos 59 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos, com 79%, correspondendo a 47 gravuras; seguidos de círculos simples 17%, correspondendo a 10 gravuras; os círculos com apêndice e os círculos gravados no interior, com 2% e 1 gravura cada completam a amostra.



**Quadro 64 – Tipologia dos círculos e frequência na área da Serra do Açor**

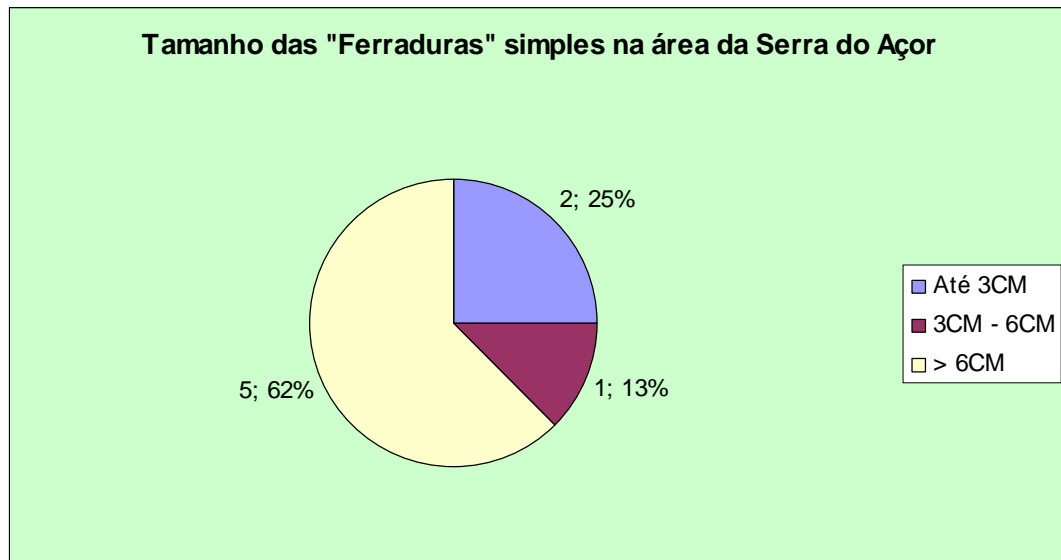
Nos círculos oblongos predominam os círculos oblongos simples; seguem-se os círculos segmentados a 2/3; os círculos com duas segmentações, seguindo-se os círculos segmentados a meio.

Nos círculos oblongos predominam também os que têm mais de 10 cm.



**Quadro 65 – Tipologia dos círculos oblongos e sua frequência na área da Serra do Açor**

## ***Ferraduras***



**Quadro 66 – Tamanho das “Ferraduras” simples na área da Serra do Açor**

O motivo de ferraduras está representado na área da Serra do Açor com cerca de 8 gravuras simples, não existindo “ferraduras” com covinhas.

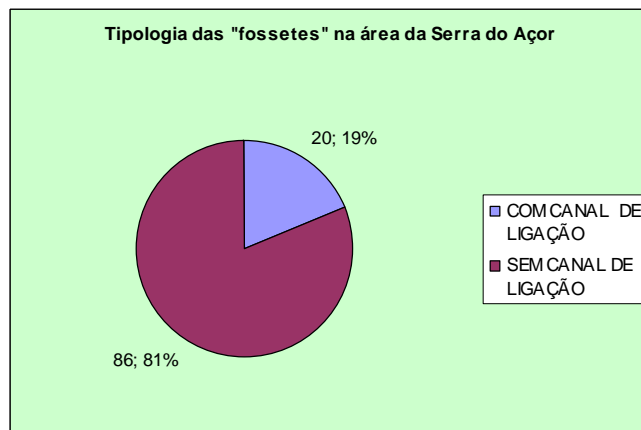
Em relação ao tamanho das “ferraduras”, 62% correspondentes a 5 gravuras têm mais de 6 cm; seguem-se as “ferraduras” que têm até 3 cm, correspondentes a 25 % da amostra e a 2 gravuras; com 13 % do total apresentam-se as “ferraduras” entre os 3 e os 6 cm, correspondendo a 1 gravura.

## ***Fossetes ou covinhas***

As covinhas são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 106 gravuras, A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso.

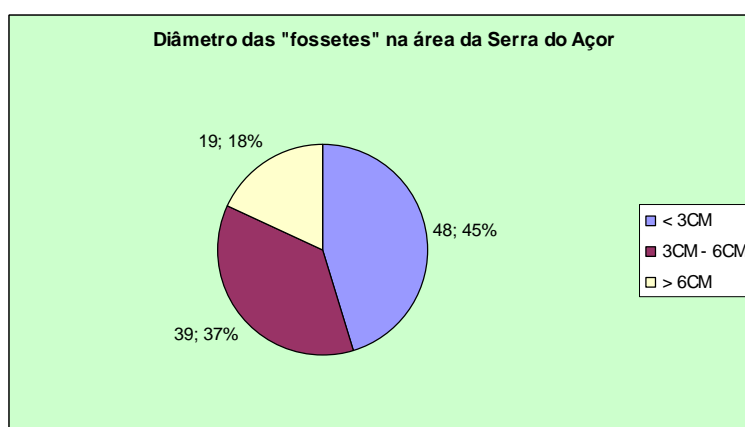
Observa-se a predominância de “fossetes” simples na ordem dos 81% correspondendo a 86 gravuras. Enquanto que as “Fossetes” associadas a um canal representam 19% da amostra correspondendo a 20 gravuras.





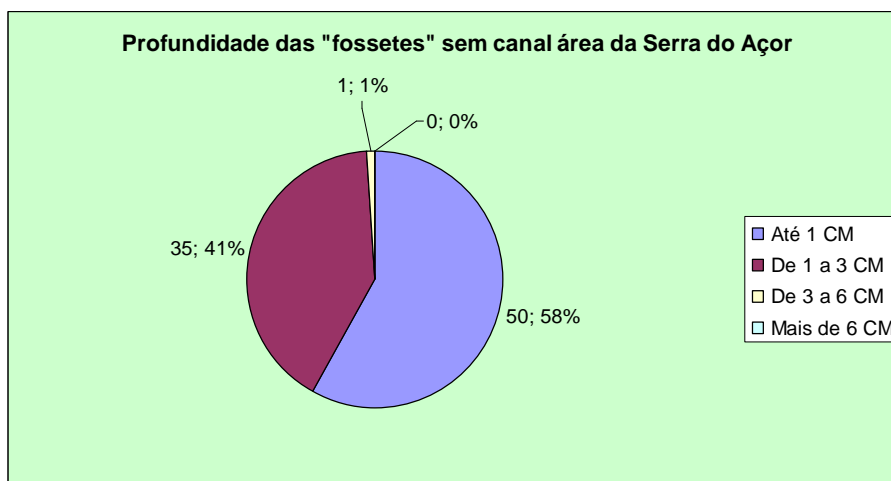
**Quadro 67 – Tipologia das “fossetes” na área da Serra do Açor**

Em relação ao diâmetro predominam as “fossetes” com menos de 3 cm, com 45%, correspondendo a 48 gravuras; seguindo-se as “fossetes” com 3 cm a 6 cm, com 37% correspondendo a 39 gravuras e por último as “fossetes” com mais de 6 cm correspondendo a apenas 18% e a 19 gravuras.



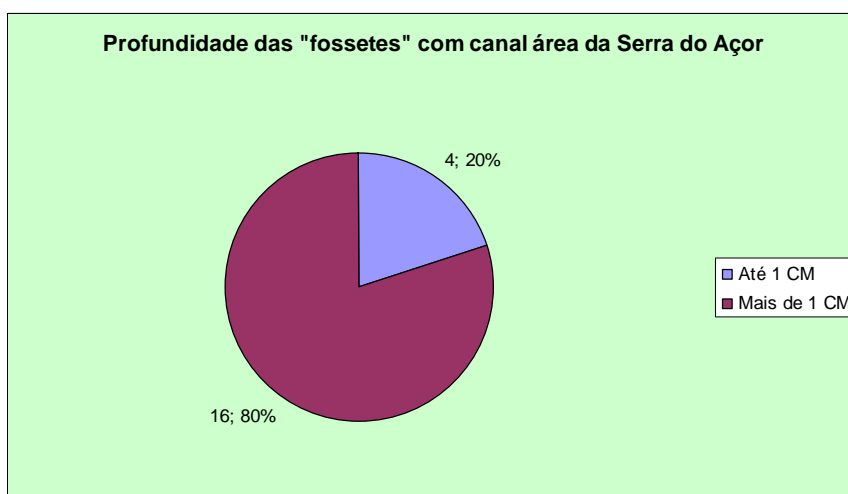
**Quadro 68 – Diâmetro das “fossetes” na área da Serra do Açor**

Nas “fossetes” sem canal predomina a profundidade até 1 cm, com 58% e 50 gravuras; seguindo-se as “fossetes” com 1 cm a 3 cm de profundidade com 41% e 35 gravuras; e com 1% e 1 gravura as gravuras entre os 3 cm e os 6 cm.



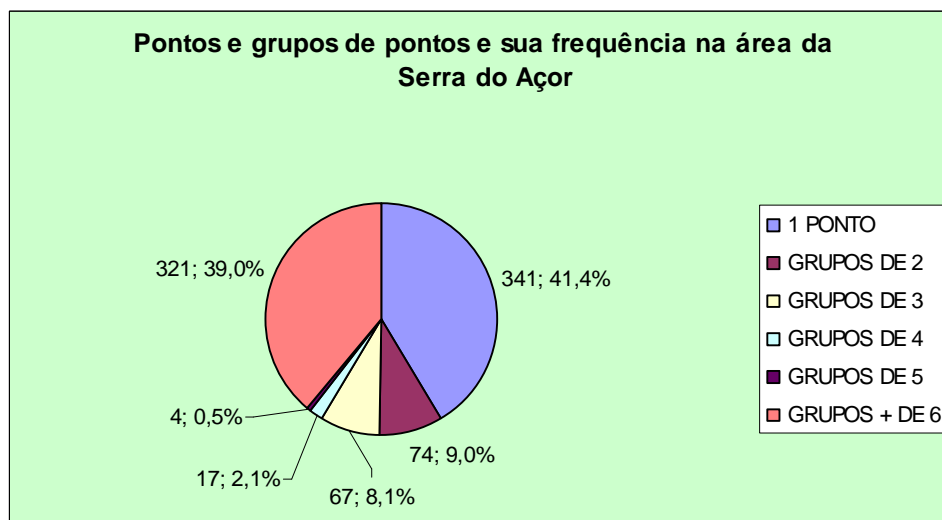
**Quadro 69 – Profundidade das “fossetes” sem canal área da Serra do Açor**

Nas “fossetes” com canal predomina a profundidade com mais de 1 cm, com 80% e 16 gravuras; seguindo-se as “fossetes” até 1 cm de profundidade com 20% e 4 gravuras.



**Quadro 70 – Profundidade das “fossetes” com canal área da Serra do Açor**

*Grupo de pontos*

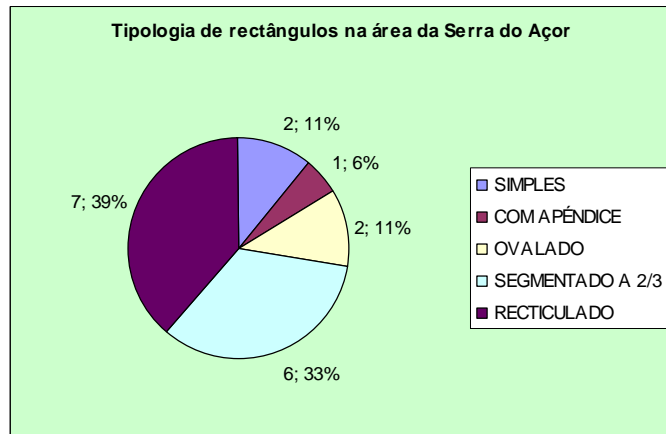


**Quadro 71 – Pontos e grupos de pontos sua frequência na área da Serra do Açor**

A representação de pontos e grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, os pontos martelados representam 42% e 341 gravuras; conjuntos de 6 ou mais pontos com 39% e 321 gravuras; seguem-se os grupos de 2 pontos com 9% e 74 gravuras; os grupos de 3 pontos com 8% e 67 gravuras; os grupos de 4 pontos com 2% e 17 gravuras; e em último os grupos de 5 pontos com 4 gravuras e com menos de 1% da amostra.

### ***Rectângulos***

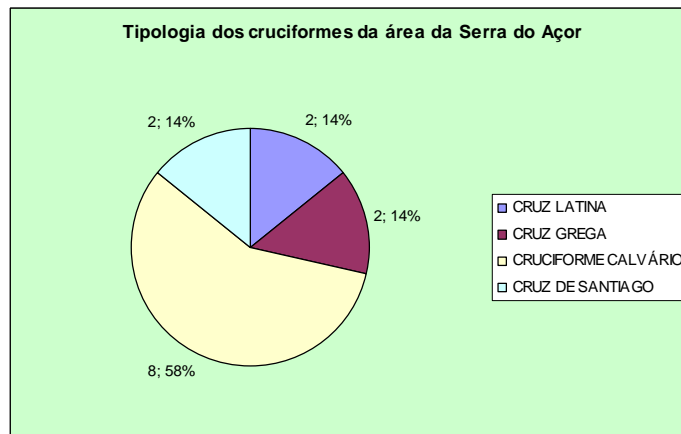
A representação de rectângulos está presente em 18 gravuras. Predominando os reticulados com 39% e 7 gravuras; os rectângulos segmentados a 2/3 representam 33% da amostra e 6 gravuras; os rectângulos ovalados e os rectângulos simples seguem-se com 11% e 2 gravuras cada um; os rectângulos com apêndice representam 6% e uma gravura.



Quadro 72 – Tipologia dos rectângulos e sua frequência na área da Serra do Açor

### *Cruciformes*

Encontram-se representados cerca de 14 cruciformes, gravadas predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruzes do calvário com 58% e 8 gravuras; seguem-se os cruciformes latinos, os cruciformes do tipo cruz grega e a cruz de Santiago, todos com 14% da amostra e 2 gravuras cada.

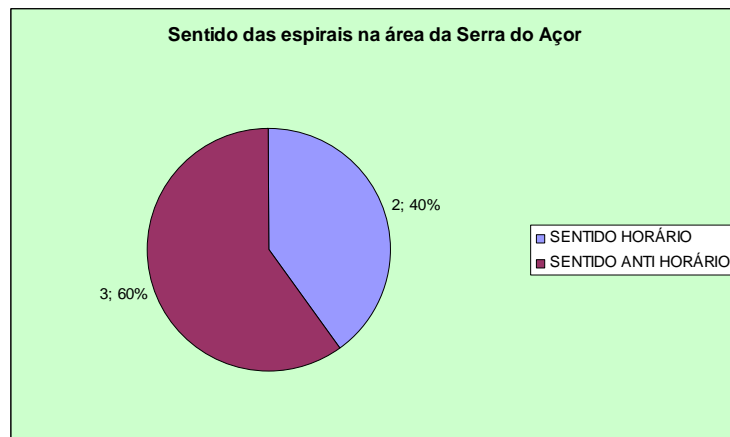


Quadro 73 – Tipologia dos cruciformes na área da Serra do Açor

### *Espirais*

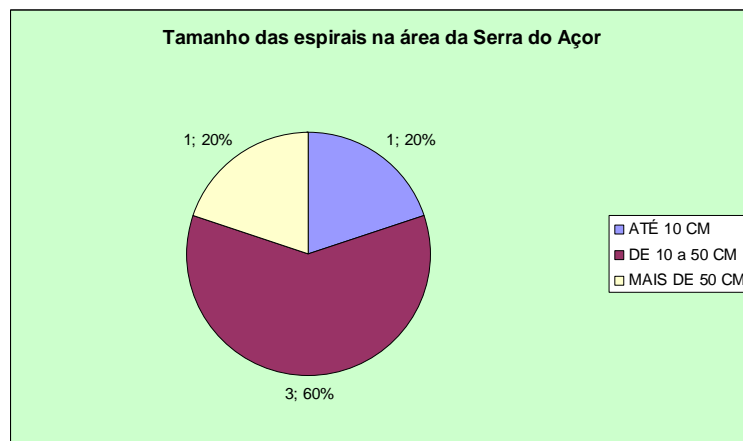
As espirais encontram-se representadas através de cinco gravuras obtidas através do processo de gravação da martelagem com percutor duro, provavelmente quartzito. Estas

representações encontram-se gravadas maioritariamente no sentido anti-horário, com 60% da amostra e 3 gravuras.



**Quadro 74 – Sentido das espirais na área da Serra do Açor**

Em relação ao tamanho das espirais predominam o tamanho entre os 10 cm e os 50 cm com 60% da amostra e 3 gravuras, enquanto que as espirais até 10 cm e as espirais com mais de 50 cm representam cada uma 20% da amostra com 1 gravura.

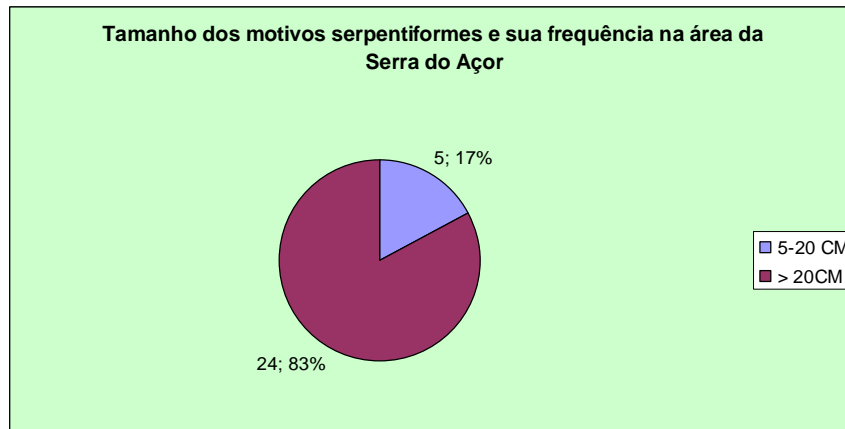


**Quadro 75 – Tamanho das espirais na área da Serra do Açor**

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 29 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se de abrasão. Predominando os

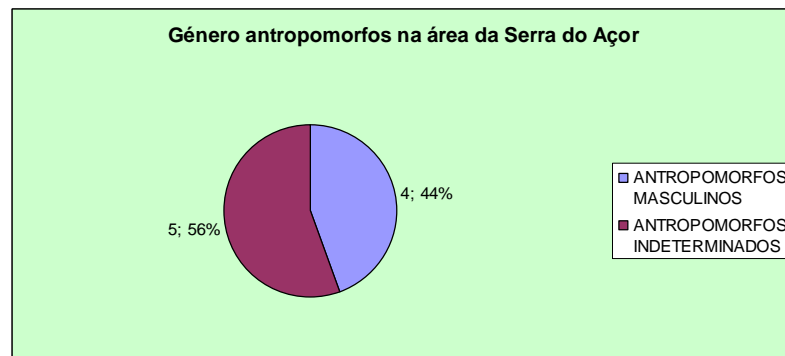
serpentiformes com mais de 20 cm de comprimentos, com 83% e 24 gravuras, seguindo-se os serpentiformes entre os 5 cm e os 20 cm com 17% e 5 gravuras.



**Quadro 76 – Tamanho dos motivos serpentiformes e sua frequência na área da Serra do Açor**

### *Antropomorfos*

A representação de motivos antropomórficos está também presente através de 9 gravuras, dos quais cerca de 56%, dadas a suas características fálicas são na sua maioria masculinos; enquanto que os antropomorfos indeterminados representam 44% da amostra com 4 gravuras.



**Quadro 77 – Género antropomorfos na área da Serra do Açor**

## Área da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça

A área da Serra das Pedras Lavradas e Alvoaça, situa-se na continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra da Estrela, mas a Sul desta última elevação, a uma altitude média acima dos 1000 m. Trata-se de uma área de cumeada e que faz a fronteira natural de duas bacias hidrográficas: rio Mondego, com o rio Zêzere/Tejo. Esta fronteira geográfica é também fronteira administrativa, fazendo a fronteira entre os concelhos e distritos: Teixeira – Seia – Guarda com: Erada – Covilhã – Castelo Branco e Sobral de São Miguel – Covilhã-Castelo Branco. (Ver Mapa n.º1, 2, pág. 54, 63, do Tomo I, e Tomo II, Apêndice n.º 2, n.º III, área das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, mapas n.º35 e 36, pág. 534 e 535)

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica, remontam ao ano de 2000, na sequência de uma solicitação de uma empresa<sup>56</sup>. Estes trabalhos consistiam numa primeira avaliação da área com base na toponímia, dado se conhecerem sítios arqueológicos de arte rupestre na região, nomeadamente na freguesia de Vide (Seia). Nesta altura pudémos também alertar o Instituto Português de Arqueologia para a necessidade de se prospectar intensamente a área caso os projectos eólicos avançassem naquela áreas.

Em 2002 a área é estudada no âmbito do estudo de impacte ambiental para um parque eólico, designado «Parque Eólico das Beiras – Área das Pedras Lavradas», realizam-se os primeiros trabalhos de prospecção arqueológica intensiva<sup>57</sup> e em resultado do mesmo foram descobertos vários sítios de arte rupestre que seriam posteriormente inventariados. (Ver Tomo VII, Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva - n.ºIII, área de Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, sítios 331, 335, 336, 337, 343, 345, 349, 351, 354, 355, 356, 377, pág. 2001 a 2003, 2013 a 2022, 2038 a 2040, 2044 a 2047, 2057 a 2059, 2063 a 2065, 2076 a 2084, 2154 a 2156). Abrangendo várias serras

---

<sup>56</sup> Empresa Enernova, Grupo EDP – Electricidade de Portugal.

<sup>57</sup> Empresa de arqueologia ERA-ARQUEOLOGIA, sendo o dono de obra a Empresa ENERNOVA, Grupo EDP – Electricidade de Portugal EDP.

nesta região, onde se inseria também as duas Serras das Pedras Lavradas, Serra da Alvoaça e parte da encosta que designamos de Vale das Figueiras, área esta que será analisada mais à frente.

Em 2005 na sequência dos estudos de prevenção anteriormente desenvolvidos, foram implementadas medidas de minimização, conciliatórias com o empreendimento eólico para a área, e sob a recomendação do CNART - Centro Nacional de Arte Rupestre<sup>58</sup>, realizam-se nesta altura, 13 levantamentos arqueológicos de sítios de arte rupestre, anteriormente descobertos, utilizando-se o método de decalque directo, levantamento fotográfico e topográfico<sup>59</sup>.

Em Março de 2005, iniciam-se os primeiros trabalhos de construção do empreendimento «Parque Eólico das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça»<sup>60</sup> que se prolongaram até Agosto de 2007<sup>61</sup>.

Em Outubro de 2010 iniciam-se os trabalhos de ampliação do «Parque Eólico das Pedras Lavradas II», em duas áreas: uma no Vale das Figueiras e outra na cumeada do Fonte Espinho, prolongando-se até Setembro de 2011.<sup>62</sup>

Paralelamente a estes trabalhos, o autor foi recolhendo e tratando toda a informação que ia sendo obtida, o que permitiu identificar um complexo com um total de 81 lajes gravadas, (ver Tomo VII, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e

---

<sup>58</sup> Órgão pertencente ao Instituto Português de Arqueologia, Ministério da Cultura de Portugal.

<sup>59</sup> Empresa AGRIPRO, que realizou o Estudo de Impacte Ambiental e fez a implementação de medidas minimizadoras sobre o empreendimento eólico “Parque Eólico das Beiras”, sendo o promotor o Grupo EDP.

<sup>60</sup> Parque eólico constituído por 17 torres aerogeradoras: 7 torres na área das Pedras Lavradas e 10 torres na área da Serra da Alvoaça, sendo o promotor o Grupo EDP.

<sup>61</sup> Os trabalhos de acompanhamento arqueológico em 2005, foram coordenados pela Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica e pelo signatário. Acompanhado por uma equipa de arqueólogos: Marco Paulo Valente, Susete Ferreira, Gonçalo Moreira, António Sérgio Pereira; geólogos: Irina Monteiro e Marta Alexandra Duarte Freitas.

<sup>62</sup> Implantando-se novos aerogeradores em duas áreas: uma área na cumeada do Vale das Figueiras, com 6 novos aerogeradores e outra área na cumeada do Fonte Espinho, aerogeradores 7 ao 10. O parque localiza-se no distrito da Guarda, concelho de Seia, enquadrando-se nas bacias hidrográficas dos rios Alva e Zêzere (C.M: nº.233 e 234). Este projecto teve como promotor uma empresa do Grupo EDP. Os trabalhos de acompanhamento foram realizados por uma equipa da APIA, sob a coordenação de Nuno Ribeiro, Anabela Joaquineto, António Sérgio Pereira. Participando ainda os arqueólogos: Laura Mateiro, Guilherme Soares Sarmiento, Soraya Rocha, Ricardo Ventura (arquitecto) e, Carlos Oliveira (operário de arqueologia especializado).

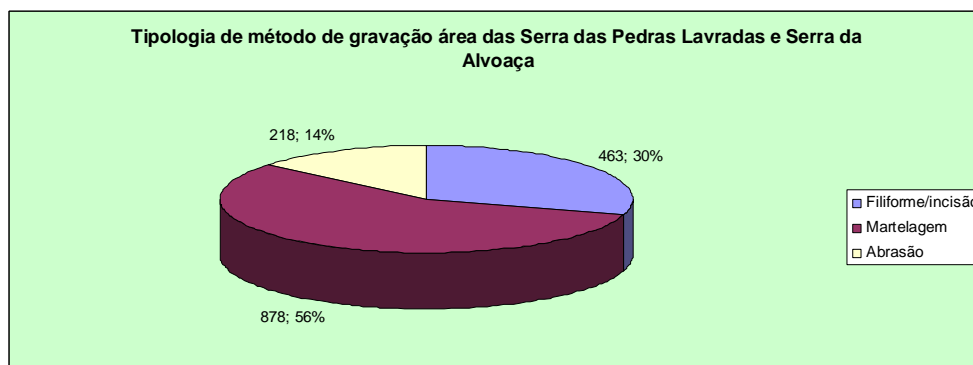


Alva, nºIII, área de Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, sítios 314 a 394, pág. 1947 a 2219).

Associados a estes sítios de arte rupestre, destacam-se outros sítios arqueológicos, nomeadamente, estruturas que poderão ser de carácter funerário, uma mina antiga, vários troços de uma via antiga e vários abrigos de pastores de cronologia indeterminada. (Ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítios 910 a 917, 923 a 968, 971, 1268 a 1277, pág. 662 a 665, 667 a 686 e 832 a 836).

### **Resultados**

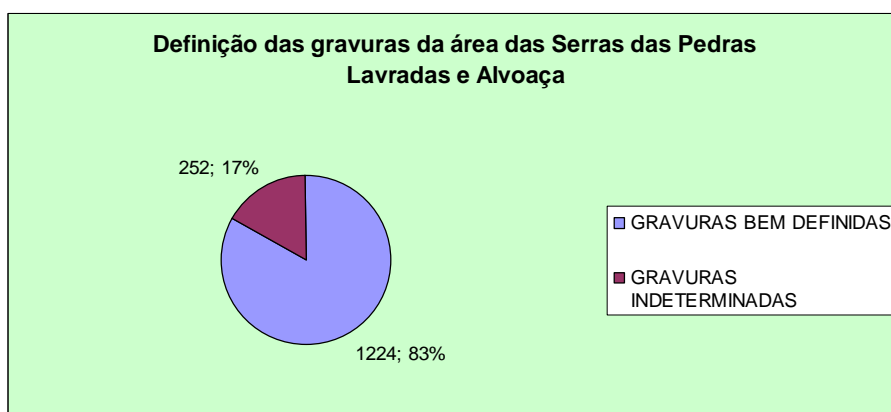
Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total 1476 gravuras.



**Quadro 78 – Métodos de gravação mais frequentes na área das Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

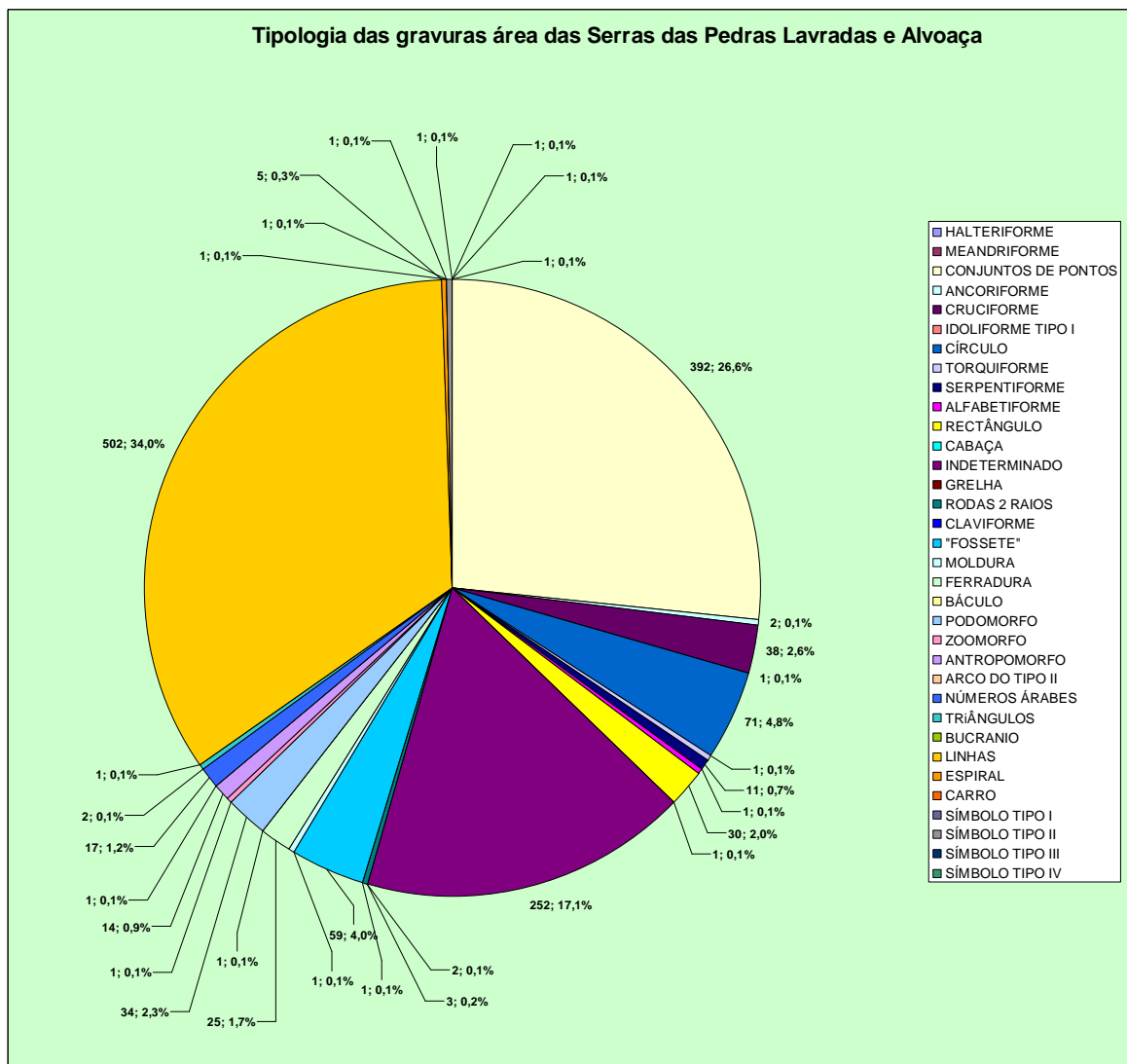
Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 56% e 878 gravuras, seguida do método de gravação através da incisão/traço filiforme com 30% e 463 gravuras; por último a abrasão com 14%, correspondendo a 218 gravuras.

Num universo estudado de 1476 gravuras, observa-se que 17% - 252 das gravuras observadas não apresentam uma forma definida, indeterminadas, enquanto que 83%, correspondendo a 1224 das gravuras apresentam uma forma bem definida.



**Quadro 79 – Definição das gravuras, da área das Serras das Pedras Lavradas e Serra da Alvoça**

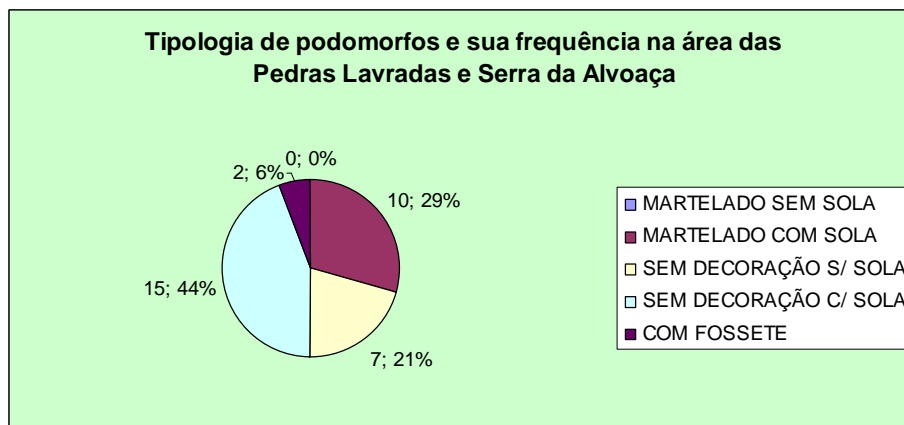
Tipologicamente existe o predomínio de linhas com 34%, correspondendo a 502 gravuras, seguindo-se os pontos e conjuntos de pontos com 26,6%, correspondendo a 392 gravuras. Os motivos indeterminados com 17,1% e 252 gravuras; os motivos circulares aparecem de seguida com 4,8 %, correspondendo a 71 gravuras; segue-se a representação de “fossetes” com 4 %, correspondendo a 59 gravuras, realizadas sobretudo através da martelagem e abrasão; seguem-se os motivos cruciformes com 2,6%, com 38 gravuras. Os podomorfos com 2,3 %, com 34 gravuras; os rectângulos estão representados com 2%, correspondendo a 30 gravuras; as ferraduras com 1,7 %, correspondendo a 25 gravuras; os motivos numéricos árabes estão representados por 1,2 %, correspondendo a 17 gravuras; os motivos antropomorficos aparecem cada um com 0,9 %, correspondendo 14 gravuras; os motivos serpentiformes com 0,7% correspondendo a 11 gravuras; as espirais surgem com 0,3% e com 5 gravuras; os motivos com a forma de roda de 2 raios aparecem com 0,2% correspondendo a 3 gravuras; outros motivos estão também representados mas de forma residual.



**Quadro 80 – Tipologia das gravuras existentes na área das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça**

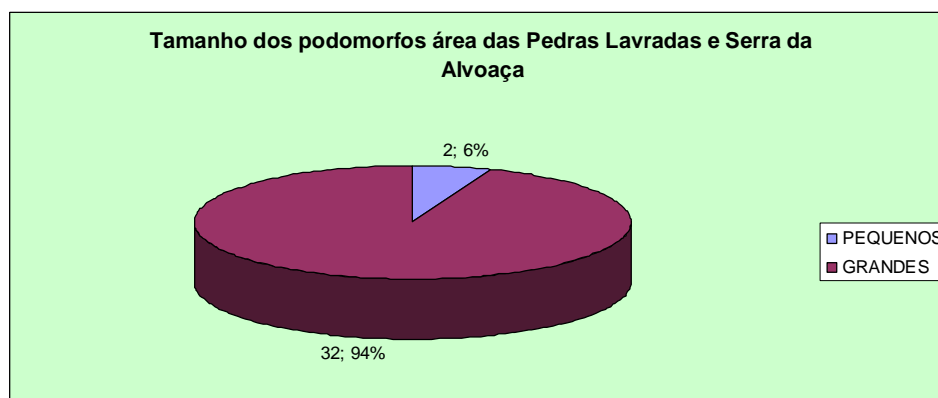
### *Podomorfismo*

O fenómeno do podomorfismo nas áreas das Serras das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça encontra-se bem representado, constituindo um dos principais motivos presentes.



**Quadro 81 – Tipologia de podomorfos e sua frequência na área das Pedras Lavradas e Alvoaça**

Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos com sola e sem decoração com 44% da amostra total, correspondendo a 15 gravuras; os podomorfos com martelados no interior e com sola representam 29% do total, com cerca de 10 representações; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 21%, correspondendo a 7 gravuras e por último os podomorfos associados a uma covinha surgem com 6% correspondendo a 2 gravuras.

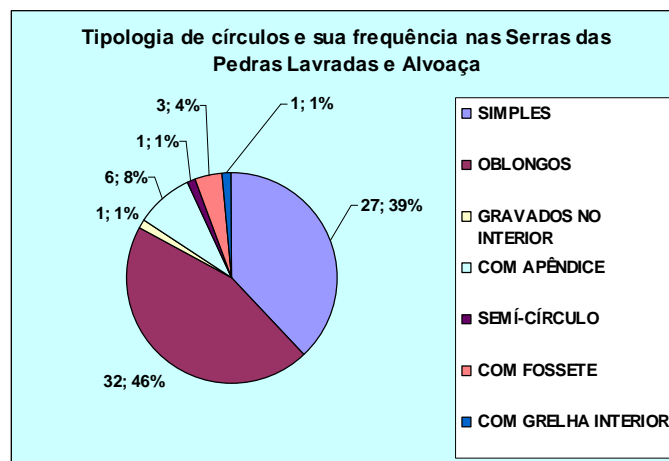


**Quadro 82 – Tamanho dos podomorfos na área das Pedras Lavradas e Alvoaça**

Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 94% com 32 representações correspondendo os restantes 6% com 2 representações a podomorfos juvenis.

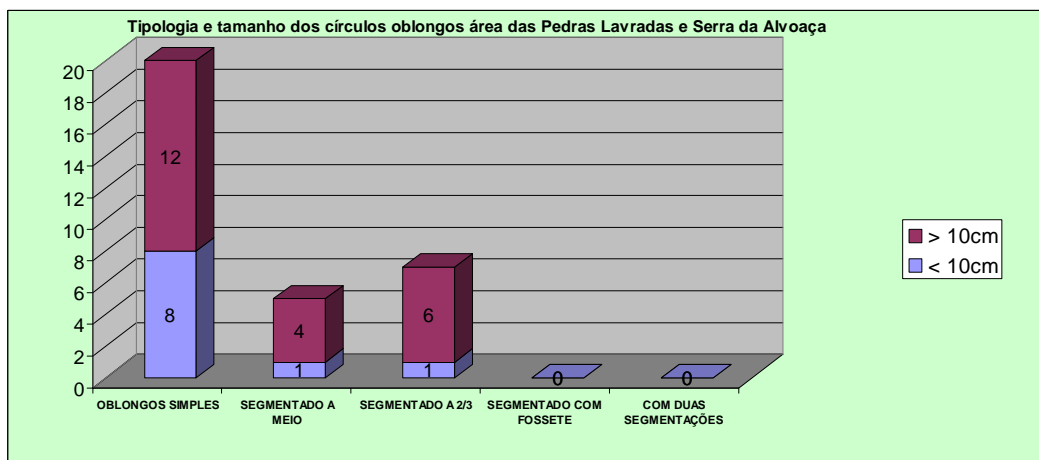
### *Motivos circulares*

Dos 71 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos, com 46%, correspondendo a 32 gravuras; seguidos de círculos simples com 39%, correspondendo a 27 gravuras; os círculos com apêndice com 8% do total correspondendo a 6 gravuras; círculos com covinha, encontram-se representados em 4% da amostra, correspondendo a 3 gravuras; de forma residual encontram-se presentes os motivos circulares com gravações no interior, os semi-círculos e os círculos com grelha no interior, cada um destes motivos com 1 %, correspondendo a 1 gravura cada um deles.



**Quadro 83 – Tipologia de círculos e sua frequência área das Pedras Lavradas e Alvoça**

Nos círculos oblongos predominam os círculos oblongos simples, seguidos pelos círculos segmentados a 2/3 e de seguida e os círculos segmentados a meio.

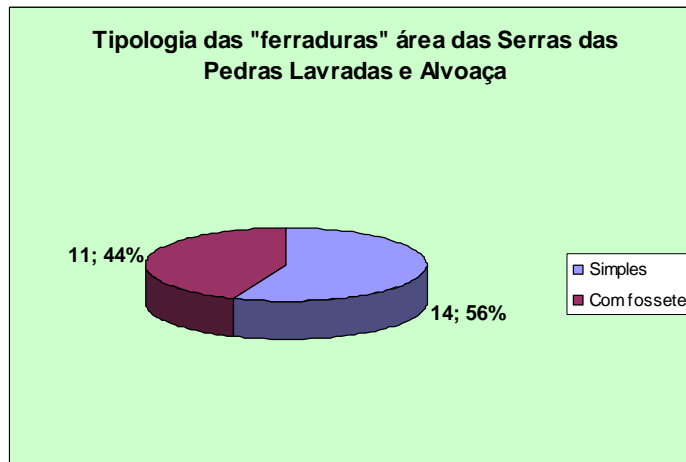


**Quadro 84 – Tipologia e tamanho dos círculos área das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça**

Predominam também nos círculos oblongos os de maiores dimensões em todas as tipologias observadas, ou seja com mais de 10 cm.

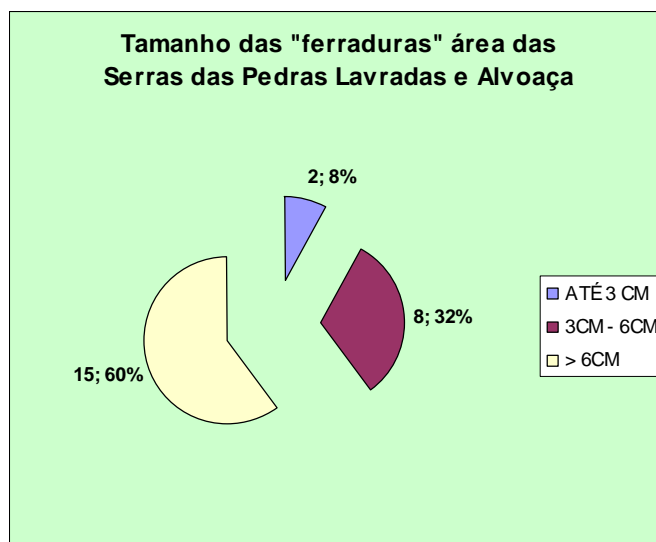
### ***Ferraduras***

O motivo tipo ferraduras está representado na área da Serra das Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça com cerca de 25 representações, destas 56% da amostragem são ferraduras simples, com 14 gravuras; seguem-se as ferraduras com covinha, correspondendo a 44% da amostra e 11 gravuras.



**Quadro 85 – Tipologia das “ferraduras” área das Serras das Pedras Lavradas e Alvoça**

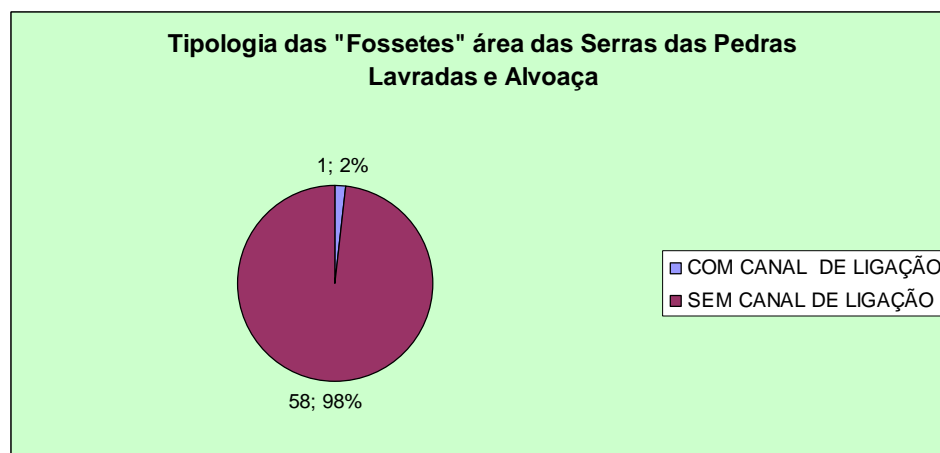
Em relação ao tamanho das ferraduras, 60% correspondentes a 15 gravuras têm mais de 6 cm; seguem-se as “ferraduras” entre 3 cm a 6 cm, correspondentes a 32% da amostra e a 8 gravuras; com 8 % do total e correspondendo a 2 gravuras encontram-se as ferraduras até 3 cm de comprimento.



**Quadro 86 – Tamanho das “ferraduras” área das Serras das Pedras Lavradas e Alvoça**

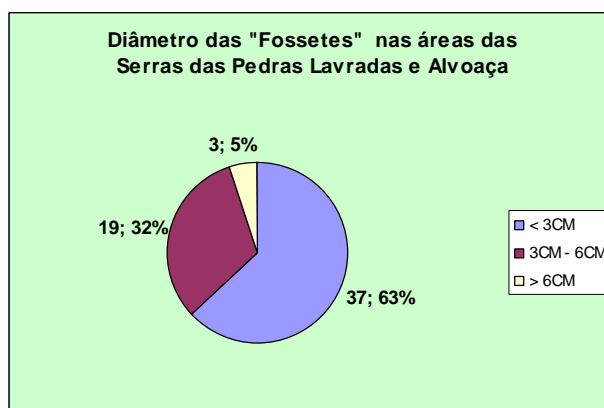
### ***Fossetes ou covinhas***

As covinhas são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 59 gravuras, observou-se a existência apenas de uma covinha ligada a um canal. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso.



**Quadro 87 – Tipologia das “fossetes” área das Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

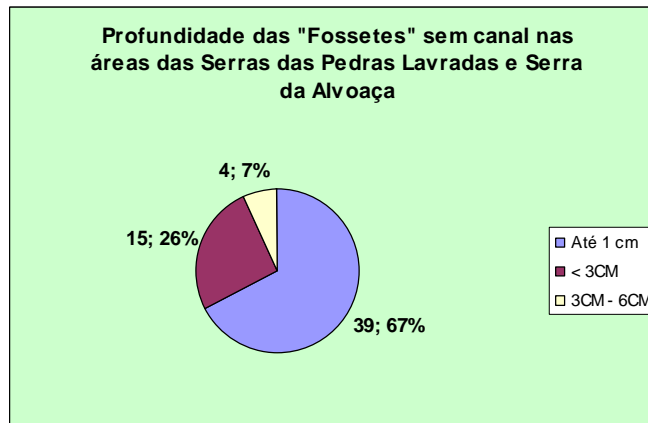
Em relação ao diâmetro predominam as covinhas com menos de 3 cm, com 63% e 37 gravuras, seguindo-se as covinhas com 3 cm a 6 cm, com 32% e 19 gravuras e por último as covinhas com mais de 6 cm correspondendo a apenas 5% da amostra e 3 gravuras.



**Quadro 88 – Diâmetro das “fossetes” na área das Pedras Lavradas e Alvoaça**



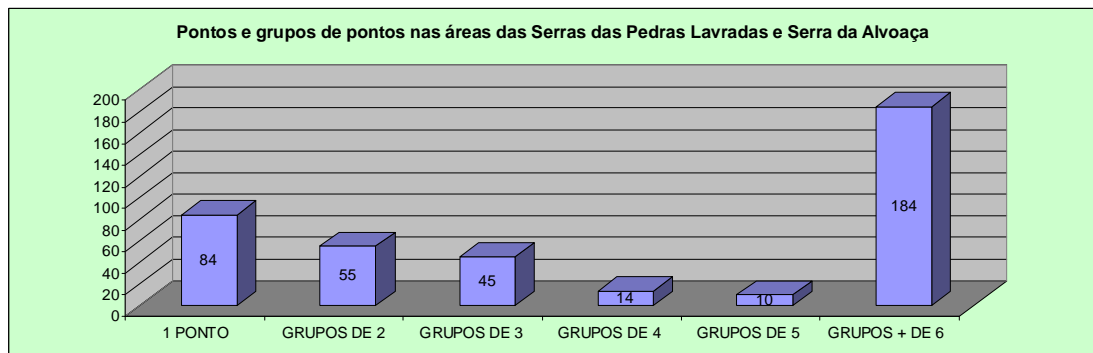
Nas “fossetes” com canal predomina a profundidade até 1 cm, com 67% e 39 gravuras; seguindo-se as gravuras com menos de 3 cm de profundidade, com 26% e 15 gravuras e as “fossetes” entre os 3 cm e os 6 cm com 7% e 4 gravuras.



**Quadro 89 – Profundidade das “fossetes” sem canal área das Pedras Lavradas e Alvoaça**

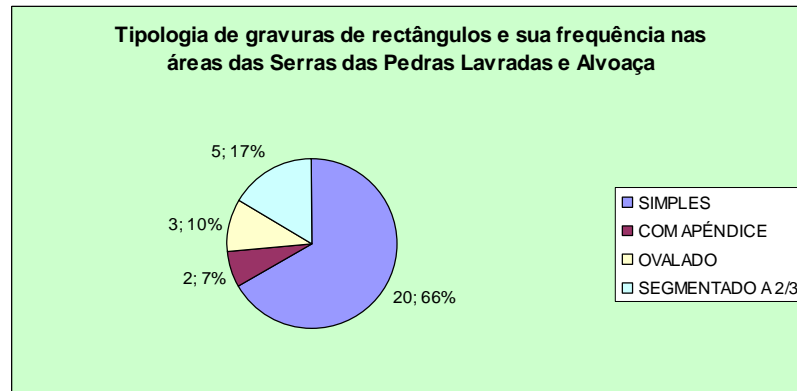
### *Grupo de pontos*

A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, os conjuntos de 6 ou mais pontos é predominante em relação a todos os outros grupos de pontos martelados.



**Quadro 90 – Pontos e grupos de pontos área das Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

## *Rectângulos*

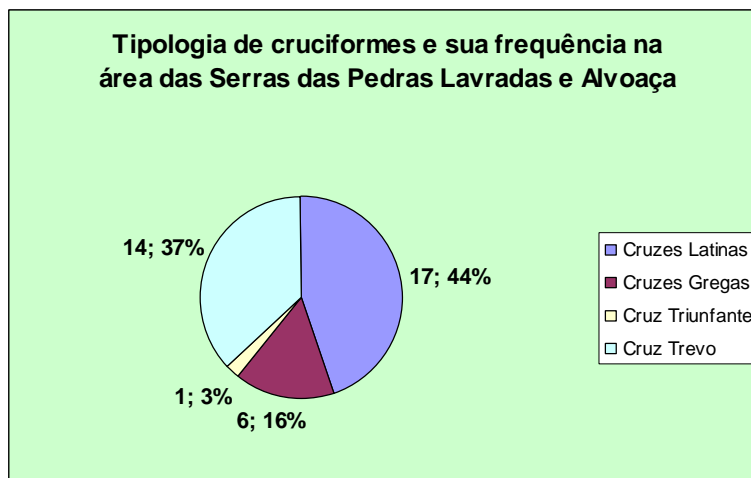


**Quadro 91 – Tipologia das gravuras de rectângulos e sua frequência nas Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

A representação de rectângulos está presente em 30 gravuras. Os rectângulos simples estão representados por 20 gravuras, 66% da amostra, seguindo-se os rectângulos segmentados a 2/3 com 17% e 5 gravuras; os rectângulos ovalados com 10% e 3 gravuras; e os rectângulos com apêndice estão representados por 2 gravuras e 7% da amostra.

## *Cruciformes*

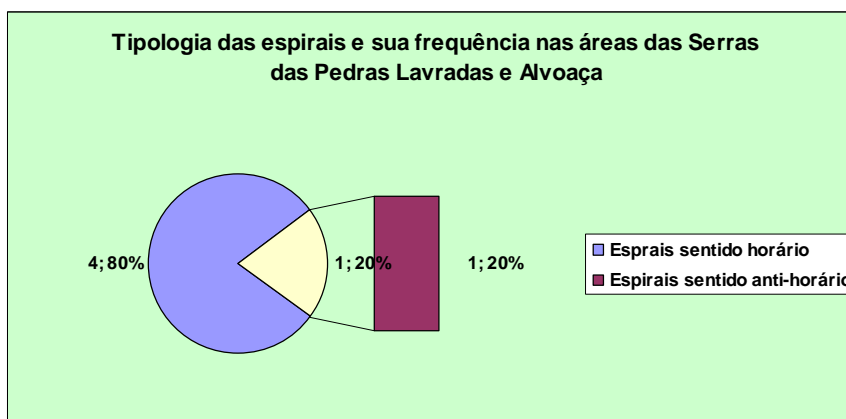
Encontram-se representados cerca de 38 cruciformes, gravadas predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruces latinas 44% e 17 gravuras, seguidas das cruces de trevo 37% e 14 gravuras, cruces gregas 16 % e 6 gravuras e cruces triunfantes com 3% da amostra e 1 gravura.



**Quadro 92 – Tipologia de cruciformes e sua frequência nas Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

### *Espirais*

As espirais encontram-se representadas através de cinco gravuras obtidas através do processo de gravação da martelagem com percutor duro, provavelmente quartzito. Estas representações encontram-se gravadas maioritariamente no sentido horário.

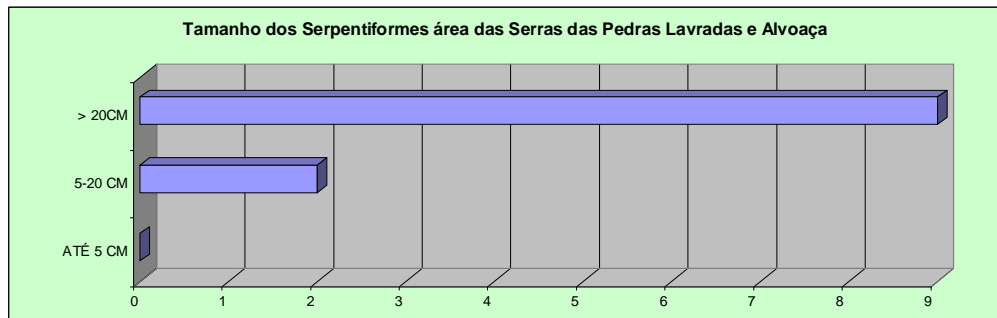


**Quadro 93 – Tipologia das espirais nas Serras das Pedras Lavradas e Alvoaça**

Em relação ao tamanho todas as gravuras apresentam o tamanho entre os 10 e os 50cm.

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 11 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se de abrasão. Predominando os serpentiformes com mais de 20 cm de comprimentos, com 9 gravuras, seguindo-se os serpentiformes entre os 5 cm e os 20 cm com 2 gravuras.



**Quadro 94 – Tamanho dos serpentiformes na área das Pedras Lavradas e Alvoça**

### *Antropomorfos*

A representação de motivos antropomórficos está também presente através de 14 gravuras, destes a sua maioria são de género indeterminado.

## Área do Vale das Figueiras, Valera, Gondufo e Cabeço Solheiro

As áreas do “Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro” situam-se na continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra do Açor em direcção às áreas das Pedras Lavradas/Alvoaça, e Serra da Estrela. As áreas do Cabeço Solheiro e Gondufo, situam-se numa encosta que tem o seu início na cumeada onde termina a Serra do Açor e que tem a sua pendente virada para a ribeira do Alvôco. Localizando-se na fronteira administrativa dos distritos de Coimbra com a Guarda, dos concelhos de Seia com Arganil e Covilhã, na área do Gondufo; freguesias de Vide fronteira com Piódão e Vide com Sobral de São Miguel. (Ver Mapa n.1 e 2, Tomo I, pág. 54 e 63 e no Tomo II, Apêndice nº 2: mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica do rio Alva, nº IV. Área do Vale das Figueiras, Valera, Gondufo e Cabeço Solheiro, mapas n.º29 e 37 pág. 526 e 536)

A orografia do terreno fez desta área, uma fronteira natural, entre bacias hidrográficas: Mondego/Tejo e de limites naturais de regiões; com a relevância de serem também, quase pontos obrigatórios na passagem da rota Este/Oeste de quem se deslocava do litoral para o interior. Estas áreas estudadas têm uma altitude média acima dos 900 m de altitude.

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica, remontam ao ano de 2002, na encosta da área do Vale das Figueiras, no âmbito do estudo de impacte ambiental, designado «Parque Eólico das Beiras – Parque das Pedras Lavradas»<sup>63</sup>. Em resultado do mesmo foram descobertos na área do Vale das Figueiras<sup>64</sup>, 4 lajes gravadas, 1 gravura em cada um dos sítios. (Ver Tomo VIII, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºIV, área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro, sítios n.º398, 399, 401 e 404, pág. 2237 a 2242, 2246 a 2248, 2255 a 2260).

---

<sup>63</sup> Empresa AGRIPRO, que realizou o Estudo de Impacte Ambiental e fez também a implementação das medidas minimizadoras sobre o empreendimento eólico, “Parque Eólico das Beiras”, sendo o promotor o Grupo EDP - ENERNOVA. Os trabalhos arqueológicos de prospecção foram desenvolvidos pela empresa ERA-Arqueologia, sendo a arqueóloga Maria João Jacinto a arqueóloga responsável.

<sup>64</sup> A área do Vale das Figueiras, é designado no estudo de prospecção do «Parque Eólico das Pedras Lavradas» como núcleo das Figueiras.

Paralelamente a estes trabalhos, o autor foi recolhendo e tratando toda a informação que ia sendo obtida, permitindo identificar um contexto total 76 lajes gravadas, (ver Tomo VIII, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºIV, área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro, sítios 395 a 470, pág. 2228 a 2455).

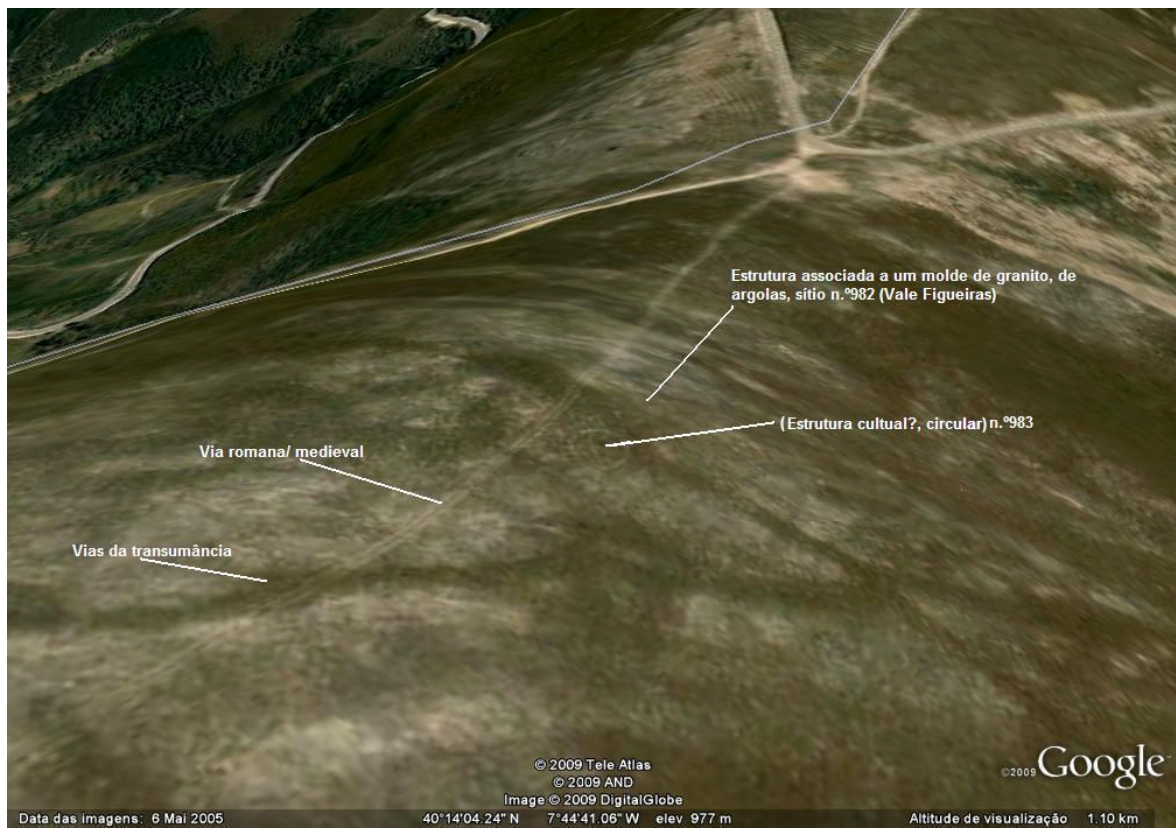
Refira-se por último que em Outubro de 2010 inciam-se os trabalhos de ampliação do «Parque Eólico das Pedras Lavradas II», em duas áreas: uma no «Vale das Figueiras» e outra na cumeada do «Fonte Espinho», prolongando-se estes trabalhos até Setembro de 2011.<sup>65</sup>

Dos sítios arqueológicos (ver Tomo II, Apêndice nº 4, ver fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre), destacam-se várias estruturas de carácter funerário e algumas das estruturas indeterminadas: sítios 1000, 1018, 1293, 1325, 1332, pág. 704, 712, 846, 864, 868; uma mina antiga na área do Gondufo, com o número 1283, pág. 841, Tomo II, e um depósito provavelmente votivo, com várias peças em granito e um molde de argolas de granito, associado a uma estrutura, sítio n.º982, pág. 692, Tomo II; vários troços de vias antigas que se cruzam na área do «Vale das Figueiras»; destaca-se também a construção de forma circular, provavelmente cultual, sítio n.º 983, pág. 694, Tomo II; achados isolados, como uma possível peça de adorno, sítio 986, pág. 696, Tomo II (ver fotografia satélite, ilustração n.º142, Tomo I, pág. 313.); troço de via: sítios n.º 1341, pág. 874, Tomo II; vários abrigos de pastores de cronologia indeterminada e outras construções: ver sítios, 982 a 1025 e 1278 a 1295, pág. 692, 716, 836 a 847, Tomo II).

Apresentam-se de seguida, os resultados dos estudos estatísticos efectuados sobre a arte rupestre da área do Vale das Figueiras, Valera, Gondufo e Cabeço Solheiro.

---

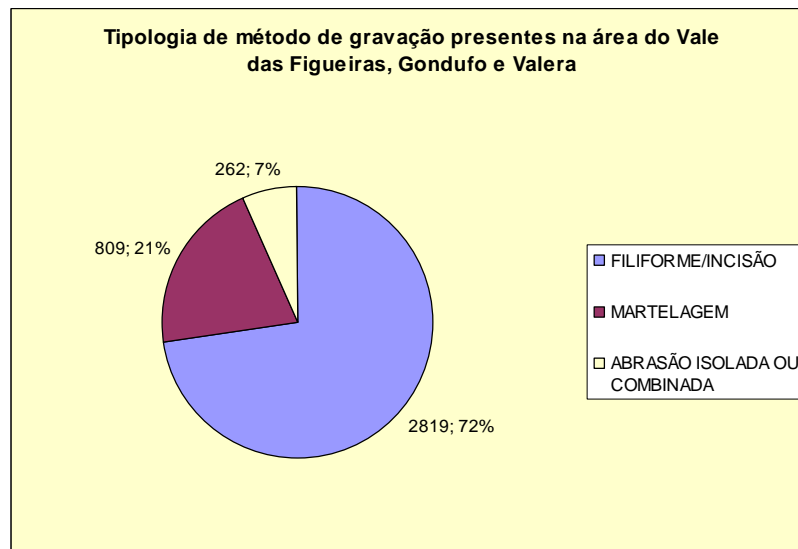
<sup>65</sup> Implantando-se novos aerogeradores em dois sentidos: uma área na cumeada do Vale das Figueiras, com 6 novos aerogeradores e outra área na cumeada do Fonte Espinho, aerogeradores 7 ao 10. O parque localiza-se no distrito da Guarda, concelho de Seia, enquadrando-se nas bacias hidrográficas dos rios Alva e Zézere (C.M: n.º.233 e 234). Este projecto teve como promotor a empresa o Grupo EDP. Os trabalhos de acompanhamento foram realizados por uma equipa da APIA, sob a coordenação de Nuno Ribeiro, Anabela Joaquineto, António Sérgio Pereira. Participando ainda os arqueólogos: Laura Mateiro, Guilherme Soares Sarmiento, Soraya Rocha, Ricardo Ventura (arquitecto), Carlos Oliveira (operário de arqueologia especializado).



**Ilustração 142** – Fotografia de satélite a 1, 10 km de altitude, da área do Vale das Figueiras, observando-se: as antigas vias da transumância; uma via romana/medieval em direcção às Pedras Lavradas; e uma estrutura circular de pedra, próxima de uma estrutura onde se recolheram vários fragmentos de um molde em granito em argolas.

### ***Resultados***

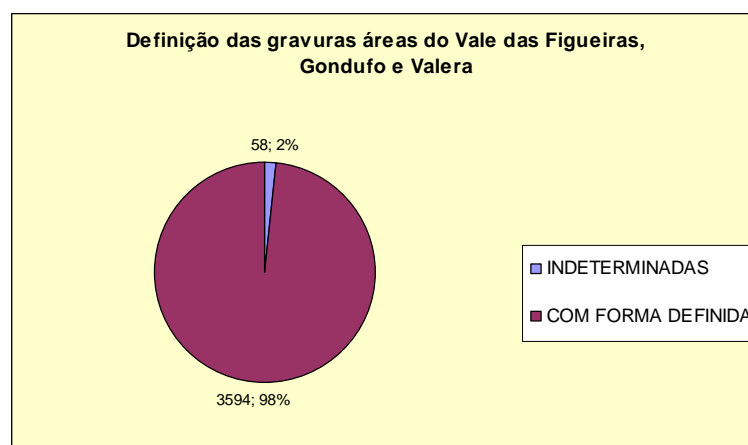
Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total 3652 gravuras.



**Quadro 95 – Métodos de gravação e sua frequência presentes na área de Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da incisão/ traço filiforme com 72% correspondendo a em 2819 gravuras; seguidas do método de gravação através da martelagem com 21% e 809 gravuras, e a abrasão com 7 % e 262 gravuras.

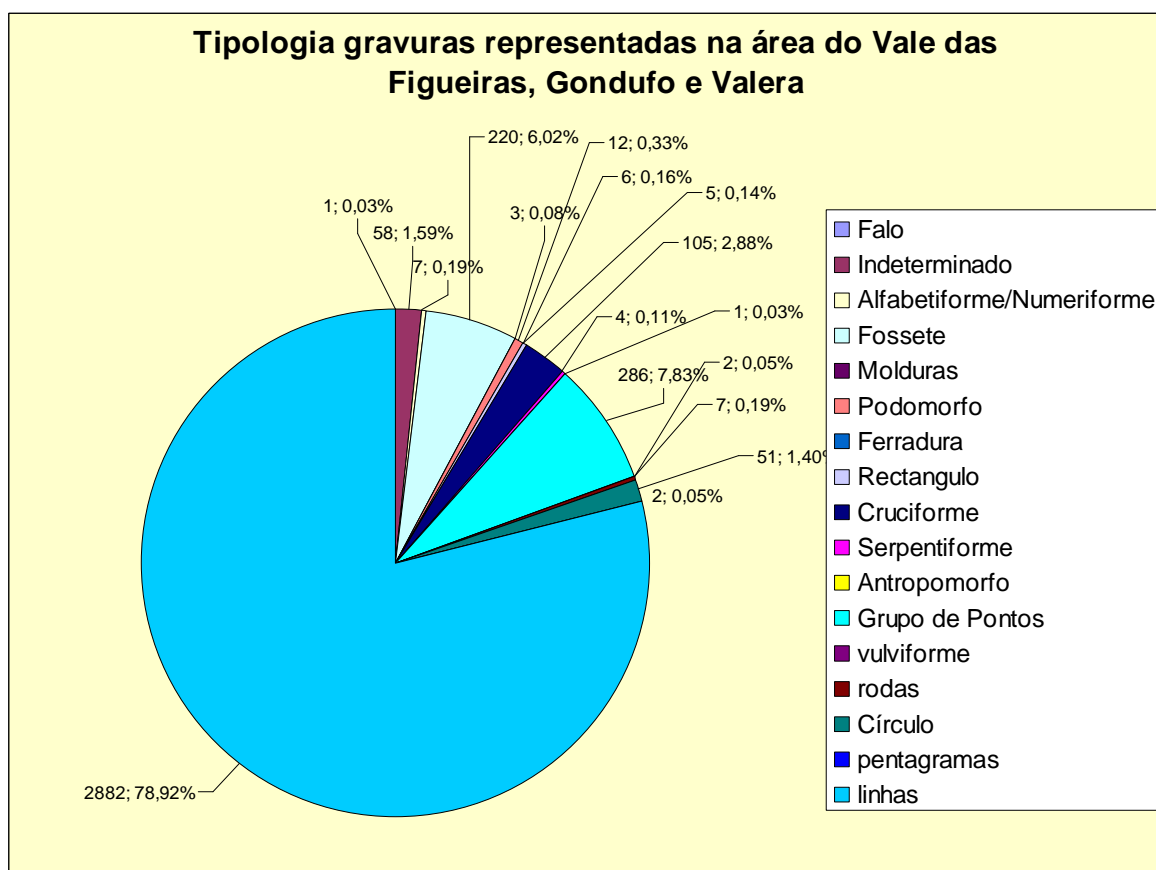
Num universo estudado de 3652 gravuras, observa-se que 2 %, 58 das gravuras observadas não têm uma forma definida ou indeterminadas, enquanto que 98 %, correspondentes a 3594 das gravuras apresentam uma forma bem definida.



**Quadro 96 – Definição das gravuras área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**



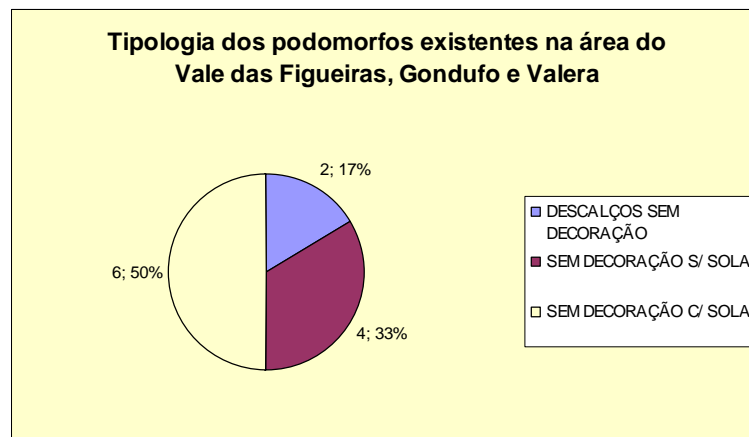
Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de linhas com 78,92 %, correspondendo a 2882 gravuras, seguindo-se os pontos e conjuntos de pontos com 7,73 %, correspondendo a 286 gravuras; segue-se a representação de “fossetes” com 6,02 %, correspondendo a 220 gravuras; seguem-se os motivos cruciformes com 2,88%, com 105 gravuras; os motivos indeterminados com 1,59% e 58 gravuras; os motivos circulares aparecem de seguida com 1,40 %, correspondendo a 51 gravuras; os podomorfos com 0,33 %, com 12 gravuras; de forma residual aparecem: ainda os motivos tipo alfabetiformes e nuneriformes 0,19% e 7 gravuras; rodas 0,19% e 7 gravuras, ferraduras 0,16% e 6 gravuras, rectângulos 0,14% e 5 gravuras; serpentiformes 0,11% e 4 gravuras; molduras 0,08 e 3 gravuras; vulviformes e pentagramas 0,05% e 2 gravuras cada; falo e antropomorfos com 0,03% e 1 gravura cada.



**Quadro 97 –Tipologia das gravuras existentes área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

## ***Podomorfismo***

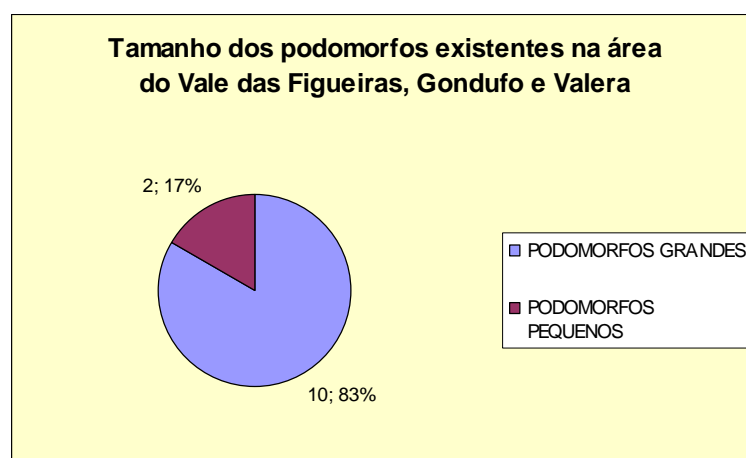
O fenómeno do podomorfismo nas áreas do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro, encontra-se representado por 12 gravuras.



**Quadro 98 – Tipologia dos podomorfos existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos com sola e sem decoração com 50% da amostra total, correspondendo a 6 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 33%, correspondendo a 4 gravuras e por último os podomorfos descalços sem decoração, com 17% e 2 gravuras.

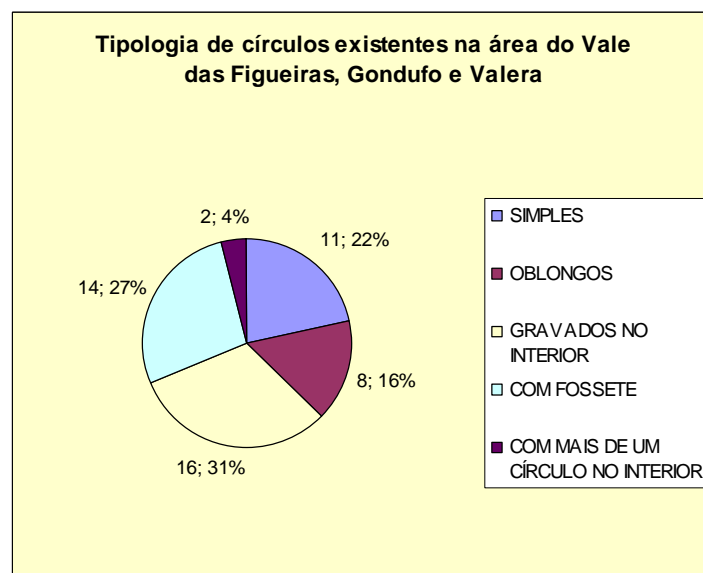
Predominam ainda as representações de podomorfos adultos, na ordem dos 83% com 10 representações, enquanto que 17% correspondem 2 gravuras de podomorfos juvenis.



**Quadro 99 – Tamanho dos podomorfos área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

### ***Motivos circulares***

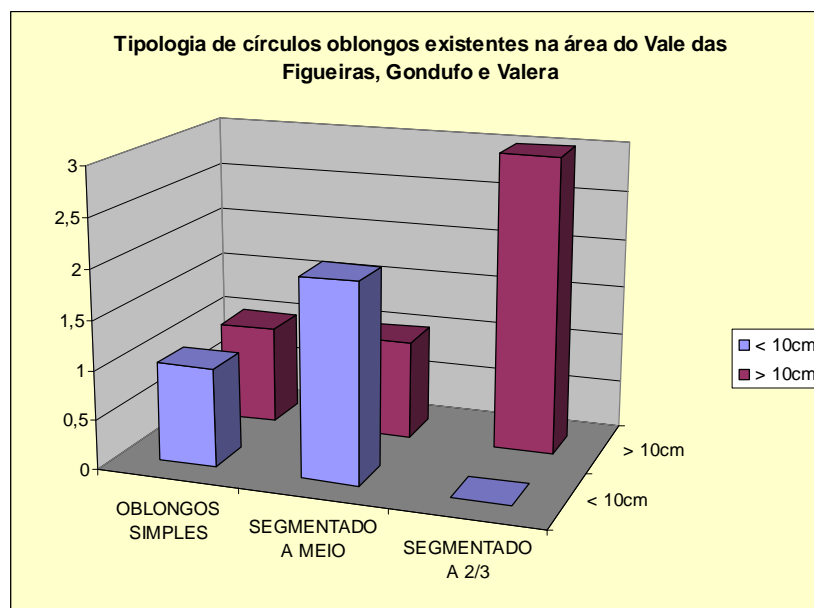
Dos 51 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente os motivos circulares com gravações no interior com 31% e 16 gravuras; círculos com “fossetes”, encontram-se representados em 27% da amostra e 14 gravuras; seguidos de círculos simples 22%, correspondendo a 11 gravuras; os círculos oblongos com 16%, correspondendo a 8 gravuras e por último os círculos com mais de um círculo no interior com 4 % e correspondendo a 2 gravuras.



**Quadro 100 – Tipologia de círculos existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Nos círculos oblongos segmentados a 2/3 predominam os círculos com mais de 10 cm. Nos círculos oblongos segmentados a meio existe uma predominância no tamanho abaixo dos 10 cm. Nos círculos oblongos simples existe um mesmo número entre os que têm menos de 10 cm e os que têm mais de 10 cm.

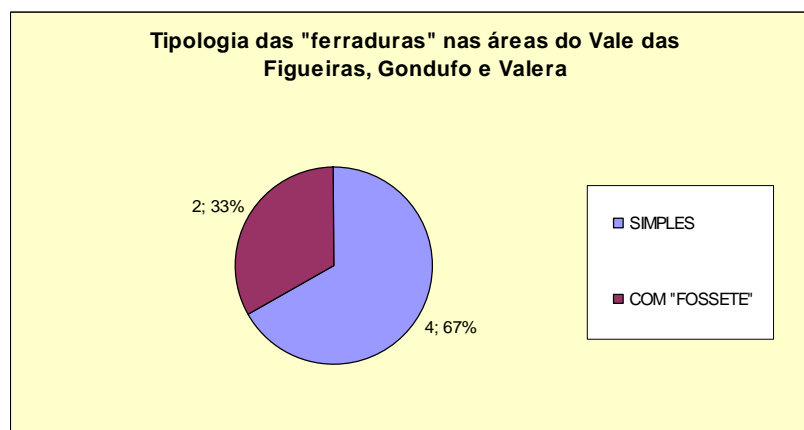
No que diz respeito à sua frequência: os círculos oblongos segmentados a meio e os círculos segmentados a 2/3 estão representados ambos com 3 gravuras na amostra total, seguindo-se os círculos oblongos simples com 2 gravuras.



**Quadro 101 – Tipologia de círculos oblongos existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

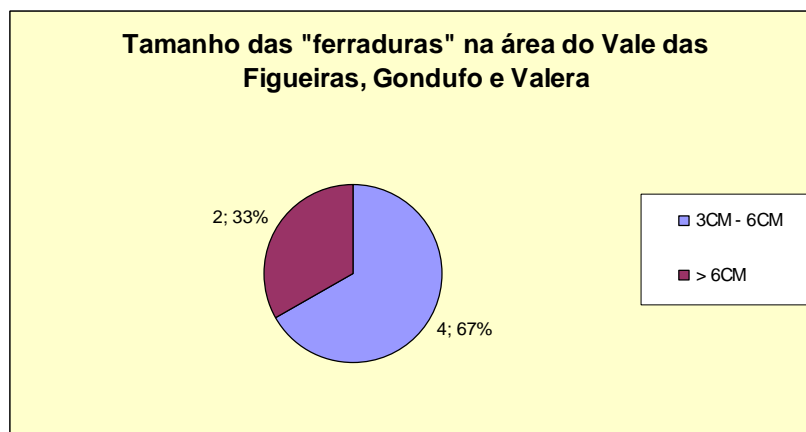
### *Ferraduras*

O motivo de ferraduras está representado nas áreas do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera com cerca de 6 representações, destas 67 %, 4 gravuras da amostra são ferraduras simples, seguem-se as ferraduras com “fossete”, correspondendo a 33% da amostra e 2 gravuras.



**Quadro 102 – Tipologia das ferraduras na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

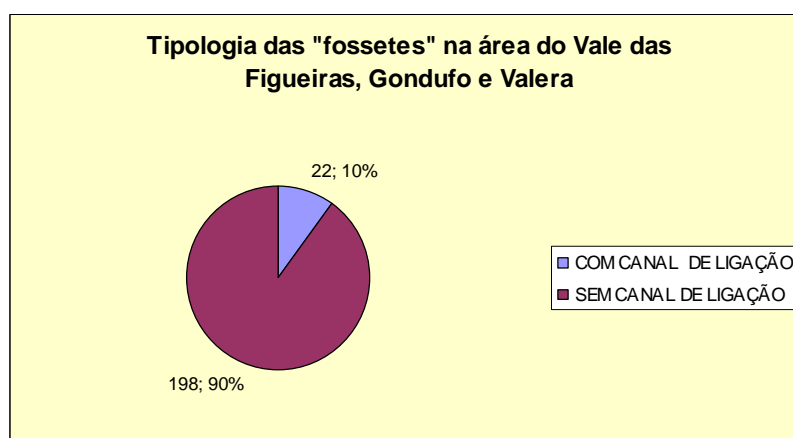
Em relação ao tamanho das ferraduras, 67% correspondente a 4 gravuras, têm entre 3 cm a 6 cm; com 33 % do total e correspondendo a 2 gravuras encontram-se as ferraduras com mais de 6 cm de comprimento;



**Quadro 103 – Tamanho das gravuras tipo ferraduras na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

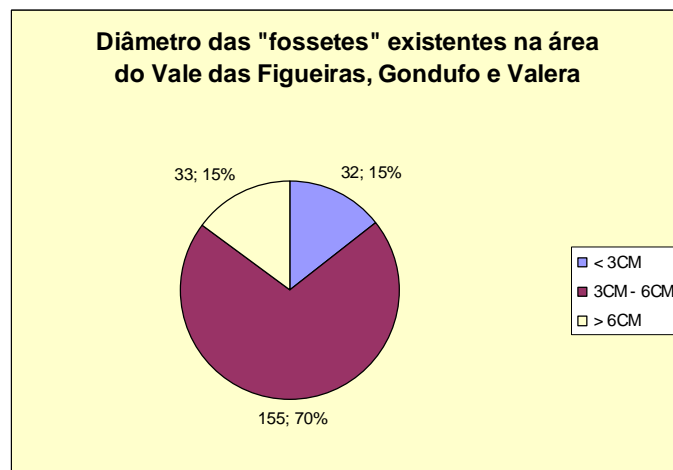
#### ***Fossetes ou covinhas***

As “fossetes” são uma das representações mais frequentes, correspondendo a 220 gravuras, observou-se a existência de apenas 22 “fossetes” ligadas a um canal, 10% da amostra, enquanto que 90%, correspondendo a 198 gravuras apresentam-se sem canal. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso



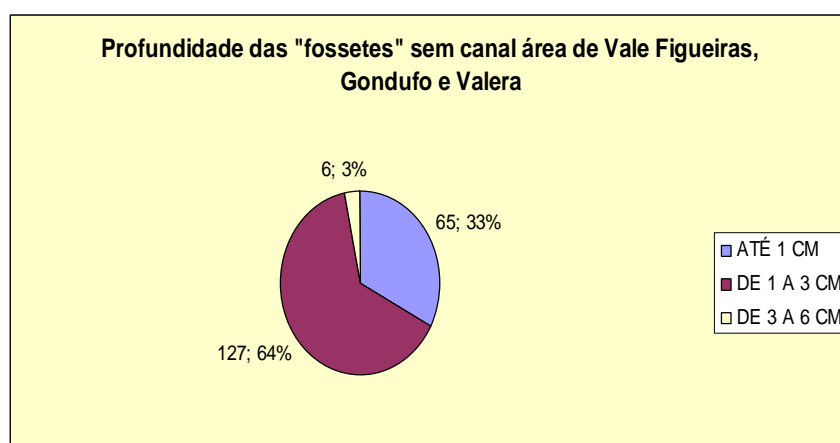
**Quadro 104 – Tipologia das “fossetes” na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Em relação ao diâmetro predominam as “fossetes” entre os 3 cm a 6 cm, com 70% da amostra correspondendo a 155 gravuras; seguem-se as “fossetes” com mais de 6 cm, com 33%, correspondendo a 15%; seguindo-se as “fossetes” com menos de 3 cm com 15% e 32 gravuras.



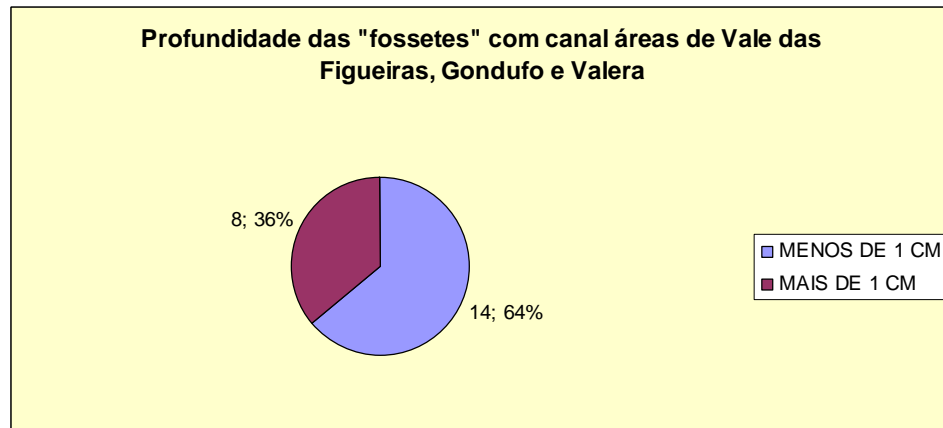
**Quadro 105 – Diâmetro das “fossetes” existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Em relação à profundidade das “fossetes” sem canal, predomina o valor de 1 cm a 3 cm, com 64% correspondente a 127 gravuras, seguindo-se as “fossetes” até 1 cm de profundidade com 33% e 65 gravuras, enquanto que as “fossetes” entre os 3 cm e os 6 cm com 3%, correspondente a 6 gravuras.



**Quadro 106 – Profundidade das “fossetes” sem canal área de Vale Figueiras, Gondufo e Valera**

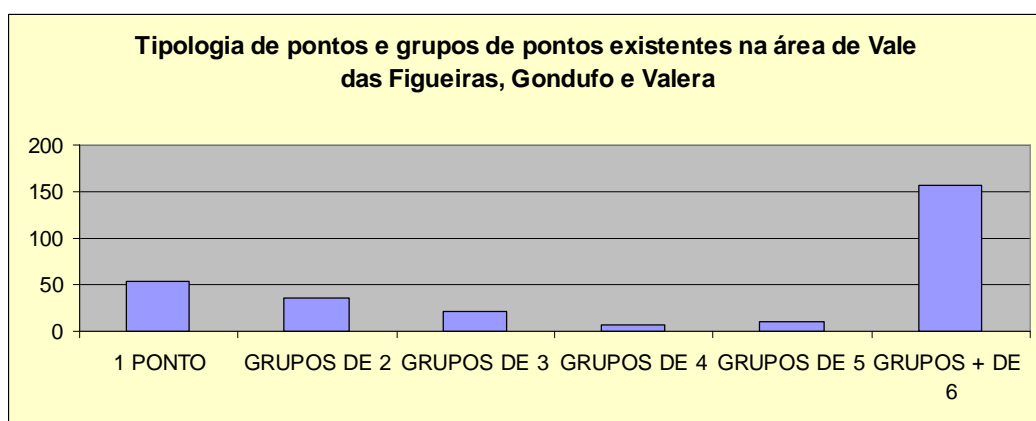
Nas “fossetes” com canal, predomina o valor de menos 1 cm de profundidade, com 64% correspondente a 14 gravuras, seguindo-se as “fossetes” com mais de 1 cm de profundidade com 36% e 8 gravuras.



**Quadro 107 – Profundidade das “fossetes” com canal áreas de Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

***Grupo de pontos***

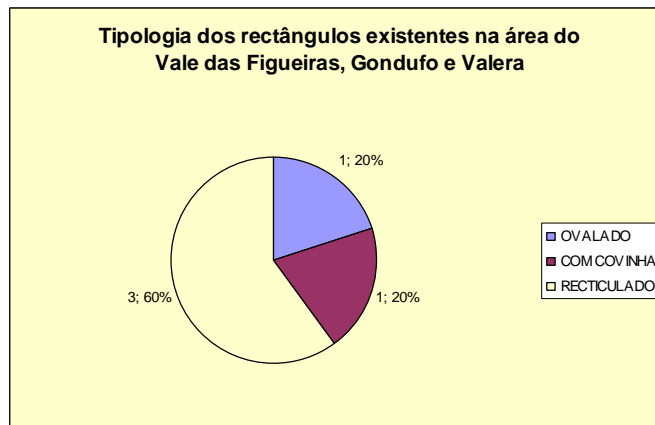
A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados; os conjuntos de 6 ou mais pontos, é predominante em relação a todos os outros grupos de pontos martelados.



**Quadro 108 – Tipologia de pontos e grupos de pontos existentes na área de Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

## ***Rectângulos***

Os recticulados estão representados por 3 gravuras, 60% da amostra; seguindo-se os rectângulos ovalados e os rectângulos com covinha estão representados com 1 gravura, representando 20% da amostra cada.

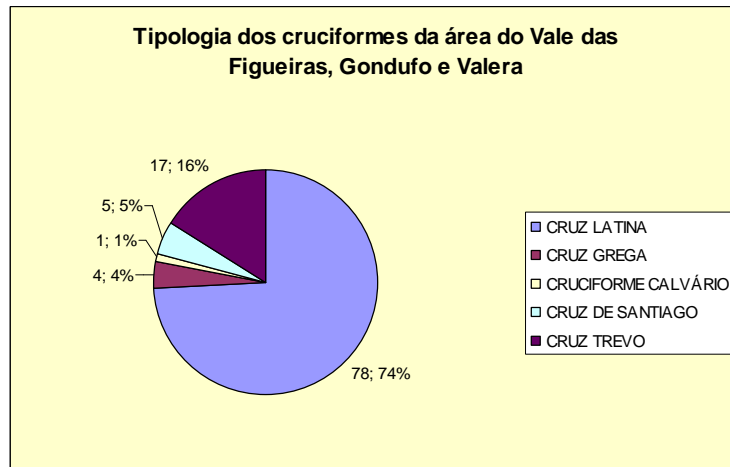


**Quadro 109 – Tipologia dos rectângulos existentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

## ***Cruciformes***

Encontram-se representados cerca de 105 cruciformes, gravadas predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruzes latinas 74%, correspondente a 78 gravuras; seguidas das cruzes de trevo com 16%, correspondentes a 17 gravuras; as cruzes de Santiago seguem com 5% e com 5 gravuras; as cruzes gregas com 4% e 4 gravuras; por último seguem-se os cruciformes Calvário com 1% e uma gravura.

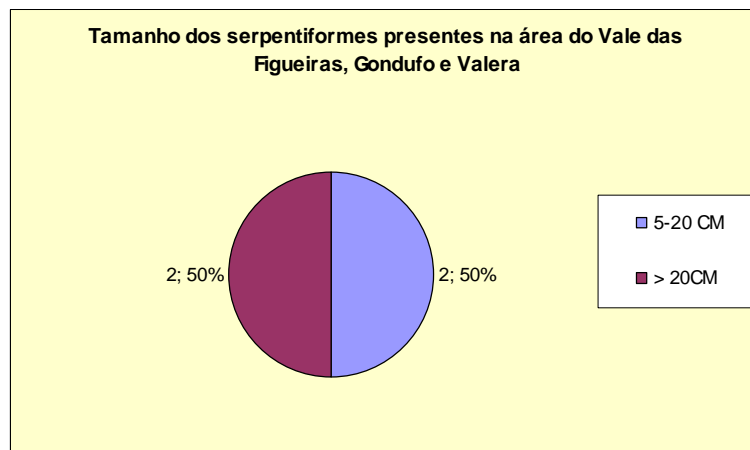




**Quadro 110 – Tipologia dos cruciformes da área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 4 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguindo-se de abrasão. Existindo o mesmo número de gravuras entre os serpentiformes com mais de 20 cm de comprimento e os serpentiformes entre os 5 cm e os 20 cm, ambos com 2 gravuras.



**Quadro 111 – Tamanho dos serpentiformes presentes na área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera**

Outros motivos estão também presentes, com 1 gravura: falo, antropomorfo; alfabetiformes/numeriformes, com 7 gravuras; molduras com 3 gravuras; vulviforme e

pentagramas ambos com 2 gravuras. Destacam-se ainda as rodas com 7 gravuras exclusivamente de 2 raios.

## **Área da bacia hidrográfica dos rios Unhais/ Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva**

### **Área da Serra do Chiqueiro**

A Serra do Chiqueiro, situa-se no mesmo maciço montanhoso que constitui a Serra do Açor e Serra da Estrela, mas a Sul destas duas elevações, a uma altitude média dos 1067 m. (Ver Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, Apêndice n.º 3, n.ºI Serra do Chiqueiro, mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica dos rios Zêzere e Unhais – Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, mapa n.º38, pág. 537)

A Serra do Chiqueiro desenvolve-se aproximadamente no sentido Sul/Norte, fornando uma linha de montanha com uma cumeada estreita. A sua orografia possibilitou desde a Pré-história até aos nossos dias a sua natural utilização como uma via natural, ligando a bacia hidrográfica do Tejo com a do Mondego, e dando acesso às pastagens da Serra da Estrela. Marca também a fronteira entre bacias hidrográficas, de regiões, de distritos e concelhos.

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área geográfica foram trabalhos de prospecção arqueológica realizados no âmbito de um estudo prévio para um parque eólico do Grupo Enersis e no qual não se terá detectado nenhum sítio arqueológico. (FERNANDES, C.:2005).

Em Dezembro de 2006, e na sequência da implementação das medidas de minimização preventivas e habitualmente realizadas sobre o património cultural na implementação de projectos eólicos; realizou-se um acompanhamento arqueológico sob a responsabilidade científica do signatário e da A.P.I.A. para a mesma empresa.<sup>66</sup>

Com o início dos trabalhos de acompanhamento arqueológico, identificaram-se logo as primeiras seis lajes gravadas. De Janeiro de 2007 a Outubro de 2007 foram identificadas mais sessenta e sete lajes gravadas num total de setenta e três lajes com arte

---

<sup>66</sup> Grupo ENERSIS, projecto esse que era constituído por duas torres aerogeradoras e uma linha eléctrica que começava próximo da Aldeia de Dornelas do Zêzere até à área da Serra do Chiqueiro.

rupestre, e mais três sítios de interesse arqueológico/etnográfico constituídos pelos vestígios de duas estruturas em xisto, destacam-se ainda um troço de estrada antiga escavada na rocha.<sup>67</sup> Saliente-se também a recolha de um pequeno cristal associado a uma das principais lajes com arte rupestre da área, que apresenta vários patamares cobertos com covinhas, existindo na base a representação de antropomorfos. O conjunto poderá representar uma espécie de caminho ascético, estando o homem representado na base desta cosmologia. (Ver Tomo IX, Apêndice nº7, nºI, área da Serra do Chiqueiro; fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, sítio n.º488, pág. 2526 a 2534)

Paralelamente a estes estudos de prevenção o signatário desenvolveu investigação no local, efectuando-se um intenso trabalho de prospecção arqueológica, registo fotográfico, e levantamentos topográficos, decalques directos em acetato, bem como limpeza de algumas lajes, usando-se espátulas de madeira e escovas macias.

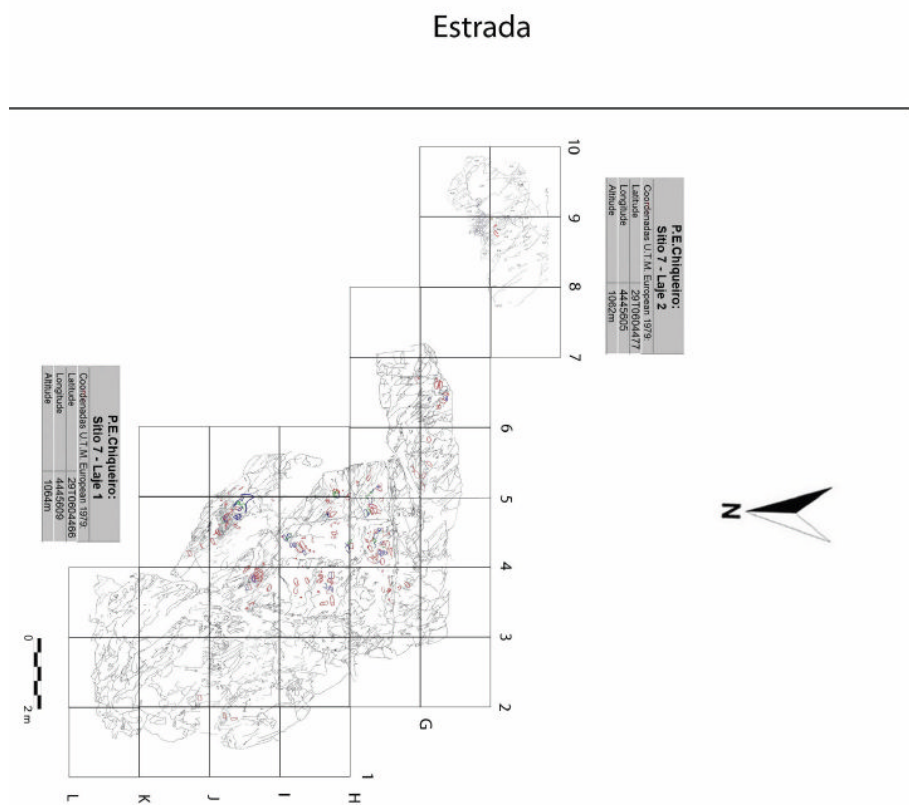
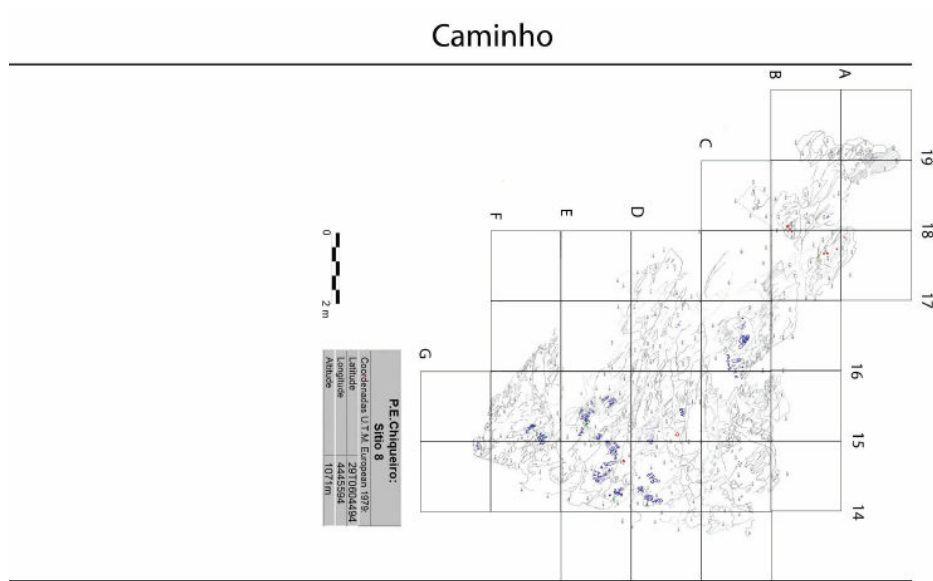
Dos sítios identificados destacam-se algumas lajes que corriam risco de destruição por se localizarem no próprio afloramento da cumeada, onde no passado foram abertas duas estradas florestais paralelas uma em relação à outra. (ver ilustração n.º143, Tomo I, pág. 327 e Tomo IX, Apêndice nº7, nºI, área da Serra do Chiqueiro; fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, sítios n.º478, 479 e 480, pág. 2484 a 2506)

Nestes sítios efectuou-se a sua limpeza e desenhou-se toda a área com auxílio de uma grelha, com quadrados de 2 m x 2 m e com dois eixos perpendiculares (N-S e outro O-E). Um eixo com uma ordem numérica, outro com uma ordem alfabética, seguindo-se numa o Norte magnético, outra uma linha Este/Oeste, realizando-se igualmente sondagens e a decapagem manual do afloramento.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Nestes trabalhos de acompanhamento foram acautelados todos os sítios arqueológicos identificados, através de medidas de minimização que foram definidas com a visita ao local do representante do delegado do antigo Instituto Português de Arqueologia (IGESPAR), nomeadamente o Dr. Nunes Monteiro da Extensão de Pombal. Realizou-se desta forma o reajuste de caminhos projectados e traçado das valas de cabos eléctricos que ligavam as duas máquinas aerogeradoras.

<sup>68</sup> Sobretudo das áreas afectadas pela passagem da vala de cabos e das valas de saneamento/drenagem da estrada.



**Ilustração 143 – Planta da intervenção arqueológica efectuada nas lajes gravadas, sítios nº 478, 479 e 480 do inventário geral**

### ***Arte rupestre Paleolítica ou de tradição Paleolítica (Epipaleolítica) no Parque Eólico do Chiqueiro***

Durante os trabalhos realizados na área da Serra do Chiqueiro, detectou-se num afloramento irregular de xisto<sup>69</sup>, (ver Tomo IX, Apêndice nº7, nºI, área da Serra do Chiqueiro; fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, sítio n.º503, pág. 2583 a 2586). Neste painel encontramos uma superfície que estava enterrada e outra que estava ao ar livre e desta forma muito oxidada. Esta superfície apresentava um pendor bastante acentuado com cerca de 30° de inclinação o que também a distingue de outras da mesma área. Numa das vertentes deste afloramento, o painel que se encontrava protegido pela terra, com cerca de 15 cm, detectámos um painel com um conjunto de pequenas gravuras incisivas filiformes, raspadas e marteladas de forma combinada. A superfície gravada apresentava um conjunto, com cerca de 6 zoomorfos, sendo o sexto apenas as pernas de um quadrúpede bem gravado através do método da incisão/filiforme. Existindo outras gravuras mais recentes realizadas por abrasão também no mesmo painel. Assim observou-se as seguintes gravuras neste painel (ver ilustração n.º 144 do Tomo I, pág. 329):

A gravura n.º1, identificamo-la como um ideomorfo: uma cabeça virada para a direita, de perfil de carácter naturalista, possivelmente de um bovide, estando representando parte da linha cervico-dorsal, os cornos e parte do pescoço do animal.

A gravura n.º2, identificamo-la como um quadrúpede, um grande herbívoro, possivelmente um auroque? Encontra-se virado para a direita, de perfil de carácter naturalista, apresenta vestígios de cornos, a linha do ventre e linha cervico dorsal bem delineadas; encontra-se em movimento pela posição das pernas da frente, como que saltando. Apresenta ainda uma gravação que parte da perna dianteira e se prolonga para fora do corpo passando pela área do coração do animal.

A gravura n.º3, identificamo-la como um grande quadrúpede, visto de perspectiva torcida seguindo a classificação de Sanchidrián (2005:258-259), como um grande

---

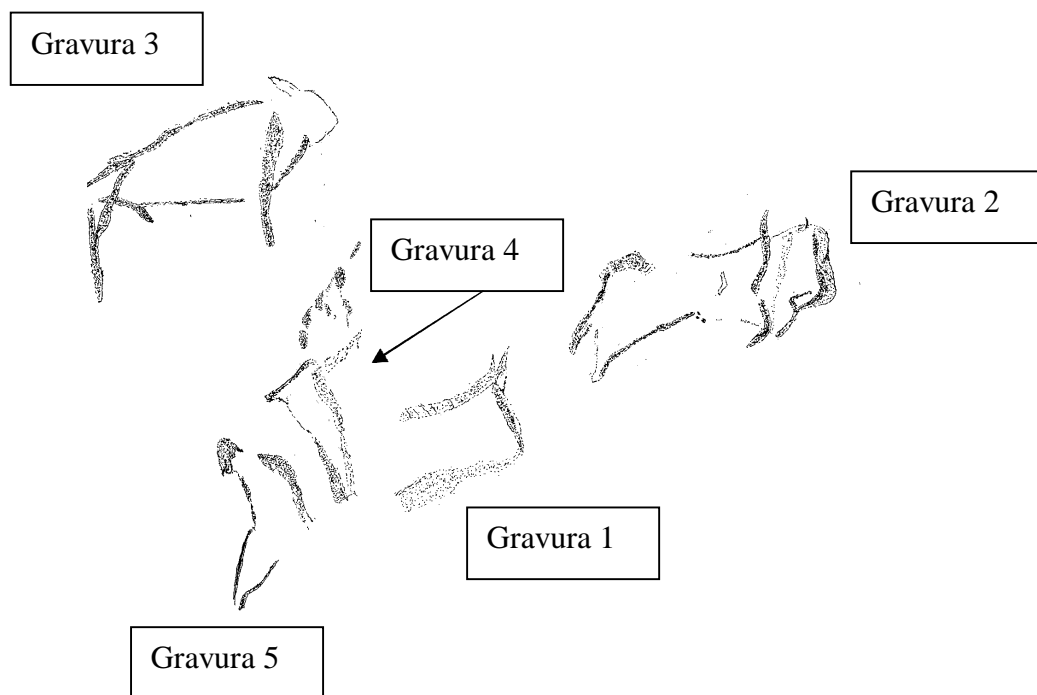
<sup>69</sup> Próximo da torre aerogeradora n.º1 do Parque Eólico do Chiqueiro (torre situada mais a norte), as lajes existentes apresentam-se bastante afectadas pela passagem de máquinas que ali colocaram uma torre meteorológica, existindo algumas áreas cobertas com cimento.

herbívoro, possivelmente um bovívdeo. Encontra-se virado para a direita, de carácter naturalista. Apresenta a linha cervico-dorsal e a linha do ventre bem delineada. Encontrando-se representadas apenas duas pernas, a da frente e de trás dada a vista de perfil. Estando ainda representado os quadris do animal e provavelmente o órgão sexual.

A gravura n.º4, identificamo-la como uma cabeça e pescoço de um cervívdeo de perfil, virado para a esquerda. Na gravura encontra-se representada ainda as hastes de um animal adulto.

A gravura n.º5, identificamo-la como a representação de um prótomos: equívdeo de perfil, com mandíbulas bem marcadas, com crina bem delineada e pescoço. Encontra-se ainda gravado apenas parte da perna de frente do animal.

A gravura n.º6, vestígios de um quadrívpede restando deste apenas as pernas que se localizam na área da cabeça da gravura n.º 3. (Ver sítio n.º503, ilustrações n.º151, Tomo IX, Apêndice n.º7, n.ºI, área da Serra do Chiqueiro, pág. 2586).

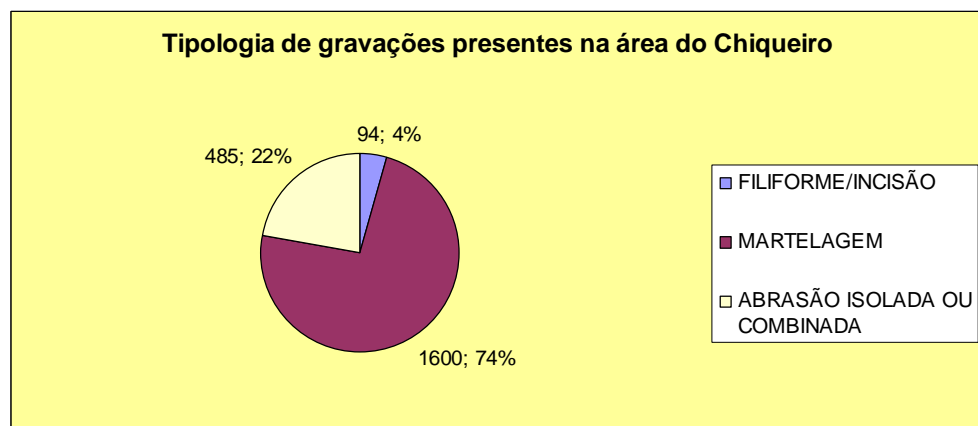


**Ilustração 144 – Levantamento de painel com gravuras zoomórficas**

## **Resultados**

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da Serra do Chiqueiro, definiu-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total de cerca de 1875 gravuras.

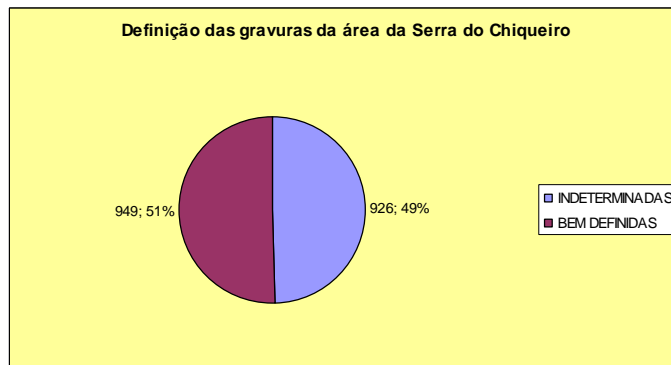
Observa-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 74%, correspondendo a 1600 gravuras, seguindo-se a abrasão com 22%, e 485 gravuras e por último o método de gravação através da incisão/ traço filiforme com 4 %, correspondendo a 94 gravuras.



**Quadro 112 – Métodos de gravação presentes na área do Chiqueiro**

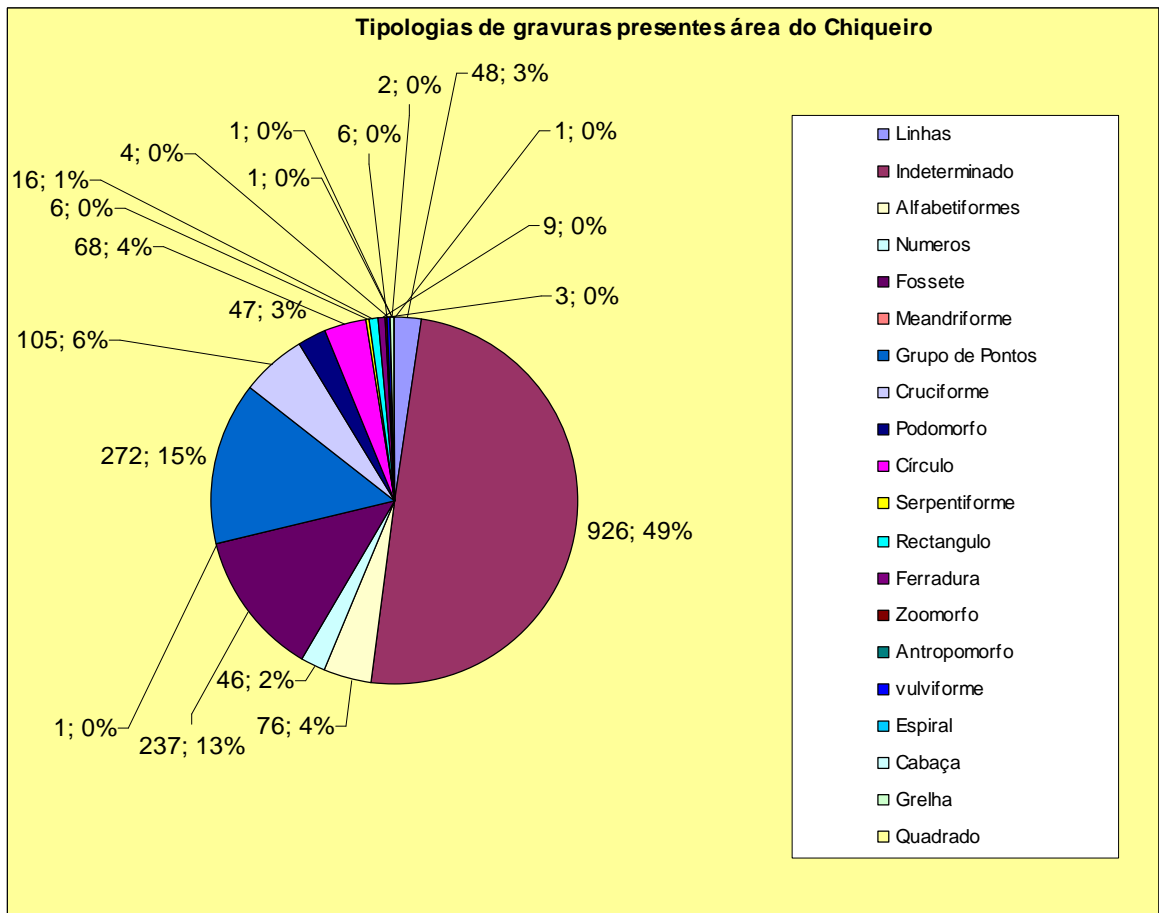
Num universo estudado de 1875 gravuras, observa-se que 51%, correspondendo a 949 gravuras observadas têm uma forma definida, enquanto que 49%, correspondendo a 926 das gravuras não apresentam uma forma bem definida, indeterminadas.





**Quadro 113 – Definição das gravuras da área da Serra do Chiqueiro**

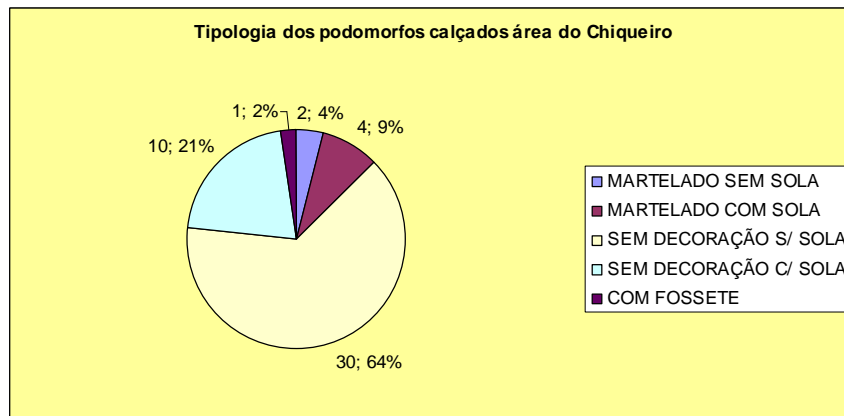
Tipologicamente observa-se que existe o predomínio das gravuras indeterminadas com 49%, com 926 gravuras; seguem-se os pontos e grupos de pontos com 15% e 272 gravuras; seguindo-se as “fossetes” com 13% e 237 gravuras, realizadas sobretudo através da martelagem e abrasão; segue-se os motivos cruciformes com 6% com 105 gravuras; seguem-se os conjuntos de alfabéticos com 4% e 76 gravuras; os motivos circulares aparecem de seguida com apenas 4% e 68 gravuras; seguem-se as linhas com 3% e 48 gravuras; os podomorfos com 3% e 47 gravuras; os números com 2% e 46 gravuras; os rectângulos com 1% e 16 gravuras; as ferraduras com 0,48% e 9 gravuras; os motivos serpentiformes e os zoomorfos representam 0,32% e 6 gravuras; as representações de antropomorfos representam 0,21% e 4 gravuras; os vulviformes representam 0,16% e 3 gravuras; as grelhas representam 0,11% da amostra com 2 gravuras; espirais, meandriforme, cabaças e quadrados estão representados cada por 0,05% da amostra e 1 gravura;



**Quadro 114 – Tipologia das gravuras e sua frequência na área do Chiqueiro**

### *Podomorfismo*

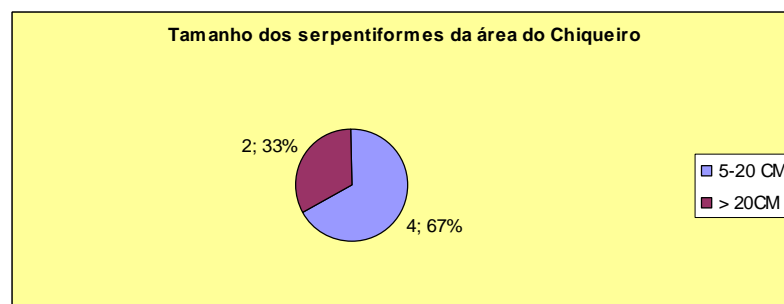
O fenómeno do podomorfismo na área da Serra do Chiqueiro encontra-se também representado. Da análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos sem decoração e sem sola com cerca de 64%, correspondendo a 30 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração com sola, com 21% correspondendo a 10 gravuras; podomorfos martelados com sola 9%, correspondendo a 4 gravuras; os podomorfos martelados sem sola com 4% correspondendo a 2 gravuras e os podomorfos associados a “fossete” com 2% correspondendo a 1 gravura;



**Quadro 115 – Tipologia dos podomorfos calçados na área do Chiqueiro**

Predominam ainda a representação de podomorfos adultos, na ordem dos 100%, correspondendo a 47 representações. Não existindo representações de podomorfos juvenis.

### *Serpentiformes*

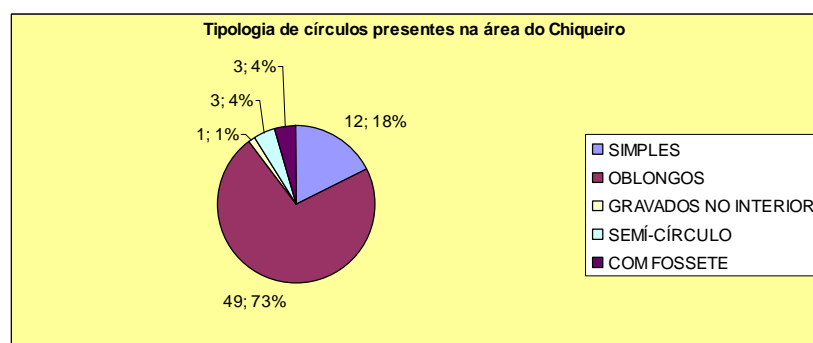


**Quadro 116 – Tamanho dos serpentiformes na área do Chiqueiro**

Os motivos serpentiformes maioritariamente gravados através do método de abrasão estando representados cerca de 6 motivos; predomina também o tamanho entre os 5 cm e os 20 cm, 67% da amostra com 4 gravuras, enquanto que os serpentiformes com mais de 20 cm representam 33% da amostra ou seja 2 gravuras.

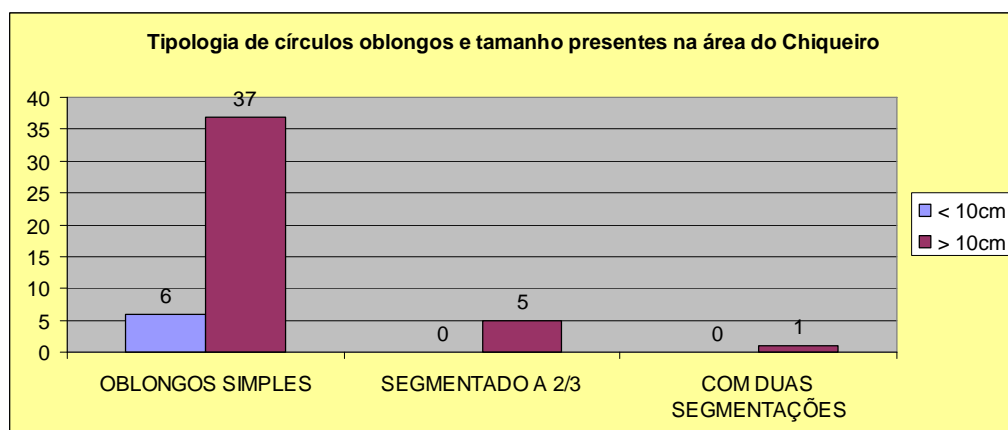
### *Motivos circulares*

Dos motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos com 73% da amostra correspondendo a 49 gravuras; seguidos de círculos simples, com 12% da amostra correspondendo a 12 gravuras; com 4% da amostra aparecem os semi-círculos e os círculos com “fossetes”, correspondendo a 3 gravuras; os círculos gravados no interior representam 1% da amostra com 1 gravura.



**Quadro 117 – Tipologia dos círculos presentes na área do Chiqueiro**

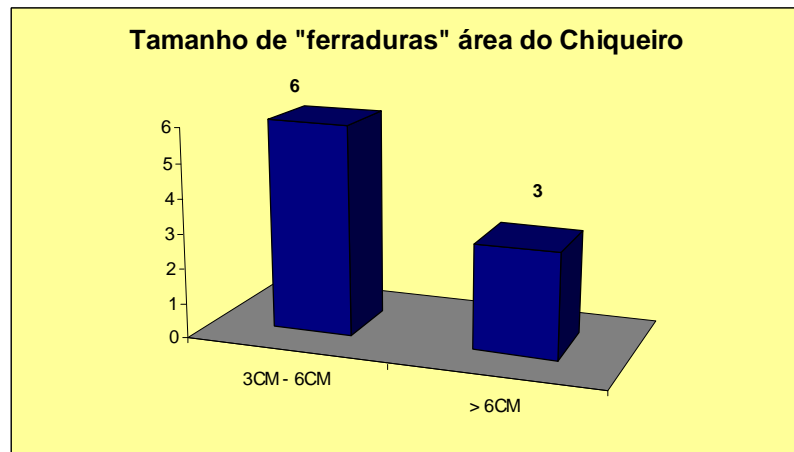
Os círculos oblongos simples são também os mais frequentes. Predominam também os que tem maiores dimensões



**Quadro 118 – Tipologia de círculos oblongos, tamanho e sua frequência**

## ***Ferraduras***

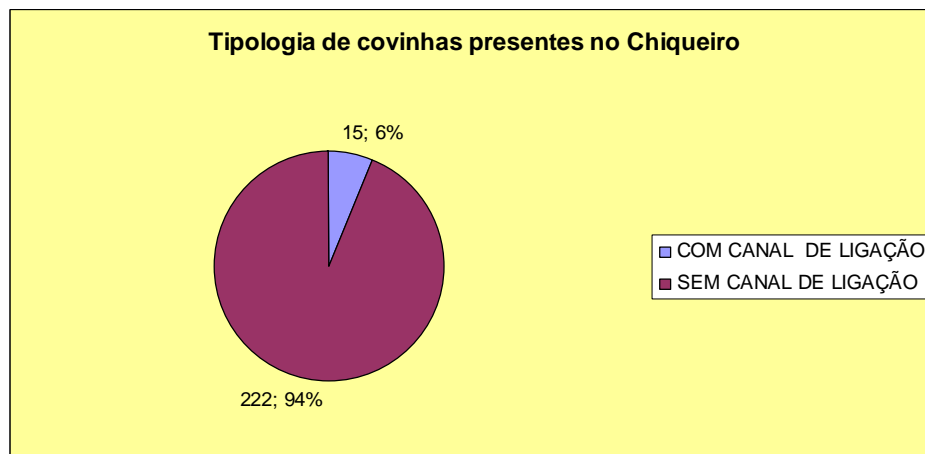
O motivo de “ferraduras” está representado na área da serra do Chiqueiro com cerca de 9 representações, predominando as ferraduras, com o tamanho médio entre os 3 cm e os 6 cm.



**Quadro 119 – Tamanho e frequência das ferraduras área do Chiqueiro**

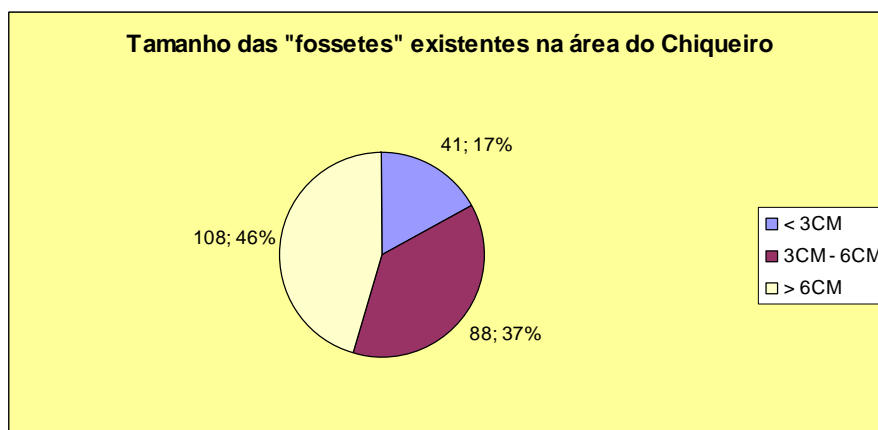
## ***“Fossetes” ou covinhas***

As “fossetes” são uma das representações mais frequentes. Num total de 237 gravuras, destas apenas 6% têm um canal de ligação, correspondendo a 15 gravuras.



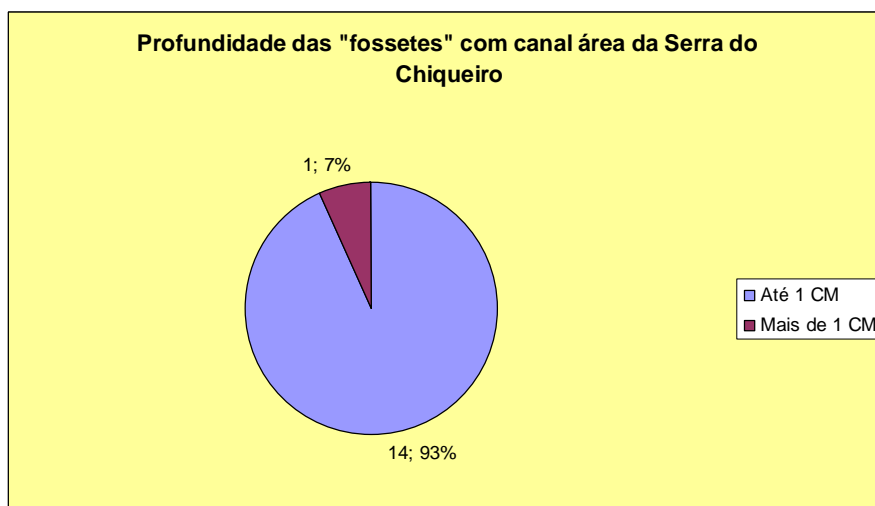
**Quadro 120 – Tipologia de covinhas presentes na área do Chiqueiro**

Cerca de 46% das “fossetes”, correspondendo a 108 gravuras têm mais 6 cm de diâmetro; 37%, correspondendo a 88 gravuras têm entre os 3 cm e os 6 cm; 17 % das “fossetes” correspondendo a 41 gravuras, têm menos de 3 cm de largura.



**Quadro 121 – Tamanho das “fossetes” existentes na área do Chiqueiro**

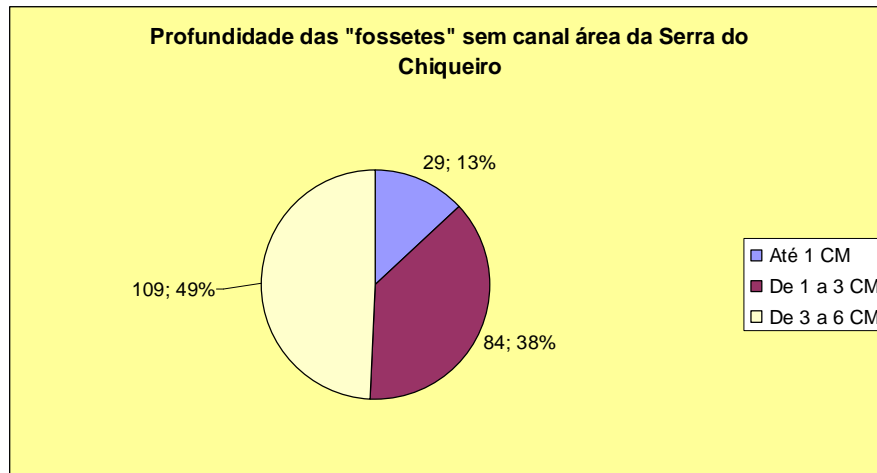
Nas “fossetes” com canal, predomina o valor de menos 1 cm de profundidade, com 93% correspondente a 14 gravuras, seguindo-se as “fossetes” com mais de 1 cm de profundidade com 7% e 1 gravuras.



**Quadro 122 – Profundidade das “fossetes” com canal área da Serra do Chiqueiro**

Em relação à profundidade das “fossetes” sem canal, predominam as “fossetes” entre os 3 cm e os 6 cm com 49%, correspondente a 109 gravuras; seguindo-se as

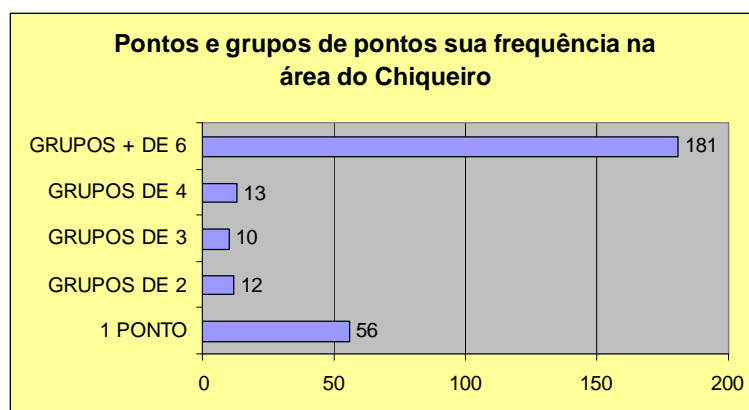
“fossetes” de 1 a 3 cm de profundidade com 38% e 84 gravuras, enquanto que até 1 cm estão presentes em 13% e 29 gravuras.



**Quadro 123 – Profundidade das “fossetes” sem canal área da Serra do Chiqueiro**

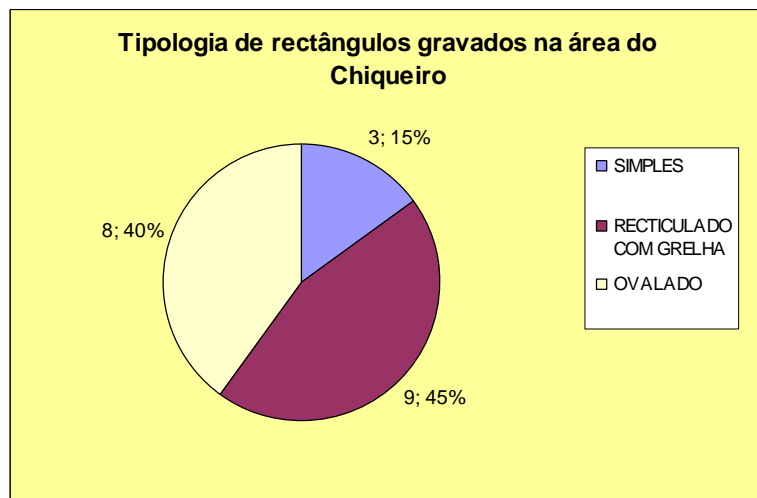
### *Grupo de pontos*

A representação de pontos gravados e grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, estando representados por 272 gravuras. Os conjuntos de 6 ou mais de 6 pontos são predominantes em relação a todos os outros grupos de pontos martelados, com 181 gravuras do total, seguindo-se as gravuras de 1 ponto com 56 gravuras; seguindo-se as de 4 pontos com 13 gravuras; seguem-se os de 2 pontos com 12 gravuras e os grupos de 3 pontos com 10 gravuras.



**Quadro 124 – Pontos e grupos de pontos sua frequência área do Chiqueiro**

## *Rectângulos*



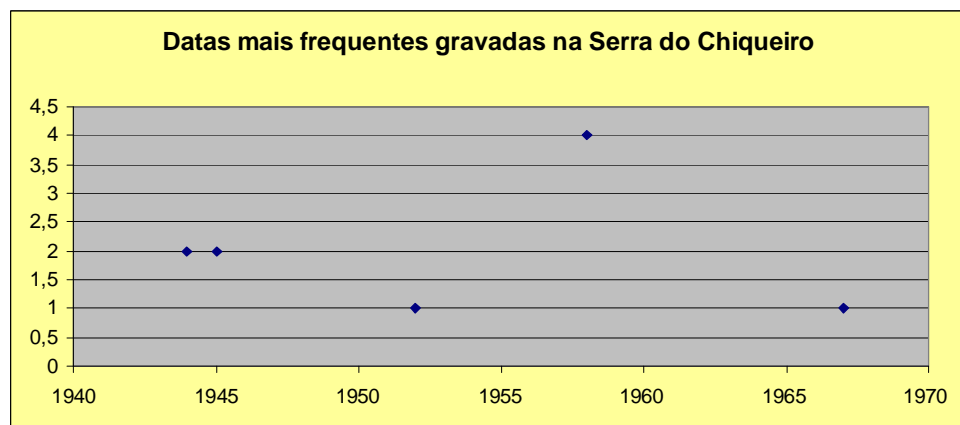
**Quadro 125 – Tipologia dos rectângulos gravados e sua frequência na área do Chiqueiro**

A tipologia dos rectângulos está presente com 16 gravuras. Estando representados os rectângulos com recticulado com grelha em 45% da amostra e 9 gravuras; os rectângulos ovalados, representam 40% da amostra e 8 gravuras, seguindo-se os rectângulos simples com 15% do total correspondendo a 3 gravuras.



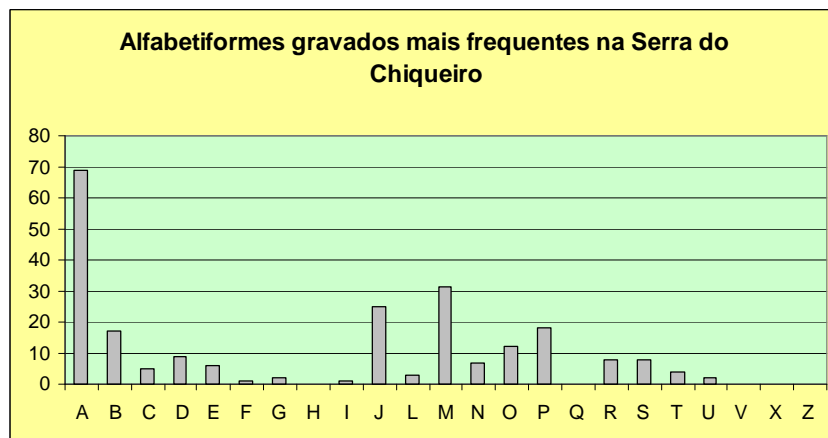
## *Alfabetiformes*

As representações de motivos alfabetiformes está bem documentada, testemunhando a passagem no local de várias pessoas, provavelmente pastores, sobretudo na primeira metade do século XX, predominando as letras A, J, M e P.



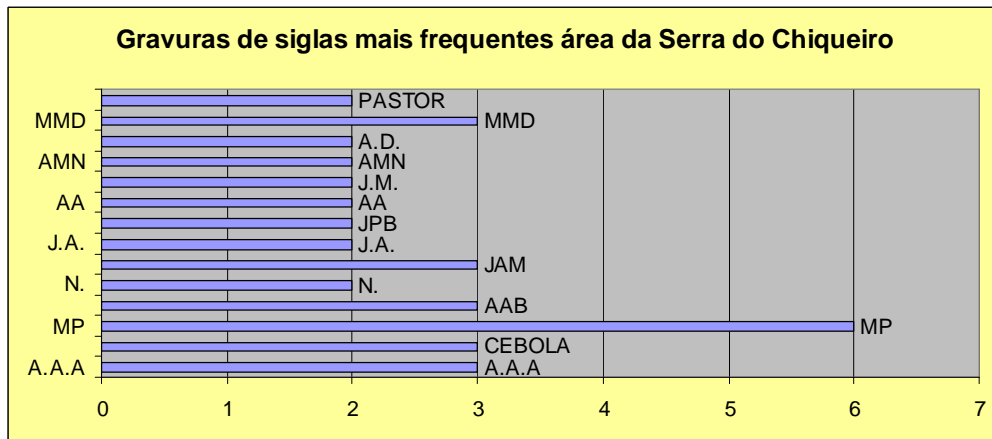
**Quadro 126 – Datas gravadas na Serra do Chiqueiro**

Verifica-se também a existência de várias datas do século XX.



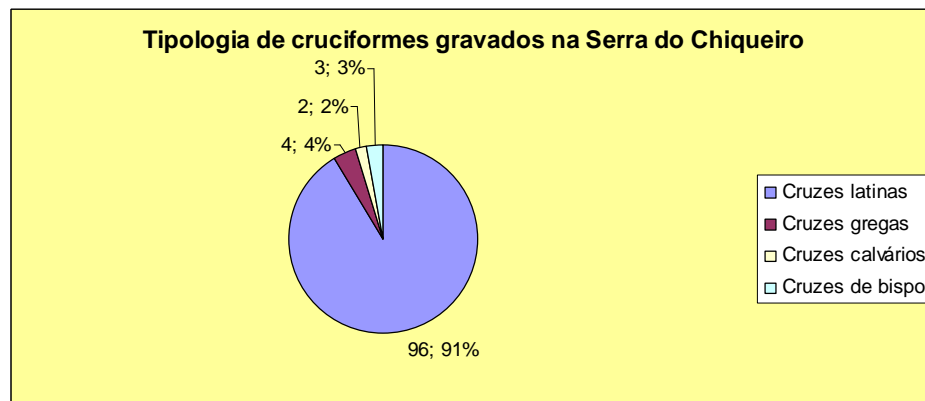
**Quadro 127 – Frequência dos alfabetiformes presentes na área da Serra do Chiqueiro**

Verificam-se a existência ainda no século XX de circulação de pessoas pela área, como provam as várias datas deste período associadas a várias siglas e nomes. Verifica-se a gravação das mesmas siglas em várias lajes, o que nos faz propôr a passagem do mesmo gravador pelo local muito provavelmente em alturas diferentes.



Quadro 128 – Siglas e nomes na área da Serra do Chiqueiro

### Cruciformes



Quadro 129 – Tipologia dos cruciformes gravados e sua frequência na Serra do Chiqueiro

Dos vários motivos cruciformes presentes, destacam-se a grande quantidade de representações de cruzes latinas, na ordem dos 96 % do total, correspondendo a 96 cruces gravadas, predominantemente através de martelagem seguindo-se de abrasão; as cruces gregas estão representadas em 4% das gravuras correspondendo a 4 gravuras; seguem-se as cruces de bispo com 3%, correspondendo a 3 gravuras; a representação de cruces calvárias está representada por 2% das gravuras, correspondendo a 2 gravuras.

## Serra da Abuceira

A Serra da Abuceira, é o prolongamento natural da continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra da Estrela, mas a Sul desta última elevação, a uma altitude média acima dos 700 m, concelho da Covilhã e distrito de Castelo Branco. Fica situada numa linha de cumedeira no sentido Norte/Sul. (Ver Mapa n.º7, Tomo I, pág.235 e Tomo II, Apêndice n.º 3, n.ºII mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, mapa n.º39, pág. 538)

Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados nesta área geográfica, remontam ao ano de 2005, na sequência de um estudo de impacto ambiental<sup>70</sup>, na sequência da linha eléctrica de interligação do «Parque Eólico das Pedras Lavradas», estes trabalhos de prospecção detectaram vários sítios de arte rupestre que seriam posteriormente inventariados e inseridos nas cartas de projecto de forma que pudessem ser acautelados, nomeadamente na área do Alto da Portela dos Pedrões ou Pedra Alta, nas proximidades de Tortosendo com cinco lajes gravadas, (fora da nossa área de estudo) e dois núcleos de gravuras que se situam na Serra da Abuceira: área da Portela da Casa Branca, com sete lajes gravadas e área de Caramouço/Abuceira com cerca de 3 lajes gravadas.

Ainda em 2005 realizam-se novos trabalhos arqueológicos na área da Abuceira.<sup>71</sup> Estes trabalhos consistiam em novas prospecções arqueológicas sistemáticas e registo das gravuras através do decalque directo sob acetato fino, registo fotográfico e estudo exaustivo e acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de construção civil respeitantes ao projecto.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> Sendo o promotor o Grupo EDP e as empresas Agri-Pro Ambiente Consultores S.A. e empresa Munis – Atelier de Arqueologia, Lda., sob a responsabilidade dos arqueólogos João Carlos Lobão e António Carlos Marques.

<sup>71</sup> Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica através da direcção científica do signatário, com o auxílio de outros arqueólogos desta Instituição realiza para o promotor do projecto, Grupo EDP a implementação de medidas minimizadoras sobre o património arqueológico existente e o acompanhamento arqueológico do empreendimento.

<sup>72</sup> Nos trabalhos de acompanhamento foram acautelados todos os sítios arqueológicos identificados, através de medidas de minimização que foram definidas com a visita ao local do representante do delegado do antigo

Com estes novos trabalhos arqueológicos e as novas prospecções arqueológicas no âmbito desta tese, identificaram-se mais 44 novas lajes gravadas, num contexto total de 54 lajes (ver Tomo X, Apêndice nº7, fichas de sítio de arte rupestre n.º 536 a 589 das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva nºII, área da Abuceira, pág. 2689 a 2900). Destacam-se ainda, troços de duas vias antigas na área da Portela da Casa Branca no sentido Este/Oeste (ver sítios 906 e 907, Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, pág. 661) e outro troço a Norte em direcção à Serra da Estrela (ver sítio 918, Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, pág. 665) e vários possíveis abrigos e estruturas de apoio que nós julgamos serem de apoio aos pastores ao longo dos tempos de cronologia indeterminada e que só futuros trabalhos de escavação permitirão esclarecer a sua antiguidade e se estarão relacionados com alguns destes testemunhos de arte rupestre mais antiga (ver sítios 908 e 922 Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, pág. 661 e 666)

Por último saliente-se que a dispersão da área com lajes gravadas é muito maior do que aquela que é assinalada, nomeadamente, em dois sentidos: quer a Norte em direcção ao marco geodésico da Carrapata em direcção à Serra da Alvoaça/Serra da Estrela; e nas cumeadas em direcção a Sul no sentido Caramouço/Casegas, onde existem ainda muitas lajes gravadas que não nos foi possível estudar por falta de recursos financeiros.

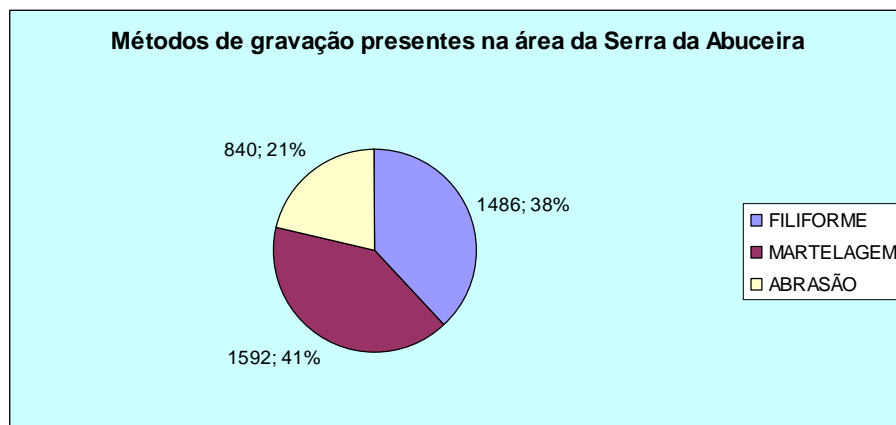
De Janeiro de 2005 a Dezembro de 2007 realizou-se um intenso trabalho de prospecção arqueológica, registo arqueológico, registo fotográfico e levantamentos topográficos, tratamento informático e tratamento estatístico de resultados, que se apresentam de seguida:

---

Instituto Português de Arqueologia (IGESPAR), nomeadamente o Dr. Carlos Banha. Realizou-se desta forma o reajuste de caminhos projectados para os postes da linha eléctrica.

## **Resultados**

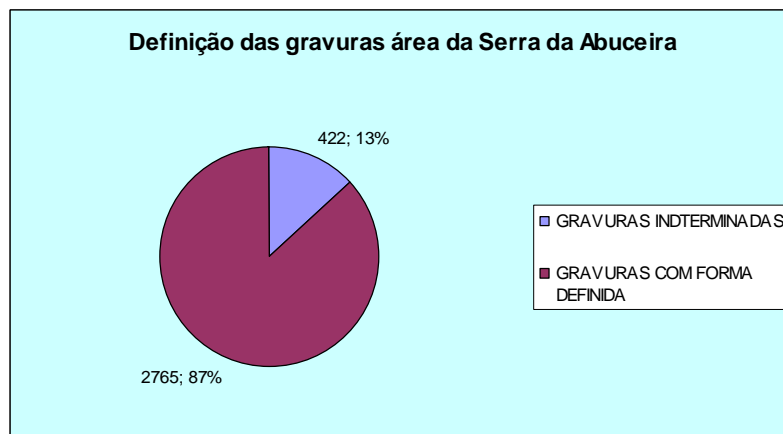
Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da Serra da Abuceira, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem, num total de cerca de 3187 gravuras.



**Quadro 130 – Métodos de gravação presentes na área da Serra da Abuceira**

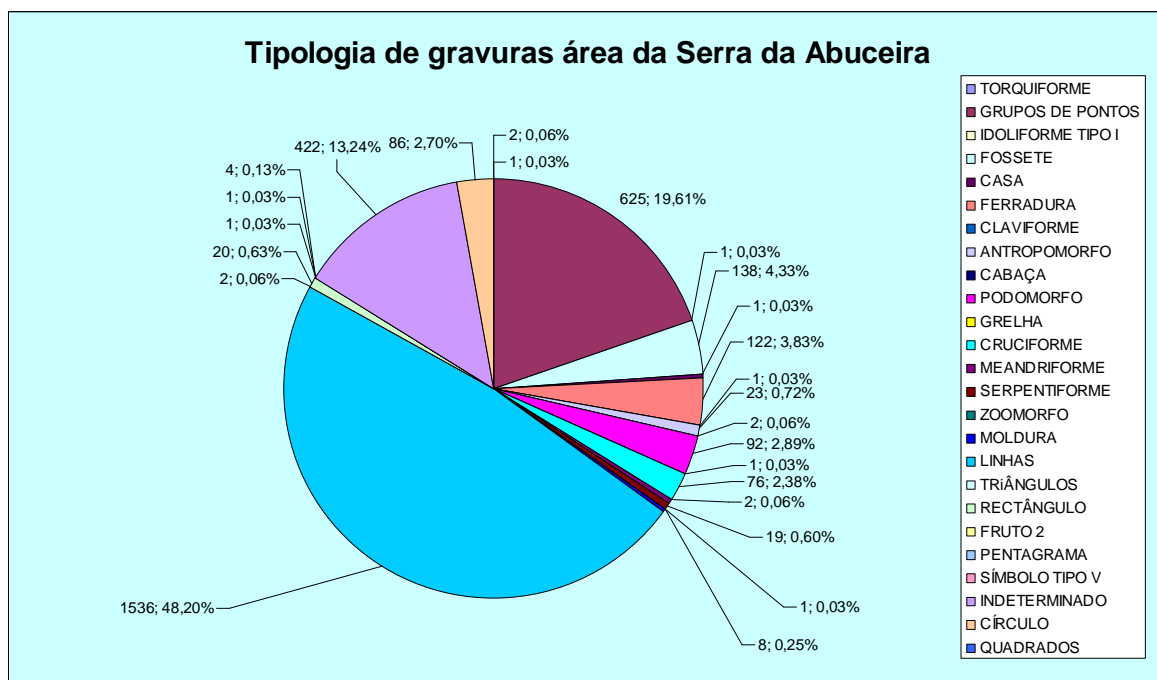
Detectando-se desta forma o predomínio do método de gravação através da martelagem com 41 %, seguindo-se o método de incisão/filiforme com 38 % e por último o método de gravação através de abrasão com 21 %.

Num universo estudado de 3187 gravuras, observa-se que 87% das gravuras, correspondendo a 2765 gravuras observadas apresentam uma forma definida, enquanto que 13%, correspondendo a 422 das gravuras não apresentam uma forma bem definida, indeterminadas.



**Quadro 131– Definição das gravuras da área da Serra da Abuceira**

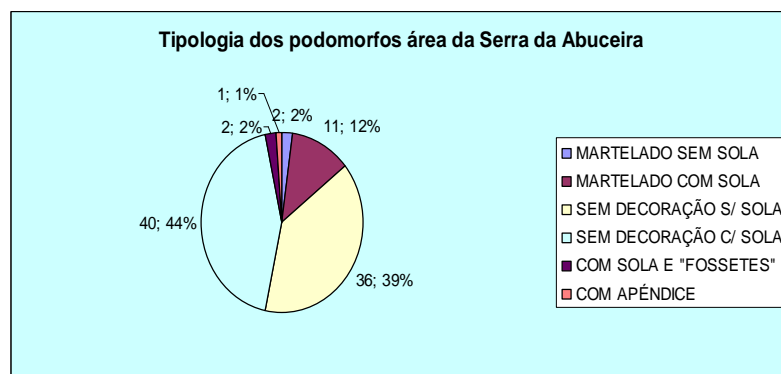
Tipologicamente observa-se o predomínio de linhas com 48,20%, correspondendo a 1536 gravuras; segue-se os pontos e grupos de pontos com 19,61%, correspondendo a 625 gravuras; os motivos indeterminados apresentam-se com 13,24%, correspondendo a 422 gravuras; a representação de “fossetes” com 4,33% com 138 gravuras realizadas através de martelagem e abrasão; as ferraduras com 3,83%, com 122 gravuras obtidas na sua maioria através de martelagem; os podomorfos com 2,89 %, correspondendo a 92 gravuras, realizados sobretudo através da martelagem; os motivos circulares aparecem de seguida com 2,70%, correspondendo a 86 gravuras; seguem-se os motivos cruciformes com 2,38%, com 76 gravuras; os antropomorfos estão representados por 0,72% com 23 das gravuras; os rectângulos estão representados com 0,63%, correspondendo a 20 gravuras; os motivos serpentiformes com 0,60%, com 19 gravuras, predominantemente gravadas através de martelagem; os motivos com a forma de moldura estão representados com 0,25%, com 8 gravuras; os motivos denominados símbolo tipo V, com 0,13 correspondendo a 4 gravuras; os motivos: tipo “cabaça”, meandriformes, triângulos, e quadrados estão representados cada por 0,06% do total por 2 gravuras; os motivos tipo torquiformes, motivo tipo idoliforme tipo I, casa, claviforme, grelha, zoomorfo, fruto 2, pentagrama, encontram-se representados por 0,03%, correspondendo a 1 gravura.



**Quadro 132 – Tipologia de gravuras da área da Serra da Abuceira**

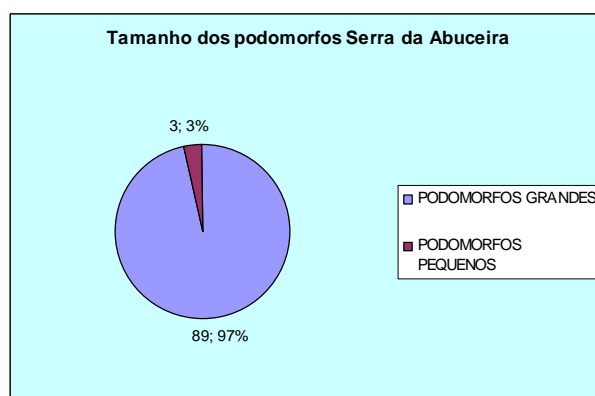
***Podomorfismo.***

O fenómeno do podomorfismo na área da Serra da Abuceira encontra-se representado por 92 gravuras, constituindo um dos principais motivos presentes. Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos gravados com sola e sem decoração, correspondendo a 44% e a 40 gravuras; os podomorfos sem decoração e sem sola representam 39% com 36 gravuras da amostra; os podomorfos martelados com sola seguem-se com 12% e 11 gravuras; os podomorfos martelados sem sola e os podomorfos com sola e “fossetes”, representam 2% e 2 gravuras cada; por último surgem os podomorfos com apêndice com 1% e 1 gravura.



**Quadro 133 – Tipologia de podomorfos na área da Serra da Abuceira**

Predominam ainda a representação de podomorfos (adultos), na ordem dos 97% e com 89 representações, enquanto que os podomorfos pequenos representam 3% correspondendo a 3 gravuras.

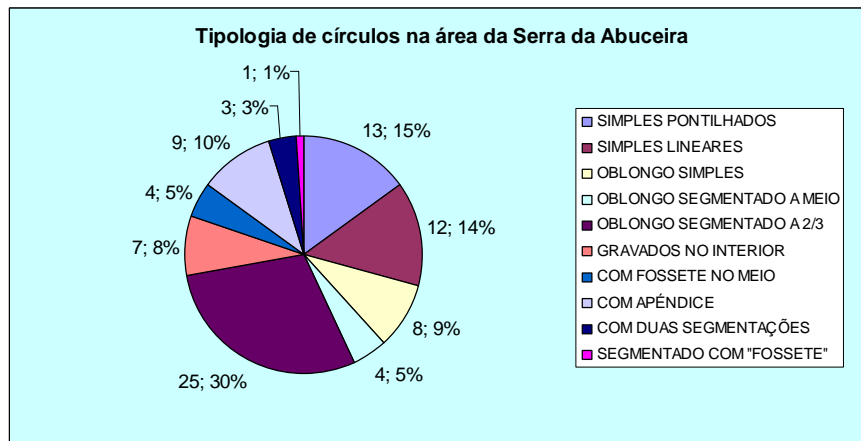


**Quadro 134 – Tamanho podomorfos na Serra da Abuceira**

### ***Motivos circulares***

Nos 86 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos segmentados a 2/3, com 30%, e 25 gravuras; seguidos de círculos simples pontilhados com 15% e 13 gravuras; motivos circulares simples lineares correspondem a 14% e 12 gravuras; os círculos com apêndice correspondem a 10% do total com 9 gravuras; os círculos oblongos simples com 9% e 8 gravuras; os círculos gravados no interior representam 8% e 7 gravuras; círculos com “fossete” representam 5% e 4 gravuras; círculos com duas segmentações com 3% e 3 gravuras; os círculos segmentados com “fossete” com 1% e 1 gravura.

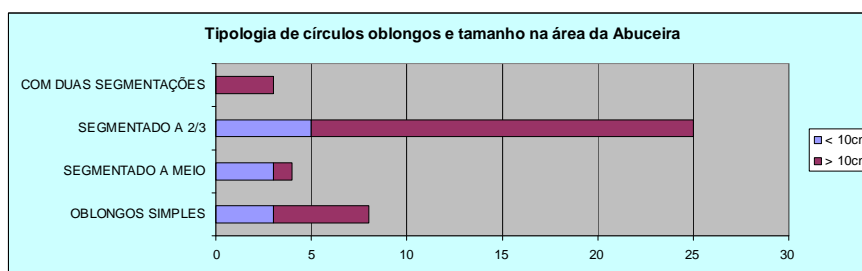




Quadro 135 – Tipologia de círculos na área da Serra da Abuceira e sua frequência

Em relação à frequência dos círculos oblongos predominam a tipologia dos símbolos segmentados a 2/3, seguidos dos círculos oblongos simples, dos círculos segmentados a meio e por último os círculos oblongos com duas segmentações.

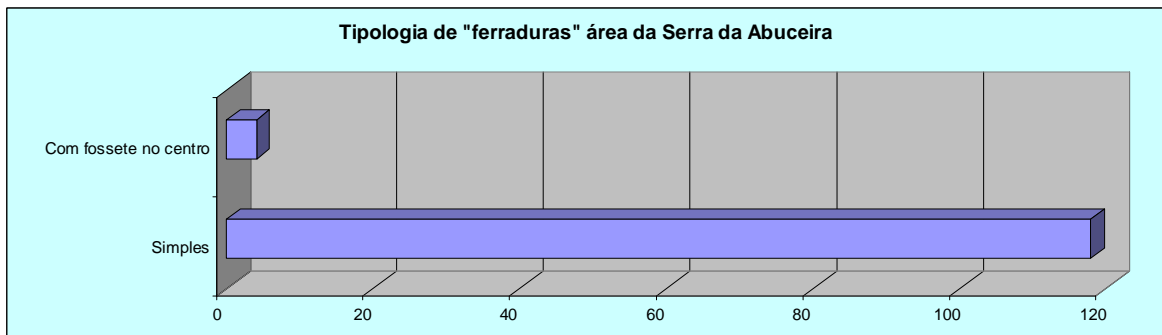
Em relação ao seu tamanho: nos círculos oblongos segmentados a 2/3, nos círculos oblongos simples e nos círculos oblongos com duas segmentações predominam as gravuras com mais de 10 cm. Nos círculos oblongos segmentados a meio predominam as gravuras com menos de 10 cm.



Quadro 136 – Tipologia dos círculos oblongos e seu tamanho na área da Serra da Abuceira

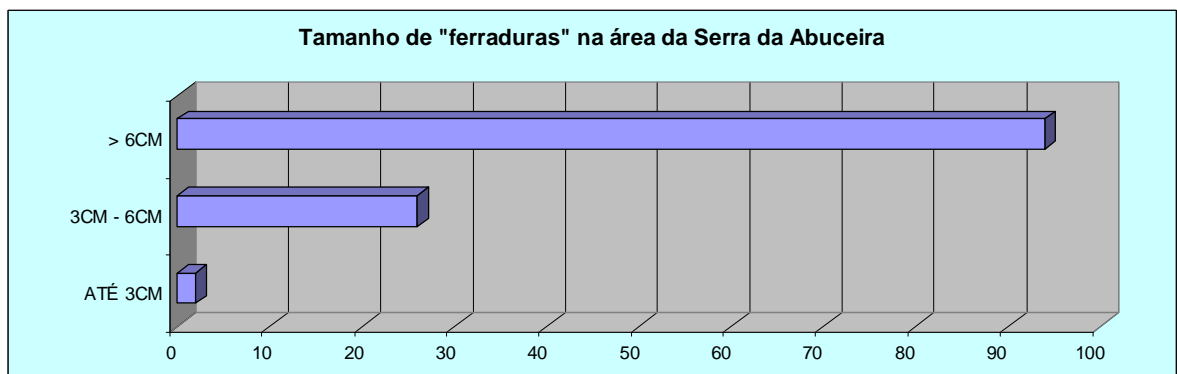
### *Ferraduras*

O motivo tipo ferraduras está representado na área da Serra da Abuceira com cerca de 122 representações, desta amostra 118 são ferraduras simples e apenas 4 têm decoração pontilhada no interior.



**Quadro 137 – Tipologia de “ferraduras” e sua frequência na área da Serra da Abuceira**

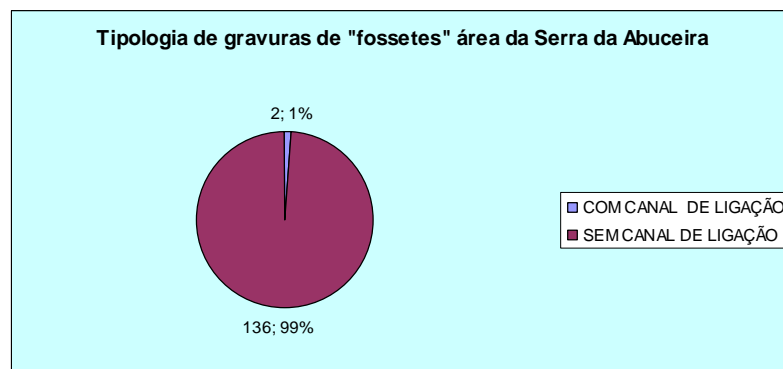
Em relação ao tamanho, predominam as ferraduras com mais de 6 cm; seguidas das gravuras entre os 3 cm e os 6 cm, seguindo-se por último as gravuras com menos de 3 cm.



**Quadro 138 – Tamanho de “ferraduras” na área da Serra da Abuceira**

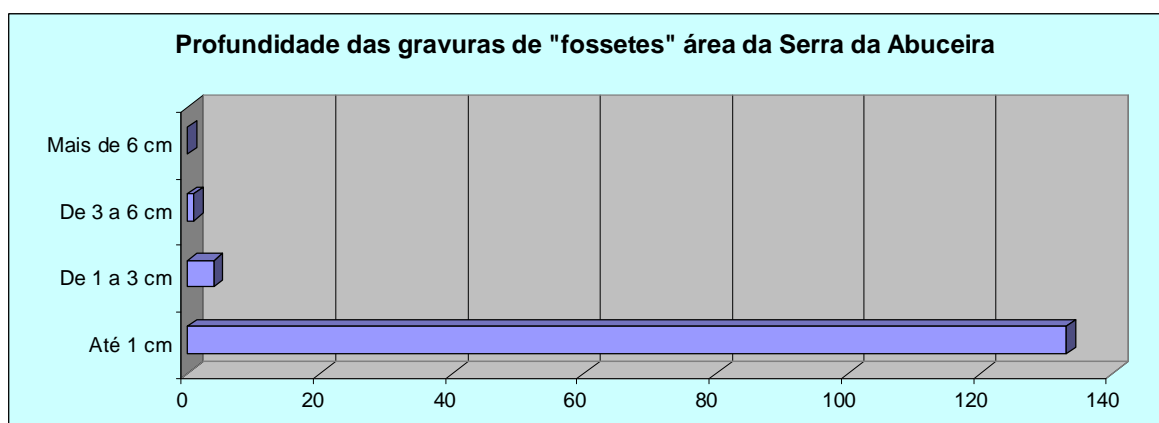
### ***Fossetes ou covinhas***

As covinhas são uma das representações mais frequentes, num total de 138 gravuras, observou-se apenas 2 gravuras associadas a um canal. A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que é de xisto argiloso.



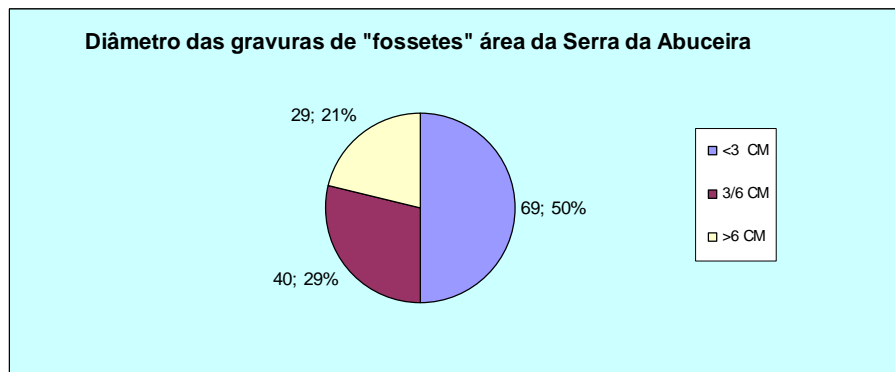
**Quadro 139 – Tipologia das gravuras de “fossetes” na área da Serra da Abuceira**

Detecta-se também que a maioria das “fossetes” gravadas, têm até 1 cm de profundidade; seguindo-se as “fossetes” com a profundidade de 1 cm a 3 cm e por último as gravuras com 3 cm a 6 cm de profundidade.



**Quadro 140 – Profundidade das gravuras “fossetes” área da Serra da Abuceira**

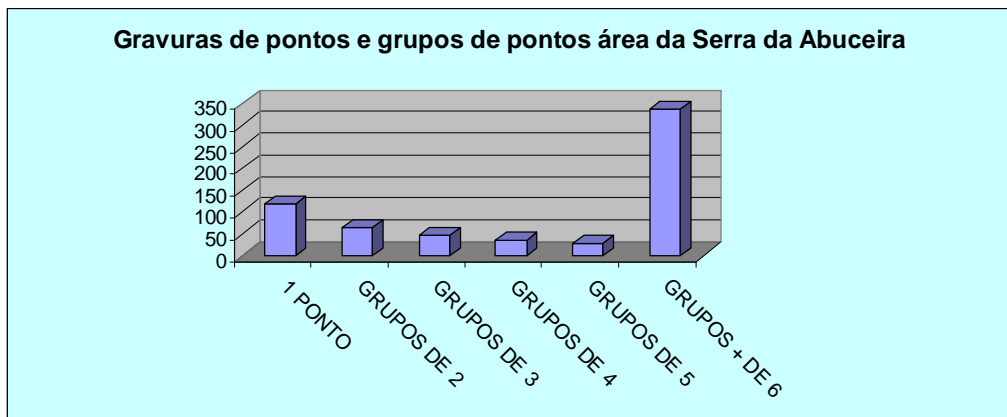
Maioritariamente as gravuras de “fossetes” têm menos de 3 cm de diâmetro, correspondendo a 50% da amostra e 69 gravuras; seguindo-se as gravuras entre os 3 cm e os 6 cm, com apenas 29 % e 40 gravuras, por último aparecem as “fossetes” com mais de 6 cm de largura, com 21% correspondendo a 29 gravuras.



**Quadro 141 – Diâmetro das gravuras de “fossetes” área da Serra da Abuceira**

### *Grupo de pontos*

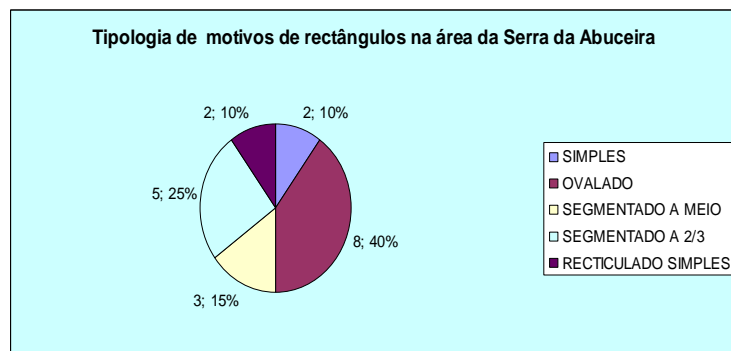
A representação de grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados; os conjuntos de 6 pontos são predominantee em relação a todos os outros grupos de pontos martelados.



**Quadro 142 – Frequência das gravuras de pontos e grupos de pontos na área da Serra da Abuceira**

## ***Rectângulos***

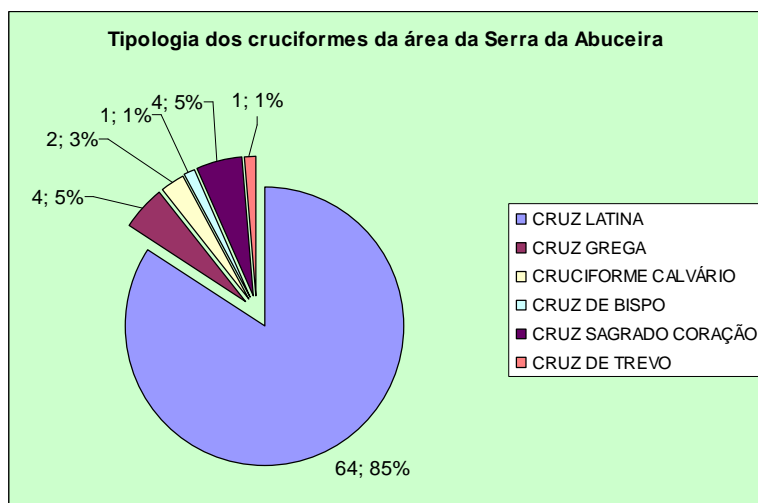
A representação de rectângulos está presente com 20 gravuras. Os rectângulos ovalados representam 40% da amostra correspondendo a 8 gravuras; os rectângulos segmentados a 2/3 estão representados por 25% da amostra e 5 gravuras; os rectângulos segmentados a meio representam 15% da amostra e 3 gravuras; os recticulados simples e os rectângulos simples representam cada 10% da amostra e 2 gravuras.



**Quadro 143 – Tipologia de rectângulos presentes na área da Serra da Abuceira**

## ***Cruciformes***

Encontram-se representados cerca de 76 cruciformes simples, gravadas predominantemente através de abrasão. Predomina o motivo da cruz latina com 85% e 64 gravuras; seguindo-se as cruzes gregas e a cruz do sagrado coração ambos com 5% da amostra e 4 gravuras; os cruciformes calvários com 3% e 2 gravuras e por último as cruzes de bispo e a cruz de trevo, ambas com 1% e uma gravura cada.

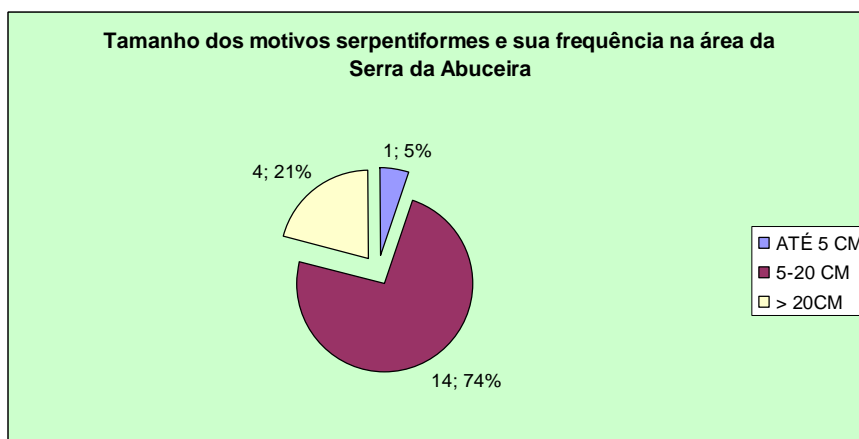


**Quadro 144 – Tipologia dos cruciformes na área da Serra da Abuceira**

### *Serpentiformes*

Os motivos serpentiformes estão representados pela existência de 19 gravuras obtidas através da gravação por martelagem, seguida de abrasão.

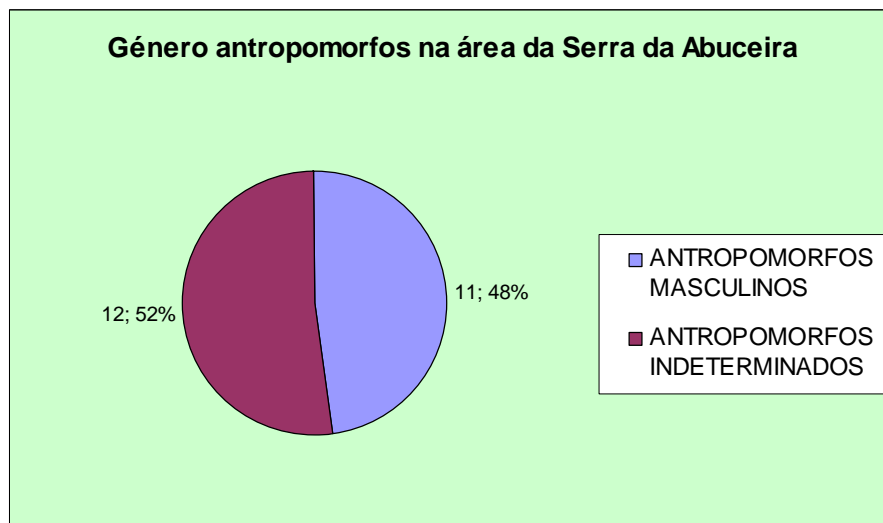
Predominam os serpentiformes entre os 5 cm e os 20 cm de comprimento com 14 gravuras, 74% do total; seguem-se os serpentiformes com mais de 20 cm, representados por 21% e 4 gravuras, por último os serpentiformes até 5 cm de comprimento, com 5%, correspondente a 1 gravura.



**Quadro 145 – Tamanho dos serpentiformes na Serra da Abuceira**

### *Antropomorfos*

A representação de motivos antropomórficos está presente através de 23 gravuras, sendo os antropomorfos masculinos quase metade da amostra com 11 gravuras, dadas a suas características fálicas, correspondendo a 48%; enquanto que os antropomorfos indeterminados representam 52% da amostra com 12 gravuras.



**Quadro 146 – Género antropomorfos na área da Serra da Abuceira**

## Área de Sobral de São Miguel

A área da aldeia de Sobral de São Miguel, situa-se numa pequena área de cumeada que dá acesso a Serra do Açor/Serra da Cebola e ao Cabeço Pigueiro/Serra da Alvoaça sendo a continuação do mesmo maciço montanhoso. Esta área encontra-se encaixada num vale bastante abrigado, rodeada de serras, que fazem a fronteira que divide as duas bacias hidrográficas dos rios Mondego e Zêzere através dos seus afluentes: rios Alva, Ceira; e afluentes do Zêzere através da ribeira de Porsim, ribeira da Cebola, ribeira da Cerdeira, situados a Sul da Serra da Estrela (Ver Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, Apêndice n.º 3, mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, n.º III, área de Sobral de São Miguel – Covilhã, mapa n.º40, pág. 539). Esta área situa-se a uma altitude média acima dos 700 m, pertencendo em termos administrativos ao concelho da Covilhã e distrito de Castelo Branco. A freguesia de Sobral de São Miguel, a Norte encontra-se com a freguesia de Teixeira (Seia) e Erada (Covilhã), na área da Serra da Cebola; com as freguesias do Piódão (Arganil) na área da Serra da Cebola, nas nascentes do rio Ceira e Serra da Cebola na parte mais a Sul com a freguesia de Unhais-o-Velho (Pampilhosa da Serra).

Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados nesta área remontam ao ano de 2003, na sequência dos primeiros trabalhos de prospecção realizados no âmbito do projecto de investigação apresentado pelo signatário ao P.N.T.A. de 2003,<sup>73</sup> e foram realizados na área da aldeia de Sobral de São Miguel, onde a tradição, as lendas e a toponímia associavam vários locais a sítios de arte rupestre.

De 2005 a 2008 a APIA<sup>74</sup> através da direcção científica do signatário, com o auxílio de outros arqueólogos desta Instituição realiza novas campanhas de prospecção arqueológica. Identificando-se cerca de 51 lajes gravadas e vestígios de vários troços de vias antigas que existiam no prolongamento da cumeada que vem da Serra do Açor, uma para a área das nascentes do rio Ceira em direcção à encosta do Sobral, outra do Gondufo

---

<sup>73</sup> Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos de 2003 do Instituto Português de Arqueologia com título: “*Estudo das Manifestações de Arte Rupestre das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva*” e no âmbito do doutoramento agora apresentado.

<sup>74</sup> Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica.

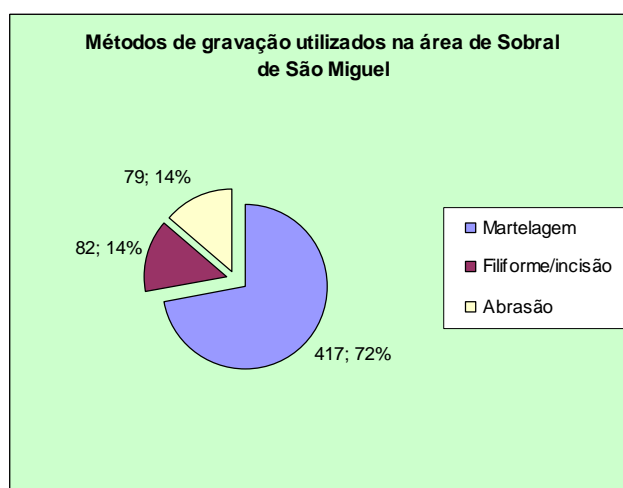


em direcção às Pedras Lavradas, seguindo daqui duas outras vias, uma para a Serra da Alvoaça, outra em direcção à aldeia de Sobral de São Miguel passando pelo campo de futebol actual. (Ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítios 971 e 1026, pág. 686 e 717) As várias lajes gravadas encontram-se maioritariamente à beira deste caminho ancestral ou nas suas proximidades.

De Janeiro de 2008 a Abril de 2009 realizaram-se os tratamentos estatísticos, apresentando-se de seguida os resultados deste trabalho (ver Tomo XI, Apêndice nº7, fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere/Unhais– Fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, nº III, área de Sobral de São Miguel, sítios n.º 590 a 640, pág.2909 a 3074)

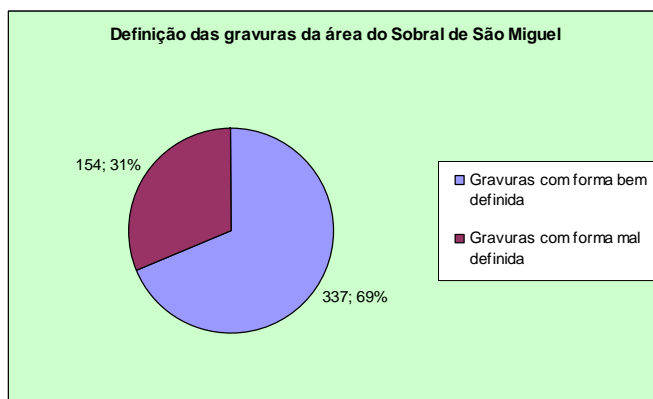
### **Resultados**

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área da aldeia de Sobral de São Miguel, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a abrasão, a incisão e uso da técnica filiforme/raspagem. Predominando a utilização do método de martelagem representando através de 72% das gravuras, seguindo-se a gravação através da incisão filiforme com 14%, e por último a utilização da abrasão com 14%.



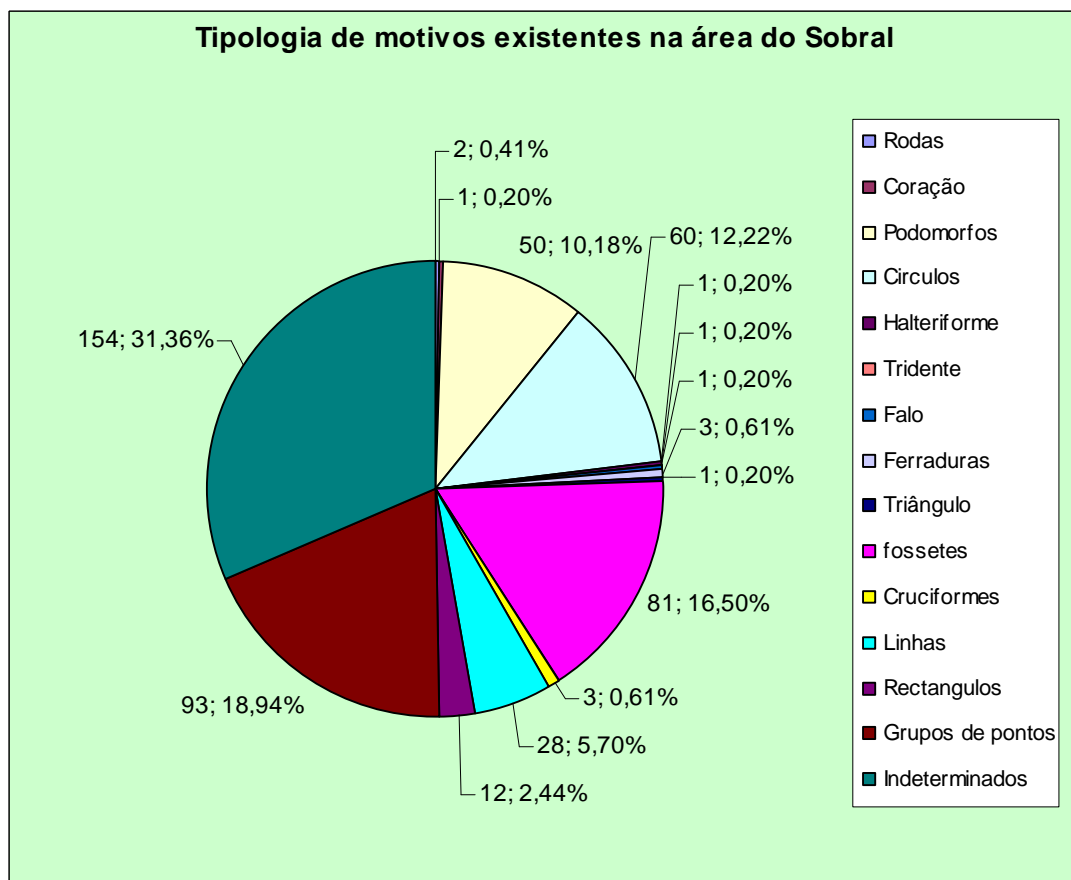
**Quadro 147 – Métodos de gravação presentes na área do Sobral de São Miguel**

Num universo estudado de 491 gravuras, observa-se que 31% com 154 gravuras observadas não apresentam uma forma definida, indeterminadas, enquanto que 69% das gravuras, correspondendo a 337 das gravuras têm uma forma bem definida.



**Quadro 148 – Definição das gravuras da área de Sobral de São Miguel**

Tipologicamente observa-se que 31,36% do total das gravuras correspondem a 154 gravuras indeterminadas; segue-se a representação de pontos e grupos de pontos com 18,94%, correspondendo a 93; as “fossetes” com 16,50%, com 81 gravuras, obtidas através de martelagem e abrasão; os motivos circulares aparecem de seguida com 12,22%, correspondendo a 60 gravuras; os podomorfos com 10,18%, correspondendo a 50 gravuras, realizados sobretudo através da martelagem; seguem-se as linhas com 5,70%, correspondendo a 28 gravuras; os rectângulos estão representados com 2,44%, correspondendo a 12 gravuras predominantemente gravadas através de martelagem e abrasão; seguem-se os motivos cruciformes e “ferraduras”, ambos com 0,61%, correspondendo a ambos 3 gravuras cada, obtidas na sua maioria através de martelagem; os motivos tipo, rodas, com 0,41% e 2 gravuras; com 0,20% e 1 gravura cada: “falo”, “tridente”, “halteriforme” e “coração”.

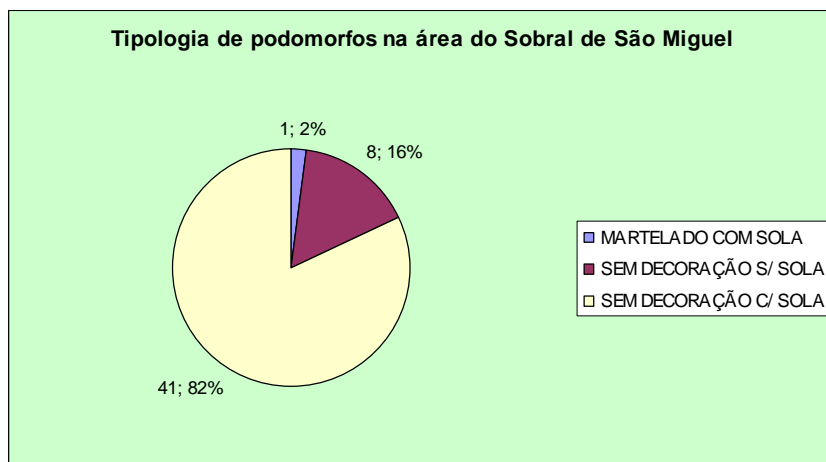


**Quadro 149 – Tipologias das gravuras e sua frequência na área do Sobral**

### ***Podomorfismo***

O fenómeno do podomorfismo na área da aldeia de Sobral de São Miguel encontra-se bem representado, por 50 gravuras.

Desta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos sem decoração mas com sola com cerca de 82%, correspondendo a 41 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola, com 16% correspondendo a 8 gravuras; seguem-se os podomorfos martelados com sola 2%, correspondendo a 1 gravura.

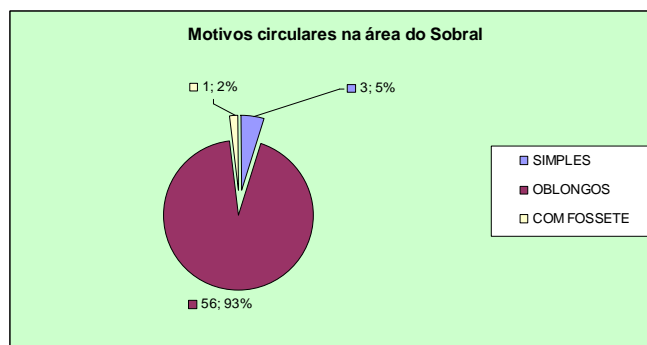


**Quadro 150 – Tipologia dos podomorfos da área do Sobral de São Miguel**

Predominam ainda a representação de podomorfos adultos, na ordem dos 100%, correspondendo a 50 representações, não existindo assim representações de podomorfos juvenis.

### *Motivos circulares*

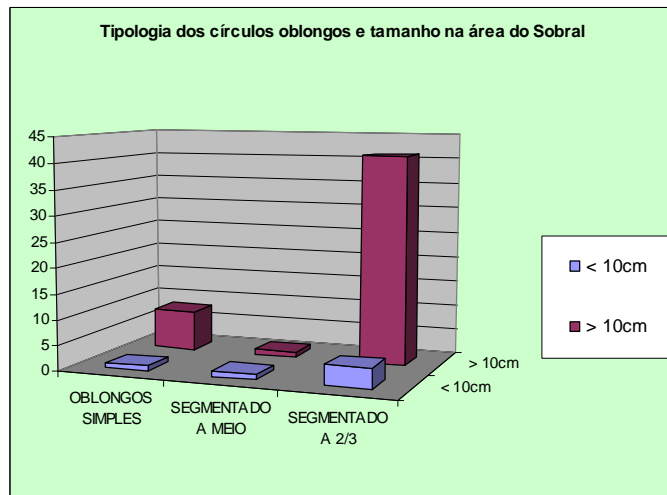
Dos motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos com 93% da amostra correspondendo a 56 gravuras; seguidos de círculos simples, com 5% da amostra correspondendo a 3 gravuras e os círculos com “fossete” correspondem a 2% e 1 gravura.



**Quadro 151 – Tipologia dos podomorfos da área do Sobral de São Miguel**

Os círculos oblongos segmentados a  $\frac{2}{3}$ , com mais de 10 cm, correspondem a 41 representações, enquanto que os círculos segmentados a  $\frac{2}{3}$  com menos de 10 cm estão 4

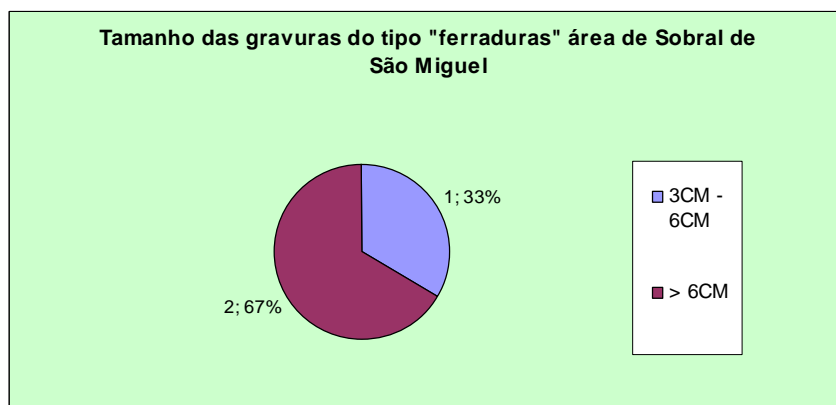
vezes representados; os círculos oblongos simples aparecem em segundo com 8 representações com mais de 10 cm e 1 representação com menos de 10 cm. Os círculos segmentados a meio estão representados com 2 gravuras: 1 com mais de 10 cm e 1 gravura com menos de 10 cm. Os círculos segmentados a 2/3 estão representados com 1 gravura com mais de 10 cm e 1 gravura com menos de 10 cm.



Quadro 152 – Tipologia dos círculos oblongos na área de Sobral de São Miguel

### *Ferraduras*

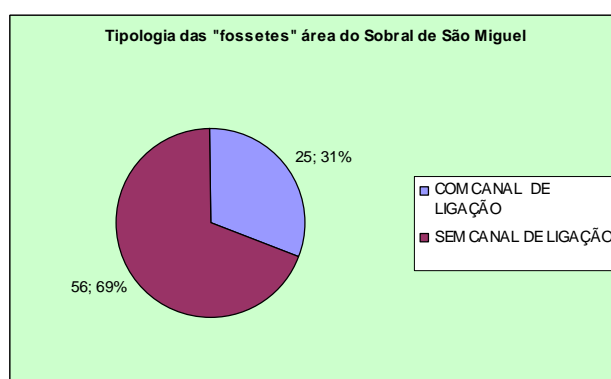
O motivo tipo ferraduras está representado na área da aldeia de Sobral de São Miguel com cerca de 3 representações, predominando as “ferraduras”, com o tamanho de mais de 6 cm.



Quadro 153 – Tamanho das ferraduras da área do Sobral de São Miguel

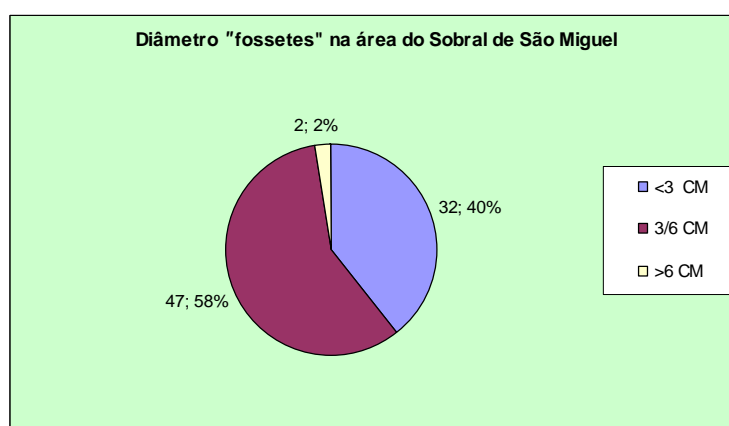
### ***“Fossetes” ou covinhas***

As “fossetes” são uma das representações mais frequentes, num total de 81 gravuras, destas apenas 69% não têm canal de ligação, correspondendo a 56 gravuras; 31% têm canal de ligação, correspondendo a 25 gravuras.



**Quadro 154 – Tipologia das “fossetes” área do Sobral de São Miguel**

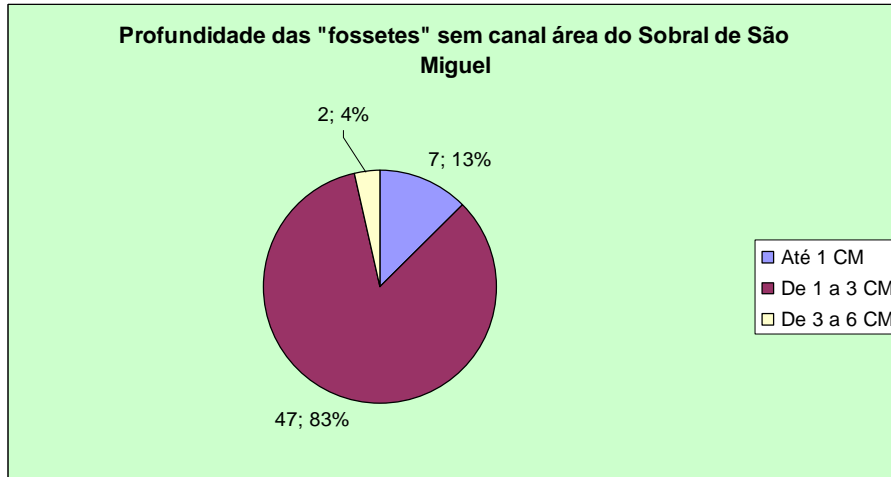
Cerca de 58% das covinhas, correspondendo a 47 gravuras têm entre os 3 cm e os 6 cm de diâmetro; 40% correspondendo a 32 gravuras têm menos de 3 cm; 2% das covinhas têm mais de 6 cm, correspondendo a 2 gravuras.



**Quadro 155 – Diâmetro das “fossetes” área de Sobral de São Miguel**

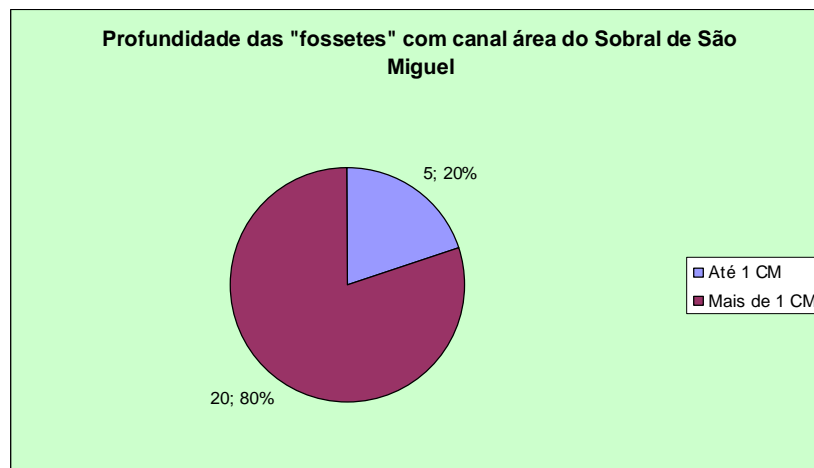
Em relação à profundidade das “fossetes” sem canal, predominam as gravuras entre os 1 cm a 3 cm, com 83% e 47 gravuras; seguem-se as “fossetes” com a profundidade até 1

cm com 13%, correspondendo a 7 gravuras. Por último as “fossetes” com a profundidade entre os 3 cm e os 6 cm com 4% e 2 gravuras.



**Quadro 156 – Profundidade das “fossetes” sem canal na área do Sobral de São Miguel**

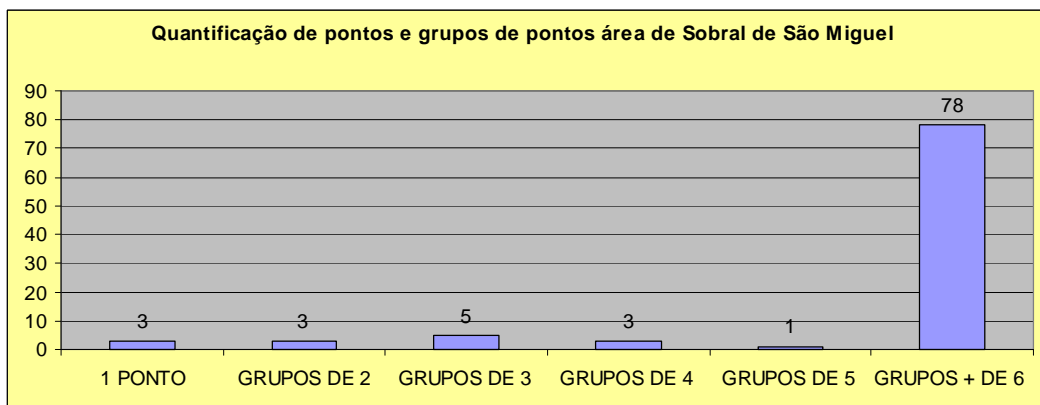
Em relação à profundidade, nas “fossetes” com canal predominam as gravuras com mais de 1 cm, com 80% e 20 gravuras; seguem-se as “fossetes” com a profundidade até 1 cm com 20%, correspondendo a 5 gravuras.



**Quadro 157 – Profundidade das “fossetes” com canal da área do Sobral de São Miguel**

### ***Grupo de pontos***

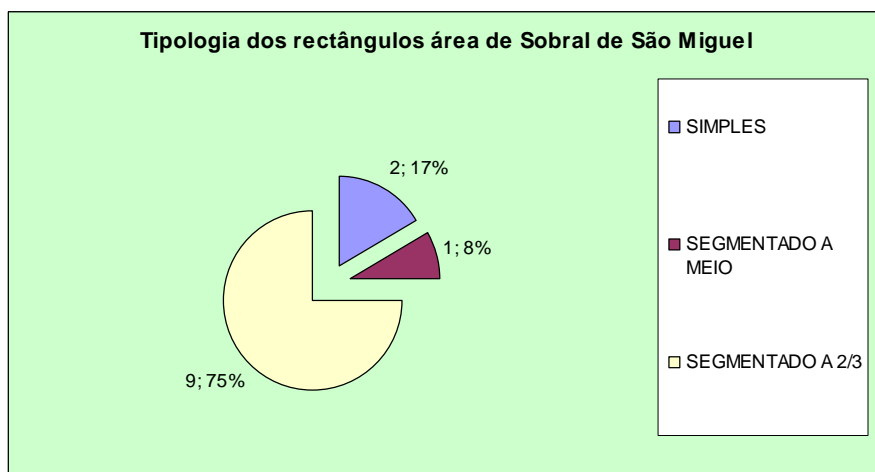
A representação de pontos gravados e grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados, curiosamente os conjuntos de mais de 6 pontos são predominantes em relação a todos os outros grupos de pontos martelados, com 78 representações do total.



**Quadro 158 – Pontos e grupos de pontos área do Sobral de São Miguel**

### ***Rectângulos***

Os rectângulos segmentados a 2/3 estão representados em 75% da amostra, correspondendo a 9 gravuras; os rectângulos simples com 17%, correspondendo a 2 gravuras e os rectângulos segmentados a meio com 8%, correspondendo a 1 gravura.

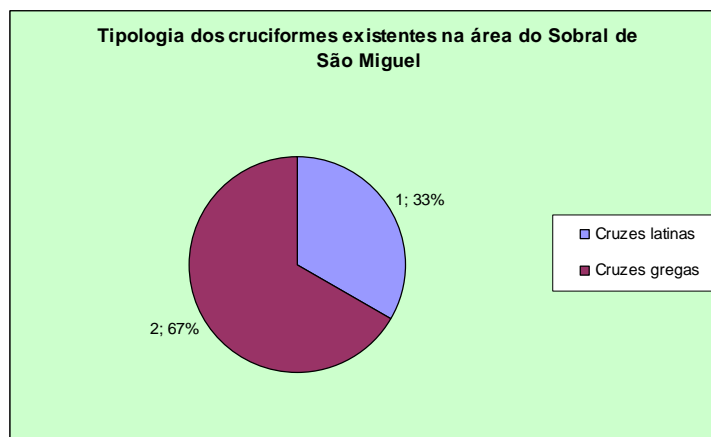


**Quadro 159 – Tipologia dos rectângulos na área do Sobral de São Miguel**



## ***Cruciformes***

Dos motivos cruciformes presentes, destacam-se as representações de cruces gregas na ordem dos 67% correspondendo a 2 gravuras; as cruces latinas são 33% correspondendo a 1 gravura, num universo de 3 cruces gravadas predominantemente através de martelagem seguindo-se de abrasão.



**Quadro 160 – Tipologia dos cruciformes presentes na área de Sobral de São Miguel**

## **Área do Pereiro (Sobral de São Miguel)**

A área do Pereiro, situado a Sul de Sobral de São Miguel, situa-se na continuação do maciço montanhoso que constitui a Serra do Açor/Serra da Cebola, numa cumeada no sentido NO/SE, dando acesso directo a meio da Serra da Cebola. Esta serra faz a fronteira entre as bacias hidrográficas dos rios Mondego e Zêzere através dos seus afluentes Ceira; e afluentes do Zêzere através da ribeira da Cerdeira, situados a Sul da Serra da Estrela (Ver Mapa n.º7, Tomo I, pág. 235 e Tomo II, Apêndice n.º 3, nº IV, mapas de localização das áreas da bacia hidrográfica dos rios Zêzere/Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, área do Pereiro - Covilhã, mapas n.º41 e 42, pág. 540 e 541). A uma altitude média acima dos 700 m (ver ilustração n.º110, Tomo I, pág. 175.), em termos administrativos pertencentes ao concelho da Covilhã e distrito de Castelo Branco.

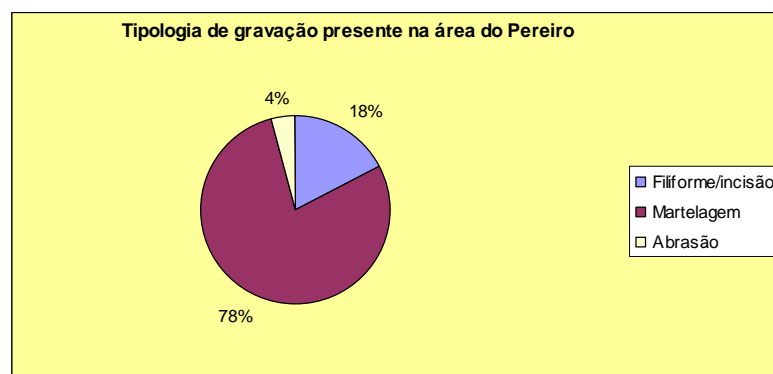
Os primeiros trabalhos arqueológicos a serem realizados na área remontam ao ano de 2006, na sequência da prospecção realizados no âmbito do projecto de investigação

apresentado pelo signatário ao P.N.T.A. de 2003<sup>75</sup>, no âmbito desta tese e da parceria entre a Junta de Freguesia de Sobral de São Miguel e a APIA.

Identificando-se cerca de 54 lajes gravadas (ver Tomo XII, Apêndice nº7, fichas de sítio de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Zêzere e Unhais, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, nºIV, área do Pereiro - Sobral de São Miguel, fichas de sítio de arte rupestre n.º 641 a 694, pág. 3083 a 3271) e vestígios de um troço de uma via antiga ao longo do acesso que dá acesso à Serra da Cebola. As várias lajes gravadas encontram-se maioritariamente à beira deste caminho ancestral ou nas suas proximidades (ver Tomo II, Apêndice nº 4, n.ºII, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre, sítio 970, pág. 686). O resultado deste estudo e tratamento estatístico destes dados, apresentam-se de seguida:

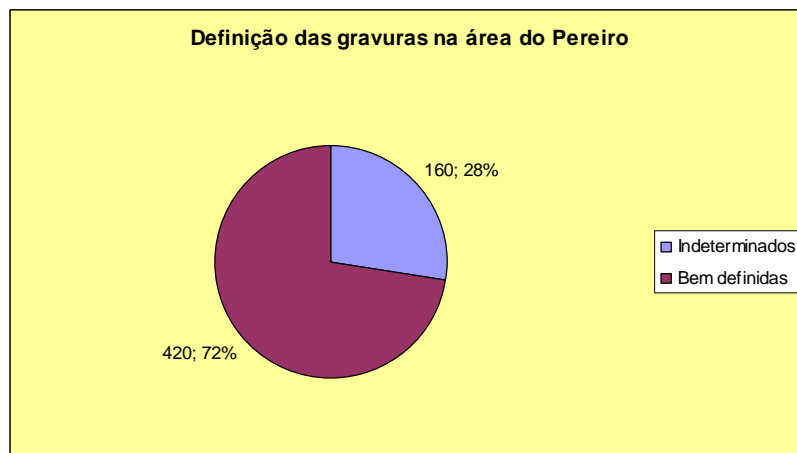
### **Resultados**

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área do Pereiro de Sobral de São Miguel, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como a martelagem, a martelagem seguida de abrasão, estas duas formas de gravação dominam a amostra com 78%; seguidas pela incisão e uso da técnica filiforme/raspagem com 18%; a abrasão está presente em 4% da amostra, num total de cerca de 580 gravuras.



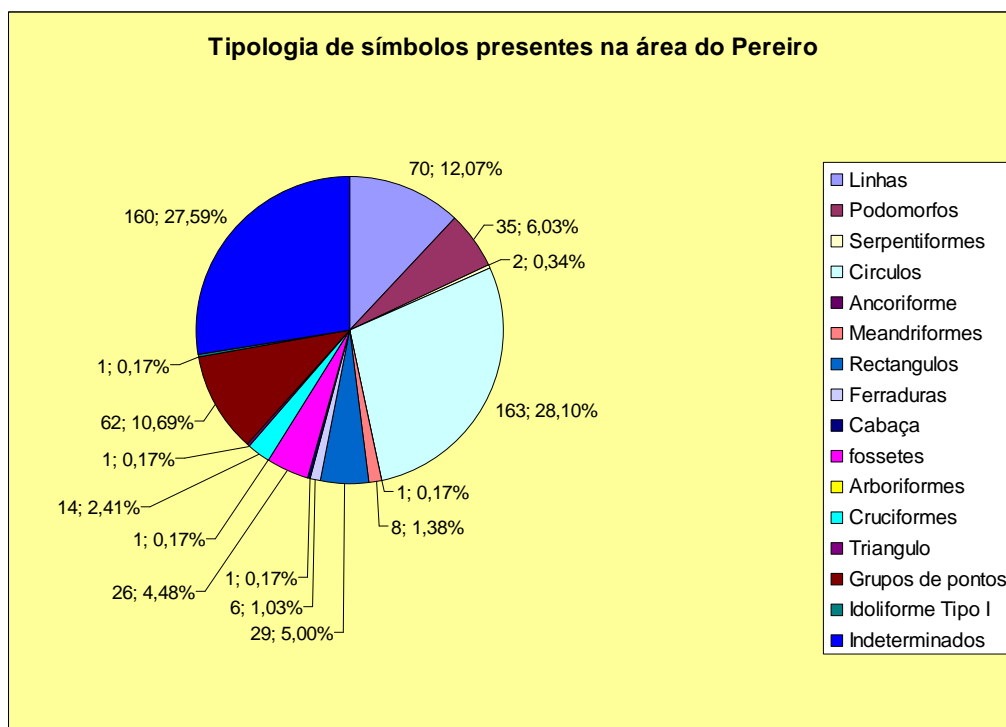
**Quadro 161 – Métodos de gravação presentes na área do Pereiro**

<sup>75</sup> Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos de 2003 do Instituto Português de Arqueologia com título: «*Estudo das Manifestações de Arte Rupestre das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva*»



**Quadro 162 – Definição das gravuras área do Pereiro**

Num universo estudado de 580 gravuras, observa-se que 72% correspondendo a 420 gravuras apresentam uma forma bem definida, enquanto que 28% das gravuras, correspondendo a 160 das gravuras não apresentam uma forma bem definida, indeterminadas.

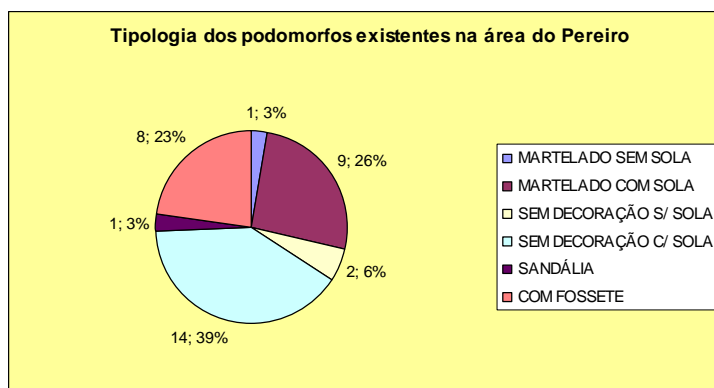


**Quadro 163 – Tipologia de símbolos e sua frequência na área do Pereiro**

Os motivos circulares na área do Pereiro, representam 28,10% da amostra, correspondendo a 163 gravuras; aparecem de seguida as gravuras indeterminadas com 27,59%, com 160 gravuras; as linhas surgem com 12,07%, correspondendo a 70 gravuras; os pontos e conjuntos de pontos com 10,69%, correspondendo a 62 gravuras; os podomorfos com 6,03%, correspondendo a 35 gravuras, realizados sobretudo através da martelagem; os rectângulos estão representados com 5%, correspondendo a 29 gravuras predominantemente gravadas através de martelagem; segue-se a representação de “fossetes”, com 4,48%, correspondendo a 26 gravuras realizadas através de martelagem e abrasão; seguem-se os motivos cruciformes com 2,41% correspondendo a 14 gravuras; os meandriformes com 1,38%, correspondendo a 8 gravuras; as “ferraduras”, com 1,03% correspondendo a 6 gravuras; os motivos do tipo: “serpentiformes”, com 0,34%, correspondente a 2 gravuras; e com 0,17% da amostra, correspondente a 1 gravura cada: ancoriformes, cabaças, arboriformes, triângulos e ídoliforme do tipo I.

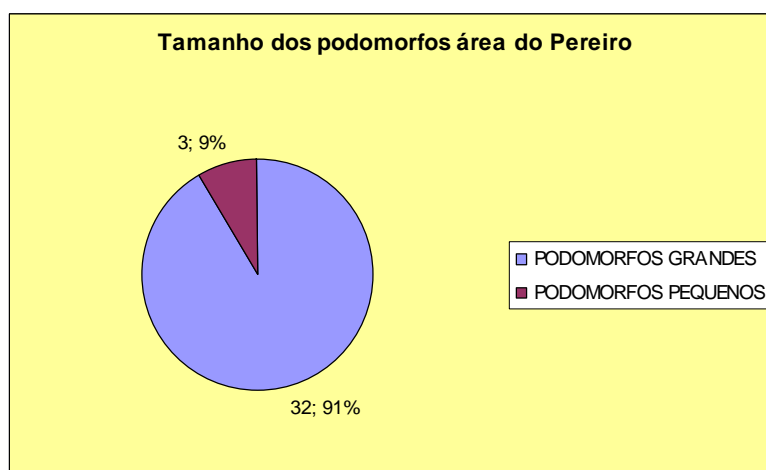
### ***Podomorfismo***

O fenómeno do podomorfismo na área do Pereiro encontra-se bem representado, existindo uma amostra de 35 gravuras. Nesta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos sem decoração mas com sola com cerca de 39%, correspondendo a 14 gravuras; seguem-se os podomorfos com decoração interior martelados com sola cerca de 26%, correspondendo a 9 gravuras; segue-se os podomorfos com “fossete”, com cerca de 23% do total, correspondendo a 8 gravuras; segue-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 6%, correspondendo a 2 gravuras; as gravuras de podomorfos martelados sem sola e podomorfos do tipo sandália estão também representados com cerca de 3% do total cada, correspondendo a 1 gravura cada.



**Quadro 164 – Tipologia dos podomorfos e sua frequência na área do Pereiro**

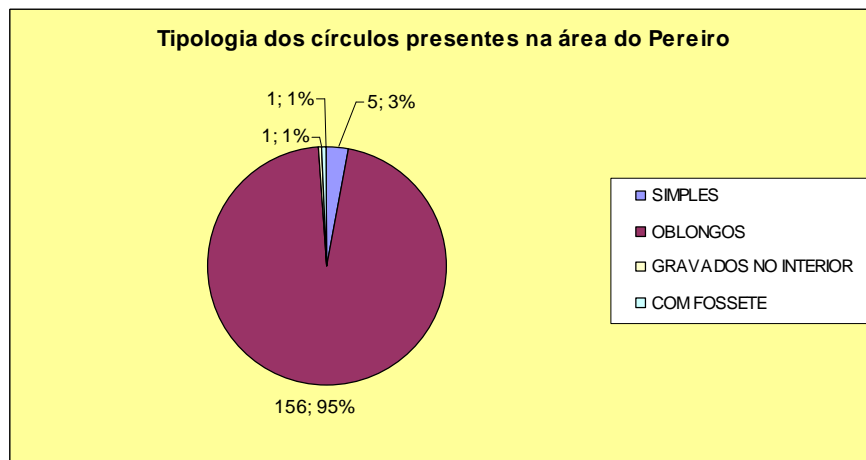
Predominam ainda a representação de podomorfos adultos, na ordem dos 91%, correspondendo a 32 representações. Os podomorfos juvenis estão representados por 9% do total, correspondendo a 3 gravuras.



**Quadro 165 – Tamanho dos podomorfos área do Pereiro**

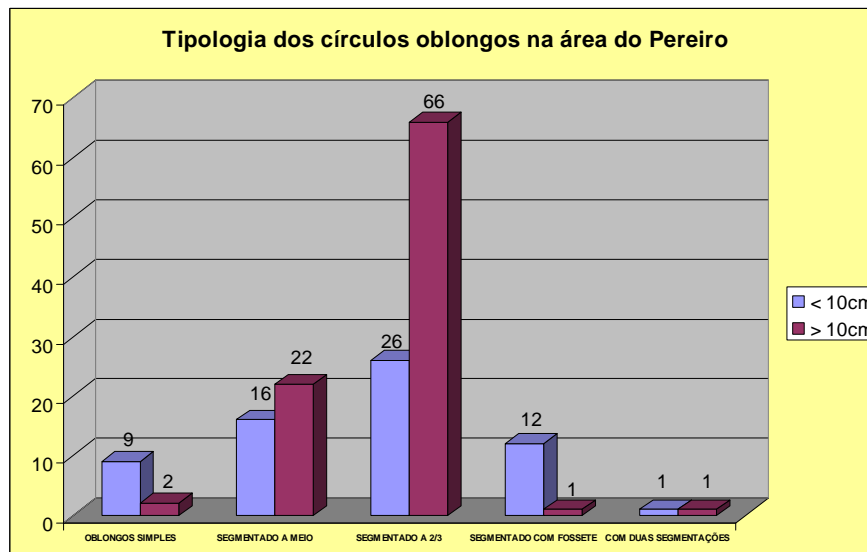
### ***Motivos circulares***

Dos motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos com 95% da amostra correspondendo a 156 gravuras; seguidos de círculos simples com 3% do total correspondendo a 5 gravuras; os círculos com “fossete”, e círculos gravados no interior correspondem a 1% cada, com 1 gravura cada do total.



**Quadro 166 – Tipologia dos círculos na área do Pereiro**

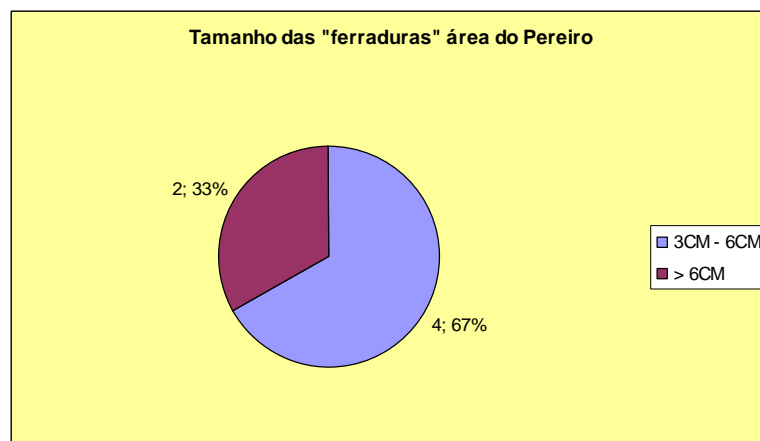
Os círculos oblongos segmentados a  $2/3$ , com mais de 10 cm, correspondem a 66 representações, enquanto que os círculos segmentados a  $2/3$  com menos de 10 cm estão 26 vezes representados; seguem-se os círculos segmentados a meio, com mais de 10 cm, correspondendo a 22 gravuras, enquanto que os círculos segmentados a meio com menos de 10 cm estão 16 vezes representados; seguem-se os círculos segmentados com “fossete”, com menos de 10 cm representados 12 vezes, enquanto que os círculos segmentados com “fossete”, com mais de 10 cm, estão representados apenas uma vez; os círculos oblongos simples com menos de 10 cm aparecem por 9 vezes, enquanto que os círculos oblongos simples com mais de 10 cm surgem 2 vezes; os círculos oblongos com duas segmentações com mais de 10 cm e os círculos com menos de 10 cm surgem também uma vez cada.



Quadro 167 – Tipologia dos círculos oblongos na área do Pereiro

### “Ferraduras”

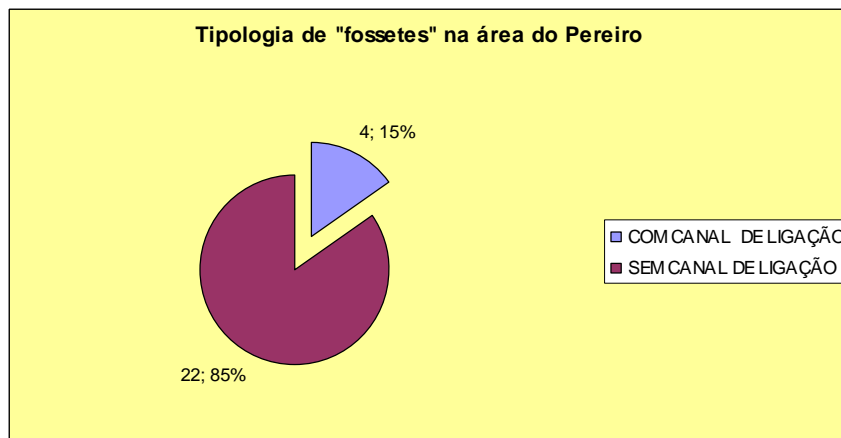
O motivo tipo ferraduras está representado na área do Pereiro com cerca de 6 representações, predominando as gravuras com o tamanho entre os 3 cm e os 6 cm.



Quadro 168 – Tamanho das “ferraduras” área do Pereiro

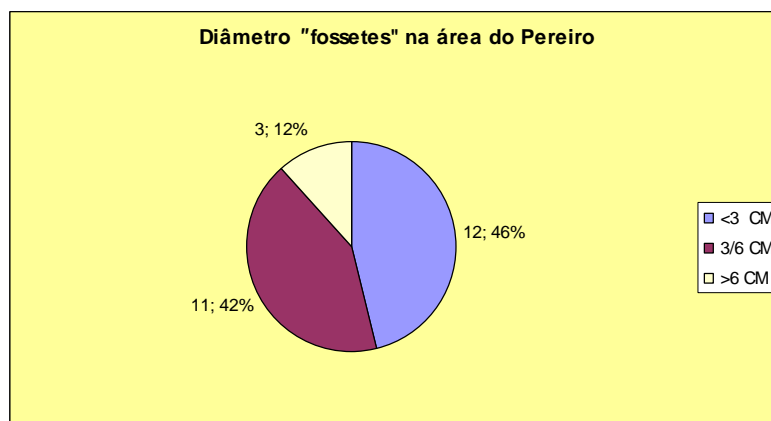
### “Fossetes” ou covinhas

As covinhas são uma das representações mais frequentes, num total de 26 gravuras, destas 85% não têm canal de ligação, correspondendo a 22 gravuras; 15% têm canal de ligação, correspondendo a 4 gravuras.



**Quadro 169 – Tipologia das “fossetes” e sua frequência área do Pereiro**

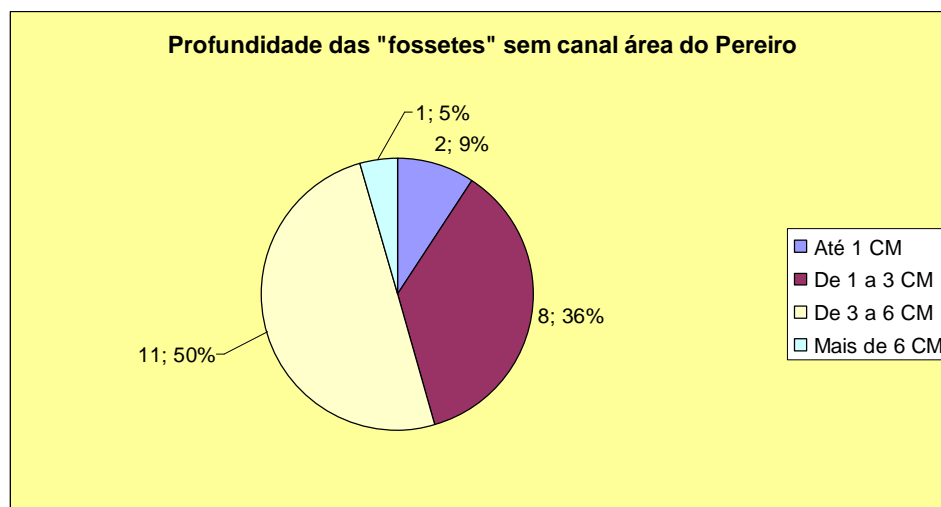
Cerca de 46% das “fossetes”, correspondendo a 12 gravuras têm menos de 3 cm de largura; 42% correspondendo a 11 gravuras têm entre os 3 cm e os 6 cm; 12% das gravuras têm mais de 6 cm, correspondendo a 3 gravuras.



**Quadro 170 – Diâmetro das “fossetes” na área do Pereiro**

Na profundidade das “fossetes” sem canal predomina a profundidade de 3 cm a 6 cm, com 50%, correspondente a 11 gravuras; segue-se a profundidade de 1 cm a 3 cm, com 36%, correspondente a 8 gravuras; as gravuras com a profundidade até 1 cm, representam 9% e 2 gravuras; por último as gravuras com mais de 6 cm representam 5% da amostra e 1 gravura.



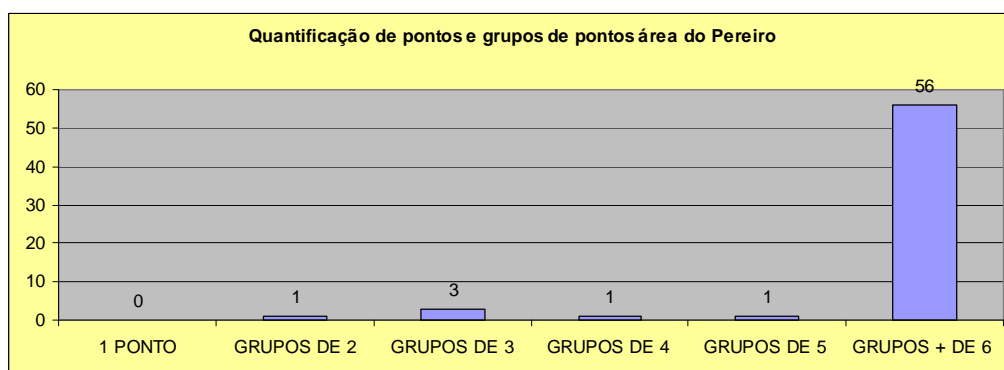


**Quadro 171 – Profundidade das “fossetes” sem canal na área do Pereiro**

Nas “fossetes” com canal de ligação predomina a profundidade de menos de 1 cm, na ordem dos 100% da amostra estudada.

### *Grupo de pontos*

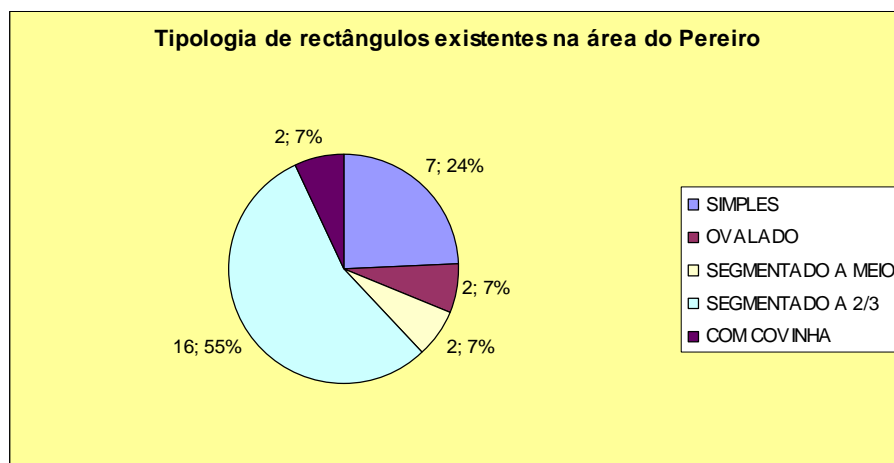
A representação de pontos gravados e grupos de pontos é também um dos símbolos mais representados. Os conjuntos de mais de 6 pontos são predominantes em relação a todos os outros grupos de pontos martelados, com 56 representações do total da amostra.



**Quadro 172 – Tipologia de pontos e grupos de pontos presentes na área do Pereiro**

## ***Rectângulos***

Estão representados os rectângulos segmentados a 2/3 com 55% correspondendo a 16 gravuras; os rectângulos simples com 24% correspondendo a 7 gravuras; os rectângulos ovalados, rectângulos segmentados a meio, rectângulos com “fossete” com 7% cada e correspondendo a 2 gravuras cada.



**Quadro 173 – Tipologia dos rectângulos presentes na área do Pereiro**

## ***Cruciformes***

Dos motivos cruciformes presentes, destacam-se as representações de cruces latinas na ordem dos 100% do total correspondendo a 14 gravuras, predominantemente através de martelagem seguindo-se de abrasão.

## **PARTE III**

### **Problematização**

## **Capítulo 4**

### **Análise de dados e conclusões**

## Mineração

### Algumas jazidas mineiras conhecidas nas áreas dos rios Ceira e Alva

O estudo da mineração antiga da região começou nos finais do Século XVIII, pelo Professor José Bonifácio de Andrade e Silva<sup>76</sup>, descreve com minúcia as Serras do Açor e parte da Serra da Estrela. Descreve a existência de minas, conheiras, cortadas, por exemplo exploração de ouro nas margens do Alva, e nas localidades de Sergedo, Secarias, Vila Cova, na ribeira de Fajão em Cavalheiros. Menciona a existência de galerias subterrâneas no lugar de Valheiros e escórias e muitos vestígios de época romana. Na ribeira de Psicansia refere a existência de ouro e a existência de cobre e ferro no lugar de Teixeira e chumbo na Serra do Açor. Faz referência à mina existente nesta Serra a que a tradição designa por “Palácio do Rei Açor”.

No concelho de Góis foram detectados vários materiais arqueológicos em 1950, na encosta da Devouga, sobranceira à povoação do Liboreiro, numa área mineira cuja exploração na antiguidade é certa. Foi detectada pela população uma mina antiga escavada no xisto, conhecida pelo nome de “Eira dos Mouros”, nesta área existiria ainda uma inscrição antiga, segundo a população, facto que levou Castro Nunes ao local. Segundo um popular lhe contou ao desentulhar parte de uma das galerias à procura de minério teria encontrado neste processo teria encontrado “*um aparo de metal*” e “*uma grande quantidade de pedras muito lisas*” (NUNES, J. C., 1952:6) uma das quais lhe dera e outras terá deitado fora. Estes materiais foram adquiridos pelo referido investigador com o intuito de os entregar ao Museu da Câmara Municipal de Arganil, então em formação. Estes materiais eram constituídos por: uma cunha em anfíbolite xistóide, um machado fragmentado, também em anfíbolite e uma ponta de seta de tipo “*algárico em péssimo estado de conservação*”. Segundo o mesmo foram igualmente recolhidas “*numas terras de cultivo pertencentes a um cunhado do Sr.º Ernesto Martins*” a 200 m do monumento “Eira

---

<sup>76</sup> «*Memória minerográfica sobre o distrito metalífero entre os rios Alva e Zêzere*». s.l.,s.d., Loc.: Museu Paulista doc. 291 (Apresentado na Academia Real das Ciências de Lisboa, sem data)

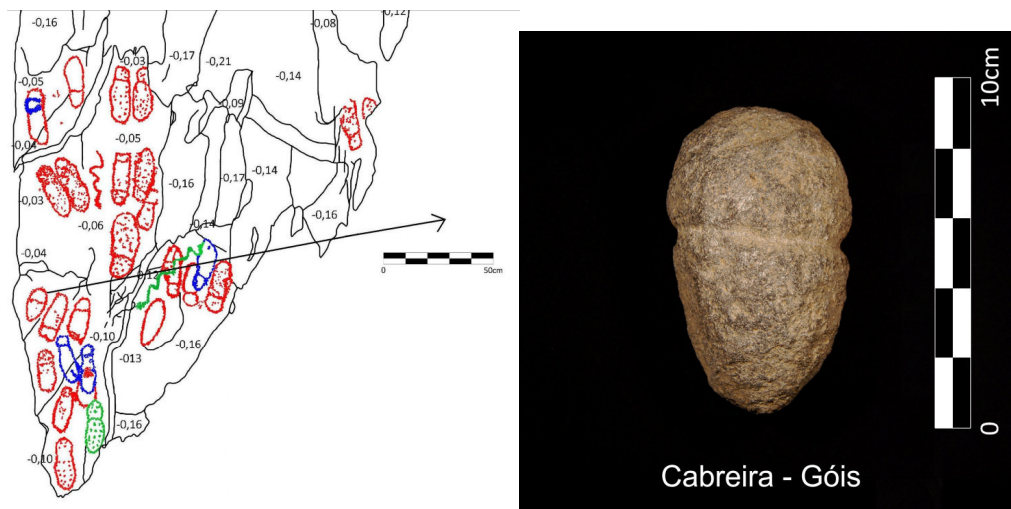
dos Mouros”, dois machados em metal que também conseguiu obter: um de cobre plano e outro de bronze, dos ”*chamados de talão, de tipo galaico*” (NUNES, J. C., 1952:6).

Estes materiais arqueológicos como cunhas de anfíbolite são idênticas às recolhidas no dólmen dos Moinhos de Vento em Arganil, são interpretadas como ferramentas para a “*mineração dos xistos auríferos, como o testemunha o facto de se terem encontrado artefactos do mesmo tipo numa mina antiga a alguns quilómetros da sepultura*”.(SENNA-MARTINEZ, J.C., 1983:103)

Já no âmbito desta tese e no âmbito deste projecto de investigação, foi detectada em 2008,<sup>77</sup> na área do curso médio do rio Ceira, num local designado por Castelejo em Góis num caminho vicinal que lhe dá acesso à ponte da Cabreira um martelo em pedra em grauvaque. Este tipo de peça, apesar de não ser muito vulgar, (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis, sítio 1056, pág. 731), tem paralelos conhecidos na região do Fundão e em várias regiões da Península Ibérica, e é-lhe atribuída uma longa cronologia desde os finais do Calcolítico até à Idade do Ferro (BLAS CORTINA, Miguel A. De, 1989:149 e GENERA I MONELLS, M.2006:57). Refira-se ainda que na aldeia próxima da Cabreira é frequente a descoberta de cavidades artificiais escavadas nos coluviões que se encontram adjacentes à mesma. Algumas gravuras representadas em várias lajes com arte rupestre na Serra do Açor, Serra da Cebola e noutras áreas da ribeira do Porsim e rio Unhais o Velho podem representar este tipo de instrumentos. (Ver ilustração n.º145 Tomo I, pág.377)

---

<sup>77</sup> Equipa formada por Nuno Ribeiro e Anabela Joaquineto.



**Ilustração 145 –** Pormenor de gravuras à esquerda laje, sítio 239 inventário geral, ver Tomo VI, Apêndice 6 – n.ºII-Serra do Açor, pág. 1709 a 1711. À direita martelo de mineração recolhido na área mineira da Cabreira (Góis), (Ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis sítio 1056, pág. 731).

Na área da «Pedra Letreira» durante os trabalhos de prospecção<sup>78</sup> realizados pelo signatário em 1998, detectou-se a cerca de 40 metros do monumento, numa cota superior, um machado em pedra polida /cunha em xisto verde, com marcas de utilização e de encaixe através de cordas.<sup>79</sup> (Ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis sítio 1088, pág. 742) Refira-se a proximidade dos poços das minas das “Covas dos Ladrões” que foram exploradas em época romana e donde provém as duas inscrições dedicadas a *ILURBEDA*.

Na área do rio Alva refira-se a existência de muitas áreas mineiras, como cortadas ou desmontes e conheiras. Em vários destes locais por nós prospectados e identificados, detectámos mós manuais, na área da ribeira do Alvôco, (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº VI. Concelho de Oliveira do Hospital, sítio 1186, pág. 785), na área do centro da aldeia de Vide e nas suas imediações, na margem esquerda, onde se encontra uma conheira (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IX. concelho de Seia, sítio 1353, pág. 880), e na Serra da Cebola. Estas mós podem também ter tido a função de esmagamento de minério, dada a dureza do granito.

<sup>78</sup> Prospecção realizada por Nuno Ribeiro e por Aníbal Ribeiro.

<sup>79</sup> Actualmente em exposição no Centro de Interpretação de Vide em Seia.

Na área da Serra do Açor/Moura da Serra, detectámos vários vestígios mineiros, como galerias (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. Concelho de Arganil, sítios 706 a 709 e 894, pág. 547 a 548 e 653 ).

Saliente-se a existência de várias minas verticais caracterizadas pela existência de poço, nas proximidades de sítios de arte rupestre e de vias, nomeadamente: em Góis (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis, sítio 1115, pág. 753), na área das Pedras Lavradas (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IX. Concelho de Seia, sítio 1268, pág. 832), e na área do Gondufo. (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IX. Concelho de Seia, sítio 1283, pág. 841)

### **Depósitos de fundidor na área dos rios Ceira e Alva, cunhas e machados**

Na região em estudo identificaram-se vários depósitos de peças de bronze, nomeadamente, no concelho da Lousã, na foz do rio Arouce com o rio Ceira, no local designado por Barca, na margem direita do rio Ceira, entre a ponte principal da freguesia e a foz do rio Arouce, na área onde se encontram os dois cursos de água. Este depósito era constituído por um machado de talão e duplo anel. (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IV. Concelho da Lousã, sítio 1176, pág. 778). Este tipo de achados junto de cursos de água é por vezes interpretado como podendo estar associados a cultos das águas ou “às divindades aí residentes”. (GOMES, 1994:120). Contudo, poderá tratar-se apenas de uma perda durante alguma viagem fluvial.

Nas imediações da aldeia da Pena, em Góis, numa pedreira actualmente desactivada foi detectada por populares durante os trabalhos de exploração no local, um machado plano em cobre, inédito. (Ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis, sítio 1169, pág. 774) Este achado



foi posteriormente depositado num escritório da família Alves Bandeira onde serviu de pisa-papeis. Em 1998 após vários trabalhos de prospecção na área, no âmbito da Carta Arqueológica do Concelho de Góis, e após inquirir várias pessoas da área contam-me a historia do referido achado, sendo então fotografada a peça, pela primeira vez com o objectivo de registo para posterior compra, por parte da Câmara Municipal de Góis, facto que infelizmente não se concretizou por falta de interesse da autarquia.

Nas imediações da aldeia da Moura da Serra, situada numa das encostas da Serra do Açor foi detectado por um popular não identificado, um depósito constituído por várias peças (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. Concelho de Arganil, sítio n.º 720, pág. 552) que foram posteriormente dispersas após a sua venda. As que foram recuperadas, são constituídas por dois machados: um monofacial, outro de talão de duplo anel e um fragmento de foice. (NUNES, 1957b). Poderá tratar-se de um espólio de um fundidor ambulante, ou pode assinalar a paragem de um artifice, que ali poderá ter trabalhado. Dado que nada se sabe sobre o seu contexto tudo que se disser não passa de conjecturas. Certa é a existência de uma importante jazida mineira nesta área que a existência deste achado só ajuda a comprovar a sua antiguidade.

Ainda na Serra do Açor na área de Chãs de Égua, num local designado por Covões ou Outeiro do Penedinho, onde poderá ter existido um pequeno povoado foi detectado um machado de talão (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. Concelho de Arganil, sítio n.º 734, pág. 560).

Os depósitos metálicos “*poderão estar associados às antigas vias de comunicação terrestres e fluviais*”, (SENNA MARTINEZ, J. C., 2006: 110), facto que ocorre em três casos: Moura da Serra, Chãs de Égua em Arganil e na proximidade da rota natural da Serra do Açor e Foz de Arouce na Lousã. Existem mais dois achados em locais afastados de vias principais terrestres ou fluviais, caso do achado da Pena em Góis e do Liboreiro em Góis. Dois dos cinco achados tem o factor de proximidade da água e poderão estar relacionados com a prática de algum culto, o que justificaria a existência de dois machados

tecnologicamente distintos no Liboreiro em Góis, o que pode significar a *“visitação repetida de um mesmo lugar, isto é a re-sacralização com novas cerimónias de deposição. As peças de cronologia mais antiga poderão corresponder a deposições fundacionais e as mais recentes serão deposições reiterativas.”* (VILAÇA, RAQUEL, 2006: 42). Corroborando esta ideia saliente-se a existência de um sítio de arte rupestre a poucas centenas de metros, denominado de “Vale Moreiro”, estando representadas várias vulvas e um podomorfo. A representação de vulvas geralmente estão associadas a cultos agrários ou à exploração do minério dado que se retira do interior da “Terra Mãe”, ver escultura detectada na Aldeia de Relvas/Teixeira em Arganil, área onde existe uma importante jazida de cobre, no curso médio do rio Ceira; (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. Concelho de Arganil, sítio 904, pág. 659), *“misturam-se assim nas sociedades de metalurgistas elementos que vêm dos cultos agro-pastoris neolíticos com as novas práticas que o desenvolvimento das sociedades de metalurgistas e guerreiros impõe”*. (SENNA-MARTINEZ, J.C.,1983:10)

Associados a outros sítios de arte rupestre da região, foram ainda identificados alguns materiais arqueológicos que indiciam a sua possível relação com a exploração mineira da região, e muito possivelmente com a realização de rituais nestes locais. *“A prática mineira e metalúrgica é, nos povos ditos primitivos, frequentemente ligada a uma sexualização dos elementos envolvidos, com destaque para o papel do artesão metalurgista”*(SENNA-MARTINES, J.C.,1983:10) e *“que deve velar pela fecundação do minério no forno de que resultará o metal”* (ELIADE,1977:48).

Na área da bacia hidrográfica do rio Alva, nomeadamente na bacia do rio Alvôco detectou-se durante os trabalhos de prospecção no sítio de arte rupestre da “Raza dos Mouros” em Teixeira, Seia, duas cunhas em xisto verde. (Ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio 209, pág. 1600 a 1612).

Na área da Portela do Carvalho – Pedras Lavradas em Teixeira, Seia, uma cunha, (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de

arte rupestre nº IX. Concelho de Seia, sítio 1275, pág. 834). a cerca de 15 metros do conjunto de lajes aí existentes.

Na área de Vale das Figueiras – Pedras Lavradas, freguesia de Sobral de São Miguel, Covilhã, junto de uma estrutura em xisto indeterminada, uma cunha e um molde em granito fragmentado em várias partes<sup>80</sup> (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº II, concelho da Covilhã, sítio 982, pág. 692.) Este local está associado a um conjunto de lajes com arte rupestre designado pelo mesmo nome.

Na proximidade destes locais a 100 metros detectámos ainda a existência de uma mina antiga, denominada de “Mina dos Mouros”, nas Serra das Pedras Lavradas, freguesia de Sobral de São Miguel. (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº II, concelho da Covilhã, sítio 1268, pág. 832).

Estas pequenas cunhas ou martelos e seguindo a designação de (BENITO DEL REY *et ali*, 2003: 32) surgem frequentemente associados a contextos de arte rupestre, nomeadamente no sítio “Tierras Lineras”, em Pozos de Mondar (Mata de Ledesma, Salamanca).

Na área da Serra do Chiqueiro, encontra-se também uma das maiores jazidas mineiras da região onde existem vários metais como: cobre, estanho e ouro que poderão ter sido explorados na antiguidade. As galerias das minas da Panasqueira nos anos 40 do Século XX e as actuais galerias encontram-se localizadas sob o topónimo “Chiqueiro” o que não acreditamos ser apenas uma coincidência. Saliente-se ainda o facto da existência de cobre e estanho na mesma jazida o que poderá justificar a riqueza da região, pois o fabrico de bronze estaria mais facilitado, isto significaria que as populações locais não dependeriam doutras ou do comércio extra-regional. Contudo, algumas questões não estão esclarecidas como: quando foi possível terem tecnologia para explorar estes recursos, dado que alguns destes filões se encontram bastante profundos.

Outro pormenor importante sobre a localização dos grandes monumentos funerários escavados no Século XX da região como: “Moinhos de Vento” em Arganil e “S. Pedro

---

<sup>80</sup> Actualmente expostas no Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide.

Dias”, é o facto de terem algo em comum, a proximidade de “conheiras” (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. concelho de Arganil, e n.ºXI, concelho de Vila Nova de Poiares, sítios n.º 701, 1365 e 1366, pág. 544, 888). Este facto poderá explicar a natureza do seu espólio, tamanho, riqueza e muito provavelmente a existência de relações com o sudoeste peninsular. Sendo possível a importação de bens de luxo, gostos, arte, religião e acumulação de riqueza através das rotas de comércio que aqui passavam, mesmo nas áreas onde se situam estes monumentos funerários.

A exploração mineira na região terá tido muito provavelmente o seu apogeu na passagem da Idade do Ferro para a romanização. Serão do período republicano os principais testemunhos que nos chegaram, consubstanciados pela existência da ocupação de vários povoados como: “Lomba do Canho”; “Paço”, possível povoado nunca intervencionado, localizado na parte antiga da Vila de Arganil, tendo existido neste local uma ocupação romana (DIAS, M.F. 2008: 6), pois terão sido encontrados vários materiais arqueológicos e moedas. (Ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº I. Concelho de Arganil, sítios n.º 714, 903, pág. 550, 658); “Quinta da Torrinha”, escavada apenas uma pequena parte, existindo vestígios de estruturas habitacionais indígenas, cerâmica de grés com decorações do mesmo tipo da cerâmica indígena, recolhida nas escavações de Conímbriga, com decoração digital. Este povoado terá tido também uma ocupação alto medieval, estando também associado a uma mina existente no local. Recolheu-se ainda vários objectos metálicos e escórias, ainda em análise. (Ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III, concelho de Góis, sítios n.º1149, pág. 764)

A mineração antiga terá sido realizada junto do rio Ceira e em toda a área da Vila de Góis, por exemplo: sítios do «Pé Salgado», (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III, concelho de Góis, sítios n.º1083, pág. 740), nalguns casos, relacionados com a construção de pequenas barragens (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III, concelho de Góis, sítios n.º1062, pág. 733). Já mais próximo da foz

deste rio, existem outros sítios arqueológicos: «Povoado da Várzea», que se situa num cabeço junto do rio Ceira, controlando o rio, o qual nunca foi intervencionado, existindo nesta área dezenas de referências a minas escavadas em galerias, por exemplo na área do lar de idosos de Vila Nova do Ceira (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III, concelho de Góis, sítios n.º1093, pág. 745) onde registámos, uma dessas galerias de grandes dimensões escavada no terraço fluvial e ao ar livre, através da existência de “conheiras” que se situam nas proximidades da aldeia. E em vários outros locais ao longo do rio, em ambas as margens, alguns exemplos: em Góis na área do «Carvalhal do Pombo», no Linteiro e ponte de Sótão, onde se terá encontrado moedas romanas sendo uma delas em ouro.

Outros locais com ocupação romana, ainda não intervencionados, que poderão ter tido também um papel importante no controle da exploração mineira, na área de Góis, situa-se nos terrenos da “Quinta da Capela”, onde poderá existir um acampamento desta época, (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis, sítios n.º 1063, pág. 733); em “São Martinho”, deverá existir também uma ocupação romana (ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº III. Concelho de Góis, sítios n.º1067, pág. 735).

Estes locais indiciam uma intensa exploração mineira na região. Sendo provavelmente de época republicana, os vestígios de inscrições latinas no sítio de arte rupestre da «Raza dos Mouros», (ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio 209, pág. 1600 a 1612), em «Fontes de Cide» - Vide (ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio 167, pág. 1463 a 1466) e ainda em Vide - «Polveiro», junto do rio Alvôco (ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio n.º147, pág. 1396 a 1399). Os tesouros monetários de denários encontrados na área da Serra do Açor: na Moura da Serra na «Fraga da Safrinha» (Ver Tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº

I. Concelho de Arganil, sítio n.º721, pág. 553), associado a um povoado e sepulturas de época indeterminada e o tesouro encontrado em 1884 com cerca de 2000 denários, na ribeira do Alvôco: lugar de Aguincho junto da “Barroca da Galega”, (ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IX. Concelho de Seia, sítio n.º1250, pág. 821) associado a uma importante área de “conheiras” e várias «cortadas», desvios dos curso de água com o objectivo de explorar o ouro aluvionar. Destaca-se a cortada de Polveiro/Barriosa, na Ribeira do Alvôco. (Ver tomo II, Apêndice nº 4, fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre nº IX. Concelho de Seia, sítio n.º1355, pág. 881) Refira-se que nesta área foi encontrada uma inscrição de época romana com o nome de uma divindade pré-romana, *ALVA*. (Ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio n.º147, pág. 1396).

Refira-se ainda o facto da localização de muitas das minas de época romana existentes na região como: da Escádia Grande, Poços dos Ladrões, próximo das Mestras em Góis (onde se encontraram as inscrições romana dedicadas a *ILURBEDA*), terem em comum o facto de estarem situados na antiga «Rota do Sal» ou nas suas proximidades. Refira-se também o facto da existência ao longo deste caminho de muitas lajes gravadas, onde habitualmente predominam os podomorfos.

A mineração na região da área em estudo, parece assim ter tido um papel importante e dado um contributo significativo para o fenómeno das manifestações de arte rupestre, principalmente num dos seus últimos períodos.

## **Relação entre sítios Pré-históricos e Proto-históricos com os sítios de arte rupestre**

A região estudada revelou alguns locais com arte rupestre do final do Paleolítico Superior. Acreditamos que poderão existir possíveis relações com os contextos arqueológicos de arte rupestre de Foz Côa e do rio Guadiana no Sul de Portugal, através da existência de rotas naturais que cruzavam estas áreas. A existência de “Canadas” em Foz Côa, é exemplo dessa utilização durante a transumância em direcção à Serra da Estrela.

Levantamos aqui uma nova área de pesquisa, que acreditamos poderá contribuir significativamente para compreender a ocupação espacial e a interpretação do próprio fenómeno da arte rupestre sobretudo no final do Paleolítico Superior para esta região. Assim o contributo das ciências: como a antropologia e biologia para o estudo das rotas naturais na Pré-história e sua associação com arte rupestre ao ar livre poderá ajudar a responder de futuro a algumas questões que aqui lançamos.

Em Portugal conhece-se neste momento mais de dez áreas com arte rupestre do Paleolítico Superior e Epipaleolítica, sendo estes quase todos gravados e sendo raro, o uso da técnica da pintura em abrigos ou em grutas, com a excepção do Escoural.

Quase todos estes sítios localizam-se em vales fluviais: do Guadiana; Tejo e seus afluentes; Douro e seus afluentes. A seguir à descoberta do painel de Mazouco, que retrata um equídeo, seguiu-se as descobertas do complexo arqueológico do rio Côa, existindo também vários sítios no Alto Sabor ainda não totalmente publicados e estudados.

No Tejo, e seus afluentes, a seguir à descoberta da grande concentração de gravuras na área de Vila Velha de Ródão e Fratel, onde também se detectaram gravuras Epipaleolíticas nos anos 70 do século XX, seguiram-se várias descobertas recentes, caso do rio Ocreza, que serve de fronteira entre os municípios de Mação e de Vila Velha de Ródão, onde se encontra representado um equídeo numa pequena laje, obtido através de martelagem. O animal apresenta uma cabeça incompleta, em estilo de um naturalismo simples, em perfil absoluto, com uma cérvico-dorsal (BAPTISTA: 2001).

No rio Zêzere na área da Barroca (Fundão), área fronteira do presente estudo foi divulgado recentemente por um fotógrafo amador, um equídeo. Sendo visitado

posteriormente por vários arqueólogos. Situa-se numa paisagem semelhante ao rio Ocreza, junto ao próprio curso de água.

A área por nós estudada situa-se a norte do rio Zêzere, em dois rios (Ceira e Alva) que correm paralelo um ao outro e que também nascem na Serra da Estrela. Nesta bacia hidrográfica detectámos centenas de lajes, concentradas em 11 grandes núcleos, existindo sobretudo arte esquemática, ao longo de um conjunto de cumeadas com o sentido aproximado de Norte para Sul, e de uma linha de cumeadas que cruza a anterior com o sentido Este-Oeste no sentido do litoral para o interior (Serra da Lousã/Serra do Açor). Estas vias naturais foram usadas durante milhares de anos, como vias de comunicação, existindo centenas de lajes ao longo destes percursos. Chegando ainda ao século XX, com designações como «Via do Sal» ou «Estrada Real», que poderão estar associadas a rotas ibéricas.

Com o desenrolar da investigação apercebemo-nos que estas concentrações de arte rupestre se encontravam ligadas a rotas de transumância em direcção ao Tejo e à região do Alto Alentejo. E foi com alguma surpresa que quando fizemos a sobreposição das rotas da transumância ainda existentes na Idade Média e com as rotas que ainda chegaram ao Século XX, percebemos que estavam também ligadas às concentrações de arte rupestre. Tinham desta forma uma matriz comum: tinham como base as vias naturais existentes. A geologia e os relevos acentuados obrigaram o homem a percorrer os mesmos caminhos durante séculos. Esse facto ajuda também a explicar, a transumância associada à bacia do rio Côa, sendo que essa região estaria ligada ao Tejo, através da Serra da Estrela: pela Serra da Alvoaça, Pedras Lavradas, Serra da Cebola, e daqui ao rio Zêzere, pela área da Barroca, sendo possível esta travessia apenas na Primavera e Verão.

Também as áreas com maiores concentrações de arte rupestre no «Vale do Tejo», foram precisamente os locais escolhidos pela mesma necessidade. Acreditamos que estes locais serão também, rotas naturais dos animais ainda no Paleolítico Superior. E dada a geografia, terá havido uma continuidade de utilização destas áreas, durante os alvares do Neolítico e a existência da transumância, durante milénios.

Refira-se que estes locais têm excelentes condições de passagem a vau, dada a pouca profundidade do curso do rio Tejo, nomeadamente em Vila Velha de Ródão no início da Primavera e o final do Verão. Ainda em meados do século XX, antes das



construções das barragens no rio Tejo, e da construção de pontes, era também neste local que os veículos automóveis de maior porte passavam.

Nas proximidades do rio Zêzere, numa cumeada denominada de Serra do Chiqueiro em que se situa uma das rotas anteriormente referidas; inventariaram-se, cerca de 65 lajes gravadas com arte esquemática, uma com gravuras de carácter naturalista, indústria lítica e uma cavidade nas proximidades da Aldeia do Casal da Lapa, com pintura (não estudada) e com materiais arqueológicos líticos paleolíticos de superfície. Nesta área do Chiqueiro, detectou-se num afloramento irregular de xisto, já bastante afectado pelos trabalhos de construção civil, sem acompanhamento arqueológico, e pela passagem de máquinas retroescavadoras que ali colocaram uma torre meteorológica, deixando as marcas da sua passagem sobre muitas lajes de xisto, existindo ainda áreas cobertas com cimento. Foi numa destas lajes, que detectámos um painel com gravuras de carácter naturalista, a que demos o n.º de inventário de sítio de arte rupestre n.º 503 (Tomo IX, Apêndice nº7. Área n.º I, pág. 2583), O painel apresentava um conjunto de pequenas gravuras incisas, “raspadas”, e marteladas de forma combinada, usando também a técnica filiforme. Acreditamos que muitas outras gravuras deste tipo deverão ter existido, contudo as condições orográficas, nomeadamente os 1083 m de altitude, não facilitam a preservação de gravuras tão antigas.

Também na área do rio Ceira, num local com a designação de Pena em Góis (Tomo III, Apêndice nº5, área n.º I, sítio n.º13, pág. 949 a 955), detectámos num pequeno abrigo em quartzito, dominando um curso de água e um antigo caminho natural, um painel pintado a vermelho, com várias pinturas. Uma delas retrata um zoomorfo, possivelmente um ursídeo, em posição de ataque, de perspectiva normal, com animação segmentada (LEROI-GOURHAN: 1983), para a parte da frente do animal. O animal encontra-se pintado através de traço modelado, dando assim realismo ao conjunto.

Ainda nesta bacia hidrográfica encontrámos mais um painel, desta vez no xisto, mas vertical, junto ao curso de água, a cerca de cinco metros deste, nas proximidades da Aldeia da Covanca na Pampilhosa da Serra. (Tomo III, Apêndice nº5, área n.º II, sítio n.º20, pág. 976 a 980), com gravuras de carácter naturalista; representando dois possíveis

bovídeos, gravados através do método de martelagem. Estes zoomorfos estão representados enfrentando-se de perfil absoluto. No mesmo painel existem outras gravuras de épocas mais recentes como um antropomorfo.

Na região, a par da existência de sítios de arte rupestre, tem vindo a serem detectados um conjunto de jazidas com indústria lítica. Este estudo efectuado na região do rio Ceira (ver sítios n.º 1060, 1072, 1077, 1170, 1171, 1172, 1173, 1177, Tomo II, Apêndice n.º 4, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, n.º III, área de Góis pág. 732, 737, 738, 775 a 776 e área n.ºIV, Lousã, pág. 778) tem que ser interpretado como uma análise preliminar de uma quantidade limitada de peças e com a adopção de uma metodologia baseada na prospecção.

Nas proximidades do Chiqueiro na área do Casal da Lapa foi descoberto o único artefacto em sílex associável aos sítios de arte rupestre, de matéria-prima provavelmente proveniente das jazidas de sílex do «Baixo Mondego», situadas a mais de 40 kms. Trata-se de uma peça microlítica, um buril diedro sobre lamela oposto a fractura e bordo abatido em sílex esbranquiçado. (Ver no Tomo I, ilustração n.º146, pág.390) A cerca de 3 kms deste abrigo foi descoberto no Chiqueiro, junto ao sítio de arte rupestre n.º488 da área do Chiqueiro, (ver Tomo IX, Apêndice n.º7, área n.º I, pág. 2526 a 2534), e a poucos metros do sítio n.º503 (Tomo IX, Apêndice n.º7, área n.º I, pág. 2583 a 2586), acima referida com motivos paleolíticos, um possível furador em quartzo hialino, produzido a partir de um polígono hexágono, cujas superfícies planas apenas apresentam alterações em 3 lados, constituídas por linhas horizontais na extremidade inferior, provocadas por um possível encaixe. (Ver ilustração n.º146. pág. 390)

O restante conjunto lítico estudado é proveniente de terraços quaternários da área de Góis<sup>81</sup>, recolhidos ainda em 1998 pelo signatário e em 2007, caracterizados por um único tipo de rocha, constituída por quartzitos e quartzos, que integram a litologia da área e podem ser detectadas à superfície em afloramentos ou seixos de transporte fluvial. O material arqueológico, apesar de não ter sido transportado de muito longe, verifica-se que algumas peças surgiram nos terraços por deposição sedimentar. Foram também realizados

---

<sup>81</sup> Estas prospecções arqueológicas dos terraços de Góis, tiveram o auxílio do Dr. Jorge Ferreira em 1998, e em 2007 da Doutoranda Anabela Joaquinito.

estudos e análises sedimentológicas dos terraços quaternários, na procura de mais informações relacionadas com a datação da ocupação dos arqueosítios.

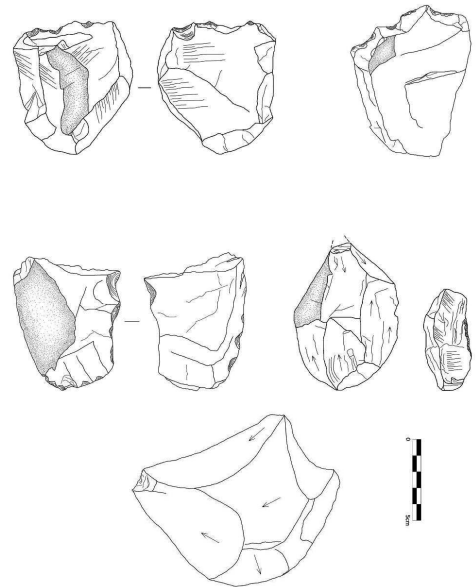
A matéria-prima impôs alguns condicionalismos na diversidade da tipologia lítica, existindo uma tipologia limitada a raspadeiras no grupo de artefactos e apenas um núcleo no material de debitage, com uma estratégia de exploração que consiste na produção de lascas a partir de seixos.

A análise tipológica sugere para que ao material seja atribuído uma datação que aponta entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior, hipótese que deverá ser fundamentada com a obtenção de um número superior de peças.

A indústria lítica analisada é constituída por macro utensilagem, com um talhe expedito e um retoque parcial denticulado, que sugere um tipo de artefactos para uso imediato, de fácil substituição, sem recorrer a técnicas especiais de preparação. O conjunto foi sujeito a uma fase plena da debitage, verificando-se uma descorticagem quase completa nas peças, de forma sistemática, com um valor percentual médio, de apenas, cerca de 15% de córtex nos artefactos. A única peça representativa do grupo de debitage é um núcleo sobre lasca em quartzito, que apresenta extracções de lascas paralelas e perpendiculares e sem córtex.

A caracterização tipológica e tecnológica dos artefactos em quartzito apresenta-se da seguinte forma (apenas os mais significativos, ver quadro n.º174, Tomo I, pág.390):

Tipologia	Designação e nº Inventário	Matéria-prima	Córtex	Morfologia do retoque	Talão
Raspadeira lateral	Sítio n.º 1171 (Baião-área 3)	Quartzito	30%	Denticulado alterno	Liso
Raspadeira frontal	Sítio n.º 1173 (Carvão - Alagoa núcleo 3, área 12)	Quartzito	5%	Denticulado	Liso
Raspadeira sobre lasca	Sítio n.º 1072 (Caselhos – área nº 1)	Quartzito	10%	Denticulado	Liso
Lâmina retocada	Sítio n.º 1072 (Caselhos área 1, 46-98)	Quartzito	10%	Paralelo parcial	Facetado
Furador com a extremidade distal fracturada	Sítio n.º 1172 (2 B, Área 4 – São Paulo)	Quartzito	20%	Sem	Liso



**Quadro 174 – Artefactos dos terraços da área de Góis**



**Ilustração 146 – Artefactos líticos recolhidos durante os trabalhos de prospecção. À esquerda furador recolhido no Chiqueiro (ver Tomo IX, Apêndice nº7, área n.º I, sítio 488, pág. 2526 a 2534) e à direita buril diedro sobre lamela, recolhido no sítio do Casal da Lapa (Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºVII, Concelho da Pampilhosa da Serra, sítio 1239, pág. 813 a 814)**

Os trabalhos realizados nas bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, documentam desta forma uma realidade mais complexa, e uma ocupação mais antiga do que se julgava até aqui.

O estudo das rotas naturais e o estudo do Paleolítico Superior do centro interior de Portugal ainda agora está a começar, sendo necessário continuar a prospectar a região, o que certamente nos trará novidades no futuro.

Associadas às rotas naturais identificadas nesta área, ao longo dos vários trabalhos de prospecção fomos detectando um grande conjunto de outros monumentos de várias épocas mais recentes associadas à arte rupestre, que retratam a ocupação humana na região. Neste sentido foram inventariadas, um importante conjunto de estrutura funerárias, do tipo «mamoas», e pequenas «cistas» que acreditamos estarem intimamente ligadas ao fenómeno da transumância, dado que se encontram na mesma área destes monumentos, como é o caso das «mamoas» e monumentos cistóides do Açor, Serra da Cebola, Alto do Sobral e Aguaceiras, área de Cabeço Solheiro, área de Vide e Serra da Alvoaça. São quase sempre estruturas de pequena dimensão, pequenos «*tumuli*» formadas por um montículo artificial de pedras de quartzo branco, e xisto, por vezes adossadas a afloramentos ou sobre o próprio afloramento. As poucas estruturas parcialmente escavadas identificadas até ao momento, encontram-se habitualmente a mais de 900 m de altitude, (ver Tomo II, Apêndice nº 4: fichas de sítios arqueológicos, relacionados com os sítios de arte rupestre sítios n.º731, 737, 753, 759, 760 761, 839, 840, 841, 842, 848, 856, 886, 892, 1293, 1332, pág. 558, 561, 571, 576 a 587, 616 a 618, 621, 630, 648, 652, 846, 868), nas área da Serra da Cebola, Serra do Açor e área de Vide, revelaram a quase ausência de materiais arqueológicos, facto que acreditamos se dever ao tipo de espólio que ali seria depositado, muito provavelmente à base de materiais perecíveis, madeira, cortiça, cabaças e peles. Recolheram-se poucos fragmentos de cerâmica nestes contextos. Refira-se que este tipo de situação é frequente nos monumentos situados nas áreas dos xistos, por exemplo, na Serra de São Mamede no Alentejo em oposição aos grandes monumentos situados na área dos granitos, ou nas áreas dos vales, caso dos monumentos dos «Moinhos de Vento» em Arganil e «da mamoa» de «S. Pedro Dias» de Vila Nova de Poiares.

Outro facto importante que se observou e associado às vias naturais, é a sua reutilização até meados do século XX, existindo vestígios de sulcos escavados nas rochas pela passagem de veículos de tracção animal. Observa-se que a maioria da arte rupestre existente nestas áreas, encontram-se nas proximidades destes caminhos antigos, estando inclusivamente documentada através das gravuras, várias representações de rodas e de

carros, por exemplo na área das Pedras Lavradas (ver no Tomo VII, Apêndice, nº6, fichas de sítio de arte rupestre, nºIII, área de Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça, sítio 318, pág. 1959 a 1961), Sobral de São Miguel (ver no Tomo XI, Apêndice, nº7, fichas de sítio de arte rupestre, nºIII, sítios, nº613 e 617, pág. 2985 a 2987 e 2999 a 3003), área de Vale Figueiras, Gondufo, Valera e Cabeço Solheiro (ver Tomo VIII, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre, nºIV, sítios nº417, 449, 456, 458, pág. 2294 a 2296, 2391 a 2394, 2413 a 2415, 2419 a 2422), na área de Nascentes do Ceira, Arouca/Silva (ver Tomo III, Apêndice nº5, nºII, sítio nº 30, pág. 1013 a 1017) e Vide (ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio de arte rupestre, nºI, sítios nº158, 184 e 209, pág. 1434 a 1436, 1516 a 1519, 1600 a 1612) que ajudam a registar a utilização destes locais como importantes pontos de passagem. Acreditamos que nalguns casos a representação de rodas e de carros poderá também estar associado a locais de culto possivelmente de cariz solar e funerário.

Ao longo destas áreas de cumeada, a par da arte rupestre, ainda encontramos um importante conjunto de testemunhos de várias épocas, constituído por abrigos, com uma larga cronologia e tipologia e muitas estruturas indeterminadas quase sempre de pedra solta, havendo vestígios de lareiras, uma delas estudada no âmbito de um acompanhamento arqueológico do parque eólico da Cebola, (ver Tomo II, Apêndice nº4, nºII, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, sítio nº1037, pág. 722) que cuja cronologia ainda se desconhece, nas proximidades de vários sítios de arte rupestre (ver Tomo IV, Apêndice nº5, nºIII, sítios nº79, pág. 1179 a 1181; sítios nº 104 a 109, pág. 1260 a 1277; sítio nº133, pág. 1349 a 1351; sítios nº127 a 129, pág. 1331 a 1339) e possíveis estruturas funerárias sítios nº1030 e 1036, pág. 719 e 721; ver também a localização destes sítios nos mapas 18 e 19, no Tomo II, Apêndice nº1, II, pág. 518 e 519.

Refira-se que a grande maioria destes testemunhos ainda não foi escavado ou estudado em termos de arquitectura e sua funcionalidade. Ainda a este propósito salientamos a existência de duas das estruturas mais importantes das áreas estudadas que poderão de alguma forma ajudar a compreender a ocupação humana neste espaço; referimo-nos aos sítios nº 982 e 983 do inventário de sítios arqueológicos do Vale das Figueiras (ver Tomo II, Apêndice nº4, nºII, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, sítio nº982 e 983, pág. 692 a 695). O primeiro local caracteriza-se pela existência de uma estrutura constituída por pedras de xisto

aparentemente um abrigo, igual a tantas outras que existem na área, contudo não estávamos à espera de encontrar nesse espaço um molde de granito de argolas fracturado, havendo ainda no local vestígios fragmentados de pelo menos mais um molde. Ainda associado a esta estrutura encontrámos várias peças de pedra polida: uma cunha em xisto amfibolítico, um pico ou martelo fracturado, e outras duas peças indeterminadas. Refira-se que a menos de 30 metros do local se situa uma enorme estrutura circular, com cerca de 25 metros de diâmetro; visível de satélite, constituída por pequenos blocos de xisto e quartzito branco, com uma altura de um pouco mais de 50 cm acima do solo. Na observação da fotografia aérea do local observam-se para além da dita estrutura, um conjunto de pequenas vias vicinais caracterizadas pela ausência de vegetação, que convergem para o referido local, vindas de ambos os lados da Serra, ou seja do lado de Teixeira e do lado de Sobral de São Miguel. Para além de uma via provavelmente de raiz romana que passa no centro da cumeada em direcção à Serra das Pedras Lavradas. (Ver no Tomo I, ilustração n.º141, pág. 258)

Várias questões se levantam, será esta estrutura circular um monumento associável à estrutura onde se encontrou o molde? e poderá estar associada às várias lajes gravadas existentes no local?

Certa é a existência de várias minas nas proximidades, cuja cronologia se desconhece, como é o caso das minas das Pedras Lavradas e no Gondufo que já existiam no Século XVIII, pela descrição do naturalista José Bonifácio e que já teriam sido exploradas em época antiga e seria aqui explorada alguma prata, existindo também chumbo.

Dos materiais arqueológicos, associados a contextos de arte rupestre, que detectámos durante as prospecções arqueológicas, destacam-se placas em xisto de dois tipos: rectangulares e discoídes (ver quadro n.º175, Tomo I, pág. 394):

- Uma placa rectangular na área da Serra do Açor, (ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºVII, Pampilhosa da Serra, ficha de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, sítio n.º 1231, pág. 807) neste caso, apresenta ainda nas suas faces vestígios de ocre, nos bordos vestígios de pequenos sulcos de desgaste provocados muito provavelmente por cordas vegetais que

ajudariam a segurar a peça a uma possível peça de vestuário como uma capa?

- o Discos circulares em xisto:
  1. Um na área da Serra do Açor (Outeiro dos Bardos) (ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºI, Arganil, ficha de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, ficha de sítio n.º830, pág. 611).
  2. Outro na área do Vale das Figueiras (ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºII, Covilhã, Sobral de São Miguel, ficha de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, ficha de sítio n.º 986, pág. 696)

N.º De referência sítio arqueológico	Foto	Material	Forma	Cor	Conservação	Furo central cm	Largura	Espessura	Peso gramas
830		Xisto	Discóide	Cinzento	Completo	1 cm	8 cm	2 mm	64 g.
986		Xisto	Discóide	Cinzento	Completo	1,3 cm	11 cm	0,8 mm	231 g.
1231		Xisto	Placa rectangular	Cinzento com vestígios de pintura forma semi circular	Completo	1,7 cm	11,5 X10,5	0,6 mm	155 g.

**Quadro 175 – Discos de xisto e placas perfuradas**

Todos estes artefactos têm uma característica comum, a perfuração central, com marcas desgaste provocadas pelo contínuo uso em suspensão.

Quando detectámos a primeira peça, no caso Outeiro dos Bardos (Arganil), colocámos duas hipóteses para a sua finalidade:

- o Que o referido disco poderia ser apenas uma peça de adorno?
- o Que poderia ter alguma utilidade prática como remate num “baraço” a que se lhe juntava uma corda em “junta” ou de “junco” ou outra planta, apertando desta forma um molhe de erva ou cereal.



Com a descoberta de uma placa de xisto rectangular com uma perfuração central, a segunda hipótese colocada inicialmente ficou definitivamente afastada.

Em relação à placa de xisto rectangular existem paralelos no Alentejo na área da bacia hidrográfica do rio Sever, ídolo/placa com a catalogação TR 26 em pleno contexto da cultura megalítica nomeadamente descobertos num “monumento de corredor longo, não possui como elementos decorativos mais do que uma pequena cova, onde normalmente seria aberto um furo destinado à suspensão...”(OLIVEIRA, J.M.F. 1998:520), existindo apenas uma diferença no facto de no caso alentejano a placa ser de arenito.

Segundo o mesmo autor, o qual defende que a existência de placas de xisto ou arenito sem qualquer decoração, poderá estar associadas ao facto de muito provavelmente, terem sido pintadas, como parece indiciar pelos vestígios de ocre encontrados quer no caso da placa do Alentejo, quer no caso, da peça recolhida na área da Serra do Açor.

As placas com a forma circular, tem paralelos com um outro artefacto recolhido num dos monumentos escavados os “Moinhos de Vento” em Arganil, com a particularidade de deste ser de bronze com cerca de 8 cm, decorado com quatro circunferências concêntricas rodeadas de uma faixa de espirais encadeadas. (SCHUBART, H., 1975:158-159) refere-se a este artefacto atribuindo-lhe proveniência micénica, facto que deverá ser visto com algumas reservas (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:113).

Com a descoberta destes materiais arqueológicos num contexto associado à arte rupestre, levantam-se algumas questões que achamos serem pertinentes:

- Terão sido estes “amuletos” ou “ídolos” pessoais apenas perdidos?
- Ou terão sido abandonados como ofertas a algum culto existente na área?

A presença destes possíveis adornos ou ídolos placa, associados a sítios de arte rupestre, como é o presente caso, são provavelmente mais um indício da sua possível utilização como amuletos ou como ídolos. Por último, ainda em relação aos motivos presentes, no que toca a simbologia e cronologia, acabam por ser bons indicadores cronológicos indirectos para os motivos circulares e espirais, encontrados por toda esta região.

A existência de muitos círculos gravados em toda a área das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, poderão também estar desta forma associados a cultos lunares ou solares, dado que ambos podem ser descritos de uma forma muito esquemática, como círculos.

Por último gostaríamos de referir que o acto cultural de gravar símbolos nas lajes de xisto da região, terá tido uma longa continuidade até ao presente, quase sempre por motivos religiosos ou espirituais. Facto que testemunhei directamente com um pastor o Senhor António da Erada, que conheci numa das idas ao campo, referindo-se a algumas cruces que ele próprio tinha gravado à cerca de 40 anos atrás, antes de ir para Lisboa, na área das Pedras Lavradas. Para ele a cruz simbolizava a vida de dificuldades, em que andava descalço, a pastorear o gado. Segundo o informante esses símbolos representavam a vida difícil, a fome e a abandono da sua cruz = vida, dado que iria para Lisboa, para uma vida melhor...

A este respeito pudemos observar esta continuidade em várias das áreas observadas, como por exemplo: na área da Serra do Chiqueiro, com a existência de uma grande quantidade de datas, alfabéticas, siglas e nomes sobretudo de pastores até à 2ª guerra mundial.

Na área da Serra da Abuceira, verifica-se a existência de muitos motivos cruciformes de época moderna e contemporânea, gravados sobre motivos Proto-históricos.

Por todas as áreas observadas verifica-se um grande conjunto de motivos podomórficos, muitos de época medieval, moderna e contemporânea. Por exemplo na área da Serra do Açor, verifica-se a existência destes motivos associados a uma eira colectiva na Aldeia do Piódão, associadas a algumas gravuras mais antigas, como covinhas.

Tudo indica que as populações locais utilizaram algumas destas áreas com arte rupestre também para fins agrícolas (eiras) ainda no Século XX, como é também o caso de uma das lajes na área do Sobral de São Miguel. Poderá desta forma, ter existido uma certa continuidade espiritual nas tradições locais, a julgar pelo facto de se terem continuado a usar alguns destes locais, como espaços colectivos, em determinadas datas do calendário agrícola? A este respeito a própria orientação destes espaços colectivos, nomeadamente a “Eira do Piódão”, em relação à posição do Sol, implicam a sua utilização desde a Primavera até Setembro. Neste local, virado para a Serra do Colcorinho (povoado Proto-

histórico) e dominando o curso de água. Parece que estes elementos tiveram também um papel importante desde épocas proto-históricas até ao Século XX. Observe-se uma das principais tradições festivas da região: como é o caso da procissão que partia das aldeias em redor do Colcorinho, até ao topo deste monte e que se realizava todos os anos, por altura do Solstício de Verão (21 de Junho), por altura da Lua cheia, que podia variar uma semana antes ou uma semana depois desta data.

## Simbologias presentes e tratamento de dados estatísticos

### Resultados

Da análise estatística que efectuámos para as gravuras existentes na área dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e Unhais, definiram-se três grupos básicos de métodos de gravação, como: a martelagem, a abrasão, e a incisão/ uso da técnica filiforme/raspagem, num total de 23.702 gravuras, distribuídas em 11 núcleos e 694 lajes gravadas. (Ver no Tomo I, mapas n.º1 e 7, pág. 54 e 235)

Verificando-se desta forma o predomínio do método de gravação da martelagem em 54,9% das gravuras, seguindo-se o método de gravação através da incisão/ traço filiforme em 32,3 %, e a abrasão com 12 %. A pintura está presente com menos de 1%.

ÁREAS	N.º DE LAJES	N.º DE REPRESENTAÇÕES	N.º DE ACÇÕES DE GRAVAÇÃO/ PINTURA	MARTELAGEM	%	ABRASÃO	%	INCISÃO/ FILIFORME/ INCISÃO	%	PINTURA	%
Área de Góis	16	1.516	1.866	533	28,6%	208	11,1%	1.120	60,0%	5	0,3%
Nascentes do Rio Ceira/Arouca/Silva	20	310	354	208	58,0%	41	12,0%	105	30,0%	0	0,0%
Serra da Cebola	109	3.740	3.813	1.124	29,0%	101	3,0%	2.588	68,0%	0	0,0%
Área de Vide	66	5.017	5.990	4.430	74,0%	973	16,0%	587	10,0%	0	0,0%
Serra do Açor	102	1.858	1.966	1.414	72,0%	212	11,0%	340	11,0%	0	0,0%
Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça	81	1.476	1.559	878	56,0%	218	14,0%	463	30,0%	0	0,0%
Vale das Figueiras, Valera, Cabeço Solheiro	76	3.652	3.890	809	21,0%	262	7,0%	2.819	72,0%	0	0,0%
Serra do Chiqueiro	65	1.875	2.179	1.600	74,0%	485	22,0%	94	4,0%	0	0,0%
Serra da Abuceira	54	3.187	3.918	1.592	41,0%	840	21,0%	1.486	38,0%	0	0,0%
Sobral de São Miguel	51	491	578	417	72,0%	79	14,0%	82	14,0%	0	0,0%
Pereiro	54	580	605	474	78,0%	25	4,0%	106	18,0%	0	0,0%
Totais	694	23.702	26.718	13.479	603,6%	3.444	135,1%	9.790	355,0%	5	0,3%
Totais % 11 Áreas					54,9%		12,0%		32,3%		0,03%

**Quadro 176 – Frequência dos métodos de gravação nas áreas estudadas**

Num universo estudado de 23.702 gravuras, verifica-se que 89% das gravuras observadas têm uma forma definida, enquanto que 11% das gravuras não apresentam uma forma bem definida.

Áreas	N.º DE GRAVURAS	FORMA DEFINIDA	%	FORMA NÃO DEFINIDA	%
Área de Góis	1.516	1.493	98%	23	2%
Nascentes do Rio Ceira/Arouca/Silva	310	232	75%	78	25%
Serra da Cebola	3.740	3.594	96%	146	4%
Área de Vide	5.017	4.819	96%	198	4%
Serra do Açor	1.858	1.673	90%	185	10%
Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça	1.476	1.224	83%	252	17%
Vale das Figueiras, Valera, Cabeço Solheiro	3.652	3.594	98%	58	2%
Serra do Chiqueiro	1.875	949	51%	926	49%
Serra da Abuceira	3.187	2.765	87%	422	13%
Sobral de São Miguel	491	337	69%	154	31%
Pereiro	580	420	72%	160	28%
<b>Totais 11 Áreas</b>	<b>23.702</b>	<b>21.100</b>	<b>89%</b>	<b>2.602</b>	<b>11%</b>

**Quadro 177 – Definição das gravuras nas áreas estudadas**

Tipologicamente podemos afirmar que existe o predomínio de linhas com 42,49 %, correspondendo a 10.068 gravuras, seguindo-se os pontos e conjuntos de pontos/manchas de pontos martelados com 27,42%, correspondendo a 6499 gravuras. Os motivos gravados indeterminados com 10,98% e 2602 gravuras. As “fossetes” com 5,66%, correspondendo a 1341 gravuras realizadas através da martelagem e abrasão. Os motivos circulares aparecem de seguida com 3,54%, correspondendo a 841 gravuras; os podomorfos com 2,27%, correspondendo a 540 gravuras; os cruciformes com 1,99%, correspondendo a 472 gravuras; as “ferraduras” com 1,12%, correspondendo a 267 gravuras; os alfabéticos e os motivos numéricos árabes estão representados por 1,01%, correspondendo a 240 gravuras; os rectângulos estão representados com 1,00%, correspondendo a 237 gravuras; os motivos serpentiformes com 0,56%, correspondendo a 133 gravuras; os antropomorfos aparecem com 0,35%, correspondendo a 84 gravuras; os quadrados com 0,16% e 40 gravuras; os triângulos com 0,15%, correspondendo a 36 gravuras; os meandriformes com 0,13% e 33 gravuras; as molduras e zoomorfos com 0,09% e 22 gravuras; as espirais 0,08%, com 21 gravuras; as rodas 0,07%, e 18 gravuras; os motivos estelares com 0,06% e 16 gravuras; os motivos vulviformes 0,06%, com 15 gravuras; os motivos gravados de linhas paralelas, com uma linha a interceptá-las, estão representados em 0,05%, correspondendo a 14 gravuras; os ídolos tipo I e alfabéticos antigos com 0,04%, e 11 gravuras; arboriformes com 0,04% e 10 gravuras; as pontas de seta e motivos idólicamente tipo Relvas 0,03% e 9 gravuras; as cabaças com 0,03% e 8 gravuras; as grelhas com 0,03% e 7 gravuras; os báculos com 0,02% e 6 gravuras; os pentagramas encontram-se representados por 0,02% e 5 gravuras; os motivos ancoriformes, o arco tipo II, o símbolo

tipo V e motivos escalariformes, cada um com 0,01% com 4 gravuras; as representações de objectos do quotidiano, motivos halteriformes, motivos como ídolos do tipo II, falos, torquiformes, símbolo tipo VI e tridente, cada um está representado, por 0,013% com 3 gravuras; tectiforme/casa, alabarda tipo I, alabarda tipo II, claviforme, fruto 2, losango, cada um com 0,008% correspondendo a 2 gravuras; e motivos como: braço, aracnídeo, motivo solar, coração, escudo, arco tipo I, fruto (bolota), bucrânio, folha, vaso com martelados no interior, machado tipo I, machado tipo II, símbolo tipo I, símbolo tipo II, símbolo tipo III, símbolo tipo IV cada com 1 gravura e 0,004% da amostra.

QUANTIDADE DE LAJES	54	65	20	81	51	54	109	102	76	66	16	694	
ÁREAS ESTUDADAS	ABUCEIRA	CHIQUEIRO	N. DO CEIRA AROUCA/SILVA	P. LAVRADA S. ALVOAÇA	S.SÃO MIGUEL	PEREIRO	CEBOLA	AÇOR	VALE F., G. VALERA	VIDE	GÓIS	TOTAIS	%
Linhas	1.536	48	73	502	28	70	2.707	430	2.882	706	1.086	10.068	42,492%
Pontos e grupos de pontos	625	272	48	392	93	62	578	824	286	3.162	157	6.499	27,429%
Indeterminados	422	926	78	252	154	160	146	185	58	198	23	2.602	10,982%
Fossetes	138	237	11	59	81	26	37	106	220	348	78	1.341	5,660%
Círculos	86	68	25	71	60	163	74	59	51	162	22	841	3,549%
Podomorfos	92	47	20	34	50	35	55	86	12	97	12	540	2,279%
Cruciformes	76	105	2	38	3	14	23	14	105	85	7	472	1,992%
Ferraduras	122	9	8	25	3	6	8	8	6	62	10	267	1,127%
Alfabetiformes/		122	17	18			10	50	7	12	4	240	1,013%
Rectângulos	20	16	6	30	12	29	45	18	5	23	33	237	1,000%
Serpentiformes	19	6	1	11		2	21	29	4	29	11	133	0,561%
Antropomorfos	23	4	2	14			3	9	1	27	1	84	0,355%
Quadrado	2	1								12	25	40	0,169%
Triângulo	2		9	2	1	1	12	3		1	5	36	0,152%
Meandromorfos	2	1	1	1		8	2	4		10	4	33	0,139%
Moldura	8		1	1				6	3	3		22	0,093%
Zoomorfos	1	6	3	1			2	1		3	5	22	0,093%
Espirais		1		5			4	5		6		21	0,089%
Rodas/Carros			1	4	2				7	4		18	0,076%
Motivos Estrelares										16		16	0,068%
Vulviformes		3					3	2	2	1	4	15	0,063%
Linhas paralelas com uma linha a interceptá-las										4	10	14	0,059%
Alfabetiformes antigos										11		11	0,046%
Ídolo Tipo I	1		1	1		1	1	6				11	0,046%
Arboriformes						1				9		10	0,042%
Ponta de seta											9	9	0,038%
Ídoloforme Relvas							1	3		5		9	0,038%
Cabaça	2	1		1		1	1	1		1		8	0,034%
Grelha	1	2		2			1				1	7	0,030%
Báculo				1				3		2		6	0,025%
Pentagrama	1		1						2	1		5	0,021%
Ancoriforme			1	2		1						4	0,017%
Símbolo Tipo V	4											4	0,017%
Arco Tipo II				1			1			1	1	4	0,017%
Escalariforme			1				2			1		4	0,017%
Objectos quotidiano										3		3	0,013%
Halteriforme				1	1					1		3	0,013%
Falo					1			1	1			3	0,013%
Torquiforme	1			1						1		3	0,013%
Ídolo Tipo II										1	2	3	0,013%
Símbolo Tipo VI										3		3	0,013%
Tridente					1		1			1		3	0,013%
Tectiforme/Casa	1							1				2	0,008%
Alabarda Tipo I								2				2	0,008%
Alabarda Tipo II											2	2	0,008%
Claviforme	1			1								2	0,008%
Fruto 2	1									1		2	0,008%
Losango											2	2	0,008%
Coração					1							1	0,004%
Motivos solares							1					1	0,004%
Aracnídeo										1		1	0,004%
Fruto(Bolota)								1				1	0,004%
Escudo							1					1	0,004%
Braço										1		1	0,004%
Arco Tipo I								1				1	0,004%
Bucrânio				1								1	0,004%
Folha										1		1	0,004%
Vaso com martelados no interior											1	1	0,004%
Machado Tipo I											1	1	0,004%
Machado Tipo II										1		1	0,004%
Símbolo Tipo I				1								1	0,004%
Símbolo Tipo II				1								1	0,004%
Símbolo Tipo III				1								1	0,004%
Símbolo Tipo IV				1								1	0,004%
TOTAL GRAVURAS	3.187	1.875	310	1.476	491	580	3.740	1.858	3.652	5.017	1.516	23.702	100%

Quadro 178 – Tipologia das gravuras existentes nas áreas estudadas e sua frequência

## Linhas e Grupo de pontos

A representação de linhas gravadas, surgem quase sempre incisas, riscadas sobre o xisto através de um percutor duro, mas bastante afiado. Foram também observadas algumas gravuras fusiformes, bastante mais profundas do que as anteriores, obtidas por um instrumento com planta em V, provavelmente um objecto metálico de cobre ou bronze. Exemplo em sítios de arte rupestre: em quase todas as gravuras do sítio número n.º 1 do Inventário Geral, em Góis (Tomo III, Apêndice nº5, nºI, área de Góis – Serra da Lousã, pág. n.º897 a 905) e gravura de um podomorfo no sítio n.º616 do inventário, (Tomo XI Apêndice 7, n.ºIII, área Área Sobral de São Miguel, sítio n.º616, Ilustração 90, pág. 2998). Refira-se ainda que algumas das gravações de linhas, poderão ser de carácter natural dada a sua pouca profundidade. Sendo difícil nalguns casos, apurar se se trata de origem antrópica, dada a existência de patine antiga na maioria dos casos.

A existência de muitas gravuras obtidas por simples pontos martelados, por vezes formando grupos de pontos e manchas são o segundo motivo mais frequente observado nas áreas estudadas.

Os conjuntos de mais de 6 pontos ou manchas de pontos martelados são predominantes em relação a todos os outros grupos de pontos martelados observados. Saliente-se que uma parte dos pontos martelados observados, poderão ter uma origem natural nalguns casos, resultantes da acção erosiva ou em resultado da acção humana.

PONTOS E GRUPOS DE PONTOS	ÁREAS ESTUDADAS																							
	Góis e S. da Lousã	%	Cebola	%	Nascentes do Rio Ceira/ A. e Silva	%	Vide	%	Serra do Açor	%	Área Pedras L./ S. da Alvoaça	%	Vale das Figueiras/ G. e V.	%	Chiqueiro	%	Abuceira	%	Sobral de S. Miguel	%	Pereiro	%	Total	%
1 PONTO	75	48%	221	38%	3	6%	1369	43%	341	41%	84	21%	54	19%	56	21%	117	19%	3	3%	0	0%	2102	36%
GRUPOS DE 2	24	15%	73	13%	5	10%	326	10%	74	9%	55	14%	36	13%	12	4%	64	10%	3	3%	1	2%	600	10%
GRUPOS DE 3	7	4%	44	8%	3	6%	114	4%	67	8%	45	11%	21	7%	10	4%	45	7%	5	5%	3	5%	320	5%
GRUPOS DE 4	2	1%	16	3%	3	6%	18	1%	17	2%	14	4%	7	2%	13	5%	34	5%	3	3%	1	2%	112	2%
GRUPOS DE 5		0%	12	2%	2	4%	4	0%	4	0%	10	3%	10	3%	0	0%	27	4%	1	1%	1	2%	59	1%
GRUPOS + DE 6	49	31%	212	37%	32	67%	1331	42%	321	39%	184	47%	158	55%	181	67%	338	54%	78	84%	56	90%	2728	46%
TOTAIS	157	100%	578	100%	48	100%	3162	100%	824	100%	392	100%	286	100%	272	100%	625	100%	93	100%	62	100%	5921	100%

Quadro 179 – Análise das gravuras de pontos e grupos de pontos nas áreas estudadas



## ***Podomorfismo***

A ideia de construir um modelo de interpretação aplicado à área estudada, sobre uma temática apaixonante como é a representação de «*vestigia pedis*», habitualmente conhecidos por podomorfos, justifica-se pelo facto de serem uma das iconografias mais vulgares no contexto da arte rupestre dos vales dos rios Ceira e Alva, existindo representações com vários sub-tipos e de vários períodos. Em primeiro lugar refira-se que a designação ou nomenclatura de podomorfos, é usada para caracterizar um determinado tipo de gravuras que têm a forma de pé, portanto com uma curvatura no seu interior, gravadas num suporte pétreo, obtidas por martelagem, incisão ou abrasão. Afastando-se as representações de círculos oblongos, círculos oblongos segmentados, e rectângulos segmentados a 2/3, que também poderão segundo alguns autores, ser representações estilizadas de podomorfos calçados, através da estilização da sola e tacão do sapato.

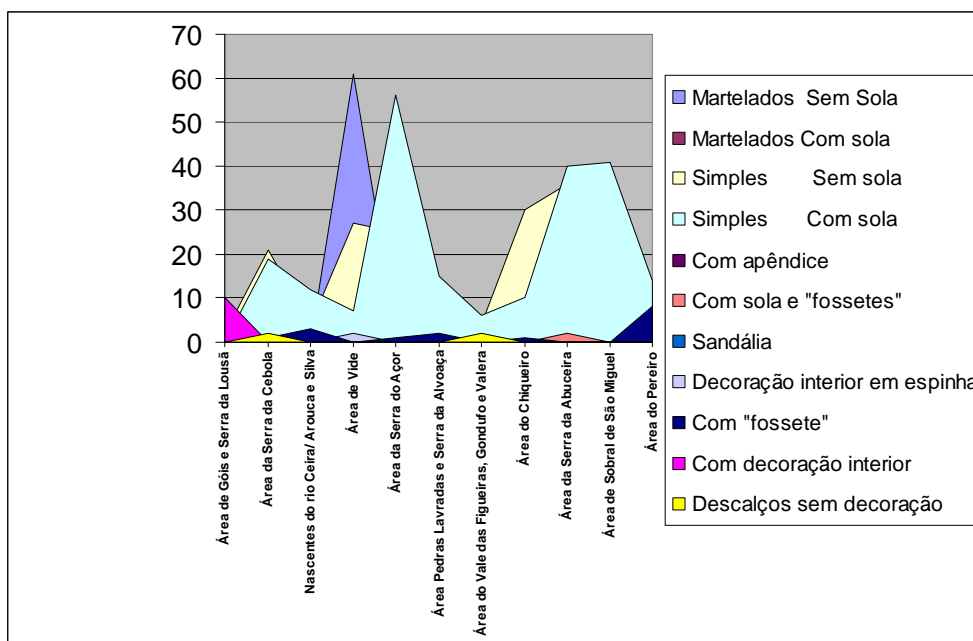
Com o trabalho de inventário e de observação nas 694 lajes gravadas analisadas neste estudo, realizou-se um quadro tipológico que acreditamos, se possa aplicar futuramente ao estudo de outras áreas e concentrações de arte rupestre portuguesas. (Ver no Tomo I, quadro n.º180, pág.403)

Tipologia dos Podomorfos existentes na região dos Rios Ceira e Alva – Portugal										
Descalços		Podomorfos martelados		Podomorfos sem decoração		Sandália	Com fossete	Com sola e fossetes	Com apêndice	Com decoração interior e espinha
Com decoração interior	Sem decoração	Sem sola	Com sola	Sem sola	Com sola					

**Quadro 180 - Tipologia de podomorfos conhecidos na área dos rios Ceira e Alva**

Pretendeu-se contribuir para uma análise da sua distribuição geográfica à escala regional, numa primeira fase e pretende-se futuramente realizar uma retrospectiva sobre o que se conhece sobre o fenómeno da representação de “podomorfos” e tipologias conhecidas em Portugal.

Foram analisadas em pormenor, as 11 concentrações de arte rupestre dos rios Ceira e Alva com este tipo de motivos de arte rupestre, resultando na inventariação de 540 gravuras. (Ver Tomo I, quadros n.º 181 e 182, pág.404 e 405).














**Quadro 181 – Tipologia de podomorfos e sua distribuição por áreas estudadas**

Em Portugal o fenómeno podomórfico encontra-se sobretudo localizado nas áreas da bacia do Tejo/Zêzere/Ocreza, junto dos cursos de água e próximo de áreas de passagem como é o caso de Vila Velha de Ródão, Trás-os-Montes, Beiras e alguns afluentes do rio Mondego, destacando-se as bacias hidrográficas dos rios Alva, Ceira e Zêzere. (Ver Tomo I, Mapa n.º8, pág. 413). Nestes as localizações principais das lajes gravadas com podomorfos encontram-se por vezes isoladas, em geral com muitas gravuras, dominando cursos de água, normalmente a meia encosta ou numa cumeada próximo de uma via antiga.

Os podomorfos aparecem por vezes associados a círculos, mas correspondendo a um momento de gravação posterior a este, caso das áreas da bacia hidrográfica do rio Zêzere e Tejo (áreas do Pereiro em Sobral de São Miguel – Covilhã) e Serra do Cabeço Rainha (Sertã/ Oleiros), (RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, S.: 2010).

O fenómeno do podomorfismo encontra-se bem representado nas 11 áreas, existindo uma amostra de 540 gravuras. Nesta análise saliente-se o predomínio das gravuras de podomorfos sem decoração, mas com sola, com cerca de 220 gravuras; seguem-se os podomorfos sem decoração e sem sola com 165 gravuras; de seguida surgem os podomorfos com decoração interior martelados sem sola, com 69 gravuras; seguem-se os podomorfos com martelados no interior e com sola, com 48 gravuras; de seguida

surtem os podomorfos com “fossete”, com cerca 16 gravuras; seguem-se os podomorfos descalços com decoração no interior com 10 gravuras; de seguida os podomorfos descalços e sem decoração com 4 gravuras; seguindo-se com duas gravuras cada: os podomorfos com sola e com “fossetes”, e com decoração interior em espinha; em último os podomorfos com apêndice e uma representação de sandália.

	Áreas											Total	%
	Área de Góis e Serra da Lousã	Área da Serra da Cebola	Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva	Área de Vide	Área da Serra do Açor	Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	Área do Vale das Figueiras, Gondufo e Valera	Área do Chiqueiro	Área da Serra da Abuceira	Área de Sobral de São Miguel	Área do Pereiro		
 Martelados Sem Sola	0	0	0	61	3	0	0	2	2	0	1	69	12,8%
 Martelados Com sola	0	12	1	0	1	10	0	4	11	1	9	49	9,1%
 Simples sola Sem	2	21	4	27	25	7	4	30	36	8	2	166	30,7%
 Simples sola Com	0	19	12	7	56	15	6	10	40	41	14	220	40,7%
 Com apêndice	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,2%
 Com sola e “fossetes”	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0,4%
 Sandalia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,2%
 Decoração interior em espinha	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0,4%
 Com “fossete”	0	1	3	0	1	2	0	1	0	0	8	16	3,0%
 Com decoração interior	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	1,9%
 Descalços sem decoração	0	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	4	0,7%
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>55</b>	<b>20</b>	<b>97</b>	<b>86</b>	<b>34</b>	<b>12</b>	<b>47</b>	<b>92</b>	<b>50</b>	<b>35</b>	<b>540</b>	<b>100%</b>

**Quadro 182 – Distribuição de podomorfos nas áreas estudadas e sua frequência**

Na metodologia aplicada aos trabalhos de campo, já anteriormente descritas em capítulos anteriores, foram ainda realizadas pesquisas bibliográficas como levantamento de

lendas, tradições e aplicou-se em cada laje gravada, um conjunto de acções, nomeadamente: a leitura da paisagem envolvente, registando-se também a orientação de cada gravura dos podomorfos. Realizou-se a descrição do suporte geológico e sua orientação geográfica.

Assim apenas como exemplos, de algumas áreas estudadas (PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L., 2011,1-5) nas bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva – Serra do Açor (Arganil), e áreas fronteira com a bacia hidrográfica do rio Zêzere, área do Pereiro (Covilhã), Serra da Abuceira (Covilhã) e Sobral de São Miguel (Covilhã), regista-se que a orientação da maior parte dos podomorfos têm uma:

- Orientação de NW-SE
- Horizonte direccionado para SE
- Lajes orientadas para SE
- O horizonte observado marca provavelmente o pôr-do-sol na altura do solstício de Verão.
- Estas orientações revelam provavelmente ainda um interesse crescente da Lua cheia em torno do solstício de Verão.

Sobre a sua localização é de referir que na amostra estudada, existem grandes concentrações de lajes gravadas com este tipo de motivos em áreas de interflúvios ao longo de linhas de cumeada, exemplo Serra da Lousã/Açor/Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça (distritos de Coimbra, Guarda e Castelo Branco) ligada à Serra da Cebola até ao Zêzere passando pela Serra do Chiqueiro (distrito de Coimbra - Pampilhosa da Serra). Estes locais são assim também rotas naturais de passagem e terão tido desde sempre um papel importante para a circulação de animais e pessoas. Limitando provavelmente nalguns casos não só realidades geológicas, mas também, provavelmente culturais. Marcam ainda hoje as fronteiras naturais e políticas de concelhos e regiões. Podemos ainda observar vestígios de várias épocas como: a existência de centenas de lajes gravadas, associadas a monumentos funerários, a abrigos de pastores, a vias antigas, onde se observam os sulcos de rodados que nalguns casos terão chegado até à primeira metade do século XX. Estas antigas rotas e caminhos foram designadas pela população, por exemplo na área da Serra da Lousã/

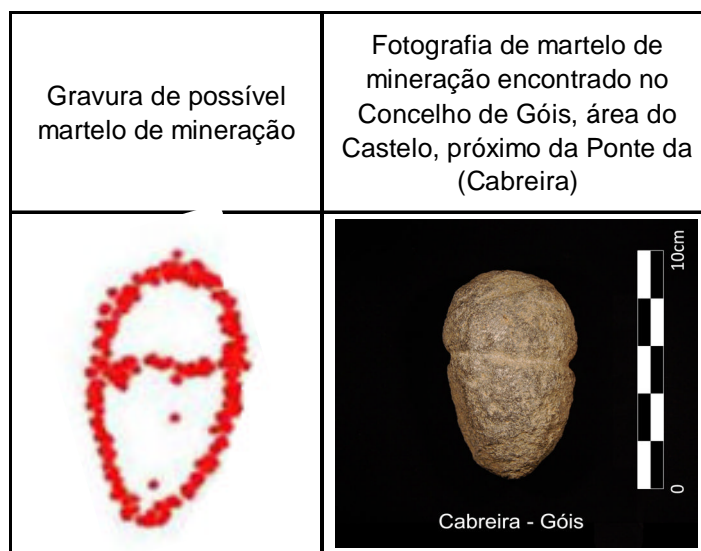
Açor/Sobral de São Miguel e Casegas (Covilhã) por: “A rota do Sal ou Estrada Real” até ao século XX. Percebe-se então que o relevo, fez a cultura, o Homem adaptou-se ao meio.

Às rotas naturais, são sobrepostas as rotas de pastores que se deslocavam do Alentejo e Cáceres em direcção ao grande maço central. E a estes juntam-se comerciantes e todos os que queriam se deslocar de uma forma rápida de Sul para Norte, ou vice-versa. Estas antigas rotas provavelmente faziam parte da antiga rota da prata, ligando as «Beiras» ao «Sudoeste Peninsular», passando pelo Tejo (Vila Velha do Ródão) com ligação à bacia do Sever.

No registo arqueológico da região existem assim vestígios deste importante mosaico cultural que se estende desde a Pré-história, passando pela época romana até aos nossos dias. Veja-se por exemplo um exemplo dessas influências que se fizeram sentir numa dessas áreas já em época romana, caso do culto de *ILURBEDA* com presença em inscrições associadas à mineração, quer em Cáceres, em Góis (área do rio Ceira) e Sintra. A maior parte destas gravuras situam-se em áreas de cumeada e de cruzamento de rotas, (Ver Tomo I, Mapa n.º6, pág.216) uma delas vinda do Zêzere através de Pedrogão Grande, no sentido Norte/Sul, com ligação à rota Este/Oeste «Estrada Real» ou «Via do Sal» anteriormente referida. Passando pela linha de cumeada próxima do sítio de arte rupestre da «Pedra Letreira». Refira-se ainda que estes locais estão também associadas a rotas de transumância até ao século XIX. Estas rotas estão associadas ao principal núcleo de arte rupestre da área de Góis, onde também surgem podomorfos. As rotas naturais tiveram assim um papel importante e decisivo para a escolha dos locais e das lajes onde iriam gravar. Parece assim também existirem nalguns casos uma ligação entre representação podomórfica, mineração e antigos caminhos. Facto apoiado pela recolha de artefactos ligados à actividade mineira, junto de sítios de arte rupestre como: cunhas de mineração recolhidas nos sítios da «Rasa dos Mouros», «Pedra Letreira», e área do Vale das Figueiras (Seia). Neste caso associado a um molde de granito de argolas.

Estes sítios encontram-se quase sempre associados à proximidade de cursos de água, podendo indiciar a existência de “santuários”, segundo alguns autores. Exemplo de um sítio de arte rupestre da área do Açor, sítio n.º 239 (ver Tomo VI, Apêndice n.º6, n.ºII, pág. 1709 a 1711), onde se destaca os podomorfos associados a círculos oblongos

segmentados a meio, possíveis representações de martelos de mineração. (Ver no Tomo I, ilustração n.º147, pág. 408)



**Ilustração 147** – Pormenor de gravura à esquerda (Tomo VI, Apêndice n.º6, n.ºII, Serra do Açor sítio n.º239, pág. 1709 a 1711 do inventário) e martelo à direita usado na mineração antiga recolhido na área mineira da Cabreira em Góis (ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºIII, área de Góis, sítio 1056, pág. 731)

Perguntamos nós: Quais seriam as razões e os motivos que levariam os nossos antepassados a gravar podomorfos?

A representação de pés gravados descalços, calçados, com sola, sem sola, pequenos ou grandes, poderão nalguns casos estar associados a locais de culto, existindo vários exemplos por toda a Península Ibérica. Por exemplo no interior da Península os podomorfos também aparecem associados a bancos ou a cadeiras rituais em “La Peña de Santa Maria” (Iruelos de Mesón Nuevo) (BENITO DEL REY *et ali*, 2003: 22-23). Este tipo de estruturas do tipo “cadeiras” ou “bancos”, aparecem ora sozinhas, ou por vezes em triplicado, por exemplo no centro de Portugal em Tomar (Junceira), caso do sítio das “Cadeiras dos Mouros”, no Povoado da Paixinha onde aparece um podomorfo calçado sem sola, associado a uma das três cadeiras ou «tronos» (RIBEIRO, N.M.C. 1997: 215-253).

A existência de podomorfos descalços estão também representados nas bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva em Góis, no sítio «Mestras II», (ver Tomo n.º III, Apêndice n.º5, n.ºI, sítio n.º 3, pág. 911 a 914) e na Serra da Cebola, (ver Tomo IV,

Apêndice n.º5, n.ºIII, sítio n.º 57, pág. 1111 a 1113) e na área de Gondufo/Valera, (ver Tomo VIII, Apêndice n.º6, n.ºIV, sítio n.º438, pág. 2358 a 2360), localizado próximo da junção da Serra do Açor com a Serra da Cebola e das Pedras Lavradas.

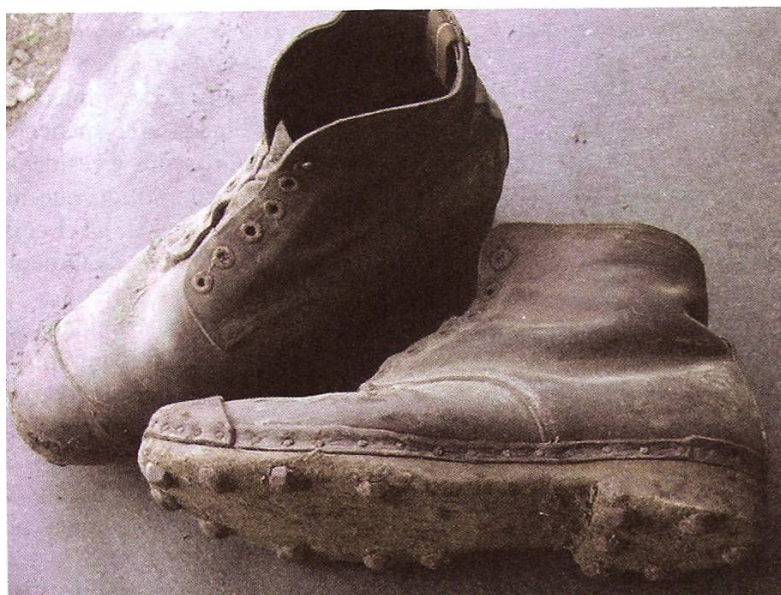
Na área estudada do rio Alva, também existe uma estrutura do tipo “cadeira” associada a um podomorfo no interior da Igreja de S. Pedro Lourosa, gravura hoje quase imperceptível. O local terá tido uma longa ocupação desde a Proto-história. (Ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºVI, área de Oliveira do Hospital, sítio 1198, pág. 791)

Existindo ainda na cultura popular vestígios desta espiritualidade, associada a outros locais onde se encontram actualmente templos religiosos católicos, casos da capela da «Nossa Senhora da Pegada» Foz de Arouce na Lousã, onde terá existido uma laje com arte rupestre e na capela da Senhora das Necessidades ambos os locais situados na bacia hidrográfica do Alva.

Ainda no que diz respeito ao tamanho dos podomorfos, saliente-se a existência nalgumas lajes de pequenos podomorfos, que pelo seu tamanho convida o autor a propor a representação de podomorfos de neonatos, com poucos centímetros de comprimento, aparecendo quase sempre aos pares, um esquerdo e um direito; formando um par. Casos dos sítios na área de Vide, «Rasa dos Mouros» e em Fontes de Cide (Tomo V, Apêndice n.º6, n.ºI, sítios n.º 168 e 209, pág. 1467 a 1470 e 1600 a 1612), e que fazem supor uma preocupação em representar provavelmente os membros mais pequenos da comunidade ou da família, dado que nestes locais existem também representações de podomorfos adultos. Esta preocupação em marcar um determinado local, poderá ser a prova da sacralização dos próprios espaços, quer pela continuidade da espécie, representando igualmente a renovação e por isso ligado à fertilidade.

Ainda no que diz respeito a esta possível ligação dos podomorfos à religião e a antigos cultos, é de referir as tradições que persistem na região dos rios Ceira e Alva, até ao século XX e que foi recolhida durante a recolha antropológica e etnográfica que se realizou na região, nomeadamente em dois locais, sítio da «Eira do Piódão» (Tomo VI, Apêndice n.º6, n.ºII, área da Serra do Açor, sítio n.º313, pág. 1930) e na Serra do Colcorinho na Serra do Açor. No caso do sítio da «Eira do Piódão», em Arganil trata-se de

um sítio de arte rupestre com gravuras na sua maioria de época histórica, apesar de existirem algumas covinhas. O local, uma antiga eira de cereais construída parcialmente em cima de uma diáclase de xisto típico da zona, e outra parte construída com o auxílio de pequenas lajes planas de xisto, que se encontram gravadas, sobretudo com podomorfos, serpentiformes e covinhas. A importância do local é acrescido por se tratar de um espaço que foi usado até ao século XX. Tratando-se de um espaço onde a comunidade desenvolvia actividades relacionadas com a agricultura e actividades ligadas às tradições locais ancestrais, nomeadamente “festas” de propiciação à fertilidade e de agradecimento; registadas na cultura oral, ou seja provavelmente memórias ancestrais ligadas à fertilidade e a cultos agrários. Só esse facto poderá explicar a existência de uma tradição de gravação nas rochas durante milhares de anos até ao presente. Caso de inúmeras representações de podomorfos recentes calçados com “brochas”, pequenos pregos que eram usados nos sapatos de madeira para melhor aderirem ao piso. (Ver Tomo I, ilustração n.º148, pág. 410)



**Ilustração 148 – Pormenor de sapatos com brochas utilizado na Iª Metade do Século XX, fotografia in PEREIRA, J.F. 2004: 209**

O sítio da “Eira do Piódão” é caracterizado pela existência de:

- Gravuras antigas e gravuras recentes, caracterizadas pela existência de diferentes oxidações.



- Nas gravuras tidas como antigas, temos alguns podomorfos e algumas covinhas realizadas por abrasão.
- Não é possível determinar a cronologia mais antiga das gravuras existentes. A Eira do Piódão encontra-se virada para SE, tal como a maioria dos podomorfos, padrão frequente nas lajes gravadas da região dos rios Ceira e Alva. Marca portanto uma possível relação solsticial (Verão) e lunar (plenilúnio – Lua Cheia). (RIBEIRO, N.M.C., PEREIRA, A.S., PIMENTA, F., JOAQUINHO, A., VENTURA, R., (2010, 50-51).

No Monte do Colcorinho situado na Serra do Açor (Arganil/Oliveira do Hospital) persistiu uma tradição muito peculiar até meados do século XX, que acreditamos ser um vestígio de uma antiga tradição pagã, e que estará relacionada com o fenómeno podomórfico local. A tradição consiste numa peregrinação ao Monte com esta designação, que se realizava uma semana antes ou uma semana depois do Solstício de Verão, em Junho. Os rapazes e raparigas solteiras de várias aldeias vizinhas de Vide (Seia) reuniam-se e faziam uma caminhada nocturna para ver o Sol nascer no horizonte a partir do Monte do Colcorinho. Segundo a tradição os peregrinos, nomeadamente as raparigas “casadoiras” bebiam a água da “Fonte da Estrela de Alva” em Vide e faziam uma promessa à Senhora do Colcorinho. E em agradecimento pelo pedido concedido, voltavam ao Monte do Colcorinho a pé e gravavam podomorfos e inscrições ao longo do caminho. A este propósito ver excerto da tradição recolhida: (ver Tomo XIII, Apêndice n.º8, ficha de lenda da área em estudo, n.ºV, Concelho de Seia, lenda/tradição n.º25, pág.3303, «Lenda da Fonte das Quatro Bicas»)

*“A propósito das palavras da Tia Natividade, recordo, que nesse passado já distante, ranchos de rapazes e de raparigas bebiam água casadoira, na bica dos amores, na noite de S. João, antes de partirem para a Capela do Colcurinho, para lá no alto, verem nascer o Sol. Subiam a pé, por um caminho ou carreiro, entre o mato, cantando e por vezes dançando junto aos poisos. Caminho ainda hoje marcado pelos pés de muitos*

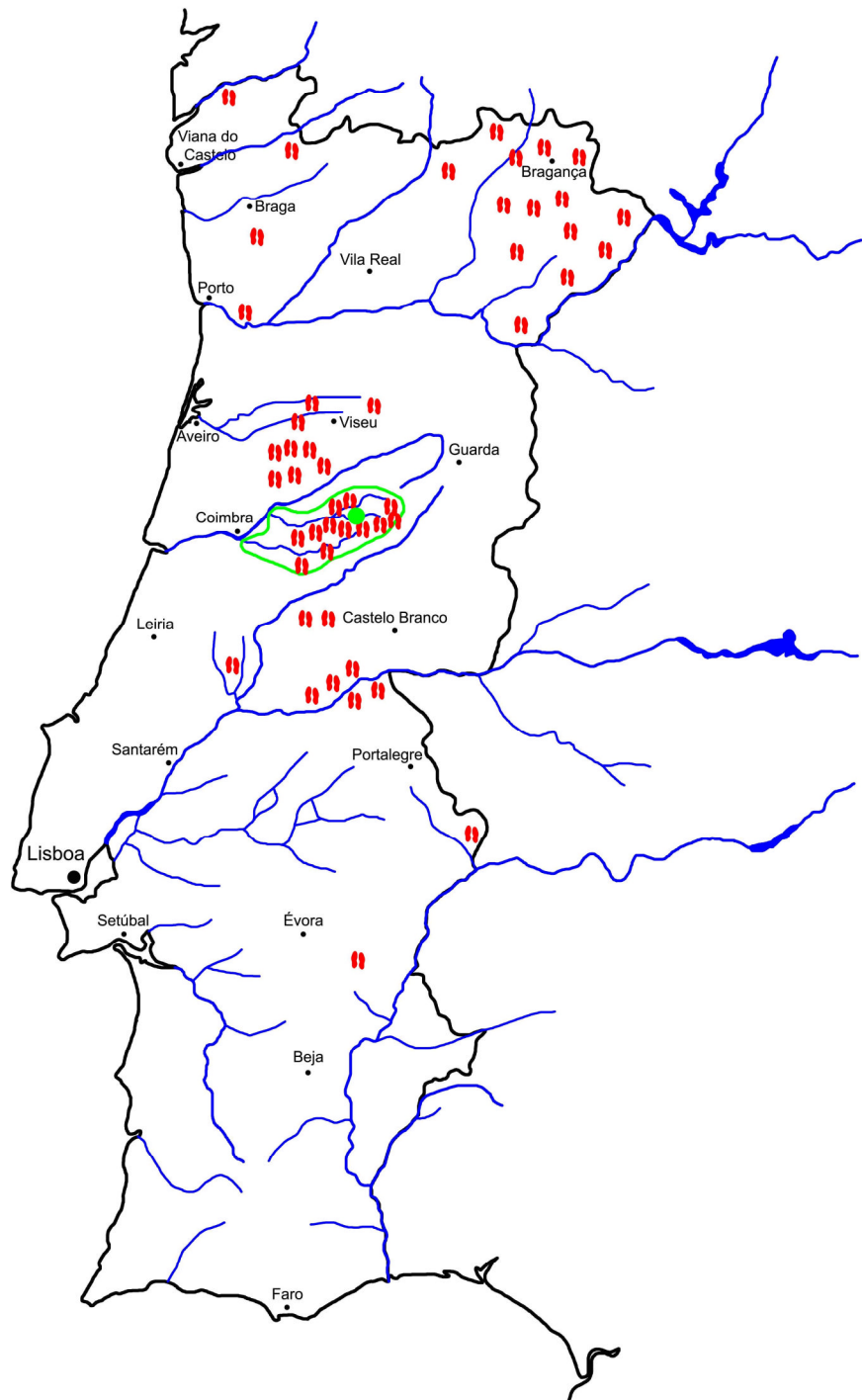
*peregrinos, abençoados pela fonte das quatro bicas. Eu, também, do mesmo povo de Vide, pisei esse caminho para o Colcurinho,...*<sup>82</sup>

Nas áreas estudadas documentou-se uma possível existência de relações dos sítios da arte rupestre com marcos astronómicos, nomeadamente o Sol e a Lua, mas quase sempre associados à montanha e à água, nomeadamente o domínio visual sobre estes.

A representação podomórfica pode assim provavelmente ter vários significados, dependendo da época em que foram gravados e o contexto em que se inserem. Existe desta forma um aparente conjunto de motivos e de razões para que o homem grave nas pedras uma parte do seu corpo, imortalizando um determinado momento e um pouco de si.

---

<sup>82</sup> In NOBRE, C. G. A.2006: 148,149, *Vide Memorial – Camélias Brancas*. Volume I Imprensa Ediliber, Lda. Novembro de 2006. Depósito Legal: 251711/06.



Distribuição do fenómeno podomórfico em Portugal.

- - Bacias Hidrográficas dos rios Ceira e Alva
- - Localização da área de Vide
- - Localização de sítios de Arte Rupestre com podomorfos

**Mapa 8 – Principais concentrações de representações de podomorfos em Portugal**

### Motivos circulares

Dos 841 motivos circulares representados, encontram-se predominantemente círculos oblongos, com 60,17 %, correspondendo a 506 gravuras; seguidos de círculos simples 22,35 %, correspondendo a 188 gravuras; os motivos circulares com gravações no interior seguem-se com 6,54 %, correspondendo a 55 gravuras, círculos com covinha com 5,23 % do total correspondendo a 44 gravuras; os círculos com apêndice 2,62 %, correspondendo a 22 gravuras; seguem-se os círculos com mais de um círculo no interior com 1,43 %, correspondendo a 12 gravuras; os semi-círculos com 0,83 %, correspondendo a 7 gravuras; os círculos com ligação 0,36 %, correspondendo a 3 gravuras; os círculos com grelha interior com 0,24 %, correspondendo a 2 gravuras; por último os círculos segmentados a meio com apêndice e os semi-círculos segmentados a meio ligados cada um com 0,12 % da amostra correspondendo a 1 gravura cada.

TIPOS DE CÍRCULOS	Área de Góis e Serra da Lousã	Área da Serra da Cebola	Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva	Área de Vide	Área da Serra do Açor	Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	Área do Vale das Figueiras/Gondufo e Valera	Área do Chiqueiro	Área da Serra da Abuçeira	Área de Sobral de São Miguel	Área do Pereiro	Total	Total%
SEGMENTADOS A MEIO COM APÊNDICE				1								1	0,12%
SEMI CÍRCULOS SEGMENTADOS A MEIO LIGADOS				1								1	0,12%
SEMI CÍRCULO			1	2		1		3				7	0,83%
COM GRELHA INTERIOR				1		1						2	0,24%
COM "FOSSETE" NO MEIO	2			16		3	14	3	4	1	1	44	5,23%
SIMPLES	8	15	8	64	10	27	11	12	25	3	5	188	22,35%
GRAVADOS NO INTERIOR		4	10	14	1	1	16	1	7		1	55	6,54%
COM APÊNDICE	2	1	1	2	1	6			9			22	2,62%
CÍRCULOS OBLONGOS	7	44	5	61	47	32	8	49	41	56	156	506	60,17%
COM MAIS DE UM CÍRCULO INTERIOR		10					2					12	1,43%
COM LIGAÇÃO	3											3	0,36%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>74</b>	<b>25</b>	<b>162</b>	<b>59</b>	<b>71</b>	<b>51</b>	<b>68</b>	<b>86</b>	<b>60</b>	<b>163</b>	<b>841</b>	<b>100%</b>

Quadro 183 – Tipos de círculos, quantificação geral por áreas estudadas

TIPOS DE CÍRCULOS OBLONGOS	Área de Góis e Serra da Lousã		Área da Serra da Cebola		Nascentes do rio Ceira/ Arouca e Silva		Área de Vide		Área da Serra do Açor		Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça		Área do Vale das Figueiras/ Gondufo e Valera		Área do Chiqueiro		Área da Serra da Abuceira		Área de Sobral de São Miguel		Área do Pereiro		Total	Total%
	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10	<10	>10		
TAMANHO CM																								
OBLONGOS SIMPLES	0	2	2	19	0	4	2	56	1	24	8	12	1	1	6	37	3	5	1	8	9	2	203	40,12%
SEGMENTADO A MEIO	1	2	0	4	1	0	2	0	0	1	1	4	2	1			3	1	1	1	16	22	63	12,45%
SEGMENTADO A 2/3	1	1	0	18			0	1	0	19	1	6	0	3	0	5	5	20	4	41	26	66	217	42,89%
COM DUAS SEGMENTAÇÕES			0	1					0	2					0	1	0	3			1	1	9	1,78%
OBLONGO SEGMENTADO COM FOSSETE																	1						14	2,77%
<b>Totais</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>42</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>57</b>	<b>1</b>	<b>46</b>	<b>10</b>	<b>22</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>43</b>	<b>12</b>	<b>29</b>	<b>6</b>	<b>50</b>	<b>64</b>	<b>92</b>	<b>506</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 184 – Quantificação geral, tamanho e tipologia de círculos oblongos das áreas estudadas**

Observam-se que nos círculos oblongos: predominam os círculos segmentados a 2/3 com 42,89 %, correspondendo a 217 gravuras; seguem-se os círculos oblongos simples com 40,12%, correspondendo a 203 gravuras; de seguida os círculos segmentados a meio com 12,45 %, correspondendo a 63 gravuras; seguem-se os círculos oblongos segmentados com “fossete” com 2,77 %, correspondendo a 14 gravuras, por último com 1,78 % seguem-se os círculos oblongos com duas segmentações com 9 gravuras.

Predominam também em todas as tipologias os tamanhos com 10 ou mais centímetros.

Saliente-se que nalguns casos a representação de círculos oblongos simples e círculos oblongos segmentados a 2/3, poderão representar de forma estilizada um podomorfo com ou sem sola. Os critérios anteriormente apresentados, nomeadamente a ausência de curvatura interior ou exterior, definiram a metodologia aplicada.

Refira-se também que os círculos oblongos segmentados a meio, poderão também estar relacionados com a representação de martelos de mineração, (ver Tomo I, ilustração n.º147, pág. 408). Estas possíveis representações deste tipo de martelo encontrado na área da área mineira da Aldeia da Cabreira em Góis, próximo do rio Ceira, poderá estar relacionado com um culto de fertilidade e mineração, dado todo o processo de transformação do minério em algo que toma forma e de certa forma ganha vida. Existindo assim um certo animismo no acto da transformação. Este tipo de gravuras, aparecem também associadas a covinhas na área do Pereiro. (sítios n.º651 e 688 do inventário geral,

Tomo XII, Apêndice nº7. Fichas de sítio arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, nºIV. Área do Pereiro (Sobral de São Miguel, ver sítio n.º651, ilustrações n.º 36 a 39, pag. 3117 a 3120 e sítio n.º688, ilustrações n.º173 a 177, pág. n.º 3249 a 3253). Tendo paralelos com símbolos tidos como idoliformes (SEVILLANO, M.C.1991:79), por exemplo em «Las Erias» na Comarca de Las Hurdes, em Cáceres em Espanha.

Os círculos concêntricos representados na área estudada do sítio n.º82 na área da Serra da Cebola (ver Tomo IV, Apêndice n.º5, n.ºIII, pág. 1188 a 1191), e na área de Vale Figueiras, G. Valera, sítio n.º470, (ver Tomo VIII, Apêndice n.º6, n.ºIV, pág. 2455); encontram-se também em toda a fachada atlântica, Irlanda, Bretanha, Norte de África, arquipélagos: das Canárias e Açores (Ilha Terceira – freguesia de Posto Santo). Este símbolo encontra-se associado ao incremento das navegações atlânticas, durante a Idade do Bronze e estará relacionado com a cultura atlântica. (SEVILLANO, M.C.1991: 98)

### **“Ferraduras”**

O motivo de “ferraduras” está representado nas áreas estudadas por cerca de 267 representações, destas 85,77 % da amostra são “ferraduras” simples, com 229 gravuras; seguem-se as “ferraduras” com covinha, correspondendo a 14,23% da amostra correspondendo a 38 gravuras.



Em relação ao tamanho, verifica-se a predominância em ambas as tipologias das “ferraduras” com o tamanho de mais de 6 cm.

O motivo “ferraduras”, está presente em todas as onze áreas estudadas. Havendo maiores concentrações de gravuras, nas áreas da Abuceira, Vide e Pedras Lavradas/Serra da Alvoaça, destacam-se os sítios (na área de Vide, ver Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºI, sítio n.º152, pág. 1411 a 1414), na área da Abuceira (ver Tomo X, Apêndice n.º7, n.ºII, sítios n.º539, 562, 587, 588, pág. 2700 a 2704, 2789 a 2793, 2888 a 2899), na área das Pedras Lavradas/Alvoaça (ver Tomo VII, Apêndice n.º6, n.ºIII, sítios n.º318 e 362, pág. 1959 a 1961 e 2100 a 2105)

A forma da “ferradura” poderá também ser a representação estilizada de vulvas, ou mesmo a Lua, veja-se por exemplo a representação de uma peça de ourivesaria em prata lúnula do tesouro de Chão de Lamas em Miranda do Corvo (ver no Tomo I, ilustração n.º149, pág. 417 e no Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºV, fichas de sítios arqueológicos relacionados com arte rupestre da região, Miranda do Corvo, sítio n.º1181, pág. 780)



Ilustração 149 – Foto de lúnula, tesouro de Chão de Lamas (Foto: Wikipédia)

ÁREAS ESTUDADAS	TIPOS DE FERRADURAS								Total
	TAMANHO FERRADURAS								
	 FERRADURAS SIMPLES				 FERRADURAS COM FOSSETE				
Até 3 CM	De 3 CM a 6 CM	Mais de 6 CM	Total	Até 3 CM	De 3 a 6 CM	Mais de 6 Cm	Total		
Área de Góis e Serra da Lousã	1	0	8	9			1	1	10
Área da Serra da Cebola	0	4	3	7			1	1	8
Nascentes do rio Ceiral/ Arouca e Silva	0	5	2	7			1	1	8
Área de Vide	4	9	34	47	0	4	11	15	62
Área da Serra do Açor	2	1	5	8				0	8
Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	2	6	6	14		2	9	11	25
Área do Vale das Figueiras/ Gondufo e Valera	0	3	1	4		1	1	2	6
Área do Chiqueiro	0	6	3	9				0	9
Área da Serra da Abuceira	2	24	92	118		2	2	4	122
Área de Sobral de São Miguel	0	1	2	3				0	3
Área do Pereiro		2	1	3		2	1	3	6
<b>TOTAIS</b>	<b>11</b>	<b>61</b>	<b>157</b>	<b>229</b>	<b>0</b>	<b>11</b>	<b>27</b>	<b>38</b>	<b>267</b>
<b>TOTAIS %</b>	<b>4,80%</b>	<b>26,64%</b>	<b>68,56%</b>	<b>100,00%</b>	<b>0%</b>	<b>29%</b>	<b>71%</b>	<b>100%</b>	
<b>TOTAIS %</b>				<b>85,77%</b>				<b>14,23%</b>	<b>100,00%</b>

Quadro 185 – Tipologias de “Ferraduras” observadas, tamanho e frequência

### *Fossetes* ou covinhas

As covinhas são uma das representações mais frequentes, nas 11 áreas estudadas, correspondendo: a 1341 gravuras, observou-se a existência de uma maioria de covinhas

simples com 1219 gravuras, correspondendo a 90,90 % da amostra. Enquanto que as covinhas associadas a um canal, estão representadas em 122 gravuras, correspondendo a 9,10% da amostra.

A forma de gravação utilizada é a martelagem, seguindo-se um processo de abrasão através da rotação de um percutor muito provavelmente de quartzito, provocando o desgaste do suporte que quase sempre é de xisto argiloso, com poucas exceções, caso do bloco gravado sítio n.º190 do inventário geral, denominado por Caroleiro-Aguincho, na área estudada de Vide e Ribeira do Alvôco (Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva. nºI. área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, sítio 190, pág. 1537 a 1541), onde o suporte é de granito. Tendo sido também usado o método de gravação de martelagem e abrasão.

Em relação ao diâmetro predominam as covinhas entre os 3 e os 6 cm, com 566 gravuras, correspondendo a 42,21 % das gravuras; seguindo-se as covinhas com 3 cm a 6 cm, com 526 gravuras, correspondendo a 39,22 % e por último as covinhas com mais de 6 cm correspondendo a 249 gravuras, correspondendo a apenas 18,57% da amostra.

Em relação à profundidade das covinhas, dividimo-las em dois tipos: com canal e sem canal. Nas covinhas com canal, predomina a profundidade com mais de 1 cm, com 68 gravuras, correspondendo a 55,74 %, seguindo-se as covinhas com menos de 1 cm de profundidade com 54 gravuras, correspondendo a 44,26 % da amostra. Nas covinhas sem canal, predomina a profundidade com menos de 1 cm, com 616 gravuras, correspondendo a 50,53 %, seguindo-se as covinhas com a profundidade entre os 1 e os 3 cm de profundidade com 414 gravuras, correspondendo a 33,96 % da amostra. Seguem-se as covinhas com a profundidade entre os 3 e os 6 cm, com 170 gravuras, correspondendo a 13,95 %. Por último as covinhas com a profundidade de mais de 6 cm, com 19 gravuras, correspondendo a 1,56 % da amostra.

Os dados obtidos em relação à profundidade das covinhas com canal, podem indiciar a existência da sua utilização para o derrame de líquidos nestes espaços, dado o predomínio da maior profundidade observada nas covinhas com canal em relação às simples.



As representações de covinhas são um dos motivos mais frequentes nas áreas estudadas. Aparecem por vezes isoladas, em pares, inseridas em conjuntos, por vezes ligadas por canais. Outras vezes aparecem gravadas sobre outras gravuras mais antigas, como que tendo uma clara intenção de “apagar” uma memória anterior ou acrescentar algo a um período anterior, caso do sítio n.º 1 do inventário geral área de Góis – sítio denominado por “Pedra Letreira”, (área de Góis e Serra da Lousã, Tomo III, Apêndice nº5, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira nº I, ver ilustração 1 a 7, pág. n.º897 a 905). Onde numa figura reticulada, foi gravada uma covinha, numa fase posterior através do método de martelagem e abrasão através de rotação de percutor duro, provavelmente de quartzito local.

ÁREAS ESTUDADAS	TIPOS DE FOSSETES											
	PROFUNDIDADE DAS FOSSETES								Total	LARGURA FOSSETES		
	COM CANAL DE LIGAÇÃO			SEM CANAL						< 3CM	3CM - 6CM	> 6CM
	Até 1 CM	Mais de 1 CM	Total	Até 1 CM	De 1 a 3 CM	De 3 a 6 Cm	Mais de 6 CM	Total				
Área de Góis e Serra da Lousã			0	76	2			78	78	75	1	2
Área da Serra da Cebola	6		6	15	14	2		31	37	11	24	2
Nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva			0	6	5			11	11	3	6	2
Área de Vide	5	22	27	195	74	34	18	321	348	166	136	46
Área da Serra do Açor	4	16	20	50	35	1		86	106	48	39	19
Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	1		1	39	15	4		58	59	37	19	3
Área do Vale das Figueiras/Gondufo e Valera	14	8	22	65	127	6		198	220	32	155	33
Área do Chiqueiro	14	1	15	29	84	109		222	237	41	88	108
Área da Serra da Abuceira	1	1	2	132	3	1		136	138	69	40	29
Área de Sobral de São Miguel	5	20	25	7	47	2		56	81	32	47	2
Área do Pereiro	4		4	2	8	11	1	22	26	12	11	3
<b>TOTAIS</b>	<b>54</b>	<b>68</b>	<b>122</b>	<b>616</b>	<b>414</b>	<b>170</b>	<b>19</b>	<b>1219</b>	<b>1341</b>	<b>526</b>	<b>566</b>	<b>249</b>
<b>TOTAIS %</b>			<b>9,10%</b>					<b>90,90%</b>	<b>100,00%</b>	<b>39,22%</b>	<b>42,21%</b>	<b>18,57%</b>
<b>TOTAIS %</b>	<b>44,26%</b>	<b>55,74%</b>	<b>100,00%</b>	<b>50,53%</b>	<b>33,96%</b>	<b>13,95%</b>	<b>1,56%</b>	<b>100,00%</b>				

Quadro 186 – Tipologia de covinhas nas áreas estudadas, tamanho e sua frequência

Segundo alguns autores as “fossetes” ou covinhas são representações do receptáculo da vida, concha ou a “*cavidad primigenia*” (BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R. 1994: 113-131); na área de Vide assinala-se também a existência de um antropomorfo no sítio n.º152 do inventário geral, em Vide e ribeira do Alvôco (Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, ver ilustração n.º 26 a 28, pág. n.º1411 a 1414), em que no lugar do sexo se encontra uma “fossete”, fazendo pressupor que se trate de um antropomorfo feminino. Esta figura encontra-se acompanhada por um outro antropomorfo, mas masculino, o que poderá indiciar a representação de um par genesial.

Noutros casos sugerem uma possível representação de constelações, facto que ocorreria nalguns monumentos situados na área de Múrcia. (GARCÍA ATIENZA, J., 1986: 43-52). Contudo esse tipo de análise é muito difícil de comprovar, dada a quantidade de pontos luminosos passíveis de serem observados na esfera celeste.

No contexto estudado surgiram também alguns conjuntos de covinhas que podem ser representações de conjuntos de estrelas, caso do sítio n.º 465 na área do Gondufo em plena Serra do Açor, (Tomo VIII, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nº IV, área do Vale das Figueiras, Valera e Cabeço Solheiro, ver ilustração n.º 280 a 283, pág. n.º2441 a 2443), aparecendo num bloco solto de xisto de covinhas ligadas por canais mas sem profundidade que permitisse a sua utilização como canais onde fossem derramados líquidos.















A existência de grandes covinhas, sem canal e gravadas em lajes ou blocos isolados, mas com uma grande amplitude visual sobre um vale ou o espaço, podem também ser locais de culto, ou que se insiram numa rede de outros monumentos, caso do sítio 154, situado próximo do marco geodésico dos Carvalheiros em Vide (Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºI, área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, ver ilustração n.º 36 a 39, pág. 1420 a 1422), refira-se que neste caso a existência nas proximidades de vários monumentos funerários ainda não escavados do tipo mamoadas e cistas, o que indicia a utilização da área como um espaço sagrado ao longo de vários períodos.

A possibilidade de alguns conjuntos de covinhas de diferentes tamanhos associadas entre si por canais, poderem também ter tido uma utilização, como espaços donde se praticariam libações, provavelmente associadas ao espaço envolvente, associando provavelmente vários elementos na paisagem como a localização do Sol e da Lua na altura do solstício de Verão, elementos que aparecem inseridos no campo visual do local em direcção à montanha da Serra da Cebola, (PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., & RIBEIRO, N.M.C., 2005: 264) caso de sítio nº 213 do inventário geral na área do Açor “Lomba Malhada Garcia” (Tomo VI, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, nºII, área da Serra do Açor, ilustrações n.º 5 a 9, pág. 1631 a 1634), e sítio n.º 488 do inventário geral da área do Chiqueiro, (Tomo IX, Apêndice, nº7, fichas de sítio arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, nºI, área da Serra do Chiqueiro; ilustrações n.º83 a 92, pág. 2526 a 2534), onde para além de existirem vários conjuntos agrupados de covinhas, estas inserem-se num afloramento de xisto, com várias bancadas em diferentes cotas, como se tratasse de vários níveis em direcção ao espaço. Provavelmente fazendo a ponte simbólica entre o mundo terreno e o mundo espiritual.

### ***Cruciformes***

Encontram-se representados cerca de 472 cruciformes na área estudada, gravadas predominantemente através do método de martelagem seguida de abrasão. Predominam as representações de cruces “latinas” com 354 gravuras, correspondendo a 75%, seguidas das cruces de “trevo” com 44 gravuras, correspondendo 9,3% da amostra, cruces “gregas” 38 gravuras, correspondendo a 8,1 % e cruces “calvário” com 16 gravuras, correspondendo a 3,4%, estando ainda representadas residualmente as cruces de “Santiago”, com oito gravuras, correspondendo a 1,7% da amostra, seguidas das cruces do “sagrado coração”, com cinco gravuras, correspondendo a 1,1% da amostra, com menos de 1%, seguem-se as cruces de “Bispo”, ”triumfante”, “matrimonial” e “suástica”. Em termos de simbologia, a maioria dos motivos cruciformes encontram-se associados ao fenómeno do cristianismo e peregrinações no caso da cruz de “Santiago”. Estes símbolos aparecem unicamente na proximidade da via principal da Serra do Açor (Tomo VI, Apêndice n.º6, n.º II, sítio

n.º310, pág. 1921 a 1923); na área da Cebola, aparece sobreposta a uma gravura de um podomorfo (ver Tomo IV, Apêndice 5, n.ºIII, sítio n.º75, pág. 1166 a 1169) e na área de Vale Figueiras (ver Tomo VIII, Apêndice 6, n.ºIV, sítios n.º402 e 441, pág. 2249 a 2251 e 2367 a 2369) como que marcando um caminho que também foi utilizado em época medieval. Foi também detectada apenas uma suástica na área estudada, na área de Vide. (ver Tomo n.ºV, Apêndice, n.º6, n.ºI, sítio 155, pág. 1423 a 1427) Este motivo é habitualmente classificado como podendo ser um motivo solar, e terá uma longa cronologia.

CRUCIFORMES	ÁREAS ESTUDADAS																							
	Góis e S. da Lousã	%	Cebola	%	Nascentes do Rio Ceira/ A. e Silva	%	Vide	%	Serra do Açor	%	Área Pedras L/ S. da Alvoaça	%	Vale das Figueiras/ G. e V.	%	Chiqueiro	%	Abuceira	%	Sobral de S. Miguel	%	Pereiro	%	Total	%
 Latinas	3	43%	16	70%	2	100%	61	72%	2	14%	17	45%	78	74%	96	91%	64	84%	1	33%	14	100%	354	75,0%
 Gregas	3	43%	3	13%	0	0%	10	12%	2	14%	6	16%	4	4%	4	4%	4	5%	2	67%	0	0%	38	8,1%
 Calvário	0	0%	3	13%	0	0%	0	0%	8	57%	0	0%	1	1%	2	2%	2	3%	0	0%	0	0%	16	3,4%
 Bispo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	3%	1	1%	0	0%	0	0%	4	0,8%
 Triunfante	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,2%
 Santiago	0	0%	1	4%	0	0%	0	0%	2	14%	0	0%	5	5%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	8	1,7%
 Baptismal	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0,0%
 Jerusalém ou das Cruzadas	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0,0%
 Sagrado Coração	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	4	5%	0	0%	0	0%	5	1,1%
 Papais	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0,0%
 Trevo	0	0%	0	0%	0	0%	12	14%	0	0%	14	37%	17	16%	0	0%	1	1%	0	0%	0	0%	44	9,3%
 Matrimonial	1	14%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,2%
 Radiosa	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0,0%
 Suástica	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0,2%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>	<b>2</b>	<b>100%</b>	<b>85</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>38</b>	<b>100%</b>	<b>105</b>	<b>100%</b>	<b>105</b>	<b>100%</b>	<b>76</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>472</b>	<b>100%</b>
	1,5%		4,9%		0,4%		18,0%		3,0%		8,1%		22,2%		22,2%		16,1%		0,6%		3,0%		100%	



Quadro 187 – Quantificação dos cruciformes nas diferentes áreas estudadas

## *Espirais*

As espirais encontram-se representadas em apenas cinco das onze áreas estudadas, através de 21 gravuras, obtidas através do processo de gravação da martelagem com percutor duro, provavelmente quartzito. Estas representações encontram-se gravadas maioritariamente no sentido horário com 11 gravuras, correspondendo a 52,38 % da amostra. As gravuras de espirais com o sentido anti-horário estão representadas por 10 gravuras, correspondendo a 47,62 % da amostra. Verifica-se a predominância nos dois tipos de espirais do tamanho entre os 10 e os 50 cm. (Ver Tomo I, quadro n.º188, pág. 424)

O motivo artístico da espiral, encontra-se também representada noutros contextos Pré-históricos da região nomeadamente no monumento megalítico: “Moinhos de Vento”, em Arganil, onde numa sepultura periférica ao monumento megalítico n.º1, escavado inicialmente por CASTRO NUNES em 1957 e 1958. (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:103-118) e (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:1-27), se encontrou associado ao espólio de cunhas de mineração, e indústria lítica, uma pequena placa metálica com 7,5 cm por 7 cm, parte de um disco com 8 cm de diâmetro, decorado com quatro circunferências concêntricas rodeadas de uma faixa de espirais encadeadas. (SCHUBART, H., 1975:158-159) refere-se a este artefacto atribuindo-lhe proveniência micénica, facto que deverá ser visto com algumas reservas (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:113). A riqueza do espólio e as possíveis relações comerciais com Sudeste hispânico eram prováveis segundo o autor, corroborando a opinião de (CASTRO NUNES, J. C. 1959: 32-35) em que enquadrou os petróglifos da “Pedra Letreira” no Calcolítico.

Na região destacam-se os sítio com uma espiral na área da Serra do Chiqueiro, sítio n.º 478 (Tomo IX, Apêndice, n.º7, n.ºI, pág. 2484 a 2493), na área das Pedras Lavradas/Alvoaça sítios n.º336, 349, 350, 359 (Tomo VII, Apêndice n.º6, n.ºIII, pág. 2015 a 2018, 2057 a 2062 e 2091 a 2093), na área da Serra da Cebola sítios n.º 69 e 82 (Tomo IV, Apêndice n.º5, n.ºIII, pág. 1148 a 1150 e 1188 a 1191), na área da Serra do Açor, sítios n.º241, 251, 252 (Tomo VI, Apêndice n.º6, n.ºII, pág. 1715 a 1720, 1748 a 1753), e na área de Vide sítios 153, 170, 185, 187 (ver Tomo V, Apêndice n.º6, n.ºI, pág. 1415 a 1419, 1474 a 1476, 1520 a 1523, 1527 a 1529).

ÁREAS ESTUDADAS	TIPOS DE ESPIRAIS								Total
	TAMANHO ESPIRAIS								
	ESPIRAIS SENTIDO HORÁRIO				ESPIRAIS SENTIDO ANTI-HORÁRIO				
									
	Até 10 CM	De 10 CM a 50 CM	Mais de 50 CM	Total	Até 10 CM	De 10 a 50 CM	Mais de 50 Cm	Total	
Área de Góis e Serra da Lousã				0				0	0
Área da Serra da Cebola		1		1		3		3	4
Nascentes do rio Ceira/ Arouca e Silva				0				0	0
Área de Vide		4		4		2		2	6
Área da Serra do Açor		1	1	2		3		3	5
Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça		4		4		1		1	5
Área do Vale das Figueiras/ Gondufo e Valera				0				0	0
Área do Chiqueiro				0			1	1	1
Área da Serra da Abuceira				0				0	0
Área de Sobral de São Miguel				0				0	0
Área do Pereiro				0				0	0
<b>TOTAIS</b>	0	10	1	11	0	9	1	10	21
<b>TOTAIS %</b>	0,00%	90,91%	9,09%	100,00%	0,00%	90,00%	10,00%	100,00%	
<b>TOTAIS %</b>				52,38%				47,62%	100,00%

Quadro 188 – Quantificação de espirais nas áreas estudadas e sua orientação

### Zoomorfos, Aves, Aracnídeos e Serpentifomes

Na abordagem que efectuámos a este tipo de motivos, analisaremos em primeiro lugar o número total de motivos zoomórficos, de seguida dividiremos os zoomorfos de carácter naturalista e os zoomorfos de carácter esquemático. E por último faremos uma última análise das várias espécies taxonómicas representadas.

Na área estudada detectaram-se 156 motivos zoomórficos, estando representados em 8 das 11 áreas.

O único sítio pintado com motivos naturalistas, situa-se na Aldeia da Pena em Góis, sítio n.º13 do Inventário Geral, área de Góis e Serra da Lousã, (Tomo III, Apêndice n.º5, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.º I, ver ilustração 56 à 63, pág. n.º949 a 955). Insere-se na cordilheira da Serra da Lousã, na montanha denominada por Penedos de Góis, nas proximidades de uma importante via natural que viria do Zêzere e também de um outro conjunto de sítios de arte rupestre nomeadamente os complexos da “Pedra Letreira e Pedra Riscada”. Caracteriza-se por ser constituído por um pequeno

abrigo em quartzito, dominando um curso de água denominado por rio Sótão; situando-se na margem esquerda deste, e junto de um antigo caminho natural.

O pequeno painel de quartzito apresenta pinturas a vermelho, e alguns óxidos, sendo que as pinturas ao contrário destes têm uma forma definida; notando-se uma densidade cromática que varia nas várias figuras apresentadas em consequência do método utilizado. Uma delas retrata um zoomorfo, possivelmente um ursídeo em posição provavelmente de ataque? Em perspectiva normal, com animação segmentada (LEROI-GOURHAN, 1983), para a parte da frente do animal. O zoomorfo encontra-se pintado através da técnica de traço modelado, dando assim realismo ao conjunto. Apresenta-se segmentado: frente e traseira; estando representados, os dois joelhos em perfil bem salientados, através de linhas distintas em sobreposição. Não é de excluir no entanto que se trate da representação de dois animais. Sendo neste caso aquilo que entendemos por joelhos serem representações de quadris de um outro animal. Observa-se ainda outras duas pinturas, uma do lado de baixo realizada através do método de decoração digital, (2º método utilizado nesta pintura), fazendo lembrar uma cabeça. Na outra ponta da superfície vertical, aparece mais uma possível pintura; uma possível cabeça de um equídeo em perfil virado para a direita, existindo uma possível pintura da crina, denunciada pela existência de pequenos pontinhos. Saliente-se que apenas estudos em laboratório poderão esclarecer algumas dúvidas sobre composição química, desta última mancha.

Ainda nesta bacia hidrográfica encontrámos mais um painel vertical, desta vez no xisto, junto ao curso de água, a cerca de 3 metros deste, nas proximidades da Aldeia da Covanca na Pampilhosa da Serra, com gravuras de carácter naturalista; representando dois possíveis bovídeos, gravados através do método de martelagem. Estes zoomorfos estão representados enfrentando-se de perfil absoluto sítio n.º20, do inventário geral, área das nascentes do rio Ceira/Arouca e Silva, (Tomo III, Apêndice, n.º5, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, n.ºII, ver ilustração n.º 82 a 87, pág. 976 a 980). No mesmo painel existem outras gravuras de épocas mais recentes como um antropomorfo.

Nas proximidades do rio Zêzere, numa cumeada denominada de Serra do Chiqueiro, em cerca de 64 lajes gravadas com arte esquemática, surgiu uma com gravuras










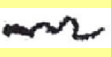
de carácter naturalista; indústria lítica e uma cavidade nas proximidades (Casal da Lapa), com materiais arqueológicos líticos, do período Paleolítico de superfície.

O afloramento irregular de xisto gravado com zoomorfos de carácter naturalista detectado na área do Chiqueiro, encontra-se bastante afectado por trabalhos de construção civil que numa primeira fase se realizaram sem acompanhamento arqueológico e pela passagem de máquinas retroescavadoras que ali colocaram uma torre meteorológica, deixando as marcas da sua passagem sobre muitas lajes de xisto, existindo ainda áreas cobertas com cimento. Foi numa destas lajes, que detectámos um painel com gravuras de carácter naturalista, a que denominamos sítio n.º 503 do inventário geral, área do Chiqueiro, (Tomo IX, Apêndice nº7, fichas de sítio arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Unhais/Zêzere, fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva, nºI, área da Serra do Chiqueiro, ver ilustração n.º 147 a151, pág. 2583 a 2586). O painel apresentava um conjunto de pequenas gravuras incisivas, “raspadas”, e marteladas de forma combinados, usando também a técnica filiforme. O afloramento apresentava uma superfície que estava enterrada e outra que estava ao ar livre e desta forma muito oxidada. Esta laje tem um pendor bastante acentuado com cerca de 30º de inclinação o que também a distingue de outras da mesma área, facto que lhe permitiu a sua conservação através da fraca exposição aos agentes atmosféricos, e pelo facto de nela se terem depositado sedimentos que a conservaram. O painel que se encontrava protegido pela terra, com cerca de 15 cm, apresentava um conjunto de 6 zoomorfos: sendo o sexto apenas as pernas de um quadrúpede, gravados através do método da incisão filiforme, existindo outras gravuras mais recentes realizadas por abrasão também no mesmo painel: A gravura n.º1 – identificamo-la como um ideomorfo - uma cabeça virada para a direita, de perfil de carácter naturalista, possivelmente de um bovídeo, estando representando parte da linha cervico-dorsal, os cornos e parte do pescoço do animal. A gravura n.º2: identificamo-la como um quadrúpede, um grande herbívoro, possivelmente um auroque? Encontra-se virado para a direita, de perfil de carácter naturalista, apresenta vestígios de cornos, a linha do ventre e linha cervico dorsal bem delineadas; encontra-se em movimento pela posição das pernas da frente, como que saltando. Apresenta ainda uma gravação que parte da perna dianteira e se prolonga para fora do corpo passando pela área do coração do animal. A



gravura n.º3 – identificamo-la como um grande quadrúpede, visto de perspectiva torcida seguindo a classificação de (SANCHIDRIÁN 2005: 258-259), como um grande herbívoro, possivelmente um bovídeo. Encontra-se virado para a direita, de carácter naturalista. Apresenta a linha cervico-dorsal e a linha do ventre bem delineada. Encontrando-se representadas apenas duas pernas, a da frente e de trás dada a vista de perfil. Estando ainda representado os quadris do animal e provavelmente o órgão sexual. A gravura n.º4: identificamo-la como uma cabeça e pescoço de um cervídeo de perfil, virado para a esquerda. Na gravura encontra-se representada ainda as hastes de um animal adulto. A gravura n.º5: identificamo-la como a representação de um prótomos: equídeo de perfil, com mandíbulas bem marcadas, com crina bem delineada e pescoço. Encontra-se ainda gravado apenas parte da perna de frente do animal. A gravura n.º6: vestígios de um quadrúpede restando deste apenas as pernas que se encontram na área da cabeça da gravura n.º 3.

A representação de zoomorfos do tipo pectiniforme encontra-se presente na laje da «Raza dos Mouros», sítio n.º209 (Inventário Geral, Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºI. Área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, pág. 1600 a 1612) e com paralelos na região, nomeadamente sob a forma de pintura nomeadamente num esteio de um dólmen em Paranhos da Beira no sítio designado de «Dólmen de Fontão» (SILVA, E. J L. 1985: 381-386). Este monumento foi escavado nos finais do séculos XIX por Maximiano Apolinário (IRISALVA, M. 1885), referenciado e estudado por (SARMENTO, M. 1933 e SHEE, E.T.1974 e 1981). Saliente-se que o autor coloca a hipótese de se tratar de um canídeo ou um cervídeo, o grande esquematismo existente não permite determinar com certeza.

		ÁREAS ESTUDADAS												
TIPOLOGIA ZOOMORFOS E OUTROS		Área de Góis e Serra da Lousã	Nascentes do Rio Ceira/Arouca e Silva	Área da Serra da Cebola	Área de Vide	Área da Serra do Açor	Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça	Área do Vale das Figueiras/Gondufo e Valera	Área do Chiqueiro	Área da Serra da Abuceira	Área de Sobral de São Miguel	Área do Pereiro	TOTAL	TOTAL%
BOVÍDEOS			2						2				4	2,6%
URSÍDEO		1				1							2	1,3%
CERVÍDEOS							1		1				2	1,3%
CÁPRÍDEO		1											1	0,6%
EQUÍDEO		1	1	1					1				4	2,6%
PECTINIFORME					2								2	1,3%
INDETERMINADO		1		1	1				2				5	3,2%
AVES		1								1			2	1,3%
ARACNÍDEOS					1								1	0,6%
REPTÍLS		11	1	21	29	29	11	4	6	19		2	133	85,3%
<b>TOTAIS</b>		16	4	23	33	30	12	4	12	20	0	2	156	100%
<b>TOTAIS %</b>		10,3%	2,6%	14,7%	21,2%	19,2%	7,7%	2,6%	7,7%	12,8%	0,0%	1,3%	100%	

Quadro 189 - Quantificação, tipologia de zoomorfos, aracnídeos, aves e serpentiformes nas áreas estudadas.

Saliente-se que em termos de representação taxonómica, predominam os serpentiformes com 133 gravuras, correspondendo a mais de 85% da amostra, seguindo-se os zoomorfos indeterminados, com cinco gravuras e 3,2% da amostra, estando também representados, bovídeos, ursídeos, cervídeos, equídeos, aves e um aracnídeo. (Ver gravura escorpião no sítio da «Raza dos Mouros», sítio n.º209 do Inventário Geral, Tomo V, Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, n.ºI. Área de Vide, bacia hidrográfica do rio Alvôco, pág. 1600 a 1612)

Na região, os motivos serpentiformes encontram-se também presentes noutros contextos arqueológicos, nomeadamente: na ourivesaria lusitana/romana encontrada no tesouro da freguesia de Chão de Lamas: Miranda do Corvo em 1912, onde para além de moedas romanas foram encontradas pelo menos seis peças de ourivesaria em prata, provavelmente dos séculos II e I a.C. Esta colecção foi vendida em Espanha nos anos vinte do século XX, ao Museu Arqueológico de Espanha, em Madrid, onde está em exposição desde essa altura. (Ver Tomo II, Apêndice n.º4, n.ºV, fichas de sítios arqueológicos relacionados com os sítios de arte rupestre, sítio 1181, pág. 780)

A representação de motivos serpentiformes está presente de forma abundante no centro interior de Portugal, em toda a área do «Vale do Tejo», na bacia do rio Mondego e nos seus afluentes. Um dos primeiros sítios a serem revelados com este tipo de motivos (PRIOR, C. J. A.:1959), foi publicado no «*Jornal de Abrantes*», o local denominado por «Maria Pintada» ou por «Bicha Pintada», aparentemente o local poderia estar associado a cultos relacionados com a água, dada a sua proximidade com a ribeira de Codes, trata-se da representação de uma enorme serpente gravada através de um processo de desgaste do xisto, provavelmente terá sido usado um percutor metálico e posterior desbaste através de abrasão dando um aspecto liso e polido, a gravura tem de comprimento cerca de 5 metros e sulcos bastantes profundos irregulares de planta sub-rectangular com cantos arredondados, numa secção, noutra secção de planta sub-rectangular com cantos angulosos, variando entre os 1 e os 2 cm de profundidade, e de largura variando entre os 3 cm e os 4 cm. Parte do corpo da gravura encontra-se danificada numa pequena secção. Encontra-se ainda representado parte da cabeça do serpentiforme terminando em triângulo. O local foi

analisado e referenciado em (FÉLIX, J. M. 1985:36-39), (RIBEIRO, N. M. C.: 1991b)<sup>83</sup> (RIBEIRO, N.M.C. 1995) e levantada e estudada por (GOMES, M.V.: 1999). Este tipo de motivo deverá estar associada a locais de culto, onde pela sua localização a água terá tido certamente um papel importante. Geralmente aparecem isolados e variam bastante no tamanho, por exemplo aparecem com vários metros de comprimento nas Serras do Açor e Cebola em lajes que se situam em interflúvios, no topo das serras com grande amplitude visual, sobre duas bacias hidrográficas: vales do rio Ceira, bacia do rio Mondego e da ribeira de Porsim, afluente do Tejo. O mesmo sucede na margem esquerda do rio Zêzere, na área da Serra do Cabeço Rainha na Sertã/Oleiros, dominando visualmente grandes áreas e as nascentes de vários cursos de água.

Aparecem igualmente com a forma de pequenas gravuras enroladas, formando meandros e por vezes espirais; estão presentes nas nascentes do rio Ceira na encosta da Serra do Açor e na área da ribeira do Piódão, (Outeiro dos Bardos) em Arganil.

### **Rectângulos, reticulados, escalariformes e grelhas**

Os rectângulos e reticulados estão representados em 237 gravuras, e em todas as onze áreas estudadas, representam cerca de 1% de todas as gravuras do complexo de arte rupestre das bacias hidrográficas dos rios Ceira e Alva. (Ver no Tomo I, quadro n.º 190, pág. 431) Enquanto que as grelhas estão presentes apenas em sete gravuras, correspondendo a cerca de 0,03% da amostra. As grelhas, aparecem na área do Chiqueiro, Abuceira, Pedras Lavradas/Alvoaça, Cebola e Góis, podem nalguns casos representar redes, tendo paralelos com gravuras póspaleolíticas por exemplo da «Cueva de La Griega de Pedraza em Segóvia». (CORCHÓN, S.1997:172).

Algumas representações de grelhas e rectângulos gravados, sobretudo através da martelagem, com segmentações poderão também estar relacionados com alguns jogos praticados ainda na segunda metade do século XX: como o jogo dos cantinhos que foi

---

<sup>83</sup> RIBEIRO, N. M. DA C. “A Pré-história do Concelho de Tomar”. Trabalho apresentado na cadeira de Pré-história do Curso de História da Universidade Autónoma de Lisboa, sob a orientação de Professor Manuel Farinha dos Santos. Lisboa 1991. Policopiado.

muito popular durante muitas centenas de anos, provavelmente com origens antigas e jogados por pastores e por jovens pastores; está documentado, no concelho da Covilhã, nas freguesias de Sobral de São Miguel, no concelho de Seia na área da freguesia de Valezim (GONÇALVES, J. L. 2001:240).

Os motivos escalariformes, estão representados em quatro gravuras, na área das nascentes do Ceira, Arouca/Silva sítio n.º30 (Tomo III, Apêndice n.º5, n.ºII, pág.1013 a 1017); na área da Serra da Cebola, sítios n.º96 e 143 (ver Tomo IV, Apêndice n.º5, n.º III, pág. 1234 a 1237, 1379 a 1381) e na área de Vide sítio n.º211 (ver, Tomo V, Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre, n.ºI, pág. 1616 a 1621). Este tipo de gravuras, tem paralelos com as que existem na região da Comarca das Hurdes, em Cáceres, (SEVILLANO, M.C. 1991:17), podem representar de forma simbólica o contacto com o mundo sobrenatural.

ÁREAS ESTUDADAS																								
TIPOLOGIA RECTÂNGULOS	Góis e S. da Lousã		Cebola		Nascentes do Rio Ceira/ A. e Silva		Vide		Serra do Açor		Área Pedras L./ S. da Alvoaça		Vale das Figueiras/ G. e V.		Chiqueiro		Abuceira		Sobral de S. Miguel		Pereiro		Total	
		%		%		%		%		%		%		%		%		%		%		%		%
Simples	3	9%	16	36%	1	17%	3	13%	2	11%	20	67%	0	0%	3	19%	2	10%	2	17%	7	24%	59	25%
Com Apêndice	0	0%	5	11%	0	0%	0	0%	1	6%	2	7%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	8	3%
Ovalado	11	33%	6	13%	2	33%	17	74%	2	11%	3	10%	0	0%	8	50%	8	40%	0	0%	2	7%	59	25%
Segmentado a Meio	0	0%	4	9%	3	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	15%	1	8%	2	7%	13	5%
Segmentado a 2/3	2	6%	14	31%	0	0%	0	0%	6	33%	5	17%	1	20%	0	0%	5	25%	9	75%	16	55%	58	24%
Com Covinha	0	0%	0	0%	0	0%	1	4%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	2	7%	4	2%
Rectificado Simples	9	27%	0	0%	0	0%	1	4%	7	39%	0	0%	3	60%	5	31%	2	10%	0	0%	0	0%	27	11%
Rectificado Com Apêndice	0	0%	0	0%	0	0%	1	4%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Rectificado Com Borboleta e Peixe	2	6%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	1%
Rectificado Com Divisória Central e Decoração Com Linha Oblíquas	4	12%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	4	2%
Rectificado com linhas oblíquas	2	6%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	1%
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100%</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>29</b>	<b>100%</b>	<b>237</b>	<b>100%</b>
	13,92%		18,99%		2,53%		9,70%		7,59%		12,66%		2,11%		6,75%		8,44%		5,06%		12,24%		100,00%	

**Quadro 190 – Tipo de rectângulos e recticulados existentes na área de estudo e sua quantificação**

## Ancoriformes

Os motivos ancoriformes encontram-se representados apenas em quatro gravuras, estando representadas em três das áreas estudadas, nomeadamente nas áreas de: Nascentes do rio Ceira, Arouca/Silva, sítio n.º32 (ver Tomo III, Apêndice n.º5, n.ºII, pág.1021 a 1023) Pedras Lavradas e Alvoaça, sítios n.º327 e 353 (ver Tomo VII, Apêndice n.º6, n.º III, pág.1988 a 1989, 2069 a 2075) e área do Pereiro, sítio n.º 691 (Tomo XII, Apêndice n.º7, n.ºIV, pág. 3261 a 3264).

Este tipo de motivos, deverão estar associados ao Calcolítico e Idade do Bronze, aparecem também associados a menires como é o caso da recente descoberta identificada na freguesia das Donas, no concelho do Fundão, e noticiada pelo museu do Fundão, onde numa estátua-menir, encontra-se insculpida, nas faces afeiçãoadas dois atributos uma espada e um bi-ancoriforme com respectivas correias de suspensão. Tratando-se eventualmente de um monumento megalítico da Pré-história recente: Calcolítico, com reaproveitamento durante a Idade do Bronze pleno provavelmente do II milénio a. C.

Aparecem gravados também em estelas, caso da estela de Tapada da Moita (OLIVEIRA, J. M. 1986), em Castelo de Vide do tipo I ou Alentejano, sub-tipo I, segundo a classificação com base na composição gráfica. Para o autor que a estudou, enquadrou o referido monumento no horizonte do Bronze II do Sudoeste, correspondendo a uma cronologia de 1000 e 800 a. C. (ALMAGRO, G. M. 1966). Encontram-se representadas uma gravura bi-ancoriforme, com correias de fixação e uma espada com lâmina de bordo recto da tipologia proposta por (ALMAGRO, G. M. 1966), distanciando-se quer do modelo pistiliforme, quer do modelo designado habitualmente por “língua de carpa”. (OLIVEIRA, J. M. 1986).

Os motivos ancoriformes e seu significado têm provocado acesa discussão na comunidade científica. Por exemplo para alguns autores representam machados de gume largo (VASCONCELOS, L. 1908)<sup>84</sup>; para outros representariam arma defensivas (VIANA

---

<sup>84</sup> Vd. VASCONCELOS, L.J. - “*Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal*” in “O Archeologo Português” Série I Vol. XII, Fasc. 7-12. 1908. “Apud” OLIVEIRA, J. M. 1986 – Ob. Cit., p. 9.

A. 1962) e (RIBEIRO, F. N. 1965)<sup>85</sup>; ou relacionadas com o mundo mágico religioso, (M. Almagro 1966)<sup>86</sup>, compara-os também com os ídolos de osso da cultura megalítica do Sul de França. Enquanto que (GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. 1977)<sup>87</sup> atribuem a estes símbolos um valor de autoridade ou insígnias do cargo de chefia.

### ***Quadrados***

Os quadrados estão representados em 40 gravuras, representam cerca de 0,16% de todas as gravuras; e em apenas em quatro áreas estudadas, nomeadamente: na área de Góis (Tomo III, Apêndice n.º5, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Ceira, sítios n.º1 a 5 e pág. 897 a 923), em Vide, (ver Tomo V, Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre, n.ºI, sítios n.º152, 153, 170, 209, 211, pág. 1411 a 1419, 1474 a 1476, 1600 a 1612, 1616 a 1621), na área da Abuceira (Tomo X, Apêndice n.º7, n.ºII, sítios n.º566, 588, pág. 2807 a 2810 e 2893 a 2899) e Chiqueiro (Tomo IX, Apêndice n.º7, fichas de sítio arte rupestre, n.ºI, sítio n.º498, pág.2565 a 2568).






Os quadrados simples predominam com cerca de 85% da amostra, correspondendo a 34 gravuras. (Ver Tomo I, quadro n.º 191, pág. 434) Por último refira-se que alguns quadrados com decoração no interior e com apêndice, poderão também representar antropomorfos de forma esquemática.

---

<sup>85</sup> Vd. VIANA A. - “*Arqueologia Prática*”, Beja, 1962 e RIBEIRO, F. N. – O Bronze Meridional Português” Beja, 1965. “Apud” OLIVEIRA, J. M. 1986 – Ob. Cit., p. 9

<sup>86</sup> ALMAGRO M. – “*Las Estelas Decoradas Del Suroeste Peninsular*”, Biblioteca Prehistorica Hispana Madrid, 1966. p. 139. “Apud” OLIVEIRA, J. M. 1986 – Ob. Cit., p. 9

<sup>87</sup> GOMES, M. V. e MONTEIRO, J.P. – “As Estelas Decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja) – Estudo Comparado”, in “Setúbal Arqueológica”, Vol. – II-III, 1976 -77. “Apud” OLIVEIRA, J. M. 1986 – Ob. Cit., p. 9

ÁREAS ESTUDADAS																								
Quadrados	Góis e S. da Lousã	%	Cebola	%	Nascentes do Rio Ceiral/ A. e Silva	%	Vide	%	Serra do Açor	%	Área Pedras L./ S. da Alvoaça	%	Vale das Figueiras/ G. e V.	%	Chiqueiro	%	Abuceira	%	Sobral de S. Miguel	%	Pereiro	%	Total	%
	20	80%	0	0%	0	0%	11	92%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	2	100%	0	0%	0	0%	34	85%
	0	0%	0	0%	0	0%	1	8%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
	1	4%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
	1	4%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
	3	12%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	8%
<b>Total</b>	25	100%	0	0%	0	0%	12	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	2	100%	0	0%	0	0%	40	100%
	62,5%		0,0%		0,0%		30,0%		0,0%		0,0%		0,0%		2,5%		5,0%		0,0%		0,0%		100,0%	

**Quadro 191 – Tipologia de motivos quadrangulares na área estudada e sua quantificação**

### *Antropomorfos e armas*

A representação de motivos antropomórficos está também presente, através de 84 gravuras, representando cerca de 0,35% da amostra total das gravuras. Estando representando em nove das 11 áreas, sobretudo nas áreas da Abuceira, Vide e Pedras Lavradas. (Ver no Tomo I, quadro n.º192, pág. 435). Destes na sua maioria masculinos dadas a suas características fálicas. Foi considerada apenas a existência de um antropomorfo feminino situado na área de Vide, sítio das “Ferraduras”, sítio n.º 152 (Tomo V, Apêndice nº6, fichas de sítio arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Alva, nºI, pág. 1411 a 1415) dadas as características morfológicas deste, nomeadamente existindo a representação de uma covinha na área do sexo. Refira-se ainda que o referido antropomorfo feminino, denota estar ligado a um antropomorfo masculino, talvez representando um par genesial. Enquanto que os antropomorfos indeterminados não apresentam nenhuma característica sexual que possamos assegurar com certeza o seu género.



ÁREAS ESTUDADAS	ANTROPOMORFOS GÉNERO			Total
	MASCULINO	FEMININO	INDETERMINADO	
Área de Góis e Serra da Lousã			1	1
Área da Serra da Cebola	1		2	3
Nascentes do rio Ceira/ Arouca e Silva	1		1	2
Área de Vide	10	1	16	27
Área da Serra do Açor	4		5	9
Área Pedras Lavradas e Serra da Alvoaça			14	14
Área do Vale das Figueiras/ Gondufo e Valera	1			1
Área do Chiqueiro			4	4
Área da Serra da Abuceira	11		12	23
Área de Sobral de São Miguel				0
Área do Pereiro				0
<b>TOTAIS</b>	<b>28</b>	<b>1</b>	<b>55</b>	<b>84</b>
<b>TOTAIS %</b>	<b>33,0%</b>	<b>1,0%</b>	<b>66,0%</b>	<b>100,0%</b>

**Quadro 192** Quantificação de género de antropomorfos nas áreas estudadas

Em relação à sua tipologia optámos por inserir no inventário dos antropomorfos todos o novos tipos que iam surgindo, com base nos critérios habitualmente apresentados em vários estudos consultados (GARCIA, A.D., QUINTANA, M.A.A. 2007: 419).

Assim foram inventariados 29 tipos diferentes (ver no Tomo I, quadro n.º193 e 194, pág. 436 e 437), destes destacam-se alguns bastante complexos, representados sobretudo na área de Vide e Ribeira do Alvôco associados a arcos sítio n.º 153 denominado por «Fonte de Oiro», e escudos, sítio n.º155, denominado por Abelheira” sítio155 (ver, Tomo V, Apêndice n.º6, fichas de sítio arte rupestre n.ºI, pág. 1415 a 1419 e 1423 a 1427).

As armas aparecem com alguma frequência nas áreas estudadas, por exemplo o motivo ponta de seta, aparece na área de Góis, com nove gravuras no sítio n.º1, arcos de dois tipos, surgem em cinco das 11 áreas: Pedras Lavradas, sítios n.º387; área da Cebola sítio n.º86; Vide sítio n.º153; Açor sítio n.º231 e em Góis sítio n.º1.

A existência do motivo tipo tridente, aparece em três lajes: área de São Miguel, sítio n.º598; na área da Serra da Cebola, sítio n.º38 e na área de Vide, sítio n.º188.






























As alabardas aparecem em quatro gravuras, duas no Açor, sítios n.º243 e 248 e na área de Góis, duas gravuras no sítio n.º1.

Os escudos aparecem na área da Cebola, sítio n.º69 e de forma isolado em Vide associados a antropomorfos, sítio n.º155, ver no Tomo I, quadro 193, motivo 14 dos antropomorfos, pág. 436).

Os machados aparecem com duas gravuras, em Vide, sítio n.º211 e em Góis, sítio n.º1.

TIPOLOGIA DE ANTROPOMORFOS NA ÁREA DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS CEIRA E ALVA E ÁREAS FRONTEIRA COM O RIO ZÉZERE					
1	2	3	4	5	6
					
Cruciformes 7	Com corpo triangular e cornos 8	Xamã 9	Forma em Φ com movimento 10	Forma em Φ sem movimento 11	Associado a cavalo 12
					
Forma em Y 13	Associado a veículo de tração animal 14	Com moldura 15	Orantes 16	Rectângular 17	Complexo 18
					
Com mãos abertas 19	Com escudo 20	Com braços, mãos abertas e pernas arqueadas 21	Braços abertos e pernas arqueadas 22	Em movimento 23	Associado a arco 24
					
Estilizado com pernas abertas 25	Com chapéu 26	Forma assexuada e ejaculação 27	Globulares com umbigo 28	Forma de estrela 29	Híbrido
					
Incompleto	Com cornos de perfil	Com cornos, híbrido	Cornos/ máscara	Com antenas, garras nas mãos e pés, segurando uma cobra	

Quadro 193 – Tipologia dos antropomorfos existentes na área de estudo

TIPOLOGIA ANTROPOMORFOS	ÁREAS ESTUDADAS (ANTROPOMORFOS)													
	Góis e S. da Lousã	Cebola	Nascentes do rio Ceira/ A. e Silva	Vide	Serra do Açor	Área Pedras L./ S. da Alvoaça	Vale das Figueiras/ G. e V.	Chiqueiro	Abuceira	Sobral de S. Miguel	Pereiro			
Cruciforme 				6	4				1	7			18	21%
Estilizado com pernas abertas 				3	1	1			1				6	7%
Associado a arco 				1									1	1%
Forma em Y 			1										1	1%
Forma em Φ com movimento 		1											1	1%
Forma em Φ sem movimento 		1											1	1%
Com corpo triangular e cornos 			1										1	1%
Associado a veículo de tracção animal 						1							1	1%
Com moldura 					1					7			8	10%
Orantes 							2						2	2%
Com mãos abertas 				2									2	2%
Com chapéu 				1		7							8	10%
Globulares com umbigo 										2			2	2%
Com braços, mãos abertas e pernas arqueadas 				1									1	1%
Com escudo 				1									1	1%
Braços abertos e pernas arqueadas 				3				1		1			5	6%
Em movimento 							1						1	1%
Com cornos de perfil 				1									1	1%
Forma assexuada e ejaculação 				1									1	1%
Com cornos, híbrido 										1			1	1%
Híbrido 				1						2			3	4%
Com antenas, garras nas mãos e pés, segurando uma cobra 						1							1	1%
Forma de estrela 				2									2	2%
Cornos/ máscara 					1								1	1%
Incompleto 				4	1				2	3			10	12%
Complexo 							1						1	1%
Rectângular/ segmentado 							1						1	1%
Associado a equideo 			1										1	1%
Xamá 	1												1	1%
<b>TOTAIS</b>	1	3	2	27	9	14	1	4	23	0	0	84	100%	
	1%	4%	2%	32%	11%	17%	1%	5%	27%	0%	0%	100%		

Quadro 194 – Tipologias de antropomorfos nas áreas estudadas e sua quantificação

## Conclusões

Ao iniciar estas primeiras notas conclusivas, o autor tem consciência que, apesar da extensão desta tese, existem muitos outros temas, que gostaria de ter abordado e de ter aprofundado. Por exemplo o significado de cada um dos tipos de gravuras que se encontram presentes nas principais lajes gravadas. Contudo não era esse o objectivo, nem fazer uma comparação sobre o que representam os vários símbolos observados.

Assim o seguiu-se o principal objectivo, dada a quantidade de lajes gravadas e o risco acelerado de destruição das mesmas, optou-se por fazer um inventário que se apresenta nos vários Tomos em anexo a esta Tese, de forma que exista uma memória deste património, que se encontra em risco, dado o profundo desinteresse de todas as autarquias da área em estudo, e do próprio governo português, através do seu Ministério da Cultura.

Em Portugal conhecem-se neste momento mais de dez áreas com arte rupestre zoomórfica do Paleolítico Superior e Epipaleolítica. Estes sítios de arte rupestre são quase todos gravados, sendo raro o uso da técnica da pintura em abrigos ou em grutas, com a excepção do Escoural. Quase todos estes sítios localizam-se em vales fluviais: do Guadiana; Tejo e Douro e seus afluentes.

A seguir à descoberta do painel de Mazouco, que retrata um equídeo, seguiu-se as descobertas do complexo arqueológico do rio Côa, existindo também vários sítios no Alto Sabor ainda não totalmente publicados e estudados.

No Tejo, e seus afluentes a seguir à descoberta da grande concentração de gravuras na área de Vila Velha de Ródão e Fratel, onde também se detectaram gravuras Epipaleolíticas nos anos 70 do século XX, seguiram-se várias descobertas recentes, caso do rio Ocreza, que serve de fronteira entre os municípios de Mação e de Vila Velha de Ródão onde se encontra representado um equídeo numa pequena laje, obtido através de martelagem. O animal apresenta uma cabeça incompleta, em estilo de um naturalismo simples, em perfil absoluto, com uma cérvico-dorsal (BAPTISTA, 2001).

No rio Zêzere na área da Barroca (Fundão) foi divulgado recentemente por um fotógrafo amador, um equídeo, sendo visitado posteriormente por vários arqueólogos. Situa-se numa paisagem semelhante ao rio Ocreza, junto ao próprio curso de água. Esta

área do rio Zêzere, insere-se numa vasta área onde se detectaram centenas de lajes de arte rupestre que abrangem vários períodos desde o Paleolítico até ao presente. Tratando-se do prolongamento natural do complexo da arte do Vale do Tejo, ou mesmo fazendo parte de um complexo provavelmente maior que inclui a área da Serra da Estrela.

Na nossa modesta opinião achamos que o fenómeno da arte rupestre da região dos rios Ceira e Alva terá cinco grandes períodos artísticos, relacionáveis com os principais factores impulsionadores ou motivadores, como: económicos, culturais e tecnológicos. Assim com base nas sobreposições existentes, estudo de comparação estilística e enquadramento arqueológico inseridos no contexto global, tentaremos de seguida propor uma divisão do fenómeno em cinco grandes fases:

#### 1ª Fase – Paleolítico Superior (Magdalenense Final/Epipaleolítico)

Deverão ser deste período muitas das gravuras de linhas incisadas paralelas, alguns reticulados no sítio n.º 139 da área das nascentes do rio Ceira, Arouca-Silva, com paralelos apenas por exemplo na gruta da “La Cueva de La Griega” (CORCHÓN, S. 2002: 129) e algumas grelhas, possivelmente representação estilizada de redes, encontrados no sítio 498 do inventário geral na área do Chiqueiro; nas áreas das Pedras Lavradas, Alvoaça e Chiqueiro. Existência de pequenas gravuras zoomórficas de carácter naturalista com movimento ou sem movimento, exemplo gravuras zoomórficas do sítio n.º 503 da área do Chiqueiro e laje sítio n.º129 da área das nascentes do rio Ceira, nas proximidades da Aldeia da Covanca, com a representação de dois quadrúpedes de grande porte em confrontação. Na área de Góis sítio n.º 13, nas proximidades da Aldeia Velha, onde se encontra representado um quadrúpede, possivelmente um caprino, associado a um antropomorfo, caracterizado pela existência de dois círculos na área do pés. Poderá tratar-se de um ser híbrido, representando um antropomorfo, com um animal, representação portanto de um xamã, “vestido” com a pele de um animal ou tratar-se-á de uma sobreposição? O facto da laje se situar numa diaclase bastante inclinada e junto de um pequeno curso de água, e

desta forma coberta de líquenes antigos, dificultam uma melhor interpretação do monumento.

A existência de movimento ou a sua ausência nestas gravuras poderá indiciar a existência de dois sub-períodos. Todos estes sítios têm a característica de se situarem numa rota natural, como prova a existência das gravuras paleolíticas na área da Barroca no Fundão, junto ao Zêzere, nas proximidades da área da serra do Chiqueiro, num local de passagem natural provavelmente usada no passado pelos animais, que dá acesso à passagem natural de cumeada em direcção a Norte. Ambos os locais fazem parte desta rota natural que terá existido entre o Tejo e o Côa, que passaria pelas cumeadas do Chiqueiro, em direcção à Serra da Cebola, Pedras Lavradas, em direcção ao Côa pela Serra da Estrela. Esta hipótese faz-nos propor estas passagens por estas áreas a partir do início da estação quente, em que a montanha proporciona abundantes recursos alimentares aos grandes herbívoros e proporciona às populações de caçadores, bons locais de observação e bons locais para emboscadas.

## 2ª Fase – Neolítico

Deste período deverão ser algumas gravuras incisas de linhas em centenas de lajes observadas com a representação de arcos estilizados, por exemplo no sítio n.º 231 da área da Serra do Açor, sítio n.º 387 da área das Pedras Lavradas e Alvoaça e sítio n.º 66 da área da Serra da Cebola; representação de zoomorfos estilizados exemplo na área das Pedras Lavradas, Serra da Alvoaça, sítio n.º 355, gravura obtida através de processo de martelagem seguida de abrasão. Estas gravuras situam-se numa rota natural já referida anteriormente. A acrescer a esta análise, poderemos juntar a possibilidade da transumância se ter iniciado nesta fase. Pois com a domesticação dos animais, as populações seriam obrigadas a procurar novos pastos para dar resposta ao crescimento populacional.

### 3ª Fase - Calcolítico, Idade do Bronze Inicial e Bronze Médio

Esta fase será marcada pelo início da exploração dos recursos mineiros de superfície e em aluvião. A existência na região de importantes recursos mineiros, fizeram desta região uma área de grande importância. Talvez justificando assim em parte o grande número de lajes gravadas em que se encontram círculos gravados, ancoriformes, covinhas, quadrados, ídolos e alguns antropomorfos.

A pastorícia e a transumância, terá tido um papel relevante nesta fase, e deverá justificar o grande número de estruturas do tipo abrigo e necrópoles que existem nas cumeadas do «Alto Ceira», Serra do Açor e Serra da Estrela. As condições únicas da Serra da Estrela, quer em termos de localização, orografia, proporcionado a existência de vias naturais e humidade terá feito desta área, um local de grande importância, dada a sua centralidade. (SEVILLANO, M.C.1991:157-158). A acrescentar aos recursos existentes, à que salientar a existência de caça grossa em toda esta área. Deste período temos por exemplo, na área de Vide os sítios n.º188 e 211; na área da Serra do Chiqueiro, sítios n.º478 e 488; na área da Serra do Açor, sítios n.º239, 310 e 313; na área da Abuceira sítios n.º539, 541, 548, 565, 576, 587 e 588 e na área das Pedras Lavradas sítios n.º317, 327, 353, 362, 377 e 389.

### 4ª Fase - Bronze Final e Idade do Ferro

Neste período a exploração das jazidas mineiras, terá tido um novo incremento. Explora-se o estanho, o cobre, ouro, prata, existindo todos estes metais na região estudada.

O sal que era explorado na Figueira da Foz, e que era canalizado para o interior da península, através da cumeadas da Serra da Lousã, terá sido também mais um factor de riqueza, dado que existem rotas bem assinaladas. Acrescenta-se ainda a continuação da pastorícia regional e a transumância o

que ajudaria a explicar a abundância de gravuras neste período: podomorfos, círculos, “ferraduras”, rodas, espirais, antropomorfos e covinhas. A existência de rotas transumantes em direcção à Serra da Estrela, partindo por exemplo de vários pontos da meseta: por exemplo da Serra da Gata e de Cáceres em Espanha, faziam desta região um local de grande centralidade. A caça por último, completa as principais actividades económicas, que poderão ajudar a explicar a existência de muitas estruturas do tipo «mamoas», cistas e arte rupestre ao longo das vias antigas.

#### 5ª Fase - Época Romana até ao século XIX

Deverão ser desta fase muitos podomorfos e a representação de uma sandália na área do Sobral de São Miguel, muitos cruciformes, e inscrições latinas.

Estas gravuras deverão estar associadas à passagem pelos locais de mineiros, militares e pastores.

A existência de importantes jazidas mineiras: de ouro, cobre, estanho, chumbo, prata e a sua intensa exploração terão fomentado a existência destas rotas ancestrais também percorridas por pastores e transumantes, que ligavam a Lousã, Góis/Arganil à Serra do Açor e a transumância de várias regiões: a norte, a Sul, do litoral e do interior da península. Por exemplo o eixo Pedras Lavradas/Alvoaça, com a Serra do Açor e o eixo “Estrada Real”– Serra da Lousã/Góis em direcção à Covilhã/Ferro, com várias intersecções por exemplo nas vias vindas de sul nas áreas da «Pedra Letreira», e na área da Abuceira. Estas rotas terão tido nesta fase o seu apogeu. A estes factores associe-se a continuação do comércio do sal. Desta memória, saliente-se o topónimo “Estrada do Sal” /”Estrada Real”, que persistiu até ao século XX.



## Conclusão Geral

Os trabalhos efectuados permitiram a descoberta de onze grandes núcleos ou áreas de análise com arte rupestre, nomeadamente: Góis e Serra da Lousã; Vide e Ribeira do Alvôco; Serra do Açor; Serra das Pedras Lavradas e Alvoaça; Vale das Figueiras; Gondufo e Valera; Serra da Cebola; nascentes do rio Ceira, Arouca e Silva; Abuceira; Pereiro; Sobral de São Miguel; Serra do Chiqueiro contabilizando-se um total de 694 lajes gravadas (ver no Tomo I, mapa n.º1, pág. 54), perfazendo um total de 23.702 gravuras.

Os estudos realizados permitiram aferir quais são os motivos mais frequentes, nas diferentes áreas estudadas e que a grande maioria dos sítios de arte rupestre identificada está intimamente ligada numa primeira fase a vias naturais, favorecidas pela orografia, constituída por linhas de cumeadas que favoreceram a sua utilização por animais e pessoas. A hidrologia, com muitas nascentes nomeadamente, dos rios Ceira, Alva, Zêzere, Seia, Alvôco, Loriga é outro factor para além do anterior, bem como a grande pluviosidade da região, dada a influência das massas de ar húmido do Oceano Atlântico. Factor que permitiu a existência de bons pastos, uma boa parte do ano. Saliente-se também que a região a uma altitude acima dos 800 m é quase desprovida de vegetação arbórea, o que favorece a circulação de animais e pessoas. Assim nasceram as vias, muitas destas foram usadas até ao século XX e que estarão associadas a uma importante rota de pastorícia regional, de transumância de regiões do Norte, do Sul, do litoral e do interior da meseta em direcção à Serra da Estrela que aqui se encontravam. Nesta área cruzaram-se assim vários caminhos naturais; de transumância e de comércio; onde também provavelmente, o sal e os minérios da região, terão tido papéis impulsionadores para o desenvolvimento do complexo arqueológico de arte rupestre.

Sobre a leitura da paisagem onde se situam os sítios de arte rupestre, verifica-se o facto, da não aleatoriedade para a sua localização, por exemplo a altitude média para os 694 locais com lajes gravadas, é de 927 metros, encontrando-se 75% dos locais entre os 728 e 1124 metros de altitude, com uma média em torno dos 700 m. Conclui-se que parece ter havido uma clara preferência para a selecção de locais para as lajes gravadas, em sítios de altitude mais elevada. Refira-se também a sua localização quase sempre nas áreas de

interflúvios ou próximos destes. Com o estudo da orientação astronómica da localização das lajes, apurou-se que se situam, em encostas com o predomínio da orientação a SE, com uma média nos 140° de azimute. Sobre a distância do horizonte, deram preferência para horizontes mais distantes e, por isso, mais abertos entre os 120° e os 210° de azimute, ou seja SE e S, que parece sugerir uma articulação com a orientação predominante das encostas para SE.

Os estudos realizados parecem também indicar uma preferência para a gravação de lajes em encostas com menor inclinação, com declives inferiores aos típicos da região.

Realizou-se um estudo sobre a orientação das gravuras de podomorfos e círculos oblongos segmentados, sendo a amostra composta por 50 lajes das zonas da Abuceira, Açor, Arouca, Cebola, Pereiro e Sobral, totalizando 459 gravuras. Verificando-se um padrão notável para a orientação destas gravuras numa faixa tão estreita de azimutes. Particularmente porque as diferentes zonas distam por vezes entre si várias dezenas de quilómetros e não existem outros elementos na topografia que justifiquem esta regularidade (caminhos, direcção de um pico mais alto visível desses locais, linhas de água, etc.), motivo pelo qual uma explicação astronómica para esta regularidade poderá ser encarada.

A continuação das prospecções arqueológicas, nas rotas que vem do Tejo, poderão confirmar a existência de um padrão para a localização dos sítios de arte rupestre, próximo de vias naturais principais, ou de cruzamentos de rotas. Assim se explica parte das concentrações de arte rupestre desta região. Verifica-se que a maioria destas rotas, foram usadas pela transumância e que chegaram ao século XX, descritas por Orlando Ribeiro, passando por Casegas, Erada, S. Jorge da Beira (Covilhã), e nas rotas que vem do Zêzere, em direcção a Alvares/ Portela do Vento em Góis. Estudos recentes realizados em Oleiros e Sertã na Serra do Cabeço Rainha, confirmam também grandes concentrações de arte rupestre ao longo destas rotas, nomeadamente em direcção a Unhais-o-Velho (Pampilhosa da Serra). Também na parte ocidental da Serra da Lousã, confirmam-se sítios de arte rupestre e monumentos funerários associáveis a antigas rotas, caso do sítio da Bregada em Castanheira de Pêra.

A continuação do registo e escavação arqueológica de povoados, abrigos e monumentos funerários da região; a realização de datações absolutas, análises polínicas, e de carpologia podem fornecer dados complementares aos recolhidos nesta pesquisa.

A ocupação humana na região é assim muito mais intensa, do que se julgava até aqui. Não deixando de ser importante nesta perspectiva da arqueologia espacial da região, o facto de terem sido apenas encontrados alguns povoados, mas os que existem terão tido provavelmente um papel importante no controlo dos recursos existentes e das vias de comunicação naturais. A juntar ao que se conhece, deveremos igualmente acrescentar o facto de ter existido um grande número de ocupações de carácter temporário, o que dificulta a interpretação de parte do problema.

Em termos cronológicos, as gravuras mais antigas que se preservaram na região apesar da grande altitude em que se encontram, deverão ser do final do Paleolítico Superior e Epipaleolítico, existindo um apogeu na Idade do Bronze. Contudo, na região a tradição da gravação nas lajes de xisto continuou até ao século XX, associadas a festividades que deverão ser heranças culturais e testemunhos de antigos cultos ou práticas mágico religiosas, que se perpetuaram durante milhares de anos.

## **Bibliografia**

ABENANTE, D.

«Análisi temática degli antropomorfi schematic: L'área di Foppe di Nadro. In Foppe di Nadro Sconosciuta. Dalla cartografia GPS alle analisi più recenti». *Atti della 1ª Giornata di Studio sulle Incisioni Rupestri della Riserva Regionale Ceto, Cimbergo e Paspardo. A cura di Alberto Marreta*. Nadro 26 Giugno 2004; Itália; 2005, pp. 95-102.

ACOSTA, P.

«*La pintura rupestre esquemática en España*». Salamanca; 1968, p.119-121.

ADRIANI, M.

«História das Religiões. Perspectivas do Homem (As Culturas, As sociedades)»: *Edições 70*, Lda. Imp. 1999 Lisboa. ISBN 972-44-0752-7. Vol.38, pp.18 e 20

ALARCÃO, J.

«Arqueologia da Serra da Estrela», Manteigas, *ICN*, 1993, pp.13.

ALARCÃO, J.

«O Domínio Romano Em Portugal. Fórum da História». *Publicações Europa América*. 3ª Edição. Depósito Legal n.º88465/95. Portugal; 1995, pp. 46.

ALARCÃO, J.

«Notas de Arqueologia, Epigrafia e Toponímia IV». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 9 número 1 p. pré-impressão e impressão Facsimile, Lda. Tiragem, 400 exemplares. Depósito Legal 125568/98. ISSN 0874-2782; 2006, pp. 133.

ALARCÃO, J.

«Novas Perspectivas Sobre os Lusitanos (e Outros Mundos)». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4 número 2 p. pré-impressão e impressão Facsimile, Lda. Tiragem, 500 exemplares. Depósito Legal 125568/98. ISSN 0874-2782. 2001, pp. 343-344.

ALARCÃO, J.; LOPES, M.C.; MOURA, M.H.

«As origens do povoamento na Bacia do Alva». In: *Arqueologia*. - Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. - Nº 12; Dezembro 1985, pp. 184-194.

ALMAGRO M.

«Las Estelas Decoradas Del Suroeste Peninsular», *Biblioteca Prehistorica Hispana Madrid*, 1966, pp.139.

ALMAGRO-GORBEA,

«El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura». Madrid. 1977

ALMAGRO-GORBEA, M.

«Les stèles antropomorphes de la Péninsule Ibérique». In *115e Congrès National des Sociétés Savantes, Pré- et Protohistoire, Avignon*, 1990a, pp. 123-139.

ALMAGRO-GORBEA, M.

«El período orientalizante en Extremadura. In La cultura tartésica y Extremadura». Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (*Cuadernos Emeritenses*; 2), 1990b; pp. 85-125.

ALMAGRO-GORBEA, M.

«Sacred places and cults of Late Bronze Age tradition in Celtic Hispania». In *Archäologischen Forschungen zum Kulturgeshichten in der jüngeren Bronzezeit und frühen Eisenzeit Alteuropas*. Bonn, 1996, pp. 43-79.

ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A. M<sup>a</sup>.

«Castros y oppida en Extremadura», Madrid. 1995.

ALMAGRO-GORBEA, M.; ORTEGA BLANCO, J.; VILLAR LIÉBANA, F.

«Una nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III». 1999. *Complutum*. Madrid. 10, pp. 167-173.

ALMAGRO-GORBEA, M. [et al.]

«Cancho Roano. Un palácio orientalizante en la Península Ibérica». *Madridier Mitteilungen*. Mainz. 31, 1990, pp. 251-308.

ALMEIDA, J.

«Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, Vol. I – Beira», Lisboa, 1945; pp. 335.

ALMEIDA, C. A. B.

«A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave. Da antiguidade clássica à Baixa Idade Média». *Actas do I Seminário Internacional sobre o Sal Português* (Porto e Aveiro, Maio de 2004). Porto: Instituto História Moderna da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005; pp. 150-151.

AMADO, R. M.C., PORTELA, L.C.

«Carta Arqueológica do Concelho da Lousã: relatório das prospecções efectuadas em 1987. As explorações romanas de ouro no Rio Ceira: Freguesia de Ermio», *Revista Arunce*, 2004, pp. 55-65.

ANACLETO, R.

«Bobadela Epigráfica». *EPARTUR – Edições Portuguesas de Arte e Turismo, Lda.* Coimbra. 1981; pp. 39-45.

ANATI, E.

«*Arte Rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Ibérica*». Capo de Ponte, 1968; pp.113-121.

ANATI, E.

«Capo di Ponte», *Studi Camuni*, Vol.1. 1981

AUBRY, T., MOURA, M.H.

«Redinha (Pombal) – Subsídios para a Carta Arqueológica da Freguesia» *Conímbriga*, 29; 1990; pp. 5-37.

BATATA, C., GASPAR, F.

«Levantamento Arqueológico do Concelho de Pampilhosa da Serra», Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra. Depósito Legal n.º77164/94. Execução Gráfica – Coimbra.1994.

BATATA, C. A. M.

«Idade do Ferro e Romanização entre: os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza». *Trabalhos de Arqueologia* 46. Depósito legal n.º 237 851 / 06, ISSN 0871 -2581 e ISSN 972-8662-29-7. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa 2006; pp. 61-69.

BATATA, C., GASPAR, F.

«*Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra*», Edição Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra / Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda;. Depósito Legal n.º291 836/09. ISBN: 978-972-99725-2-2. Execução Gráfica – Gráfica Almondina, Torres Novas. 2009; pp. 1-189.

BATATA, C., GASPAR, F.

«Mamoas e Arte Rupestre no Concelho da Pampilhosa da Serra (Centro de Portugal)  
Mounds and Rock Art in Municipality of Pampilhosa da Serra (Center of the Portugal)»  
*Açafa On-Line* N.º2;. 2009. Associação de Estudos do Alto Tejo; pp.1-21.

BAPTISTA, A.M., MARTINS, M.M., SERRÃO, F.

«Felskunst im Tejo-Tal». *Madriider Mitteilungen*, 19, 1978; pp. 89-111.

BAPTISTA, A. M.

«O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)».  
*Arqueologia*. Porto. 8, 1983; pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M.

«Arte rupestre no Norte de Portugal: uma perspectiva», *Portugália*, nova série, 4/5, 1983-84; pp. 71-82.

BAPTISTA, A. M.

«Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção», in Alarcão, J., “História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à arte Visigótica”, vol. I, 1986, *Publicações Alfa*, Lisboa; pp. 31-55.

BAPTISTA, A.M.

«Ocreza (Ewendos, Mação, Portugal Central). Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre». in CRUZ, A.R. e OOSTERBEEK, L., “Territórios, mobilidade e povoamento no Alto Ribatejo II - Santa Cita e o quaternário da região, Tomar”, *CEIPHAR [Arkeos, 11]*, 2001; pp. 163-192.

BAPTISTA, A.M.

«Arte rupestre na área de influência do Alqueva em Portugal». *Al-madan* 2ª Série, 11, 2002; pp.158-164.



BARREIROS, A.

«A Igreja de S. Pedro de Lourosa», Est. 57, Porto 1934; pp. 29.

BÉCARES PÉREZ, J.

«Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática »”Actas del Coloquio Internacional sobre Arte Esquemático de la Península Ibérica” (Salamanca, 1982)». *Zephyrus* 36, 1983; pp.137-148.

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«Nuevos Santuarios rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca». *Zephyrus*, XLVII, Universidad de Salamanca. Salamanca, 1994, pp. 113-131.

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«*Petroglifos Prehistóricos En la Comarca de Las Hurdes (Cáceres) – Simbolismo e Interpretación*». Gráficas Cervantes, S.A. Salamanca-Espanha. Depósito Legal: S. 1064-1995. I.S.B.N.:84-85664-78-7

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«*Santuarios Rupestres Prehistóricos En El Centro-Oeste de España*». Gráficas Cervantes, S.A. Salamanca-Espanha. Depósito Legal: 878-2000. I.S.B.N.: 84-95195-23-2; 2000, pp. 1-168.

BENITO DEL REY, L.; BERNARDO, H.A. & SANCHES RODRIGUES, M.

«*Santuarios Rupestres Prehistóricos En Miranda do Douro, Zamora Y Salamanca – Tomo II*». Edita: Ayuntamiento de Miranda do Douro. Primera Edición. Imprime: Tipalto – Tipografia do Planalto, Lda. ISBN: 972-9371-14-8. Depósito legal: 203987/03. 2003.

BLAS CORTINA, Miguel A. De

«La Minería prehistórica del cobre en las montañas Astur-Leonesas. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas», *Coloquio Internacional*

*Asociado 1985. Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-le Miral. Tomo I, Madrid, 1989, pp.149.*

BRANDÃO, D. D. P.

«*Issibaeus* : uma nova divindade do panteão Lusitano-Romano»

*Actas das I Jornadas Arqueológicas / Associação dos Arqueólogos Portugueses.* – Lisboa: imp. Tipografia Correia, 1970. - Vol. I, pp. 77-83.

BUENO RAMÍREZ, P. *et* BALBÍN BEHRMANN, R.

«La graphie du serpent dans l'aculture mégalithique péninsulaire. Représentation de plein air et représentations dolméniques». *Anthropologie*, 100; 1995, pp. 357-381.

CABRAL, J.

«Neotectónica em Portugal Continental». *Mem. Instituto Geológico e Mineiro*, n. 31; 1995, pp. 265.

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C. e BATISTA, A.

«Novos dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros». *Separata da revista Estudos de Castelo Branco, Nova Série*, nº 3. 2004.

CANINAS, J., SABROSA, A., HENRIQUES, F., MONTEIRO, J. L., CARVALHO, E., BATISTA, A., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. R., MONTEIRO, M., CANHA, A., CARVALHO, L., e GERMANO, A.

«Tombs and rock carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvélos (Oleiros - Castelo Branco)», in *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Península*. *BAR International Series*, nº 1765. 2008.

CANINAS, J. C., HENRIQUES, F., BATISTA, A., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. R., MONTEIRO, M., CANHA, A-, CARVALHO, L.

«Estruturas monticulares antigas na fronteira sul do concelho do Sabugal». *SABUCALE*, n.º 1, *Revista do Museu do Sabugal*. 2009

CARDOSO, J.L.& GONZALEZ, A.

«Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela», *Almadan*, 2ª série, n.º11, Centro de Arqueologia de Almada, 2002, pp. 242.

CASTRO NUNES, J. DE

«Um Machado de Talão, de Tipo Galaico, na Beira-Litoral Interior». *Publicações do Museu da Câmara Municipal de Arganil*. Arganil, 1952; pp. 2-9.

CASTRO NUNES, J

«O Ídolo pré-histórico das Relvas.» Separata do Vol. LXVI da *Revista de Guimarães* 66 (3-4) Jul-Dez. Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho; 1956, pp. 503-507.

CASTRO NUNES, J

«Um importante Hallazgo Del Bronce En Portugal». Sobretiro de *Zephyrus* VIII-1. Seminário de Arqueologia de La Universidade de Salamanca. 1957, pp.135-145.

CASTRO NUNES, J., *et al*

«A Pedra Letreira». *Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis*. N.º1. 1959, pp. 32-35.

CASTRO NUNES, J. & PEREIRA, A.N.

«A Pedra Riscada». *Separata da Revista dos Cursos de Letras Vol. I – 1974 (Sá da Bandeira)*. 2ª Edição. Tipografia empresa de A Comarca de Arganil, Lda. Góis 2004. Depósito legal N.º 205687/04.

CERVEIRA, A.

«Nota sobre as minas de ouro da serra da Lousã», *Separata do Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Vol.I – Fasc. III, Porto. 1947.

CORCHÓN, S.

«La Cueva de la Griega de Pedraza (Segóvia)»; in *Arqueologia en Castilla y León 3 Memorias*. Junta de Castilla y León. ISBN: 84-7486-708-4. Depósito legal: ZA N.º 204-1997; Imprime: Heraldo de Zamora. Espanha. 1997, pp. 199.

CORCHÓN, S.

«El Tardiglaciario y la Transición al Posglaciario En La Meseta Norte Española: Una Visión de Síntesis. Reflexiones Acerca de Las Investigaciones Realizadas En Los Últimos Diez Años En El Territorio de Castilla-León». In separata *ZEPHYRVS Revista de Prehistoria y Arqueologia*. LV. ISSB: 0514-7336. Ediciones Universidad Salamanca; 2002, pp. 85-142.

COELHO, POSSIDÓNIO M. L.

«Os “cardadores” de Castelo de Vide. Subsídios para a etnografia (Indústrias) do Distrito de Portalegre». In *Revista Lusitana* XXII. 1919, pp. 172.

COLLADO CENZANO, L.V.

«Las Divindades Indígenas Proectoras de Núcleos de Población En La Hispania Romana» 2003. *IBERIA*, n.º6, 2003, pp.48.

CORTEZ, F. R.

«PICIUS - Divindade pré-romana, de S. Pedro de Lourosa, Oliveira do Hospital» *VIRIATIS* - vol. I, nº I, ano de 1957, pp. 9-12.

COSTA, P., CLETO, J.

«O Sal do esquecimento. Salinas e comercialização de salgados na foz do Rio Leça». *In A Articulação do Sal português aos circuitos mundiais – Antigos e novos consumos. Actas do IIº Seminário Internacional sobre o Sal Português.* (Aveiro, Figueira da Foz e Leiria – Outubro de 2006) Porto: Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2008; pp. 65-78.

COSTA, A.

«*Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico.*» Porto: Civilização. XII Volumes.1894-1937.

CRUZ, D.J., GOMES, L.F., CARVALHO, P.M.S.

«O grupo de tumuli da “Casinha Derribada”, Concelho de Viseu». *Conímbriga* 37. 1998; pp. 5-76.

CUNHA, P. M.

«Unidades litostratigráficas do Terciário na região de Miranda do Corvo-Viseu (Bacia do Mondego, Portugal)». *Comunic. Instit. Geol. Mineiro*, v. 86, 1999; pp. 143-196.

DAVEAU, S.; BIROT, P. & RIBEIRO, O.

«Les bassins de Lousã et Arganil . Recherches géomorphologiques et sédimentologiques sur le massif ancien et sa couverture a l’est de Coimbra». *Mem. Centro Estudos Geográficos*, 8, 1985-86, 450 pp.

DIAS, P.T.N.

«*Subsídios para o levantamento arqueológico do concelho da Pampilhosa da Serra*», trabalho apresentado à cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, dactilografado.1985.

DINIS, P.A.

«Conferência Noções de Geologia - Apontamentos para o “*I Curso de Arte Rupestre do Vale do Ceira e Alva – APIA*, dias 20 a 24 de Julho 2004 em Góis» – Coimbra, dactilografado. 2004.

DUMÉZIL, G.

«L`idéologie dès trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens» ; *Mythes et épopée*. Paris, Gallimar. 1968.

ELIADE, M.

«Forgeron et Alchimistes», *Flammarion*, Paris. 2ª Edição, 1977, pp.48 a 50.

FABIÃO, C., GUERRA, A.

«A IV Campanha de Escavações no Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia) – Alguns Resultados preliminares». *Revista Portvgália Nova Série*, Vol. IX-X, 1988-1989; pp.73-87.

«*Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Pedras Lavradas II, Balocas e Senhora das Necessidades*». ENEOP. Policopiado. Março 2008.

FÉLIX J. M.

«*Vila de Rei e o Seu Concelho*». Edição Câmara Municipal de Vila de Rei, Gráfica de Tomar, Setembro de 1985; pp. 36 a 39.

FERNANDES, C.

«*E.I.A. Estudo Arqueológico do Parque Eólico do Chiqueiro (Pampilhosa da Serra)*», para o Grupo Enersis. Policopiado. 1995

FERNANDES, A. A.

«*Toponímia Portuguesa (exame a um dicionário)*», Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, pp. 96.

FERREIRA, A. B.

«Planaltos e Montanhas da Beira, estudo de Geomorfologia». *Mem. Centro Estudos Geográficos*, nº 4, 1978, 374 pp.

FERREIRA, O. V.

«Ara votiva da Lousã». *Revista de Guimarães*. – ISSN 0871-0759. Vol. LXII, N.ºs 1-2 (Janeiro-Junho 1952), pp. 192 -195.

FRAZER, J.

«Il Ramo d`oro». *Boringhieri*. 1965 Turim.

GARCÍA ATIENZA, J.

«*Guia de los recintos sagrados españoles*». Ed. Ariel. Barcelona, 1986; pp. 43-52.

GARCIA, J. G.M., CRUZ, M.M.V.P.

PNTA (Plano Nacional de Trabalhos arqueológicos do IPA) – Projecto de «*Levantamento Arqueológico do Concelho de Arganil*». 2001, relatório final, policopiado.

GARCIA, A.D., QUINTANA, M.A.A.

«Arte Rupestre en La Zepa de La Serena» in *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura*. Vol. II. 2007, pp.419. Edición Junta de Extremadura. I.S.B.N.:978-84-9852-049-1

GENERA I MONELLS, M.

«La explotación de minerales y rocas durante la Prehistoria en el nordeste peninsular: algunas evidencias arqueológicas en el território del Ebro final». *Actas do III Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*: Edição da Sociedad

Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Miinero (SEDPGYM) e IPPAR, Porto, 2006; pp. 39-61.

GOMES, M.V.

«Arte esquemática do Vale do Tejo». “Actas del Colóquio Internacional de Arte Esquemático de la Península Ibérica (Salamanca 1982)”. *Zephyrus* 36, 1983; pp. 277-285.

GOMES, M.V.

«”Arte rupestre e contexto arqueológico”. Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica Nos 25 anos da Descoberta do Escoural». *Almansor*, Revista de Cultura 7, 1989; pp. 225-269.

GOMES, M.V.

«A hierogramia do Penedo do Matrimónio (Montalegre, Vila Real)». *Arqueologia e História*, 2004-2005; pp. 56-57 e 51 -64.

GOMES, M.V., GOMES, R.V., SANTOS, M.F.

«O santuário exterior do Esoural – Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora)» *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*, 2. 1994; pp. 93-109.

GOMES, M.V., MONTEIRO, J.P.

«As estelas decoradas da herdade do Pomar. (Ervidel-Beja) – Estudo comparado» – *Setúbal Arqueológica*, 2 -3, 1976-1977; pp. 281-343.

GOMES, R. V., GOMES, M.V. SANTOS, M.F.

«O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora)». “Actas del Colóquio Internacional sobre Arte Esquemático de la Península Ibérica (Salamanca, 1982)”. *Zephyrus* 36, 1983; pp. 287-307.



GOMES, M.V., MONTEIRO, J.P.

«As rochas decoradas de Alagoa. Tondela – Viseu». *O Arqueólogo Português* série 3, 8-9: 1974-1977; pp.145-164.

GOMES, M. V.

«A Bicha Pintada (Vila de Rei, Castelo Branco) e as serpentes na Proto-História do Centro e Norte de Portugal». *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, 1999; pp. 221-240.

GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P.

«As Estelas Decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja) – Estudo Comparado», in “*Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, 1977; pp. 281-343.

GONÇALVES, J.L.

«*Histórias De Uma Aldeia – Valezim – Serra da Estrela. 8.º Centenário do Foral 1201*» Vol.1 Editora Hugin. Impressão e acabamento: Costa & Duarte, Lda. ISBN 972 – 794 – 054 –4. Depósito legal n.º 164 877, Junho de 2001; pp. 1-415.

GREEN, J. M.

«Guia completa del mundo celta». *Oberon Historia*. OBERON. Grupo ANAYA, S.A. Madrid. 254 pp. ISBN: 84-96052-54-0. Depósito Legal: M-46.705-2004.

HERNANDO SOBRINO, M.R.y GAMALLO, J.L.

«Um santuario romano en Narros del Puerto, Avila (*Conventus Emeritensis*)», *Ficheiro Epigráfico* 76, 2004, n.º337 y 338.

HOSKIN, Michael, *et alii*

«Studies in Iberian Archaeoastronomy (8): Orientations of Megalithic and Tholos Tombs of Portugal and Southwest Spain», *Archaeoastronomy - Supplement to Journal for the History of Astronomy*, 32. S45-S64. (2001).

JACINTO, M. J. V.

«Relatório do estudo prévio dos EIA dos Parques Eólicos do Sul da Serra da Estrela (Projecto Eólico das Beiras: Parque Eólico da Serra de Alvoaça, Parque Eólico das Pedras Lavradas, Parque Eólico da Cebola e Parque Eólico das Balocas, Parque Eólico de Castelo, e Souto e Parque Eólico da Barroca Grande)». AGRI-PRO Ambiente. ERA Arqueologia para a EDP - ENERNOVA. 2002.

JACINTO, M. J.

«Arte rupestre da Serra do Açor / Serra da Estrela», *ERA Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri,. 2006; pp. 72-85.

JALHAY, E.

«Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa)», *Brotéria*, XLVIII,. Lisboa 1949; pp. 10.

KNAPP, B. & ASHMORE, W.

«Landscape: Conceptualized constructed and ideational» in: ASHMORE, W. & KNAPP, B. (org.) *Archaeologies of Landscape*. Cambridge Press. 1999.

KOPPERS, W.

«*La religione del`uomo primitivo*». Morcelliana. 1949 Brescia.

LEAL, A. S. A. B. P.

«*Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico & Etimológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias.* Lisboa», 1882 e 1886: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Tomo II, pp. 222 e Tomo III, pp.79.

LEÃO, Duarte Nunez

«*Descrição do Reino de Portugal*». 2ª Edição, 1599; pp. 55 e 122-123.

LEISNER, G.

«Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen», *Madrider Forschungen* 1, Berlin 1956.

LEROI-GOURHAN, A

«*Los primeros artistas de Europa*. Introducción al arte parietal paleolítico». Madrid. 1983.

LOPES CUEVILHAS, F., PINTO, R. S

«Estudos encol da Edade de Ferro no N. W. da península: A religião», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, pp. 356, 1934.

LOURENÇO, L.

«As cheias do rio Alva». *Biblos*, Coimbra, LX, 1984, pp.41.

LOURENÇO, L.

«Viagem de estudo às Serras do Açor e da Lousã»: *livro guia*. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1988, pp.7-14.

LOURENÇO, L.

«O Rio Alva: hidrogeologia, geomorfologia, climatologia, hidrologia», *Instituto de Estudos Geográficos*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1989.

LOURENÇO, L.

«Viagem de estudo às Serras da Lousã e da Cebola»: *livro guia*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1990, pp.7-22.

LOURENÇO, L.

«*Serras de Xisto do Centro de Portugal, Contribuição para o conhecimento geomorfológico e geo-ecológico*». 1996

LUMLEY, H.

«Gravures de l'âge du Bronze dans la Vallée des Merveilles». In : H. De Lumley, ed. *Art Préhistorique dans les Alpes Occidentales*, Musée de l'Homme, Paris, 1981; pp.7-32.

MACHADO, J. P.

«Vocabulário Português de Origem Árabe». Dom Quixote, ISBN 9722016180 / 972-20-1618-0 / 9789722016186, 1993, pp. 22.

MATEO SAURA, M. A.

«Arte Rupestre en Múrcia. Noroeste y Tierras Altas de Lorca». 1ª Edición: Enero 1999. ISBN: 84-885-51-55-X. Depósito legal: UM-1077-99. Editorial KR; pp. 241-247.

MARTINS, A.A.C.

«Carta Arqueológica da Serra do Açor – Mata da Margarça». *Coimbra: Escola Superior Agrária de Coimbra*. Relatório de estágio de fim de curso. Policopiado. 1992. in *Plano de Ordenamento de Área de Paisagem Protegida da Serra do Açor – 1ª Fase de Caracterização Discussão Pública*, Outubro de 2007, pp.75.

MARQUES, A.A.C.

«Carta Arqueológica da Serra do Açor, Mata da Margarça, Ribeira da Mata» *Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza – Coimbra*. Policopiado, 1992, pp. 1-65.

MEDINA

«Contribuição Para o Conhecimento da Geologia do Grupo das Beiras (CXG) na Região do Caramulo-Buçaco (Portugal)», 1996, 200 pp.

MOITA, I.

«Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta», *Ethnos* 5, 1966.

MONTEIRO, A.J.N.

«Duas inscrições inéditas encontradas em Serpins (Lousã)». *Conímbriga*. 19., 1980, pp. 163-172.

NEVES, J. A. B. «Notícia Histórica e Topográfica da Vila de Goês e seu Termo» 1897

NOBRE, C. G. A.

«*Vide Memorial – Camélias Branca*». Volume I – Edição do autor. Impressão Ediliber, Lda.. Depósito Legal: 251711/06, Novembro de 2006, 286 pp.

OLIVARES PEDREÑO, J.C.

«Ara Votiva de la Aberca (Salamanca) Dedicada a *Ilurbeda*.» Ficheiro Epigráfico, 84. Suplemento de (*Conímbriga*), Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia. Universidade de Coimbra. Depósito Legal N.º 21216/88. ISSN 0870-2004. Gráfica de Coimbra, Lda. 2006. Inscrição 377.

OLIVARES PEDREÑO, J.C.

«Ara Votiva de San Martín Del Trevejo (Cáceres) Dedicada a La Diosa *Ilurbeda*.» Ficheiro Epigráfico, 86. Suplemento de (*Conímbriga*), Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia. Universidade de Coimbra. Depósito Legal N.º 21216/88. ISSN 0870-2004. Gráfica de Coimbra, Lda. 2007. Inscrição 391.

OLIVEIRA, J. M. F.

«Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever» - Tomo I – “*Edições Colibri*”. 2ª Edição, Lisboa. Depósito Legal: 122 217/98. ISBN 972-8288-84-0. Abril 1998, pp. 1-744.

OLIVEIRA, J. M.

«*A Estela Decorada da Tapada da Moita*». Edição da Câmara Municipal de Castelo de Vide. Composto e Impresso na Cograpor, Lda. Portalegre. 1500 exemplares, 1986; pp. 1-35.

PEREIRA, J. F.

«*Piódão, Aldeia Histórica, Presépio da Beira Serra – História, Lendas e Tradições*». Edição do Autor. Piódão Arganil. 1000 exemplares. Depósito Legal N.º 212373/04. Impressão: Empresa Gráfica Feirense, S.A. – Santa Maria da Feira. 2004, pp. 1-323.

PEREIRA, E., RODRIGUES, G.

«*Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*» Vol VII, T-Z. Editor João Romano Torres. 12 de Março 1915.

PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., & RIBEIRO, N.M.C.

«Lunar and Solar connections at a rock art site in central Portugal», *Proceedings of the SEAC 2005*. Isíli, Sardenia, 28 de June-3 July; pp. 264.

PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., SMITH, A.

«A Bayesian approach to the orientations of central Alentejo megalithic enclosures», in *Archaeoastronomy Journal*, XXII. University of Texas press, EUA. 2009; pp. 1-20.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L.

«The Sky and the Landscape of Rock Art in The Ceira and Alva Basins». *Cosmology Across Cultures*. Granada/SPAIN. ASP Conference Series, Vol. 409, © 2009 J.A. Rubiño-Martín, J.A. Belmonte, F. Prada and A. Alberdi, eds. Pp. 359-363.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L.

«Orientation In The Landscape of open air rock art in the mountains between Alva and Ceira Rivers, the podomorphs carvings» Michael A. Rappenglück, Barbara Rappenglück,

Nick Campion (Eds.): *Astronomy and Power. SEAC 2010*, Gilching, Germany; BAR 2011. pp. 1-5.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A., TIRAPICOS, L.

«Open air rock art between Alva and Ceira rivers: a voyage through mining, trading and transhumance routes and the orientation in the landscape», in “*Stars and Stones*” *SEAC 2011 Portugal*. Abstract book, 2011, pp.45.

RAMIRO, J.

«*Histórias, Lendas e Contos do meu Chão – Chão Sobral*». Edição Câmara Municipal de Oliveira do Hospital. Oliveira do Hospital 2005. ISBN 230291/05.

«*Relatório de conformidade Ambiental do Projecto de Execução do Parque Eólico da Serra da Alvoaça*» – Vol. 2 – Relatório Técnico – Anexos técnicos. AGRIPRO Consultores. S. A. 2005.

REIS, R. P. & CUNHA, P. M.

«A definição litoestratigráfica do Grupo do Buçaco na região de Lousã, Arganil e Mortágua (Portugal)». *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, v. 75, 1989; pp. 99-109.

RENFREW, C.

«*Before Civilization*», Jonathan Cape, London. 1973

RENFREW, C.

«Introduction: The Megalith Builders of Western Europe», in: J.D.EVANS, B. CUNLIFFE C. RENFREW, eds. *Antiquity and Man*. Thames & Hudson, London, 1981, pp.72-81.

REIS, R. P. & CUNHA, P. M.

«A definição litoestratigráfica do Grupo do Buçaco na região de Lousã, Arganil e Mortágua (Portugal).» *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, v. 75, 1989, pp. 99-109.

RIBEIRO, O.

«Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela», *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade de Lisboa, Lisboa, VII (1 e 2), 1940-1941, pp. 213-303.

RIBEIRO, F. N.

«*O Bronze Meridional Português*», Beja, 1965

RIBEIRO, A.; ANTUNES, M. T.; FERREIRA, M. R.; ROCHA, R. B.; SOARES, A. F.; ZBYSZEWSKI, G.; ALMEIDA, F. M.; CARVALHOS, D. & MONTEIRO, J. H.

«Introduction à la géologie générale du Portugal», *Serv. Geol. Portugal*. 114p. 1979, pp. 8-31.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«*A Festa dos Tabuleiros*». Trabalho monográfico apresentado na cadeira de Civilizações Pré-Clássicas do Curso de História da *Universidade Autónoma de Lisboa*, sob a orientação de Professor Simões Serra. Lisboa 1991. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«*A Pré-história do Concelho de Tomar*». Trabalho apresentado na cadeira de Pré-história do Curso de História da *Universidade Autónoma de Lisboa*, sob a orientação de Professor Manuel Farinha dos Santos. Lisboa 1991. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«O Povoado da Paixinha – Estudos Preliminares». *In Boletim Cultural 21*. Câmara Municipal de Tomar. Outubro de 1997. Montagem e Impressão: A Gráfica de Tomar. Depósito Legal n.º 446/82, 1997 Tomar; pp. 215 a 254.



RIBEIRO, N. M. DA C.

«Os Santuários Proto-Históricos da Paixinha». *In Boletim Hedera – Revista do Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar*. CEPPT; Julho de 1997, pp.2.

RIBEIRO, N. M. DA C., HUTTU, J.

«Corredor dos Mouros – Investigation Report». *In Techne 3* (1997). Arqueojovem. ISSN N.º 0872-6817. Depósito legal: 93741/95. Tomar 1998, pp. 99-111.

RIBEIRO, N.M.DA C.,

«Relatório de prospecção no âmbito do trabalhos arqueológicos na bacia hidrográfica do Rio Ceira – EIA do Parque Eólico do Cadafaz (Góis)». EDP-Portugal. Policopiado. 2000.

RIBEIRO, N.M.C.

«Relatório Parque Eólico de Malhadas, Estudo Prévio de Prospecção». 2000. Grupo EDP. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«Arte Rupestre dos Vales dos Rios Ceira e Alva – Bacia Hidrográfica do Rio Mondego», Universidade de Salamanca e Universidade Autónoma de Lisboa. Salamanca e Lisboa. Grau de suficiência investigadora. Orientado por Maria Soledad Corchón Rodriguez. Policopiado. 2003.

RIBEIRO, N. M. DA. C.

«Open air Rock in the Ceira and Alva River Valleys – Some Symbols», *Proceedings of the XV World Congress – Session WS34 – (Lisbon, 4-9 September 2006)*, v. 25 BAR Internacional Series 1793. 2006; pp. 43-49.

RIBEIRO, N.M.DA. C.,

«Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos de acompanhamento realizados no Parque Eólico do Cabeço Rainha II (Oleiros/Sertã/Castelo Branco) e Linha Eléctrica de

*Interligação à Rede Eléctrica Nacional – Subestação de Castelo Branco*». Realizado pela APIA. Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica para a EDP-Portugal. Policopiado. 2009/10/26.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«The Rock Art Interpretation Centre in Vide (Portugal) From Project to Reality and its Challenges». *IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL*, pp. 1125-1135.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«Zoomorphic Art in The Open Air Rock Art Complex of The Ceira And Alva Rivers Basins and Adjacent Unhais River Basin – Portugal». *IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL*, pp. 804-816.

RIBEIRO, N., PEREIRA, A., S. PIMENTA, F., JOAQUINITO, A., VENTURA, R.

«O Sítio de Arte Rupestre da Eira do Piódão: Um caso de Estudo (Arganil-Portugal)» *I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história*. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos. Universidade Federal da Grande Dourados, pp. 50-51.

RIBEIRO, N., PEREIRA, A., JOAQUINITO, A.

«As Rotas Naturais no Centro Interior de Portugal, da Pré-história ao Século XX» *I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História*. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos, Secção de Antropologia em Aplicação. Universidade Federal da Grande Dourados, pp. 75.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«The Symbolism of Open-Air Rock Art at the end of the Upper Palaeolithic in Central Interior Portugal and its Possible Relation With Natural Paths». *IFRAO Congress*, September 2010 France – Symposium: Signs, symbols, myth, ideology, pp. 1-13.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A. (2010b)

«La symbolique de l'art rupestre à la fin du Paléolithique supérieur, dans le centre intérieur du Portugal et sa possible relation avec les routes naturelles». *L'art pléistocène dans le Monde. Congrès de l'IFRAO*, Septembre 2010 – Symposium: Signes, symboles, mythes et idéologie (Pré-Actes) ; pp. 1-13.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, S. (2010c)

«O Podomorfismo na Arte Rupestre da Fachada Atlântica, que significado?», *Resumos do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. 18-20 Novembro de 2010, Almodôvar. Câmara Municipal de Almodôvar. Portugal.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, S.

«O Podomorfismo na Arte Rupestre da Fachada Atlântica, que significado?», *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. 18-20 Novembro de 2010 (2012), Almodôvar. Câmara Municipal de Almodôvar. Portugal, pp. 201-211.

RIBEIRO, N., PEREIRA, S., JOAQUINITO, A., CUNHA, P.P.

«Relação da arte rupestre com a mineração proto-histórica na área das bacias hidrográficas dos Rios Ceira e Alva». *Actas VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Realizado na casa de Artes e Cultura do Tejo (Vila Velha de Ródão) 18 a 20 de Junho de 2010,. Junho 2011, pp. 89-108.

RODRIGUES, G. & PEREIRA, E.

«*Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*». Edição João Romano Torres e C.<sup>a</sup> Editores, Lisboa, 1915.

RUIZ ZAPATERO, G. y FERNANDEZ MARTINEZ, V.

“Prospección de superficie, técnicas de muestro y recogida de información”, *Inventarios y Cartas Arqueológicas – actas* (Soria, 1991), Valladolid, pp. 87-98.

SANCHIDRIÁN, J.L.

«Manual de Arte Prehistórico». *Ariel Prehistoria*, ISBN: 84-344-6617-1. Depósito legal: B. 9.323-2005. Impreso en España, pp. 258-259.

SANTOS, A.T., BAPTISTA, A.M.,

«Rock Art in The Iberian Central Chain: The Cases of Piódão (Arganil) and Vide (Seia)» in “From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region”. Edited by P. Bueno Ramirez, E. Cerrillo Cuenca, A. Gonzalez Cordero. *BAR Internacional Series* 2219; 2011, pp. 161-176.

SANTOS JÚNIOR, J.R.

«A Cultura dos berrões no Nordeste de Portugal». *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 22 (4), 1975 Porto, pp. 353-516.

SANTOS, M.J.C.

«Santuários Rupestres no Ocidente da *Hispania* Indo-Europeia. Ensaio de Tipologia e Classificação» *Serta Palaeohispanica J. de Hoz Palaeohispanica* 10., I.S.S.N.: 1578-5386. 2010, pp. 147-172.

SANSONI, U., GAVALDO, S.

«L'Arte Rupestre Del Pià D'Ort, La Vicenda di un Santuário Preistorico Alpino». In *Edizioni Del Centro. Archivi*, Vol. 10. Copyright © 1995 by Centro di Studi Preistorici Prima Edizione, Novembre, 1995; pp. 116 - 117.

SARMENTO, F.M.

«*Expedição científica à Serra da Estrela*» em 1881. 1881; pp. 11- 32.

SARMENTO, M.

«*Dispersos*», Coimbra. 1933

SAVARDI, E.

«Le raffigurazioni di capana a Foppe di Nadro: tipologia e distribuzione». In *Foppe di Nadro Sconosciuta*. Dalla cartografia GPS alle analisi più recenti. *Atti della 1ª Giornata di Studio sulle Incisioni Rupestri della Riserva Regionale Ceto, Cimbergo e Paspardo*. A cura di Alberto Marreta. Nadro 26 Giugno 2004; Itália, 2005, pp. 81-93.

SCHUBART, H.,

«Die Kultur der bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel». *Madriders Forschungen* 9) Walter de Gruyter, Berlin, 1975, pp. 158-159.

SECO, A. L. S. H.

«*Memória histórico-corográfica dos diversos concelhos do distrito administrativo de Coimbra*». Coimbra: Imp. Da Universidade, 1853; 143 pp. 20 cm.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Contribuição para a Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Os Materiais do Dólmen n.º1 dos Moinhos de Vento, Arganil», *Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia*, n.º1, Arganil. 1981

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Ideologia e práticas funerárias no Megalitismo das Beiras: A sepultura periférica do quadrante NW da Mamoa do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento». *Separata da Revista de História Económica e Social*, 1, 1983; pp.1-27.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Contribuições arqueométricas para um modelo socio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal», *Clio/Arqueologia* 1, UNIARCH, INIC, Lisboa. 1983-84.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«*Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*», Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F.L.L., Lisboa (3 vol. policopiados).1989.

SENNA-MARTINEZ, J. C. de & LUZ, A. M.D.

«O Megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socioeconómico.» *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1983; pp. 103-118.

SENNA MARTINEZ, J.C. et alii

«Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: Olaria da Idade do Bronze», *Clio/Arqueologia* 1, UNIARCH, INIC, Lisboa. 1983-84.

SENNA MARTINEZ, J.C., GUERRA, A. FABIÃO, C.J.

«Cabeço do Crasto”, S. Romão. Seia. A campanha (1985). *Catálogo da exposição temporária*, Lisboa, 1986, pp.1-7.

SENNA MARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., ESTEVINHA, I. M. A.

«O Buraco da Moura de S. Romão (Seia): alguns resultados preliminares da Campanha 1987 », in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp 149-174.

SENNA MARTINEZ, J.C., GIL, F.B., GUERRA, M.F., SERVA, A. I., FABIÃO, C.

«Produções metalúrgicas do Bronze Final do Cabeço do Crasto de S. Romão, Seia: uma primeira análise», in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* , Viseu, 1989, pp. 235-248.

SENNA MARTINEZ, J.C., F.B., GUERRA, FABIÃO, C.

«O Cabeço do Crasto de S. Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas 1-1985 a 3 – 1987», in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 189-234.

SENNA MARTINEZ, J.C.,

«A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão», *in: Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, 1993; pp. 55-76.

SENNA MARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., TEIXEIRA, C. VENTURA, J. M.

«A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão», *in: Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, 1993; pp. 125-135.

SENNA MARTINEZ, J.C. & VALERA, A. C.

«O Buraco da Moura de S. Romão», *in: A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, 1995, pp. 50-53.

SENNA-MARTINEZ, J.C.

«Depósitos de Bronze do Território Português – Um Debate Em Aberto». *O Arqueólogo Português*. P.110.Série IV, 24. Museu Nacional de Arqueologia. ISSN 0870-094X, depósito legal n.º3161/83. 2006

SEQUEIRA, A. J.; CUNHA, P. P. & SOUSA, B. M.

«A reactivação de falhas, no intenso contexto compressivo desde meados do Tortoniano, na região de Espinhal-Coja-Caramulo (Portugal Central)». *Com. Inst. Geol. Mineiro*, v. 83, 1997, pp. 95-126.

SEQUEIRA, A. J. & SOUSA, M. B.

«O Grupo da Beiras (Complexo Xisto-Grauváquico) da Região de Coimbra-Lousã». *Mem. e Not. Mus. Lab. Mineral. Geol.*, 112; 1991, pp.1-13.

SEVILLANO, M.C.

«Un petroglifo com inscripción en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)». *Zephyrus*. XXVI-XXVII. Salamanca, 1976, pp. 269-290.

SEVILLANO, M.C.

«*Grabados Rupestres en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)*». Ediciones Universidad Salamanca. ISBN: 84-7481-654-8. Salamanca, 1991, pp. 8-216.

SHEE, E.

«Painted Megalithic Art in Western Ibéria», *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, Porto. 1974.

SHEE, E. T.

«*The Megalithic Art of Western Europe*», Oxford. 1981

SILVA, J.B.A.

«*Memória minerográfica sobre o distrito metalífero entre os rios Alva e Zêzere*». s.l., s.d., Loc.: Museu Paulista doc. 291 (Apresentado na Academia Real das Ciências de Lisboa, sem data).

SILVA, E. J. L.

«Notícias Sobre a Descoberta de Novas Pinturas no Dólmen de Fontão (Paranhos da Beira-Seia)». In revista *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia na Faculdade de Ciências do Porto*. 25 (2-4) Porto, SPAE, Porto. 1985, pp. 381-386.

SILVA, A.C.F. da & GOMES, M.V.

«*Proto-História de Portugal*». Universidade Aberta. Lisboa. ISBN: 972-674-087-8. 1994, pp. 91-93.

SILVA, R.

«A Pedra Letreira” (Amieiros, Alvares, Góis)». In *Estudos Pré-Históricos. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*. 2000, n.º8; pp. 249-250. ISBN: 972-95952-7-5, depósito legal: 76434/94.



SIMÕES, J. A.

«*Um castanheiro anterior à fundação do Reino de Portugal*». Universidade do Porto, 1976, pp. 23.

SOARES, A. F. & MARQUES, J. F.

«O quaternário da bacia da Lousã – algumas ideias.» *A Geomorfologia do Noroeste Peninsular*, 2002, pp. 87-101.

SOLES, J.D.C.

«As Divindades Egípcias, Uma Chave para a Compreensão do Egipto Antigo». *Nova História*. Editorial Estampa. 363-364. 1ª Edição Outubro de 1999. ISBN: 972-33-1487-8, depósito legal n.º143707/99

SOUSA, G. DE V.

«*Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*». 1ª Edição. Livraria Civilização Editora 1998 Porto. ISBN: 972-26-1559-9

TAVARES, A.A.

«O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiães)», *Clio, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. Vol.2, INIC, Lisboa. 1980, pp. 39-58.

TEIXEIRA, C.

«*Geologia de Portugal, vol. I – Precâmbrico, Paleozóico*». Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.1979.

TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F.

«*Introdução à Geologia de Portugal*». Instituto Nacional de Investigação Científica, Universidade de Lisboa.1980.

TOKAREV, S.

«História das Religiões». *Colecção Académica*: Edições Progresso. URSS. ISBN 5-01-00127403. Imp. 1990, pp. 88.

TOVAR, A., MARIA DE NAVASCUÈS, J.

«Nombres de Divindades del Oeste Peninsular», pp. 183 da *Miscelânea à memória de Adolfo Coelho*, Lisboa. 1950

TWOHIG, E.S.

«*The megalhithic art of Wetern Europe*». Oxford, 1981, pp. 29.

UCKO, P. & LAYTON, R.

«*The Archaeology and Anthropology of Landscape*». London. Routledge. 1999.

VALERA, A.C., SENNA MARTINEZ, J.C., ESTEVINHA, I.A.

«O Buraco da Moura de S. Romão (Seia): Alguns resultados preliminares da campanha I (1987)»” *Actas do Iº Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, 1989; pp. 149-174.

VALERA, A.C.

«A ocupação calcolítica da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão» *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1; 1993, pp. 37-54.

VASCONCELOS, L.J.

«Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal» in *O Archeologo Português* Série I Vol. XII, Fasc. 7-12. 1908

VIANA A.

«*Arqueologia Prática*», Beja, 1962

VILAÇA. R., CRUZ, D.J., SANTOS, A.T., MARQUES, J.N.

«O grupo de *tumuli* do Pousadão “Pendilhe, Vila Nova de Paiva”», *Estudos Pré-históricos*, 8. 2000; pp. 125-150.

VILAÇA. R.

«Depósitos de Bronze do Território Português – Um Debate Em Aberto». *O Arqueólogo Português*. Série IV, 24. Museu Nacional de Arqueologia. ISSN 0870-094X, depósito legal n.º3161/83. 2006; pp. 42.

VITEBSKY, P.

«O Xamã». *Grandes Tradições Espirituais*. Editora Evergreen. Singapura. ISBN. 3-8228-1342-7. Imp. 2001, pp. 11-17.

YOUNG, T. P.

«The lithostatigraphy of the upper Ordovician of central Portugal». *Journal of the Geological Society London*, v. 145, 1988; pp. 377-392.

## **CARTOGRAFIA:**

### *«CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL»*

Serviços Geológicos de Portugal – escala 1:500 000. (Material Cartográfico). Lisboa: SCE, 1992.

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 212. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 221. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 222. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993. ISBN-972-764-233-0

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 223. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 231. Série M 888 Edição 2 – S.C.E.P. – 1982. ISBN-972-764-244-6

### *«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»*

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 232. Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993. ISBN-972-764-245-4

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 233.  
Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993. ISBN-972-764-246-2

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 234.  
Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993.

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 241.  
Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2002. ISBN-972-765-133-X

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 242.  
Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2001. ISBN-972-765-134-8

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 243.  
Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1992.

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 244.  
Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1992.

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 245.  
Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1991.

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 251.  
Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2001. ISBN – 972 –765-145-3

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 252.  
Série M 888 Edição 2 – S.C.E.P. – 1983.

«*CARTA MILITAR DE PORTUGAL*»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 253.  
Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993.

«*CARTA DA HIDROGRAFIA CONTINENTAL*»,

*Principais bacias hidrográficas*; Comissão Nacional do Ambiente, Portugal.1989.

## **FONTES COMPUTADORIZADAS:**

### **Achado Arqueológico na Lousã**

<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg01974.html>

### **As cores das Beiras: «A lenda da Serra da Estrela e do Rio Mondego»:**

<http://ascoresdasbeiras.forumeiros.com/t27-a-lenda-da-serra-da-estrela-e-do-rio-mondego>

**Câmara Municipal de Penacova: «Barca Serrana»:** <http://www.cm-penacova.pt/logo.htm>;

**Chão Sobral: «Histórias, Lendas e Contos do meu Chão»**, Livro de José Ramiro Moreira :<http://www.chaosobral.org/hlcdomeuchao.htm#cobre>

**Consejo de Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península: «APIA descubre grande concentração de Arte Rupestre nos Rios Ceira e Alva»:**

<http://www.arterupestre.es/web/noticiasmas.php?id=201>

**Diário de Viseu: «Mais de 700 lages de arte rupestre encontradas junto ao Ceira e Alva»**

<http://www.diarioviseu.pt/9975.htm>

**Goisproperty: «A lenda da Candosa»;**

[http://www.goisproperty.com/portugues/regiao%20de%20Gois/A\\_lenda\\_da\\_Candosa.html](http://www.goisproperty.com/portugues/regiao%20de%20Gois/A_lenda_da_Candosa.html)

**Histórias de Encantar: «A lenda da Fonte da Pedra. 9 de Dezembro 2009».**

<http://mariazita-historiasdeencantar.blogspot.com/2009/12/lenda-da-fonte-da-pedra.html>

**«I.G.M. - Instituto Geológico e Mineiro 2000»**, Portugal - Indústria Extractiva:. Versão Online no site do INETI: [http://e-Geo.ineti.pt/geociencias/edicoes\\_online/diversos/ind\\_extractiva/indice.htm](http://e-Geo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online/diversos/ind_extractiva/indice.htm)

**Jornal Nova Guarda, «Descobertas gravuras de arte rupestre»**,

[http://www.novaguarda.pt/220300/g\\_reg5.htm](http://www.novaguarda.pt/220300/g_reg5.htm);

**Maremoto;** «Papiro» (Blogspot), <http://papiro.blogs.sapo.pt/2006/07/>

**MarForúm (Fórum Generalista):**  
<http://www.marforum.org/viewtopic.php?p=2475&sid=0e85b09bee7f14d11845d268f87f514c>

**MONTEIRO, Fátima;** Jornal Nova Guarda: «*Novo impulso na investigação da arte rupestre de Vide*»; [http://www.novaguarda.pt/100805/g\\_reg9.htm](http://www.novaguarda.pt/100805/g_reg9.htm);

**Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português Museus;** «*Margens do Rio Ceira e Alva ricas em gravuras rupestres*»  
[http://www.mnarqueologiaipmuseus.pt/images/2009.06.06\\_Diario\\_de\\_Coimbra\\_pag\\_17\\_m.jpg](http://www.mnarqueologiaipmuseus.pt/images/2009.06.06_Diario_de_Coimbra_pag_17_m.jpg)

**Museu Arqueológico Municipal do Fundão;**  
<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg06713.html>

**NC / Urbi et Orbi** – Jornal On-line da Ubi, da Covilhã, da Região e do Resto «*Gravuras rupestres nas encostas das ribeiras de Alvoco e Piódão*»,  
[http://www.urbi.ubi.pt/000418/edicao/reg\\_vide.html](http://www.urbi.ubi.pt/000418/edicao/reg_vide.html)

**Oceano de palavras :** «*Inauguração Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide*»:  
<http://oceanodepalavras.blogspot.com/2008/05/inaugurao-do-centro-de-arte-rupestre-em.html>

**O Padrinho;** Mafia da Cova (Blogspot), «*Ainda há muita arte rupestre...*»  
<http://mafiadacova.blogspot.com/2006/07/ainda-h-muita-arte-rupestre-por.html>;

**PEREIRA, Júlio;** [Archport] «*Sessão de divulgação de Arqueologia*»,  
<http://lserv.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg01679.html>

**Rádio Elmo Online:** «*Arqueologia: Associação anuncia 200 novas descobertas de arte rupestre*», <http://www.radioelmo.com/breakingnews/news.asp?Id=770>;



**Rádio Renascença:** «Arte Rupestre: Descobertas na zona de Coimbra»,  
<http://www.rr.pt/noticia.asp?idnoticia=168763>;

**S. Jorge da Beira:** [www.cebola.net](http://www.cebola.net)

**Sic Online – Em Vide:** «*Primeiro Centro de Arte Rupestre Privado em Portugal*»,  
<http://sic.sapo.pt/online/noticias/pais/regional/Em+Vide.htm>;

**Universia.pt** - «*Novo Centro de Arte Rupestre*»,  
[http://www.universia.pt/servicos\\_net/informacao/noticia.jsp?noticia=33759](http://www.universia.pt/servicos_net/informacao/noticia.jsp?noticia=33759);

## JORNAIS PERIÓDICOS

BATATA, C.

«Acerca do Santuário de Arte Rupestre» de Góis. In “*Jornal Notícias do Pinhal*” – 15 de Fevereiro 1999, pp.6.

DIAS, M. F.

«O Mistério da Alcárcova de Arganil». In *Jornal de Arganil*. Quinta feira, 24 de janeiro de 2008, pp. 6.

PRIOR, C. J. A.

«Maria Pintada e o Paganismo». “*Jornal de Abrantes*” de 20 de Dezembro de 1959. Abrantes. Ano 60, n.º3067, pp.1-4.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre na freguesia do Piódão – Serra do Açor (I), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico, Interpretação Paleo-Etnológico e Proposta Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 15 de Julho de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (II), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 17 de Julho de 2003, pp 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (III), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 24 de Julho de 2003, pp 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (IV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 31 de Julho de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (V), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 7 de Agosto 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 14 de Agosto de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 21 de Agosto de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VIII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*». 28 de Agosto de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (IX), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 4 de Setembro de 2003, pp. 9.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (X), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 18 de Setembro de 2003, pp. 5.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 25 de Setembro de 2003, pp. 5.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 2 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XIII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 9 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XIV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 16 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 30 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XVI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 13 de Novembro 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

»Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XVII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “*A Comarca de Arganil*”. 20 de Novembro de 2003, pp. 8.

RIBEIRO, N.

«Descoberto o primeiro vestígio concreto da Idade do Ferro na região; Santuário de Arte Rupestre com três mil anos». In Jornal “*Diário as Beiras*” – 26 de Janeiro de 1999, pp. 12.

RIBEIRO, N.

«Góis prepara Forum Arqueológico – Descoberto Santuário de Arte» In.Jornal “*Diário de Coimbra*” de 26 de Janeiro 1999, pp. 14.

RIBEIRO, N.

«Gravuras rupestres também em Góis». In Jornal “*Diário de Notícias*” de 26 de Janeiro 1999, pp. 19.

RIBEIRO, N.

«Próximo de Góis – descoberto um Santuário de Arte Rupestre». In Jornal “*A Comarca de Arganil*” , N.º 10.827, de 26 de Janeiro 1999, pp. 1.

RIBEIRO, N.

«Santuário Rupestre descoberto em Coimbra». In Jornal “*Correio da Manhã*” de 27 de Janeiro de 1999, pp. 17.

RIBEIRO, N.

«Santuário de arte Rupestre pode revelar muitas surpresas». *In* Jornal “*Diário de Coimbra*” de 27 de Janeiro 1999, pp. 11.

RIBEIRO, N.

«Góis à espera da Unesco». *In* Jornal “*Diário de Notícias*” de 29 de Janeiro 1999, pp. 27.

RIBEIRO, N.

«Descoberto Santuário de Arte Rupestre com três mil anos.». *In* Jornal “*Notícias do Pinhal*» – Janeiro de 1999, Ano I – n.º16, pp. 24.

RIBEIRO, N.

«Santuário Rupestre de Góis Divinizava as serpentes...» *In* Jornal “*Correio da Manhã*” de 14 de Fevereiro de 1999, pp. 22.

RIBEIRO, N.

«...A descoberta desta rocha é apenas a ponta de um icebergue...». *In* Jornal “*Notícias do Pinhal*” – 15 de Fevereiro 1999, pp. 1.

RIBEIRO, N.

«Escavações arqueológicas no Pé Salgado – Góis». Artigo de resposta ao Arqueólogo Carlos Batata. *In* Jornal “*Notícias do Pinhal*”, Março de 1999, pp.1.

RIBEIRO, N.

«Gravuras de Góis nas telas da Unesco...» *In* Jornal “*Correio da Manhã*” de 8 de Junho 1999, pp. 18.

**UNIVERSIDAD DE SALAMANCA**

**FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA**

**Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología**



**Manifestaciones de Arte Rupestre en las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira, Alva y en las áreas limítrofes de las cuencas hidrográficas de los ríos Zêzere y Unhais**

***RESUMEN***

**NUNO MIGUEL DA CONCEIÇÃO RIBEIRO**

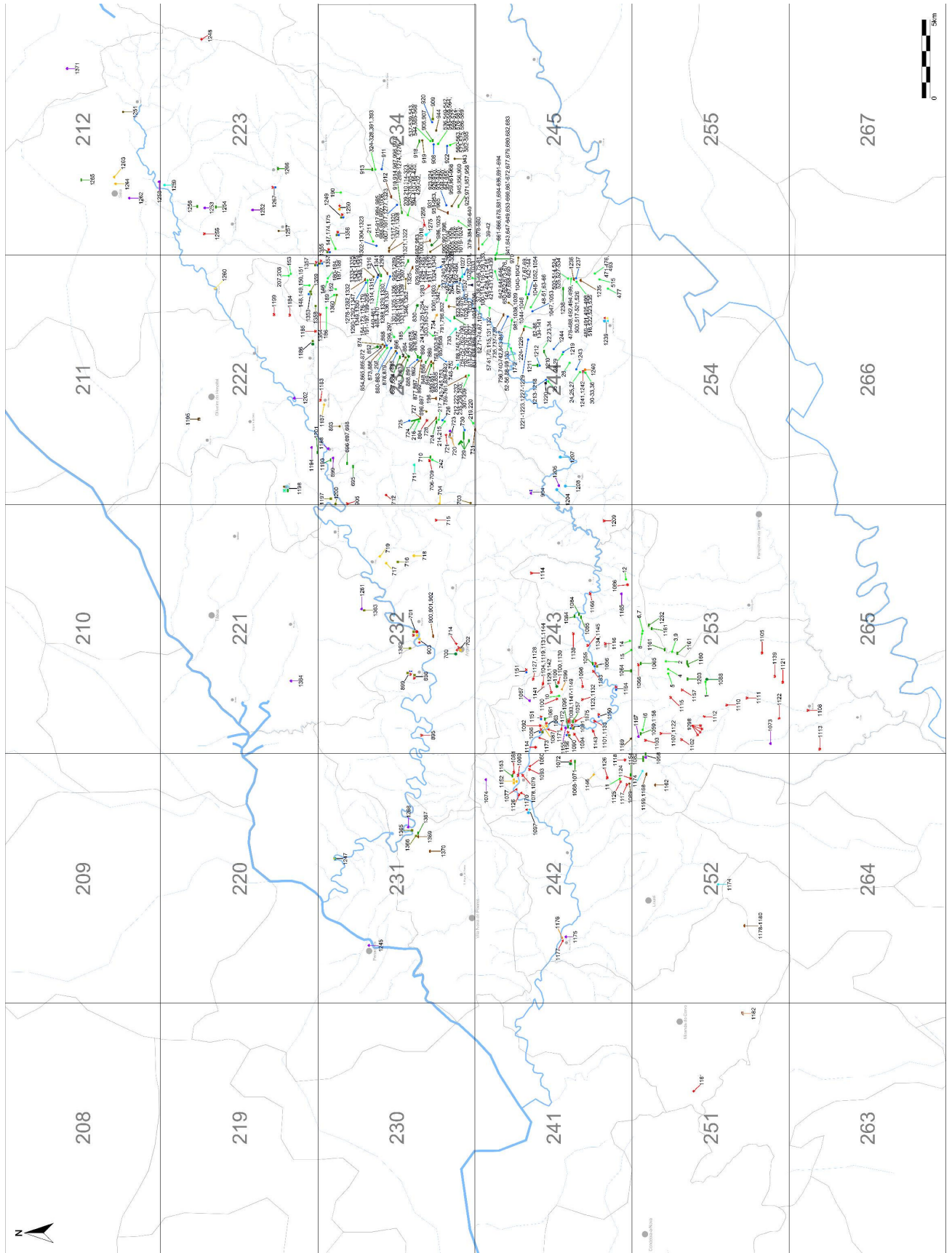
**TESIS DOCTORAL**

**Dirigida por**

**Prof. Dra. M<sup>a</sup> Soledad Corchón Rodríguez**

**Catedrática de Historia Antigua de la Universidad de Salamanca**

**2014**



Mapa 1 - Planta con la ubicación de los sitios arqueológicos identificados en el área de estudio.



## INDÍCE

<b>TOMO I - Manifestaciones de Arte Rupestre en las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira, Alva y en las áreas limítrofes de las cuencas hidrográficas de los ríos Zêzere y Unhais</b>	
	<b>Pág.</b>
Dedicatória	<b>5</b>
Índice General	<b>7</b>
Las gracias a	<b>48</b>
Introducción y presentación del tema	<b>49</b>
Mapa 1 - Planta con la ubicación de los sitios arqueológicos identificados en la zona de estudio	<b>54</b>
<b>PARTE I. Antecedentes y algunas consideraciones teóricas y metodológicas</b>	
<b>Capítulo 1. historiografía</b>	
	<b>56</b>
Sitio de <i>Pedra Letreira</i>	<b>59</b>
Sitio de <i>Pedra Riscada</i>	<b>60</b>
Marco administrativo y delimitación del área de estudio	<b>62</b>
Mapa 2 - Área cubierta por el estudio y las divisiones administrativas	<b>63</b>
Entorno geológico y unidades líticas	<b>64</b>
“Grupo das Beiras”	<b>64</b>
Mapa 3 - Esbozo geológico de la región	<b>65</b>
Ordovícico y Silúrico	<b>66</b>
Cubierta detrítica del Macizo Hesperian	<b>66</b>
Tectónica	<b>67</b>
Marco Hidrológica	<b>68</b>
La cuenca del río Ceira	<b>68</b>
La cuenca del río Alva	<b>69</b>
Mapa 4 - Extracto del Mapa geológico de Portugal Continental 1:500 000 1992, que se destaca el río Alva y su principal afluente, el río Alvoco (azul). El sur, el río Ceira (rojo), sus afluentes: los ríos Arunca / río Cuervo	<b>70</b>
Trabajos arqueológicos anteriores a 1998 en las cuencas de los ríos Alva y Ceira.	<b>73</b>
Los primeros trabajos de síntesis	<b>75</b>
Estado actual de los conocimientos para la región: el trabajo arqueológico y resultados	<b>81</b>
La enumeración de los resultados de los trabajos arqueológicos de la región que nos encontramos en el inicio del plan de investigación para esta tesis	<b>90</b>
<b>Capítulo 2. Consideraciones epistemológicas, teóricas y metodológicas</b>	
El pensamiento complejo, dialéctica, el caos y la singularidad	<b>96</b>
El pensamiento complejo (el animismo, la magia y el totemismo)	<b>97</b>
Epistemología del caos y la singularidad	<b>99</b>
El fenómeno del arte rupestre	<b>100</b>
Morfología de arte rupestre	<b>101</b>

Categoría, conceptos y unidades de análisis	<b>102</b>
Territorialidad	<b>125</b>
El arte rupestre y el paisaje	<b>130</b>
El espacio, el paisaje y la arquitectura	<b>169</b>
Área Arqueológica y Arqueología del Paisaje	<b>172</b>
Arqueología, Historia y Etnografía	<b>177</b>
Objetivos y problemas	<b>185</b>
<b>PARTE II. Trabajos arqueológicos desarrollados</b>	
<b>Capítulo 3. Los recursos existentes y la metodología utilizada durante la investigación</b>	
Los recursos físicos	<b>189</b>
Recursos arqueológicos	<b>193</b>
Prospección Arqueológica	<b>195</b>
Estudio de la toponimia y la tradición oral	<b>197</b>
El pastoreo, la trashumancia y la etnografía	<b>207</b>
Mapa 5 - Itinerario seguido por los pastores y rebaños do Sabugueiro para "invernada" en los campos de Idanha. En punteado la ruta a través de la Sierra de la Estrella	<b>211</b>
Mapa 6 - Las principales rutas del comercio y la trashumancia en las cuencas de los ríos Alva y Ceira	<b>216</b>
Metodología y estudios (levantamiento) de arte rupestre	<b>217</b>
<b>La cuenca del río Ceira</b>	
Área Gois - Sierra de Lousã	<b>235</b>
Mapa 7 - Localización área del río Ceira	<b>235</b>
Resultados	<b>237</b>
Área de las cabeceras del rio Ceira / Arouca y Silva	<b>247</b>
Resultados	<b>249</b>
Área de Sierra de Cebola	<b>257</b>
Resultados	<b>259</b>
<b>La cuenca del río Alva</b>	
Área de Vide – La cuenca del rio Alvôco	<b>270</b>
Resultados	<b>272</b>
Área de Sierra do Açor	<b>284</b>
Resultados	<b>285</b>
Área de Sierra das Pedras Lavradas y Sierra da Alvoaça	<b>297</b>
Resultados	<b>299</b>
Área de Vale das Figueiras, Valera y Cabeço Solheiro	<b>311</b>
Resultados	<b>313</b>

<b>Las cuencas hidrográficas de los ríos Unhais / Zêzere, bordes de las cuencas de los ríos Alva y Ceira</b>	
Área de Sierra do Chiqueiro	<b>325</b>
Resultados	<b>330</b>
Área de Sierra da Abuceira	<b>341</b>
Resultados	<b>343</b>
Área de Sobral de São Miguel	<b>354</b>
Resultados	<b>355</b>
Área de Pereiro (Sobral de São Miguel)	<b>363</b>
Resultados	<b>364</b>
<b>PARTE III. Problematización</b>	
<b>Capítulo 4. Análisis de datos y las conclusiones</b>	
Explotación minera en las cuencas hidrográficas de los ríos Alva y Ceira	<b>375</b>
Relación entre los sitios arqueológicos prehistóricos y proto-históricos con los sitios del arte rupestre	<b>385</b>
Símbolos existentes, y el procesamiento de los datos estadísticos	<b>398</b>
Mapa 8 - Las principales concentraciones de representaciones de podomorfos en Portugal	<b>413</b>
Conclusiones	<b>438</b>
<b>Conclusiones Generales</b>	<b>443</b>
<b>Bibliografía</b>	<b>446</b>
Cartografía	<b>478</b>
Fuentes Informática	<b>481</b>
Periódicos	<b>484</b>

<b>TOMO II - Mapeo y registros de sitios arqueológicos de las cuencas fluviales de los ríos Ceira y Alva, relacionados con sitios de arte rupestre</b>	
<b>Índice del Tomo II</b>	<b>491</b>
<b>Los símbolos utilizados en la cartografía presentada</b>	<b>510</b>
<b>Apéndice N° 1: Mapas de localización de las áreas estudiadas, cuenca del río Ceira</b>	
<b>N° I. Área de Góis – Sierra de Lousã</b>	<b>512</b>
Mapa 9 – Área de Góis/ Sierra da Lousã, Carta 1/25.000, folha n.º242	<b>512</b>
Mapa 10 – Área de Góis/ Sierra da Lousã, Carta 1/25.000, folha n.º243	<b>513</b>
Mapa 11– El mapeo geológico de la zona de Gois, terrazas cuaternarias asociadas con "conheiras" (antiguas zonas mineras) en el área de Gois.	<b>514</b>
Mapa 12 – Área del río Ceira (Lousã y Vila Nova de Poiares), Carta 1/25.000, hoja n.º 242	<b>515</b>
Mapa 13 (Área de Góis – Río Ceira), Carta 1/25.000, folha n.º243	<b>515</b>
Mapa 14 – Sierra de Lousã/ Miranda do Corvo, Carta 1/25.000, folha n.º251	<b>516</b>
Mapa 15 – Área de Góis/ Sierra da Lousã, Carta 1/25.000, folha n.º252	<b>516</b>
Mapa 16 Área de Góis/ Pampilhosa da Serra, Carta 1/25.000, folha n.º253	<b>517</b>
Mapa 17 – Área de Góis (Alvares), Carta 1/25.000, folha n.º265	<b>517</b>
<b>N° II. Área de Sierra da Cebola</b>	
Mapa 18 – Área de Sierra da Cebola, Carta 1/25.000, folha n.º244	<b>518</b>
Mapa 19 – Área de Sierra da Cebola (Arganil/Pampilhosa da Serra/Covilhã), Carta 1/25.000, folha n.º244	<b>519</b>
<b>N° III. Área de las cabeceras del río Ceira / Arouca y Silva</b>	
Mapa 20 – Área de las cabeceras del río Ceira / Arouca y Silva, Carta 1/25 000 Folha n.º244	<b>520</b>
<b>Apéndice N° 2: Mapas de localización de la cuenca del río Alva</b>	
Mapa 21 – Río Alva/Seia, Carta 1/25.000, folha n.º212	<b>521</b>
Mapa 22 – Río Alva/Tábua, Carta 1/25.000, folha n.º221	<b>521</b>
Mapa 23 – Río Alva/Oliveira do Hospital, Carta 1/25.000, folha n.º222	<b>522</b>
Mapa 24 – Río Alva/Sazes da Beira/Loriga, Carta 1/25.000, folha n.º223	<b>522</b>
Mapa 25 – Río Alva (Penacova y Vila Nova de Poiares), Carta 1/25.000, folha n.º231	<b>523</b>
Mapa 26 – Río Alva (Arganil), Carta 1/25.000, folha n.º232	<b>523</b>

Mapa 27 – Mapa geológico de la cuenca del río Alva, escala 1/25.000	<b>524</b>
<b>Nº I. Área de Vide – Cuenca del río Alvôco</b>	
Mapa 28 – – Área de Vide, extracto Carta Militar 1/25.000, holha 233	<b>525</b>
Mapa 29 – El mapeo geológico de la cuenca del río Alvôco. Y terrazas cuaternarias asociadas a la explotación de oro de aluvión (conheiras).	<b>526</b>
Mapa 30 - Carta hipsométrico, el río Alvoco	<b>527</b>
Perfil longitudinal de las terrazas (zonas mineras) del rio Alvôco	<b>528</b>
Perfil topográfico de las terrazas de la zona de "Ponte das Três Entradas" (NE)	<b>529</b>
Perfil topográfico de las terrazas de la zona de Espalha Borrvalho (SE)	<b>529</b>
Perfil topográfico de las terrazas de la zona de de Braçal-Norte das Covas (NE)	<b>529</b>
<b>Nº II. Área da Sierra do Açor</b>	
Mapa 31 - Área de Sierra do Açor, extracto de Carta Militar 1/25.000 holha n.º233	<b>530</b>
Mapa 32 - Área de Sierra do Açor/Senhora das Necessidades, extracto Carta Militar 1/25.000 holha n.º233	<b>531</b>
Mapa 33 - Área de Sierra do Açor ( S. Pedro do Açor), extracto Carta Militar 1/25.000 holha n.º233	<b>532</b>
Mapa 34 - Área de Sierra do Açor/Moura da Serra, extracto Carta Militar 1/25.000 holha n.º233	<b>533</b>
<b>Nº III. Área de Sierra das Pedras Lavradas e Sierra da Alvoaça</b>	
Mapa 35 - Área de Pedras Lavradas e Sierra da Alvoaça, Carta Militar 1/25.000 holha n.º234	<b>534</b>
Mapa 36 – Área de Pedras Lavradas e Sierra da Alvoaça, extracto Carta Militar 1/25.000 holha n.º234	<b>535</b>
<b>N.ºIV. Área de Vale das Figueiras, Valera y Cabeço Solheiro</b>	
Mapa 37 – Área de Vale Figueiras, Gondufo, Valera, Cabeço Solheiro extractos Cartas Militares 1/25.000 holhas n.º233 e 234	<b>536</b>
<b>Apêndice Nº 3: Mapas de localización de las áreas de las cuencas hidrográficas de los ríos Unhais / Zêzere y Bordea las cuencas de los ríos Alva y Ceira</b>	
<b>Nº I. Sierra do Chiqueiro</b>	
Mapa 38 – Área de Sierra do Chiqueiro, extracto Carta Militar 1/25.000, holha n.º244	<b>537</b>
<b>Nº II. Sierra da Abuceira</b>	
Mapa 39 - Área de Sierra da Abuceira, extracto Carta Militar 1/25.000, holha n.º234	<b>538</b>

<b>Nº III. Área de Sobral de São Miguel (Covilhã)</b>	
Mapa 40 – Área de Sobral de São Miguel, extracto Carta Militar 1/25.000 holha n.º234	<b>539</b>
<b>N.ºIV. Área de Pereiro (Covilhã)</b>	
Mapa 41 - Área de Pereiro (Covilhã), Carta Militar 1/25.000 holha n.º245	<b>540</b>
Mapa 42 - Área de Pereiro (Covilhã), extracto da Carta Militar 1/25 000 holha n.º245	<b>541</b>
<b>Apêndice Nº 4 – Fichas sitios arqueológicos prehistóricos, Protohistóricos e históricos, de las cuencas de los ríos Ceira y Alva, relacionados con sitios de arte rupestre</b>	
<b>Nº I. Municipio de Arganil</b>	
Sitio 695	<b>542</b>
Sitio 696	<b>542</b>
Sitio 697	<b>542</b>
Sitio 698	<b>543</b>
Sitio 699	<b>543</b>
Sitio 700	<b>543</b>
Sitio 701	<b>544</b>
Sitio 702	<b>544</b>
Sitio 703	<b>545</b>
Sitio 704	<b>546</b>
Sitio 705	<b>546</b>
Sitio 706	<b>547</b>
Sitio 707	<b>547</b>
Sitio 708	<b>547</b>
Sitio 709	<b>548</b>
Sitio 710	<b>548</b>
Sitio 711	<b>549</b>
Sitio 712	<b>549</b>
Sitio 713	<b>549</b>
Sitio 714	<b>550</b>
Sitio 715	<b>550</b>
Sitio 716	<b>551</b>
Sitio 717	<b>551</b>
Sitio 718	<b>551</b>
Sitio 719	<b>552</b>
Sitio 720	<b>552</b>
Sitio 721	<b>553</b>
Sitio 722	<b>554</b>
Sitio 723	<b>554</b>

Sitio 724	555
Sitio 725	555
Sitio 726	556
Sitio 727	556
Sitio 728	557
Sitio 729	557
Sitio 730	558
Sitio 731	558
Sitio 732	559
Sitio 733	559
Sitio 734	560
Sitio 735	560
Sitio 736	561
Sitio 737	561
Sitio 738	563
Sitio 739	564
Sitio 740	564
Sitio 741	565
Sitio 742	565
Sitio 743	565
Sitio 744	566
Sitio 745	567
Sitio 746	568
Sitio 747	568
Sitio 748	569
Sitio 749	569
Sitio 750	570
Sitio 751	570
Sitio 752	571
Sitio 753	571
Sitio 754	572
Sitio 755	573
Sitio 756	574
Sitio 757	574
Sitio 758	575
Sitio 759	576
Sitio 760	577
Sitio 761	587
Sitio 762	588
Sitio 763	588
Sitio 764	588
Sitio 765	588
Sitio 766	589
Sitio 767	589
Sitio 768	589

Sitio 769	<b>590</b>
Sitio 770	<b>590</b>
Sitio 771	<b>590</b>
Sitio 772	<b>591</b>
Sitio 773	<b>591</b>
Sitio 774	<b>591</b>
Sitio 775	<b>592</b>
Sitio 776	<b>592</b>
Sitio 777	<b>592</b>
Sitio 778	<b>592</b>
Sitio 779	<b>593</b>
Sitio 780	<b>593</b>
Sitio 781	<b>593</b>
Sitio 782	<b>594</b>
Sitio 783	<b>594</b>
Sitio 784	<b>594</b>
Sitio 785	<b>595</b>
Sitio 786	<b>595</b>
Sitio 787	<b>595</b>
Sitio 788	<b>596</b>
Sitio 789	<b>596</b>
Sitio 790	<b>596</b>
Sitio 791	<b>597</b>
Sitio 792	<b>597</b>
Sitio 793	<b>597</b>
Sitio 794	<b>598</b>
Sitio 795	<b>598</b>
Sitio 796	<b>598</b>
Sitio 797	<b>599</b>
Sitio 798	<b>599</b>
Sitio 799	<b>599</b>
Sitio 800	<b>599</b>
Sitio 801	<b>600</b>
Sitio 802	<b>600</b>
Sitio 803	<b>600</b>
Sitio 804	<b>601</b>
Sitio 805	<b>601</b>
Sitio 806	<b>601</b>
Sitio 807	<b>602</b>
Sitio 808	<b>602</b>
Sitio 809	<b>602</b>
Sitio 810	<b>603</b>
Sitio 811	<b>603</b>
Sitio 812	<b>603</b>
Sitio 813	<b>604</b>



Sitio 814	<b>604</b>
Sitio 815	<b>604</b>
Sitio 816	<b>605</b>
Sitio 817	<b>605</b>
Sitio 818	<b>605</b>
Sitio 819	<b>606</b>
Sitio 820	<b>606</b>
Sitio 821	<b>606</b>
Sitio 822	<b>607</b>
Sitio 823	<b>607</b>
Sitio 824	<b>609</b>
Sitio 825	<b>609</b>
Sitio 826	<b>609</b>
Sitio 827	<b>610</b>
Sitio 828	<b>610</b>
Sitio 829	<b>610</b>
Sitio 830	<b>611</b>
Sitio 831	<b>611</b>
Sitio 832	<b>612</b>
Sitio 833	<b>612</b>
Sitio 834	<b>613</b>
Sitio 835	<b>614</b>
Sitio 836	<b>614</b>
Sitio 837	<b>615</b>
Sitio 838	<b>615</b>
Sitio 839	<b>616</b>
Sitio 840	<b>617</b>
Sitio 841	<b>617</b>
Sitio 842	<b>618</b>
Sitio 843	<b>619</b>
Sitio 844	<b>619</b>
Sitio 845	<b>620</b>
Sitio 846	<b>620</b>
Sitio 847	<b>620</b>
Sitio 848	<b>621</b>
Sitio 849	<b>624</b>
Sitio 850	<b>625</b>
Sitio 851	<b>626</b>
Sitio 852	<b>627</b>
Sitio 853	<b>628</b>
Sitio 854	<b>629</b>
Sitio 855	<b>629</b>
Sitio 856	<b>630</b>
Sitio 857	<b>630</b>
Sitio 858	<b>631</b>

Sitio 859	631
Sitio 860	631
Sitio 861	632
Sitio 862	632
Sitio 863	633
Sitio 864	634
Sitio 865	634
Sitio 866	635
Sitio 867	636
Sitio 868	636
Sitio 869	637
Sitio 870	638
Sitio 871	639
Sitio 872	640
Sitio 873	640
Sitio 874	641
Sitio 875	641
Sitio 876	642
Sitio 877	643
Sitio 878	644
Sitio 879	644
Sitio 880	645
Sitio 881	646
Sitio 882	646
Sitio 883	647
Sitio 884	647
Sitio 885	648
Sitio 886	648
Sitio 887	649
Sitio 888	650
Sitio 889	650
Sitio 890	650
Sitio 891	651
Sitio 892	652
Sitio 893	652
Sitio 894	653
Sitio 895	653
Sitio 896	654
Sitio 897	654
Sitio 898	654
Sitio 899	655
Sitio 900	655
Sitio 901	656
Sitio 902	657
Sitio 903	658

Sítio 904	<b>659</b>
Sítio 905	<b>660</b>
<b>Nº II. Município de Covilhã</b>	
Sítio 906	<b>661</b>
Sítio 907	<b>661</b>
Sítio 908	<b>661</b>
Sítio 909	<b>662</b>
Sítio 910	<b>662</b>
Sítio 911	<b>662</b>
Sítio 912	<b>663</b>
Sítio 913	<b>663</b>
Sítio 914	<b>664</b>
Sítio 915	<b>664</b>
Sítio 916	<b>664</b>
Sítio 917	<b>665</b>
Sítio 918	<b>665</b>
Sítio 919	<b>665</b>
Sítio 920	<b>666</b>
Sítio 921	<b>666</b>
Sítio 922	<b>666</b>
Sítio 923	<b>667</b>
Sítio 924	<b>667</b>
Sítio 925	<b>667</b>
Sítio 926	<b>668</b>
Sítio 927	<b>668</b>
Sítio 928	<b>669</b>
Sítio 929	<b>669</b>
Sítio 930	<b>670</b>
Sítio 931	<b>670</b>
Sítio 932	<b>670</b>
Sítio 933	<b>671</b>
Sítio 934	<b>671</b>
Sítio 935	<b>672</b>
Sítio 936	<b>672</b>
Sítio 937	<b>673</b>
Sítio 938	<b>673</b>
Sítio 939	<b>674</b>
Sítio 940	<b>675</b>
Sítio 941	<b>675</b>
Sítio 942	<b>676</b>
Sítio 943	<b>676</b>
Sítio 944	<b>676</b>
Sítio 945	<b>677</b>

Sitio 946	677
Sitio 947	677
Sitio 948	678
Sitio 949	678
Sitio 950	678
Sitio 951	679
Sitio 952	679
Sitio 953	679
Sitio 954	680
Sitio 955	680
Sitio 956	681
Sitio 957	681
Sitio 958	681
Sitio 959	681
Sitio 960	682
Sitio 961	682
Sitio 962	683
Sitio 963	683
Sitio 964	684
Sitio 965	684
Sitio 966	684
Sitio 967	685
Sitio 968	685
Sitio 969	685
Sitio 970	686
Sitio 971	686
Sitio 972	687
Sitio 973	687
Sitio 974	688
Sitio 975	688
Sitio 976	689
Sitio 977	689
Sitio 978	690
Sitio 979	690
Sitio 980	691
Sitio 981	691
Sitio 982	692
Sitio 983	694
Sitio 984	696
Sitio 985	696
Sitio 986	696
Sitio 987	698
Sitio 988	698
Sitio 989	698
Sitio 990	699

Sitio 991	<b>699</b>
Sitio 992	<b>699</b>
Sitio 993	<b>700</b>
Sitio 994	<b>701</b>
Sitio 995	<b>701</b>
Sitio 996	<b>702</b>
Sitio 997	<b>702</b>
Sitio 998	<b>703</b>
Sitio 999	<b>703</b>
Sitio 1000	<b>704</b>
Sitio 1001	<b>704</b>
Sitio 1002	<b>704</b>
Sitio 1003	<b>705</b>
Sitio 1004	<b>705</b>
Sitio 1005	<b>705</b>
Sitio 1006	<b>706</b>
Sitio 1007	<b>706</b>
Sitio 1008	<b>707</b>
Sitio 1009	<b>707</b>
Sitio 1010	<b>708</b>
Sitio 1011	<b>708</b>
Sitio 1012	<b>709</b>
Sitio 1013	<b>710</b>
Sitio 1014	<b>710</b>
Sitio 1015	<b>711</b>
Sitio 1016	<b>711</b>
Sitio 1017	<b>712</b>
Sitio 1018	<b>712</b>
Sitio 1019	<b>712</b>
Sitio 1020	<b>713</b>
Sitio 1021	<b>714</b>
Sitio 1022	<b>715</b>
Sitio 1023	<b>715</b>
Sitio 1024	<b>716</b>
Sitio 1025	<b>716</b>
Sitio 1026	<b>717</b>
Sitio 1027	<b>718</b>
Sitio 1028	<b>718</b>
Sitio 1029	<b>718</b>
Sitio 1030	<b>719</b>
Sitio 1031	<b>719</b>
Sitio 1032	<b>719</b>
Sitio 1033	<b>720</b>
Sitio 1034	<b>720</b>
Sitio 1035	<b>721</b>

Sitio 1036	721
Sitio 1037	722
Sitio 1038	723
Sitio 1039	724
Sitio 1040	724
Sitio 1041	725
Sitio 1042	725
Sitio 1043	725
Sitio 1044	726
Sitio 1045	726
Sitio 1046	727
Sitio 1047	727
Sitio 1048	727
Sitio 1049	728
Sitio 1050	728
Sitio 1051	729
Sitio 1052	729
Sitio 1053	729
Sitio 1054	730
<b>Nº III. Municipio de Góis</b>	
Sitio 1055	731
Sitio 1056	731
Sitio 1057	731
Sitio 1058	732
Sitio 1059	732
Sitio 1060	732
Sitio 1061	733
Sitio 1062	733
Sitio 1063	733
Sitio 1064	734
Sitio 1065	734
Sitio 1066	735
Sitio 1067	735
Sitio 1068	735
Sitio 1069	736
Sitio 1070	736
Sitio 1071	736
Sitio 1072	737
Sitio 1073	737
Sitio 1074	737
Sitio 1075	738
Sitio 1076	738
Sitio 1077	738

Sitio 1078	<b>739</b>
Sitio 1079	<b>739</b>
Sitio 1080	<b>739</b>
Sitio 1081	<b>740</b>
Sitio 1082	<b>740</b>
Sitio 1083	<b>740</b>
Sitio 1084	<b>741</b>
Sitio 1085	<b>741</b>
Sitio 1086	<b>742</b>
Sitio 1087	<b>742</b>
Sitio 1088	<b>742</b>
Sitio 1089	<b>743</b>
Sitio 1090	<b>743</b>
Sitio 1091	<b>744</b>
Sitio 1092	<b>744</b>
Sitio 1093	<b>745</b>
Sitio 1094	<b>745</b>
Sitio 1095	<b>746</b>
Sitio 1096	<b>746</b>
Sitio 1097	<b>746</b>
Sitio 1098	<b>747</b>
Sitio 1099	<b>747</b>
Sitio 1100	<b>747</b>
Sitio 1101	<b>748</b>
Sitio 1102	<b>748</b>
Sitio 1103	<b>749</b>
Sitio 1104	<b>749</b>
Sitio 1105	<b>749</b>
Sitio 1106	<b>750</b>
Sitio 1107	<b>750</b>
Sitio 1108	<b>750</b>
Sitio 1109	<b>751</b>
Sitio 1110	<b>751</b>
Sitio 1111	<b>751</b>
Sitio 1112	<b>752</b>
Sitio 1113	<b>752</b>
Sitio 1114	<b>752</b>
Sitio 1115	<b>753</b>
Sitio 1116	<b>753</b>
Sitio 1117	<b>753</b>
Sitio 1118	<b>754</b>
Sitio 1119	<b>754</b>
Sitio 1120	<b>754</b>
Sitio 1121	<b>755</b>
Sitio 1122	<b>755</b>

Sitio 1123	755
Sitio 1124	756
Sitio 1125	756
Sitio 1126	756
Sitio 1127	757
Sitio 1128	757
Sitio 1129	757
Sitio 1130	758
Sitio 1131	758
Sitio 1132	758
Sitio 1133	758
Sitio 1134	759
Sitio 1135	759
Sitio 1136	760
Sitio 1137	760
Sitio 1138	760
Sitio 1139	761
Sitio 1140	761
Sitio 1141	761
Sitio 1142	762
Sitio 1143	762
Sitio 1144	762
Sitio 1145	763
Sitio 1146	763
Sitio 1147	764
Sitio 1148	764
Sitio 1149	764
Sitio 1150	765
Sitio 1151	766
Sitio 1152	766
Sitio 1153	767
Sitio 1154	767
Sitio 1155	768
Sitio 1156	768
Sitio 1157	769
Sitio 1158	770
Sitio 1159	770
Sitio 1160	770
Sitio 1161	771
Sitio 1162	772
Sitio 1163	772
Sitio 1164	773
Sitio 1165	773
Sitio 1166	773
Sitio 1167	774



Sítio 1168	<b>774</b>
Sítio 1169	<b>774</b>
Sítio 1170	<b>775</b>
Sítio 1171	<b>776</b>
Sítio 1172	<b>776</b>
Sítio 1173	<b>776</b>
<b>Nº IV. Município de Lousã</b>	
Sítio 1174	<b>777</b>
Sítio 1175	<b>777</b>
Sítio 1176	<b>778</b>
Sítio 1177	<b>778</b>
<b>Nº V. Município de Miranda do Corvo</b>	
Sítio 1178	<b>779</b>
Sítio 1179	<b>779</b>
Sítio 1180	<b>780</b>
Sítio 1181	<b>780</b>
Sítio 1182	<b>781</b>
<b>Nº VI. Município de Oliveira do Hospital</b>	
Sítio 1183	<b>784</b>
Sítio 1184	<b>784</b>
Sítio 1185	<b>784</b>
Sítio 1186	<b>785</b>
Sítio 1187	<b>786</b>
Sítio 1188	<b>787</b>
Sítio 1189	<b>787</b>
Sítio 1190	<b>788</b>
Sítio 1191	<b>788</b>
Sítio 1192	<b>788</b>
Sítio 1193	<b>789</b>
Sítio 1194	<b>789</b>
Sítio 1195	<b>789</b>
Sítio 1196	<b>790</b>
Sítio 1197	<b>791</b>
Sítio 1198	<b>791</b>
Sítio 1199	<b>792</b>
Sítio 1200	<b>792</b>
Sítio 1201	<b>793</b>
Sítio 1202	<b>793</b>

<b>Nº VII. Município de Pampilhosa da Serra</b>	
Sítio 1203	<b>794</b>
Sítio 1204	<b>794</b>
Sítio 1205	<b>794</b>
Sítio 1206	<b>795</b>
Sítio 1207	<b>795</b>
Sítio 1208	<b>795</b>
Sítio 1209	<b>796</b>
Sítio 1210	<b>796</b>
Sítio 1211	<b>797</b>
Sítio 1212	<b>797</b>
Sítio 1213	<b>798</b>
Sítio 1214	<b>798</b>
Sítio 1215	<b>798</b>
Sítio 1216	<b>799</b>
Sítio 1217	<b>800</b>
Sítio 1218	<b>800</b>
Sítio 1219	<b>801</b>
Sítio 1220	<b>801</b>
Sítio 1221	<b>802</b>
Sítio 1222	<b>803</b>
Sítio 1223	<b>803</b>
Sítio 1224	<b>804</b>
Sítio 1225	<b>804</b>
Sítio 1226	<b>804</b>
Sítio 1227	<b>805</b>
Sítio 1228	<b>805</b>
Sítio 1229	<b>806</b>
Sítio 1230	<b>806</b>
Sítio 1231	<b>807</b>
Sítio 1232	<b>807</b>
Sítio 1233	<b>808</b>
Sítio 1234	<b>808</b>
Sítio 1235	<b>809</b>
Sítio 1236	<b>810</b>
Sítio 1237	<b>811</b>
Sítio 1238	<b>812</b>
Sítio 1239	<b>813</b>
Sítio 1240	<b>814</b>
Sítio 1241	<b>815</b>
Sítio 1242	<b>816</b>
Sítio 1243	<b>817</b>
Sítio 1244	<b>818</b>

<b>Nº VIII. Municipio de Penacova</b>	
Sitio 1245	<b>819</b>
Sitio 1246	<b>819</b>
Sitio 1247	<b>820</b>
<b>Nº IX. Municipio de Seia</b>	
Sitio 1248	<b>821</b>
Sitio 1249	<b>821</b>
Sitio 1250	<b>821</b>
Sitio 1251	<b>822</b>
Sitio 1252	<b>823</b>
Sitio 1253	<b>823</b>
Sitio 1254	<b>824</b>
Sitio 1255	<b>825</b>
Sitio 1256	<b>825</b>
Sitio 1257	<b>825</b>
Sitio 1258	<b>826</b>
Sitio 1259	<b>827</b>
Sitio 1260	<b>828</b>
Sitio 1261	<b>829</b>
Sitio 1262	<b>829</b>
Sitio 1263	<b>830</b>
Sitio 1264	<b>830</b>
Sitio 1265	<b>830</b>
Sitio 1266	<b>831</b>
Sitio 1267	<b>831</b>
Sitio 1268	<b>832</b>
Sitio 1269	<b>833</b>
Sitio 1270	<b>833</b>
Sitio 1271	<b>833</b>
Sitio 1272	<b>833</b>
Sitio 1273	<b>834</b>
Sitio 1274	<b>834</b>
Sitio 1275	<b>834</b>
Sitio 1276	<b>835</b>
Sitio 1277	<b>836</b>
Sitio 1278	<b>836</b>
Sitio 1279	<b>837</b>
Sitio 1280	<b>838</b>
Sitio 1281	<b>839</b>
Sitio 1282	<b>840</b>
Sitio 1283	<b>841</b>
Sitio 1284	<b>841</b>

Sitio 1285	842
Sitio 1286	842
Sitio 1287	843
Sitio 1288	843
Sitio 1289	844
Sitio 1290	844
Sitio 1291	845
Sitio 1292	845
Sitio 1293	846
Sitio 1294	847
Sitio 1295	847
Sitio 1296	847
Sitio 1297	848
Sitio 1298	849
Sitio 1299	849
Sitio 1300	850
Sitio 1301	851
Sitio 1302	851
Sitio 1303	852
Sitio 1304	853
Sitio 1305	853
Sitio 1306	854
Sitio 1307	855
Sitio 1308	855
Sitio 1309	856
Sitio 1310	856
Sitio 1311	857
Sitio 1312	857
Sitio 1313	858
Sitio 1314	858
Sitio 1315	859
Sitio 1316	860
Sitio 1317	860
Sitio 1318	861
Sitio 1319	861
Sitio 1320	862
Sitio 1321	863
Sitio 1322	863
Sitio 1323	864
Sitio 1324	864
Sitio 1325	864
Sitio 1326	865
Sitio 1327	866
Sitio 1328	867
Sitio 1329	867

Sítio 1330	868
Sítio 1331	868
Sítio 1332	868
Sítio 1333	869
Sítio 1334	871
Sítio 1335	871
Sítio 1336	872
Sítio 1337	872
Sítio 1338	872
Sítio 1339	873
Sítio 1340	873
Sítio 1341	874
Sítio 1342	875
Sítio 1343	876
Sítio 1344	876
Sítio 1345	877
Sítio 1346	878
Sítio 1347	878
Sítio 1348	878
Sítio 1349	879
Sítio 1350	879
Sítio 1351	879
Sítio 1352	880
Sítio 1353	880
Sítio 1354	881
Sítio 1355	881
Sítio 1356	882
Sítio 1357	883
Sítio 1358	883
Sítio 1359	884
Sítio 1360	885
<b>Nº X. Município de Tábua</b>	
Sítio 1361	886
Sítio 1362	886
Sítio 1363	886
Sítio 1364	887
<b>Nº XI. Município de Vila Nova de Poiares</b>	
Sítio 1365	888
Sítio 1366	888
Sítio 1367	888
Sítio 1368	889

Sitio 1369	<b>889</b>
Sitio 1370	<b>890</b>
<b>Nº XII. Municipio de Gouveia</b>	
Sitio 1371	<b>891</b>
<b>TOMO III – Apéndice N.º5</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de la cuenca del río Ceira</b>	
<b>(NºI. área de Góis - Sierra da Lousã y área N.ºII Cabeceras del río Ceira/Arouca e Silva)</b>	
<b>Apéndice N.º5. Fichas sitio de arte rupestre da cuenca del rio Ceira</b>	
<b>Índice del Tomo III</b>	
	<b>894</b>
<b>NºI. Área de Góis – Sierra da Lousã</b>	
	<b>896</b>
Sitio 1	<b>897</b>
Sitio 2	<b>906</b>
Sitio 3	<b>911</b>
Sitio 4	<b>915</b>
Sitio 5	<b>920</b>
Sitio 6	<b>924</b>
Sitio 7	<b>927</b>
Sitio 8	<b>931</b>
Sitio 9	<b>936</b>
Sitio 10	<b>939</b>
Sitio 11	<b>942</b>
Sitio 12	<b>946</b>
Sitio 13	<b>949</b>
Sitio 14	<b>956</b>
Sitio 15	<b>959</b>
Sitio 16	<b>963</b>
<b>NºII. Cabeceras del río Ceira /Arouca e Silva</b>	
Sitio 17	<b>968</b>
Sitio 18	<b>971</b>
Sitio 19	<b>974</b>
Sitio 20	<b>976</b>
Sitio 21	<b>981</b>
Sitio 22	<b>984</b>
Sitio 23	<b>987</b>
Sitio 24	<b>990</b>
Sitio 25	<b>995</b>

Sitio 26	1000
Sitio 27	1005
Sitio 28	1008
Sitio 29	1011
Sitio 30	1013
Sitio 31	1018
Sitio 32	1021
Sitio 33	1024
Sitio 34	1027
Sitio 35	1030
Sitio 36	1034
<b>TOMO IV – Apéndice N.º5</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de la cuenca del río Ceira</b>	
<b>(NºIII. Área de Sierra da Cebola)</b>	
<b>Índice del Tomo IV</b>	
	<b>1040</b>
<b>Apéndice Nº5. Fichas sitio de arte rupestre de la cuenca del río Ceira</b>	
	<b>1040</b>
<b>NºIII. Área de Sierra da Cebola</b>	
	<b>1044</b>
Sitio 37	<b>1045</b>
Sitio 38	<b>1049</b>
Sitio 39	<b>1053</b>
Sitio 40	<b>1056</b>
Sitio 41	<b>1059</b>
Sitio 42	<b>1062</b>
Sitio 43	<b>1065</b>
Sitio 44	<b>1069</b>
Sitio 45	<b>1073</b>
Sitio 46	<b>1076</b>
Sitio 47	<b>1079</b>
Sitio 48	<b>1082</b>
Sitio 49	<b>1085</b>
Sitio 50	<b>1088</b>
Sitio 51	<b>1091</b>
Sitio 52	<b>1094</b>
Sitio 53	<b>1097</b>
Sitio 54	<b>1100</b>
Sitio 55	<b>1104</b>
Sitio 56	<b>1107</b>
Sitio 57	<b>1111</b>
Sitio 58	<b>1114</b>
Sitio 59	<b>1117</b>

Sitio 60	1120
Sitio 61	1123
Sitio 62	1127
Sitio 63	1130
Sitio 64	1133
Sitio 65	1136
Sitio 66	1139
Sitio 67	1142
Sitio 68	1145
Sitio 69	1148
Sitio 70	1151
Sitio 71	1154
Sitio 72	1157
Sitio 73	1160
Sitio 74	1163
Sitio 75	1166
Sitio 76	1170
Sitio 77	1173
Sitio 78	1176
Sitio 79	1179
Sitio 80	1182
Sitio 81	1185
Sitio 82	1188
Sitio 83	1192
Sitio 84	1195
Sitio 85	1199
Sitio 86	1203
Sitio 87	1207
Sitio 88	1210
Sitio 89	1213
Sitio 90	1216
Sitio 91	1219
Sitio 92	1222
Sitio 93	1225
Sitio 94	1228
Sitio 95	1231
Sitio 96	1234
Sitio 97	1238
Sitio 98	1241
Sitio 99	1244
Sitio 100	1247
Sitio 101	1251
Sitio 102	1254
Sitio 103	1257
Sitio 104	1260



Sitio 105	1264
Sitio 106	1268
Sitio 107	1271
Sitio 108	1274
Sitio 109	1277
Sitio 110	1280
Sitio 111	1283
Sitio 112	1286
Sitio 113	1289
Sitio 114	1292
Sitio 115	1295
Sitio 116	1298
Sitio 117	1301
Sitio 118	1304
Sitio 119	1307
Sitio 120	1310
Sitio 121	1313
Sitio 122	1316
Sitio 123	1319
Sitio 124	1322
Sitio 125	1325
Sitio 126	1328
Sitio 127	1331
Sitio 128	1334
Sitio 129	1337
Sitio 130	1340
Sitio 131	1343
Sitio 132	1346
Sitio 133	1349
Sitio 134	1352
Sitio 135	1355
Sitio 136	1358
Sitio 137	1361
Sitio 138	1364
Sitio 139	1367
Sitio 140	1370
Sitio 141	1373
Sitio 142	1376
Sitio 143	1379
Sitio 144	1382
Sitio 145	1385

**TOMO V – Apéndice N.º6**  
**Fichas sitio de arte rupestre de la cuenca del río Alva**  
**(N.ºI. Área de Vide – Cuenca del río Alvôco)**

<b>Índice del Tomo V</b>	<b>1390</b>
<b>N.ºI. Área de Vide</b>	<b>1392</b>
Sitio 146	<b>1393</b>
Sitio 147	<b>1396</b>
Sitio 148	<b>1400</b>
Sitio 149	<b>1402</b>
Sitio 150	<b>1405</b>
Sitio 151	<b>1408</b>
Sitio 152	<b>1411</b>
Sitio 153	<b>1415</b>
Sitio 154	<b>1420</b>
Sitio 155	<b>1423</b>
Sitio 156	<b>1428</b>
Sitio 157	<b>1431</b>
Sitio 158	<b>1434</b>
Sitio 159	<b>1437</b>
Sitio 160	<b>1440</b>
Sitio 161	<b>1443</b>
Sitio 162	<b>1446</b>
Sitio 163	<b>1450</b>
Sitio 164	<b>1454</b>
Sitio 165	<b>1457</b>
Sitio 166	<b>1460</b>
Sitio 167	<b>1463</b>
Sitio 168	<b>1467</b>
Sitio 169	<b>1471</b>
Sitio 170	<b>1474</b>
Sitio 171	<b>1477</b>
Sitio 172	<b>1480</b>
Sitio 173	<b>1483</b>
Sitio 174	<b>1486</b>
Sitio 175	<b>1489</b>
Sitio 176	<b>1492</b>
Sitio 177	<b>1495</b>
Sitio 178	<b>1498</b>
Sitio 179	<b>1501</b>
Sitio 180	<b>1504</b>
Sitio 181	<b>1507</b>

Sitio 182	1510
Sitio 183	1513
Sitio 184	1516
Sitio 185	1520
Sitio 186	1524
Sitio 187	1527
Sitio 188	1530
Sitio 189	1534
Sitio 190	1537
Sitio 191	1542
Sitio 192	1545
Sitio 193	1548
Sitio 194	1551
Sitio 195	1555
Sitio 196	1559
Sitio 197	1562
Sitio 198	1566
Sitio 199	1569
Sitio 200	1573
Sitio 201	1576
Sitio 202	1579
Sitio 203	1582
Sitio 204	1585
Sitio 205	1588
Sitio 206	1591
Sitio 207	1594
Sitio 208	1597
Sitio 209	1600
Sitio 210	1613
Sitio 211	1616
<b>TOMO VI – Apéndice N.º6</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de la cuenca del río Alva / Ceira</b>	
<b>(NºII. Área de Sierra do Açor)</b>	
<b>Índice del Tomo VI</b>	
	<b>1624</b>
<b>NºII. Área de Sierra do Açor</b>	
	<b>1627</b>
Sitio 212	1628
Sitio 213	1631
Sitio 214	1635
Sitio 215	1638
Sitio 216	1640
Sitio 217	1643

Sitio 218	1646
Sitio 219	1649
Sitio 220	1652
Sitio 221	1655
Sitio 222	1658
Sitio 223	1661
Sitio 224	1663
Sitio 225	1666
Sitio 226	1669
Sitio 227	1672
Sitio 228	1675
Sitio 229	1678
Sitio 230	1682
Sitio 231	1685
Sitio 232	1688
Sitio 233	1691
Sitio 234	1694
Sitio 235	1697
Sitio 236	1700
Sitio 237	1703
Sitio 238	1706
Sitio 239	1709
Sitio 240	1712
Sitio 241	1715
Sitio 242	1721
Sitio 243	1724
Sitio 244	1728
Sitio 245	1731
Sitio 246	1734
Sitio 247	1737
Sitio 248	1740
Sitio 249	1743
Sitio 250	1746
Sitio 251	1748
Sitio 252	1751
Sitio 253	1754
Sitio 254	1756
Sitio 255	1759
Sitio 256	1762
Sitio 257	1765
Sitio 258	1767
Sitio 259	1770
Sitio 260	1773
Sitio 261	1776
Sitio 262	1779

Sitio 263	1782
Sitio 264	1785
Sitio 265	1788
Sitio 266	1791
Sitio 267	1794
Sitio 268	1797
Sitio 269	1800
Sitio 270	1803
Sitio 271	1806
Sitio 272	1808
Sitio 273	1811
Sitio 274	1814
Sitio 275	1817
Sitio 276	1820
Sitio 277	1823
Sitio 278	1826
Sitio 279	1829
Sitio 280	1832
Sitio 281	1835
Sitio 282	1838
Sitio 283	1841
Sitio 284	1844
Sitio 285	1847
Sitio 286	1850
Sitio 287	1853
Sitio 288	1856
Sitio 289	1859
Sitio 290	1862
Sitio 291	1865
Sitio 292	1868
Sitio 293	1870
Sitio 294	1873
Sitio 295	1876
Sitio 296	1879
Sitio 297	1882
Sitio 298	1885
Sitio 299	1888
Sitio 300	1891
Sitio 301	1894
Sitio 302	1897
Sitio 303	1900
Sitio 304	1903
Sitio 305	1906
Sitio 306	1909
Sitio 307	1912

Sitio 308	1915
Sitio 309	1918
Sitio 310	1921
Sitio 311	1924
Sitio 312	1927
Sitio 313	1930
<b>TOMO VII - Apéndice N.º6</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de las Cuencas de los ríos Alva / Zêzere</b>	
<b>(N.º III Áreas de Pedras Lavradas / Sierra Alvoaça - Cuencas hidrográficas de los ríos Alva / Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo VII</b>	
	<b>1943</b>
<b>NºIII. Áreas de Pedras Lavradas/Alvoaça</b>	
	<b>1946</b>
Sitio 314	1947
Sitio 315	1950
Sitio 316	1952
Sitio 317	1956
Sitio 318	1959
Sitio 319	1962
Sitio 320	1965
Sitio 321	1968
Sitio 322	1972
Sitio 323	1976
Sitio 324	1979
Sitio 325	1982
Sitio 326	1985
Sitio 327	1988
Sitio 328	1990
Sitio 329	1994
Sitio 330	1998
Sitio 331	2001
Sitio 332	2004
Sitio 333	2007
Sitio 334	2010
Sitio 335	2013
Sitio 336	2015
Sitio 337	2019
Sitio 338	2023
Sitio 339	2026
Sitio 340	2029
Sitio 341	2032
Sitio 342	2035

Sitio 343	2038
Sitio 344	2041
Sitio 345	2044
Sitio 346	2048
Sitio 347	2051
Sitio 348	2054
Sitio 349	2057
Sitio 350	2060
Sitio 351	2063
Sitio 352	2066
Sitio 353	2069
Sitio 354	2076
Sitio 355	2079
Sitio 356	2082
Sitio 357	2085
Sitio 358	2088
Sitio 359	2091
Sitio 360	2094
Sitio 361	2096
Sitio 362	2100
Sitio 363	2106
Sitio 364	2110
Sitio 365	2116
Sitio 366	2119
Sitio 367	2122
Sitio 368	2126
Sitio 369	2129
Sitio 370	2132
Sitio 371	2136
Sitio 372	2139
Sitio 373	2142
Sitio 374	2145
Sitio 375	2148
Sitio 376	2151
Sitio 377	2154
Sitio 378	2157
Sitio 379	2160
Sitio 380	2163
Sitio 381	2168
Sitio 382	2172
Sitio 383	2176
Sitio 384	2181
Sitio 385	2185
Sitio 386	2188
Sitio 387	2192

Sitio 388	2197
Sitio 389	2199
Sitio 390	2204
Sitio 391	2207
Sitio 392	2210
Sitio 393	2214
Sitio 394	2219
<b>TOMO VIII – Apéndice N.º6</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de las cuencas del río Alva / Zêzere</b>	
<b>(NºIV. Área de Vale das Figueiras, Gondufo, Valera y Cabeço Solheiro –</b>	
<b>Cuencas de los ríos Alva/Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo VIII</b>	
	<b>2224</b>
<b>NºIV. Área de Vale das Figueiras, Gondufo, Valera y Cabeço Solheiro - cuencas de los ríos Alva/Zêzere)</b>	<b>2227</b>
Sitio 395	<b>2228</b>
Sitio 396	<b>2231</b>
Sitio 397	<b>2234</b>
Sitio 398	<b>2237</b>
Sitio 399	<b>2240</b>
Sitio 400	<b>2243</b>
Sitio 401	<b>2246</b>
Sitio 402	<b>2249</b>
Sitio 403	<b>2252</b>
Sitio 404	<b>2255</b>
Sitio 405	<b>2258</b>
Sitio 406	<b>2261</b>
Sitio 407	<b>2264</b>
Sitio 408	<b>2267</b>
Sitio 409	<b>2270</b>
Sitio 410	<b>2273</b>
Sitio 411	<b>2276</b>
Sitio 412	<b>2279</b>
Sitio 413	<b>2282</b>
Sitio 414	<b>2285</b>
Sitio 415	<b>2288</b>
Sitio 416	<b>2291</b>
Sitio 417	<b>2294</b>
Sitio 418	<b>2297</b>
Sitio 419	<b>2300</b>
Sitio 420	<b>2303</b>
Sitio 421	<b>2306</b>
Sitio 422	<b>2309</b>



Sitio 423	2312
Sitio 424	2315
Sitio 425	2318
Sitio 426	2321
Sitio 427	2324
Sitio 428	2327
Sitio 429	2330
Sitio 430	2333
Sitio 431	2336
Sitio 432	2339
Sitio 433	2342
Sitio 434	2345
Sitio 435	2348
Sitio 436	2351
Sitio 437	2354
Sitio 438	2358
Sitio 439	2361
Sitio 440	2364
Sitio 441	2367
Sitio 442	2370
Sitio 443	2373
Sitio 444	2376
Sitio 445	2379
Sitio 446	2382
Sitio 447	2385
Sitio 448	2388
Sitio 449	2391
Sitio 450	2395
Sitio 451	2398
Sitio 452	2701
Sitio 453	2404
Sitio 454	2407
Sitio 455	2410
Sitio 456	2413
Sitio 457	2416
Sitio 458	2419
Sitio 459	2423
Sitio 460	2426
Sitio 461	2429
Sitio 462	2432
Sitio 463	2435
Sitio 464	2438
Sitio 465	2441
Sitio 466	2444
Sitio 467	2447

Sitio 468	2450
Sitio 469	2453
Sitio 470	2455
<b>TOMO IX – Apéndice N.º7</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre, de cuencas ríos Zêzere / Unhais</b>	
<b>– Bordea las cuencas de los ríos Alva y Ceira.</b>	
<b>(NºI. Área de Chiqueiro - Cuenca del rio Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo IX</b>	
	<b>2460</b>
<b>NºI. Área de Chiqueiro – Cuenca del rio Zêzere)</b>	
	<b>2462</b>
Sitio 471	2463
Sitio 472	2466
Sitio 473	2469
Sitio 474	2471
Sitio 475	2475
Sitio 476	2477
Sitio 477	2479
Sitio 478	2484
Sitio 479	2494
Sitio 480	2497
Sitio 481	2507
Sitio 482	2510
Sitio 483	2513
Sitio 484	2515
Sitio 485	2518
Sitio 486	2521
Sitio 487	2524
Sitio 488	2526
Sitio 489	2535
Sitio 490	2538
Sitio 491	2542
Sitio 492	2545
Sitio 493	2548
Sitio 494	2551
Sitio 495	2556
Sitio 496	2559
Sitio 497	2562
Sitio 498	2565
Sitio 499	2569
Sitio 500	2573
Sitio 501	2576
Sitio 502	2579

Sitio 503	2583
Sitio 504	2587
Sitio 505	2592
Sitio 506	2595
Sitio 507	2598
Sitio 508	2601
Sitio 509	2604
Sitio 510	2608
Sitio 511	2611
Sitio 512	2613
Sitio 513	2616
Sitio 514	2619
Sitio 515	2622
Sitio 516	2625
Sitio 517	2628
Sitio 518	2631
Sitio 519	2634
Sitio 520	2637
Sitio 521	2640
Sitio 522	2643
Sitio 523	2646
Sitio 524	2649
Sitio 525	2652
Sitio 526	2655
Sitio 527	2658
Sitio 528	2661
Sitio 529	2665
Sitio 530	2668
Sitio 531	2671
Sitio 532	2674
Sitio 533	2678
Sitio 534	2681
Sitio 535	2683
<b>TOMO X – Apéndice N.º7</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de las cuencas hidrográficas de los ríos Zêzere/Unhais – Bordea las cuencas de los ríos Alva y Ceira. (NºII. Área de Abuceira – Cuenca del río Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo X</b>	
	<b>2686</b>
<b>NºII. Área de Abuceira – Cuenca del río Zêzere)</b>	
	<b>2688</b>
Sitio 536	2689
Sitio 537	2693

Sitio 538	2696
Sitio 539	2700
Sitio 540	2705
Sitio 541	2708
Sitio 542	2714
Sitio 543	2718
Sitio 544	2722
Sitio 545	2727
Sitio 546	2730
Sitio 547	2734
Sitio 548	2738
Sitio 549	2745
Sitio 550	2749
Sitio 551	2753
Sitio 552	2756
Sitio 553	2759
Sitio 554	2762
Sitio 555	2766
Sitio 556	2769
Sitio 557	2772
Sitio 558	2775
Sitio 559	2778
Sitio 560	2781
Sitio 561	2786
Sitio 562	2789
Sitio 563	2794
Sitio 564	2798
Sitio 565	2802
Sitio 566	2807
Sitio 567	2811
Sitio 568	2814
Sitio 569	2817
Sitio 570	2820
Sitio 571	2823
Sitio 572	2827
Sitio 573	2832
Sitio 574	2836
Sitio 575	2839
Sitio 576	2843
Sitio 577	2847
Sitio 578	2852
Sitio 579	2856
Sitio 580	2859
Sitio 581	2862
Sitio 582	2865

Sitio 583	2870
Sitio 584	2876
Sitio 585	2879
Sitio 586	2882
Sitio 587	2888
Sitio 588	2893
Sitio 589	2900
<b>TOMO XI – Apéndice N.º7</b> <b>Fichas sitio de arte rupestre de las cuencas hidrográficas</b> <b>de los ríos Zêzere/Unhais – Bordea las cuencas de los ríos Ceira y Alva.</b> <b>(NºIII. Área de Sobral de São Miguel – Cuenca de lo rio Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo XI</b>	<b>2906</b>
<b>NºIII. Área de Sobral de São Miguel – (Cuenca de lo rio Zêzere)</b>	<b>2908</b>
Sitio 590	2909
Sitio 591	2913
Sitio 592	2916
Sitio 593	2919
Sitio 594	2922
Sitio 595	2926
Sitio 596	2939
Sitio 597	2932
Sitio 598	2936
Sitio 599	2940
Sitio 600	2944
Sitio 601	2947
Sitio 602	2950
Sitio 603	2953
Sitio 604	2956
Sitio 605	2959
Sitio 606	2962
Sitio 607	2966
Sitio 608	2970
Sitio 609	2973
Sitio 610	2976
Sitio 611	2979
Sitio 612	2982
Sitio 613	2985
Sitio 614	2988
Sitio 615	2991
Sitio 616	2995
Sitio 617	2999

Sitio 618	3004
Sitio 619	3008
Sitio 620	3011
Sitio 621	3014
Sitio 622	3017
Sitio 623	3020
Sitio 624	3024
Sitio 625	3027
Sitio 626	3031
Sitio 627	3034
Sitio 628	3037
Sitio 629	3040
Sitio 630	3043
Sitio 631	3046
Sitio 632	3049
Sitio 633	3052
Sitio 634	3055
Sitio 635	3058
Sitio 636	3061
Sitio 637	3064
Sitio 638	3067
Sitio 639	3070
Sitio 640	3074
<b>TOMO XII – Apéndice N.º7</b>	
<b>Fichas sitio de arte rupestre de las cuencas hidrográficas de los ríos Zêzere/Unhais – Bordea las cuencas de los ríos Ceira y Alva (NºIV. Área de Pereiro – Sobral de São Miguel – Cuenca de lo rio Zêzere)</b>	
<b>Índice del Tomo XII</b>	
	<b>3080</b>
<b>NºIV. Área de Pereiro – (Cuenca de lo rio Zêzere)</b>	
	<b>3082</b>
Sitio 641	3083
Sitio 642	3088
Sitio 643	3092
Sitio 644	3095
Sitio 645	3099
Sitio 646	3102
Sitio 647	3105
Sitio 648	3108
Sitio 649	3111
Sitio 650	3114
Sitio 651	3117
Sitio 652	3121

Sitio 653	3125
Sitio 654	3129
Sitio 655	3133
Sitio 656	3137
Sitio 657	3140
Sitio 658	3143
Sitio 659	3147
Sitio 660	3150
Sitio 661	3153
Sitio 662	3157
Sitio 663	3161
Sitio 664	3165
Sitio 665	3168
Sitio 666	3172
Sitio 667	3175
Sitio 668	3178
Sitio 669	3182
Sitio 670	3186
Sitio 671	3190
Sitio 672	3194
Sitio 673	3198
Sitio 674	3202
Sitio 675	3205
Sitio 676	3209
Sitio 677	3212
Sitio 678	3216
Sitio 679	3219
Sitio 680	3223
Sitio 681	3227
Sitio 682	3230
Sitio 683	3234
Sitio 684	3237
Sitio 685	3240
Sitio 686	3243
Sitio 687	3246
Sitio 688	3249
Sitio 689	3254
Sitio 690	3258
Sitio 691	3261
Sitio 692	3265
Sitio 693	3268
Sitio 694	3271

<b>TOMO XIII</b>	
<b>Apêndice Nº 8. Inventário de las leyendas y tradiciones populares de las áreas estudiadas</b>	
<b>Apêndice Nº9. Cuadros inventarios para las áreas estudiadas</b>	
<b>Índice del Tomo XIII</b>	<b>3277</b>
<b>Apêndice Nº 8. Inventário de las leyendas y tradiciones populares de las áreas estudiadas</b>	<b>3279</b>
<b>Nº I. Município de Arganil</b>	<b>3280</b>
1 – “Piódão Velho”	<b>3280</b>
2 – “Lendas das serras do Açor e do Barreiro”	<b>3280</b>
3 – “Lenda de Pedro Lourenço e o urso das colmeias”	<b>3282</b>
4 – “Lenda da Barroca da Safreira”	<b>3283</b>
5 – “Santa Cruz”	<b>3283</b>
6 – “Dia da Espiga”	<b>3284</b>
7 – “Domingo do Espírito Santo”	<b>3285</b>
8 – “ Santos Populares”	<b>3286</b>
9 – “Afastar a trovoadá”	<b>3286</b>
10 – “Castanheiro e a castanha”	<b>3287</b>
11 – “Os moinhos, a broa e o forno comunitário”	<b>3288</b>
12 – “Estrada romana ou Real e as Catraias da Serra do Açor”	<b>3289</b>
13 – “Lenda da Mina da Fonte do Atalho”	<b>3290</b>
14 – “Lenda da moura encantada nas Fontes do Bago e o ouro à orvalhada na noite de S. João”	<b>3292</b>
15 – “Lenda da princesinha de Piódão”	<b>3293</b>
16 – “Lenda da corça, do javali, o rei D. Dinis e a ponte de Vide”	<b>3294</b>
<b>Nº II. Município de Covilhã</b>	<b>3296</b>
17 – “Cobra num rastro da Vida”	<b>3296</b>
18 – “A origem das Ribeiras”	<b>3298</b>
19 – “Lenda da Moura Encantada”	<b>3298</b>
20 – “Lendas e maravilhas...ou um pouco de história”	<b>3299</b>
21 – “S. Jorge”	<b>3300</b>
<b>Nº III. Município de Góis</b>	<b>3301</b>
22 – “Senhora da Candosa”	<b>3301</b>
23 – “Pedra Letreira”	<b>3302</b>
<b>Nº IV. Município de Oliveira do Hospital</b>	<b>3303</b>



24 –“Minas de cobre Colcorinho”	<b>3303</b>
<b>NºV. Municipio de Seia</b>	<b>3303</b>
25 –“A magia da Fonte das Quatro Bicas”	<b>3303</b>
26 –“A Moira encantada”	<b>3304</b>
27 –“Serpente Cansada”	<b>3304</b>
28 –“A Serra da Estrela e o Rio Mondego”	<b>3305</b>
29 –“Lenda da Serra da Estrela”	<b>3306</b>
30 –“Lenda da Fonte da Pedra”	<b>3307</b>
<b>Apéndice Nº9. Tablas de inventarios para las áreas estudiadas</b>	
I - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Gois y Ceira.	<b>3309</b>
II - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Arouca-Silva	<b>3325</b>
III - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de área de Sierra da Cebola	<b>3344</b>
IV - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Vide	<b>3382</b>
V - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Sierra do Açor	<b>3418</b>
VI - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Sierra das Pedras Lavradas y Alvoaça	<b>3454</b>
VII - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Vale das Figueiras, Gondufo, Valera y Cabeço Solheiro	<b>3488</b>
VIII - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de área de Sierra do Chiqueiro	<b>3524</b>

IX - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Sierra da Abuceira	<b>3541</b>
X - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Sobral de São Miguel	<b>3575</b>
XI - Tabla tipológica y la cuantificación de los símbolos del arte rupestre existentes en el área de Pereiro (Sobral de São Miguel)	<b>3593</b>

## *Introducción y presentación del tema*

El tema de esta tesis surgió como la secuencia lógica de un proceso que se inició en junio de 1998 cuando el autor comenzó los trabajos de investigación en la región del centro norte de Portugal. Con el descubrimiento del primer sitio de arte rupestre, en julio de 1998, en Gois, en el marco de los trabajos de la Carta Arqueológica, surgieron de inmediato algunas interrogantes: Serían conocidos los sitios de «Pedra Letreira» y las tres losas gravadas del complejo de la «Piedra Riscada» por el arqueólogo Castro Nunes, en los años 50 del siglo XX, aislados en toda esa área del río Ceira? Y, sería cierto, que no existieron casi vestigios arqueológicos en esta parte de las «Beiras», un área que abarcaba varios municipios, en especial Arganil y Pampilhosa de la Sierra. Sería conocido el arte rupestre asociado a otros monumentos, descubiertos en la región desde los años 50 del siglo XX, como los monumentos de («Moinhos de Vento» y «Lomba do Canho»,) en Arganil, y «S. Pedro Dias» en Vila Nova de Poiares.

En la cuenca hidrográfica del río Ceira, afluente del río Mondego, se conocían apenas algunos sitios arqueológicos aislados encontrados por Castro Nunes quien publicó varios trabajos en esta región y recogió algunos materiales arqueológicos que guardó en el Museo Municipal de Arganil. En el área del «Alto Ceira» se recogieron también en esa época algunas hachas de bronce fuera de contexto.

Con la culminación de la primera etapa del doctoramiento en el 2003, para la obtención del grado de suficiencia investigativa, se analizaron diecisiete lugares inéditos. Siguiendo con este estudio se inició una nueva etapa en los trabajos de investigación. A partir de esta fecha, se intensificaron los estudios arqueológicos de prospección en la región en áreas en las que nunca antes se habían realizado trabajos de investigación. Se develó así, poco a poco, una realidad desconocida por la arqueología, que contrariaba la teoría general de que la región no tendría una ocupación humana muy antigua, ni una ocupación significativa.

Se documentó todo el proceso de investigación así como los resultados encontrados en este trabajo de investigación. Se buscó hacer distintos análisis estadísticos del conjunto observado; cuantificación de motivos presentes; elaboración de una tabla de símbolos que caracterizan este contexto; observación de horizontes y

posibles relaciones astronómicas, y posibles relaciones con los principales marcos en el paisaje y en el horizonte, como las montañas.

Se señalan los estudios más importantes hechos en la región antes de 1998, su enumeración, y el estado actual de conocimientos que se tienen acerca del tema.

En el segundo capítulo de la tesis, se tomaron algunas consideraciones epistemológicas y metodológicas acerca de la forma en la que los temas fueron organizados, presentándose un conjunto de análisis fundamentales para la comprensión del fenómeno de las manifestaciones de arte rupestre en el área de estudio.

En el capítulo tres, se muestran los recursos existentes y la metodología utilizada durante los trabajos de campo y de oficina, así como los resultados de los análisis realizados en cada una de las áreas estudiadas, divididas en cuencas hidrográficas.

En el capítulo cuarto, se presenta la problemática, discutiéndose la relación de sitios pre y protohistóricos con el arte rupestre de la región, así como la minería. Se presenta finalmente la tipología de los grabados, la cuantificación de los símbolos existentes por áreas estudiadas y las conclusiones.

En los volúmenes II al XIII, se muestran los anexos incluidos en la información presentada en el volumen I. Así en el volumen II, se presentan los mapas elaborados para cada una de las áreas y el listado de las fichas de los sitios arqueológicos de las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira y Alva, divididos por municipios. Entre los volúmenes III a XII, se presentan las fichas de sitios de arte rupestre de las once áreas estudiadas.

En el volumen XIII, se presentan las leyendas y tradiciones recogidas en el área de estudio y las tablas de los inventarios elaborados para cada una de las once áreas.

## ***Historiografía***

Las primeras referencias bibliográficas sobre vestigios de arte rupestre en el área de las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira y Alva, aparecen descritas en el informe de Francisco Martins Sarmiento en la «*Expedición científica a Sierra de la Estrela*» (SARMENTO, F.M. 1881:3), en donde se refiere a la región como un área casi desértica y prácticamente imposible de albergar a poblaciones humanas debido a sus condiciones atmosféricas. Mientras en los Diccionarios cronológicos de 1886, Américo Costa y Pinho Leal y en el Diccionario – Portugal Histórico y Corográfico de Esteves Pereira y Guilherme Rodrigues en 1915, se mencionan algunos sitios arqueológicos.

Sin embargo, fue solo en el siglo XX que se hizo el 1<sup>er</sup> estudio de arte rupestre en la región, como secuencia de los primeros trabajos de prospección arqueológica realizados en el municipio de Gois por Castro Nunes en el año de 1958, a través de la comunicación presentada al «*I Congreso Nacional de Arqueología realizado en Lisboa*» del 15 al 20 de diciembre, siguiéndole la publicación «*Pedra Letreira*» en 1959. En 1970 se hizo el «*IIº Congreso Nacional de Arqueología*» en Coímbra del 28 de setiembre al 1 de octubre, presentándose «*La Piedra Rajada*» («*A Pedra Riscada*»), siguiéndole su publicación en 1974.

### ***Marco administrativo y delimitación del área de estudio***

La cuenca hidrográfica de los ríos Ceira y Alva, y áreas límites, abarcan los siguientes municipios: Coímbra, solo las parroquias del río Ceira: Torres de Mondego, Miranda do Corvo, Lousã; Gois, Arganil; Vila Nova de Poiares y parte del municipio de Penacova; parte del municipio de la Pampilhosa da Serra; parte del municipio de la Covilhã; parte del municipio de Seia; parte del municipio de Oliveira do Hospital y parte del municipio de Tábua.

### ***Los primeros trabajos de síntesis***

Siguiendo el trabajo iniciado por Castro Nunes, Senna-Martinez lanza el «*Proyecto de Estudio Arqueológico de la Región de Arganil y Concejos Limítrofes*» en 1980 y lo desarrolla hasta 1988, bajo el nombre de (PEABMAM); con vistas al estudio de las estrategias de poblamiento y explotación de recursos en la región media y alta de la cuenca hidrográfica del Mondego, desde el período Neolítico hasta el Romano (SENNA-MARTINEZ, J.C., GUERRA, A., FABIÃO, C.J. 1986:1-7).

En el 2002 y 2003 (CANINAS, J.C.) realiza varios estudios de prospección arqueológica en la región central de Portugal en el marco de un proyecto eólico llamado: “Aprovechamiento Eólico del Pinhal Interior”, refiriéndose a una colonización prehistórica de las tierras altas, fenómeno que se habría dado no sólo en el Zêzere sino también en la Sierra de Lousã, poniendo como ejemplos los vestigios de rocas grabadas y los *tumuli* en el área de Aigra en Gois. Propone además la existencia de rutas prehistóricas asociadas al arte rupestre y que en algunos casos, habrían tenido un uso, por lo menos, hasta la época romana, con corredores naturales con base en la orografía de la región central de Portugal, conectando de esta forma el Norte y el Sur a través de

la Sierra de la Estrela/Gardunha, al Tajo, y desde éste hasta el litoral a través de su estuario, asumiendo también una posible relación con las rutas ancestrales de la trashumancia. (CANINAS, J.C. *et ali* 2004:19)

Otros autores se refieren además a los artefactos líticos encontrados como hachas y artefactos, principalmente una piedra de molino (durmiente) en una ladera Norte de la Sierra de la Estrela a 1,430 m de altitud lo que se justifica por el aprovechamiento de los pastos, nacidos tras las quemadas registradas en los registros polínicos de la Sierra de la Estrela. (CARDOSO & GONZÁLEZ, 2002:242).

En el municipio de Arganil, se presenta en el 2001, un proyecto de «Prospección arqueológica del municipio de Arganil», por las arqueólogas, Joana Gomes Miranda Garcia y Maria Manuela Vaz Pinto da Cruz, que localizan cerca de 23 sitios arqueológicos.

En 2002 (JACINTO M.J. 2006: 84) en el marco del estudio de “Impacto Ambiental «Parques Eólicos de la Beira Interior»”, se detecta un conjunto de losas de pizarra grabadas tomándose un conjunto de medidas mitigación, sobre este patrimonio y haciéndose un primer acercamiento cronológico y estilístico.

En 1998 y 1999, tras los primeros descubrimientos de arte rupestre en el área de Vide y en la Pampilhosa da Serra el autor de esta tesis hace distintas comunicaciones al entonces IPPAR (Instituto Portugués del Patrimonio Arquitectónico y Arqueológico) y al IPA (Instituto Portugués de Arqueología). Como consecuencia de estas comunicaciones el arqueólogo Martinho Baptista hace cuatro prospecciones en Vide, en el 2002, con el apoyo del ayuntamiento de Seia. En 2006 el CNART (Centro Nacional de Arte Rupestre) firma un acuerdo con el ayuntamiento de Arganil, para crear un pequeño centro de interpretación de arte rupestre en la parroquia del Piódão, en la aldea de Chãs de Égua. Este centro de interpretación fue inaugurado formalmente en el 2007. Es en este contexto que el investigador lleva a cabo unos 25 estudios de losas grabadas que estuvieron expuestos en la sala museo de esta unidad cultural. En Mayo del 2009, presenta un resumen del trabajo realizado en la parroquia de Vide y en la de Piódão en Arganil en el congreso «Desde los Orígenes: La Prehistoria del Tajo Interior» en Romangordo Cáceres. En este artículo el autor defiende la existencia básica de dos grandes períodos de grabado, uno anterior a la Edad de Bronce, enmarcado en aquello que llama de “*ciclo artístico propio de la Beira Alta*” (BAPTISTA, A.M., SANTOS, A.T. 2011:161) y otro en la etapa a partir de este período, donde la riqueza mineral,

sobre todo de estaño de la región habría tenido un importante rol. La existencia de rutas venidas del Tajo, y el control de éstas explican también el fenómeno. Apunta como fechas probables para el inicio del fenómeno de la ocupación humana de la región la 1<sup>era</sup> mitad del IV milenio, con base en la arquitectura funeraria. Compara los monumentos de la región con los monumentos de la «Beira Alta» (CRUZ *et al.* 1998) y (VILAÇA *et al* 2000).

En las losas grabadas ubicadas a mayor altitud, analiza solo dos áreas con grabados en el municipio de Arganil, una en una ladera que domina la ribera de Égua, afluente de la ribera del Piódão, señala algunas de las losas grabadas existentes y la otra, justo al lado de la parroquia del Piódão. Nótese que esta ladera suave se ubica en una antigua vía natural de acceso al Sierra del Açor y divide físicamente las parroquias del Piódão y Vide (y distrito de Coímbra y el distrito de la Guarda).

En opinión de este autor, algunas de los grabados «da Pedra Negra», «Fraga do Colado» y «Lajeira do Freixieiro» podrían haber sido grabadas en un período más antiguo, tal vez en el III o II milenio a.C.

Compara la región con el «Valle del Tajo» en donde se habrían grabado las espirales desde un período pre-megalítico, hasta el fin del ciclo artístico del «Valle del Tajo». Por otro lado las espirales podrían estar relacionadas con el «Período Atlántico», entre el III y el II milenio a.C. (BAPTISTA, A.M., 2011:171).

Hace hincapié en que los motivos serpentiformes están bien representados en el arte megalítico (BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R.1995:367-381), sin embargo, en este contexto aparecen, según las cronologías más recientes, asociados a formas de pies y relaciona uno de estos sitios de arte rupestre con serpentiformes «Alto das Cargas Atrás», con un monumento funerario ubicado en las cercanías. Señala así la dificultad de ponerle fechas a estos grabados, dando como ejemplo las espirales. Identifica dos tipos de losas grabadas con base en la iconografía en altitud, defiende uno o dos períodos en el grabado, más recientes en relación con las áreas menos elevadas. Mientras en áreas con menor elevación, defiende la existencia, en algunos casos, de una primera etapa entre el IV y el III milenio. Una segunda etapa de fines del III y II milenio. Relaciona además la existencia de posibles relaciones de este arte Pos-Paleolítico de la Beira Alta con el arte esquemático del Sur de la Península. Justifica también la riqueza arqueológica de los sitios de arte rupestre de esta área con la actividad de explotación metalúrgica del cobre y estaño, y sobre todo del control de rutas durante la Edad de Bronce.

En el 2004 los investigadores, Rosa Maria Caldeira Amado y Luísa Cortesão Portela (AMADO, R. M.C., PORTELA, L.C.1987) publican un informe de las prospecciones efectuadas en el 1987 como una contribución al “Mapa *Arqueológico*” del municipio en Lousã. En este pequeño catálogo hay básicamente informaciones acerca de las ocupaciones romanas, principalmente de explotaciones de oro en las terrazas fluviales del río Ceira, en la parroquia de Ermio.

En el 2008 en el marco de la expansión del «Proyecto Eólico de las Beiras», el arqueólogo Vítor Manuel da Silva Dias realiza estudios de prospección arqueológica en nuevas áreas de los municipios de Arganil, Oliveira do Hospital y Seia, detectando algunos otros sitios arqueológicos, de arte rupestre, estructuras funerarias y un posible poblado en Colcorinho y distintas estructuras etno arqueológicas como vías antiguas y estructuras conectadas a la trashumancia, (sitios: 865, 1293 a 1301 de esta tesis).

En el municipio de Pampilhosa da Serra, después de realizados los trabajos de inventario en el marco del «*Mapa Arqueológico de la Pampilhosa da Serra*» (BATATA, C., GASPAS, F.1994) en donde extrañamente no se identificaron estructuras funerarias del tipo *tumuli* ni sitios de arte rupestre; publican, los mismos autores en el 2011, un nuevo mapa arqueológico donde se divulga un gran conjunto de sitios arqueológicos. Creen que están en presencia de un fenómeno con cronología de base Neolítica y Calcolítica, relacionan las nacientes con el arte rupestre.”(BATATA, C., GASPAS, F. 2009a:20) y (BATATA, C., GASPAS, F. 2009b).

### ***Morfología del arte rupestre***

Se trató de presentar los distintos tipos de grabados existentes en el análisis de la simbología presente, en el contexto de arte rupestre de las áreas estudiadas, haciendo la catalogación simple en forma de lista, utilizando un soporte informático de tipo Excel, formando grupos principales, y que actualizándolos en la medida que iban surgiendo nuevos motivos/tipologías. Se desarrolló así un método que permitió un análisis de los pormenores para cada una de las áreas, de modo de facilitar su búsqueda, actualización y la inserción de nuevas tipologías de grabados. El resultado final fue la creación de una tabla para cada una de las once áreas estudiadas, cuyo resumen por área se presenta en el volumen XIII, anexo nº 9, de la Tabla nº I a nº XI, y en el volumen I, Capítulo III. Pueden observarse los valores generales de los motivos existentes para la



totalidad de la muestra, en el volumen I, Capítulo IV – Análisis de datos y conclusiones, simbologías presentes y tratamiento de datos estadísticos.

Se consultaron las tablas generales de motivos más frecuentes para el arte Paleolítico y Pos-Paleolítico (CORCHÓN, S. 1997: 172), (SANSONI, U., GAVALDO, S. 1995: 116, 117), las listas de símbolos, los estudios tipológicos, y del grabado esquemático de Murcia - España (MATEO SAURA, M. A. 1999: 241-247), y en otras regiones fuera de la Península Ibérica, pero del área del mediterráneo, creadas para otros contextos, principalmente para el estudio de la representación de cabañas (SAVARDI, E., 2005: 81-93), para antropomorfos (ABENANTE, D., 2005: 95-102).

### *Categorías, conceptos y unidades de análisis*

En las tablas de análisis en Excel, se agregaron otros datos generales y técnicos acerca de la ubicación del sitio, medio ambiente, y soporte en los que se hicieron los grabados, que facilitarían la interpretación de los resultados para, junto con los símbolos, reunir los motivos grabados según fueron apareciendo, (Volumen XIII, anexo nº 9, de la Tabla nº I a nº XI) lo que resultó en un conjunto de datos y en un inventario específico.

Así, para el análisis global de la región objeto de estudio, se definieron distintos núcleos de losas grabadas, principalmente:

- Área de la cuenca hidrográfica del río Ceira: núcleos del área de Gois y Sierra de Lousã; da Sierra da Cebola; nacientes del río Ceira y Sierras de Arouca y Silva.
- Área de la cuenca hidrográfica del río Alva: núcleos de Vide en la cuenca hidrográfica del río Alvôco; Sierra del Açor; Sierra de las Pedras Lavradas y Sierra de la Alvoaça; áreas del Vale das Figueiras, Valera y Cabeço Solheiro.
- Área de la cuenca hidrográfica de los ríos Unhais y Zêzere – límite con las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira y Alva: núcleos de la Sierra del Chiqueiro – Pampilhosa da Serra; Serra da Abuceira – Covilhã; Sobral de São Miguel – Covilhã; Pereira, Sobral de São Miguel – Covilhã

Se ha observado que muchos sitios arqueológicos por todo el Mediterráneo y el norte de Europa, sobre todo de la época megalítica (HOSKIN, Michael, *et alii*, 2001:45-64), registran la existencia de patrones de orientación, solo interpretables y explicables en la relación que estos grupos humanos tendrían con la observación del cielo, hecho que también se observa en las propias representaciones iconográficas de arte rupestre en las distintas regiones de Europa y África. Así, además de la descripción del soporte geológico se colocó la ubicación astronómica en el paisaje; para ello se obtuvieron la altitud; el declive máximo; la orientación de las laderas mediante azimut del declive máximo (aspecto) en la totalidad del área en análisis y para cada uno de los afloramientos con lajas grabadas: Para cada uno de ellos se crearon además: el perfil de distancia al horizonte y el de la elevación del horizonte.

El fenómeno artístico resultante en el arte rupestre existente en el área en estudio es fruto de una ocupación humana en la que el ambiente natural y el social se entrelazan mediante un conjunto de circunstancias que ayudan a explicar su existencia. El estudio de la arqueología del paisaje como concepto, puede, de algún modo, explicar el paisaje como una “construcción” humana y la forma en que los hombres intervinieron en este mismo paisaje. (UCKO & LAYTON, 1999; KNAPP & ASHMORE, 1999)

Cuando analizamos la concentración o dispersión del arte rupestre en el paisaje, (véase el volumen XIII, anexo n.º 9, tabla n.º I a n.º XI) destacan algunos patrones de ocupación, como por ejemplo: la mayor concentración de losas grabadas se ubica en el núcleo del Sobral de São Miguel, donde en un único km cuadrado hay 51 losas de pizarra grabadas; luego están las áreas del Pereira y Abuceira, donde en dos km cuadrados hay 54 losas, lo que resulta en un promedio 27 losas por km<sup>2</sup>. Observamos también una relación del arte rupestre con la existencia de caminos antiguos, descubiertos por la existencia de surcos excavados en roca y notamos que el 94% de las losas están en las cercanías de estas vías antiguas. Existe además una relación entre la altitud y la cantidad de superposiciones observables en las losas grabadas. Las áreas con más superposiciones son las que se encuentran entre las partes altimétricas entre los 666 m y los 948 m. Comprobamos, sin embargo, que no parece existir una relación directa entre la altitud a la que se sitúan las losas grabadas, el tamaño de las mismas y el tamaño del área grabada en cada laja. En relación a la dispersión de los grabados en las losas, ellas aparecen organizadas con más núcleos en partes altimétricas más bajas, lo

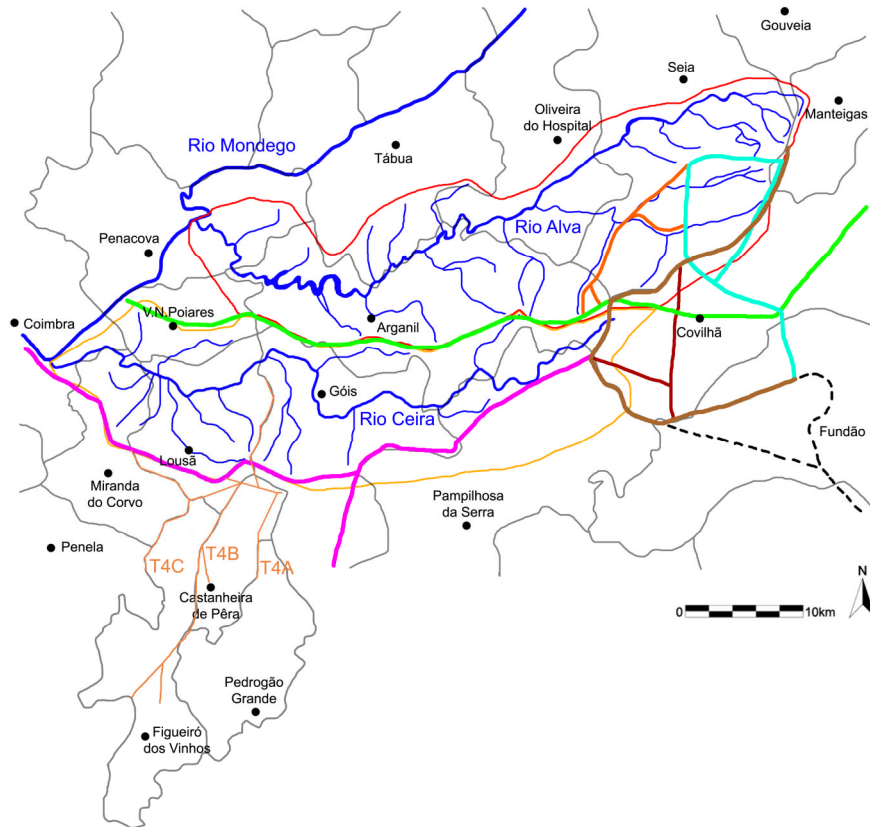
que puede significar un mayor período de estadía en estas áreas y una visitación superior, en relación con las lajas que se ubican en cuotas altimétricas superiores.

### *Arqueología, Historia y Etnografía*

El área abarcada por los ríos Ceira y Alva se caracteriza por la existencia de dos grandes cursos de agua que corren en valles bastante cerrados, con grandes declives y que dificultan la circulación tanto de animales como de personas. Las cumbres de las sierras son prácticamente las únicas hipótesis de pasaje. Así sobresale la existencia de una gran vía natural entre el litoral y el interior, con el sentido Oeste/Este, que recorre distintas cumbres y que comienzan en la Sierra de Lousã en dirección a la Guarda y Covilhã. Estas vías tienen el nombre de «Estrada Real» o la «Vía do Sal», La tradición y la etnografía de la región nos dicen que las rutas de la región estarían asociadas también al comercio de la sal que tendría dos grandes formas de ser comercializada, una por la vía lacustre y otra por vía terrestre. (Ver mapa 2, p.12)

Estas rutas también están asociadas a la trashumancia en la región, se incluyen en documentos medievales, en el Foral da Covilhã (1186), cuyo territorio se extendía hasta el Tajo, presenta una disposición que aparece también en los de Castelo Branco (1213), Idanha-a-Velha (1229), Salvaterra do Extremo (1229), así como los del Alentejo, referente al «*montádigo*» que consistía en un impuesto que determinaba el número de carneros u otros animales, que cada rebaño tendría que pagarle al municipio. Orlando Ribeiro defiende que estas normas prueban la antigüedad de la trashumancia y los recorridos ancestrales de la misma venidos del Alentejo (Sur de Portugal). (Ver mapa 2, p.12)

Desde España, también en el pasado, habrían existido vías pecuarias, según el testimonio de Duarte Núñez del Lio en el Siglo XVI. (LEÃO, D. N. 1599: 55). También en las Órdenes Manuelinas y en las Filipinas se hace la regulación del paso del ganado de España a Portugal y de Portugal a España. El fenómeno de la trashumancia en el área de la «Cordillera Central» es ciertamente un fenómeno histórico, y socioeconómico bastante antiguo[,] que ha sido desvalorizado por parte de los arqueólogos que estudian el fenómeno del arte rupestre y la ocupación humana de esta región.



**Legenda:**

- T1 - Rota Fundão - Chiqueiro - Cebola - Pedras Lavradas - Alvoaça
- T2 - Rota descrita por Orlando Ribeiro 1940-1941: 253 Fundão - Tortosendo - Loriga - Sabugueiro - Seia - S.Romão - Valezim - Alvoco - Unhais - Tortosendo
- T3 - Rota do "Sal" / "Estrada Real" - Serra do Açor - Gondufo - Pedras Lavradas - Abuceira - Ferro
- T4 - Outras Rotas vindas do Litoral e do Zêzere em direcção à Serra da Cebola
- T5 - Rota do Zêzere em direcção a Casegas e daqui, para Sobral de São Miguel e Serra da Abuceira - Serra da Alvoaça
- T6 - Rotas Aldeia de Vide para Serra do Açor e Vide para Lomba da Geia, Malhada Grande, Cabeça, Loriga e Vide / S.Romão
- T4A - Rota e Montículos Artificiais - (Selada da Ramalheira-Safra) Castanheira de Pêra - ligada à transumância?
- T4B - Rota, Arte Rupestre e Montículos Artificiais - Fronteira de Castanheira de Pêra (Bragada) e Figueiró dos Vinhos
- T4C - Rota associada a Montículos Artificiais - Fronteira Miranda do Corvo - Figueiró dos Vinhos

**Mapa 2– Rutas principales del comercio y de la trashumancia en el área de la cuenca hidrográfica de los Ríos Ceira y Alva**

**Resultados**

Del análisis estadístico que efectuamos para las representaciones de símbolos existentes en el área de los ríos Ceira, Alva y áreas de frontera con las cuencas hidrográficas de los ríos Zêzere y Unhais, se definieron tres grupos básicos de métodos de representación: el martilleo, la abrasión, la incisión (uso de la técnica filiforme/raspado), y pintura en un total de 23.702 representaciones, distribuidas en 11 núcleos y 694 losas. (Ver mapa 1, p. 2)

De esta forma, se detectó el predominio del método de grabado del martilleo en 54.9% de las representaciones; siguiéndole el método de grabación a través de la

incisión / trazo filiforme en 32.3%; la abrasión con 12% y la pintura está presente con menos de 1%.

En un universo estudiado de 23.702 representaciones, se observa que 89% de los grabados observados tienen una forma definida, mientras que el 11% de las mismas no tiene forma definida. Tipológicamente, podemos afirmar, que existe el predominio de líneas en el 42.49%, es decir en 10.068 grabados, siguiéndole los puntos y conjuntos / manchas de puntos en martilleo en 27.42%, 6.499 grabados. Los motivos grabados indeterminados están en el 10.98% y en 2.602 grabados. Las pequeñas “cazoletas” (“fossetes”) en el 5.66%, y en 1.341 grabados hechas en martilleo y abrasión. Los motivos circulares aparecen luego en el 3.54%, es decir 841 grabados; los podomorfos en el 2.27%, 540 grabados; los cruciformes en el 1.99%, 472 grabados; las “herraduras” en el 1.12%, 267 grabados; los alfabéticos y los numéricos árabes en el 1.01%, 240 grabados; los rectángulos en el 1.00%, 237 grabados; los serpentiformes en el 0.56%, 133 grabados; los antropomorfos en el 0.35%, 84 grabados; los cuadrados en el 0.16%, 40 grabados; los triángulos en el 0.15%, 36 grabados; los meandriformes en el 0.13%, 33 grabados; las molduras y zoomorfos en el 0.09% 22 grabados; las espirales en el 0.08%, 21 grabados; los círculos en el 0.07%, 18 grabados; tipo estrella en el 0.06%, 6 grabados; los vulviformes en el 0.06%, 15 grabados; los grabados de líneas paralelas, con una línea para interceptarlas, están representados en 0,05%, 14 grabados; los ídolos tipo I y alfabéticos antiguos en el 0.04%, 11 grabados; arboriformes en el 0.04%, 10 grabados; las puntas de flecha y motivos idoliformes tipo “Relvas (Arganil) en el 0.03%, 9 grabados; las calabaza en el 0.03%, 8 grabados; redes en el 0.03%, 7 grabados; los báculos en el 0.02%, 6 grabados; los pentagramas en el 0.02%, 5 grabados; los ancoriformes, el arco tipo II, el símbolo tipo V y los escalariformes, cada uno en 0.01%, 4 grabados; las representaciones de objetos cotidianos, motivos halteriformes, motivos como ídolos del tipo II, falos, torquiformes (torque), símbolo tipo VI y tridente, cada uno está representado, por 0,013% con 3 representaciones; tectiforme/casa, alabarda tipo I y II, claviforme (clave), fruto 2, rombo, cada uno con 0,008%, 2 grabados; y motivos como: brazo, arácnido, motivo solar, corazón, escudo, arco tipo I, fruto (bellota), bucráneo, hoja, vaso con martilleos en el interior, hacha tipo I y II, símbolos tipos I, II, III, IV cada uno con 1 grabado y 0.004% de la muestra.

## *Líneas y Grupo de puntos*

La representación de líneas grabadas, aparece casi siempre incisa, hecha en la pizarra con un percutor duro y bien afilado. Se observan también algunos grabados fusiformes, bastante más profundos que los anteriores, obtenidos por un instrumento con forma de V, probablemente un objeto metálico de cobre o bronce. Ejemplo de sitios de arte rupestre: en casi todas los grabados del sitio número nº 1 del inventario general, en Gois y la grabado de un podomorfo en el sitio nº 616 del mismo inventario.

La existencia de muchos grabados obtenidos por simples puntos martillados, que a veces forman grupos de puntos y manchas es el segundo motivo más frecuente observado en las áreas estudiadas.

## *Podomorfismo*

La idea de construir un modelo de interpretación aplicado al área estudiada, sobre una temática apasionante como la representación de «*vestigia pedis*», habitualmente conocidos por podomorfos, se justifica por el hecho de ser una de las iconografías más vulgares en el contexto del arte rupestre de los valles de los ríos Ceira y Alva, existen representaciones con varios sub-tipos y de varios períodos. En primer lugar, se dice que la designación o nomenclatura de podomorfos, es usada para caracterizar un determinado tipo de grabados que tiene la forma de pie, por lo tanto con una curva en su interior, grabadas en un soporte pétreo, hechas con martilleo, incisión o abrasión. No se consideraron podomorfos las representaciones de círculos oblongos, círculos oblongos segmentados, y rectángulos segmentados a 2/3, que también podrían, según algunos autores, ser representaciones estilizadas de podomorfos calzados, a través de la estilización de la suela y el tacón del zapato.

Se analizaron detalladamente, las 11 concentraciones de arte rupestre de los ríos Ceira y Alva con este tipo de motivos que constan en el inventario con 540 grabados. Estos sitios se encuentran casi siempre asociados a la cercanía de cursos de agua, lo que podría indicar la existencia de “santuarios”.

Algunos círculos oblongos segmentados al medio, por ejemplo: los del sitio de arte rupestre del Açor, sitio n.º239, aparecen asociados a podomorfos, y pueden ser posibles representaciones de martillos de explotación minera.

Nos preguntamos: Cuáles serían las razones y los motivos que llevarían a nuestros antepasados a grabar podomorfos? La representación de pies pintados descalzos, calzados, con o sin suela, pequeños o grandes, podría, en algunos casos, estar asociada a lugares de culto, existen varios ejemplos de esto en toda la Península Ibérica. En el interior de la Península los podomorfos también aparecen asociados a bancos o a sillas rituales en “La Peña de Santa Maria” (Írguelos de Mesón Nuevo) (BENITO DEL REY *et ali*, 2003: 22-23).

La existencia de podomorfos descalzos está representada además en las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira y Alva en Gois, en «Mestras II», (sitio n.º3) y en la Sierra da Cebola, (sitio n.º57) y en el área de Gondufo/Valera, (sitio n.º438), ubicado cerca de la unión de las Serras do Açor y la Serra da Cebola y de las Pedras Lavradas.

Todavía refiriéndonos a esta posible conexión entre los podomorfos, la religión y los antiguos cultos, cabe mencionar las tradiciones que se mantienen en la región de los ríos Ceira y Alva, hasta el siglo XX y que fueron recogidas durante la elección antropológica y etnográfica que se realizó en la región, principalmente en dos lugares, el sitio de la «Eira do Piódão» (sitio nº 313) y en la Sierra do Colcorinho en la Sierra do Açor.

### ***Motivos circulares, “herraduras” y pequeñas cazoletas***

De los 841 motivos circulares representados 60.17%, 506 grabados, son predominantemente círculos oblongos; les siguen los círculos simples 22.35%, 188 grabados; Luego están los motivos circulares con grabaciones en el interior 6.54%, 55 grabados, los círculos con pequeñas cazoletas 5.23% del total que corresponde a 44 grabados; los círculos con apéndice 2.62%, 22 grabados; los círculos con más de un círculo en el interior 1.43%, 12 grabados; los semicírculos 0.83%, 7 grabados; los círculos con conexión 0.36%, 3 grabados; los círculos con rede interior 0.24%, 2 grabados y; por último los círculos segmentados al medio con apéndice y los semicírculos segmentados al medio conectados cada uno 0.12 % de la muestra que corresponden a 1 grabado cada uno.

Observamos que en los círculos oblongos: predominan los círculos segmentados a 2/3 con 42.89%, es decir, 217 grabados; le siguen los círculos oblongos simples con 40.12%, 203 grabados; los círculos segmentados al centro con 12.45%, 63 grabados; los

círculos oblongos segmentados con cazoleta con 2.77%, 14 grabados y, por último, con 1.78% los círculos oblongos con dos segmentaciones con 9 grabados.

Predominan además en todas las tipologías los tamaños con 10 o más centímetros. Nótese en algunos casos la representación de círculos oblongos simples y segmentados a 2/3. Entiéndase también que los círculos oblongos segmentados al centro, podrían estar relacionados con la representación de martillos de minería, o con un culto a la fertilidad y minería, dado todo el proceso de transformación de minerales es algo que toma forma y de cierto modo gana vida con la existencia de un cierto animismo en el acto de la transformación. Este tipo de grabados, aparece también asociado a cazoletas en el área del Pereira (sitios nº 651 y 688), y tienen semejanza con símbolos idoliformes (SEVILLANO, M.C.1991:79), por ejemplo en «Las Erias» en la Comarca de Las Hurdes, en Cáceres en España.

Los círculos concéntricos representados en el área estudiada, sitio nº 82 en el área de la Serra da Cebola, y sitio nº 470 en el Vale Figueiras, G. Valera; se encuentran además en la fachada atlántica y en las islas atlánticas. Este símbolo está asociado al incremento de las navegaciones, durante la Edad de Bronce y estaría relacionado con la cultura atlántica. (SEVILLANO, M.C.1991: 98)

El motivo de “herraduras” está representado en las áreas estudiadas con cerca de 267 representaciones, de éstas, el 85.77% de la muestra son “herraduras” simples, con 229 grabados; siguen las “herraduras” con una pequeña cavidad, que corresponden al 14.23%, 38 grabados. Existen mayores concentraciones de grabados, en las áreas de la Abuceira, Vide y Pedras Lavradas/Sierra da Alvoaça, donde se destacan (los sitios nº 152) en el área de Vide (los nº 539, 562, 587 y 588) en el de la Abuceira (y los nº 318 y 362), en el de las Pedras Lavradas/Alvoaça.

Las cazoletas son una de las representaciones más frecuentes, en las 11 áreas estudiadas. Se observó la existencia de una mayoría de cazoletas simples en 1.219 grabados, que corresponden al 90.90% de la muestra de 1.341 grabados estudiadas, mientras las orificios asociadas a un canal, están representadas en 122 grabados, es decir en el 9.10% de la muestra. La forma de grabado utilizada es el martilleo, siguiéndole un proceso de abrasión a través de la rotación de un percutor, probablemente de cuarcita, que provoca el desgaste del soporte que casi siempre es de pizarra arcillosa, una de las pocas excepciones es el caso del bloque grabado (sitio nº 190) del inventario general,



llamado Caroleiro-Aguincho, en el área estudiada de Vide y ribeira do Alvôco, donde el soporte es de granito.

Los datos obtenidos en relación a la profundidad de las cazoletas con canal, pueden indicar la existencia de su uso para el derramamiento de líquidos en estos espacios, dado el predominio observada de su mayor profundidad en relación con las simples. Según algunos autores las “pequeñas cazoletas” son representaciones del receptáculo de la vida, concha o la “*cavidad primigenia*” (BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R. 1994: 113-131). En el área de Vide y Ribeira do Alvôco se señala la existencia de un antropomorfo en el sitio nº 152 del inventario general, en el cual en lugar del sexo se encuentra una “cazoleta”, lo que hace presuponer que se trata de un antropomorfo femenino. Esta figura está acompañada por otro antropomorfo, pero masculino, lo que podría indicar la representación de un par primordial.

Existe también la posibilidad de que algunos conjuntos de cazoletas de diferentes tamaños relacionados entre sí por canales, puedan haber tenido un uso, como espacios de culto, utilizándose los para libaciones. La ubicación de estas losas y el análisis del espacio entorno, podrían indicar además que fueron utilizados debido a su preocupación por la observación del Sol y de la Luna durante el solsticio de Verano, elementos que aparecen insertos en el campo visual de estos lugares en dirección a la montaña de la Serra da Cebola, (PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., & RIBEIRO, N.M.C., 2005: 264) en el caso del sitio nº 213 del inventario general en el área del Açor “Lomba Malhada Garcia” y el sitio nº 488 en el área del Chiqueiro.

### ***Cruciformes***

Se encuentran representados cerca de 472 cruciformes en el área estudiada, grabados predominantemente con el método de martilleo seguido del de abrasión. Predominan las representaciones de cruces “latinas” con 354 grabados, que corresponden al 75%, luego están las cruces de “trébol” con 44 grabados, es decir 9.3% de la muestra, las cruces “griegas” con 38 grabados, 8.1% y las cruces “calvario” con 16 grabados, 3.4%, están representadas residualmente además las cruces de “Santiago”, con ocho grabados, 1.7%, las cruces del “sagrado corazón” con cinco grabados, 1.1%, con menos del 1%, le siguen las cruces de “obispo”, ”triumfante”, “matrimonial” y “svástica”. En términos de simbología, la mayoría de los motivos cruciformes se

encuentra asociada al fenómeno del cristianismo y, en el caso de la cruz de “Santiago”, a las peregrinaciones. Estos símbolos aparecen solo en las cercanías de la vía principal de la Sierra del Açor (sitio n.º310); en el área de la Cebola, aparece sobrepuesto a un grabado de un podomorfo (sitio n.º75) y en el área de Vale Figueiras (sitios n.º402 y 441) como marcando un camino que también fue utilizado en la época medieval. Se detectó además una única svástica en el área estudiada de Vide (sitio n.º155). Este motivo se clasifica habitualmente como relacionado a un motivo solar, y tendría una larga cronología.

### *Espirales*

Las espirales están representadas en solo cinco de las once áreas estudiadas, por 21 grabados, obtenidas por el proceso de grabado del martilleo con percutor duro, probablemente cuarcita. Estas representaciones están grabadas en su mayoría en sentido horario con 11 grabados, que corresponden al 52.38 % de la muestra. Los grabados de espirales con sentido anti horario están representadas por 10 grabados, 47.62%. Predomina en los dos tipos de espirales el tamaño entre los 10 y los 50 cm. El motivo artístico del espiral, está representado también en otros contextos Pre-históricos de la región principalmente en el monumento megalítico: “Moinhos de Vento”, en Arganil, donde en una sepultura periférica al monumento megalítico n° 1, excavado inicialmente por CASTRO NUNES en 1957 y 1958. (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:103-118) y (SENNA-MARTINEZ, J.C. 1983:1-27), se encontró asociado al expolio de cuñas de explotación minera, e industria lítica, una pequeña placa metálica con 7.5 cm por 7 cm, parte de un disco con 8 cm de diámetro, decorado con cuatro circunferencias concéntricas rodeadas de una faja de espirales encadenadas. (SCHUBART, H., 1975:158-159). Según refiere el autor, este artefacto provendría micénica, hecho que deberá ser visto con algunas reservas (SENNA-MARTINEZ, J. C. de & DIAS LUZ, A. M 1983:113). En la región se destacan los sitios n° 478 con una espiral en el área de la Sierra del Chiqueiro, n° 336, 349, 350, 359 en la de las Pedras Lavradas/Alvoaça, n.º 241, 251, 252 en la de la Serra da Cebola, n° 69 y 82, en la de la Sierra del Açor, y 153, 170, 185, 187 en el área de Vide.

## *Zoomorfos, Aves, Arácnidos y Serpentiiformes*

En el abordaje que hacemos de este tipo de motivos, analizaremos en primer lugar el número total de motivos zoomórficos, luego dividiremos los zoomorfos de carácter natural y los de carácter esquemático. Y, por último, haremos un último análisis de las distintas especies taxonómicas representadas. En el área estudiada se detectaron 156 motivos zoomórficos, que están representados en 8 de las 11 áreas.

El único sitio pintado con motivos naturalistas, se ubica en la Aldea de la Pena en Gois, sitio nº 13 del inventario general en el área de Gois y Sierra da Lousã. Este lugar está inserido en la cordillera de la Sierra de Lousã, en la montaña llamada Penedos de Gois. Además en esta cuenca hidrográfica encontramos otro panel vertical, esta vez en la pizarra, junto al curso del agua, a cerca de 3 metros de éste, en las cercanías de la Aldea da Covanca (Pampilhosa da Serra) con grabados de carácter naturalista, que representan dos posibles bóvidos, grabados con el método de martilleo. Estos zoomorfos están representados enfrentándose de perfil absoluto, sitio n.º20, del inventario general en el área de las Nacientes del río Ceira/Arouca y Silva. En el mismo panel existen otras grabados de épocas más recientes como un antropomorfo.

En las cercanías del río Zêzere, en una cadena de cumbres llamada de Serra do Chiqueiro, apareció una losa con grabados de carácter naturalista en un afloramiento irregular de pizarra grabada, la cual se encuentra bastante afectada por los trabajos de construcción civil que en una primera etapa se iban a hacer sin acompañamiento arqueológico, sitio nº 503 del inventario general, área del Chiqueiro. El panel presenta un conjunto de pequeños grabados incisos, “raspadas”, y martilladas de forma combinada, que utilizan además la técnica filiforme. El panel que se encontraba protegido por la tierra, con cerca de 15 cm de sedimento, presenta un conjunto de 6 zoomorfos.

La representación de zoomorfos del tipo pectiniforme está presente en la roca de la «Raza dos Mouros», sitio nº 209 y con paralelos en la región, principalmente bajo la forma de pintura en el puntal de un dolmen en Paranhos da Beira en el sitio llamado Dolmen de Fontão (SILVA, E. J. L. 1985: 381-386). Nótese que en términos de representación taxonómica, predominan los serpentiiformes con 133 grabados, que corresponden a más del 85% de la muestra, seguidos de los zoomorfos indeterminados,

con cinco grabados, 3.2%, los bóvidos, úrsidos, cérvidos, équidos, aves y un arácnido (sitio nº 209), también están representados.

### ***Rectángulos, reticulados, escalar formes y parrillas***

Los rectángulos y reticulados están en 237 grabados, y en las once áreas estudiadas, representan cerca del 1% del total de los grabados del complejo de arte rupestre de las cuencas hidrográficas de los ríos Ceira y Alva. Mientras los reticulados están presentes en solo siete grabados, 0.03% de la muestra. Los reticulados, aparecen en el área del Chiqueiro, Abuceira, Pedras Lavradas/Alvoaça, Cebola y Gois, pueden representar, en algunos casos, redes que tienen semejanza con grabados pos paleolíticas por ejemplo la de la Cueva de La Griega de Pedraza en Segovia. (CORCHÓN, S.1997:172).

Los motivos escalariformes están representados en cuatro grabados, en el área de las Nacientes del Ceira, Arouca/Silva sitio nº 30, en el área de la Sierra de la Cebola, sitios nº 96 y 143 y en la de Vide sitio nº 211. Este tipo de grabados, tiene semejanza con las que existen en la región de la Comarca de las Hurdes, en Cáceres, (SEVILLANO, M.C. 1991:17), pueden representar de forma simbólica el contacto con el mundo sobrenatural.

### ***Ancoriformes y cuadrado, antropomorfos, armas***

Los motivos ancoriformes están representados apenas en cuatro grabados, en tres de las áreas estudiadas, básicamente en las de las Nacientes del río Ceira, Arouca/Silva sitio nº 32, Pedras Lavradas y Alvoaça sitios nº 327 y 353 y área del Pereiro sitio nº 691. Este tipo de motivos deberá estar asociado al Calcolítico y a la Edad de Bronce, aparece asociado también a menhires como en el caso del reciente descubrimiento identificado en la feligresía de las Donas, en el concejo del Fundão, y comunicada por el museo del Fundão, donde en una estatua menhir, están insculpidas, en las caras modeladas dos atributos, una espada y un bi-ancoriforme con las respectivas correas de suspensión.

Los cuadrados están representados en 40 grabados y representan cerca del 0.16% del total de grabados, y aparecen solo en cuatro de las áreas estudiadas, principalmente: en el área de Gois (sitios nº 1 a 5), Vide (sitios nº 152, 153, 170, 209, 211), Abuceira (sitios nº 566 y 588) y Chiqueiro (sitio nº 498). Los cuadrados simples predominan en

cerca del 85% de la muestra, que corresponde a 34 grabados. Por último, debemos mencionar que algunos cuadrados con decoración en el interior y con apéndice, podrían también representar antropomorfos de forma esquemática.

La representación de motivos antropomórficos está presente además en 84 grabados, que representan cerca del 0.35% de la muestra total de las mismas. Están presentes en nueve de las 11 áreas estudiadas, sobre todo en las áreas de Abuceira, Vide y Pedras Lavradas. En su mayoría masculinos, dadas a sus características fálicas. Se consideró la existencia de un sólo antropomorfo femenino, dadas las características morfológicas de éste, principalmente por la existencia de una pequeña cazoleta en el área del sexo; localizado en el área de Vide, sitio n° 152, llamado “Herraduras”.

En relación a su tipología optamos por agregar en el inventario de los antropomorfos a todos los tipos nuevos que fueron apareciendo, con base en los criterios habitualmente presentados en los distintos estudios consultados (GARCIA, A.D., QUINTANA, M.A.A. 2007: 419). Así se inventariaron 29 tipos diferentes de antropomorfos destacándose algunos bastante complejos, representados sobre todo en el área de Vide y la ribera del Alvôco asociados a arcos, sitio n.º 153 llamado «Fonte de Oiro», y a escudos, sitio n.º 155, llamado “Abelheira”.

Las armas aparecen con alguna frecuencia en las áreas estudiadas, por ejemplo: el motivo punta de flecha, aparece en el área de Gois con nueve grabados (sitio n.º1); los arcos de dos tipos aparecen en cinco de las 11 áreas: (Pedras Lavradas, sitios n.º 387, Cebola (sitio n.º 86), Vide (sitio n.º 153), Açor (sitio n.º 231) y en Gois (sitio n.º 1). La existencia del motivo tipo tridente, aparece en tres losas: Sobral de São Miguel, (sitio n° 598), en el área de la Sierra de la Cebola (sitio n° 38) y en Vide, (sitio n° 188). Las alabardas aparecen en cuatro grabados, solo en las áreas del Açor (sitio n° 243 y 248) y en la de Gois (sitio n° 1). Los escudos aparecen en el área de la Sierra de la Cebola (sitio n° 69) y en la de Vide asociados a antropomorfos (sitio n° 155). Las hachas aparecen en dos grabados, en Vide (sitio n° 211) y en Gois (sitio n° 1).

## *Conclusión General*

Los trabajos realizados permitieron básicamente, el descubrimiento de once grandes núcleos o áreas de análisis de arte rupestre: Gois y Sierra de Lousã; Vide y la ribera del Alvôco; Sierra del Açor; Sierra de las Pedras Lavradas y Alvoaça; Vale das Figueiras, Gondufo y Valera; Sierra de la Cebola; las nacientes del río Ceira, Arouca y Silva; Abuceira; Pereiro; Sobral de São Miguel y Sierra del Chiqueiro contabilizándose un total de 694 rocas grabadas lo que hace un total de 23.702 representaciones.

Dichos trabajos también permitieron contrastar cuales son los motivos más frecuentes, en las diferentes áreas estudiadas y saber que la gran mayoría de los sitios de arte rupestre identificada está íntimamente relacionada en una primera etapa a vías naturales favorecidas por la orografía, constituida por cadenas de cumbres que favorecen su uso por animales y personas. La hidrología, con muchas nacientes principalmente, de los ríos Ceira, Alva, Zêzere, Seia, Alvôco, Loriga, ayudan también a explicar parte del fenómeno.

Existen, además, otros factores además diferentes de los anteriores, básicamente la gran pluviosidad de la región, dada la influencia de las masas de aire húmedo del Océano Atlántico, hecho que permitió la existencia de buenos pastos, una buena parte del año. Nótese también que la región, a una altitud por sobre los 800 m, es casi desprovista de vegetación arbórea, lo que favorece la circulación de animales y personas. En esta área se cruzaron así varios caminos naturales y de trashumancia, así como de comercio, donde también probablemente la sal y los minerales de la región, habrán sido uno de los principales impulsores económicos de la región.

Sobre la lectura del paisaje donde se ubican los sitios de arte rupestre, se comprueba el hecho, de la no aleatoriedad para su ubicación, la altitud media para los 694 lugares con rocas grabadas, es de 927 metros encontrándose 75% de los lugares entre los 728 y 1,124 metros, con un promedio alrededor de los 700 m. Se concluye que parece haber habido una clara preferencia para la selección de lugares para las losas grabadas, en sitios de altitud más elevada. Nótese también su localización casi siempre en las áreas de interfluvios o cerca de éstos. El estudio de la orientación astronómica de la ubicación de las losas, demostró que se ubican, en laderas con el predominio de la orientación al SE, con un promedio en los 140° de azimut. Sobre la distancia del horizonte, dieron preferencia para horizontes más distantes y, por eso, más abiertos entre los 120° y los 210° de azimut, o sea SE y S, que parece sugerir una articulación

con la orientación predominante de las laderas para SE. Los estudios realizados parecen indicar también una preferencia para el grabado de losas en laderas con menor inclinación, con declives inferiores a los típicos de la región.

Se elaboró un estudio acerca de la orientación de los grabados de podomorfos e círculos oblongos segmentados, con una muestra compuesta por 50 losas de las zonas de la Abuceira, Açor, Arouca, Cebola, Pereiro y Sobral, que totaliza 459 grabados. Se comprobó un patrón notable para la orientación de estas grabados en una faja tan estrecha de azimutes, entre los 300 y 340° NO y los 130-140° SE. Señálese el hecho de que las diferentes zonas distan por veces entre sí varias decenas de kilómetros y no existen otros elementos en la topografía que justifiquen esta regularidad (camino, dirección de un pico más alto visible de esos lugares, líneas de agua, etc.), motivo por el cual una explicación astronómica para esta regularidad podrá ser encarada.

La continuación de las prospecciones arqueológicas, en las rutas que vienen del Tajo, podrán dar un mayor soporte a la existencia de un patrón para la localización de los sitios de arte rupestre, cerca de vías naturales principales, o de cruces de rutas, fenómeno que se comprobó en las áreas estudiadas en el marco de esta investigación. Así se explica parte de las concentraciones de arte rupestre de esta región. Comprobándose que la mayoría de estas rutas, fueron usadas por la trashumancia y que llegaron al siglo XX. La continuación del registro y la excavación arqueológica de poblados, abrigos y monumentos funerarios de la región; la elaboración de dataciones absolutas, análisis polínicos, y de carpología puede proveernos de datos complementarios a los recogidos en esta investigación.

En Portugal se conocen en la actualidad más de diez áreas con arte rupestre zoomórfico del Paleolítico Superior y el Epipaleolítico, siendo estos casi todos grabados y siendo raro, el uso de la técnica de la grabado en abrigos o en grutas, con excepción del Escorial. Casi todos estos sitios se ubican en valles fluviales: del Guadiana; Tajo e Douro y sus afluentes.

Tras el descubrimiento del panel de Mazouco, que retrata un équido, siguieron los descubrimientos del complejo arqueológico del río Côa. Existiendo también varios sitios en el Alto Sabor aún no totalmente publicados e estudiados.

En el Tajo, y sus afluentes tras el descubrimiento de la gran concentración de grabados en el área de Vila Velha de Ródão y Fratel, donde también se detectaron grabados Epipaleolíticos en los años 70 del siglo XX, hubo varios descubrimientos

recientes, es el caso del río Ocreza, que sirve de límite entre los municipios de Mação y de Vila Velha de Ródão.

En el río Zêzere en el área de la Barroca (Fundão) un fotógrafo amateur divulgó recientemente, un équido que fue visitado después por varios arqueólogos. Está ubicado en un paisaje similar al del río Ocreza, junto al curso del agua. Esta área del río Zêzere, se inserta en una vasta área en la que se detectaron centenas de rocas de arte rupestre que abarcan varios períodos desde el Paleolítico hasta el presente. Tratándose de la prolongación natural del complejo de arte del Valle del Tajo, o incluso haciendo parte de un complejo probablemente mayor que incluye el área de la Sierra de la Estrela.

En nuestra opinión el fenómeno del arte rupestre de la región de los ríos Ceira y Alva habrían cinco grandes períodos artísticos, relacionables con los principales factores impulsores o motivadores, como: económicos, culturales y tecnológicos. Así con base en las superposiciones existentes, estudio de comparación estilística y encuadramiento arqueológico insertos en el contexto global, intentaremos a continuación, proponer una división del fenómeno en cinco grandes etapas:

1) Paleolítico Superior (Magdalenense Final/Epipaleolítico). Deberán ser de este período muchas de los grabados de líneas incisas semejantes, algunos reticulados en el sitio nº 139 del área de las Nacientes del río Ceira, Arouca-Silva, con semejanzas, por ejemplo, en la gruta de la “La Cueva de La Griega” (CORCHÓN, S. 2002: 129), posiblemente la representación estilizada de redes, encontradas en el sitio nº 498 del inventario general en el área del Chiqueiro; en las áreas de las Pedras Lavradas, Alvoaça y Chiqueiro. Existencia de pequeños grabados zoomórficas de carácter naturalista con movimiento o con la idea de movimiento, ejemplo grabados zoomórficos del sitio nº 503 del área del Chiqueiro y losa sitio nº 129 del Área de las Nacientes del río Ceira (junto al río Ceira en las cercanías de la Aldeia de la Covanca), con la representación de dos cuadrúpedos de gran porte en confrontación, con paralelos y sin movimiento ejemplo: sitio nº 503 del área del Chiqueiro y sitio nº 13 del Área de Gois (en la Aldeia Velha), donde se encuentra representado un cuadrúpedo, posiblemente un caprino, asociado a un antropomorfo, caracterizado por la existencia de dos círculos en el área de los pies. Podrá tratarse de un ser híbrido, representando un antropomorfo, con un animal. La existencia o no de movimiento en estos grabados podrá indicar la existencia de dos sub-períodos. Todos estos sitios tienen la característica de localizarse en una ruta natural, como prueba la existencia de los grabados paleolíticas en el área de la Barroca en el Fundão, junto al Zêzere, en las cercanías del área del Chiqueiro. Esta hipótesis nos hace



proponer estos pasajes por estas áreas a partir del inicio de la estación caliente, en que la montaña proporciona abundantes recursos alimentarios a los grandes herbívoros y proporciona a las poblaciones de cazadores, buenos lugares de observación y de emboscadas.

2) Neolítico. De este período deberán ser algunos grabados incisos de líneas en centenas de losas observadas, representación de arcos estilizados, por ejemplo en el sitio nº 231 del área de la Sierra del Açor, sitio nº 387 del área de las Pedras Lavradas y Alvoaça y sitio nº 66 del área de la Sierra de la Cebola, representación de zoomorfos estilizados, ejemplo en el área de las Pedras Lavradas, Sierra de la Alvoaça, sitio nº 355, grabado obtenida a través del proceso de martilleo seguida de abrasión. Estos grabados se ubican en la ruta natural antes mencionada. Por añadidura a este análisis, podremos sumar la posibilidad de que la trashumancia se haya iniciado en esta etapa, pues la domesticación de los animales, podrá haber obligado a las poblaciones a buscar nuevos pastos para dar respuesta al crecimiento de la población.

3) Calcolítico, Edad de Bronce Inicial y Bronce Medio. Esta etapa estará marcada por el inicio de la explotación de los recursos mineros de superficie y en aluvión, que hicieron de esta región un área de gran importancia. Tal vez justificando así en parte el gran número de losas grabadas en las que se encuentran círculos grabados, ancoriformes, cazoletas, cuadrados, ídolos y algunos antropomorfos. La pastoreo y la trashumancia, habrá tenido un papel relevante en esta etapa. Las condiciones únicas de la Sierra de la Estrela, hacen de esta región un área de gran centralidad. (SEVILLANO, M.C.1991:157-158). De este período tenemos por ejemplo, los sitios nº 188 y 211 (área de Vide); 478 y 488 (Chiqueiro); 239, 310 y 313 (Açor); 539, 541, 548, 565, 576, 587 y 588 (Abuceira), 317, 327, 353, 362, 377 y 389 (Pedras Lavradas).

4) Bronce Final y Edad de Hierro. En este período la explotación de los yacimientos mineros tiene un nuevo incremento. De este período tenemos podomorfos, “herraduras”, ruedas, espirales, antropomorfos, cazoletas y círculos. La existencia de rutas en dirección a la Sierra de la Estrela, por ejemplo de la Serra de la Gata y de Cáceres y la caza completan las principales actividades que ayudan a explicar, la existencia de muchas estructuras funerarias del tipo *tumuli* en la región estudiada.

5) Época Romana hasta el siglo XIX. Deberán ser de esta etapa muchos podomorfos y representación cestas de una sandalia en el área del Sobral de São Miguel, muchos cruciformes, e inscripciones latinas. Estos grabados deberán estar

asociadas al pasaje por los lugares de minerales, militares y pastores: la existencia de importantes yacimientos mineros y una intensa explotación minera de oro, cobre, estaño, plomo y plata.

En términos cronológicos, los grabados más antiguos que se preservaron en la región a pesar de la gran altitud en que se encuentran, deberán ser del final del Paleolítico Superior y Epipaleolítico, existiendo un apogeo en la Edad de Bronce. Con todo en la región la tradición del grabado en las losas de pizarra continuó hasta el siglo XX, asociada a festividades que deberán ser herencias culturales y testigos de antiguos cultos o prácticas mágico religiosas, que se perpetuaron durante miles de años.

## **Bibliografia:**

ABENANTE, D.

«Análisi temática degli antropomorfi schematic: L`área di Foppe di Nadro. In Foppe di Nadro Sconosciuta. Dalla cartografia GPS alle analisi più recenti». Atti della 1ª Giornata di Studio sulle Incisioni Rupestri della Riserva Regionale Ceto, Cimbergo e Paspardo. A cura di Alberto Marreta. Nadro 26 Giugno 2004; Itália; 2005, pp. 95-102.

ACOSTA, P.

«La pintura rupestre esquemática en España». Salamanca; 1968, p.119-121.

ADRIANI, M.

«História das Religiões. Perspectivas do Homem (As Culturas, As sociedades)»: Edições 70, Lda. Imp. 1999 Lisboa. ISBN 972-44-0752-7. Vol.38, pp.18 e 20

ALARCÃO, J.

«Arqueologia da Serra da Estrela», Manteigas, ICN, 1993, pp.13.

ALARCÃO, J.

«O Domínio Romano Em Portugal. Fórum da História». Publicações Europa América. 3ª Edição. Depósito Legal n.º88465/95. Portugal; 1995, pp. 46.

ALARCÃO, J.

«Notas de Arqueologia, Epigrafia e Toponímia IV». Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 9 número 1 p. pré-impressão e impressão Facsimile, Lda. Tiragem, 400 exemplares. Depósito Legal 125568/98. ISSN 0874-2782; 2006, pp. 133.

ALARCÃO, J.

«Novas Perspectivas Sobre os Lusitanos (e Outros Mundos)». Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 4 número 2 p. pré-impressão e impressão Facsimile, Lda. Tiragem, 500 exemplares. Depósito Legal 125568/98. ISSN 0874-2782. 2001, pp. 343-344.

ALARCÃO, J.; LOPES, M.C.; MOURA, M.H.

«As origens do povoamento na Bacia do Alva». In: *Arqueologia*. - Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. - Nº 12; Dezembro 1985, pp. 184-194.

ALMAGRO M.

«Las Estelas Decoradas Del Suroeste Peninsular», *Biblioteca Prehistorica Hispana* Madrid, 1966, pp.139.

ALMAGRO-GORBEA,

«El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura». Madrid. 1977

ALMAGRO-GORBEA, M.

«Les stèles antropomorphes de la Péninsule Ibérique». In *115e Congrès National des Sociétés Savantes, Pré- et Protohistoire*, Avignon, 1990a, pp. 123-139.

ALMAGRO-GORBEA, M.

«El período orientalizante en Extremadura. In *La cultura tartésica y Extremadura*». Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses; 2), 1990b; pp. 85-125.

ALMAGRO-GORBEA, M.

«Sacred places and cults of Late Bronze Age tradition in Celtic Hispania». In *Archäologischen Forschungen zum Kulturgesichten in der jüngeren Bronzezeit und frühen Eisenzeit Alteuropas*. Bonn, 1996, pp. 43-79.

ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A. M<sup>a</sup>.,

«Castros y oppida en Extremadura», Madrid. 1995.

ALMAGRO-GORBEA, M.; ORTEGA BLANCO, J.; VILLAR LIÉBANA, F.

«Una nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III». 1999. *Complutum*. Madrid. 10, pp. 167-173.

ALMAGRO-GORBEA, M. [et al.]

«Cancho Roano. Un palácio orientalizante en la Península Ibérica». *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 31, 1990, pp. 251-308.

ALMEIDA, J.

«Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, Vol. I – Beira», Lisboa, 1945; pp. 335.

ALMEIDA, C. A. B.

«A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave. Da antiguidade clássica à Baixa Idade Média». Actas do I Seminário Internacional sobre o Sal Português (Porto e Aveiro, Maio de 2004). Porto: Instituto História Moderna da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005; pp. 150-151.

AMADO, R. M.C., PORTELA, L.C.

«Carta Arqueológica do Concelho da Lousã: relatório das prospecções efectuadas em 1987. As explorações romanas de ouro no Rio Ceira: Freguesia de Ermio», Revista Arunce, 2004, pp. 55-65.

ANACLETO, R.

«Bobadela Epigráfica». EPARTUR – Edições Portuguesas de Arte e Turismo, Lda. Coimbra. 1981; pp. 39-45.

ANATI, E.

«Arte Rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Ibéria». Capo de Ponte, 1968; pp.113-121.

ANATI, E.

«Capo di Ponte», Studi Camuni, Vol.1. 1981

AUBRY, T., MOURA, M.H.

«Redinha (Pombal) – Subsídios para a Carta Arqueológica da Freguesia» Conímbriga, 29; 1990; pp. 5-37.

BATATA, C., GASPAR, F.

«Levantamento Arqueológico do Concelho de Pampilhosa da Serra», Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra. Depósito Legal n.º77164/94. Execução Gráfica – Coimbra.1994.

BATATA, C. A. M.

«Idade do Ferro e Romanização entre: os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza». Trabalhos de Arqueologia 46. Depósito legal n.º 237 851 / 06, ISSN 0871 -2581 e ISSN 972-8662-29-7. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa 2006; pp. 61-69.

BATATA, C., GASPAR, F.

«Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra», Edição Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra / Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda;. Depósito Legal n.º291 836/09. ISBN: 978-972-99725-2-2. Execução Gráfica – Gráfica Almondina, Torres Novas. 2009; pp. 1-189.

BATATA, C., GASPAR, F.

«Mamoas e Arte Rupestre no Concelho da Pampilhosa da Serra (Centro de Portugal) Mounds and Rock Art in Municipality of Pampilhosa da Serra (Center of the Portugal)» Açafa On-Line N.º2;. 2009. Associação de Estudos do Alto Tejo; pp.1-21.

BAPTISTA, A.M., MARTINS, M.M., SERRÃO, F.

«Felskunst irn Tejo-Tal». Madrider Mitteilungen, 19, 1978; pp. 89-111.

BAPTISTA, A. M.

«O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)». Arqueologia. Porto. 8, 1983; pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M.

«Arte rupestre no Norte de Portugal: uma perspectiva», Portugália, nova série, 4/5, 1983-84; pp. 71-82.

BAPTISTA, A. M.

«Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção», in Alarcão, J., “História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à arte Visigótica”, vol. I, 1986, Publicações Alfa, Lisboa; pp. 31-55.

BAPTISTA, A.M.

«Ocreza (Evendos, Mação, Portugal Central). Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre». in CRUZ, A.R. e OOSTERBEEK, L., “Territórios, mobilidade e povoamento no Alto Ribatejo II - Santa Cita e o quaternário da região, Tomar”, CEIPHAR [Arkeos, 11], 2001; pp. 163-192.

BAPTISTA, A.M.

«Arte rupestre na área de influência do Alqueva em Portugal». Al-madan 2<sup>a</sup> Série, 11, 2002; pp.158-164.

BARREIROS, A.

«A Igreja de S. Pedro de Lourosa», Est. 57, Porto 1934; pp. 29.

BÉCARES PÉREZ, J.

«Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática »”Actas del Coloquio Internacional sobre Arte Esquemático de la Península Iberica” (Salamanca, 1982)». Zephyrus 36, 1983; pp.137-148.

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«Nuevos Santuarios rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca». Zephyrus, XLVII, Universidad de Salamanca. Salamanca, 1994, pp. 113-131.

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«Petroglifos Prehistóricos En la Comarca de Las Hurdes (Cáceres) – Simbolismo e Interpretación». Gráficas Cervantes, S.A. Salamanca-Espanha. Depósito Legal: S. 1064-1995. I.S.B.N.:84-85664-78-7

BENITO DEL REY, L. & GRANDE DEL BRIO, R.

«Santuarios Rupestres Prehistóricos En El Centro-Oeste de España». Gráficas Cervantes, S.A. Salamanca-Espanha. Depósito Legal: 878-2000. I.S.B.N.: 84-95195-23-2; 2000, pp. 1-168.

BENITO DEL REY, L.; BERNARDO, H.A. & SANCHES RODRIGUES, M.

«Santários Rupestres Prehistóricos En Miranda do Douro, Zamora Y Salamanca – Tomo II». Edita: Ayuntamiento de Miranda do Douro. Primera Edición. Imprime: Tiplalto – Tipografia do Planalto, Lda. ISBN: 972-9371-14-8. Depósito legal: 203987/03. 2003.

BLAS CORTINA, Miguel A. De

«La Minería prehistorica del cobre en las montañas Astur-Leonesas. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterrâneas y europeas», Coloquio Internacional Asociado 1985. Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-le Miral. Tomo I, Madrid, 1989, pp.149.

BRANDÃO, D. D. P.

«Issibaeus : uma nova divindade do panteão Lusitano-Romano»

Actas das I Jornadas Arqueológicas / Associação dos Arqueólogos Portugueses. – Lisboa: imp. Tipografia Correia, 1970. - Vol. I, pp. 77-83.

BUENO RAMÍREZ, P. et BALBÍN BEHRMANN, R.

«La graphie du serpent dans l aculture mégalithique péninsulaire. Représentation de plein air et représentations deolméniques». Anthropologie, 100; 1995, pp. 357-381.

CABRAL, J.

«Neotectónica em Portugal Continental». Mem. Instituto Geológico e Mineiro, n. 31; 1995, pp. 265.

CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C. e BATISTA, A.

«Novos dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros». Separata da revista Estudos de Castelo Branco, Nova Série, nº 3. 2004.



CANINAS, J., SABROSA, A., HENRIQUES, F., MONTEIRO, J. L., CARVALHO, E., BATISTA, A., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. R., MONTEIRO, M., CANHA, A., CARVALHO, L., e GERMANO, A.

«Tombs and rock carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvélós (Oleiros - Castelo

Branco)», in Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian

Península». BAR International Series, nº 1765. 2008.

CANINAS, J. C., HENRIQUES, F., BATISTA, A., CHAMBINO, M., HENRIQUES, F. R., MONTEIRO, M., CANHA, A., CARVALHO, L.

«Estruturas monticulares antigas na fronteira sul do concelho do Sabugal». SABUCALE, nº 1, Revista do Museu do Sabugal. 2009

CARDOSO, J.L.& GONZALEZ, A.

«Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela», Almadan, 2ªsérie, n.º11, Centro de Arqueologia de Almada, 2002, pp. 242.

CASTRO NUNES, J. DE

«Um Machado de Talão, de Tipo Galaico, na Beira-Litoral Interior». Publicações do Museu da Câmara Municipal de Arganil. Arganil,1952; pp. 2-9.

CASTRO NUNES, J

«O Ídolo pré-histórico das Relvas.» Separata do Vol. LXVI da Revista de Guimarães 66 (3-4) Jul-Dez. Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho; 1956, pp. 503-507.

CASTRO NUNES, J

«Um importante Hallazgo Del Bronce En Portugal». Sobretiro de Zephyrus VIII-1. Seminário de Arqueologia de La Universidade de Salamanca. 1957, pp.135-145.

CASTRO NUNES, J., et al

«A Pedra Letreira». Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis. N.º1. 1959, pp. 32-35.

CASTRO NUNES, J. & PEREIRA, A. N.

«A Pedra Riscada». Separata da Revista dos Cursos de Letras Vol. I – 1974 (Sá da Bandeira). 2ª Edição. Tipografia empresa de A Comarca de Arganil, Lda. Góis 2004. Depósito legal N.º 205687/04.

CERVEIRA, A.

«Nota sobre as minas de ouro da serra da Lousã», Separata do Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, Vol. I – Fasc. III, Porto. 1947.

CORCHÓN, S.

«La Cueva de la Griega de Pedraza (Segóvia)»; in Arqueologia en Castilla y León 3 Memorias. Junta de Castilla y León. ISBN: 84-7486-708-4. Depósito legal: ZA N.º 204-1997; Imprime: Heraldo de Zamora. Espanha. 1997, pp. 199.

CORCHÓN, S.

«El Tardiglacial y la Transición al Posglacial En La Meseta Norte Española: Una Visión de Síntesis. Reflexiones Acerca de Las Investigaciones Realizadas En Los Últimos Diez Años En El Territorio de Castilla-León». In separata ZEPHYRVS Revista de Prehistoria y Arqueología. LV. ISSB: 0514-7336. Ediciones Universidad Salamanca; 2002, pp. 85-142.

COELHO, POSSIDÓNIO M. L.

«Os “cardadores” de Castelo de Vide. Subsídios para a etnografia (Indústrias) do Distrito de Portalegre». In Revista Lusitana XXII. 1919, pp. 172.

COLLADO CENZANO, L. V.

«Las Divindades Indígenas Proectoras de Núcleos de Población En La Hispania Romana» 2003. IBERIA, n.º6, 2003, pp.48.

CORTEZ, F. R.

«PICIUS - Divindade pré-romana, de S. Pedro de Lourosa, Oliveira do Hospital» VIRIATIS - vol. I, nº I, ano de 1957, pp. 9-12.

COSTA, P., CLETO, J.

«O Sal do esquecimento. Salinas e comercialização de salgados na foz do Rio Leça». In A Articulação do Sal português aos circuitos mundiais – Antigos e novos consumos. Actas do IIº Seminário Internacional sobre o Sal Português. (Aveiro, Figueira da Foz e Leiria – Outubro de 2006) Porto: Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2008; pp. 65-78.

COSTA, A.

«Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico.» Porto: Civilização. XII Volumes.1894-1937.

CRUZ, D.J., GOMES, L.F., CARVALHO, P.M.S.

«O grupo de tumuli da “Casinha Derribada”, Concelho de Viseu». Conímbriga 37. 1998; pp. 5-76.

CUNHA, P. M.

«Unidades litostratigráficas do Terciário na região de Miranda do Corvo-Viseu (Bacia do Mondego, Portugal)». Comunic. Instit. Geol. Mineiro, v. 86, 1999; pp. 143-196.

DAVEAU, S.; BIROT, P. & RIBEIRO, O.

«Les bassins de Lousã et Arganil . Recherches géomorphologiques et sédimentologiques sur le massif ancien et sa couverture a l'est de Coimbra». Mem. Centro Estudos Geográficos, 8, 1985-86, 450 pp.

DIAS, P.T.N.

«Subsídios para o levantamento arqueológico do concelho da Pampilhosa da Serra», trabalho apresentado à cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, dactilografado.1985.

DINIS, P.A.

«Conferência Noções de Geologia - Apontamentos para o “I Curso de Arte Rupestre do Vale do Ceira e Alva – APIA, dias 20 a 24 de Julho 2004 em Góis» – Coimbra, dactilografado. 2004.

DUMÉZIL, G.

«L`idéologie dès trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens» ; Mythes et épopée. Paris, Gallimar. 1968.

ELIADE, M.

«Forgeron et Alchimistes», Flammarion, Paris. 2ª Edição, 1977, pp.48 a 50.

FABIÃO, C., GUERRA, A.

«A IV Campanha de Escavações no Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia) – Alguns Resultados preliminares». Revista Portvgália Nova Série, Vol. IX-X, 1988-1989; pp.73-87.

«Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Pedras Lavradas II, Balocas e Senhora das Necessidades». ENEOP. Policopiado. Março 2008.

FÉLIX J. M.

«Vila de Rei e o Seu Concelho». Edição Câmara Municipal de Vila de Rei, Gráfica de Tomar, Setembro de1985; pp. 36 a 39.

FERNANDES, C.

«E.I.A. Estudo Arqueológico do Parque Eólico do Chiqueiro (Pampilhosa da Serra)», para o Grupo Enersis. Policopiado. 1995

FERNANDES, A. A.

«Toponímia Portuguesa (exame a um dicionário)», Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, pp. 96.

FERREIRA, A. B.

«Planaltos e Montanhas da Beira, estudo de Geomorfologia». Mem. Centro Estudos Geográficos, nº 4, 1978, 374 pp.

FERREIRA, O. V.

«Ara votiva da Lousã». Revista de Guimarães. – ISSN 0871-0759. Vol. LXII, N.ºs 1-2 (Janeiro-Junho 1952), pp. 192 -195.

FRAZER, J.

«Il Ramo d`oro». Boringhieri. 1965 Turim.

GARCÍA ATIENZA, J.

«Guia de los recintos sagrados españoles». Ed. Ariel. Barcelona, 1986; pp. 43-52.

GARCIA, J. G.M., CRUZ, M.M.V.P.

PNTA (Plano Nacional de Trabalhos arqueológicos do IPA) – Projecto de «Levantamento Arqueológico do Concelho de Arganil». 2001, relatório final, policopiado.

GARCIA, A.D., QUINTANA, M.A.A.

«Arte Rupestre en La Zepa de La Serena» in Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Vol. II. 2007, pp.419. Edición Junta de Extremadura. I.S.B.N.:978-84-9852-049-1

GENERA I MONELLS, M.

«La explotación de minerales y rocas durante la Prehistoria en el nordeste peninsular: algunas evidencias arqueológicas en el territorio del Ebro final». Actas do III Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu: Edição da Sociedad Española para la Defensa del Património Geológico y Miinero (SEDPGYM) e IPPAR, Porto, 2006; pp. 39-61.

GOMES, M.V.

«Arte esquemática do Vale do Tejo». “Actas del Colóquio Internacional de Arte Esquemático de la Península Ibérica (Salamanca 1982)”. Zephyrus 36, 1983; pp. 277-285.

GOMES, M.V.

«Arte rupestre e contexto arqueológico». Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica Nos 25 anos da Descoberta do Escoural». Almansor, Revista de Cultura 7, 1989; pp. 225-269.

GOMES, M.V.

«A hierogramia do Penedo do Matrimónio (Montalegre, Vila Real)». Arqueologia e História, 2004-2005; pp. 56-57 e 51 -64.

GOMES, M.V., GOMES, R.V., SANTOS, M.F.

«O santuário exterior do Esoural – Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora)» Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993), 2. 1994; pp. 93-109.

GOMES, M.V., MONTEIRO, J.P.

«As estelas decoradas da herdade do Pomar. (Ervidel-Beja) – Estudo comparado» – Setúbal Arqueológica, 2 -3, 1976-1977; pp. 281-343.

GOMES, R. V., GOMES, M.V. SANTOS, M.F.

«O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora)». “Actas del Colóquio Internacional sobre Arte Esquemático de la Península Ibérica (Salamanca, 1982)”. Zephyrus 36, 1983; pp. 287-307.

GOMES, M.V., MONTEIRO, J.P.

«As rochas decoradas de Alagoa. Tondela – Viseu». O Arqueólogo Português série 3, 8-9: 1974-1977; pp.145-164.

GOMES, M. V.

«A Bicha Pintada (Vila de Rei, Castelo Branco) e as serpentes na Proto-História do Centro e Norte de Portugal». Estudos Pré-Históricos. Viseu. 7, 1999; pp. 221-240.

GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P.

«As Estelas Decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja) – Estudo Comparado», in “Setúbal Arqueológica. Setúbal. 2/3, 1977; pp. 281-343.

GONÇALVES, J.L.

«Histórias De Uma Aldeia – Valezim – Serra da Estrela. 8.º Centenário do Foral 1201» Vol.1 Editora Hugin. Impressão e acabamento: Costa & Duarte, Lda. ISBN 972 – 794 –054 –4. Depósito legal n.º 164 877, Junho de 2001; pp. 1-415.

GREEN, J. M.

«Guia completa del mundo celta». Oberon Historia. OBERON. Grupo ANAYA, S.A. Madrid. 254 pp. ISBN: 84-96052-54-0. Depósito Legal: M-46.705-2004.

HERNANDO SOBRINO, M.R.y GAMALLO, J.L.

«Um santuario romano en Narros del Puerto, Avila (Conventus Emeritensis)», Fichero Epigráfico 76, 2004, n.º337 y 338.

HOSKIN, Michael, et alii

«Studies in Iberian Archaeoastronomy (8): Orientations of Megalithic and Tholos Tombs of Portugal and Southwest Spain», Archaeoastronomy - Supplement to Journal for the History of Astronomy, 32. S45-S64. (2001).

JACINTO, M. J. V.

«Relatório do estudo prévio dos EIA dos Parques Eólicos do Sul da Serra da Estrela (Projecto Eólico das Beiras: Parque Eólico da Serra de Alvoaça, Parque Eólico das Pedras Lavradas, Parque Eólico da Cebola e Parque Eólico das Balocas, Parque Eólico de Castelo, e Souto e Parque Eólico da Barroca Grande». AGRI-PRO Ambiente. ERA Arqueologia para a EDP - ENERNOVA. 2002.

JACINTO, M. J.

«Arte rupestre da Serra do Açor / Serra da Estrela», ERA Arqueologia, 7, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri,. 2006; pp. 72-85.

JALHAY, E.

«Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa)», Brotéria, XLVIII,. Lisboa 1949; pp. 10.

KNAPP, B. & ASHMORE, W.

«Landscape: Conceptualized constructed and ideational» in: ASHMORE, W. & KNAPP, B. (org.) *Archaeologies of Landscape*. Cambridge Press. 1999.

KOPPERS, W.

«La religione dell'uomo primitivo». *Morcelliana*. 1949 Brescia.

LEAL, A. S. A. B. P.

«Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico & Etimológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias./Lisboa», 1882 e 1886: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Tomo II, pp. 222 e Tomo III, pp.79.

LEÃO, Duarte Nunez

«Descrição do Reino de Portugal». 2ª Edição, 1599; pp. 55 e 122-123.

LEISNER, G.

«Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen», *Madrider Forschungen* 1, Berlin 1956.

LEROI-GOURHAN, A

«Los primeros artistas de Europa. Introducción al arte parietal paleolítico». Madrid. 1983.

LOPES CUEVILHAS, F., PINTO, R. S

«Estudos encol da Edade de Ferro no N. W. da península: A religião», *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, pp. 356, 1934.

LOURENÇO, L.

«As cheias do rio Alva». *Biblos*, Coimbra, LX, 1984, pp.41.



LOURENÇO, L.

«Viagem de estudo às Serras do Açor e da Lousã»: livro guia. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1988, pp.7-14.

LOURENÇO, L.

«O Rio Alva: hidrogeologia, geomorfologia, climatologia, hidrologia», Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Coimbra, 1989.

LOURENÇO, L.

«Viagem de estudo às Serras da Lousã e da Cebola»: livro guia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1990, pp.7-22.

LOURENÇO, L.

«Serras de Xisto do Centro de Portugal, Contribuição para o conhecimento geomorfológico e geo-ecológico». 1996

LUMLEY, H.

«Gravures de l'âge du Bronze dans la Vallée des Merveilles». In : H. De Lumley, ed. Art Préhistorique dans les Alpes Occidentales, Musée de l'Homme, Paris, 1981; pp.7-32.

MACHADO, J. P.

«Vocabulário Português de Origem Árabe». Dom Quixote, ISBN 9722016180 / 972-20-1618-0 / 9789722016186, 1993, pp. 22.

MATEO SAURA, M. A.

«Arte Rupestre en Múrcia. Noroeste y Tierras Altas de Lorca». 1ª Edición: Enero 1999. ISBN: 84-885-51-55-X. Depósito legal: UM-1077-99. Editorial KR; pp. 241-247.

MARTINS, A.A.C.

«Carta Arqueológica da Serra do Açor – Mata da Margarça». Coimbra: Escola Superior Agrária de Coimbra. Relatório de estágio de fim de curso. Policopiado. 1992. in Plano de Ordenamento de Área de Paisagem Protegida da Serra do Açor – 1ª Fase de Caracterização Discussão Pública, Outubro de 2007, pp.75.

MARQUES, A.A.C.

«Carta Arqueológica da Serra do Açor, Mata da Margaraça, Ribeira da Mata»  
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza – Coimbra.  
Policopiado, 1992, pp. 1-65.

MEDINA

«Contribuição Para o Conhecimento da Geologia do Grupo das Beiras (CXG) na  
Região do Caramulo-Buçaco (Portugal)», 1996, 200 pp.

MOITA, I.

«Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta», Ethnos 5,  
1966.

MONTEIRO, A.J.N.

«Duas inscrições inéditas encontradas em Serpins (Lousã)». Conímbriga. 19.,  
1980, pp. 163-172.

NEVES, J. A. B. «Notícia Histórica e Topográfica da Vila de Goês e seu  
Termo» 1897

NOBRE, C. G. A.

«Vide Memorial – Camélias Branca». Volume I – Edição do autor. Impressão  
Ediliber, Lda.. Depósito Legal: 251711/06, Novembro de 2006, 286 pp.

OLIVARES PEDREÑO, J.C.

«Ara Votiva de la Aberca (Salamanca) Dedicada a Ilurbeda.» Ficheiro  
Epigráfico, 84. Suplemento de (Conímbriga), Faculdade de Letras, Instituto de  
Arqueologia. Universidade de Coimbra. Depósito Legal N.º 21216/88. ISSN 0870-  
2004. Gráfica de Coimbra, Lda. 2006. Inscrição 377.

OLIVARES PEDREÑO, J.C.

«Ara Votiva de San Martín Del Trevejo (Cáceres) Dedicada a La Diosa  
Ilurbeda.» Ficheiro Epigráfico, 86. Suplemento de (Conímbriga), Faculdade de Letras,

Instituto de Arqueologia. Universidade de Coimbra. Depósito Legal N.º 21216/88. ISSN 0870-2004. Gráfica de Coimbra, Lda. 2007. Inscrição 391.

OLIVEIRA, J. M. F.

«Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever» - Tomo I – “Edições Colibri”. 2ª Edição, Lisboa. Depósito Legal: 122 217/98. ISBN 972-8288-84-0. Abril 1998, pp. 1-744.

OLIVEIRA, J. M.

«A Estela Decorada da Tapada da Moita». Edição da Câmara Municipal de Castelo de Vide. Composto e Impresso na Cograpor, Lda. Portalegre. 1500 exemplares, 1986; pp. 1-35.

PEREIRA, J. F.

«Piódão, Aldeia Histórica, Presépio da Beira Serra – História, Lendas e Tradições». Edição do Autor. Piódão Arganil. 1000 exemplares. Depósito Legal N.º 212373/04. Impressão: Empresa Gráfica Feirense, S.A. – Santa Maria da Feira. 2004, pp. 1-323.

PEREIRA, E., RODRIGUES, G.

«Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico» Vol VII, T-Z. Editor João Romano Torres. 12 de Março 1915.

PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., & RIBEIRO, N.M.C.

«Lunar and Solar connections at a rock art site in central Portugal», Proceedings of the SEAC 2005. Isfili, Sardenia, 28 de June-3 July; pp. 264.

PIMENTA, F., TIRAPICOS, L., SMITH, A.

«A Bayesian approach to the orientations of central Alentejo megalithic enclosures», in Archaeoastronomy Journal, XXII. University of Texas press, EUA. 2009; pp. 1-20.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L.

«The Sky and the Landscape of Rock Art in The Ceira and Alva Basins». Cosmology Across Cultures. Granada/SPAIN. ASP Conference Series, Vol. 409, © 2009 J.A. Rubiño-Martín, J.A. Belmonte, F. Prada and A. Alberdi, eds. Pp. 359-363.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A. & TIRAPICOS, L.

«Orientation In The Landscape of open air rock art in the mountains between Alva and Ceira Rivers, the podomorphs carvings» Michael A. Rappenglück, Barbara Rappenglück, Nick Champion (Eds.): Astronomy and Power. SEAC 2010, Gilching, Germany; BAR 2011. pp. 1-5.

PIMENTA, F., RIBEIRO, N.M.C., SMITH, A., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A., TIRAPICOS, L.

«Open air rock art between Alva and Ceira rivers: a voyage through mining, trading and transhumance routes and the orientation in the landscape», in “Stars and Stones” SEAC 2011 Portugal. Abstract book, 2011, pp.45.

RAMIRO, J.

«Histórias, Lendas e Contos do meu Chão – Chão Sobral». Edição Câmara Municipal de Oliveira do Hospital. Oliveira do Hospital 2005. ISBN 230291/05.

«Relatório de conformidade Ambiental do Projecto de Execução do Parque Eólico da Serra da Alvoaça» – Vol. 2 – Relatório Técnico – Anexos técnicos. AGRIPRO Consultores. S. A. 2005.

REIS, R. P. & CUNHA, P. M.

«A definição litoestratigráfica do Grupo do Buçaco na região de Lousã, Arganil e Mortágua (Portugal)». Comunic. Serv. Geol. Portugal, v. 75, 1989; pp. 99-109.

RENFREW, C.

«Before Civilization», Jonathan Cape, London. 1973

RENFREW, C.

«Introduction: The Megalith Builders of Western Europe», in: J.D.EVANS, B. CUNLIFFE C. RENFREW, eds. *Antiquity and Man*. Thames & Hudson, London, 1981, pp.72-81.

REIS, R. P. & CUNHA, P. M.

«A definição litoestratigráfica do Grupo do Buçaco na região de Lousã, Arganil e Mortágua (Portugal).» *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, v. 75, 1989, pp. 99-109.

RIBEIRO, O.

«Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela», *Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa*, VII (1 e 2), 1940-1941, pp. 213-303.

RIBEIRO, F. N.

«O Bronze Meridional Português», Beja, 1965

RIBEIRO, A.; ANTUNES, M. T.; FERREIRA, M. R.; ROCHA, R. B.; SOARES, A. F.;

ZBYSZEWSKI, G.; ALMEIDA, F. M.; CARVALHOS, D. & MONTEIRO, J. H.

«Introduction à la géologie générale du Portugal», *Serv. Geol. Portugal*. 114p. 1979, pp. 8-31.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«A Festa dos Tabuleiros». Trabalho monográfico apresentado na cadeira de Civilizações Pré-Clássicas do Curso de História da Universidade Autónoma de Lisboa, sob a orientação de Professor Simões Serra. Lisboa 1991. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«A Pré-história do Concelho de Tomar». Trabalho apresentado na cadeira de Pré-história do Curso de História da Universidade Autónoma de Lisboa, sob a orientação de Professor Manuel Farinha dos Santos. Lisboa 1991. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«O Povoado da Paixinha – Estudos Preliminares». In Boletim Cultural 21. Câmara Municipal de Tomar. Outubro de 1997. Montagem e Impressão: A Gráfica de Tomar. Depósito Legal n.º 446/82, 1997 Tomar; pp. 215 a 254.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«Os Santuários Proto-Históricos da Paixinha». In Boletim Hedera – Revista do Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. CEPURT; Julho de 1997, pp.2.

RIBEIRO, N. M. DA C., HUTTU, J.

«Corredor dos Mouros – Investigation Report». In Techne 3 (1997). Arqueojovem. ISSN N.º 0872-6817. Depósito legal: 93741/95. Tomar 1998, pp. 99-111.

RIBEIRO, N.M.DA C.,

«Relatório de prospecção no âmbito do trabalhos arqueológicos na bacia hidrográfica do Rio Ceira – EIA do Parque Eólico do Cadafaz (Góis)». EDP-Portugal. Policopiado. 2000.

RIBEIRO, N.M.C.

«Relatório Parque Eólico de Malhadas, Estudo Prévio de Prospecção». 2000. Grupo EDP. Policopiado.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«Arte Rupestre dos Vales dos Rios Ceira e Alva – Bacia Hidrográfica do Rio Mondego», Universidade de Salamanca e Universidade Autónoma de Lisboa. Salamanca e Lisboa. Grau de suficiência investigadora. Orientado por Maria Soledad Corchón Rodriguez. Policopiado. 2003.

RIBEIRO, N. M. DA C.

«Open air Rock in the Ceira and Alva River Valleys – Some Symbols», Proceedings of the XV World Congress – Session WS34 – (Lisbon, 4-9 September 2006), v. 25 BAR Internacional Series 1793. 2006; pp. 43-49.

RIBEIRO, N.M.DA. C.,

«Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos de acompanhamento realizados no Parque Eólico do Cabeço Rainha II (Oleiros/Sertã/Castelo Branco) e Linha Eléctrica de Interligação à Rede Eléctrica Nacional – Subestação de Castelo Branco». Realizado pela APIA. Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica para a EDP-Portugal. Policopiado. 2009/10/26.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«The Rock Art Interpretation Centre in Vide (Portugal) From Project to Reality and its Challenges». IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL, pp. 1125-1135.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«Zoomorphic Art in The Open Air Rock Art Complex of The Ceira And Alva Rivers Basins and Adjacent Unhais River Basin – Portugal». IFRAO Congress 2009 – Piauí / BRAZIL, pp. 804-816.

RIBEIRO, N., PEREIRA, A., S. PIMENTA, F., JOAQUINITO, A., VENTURA, R.

«O Sítio de Arte Rupestre da Eira do Piódão: Um caso de Estudo (Arganil-Portugal)» I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos. Universidade Federal da Grande Dourados, pp. 50-51.

RIBEIRO, N., PEREIRA, A., JOAQUINITO, A.

«As Rotas Naturais no Centro Interior de Portugal, da Pré-história ao Século XX» I CIAEE – Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História. 11 a 14 de Maio de 2010 Dourados, Mato Grosso do Sul – Brasil. Caderno de Resumos, Secção de Antropologia em Aplicação. Universidade Federal da Grande Dourados, pp. 75.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A.

«The Symbolism of Open-Air Rock Art at the end of the Upper Palaeolithic in Central Interior Portugal and its Possible Relation With Natural Paths». IFRAO

Congress, September 2010 France – Symposium: Signs, symbols, myth, ideology, pp. 1-13.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, A. (2010b)

«La symbolique de l'art rupestre à la fin du Paléolithique supérieur, dans le centre intérieur du Portugal et sa possible relation avec les routes naturelles». L'art pléistocène dans le Monde. Congrès de l'IFRAO, Septembre 2010 – Symposium: Signes, symboles, mythes et idéologie (Pré-Actes) ; pp. 1-13.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, S. (2010c)

«O Podomorfismo na Arte Rupestre da Fachada Atlântica, que significado?», Resumos do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. 18-20 Novembro de 2010, Almodôvar. Câmara Municipal de Almodôvar. Portugal.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A., PEREIRA, S.

«O Podomorfismo na Arte Rupestre da Fachada Atlântica, que significado?», Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. 18-20 Novembro de 2010 (2012), Almodôvar. Câmara Municipal de Almodôvar. Portugal, pp. 201-211.

RIBEIRO, N., PEREIRA, S., JOAQUINITO, A., CUNHA, P.P.

«Relação da arte rupestre com a mineração proto-histórica na área das bacias hidrográficas dos Rios Ceira e Alva». Actas VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu. Realizado na casa de Artes e Cultura do Tejo (Vila Velha de Ródão) 18 a 20 de Junho de 2010,. Junho 2011, pp. 89-108.

RODRIGUES, G. & PEREIRA, E.

«Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico». Edição João Romano Torres e C.<sup>a</sup> Editores, Lisboa, 1915.

RUIZ ZAPATERO, G. y FERNANDEZ MARTINEZ, V.

“Prospección de superficie, técnicas de muestro y recogida de información”, Inventarios y Cartas Arqueológicas – actas (Soria, 1991), Valladolid, pp. 87-98.

SANCHIDRIÁN, J.L.



«Manual de Arte Prehistórico». Ariel Prehistoria, ISBN: 84-344-6617-1.  
Depósito legal: B. 9.323-2005. Impreso en España, pp. 258-259.

SANTOS, A.T., BAPTISTA, A.M.,

«Rock Art in The Iberian Central Chain: The Cases of Piódão (Arganil) and Vide (Seia)» in “From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region”. Edited by P. Bueno Ramirez, E. Cerrillo Cuenca, A. Gonzalez Cordero. BAR Internacional Series 2219; 2011, pp. 161-176.

SANTOS JÚNIOR, J.R.

«A Cultura dos berrões no Nordeste de Portugal». Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 22 (4), 1975 Porto, pp. 353-516.

SANTOS, M.J.C.

«Santuários Rupestres no Ocidente da Hispania Indo-Europeia. Ensaio de Tipologia e Classificação» Serta Palaeohispanica J. de Hoz Palaeohispanica 10., I.S.S.N.: 1578-5386. 2010, pp. 147-172.

SANSONI, U., GAVALDO, S.

«L'Arte Rupestre Del Pià D'Ort, La Vicenda di un Santuário Prehistorico Alpino». In Edizioni Del Centro. Archivi, Vol. 10. Copyright © 1995 by Centro di Studi Preistorici Prima Edizione, Novembre, 1995; pp. 116 - 117.

SARMENTO, F.M.

«Expedição científica à Serra da Estrela» em 1881. 1881; pp. 11- 32.

SARMENTO, M.

«Dispersos», Coimbra. 1933

SAVARDI, E.

«Le raffigurazioni di capana a Foppe di Nadro: tipologia e distribuzione». In Foppe di Nadro Sconosciuta. Dalla cartografia GPS alle analisi più recenti. Atti della 1ª Giornata di Studio sulle Incisioni Rupestri della Riserva Regionale Ceto, Cimbergo e Paspardo. A cura di Alberto Marreta. Nadro 26 Giugno 2004; Itália, 2005, pp. 81-93.

SCHUBART, H.,

«Die Kultur der bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel». Madrider Forschungen 9) Walter de Gruyter, Berlin, 1975, pp. 158-159.

SECO, A. L. S. H.

«Memória histórico-corográfica dos diversos concelhos do distrito administrativo de Coimbra». Coimbra: Imp. Da Universidade, 1853; 143 pp. 20 cm.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Contribuição para a Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Os Materiais do Dólmen n.º1 dos Moinhos de Vento, Arganil», Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia, n.º1, Arganil. 1981

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Ideologia e práticas funerárias no Megalitismo das Beiras: A sepultura periférica do quadrante NW da Mamoa do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento». Separata da Revista de História Económica e Social, 1, 1983; pp.1-27.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Contribuições arqueométricas para um modelo socio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal», Clío/Arqueologia 1, UNIARCH, INIC, Lisboa. 1983-84.

SENNA MARTINEZ, J.C.

«Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural», Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F.L.L., Lisboa (3 vol. policopiados).1989.

SENNA-MARTINEZ, J. C. de & LUZ, A. M.D.

«O Megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socioeconómico.» O Arqueólogo Português, Série IV, 1983; pp. 103-118.

SENNA MARTINEZ, J.C. et alii

«Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: Olaria da Idade do Bronze», *Clio/Arqueologia* 1, UNIARCH, INIC, Lisboa. 1983-84.

SENNA MARTINEZ, J.C., GUERRA, A. FABIÃO, C.J.

«Cabeço do Crasto», S. Romão. Seia. A campanha (1985). Catálogo da exposição temporária, Lisboa, 1986, pp.1-7.

SENNA MARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., ESTEVINHA, I. M. A.

«O Buraco da Moura de S. Romão (Seia): alguns resultados preliminares da Campanha 1987 », in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp 149-174.

SENNA MARTINEZ, J.C., GIL, F.B., GUERRA, M.F., SERVA, A. I., FABIÃO, C.

«Produções metalúrgicas do Bronze Final do Cabeço do Crasto de S. Romão, Seia: uma primeira análise», in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 235-248.

SENNA MARTINEZ, J.C., F.B., GUERRA, FABIÃO, C.

«O Cabeço do Crasto de S. Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas 1-1985 a 3 – 1987», in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 189-234.

SENNA MARTINEZ, J.C.,

«A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão», in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, 1993; pp. 55-76.

SENNA MARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., TEIXEIRA, C. VENTURA, J. M.

«A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão», in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, 1993; pp. 125-135.

SENNA MARTINEZ, J.C. & VALERA, A. C.

«O Buraco da Moura de S. Romão», in: *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, 1995, pp. 50-53.

SENNA-MARTINEZ, J.C.

«Depósitos de Bronze do Território Português – Um Debate Em Aberto». O Arqueólogo Português. P.110.Série IV, 24. Museu Nacional de Arqueologia. ISSN 0870-094X, depósito legal n.º3161/83. 2006

SEQUEIRA, A. J.; CUNHA, P. P. & SOUSA, B. M.

«A reactivação de falhas, no intenso contexto compressivo desde meados do Tortoniano, na região de Espinhal-Coja-Caramulo (Portugal Central)». Com. Inst. Geol. Mineiro, v. 83, 1997, pp. 95-126.

SEQUEIRA, A. J. & SOUSA, M. B.

«O Grupo da Beiras (Complexo Xisto-Grauváquico) da Região de Coimbra-Lousã». Mem. e Not. Mus. Lab. Mineral. Geol., 112; 1991, pp.1-13.

SEVILLANO, M.C.

«Un petroglifo com inscripcón en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)». Zephyrus. XXVI-XXVII. Salamanca, 1976, pp. 269-290.

SEVILLANO, M.C.

«Grabados Rupestres en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)». Ediciones Universidad Salamanca. ISBN: 84-7481-654-8. Salamanca, 1991, pp. 8-216.

SHEE, E.

«Painted Megalithic Art in Western Ibéria», Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I, Porto. 1974.

SHEE, E. T.

«The Megalithic Art of Western Europe», Oxford. 1981

SILVA, J.B.A.

«Memória minerográfica sobre o distrito metalífero entre os rios Alva e Zêzere». s.l., s.d., Loc.: Museu Paulista doc. 291 (Apresentado na Academia Real das Ciências de Lisboa, sem data).

SILVA, E. J. L.

«Notícias Sobre a Descoberta de Novas Pinturas no Dólmen de Fontão (Paranhos da Beira-Seia)». In revista Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia na Faculdade de Ciências do Porto. 25 (2-4) Porto, SPAE, Porto. 1985, pp. 381-386.

SILVA, A.C.F. da & GOMES, M.V.

«Proto-História de Portugal». Universidade Aberta. Lisboa. ISBN: 972-674-087-8. 1994, pp. 91-93.

SILVA, R.

«A Pedra Letreira” (Amieiros, Alvares, Góis)». In Estudos Pré-Históricos. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. 2000, n.º8; pp. 249-250. ISBN: 972-95952-7-5, depósito legal: 76434/94.

SIMÕES, J. A.

«Um castanheiro anterior à fundação do Reino de Portugal». Universidade do Porto, 1976, pp. 23.

SOARES, A. F. & MARQUES, J. F.

«O quaternário da bacia da Lousã – algumas ideias.» A Geomorfologia do Noroeste Peninsular, 2002, pp. 87-101.

SOLES, J.D.C.

«As Divindades Egípcias, Uma Chave para a Compreensão do Egipto Antigo». Nova História. Editorial Estampa. 363-364. 1ª Edição Outubro de 1999. ISBN: 972-33-1487-8, depósito legal n.º143707/99

SOUSA, G. DE V.

«Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos». 1ª Edição. Livraria Civilização Editora 1998 Porto. ISBN: 972-26-1559-9

TAVARES, A.A.

«O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiães)», Clio, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa. Vol.2, INIC, Lisboa. 1980, pp. 39-58.

TEIXEIRA, C.

«Geologia de Portugal, vol. I – Precâmbrico, Paleozóico». Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.1979.

TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F.

«Introdução à Geologia de Portugal». Instituto Nacional de Investigação Científica, Universidade de Lisboa.1980.

TOKAREV, S.

«História das Religiões». Colecção Académica: Edições Progresso. URSS. ISBN 5-01-00127403. Imp. 1990, pp. 88.

TOVAR, A., MARIA DE NAVASCUÈS, J.

«Nombres de Divindades del Oeste Peninsular», pp. 183 da Miscelânea à memória de Adolfo Coelho, Lisboa. 1950

TWOHIG, E.S.

«The megalithic art of Western Europe». Oxford, 1981, pp. 29.

UCKO, P. & LAYTON, R.

«The Archaeology and Anthropology of Landscape». London. Routledge. 1999.

VALERA, A.C., SENNA MARTINEZ, J.C., ESTEVINHA, I.A.

«O Buraco da Moura de S. Romão (Seia): Alguns resultados preliminares da campanha I (1987)»” Actas do Iº Colóquio Arqueológico de Viseu. Viseu, 1989; pp. 149-174.

VALERA, A.C.

«A ocupação calcolítica da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão» Trabalhos de Arqueologia da EAM, 1; 1993, pp. 37-54.

VASCONCELOS, L.J.

«Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal» in O Archeologo Português Série I Vol. XII, Fasc. 7-12. 1908

VIANA A.

«Arqueologia Prática», Beja, 1962

VILAÇA. R., CRUZ, D.J., SANTOS, A.T., MARQUES, J.N.

«O grupo de tumuli do Pousadão “Pendilhe, Vila Nova de Paiva”», Estudos Pré-históricos, 8. 2000; pp. 125-150.

VILAÇA. R.

«Depósitos de Bronze do Território Português – Um Debate Em Aberto». O Arqueólogo Português. Série IV, 24. Museu Nacional de Arqueologia. ISSN 0870-094X, depósito legal n.º3161/83. 2006; pp. 42.

VITEBSKY, P.

«O Xamã». Grandes Tradições Espirituais. Editora Evergreen. Singapura. ISBN. 3-8228-1342-7. Imp. 2001, pp. 11-17.

YOUNG, T. P.

«The lithostatigraphy of the upper Ordovician of central Portugal». Journal of the Geological Society London, v. 145, 1988; pp. 377-392.

CARTOGRAFIA:

«CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL»

Serviços Geológicos de Portugal – escala 1:500 000. (Material Cartográfico). Lisboa: SCE, 1992.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 212. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico). Folha 221. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 222. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993. ISBN-972-764-233-0

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 223. Série M 888 Edição 2 – I.G.E – 1993.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 231. Série M 888 Edição 2 – S.C.E.P. – 1982. ISBN-972-764-244-6

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 232. Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993. ISBN-972-764-245-4

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 233. Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993. ISBN-972-764-246-2

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 234. Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 241. Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2002. ISBN-972-765-133-X

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 242. Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2001. ISBN-972-765-134-8



«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 243. Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1992.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 244. Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1992.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 245. Série M 888 Edição 2 – S.C.E. – 1991.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 251. Série M 888 Edição 3 – I.G.E. – 2001. ISBN – 972 –765-145-3

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 252. Série M 888 Edição 2 – S.C.E.P. – 1983.

«CARTA MILITAR DE PORTUGAL»

Instituto Geográfico do Exército – escala 1:25 000 (Material Cartográfico).  
Folha 253. Série M 888 Edição 2 – I.G.E. – 1993.

«CARTA DA HIDROGRAFIA CONTINENTAL»,

Principais bacias hidrográficas; Comissão Nacional do Ambiente, Portugal.1989.

FONTES COMPUTADORIZADAS:

Achado Arqueológico na Lousã

<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg01974.html>

As cores das Beiras: «A lenda da Serra da Estrela e do Rio Mondego»: <http://ascoresdasbeiras.forumeiros.com/t27-a-lenda-da-serra-da-estrela-e-do-rio-mondego>

Câmara Municipal de Penacova: «Barca Serrana»: <http://www.cm-penacova.pt/logo.htm>;

Chão Sobral: «Histórias, Lendas e Contos do meu Chão», Livro de José Ramiro Moreira :<http://www.chaosobral.org/hlcdomeuchao.htm#cobre>

Consejo de Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península: «APIA descobre grande concentração de Arte Rupestre nos Rios Ceira e Alva»: <http://www.arterupestre.es/web/noticiasmas.php?id=201>

Diário de Viseu: «Mais de 700 lages de arte rupestre encontradas junto ao Ceira e Alva» <http://www.diarioviseu.pt/9975.htm>

Goisproperty: «A lenda da Candosa»; [http://www.goisproperty.com/portugues/regiao%20de%20Gois/A\\_lenda\\_da\\_Candosa.html](http://www.goisproperty.com/portugues/regiao%20de%20Gois/A_lenda_da_Candosa.html)

Histórias de Encantar: «A lenda da Fonte da Pedra. 9 de Dezembro 2009». <http://mariazita-historiasdeencantar.blogspot.com/2009/12/lenda-da-fonte-da-pedra.html>

«I.G.M. - Instituto Geológico e Mineiro 2000», Portugal - Indústria Extractiva: Versão Online no site do INETI: [http://e-Geo.ineti.pt/geociencias/edicoes\\_online/diversos/ind\\_extractiva/indice.htm](http://e-Geo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online/diversos/ind_extractiva/indice.htm)

Jornal Nova Guarda, «Descobertas gravuras de arte rupestre», [http://www.novaguarda.pt/220300/g\\_reg5.htm](http://www.novaguarda.pt/220300/g_reg5.htm);

Maremoto; «Papiro» (Blogspot), <http://papiro.blogs.sapo.pt/2006/07/>

MarFórum (Fórum Generalista): <http://www.marforum.org/viewtopic.php?p=2475&sid=0e85b09bee7f14d11845d268f87f514c>

MONTEIRO, Fátima; Jornal Nova Guarda: «Novo impulso na investigação da arte rupestre de Vide»; [http://www.novaguarda.pt/100805/g\\_reg9.htm](http://www.novaguarda.pt/100805/g_reg9.htm);

Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português Museus; «Margens do Rio Ceira e Alva ricas em gravuras rupestres» [http://www.mnarqueologiaipmuseus.pt/images/2009.06.06\\_Diario\\_de\\_Coimbra\\_pag\\_17\\_m.jpg](http://www.mnarqueologiaipmuseus.pt/images/2009.06.06_Diario_de_Coimbra_pag_17_m.jpg)

Museu Arqueológico Municipal do Fundão; <http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg06713.html>

NC / Urbi et Orbi – Jornal On-line da Ubi, da Covilhã, da Região e do Resto «Gravuras rupestres nas encostas das ribeiras de Alvoco e Piódão», [http://www.urbi.ubi.pt/000418/edicao/reg\\_vide.html](http://www.urbi.ubi.pt/000418/edicao/reg_vide.html)

Oceano de palavras : «Inauguração Centro de Interpretação de Arte Rupestre de Vide»: <http://oceanodepalavras.blogspot.com/2008/05/inaugurao-do-centro-de-arte-rupestre-em.html>

O Padrinho; Mafia da Cova (Blogspot), «Ainda há muita arte rupestre...» <http://mafiadacova.blogspot.com/2006/07/ainda-h-muita-arte-rupestre-por.html>;

PEREIRA, Júlio; [Archport] «Sessão de divulgação de Arqueologia», <http://lerv.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg01679.html>

Rádio Elmo Online: «Arqueologia: Associação anuncia 200 novas descobertas de arte rupestre», <http://www.radioelmo.com/breakingnews/news.asp?Id=770>;

Rádio Renascença: «Arte Rupestre: Descobertas na zona de Coimbra», <http://www.rr.pt/noticia.asp?idnoticia=168763>;

S. Jorge da Beira: [www.cebola.net](http://www.cebola.net)

Sic Online – Em Vide: «Primeiro Centro de Arte Rupestre Privado em Portugal», <http://sic.sapo.pt/online/noticias/pais/regional/Em+Vide.htm>;

Universia.pt - «Novo Centro de Arte Rupestre», [http://www.universia.pt/servicos\\_net/informacao/noticia.jsp?noticia=33759](http://www.universia.pt/servicos_net/informacao/noticia.jsp?noticia=33759);

## JORNAIS PERIÓDICOS

BATATA, C.

«Acerca do Santuário de Arte Rupestre» de Góis. In “Jornal Notícias do Pinhal” – 15 de Fevereiro 1999, pp.6.

DIAS, M. F.

«O Mistério da Alcárcova de Arganil». In Jornal de Arganil. Quinta feira, 24 de janeiro de 2008, pp. 6.

PRIOR, C. J. A.

«Maria Pintada e o Paganismo». “Jornal de Abrantes” de 20 de Dezembro de 1959. Abrantes. Ano 60, n.º3067, pp.1-4.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre na freguesia do Piódão – Serra do Açor (I), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico, Interpretação Paleo-Etnológico e Proposta Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 15 de Julho de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (II), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 17 de Julho de 2003, pp 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (III), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 24 de Julho de 2003, pp 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (IV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 31 de Julho de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (V), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 7 de Agosto 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 14 de Agosto de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 21 de Agosto de 2003, pp. 7.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (VIII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil». 28 de Agosto de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (IX), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 4 de Setembro de 2003, pp. 9.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (X), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 18 de Setembro de 2003, pp. 5.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 25 de Setembro de 2003, pp. 5.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 2 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XIII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 9 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XIV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 16 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XV), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 30 de Outubro de 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

«Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XVI), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 13 de Novembro 2003, pp. 8.

RAMALHO, P.

»Arte Rupestre da freguesia do Piódão – Serra do Açor (XVII), Rochas 1, 4 e 7 – Estudo Iconográfico Paleo-Etnológico e Proposta de Atribuição Cronológica». In “A Comarca de Arganil”. 20 de Novembro de 2003, pp. 8.

RIBEIRO, N.

«Descoberto o primeiro vestígio concreto da Idade do Ferro na região; Santuário de Arte Rupestre com três mil anos». In Jornal “ Diário as Beiras” – 26 de Janeiro de 1999, pp. 12.

RIBEIRO, N.

«Góis prepara Forum Arqueológico – Descoberto Santuário de Arte» In.Jornal “Diário de Coimbra” de 26 de Janeiro 1999, pp. 14.

RIBEIRO, N.

«Gravuras rupestres também em Góis». In Jornal “ Diário de Notícias” de 26 de Janeiro 1999, pp. 19.

RIBEIRO, N.

«Próximo de Góis – descoberto um Santuário de Arte Rupestre». In Jornal “A Comarca de Arganil” , N.º 10.827, de 26 de Janeiro 1999, pp. 1.

RIBEIRO, N.

«Santuário Rupestre descoberto em Coimbra». In Jornal “Correio da Manhã” de 27 de Janeiro de 1999, pp. 17.

RIBEIRO, N.

«Santuário de arte Rupestre pode revelar muitas surpresas». In Jornal “Diário de Coimbra” de 27 de Janeiro 1999, pp. 11.

RIBEIRO, N.

«Góis à espera da Unesco». In Jornal “ Diário de Notícias “ de 29 de Janeiro 1999, pp. 27.

RIBEIRO, N.

«Descoberto Santuário de Arte Rupestre com três mil anos.”. In Jornal “Notícias do Pinhal» – Janeiro de 1999, Ano I – n.º16, pp. 24.

RIBEIRO, N.

«Santuário Rupestre de Góis Divinizava as serpentes...» In Jornal “ Correio da Manhã” de 14 de Fevereiro de 1999, pp. 22.

RIBEIRO, N.

«...A descoberta desta rocha é apenas a ponta de um icebergue...». In Jornal “ Notícias do Pinhal” – 15 de Fevereiro 1999, pp. 1.

RIBEIRO, N.

«Escavações arqueológicas no Pé Salgado – Góis». Artigo de resposta ao Arqueólogo Carlos Batata. In Jornal “ Notícias do Pinhal”, Março de 1999, pp.1.

RIBEIRO, N.

«Gravuras de Góis nas telas da Unesco...» In Jornal“ Correio da Manhã” de 8 de Junho 1999, pp. 18.